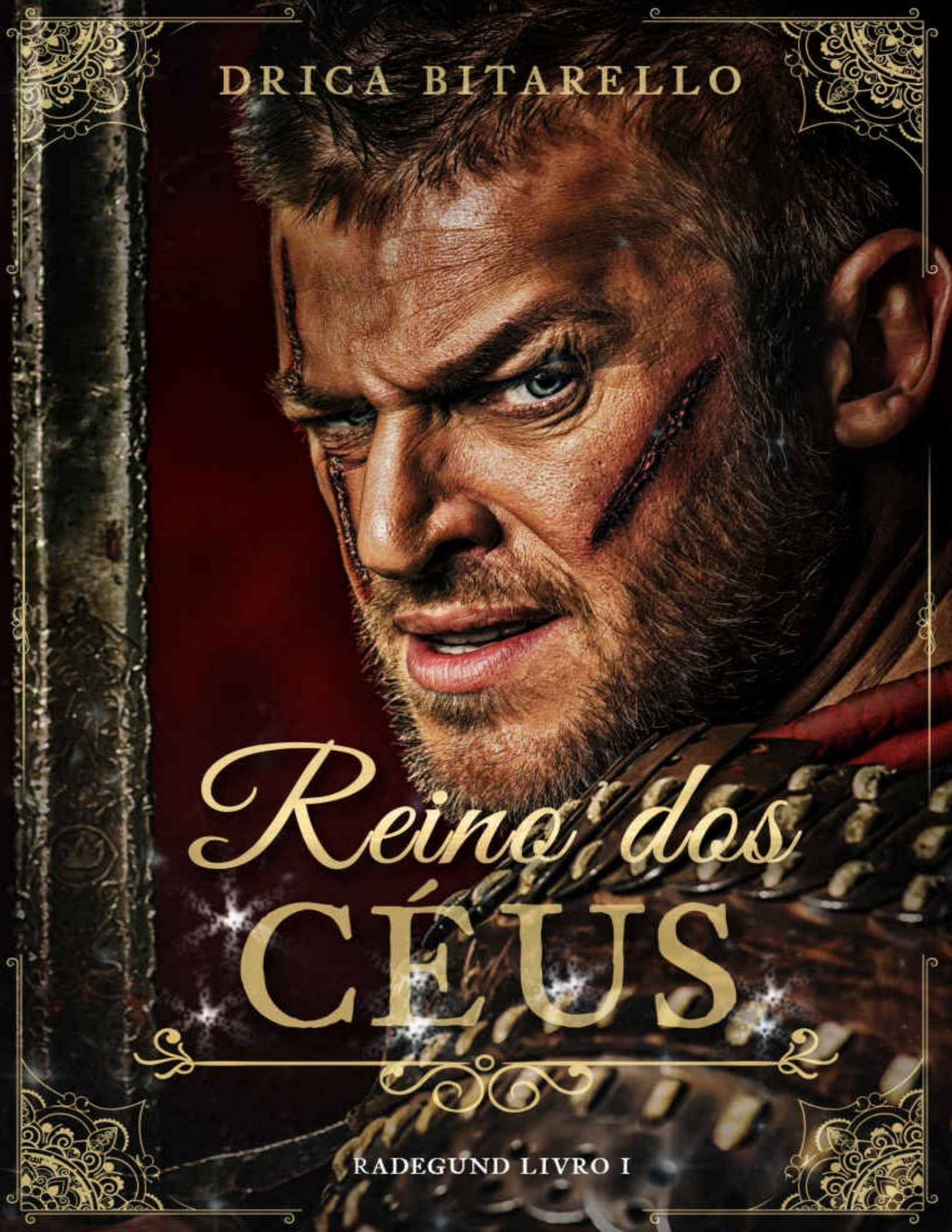




DRICA BITARELLO

Reino dos
CÉUS

RADEGUND LIVRO I



Radegund

Livro I

REINO DOS CÉUS



© 2009 - Adriana C Bitarelo

Todos os direitos reservados à autora. Proibida reprodução total ou parcial, exceto sob autorização.

Todos os personagens desta obra são fictícios, exceto os históricos. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

*A PIOR ARMA DO HOMEM É VETER LÁGRIMAS QUANDO AS
ESPADAS ATEIAM O FOGO DA GUERRA.*

*Do discurso de Abu-Saad al-Harawi ao califa al-Mustazhir-billah,
comunicando a tomada de Jerusalém pelos franj. Agosto de 1099.*

Índice

[Nota da Autora](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Capítulo XXIV](#)

[Capítulo XXV](#)

[Capítulo XXVI](#)

[Epílogo](#)

[Fogo Vermelho](#)

Algumas coisas começam de maneira despretensiosa. Uma pequena ideia, algumas anotações, a vontade de contar uma história interessante, papel e caneta disponíveis. Tudo muito simples. Até que a história começa a tomar conta de você.

As vozes não nos dão sossego. Falam incessantemente, na maioria das vezes. Interrompem o banho, o almoço, a viagem de ônibus. Surgem durante um voo de madrugada, principalmente naqueles em que você havia planejado dormir todo o tempo. Atrapalham seu sono, mudam sua rotina, despertam sua curiosidade sobre todo e qualquer detalhe que sirva para enriquecer seu universo e as tintas com as quais ele será pintado. Porém, pior do que o tagarelar incessante, é o silêncio das vozes. Ah, sim, elas se calam. Momentaneamente, às vezes. Ou por dias, ou semanas, até por assustadores meses. Colocam você numa espera angustiante, no limite entre a culpa e o desespero. Até que, de repente, sem mais nem porquê, desatam a falar de novo. E haja mãos, papel e velocidade sobre um teclado.

A história de Radegund começou mais ou menos assim. Meio que de brincadeira, um tanto sem querer. Mas eu devia saber que, geniosa como ela é, Radegund não deixaria nada por menos. Falou por noites a fio, corrigiu, cortou, retomou, lembrou e me fez revisar o texto milhões de vezes. E o que era para ser apenas uma história para me divertir e às amigas, cresceu de tal forma, se expandiu com tamanha velocidade, que se tornou uma saga muito maior e muito mais complexa do que eu jamais poderia ter imaginado no princípio. Enfim, Radegund e seus pares criaram a si próprios. Eu sou apenas a escritora.

Drica Bitarello, verão de 2010

O princípio...

Suas vozes vieram do passado para me contar uma história...

Comecei a ouvi-los tal qual ao eco de uma tempestade ainda distante. O eco se transformou no ribombar dos trovões, e a história desabou sobre mim. Como um aguaceiro, um temporal. Não resisti.

Era uma história de coragem. De dor, tristeza e sofrimento. Uma história sobre pecado e redenção. Acima de tudo, era uma história sobre o amor.

Eles me contaram suas vidas. Levaram-me de volta ao passado. Suas palavras se entrelaçaram, formando a trama de uma intrincada tapeçaria. Senti suas cores, sua textura, seu cheiro. Ouvi os sons de sua história. Ecos da guerra e da paz; da desolação e da esperança; da morte e do amor.

As vozes não eram constantes. Às vezes chegavam aos meus ouvidos como um marulhar de sussurros. Em outras, reverberavam poderosamente como as ondas de um mar revolto.

Assim eles me contaram. Assim eu escrevi.

Nota da Autora

Em 1187 a situação do reino cristão no *Outremer* era a pior possível.

Cercado pelo avanço implacável do sultão Saladino, o território se reduziu a uma estreita faixa de terra espremida entre o mar Morto, o rio Jordão e o Mediterrâneo. Enfraquecidas por sucessivas derrotas, pela corrupção e por disputas internas, as forças cristãs tentavam, sem sucesso, resistir ao motivado e bem armado exército de Saladino, o líder que uniu as nações islâmicas da Síria ao Egito sob a sua bandeira.

Nesta mesma época a Noruega estava mergulhada, há mais de vinte anos, numa confusa disputa pela sucessão ao trono. Muitos homens deixavam a gelada terra e a pobreza de um reino caótico em busca de uma vida melhor e da salvação de suas almas. A maioria só encontrava mais desolação.

Após o ataque a uma caravana de peregrinos com destino a Meca, onde viajava a irmã do sultão, e que foi engendrado por Reynaud de Châtillon, Saladino convocou a *Jihad* e jurou arrancar pessoalmente a cabeça do senhor de Kerak. Seu exército avançou pela Palestina como uma vaga mortal em busca do prêmio mais cobiçado.

Jerusalém, a cidade sagrada de três religiões, o reino dos céus na Terra.

Capítulo I

“NOS CONFINS DO OCIDENTE, TIDO COMO ALGUÉM QUE JÁ MORRERA,
ATÉ QUE EM SION, A CIDADE DO SENHOR, REVIVI.
SION! EMBORA MUITAS CIDADES DE SEU ENCANTO FAÇAM PRAÇA
BELEZA COMO A DELA NÃO CONTEMPLARÁ OLHO HUMANO.
NÃO SEI SE AS COLINAS PERANTE ELA SE CURVAM
OU SE É ELA QUE SOBE PARA AS NUENS DO CÉU.”

Poema judeu do sec. XII.

La Safouri, Palestina, 1 de julho de 1187

Ragnar Svenson olhou novamente para o sol e usou o antebraço para enxugar o suor que escorria pela fronte. Maldita hora em que viera parar naquela terra quente como os infernos! Onde estava com a cabeça quando resolvera aceitar o convite feito por Ibelin? Bufando, deu ordem aos soldados que treinava para irem descansar um pouco. Mal amanhecera, mas o sol já cozinhava seus miolos.

Jogando num canto de sua tenda o machado com o qual treinara, Ragnar apanhou um cântaro e despejou o vinho num copo de estanho, tomando seu conteúdo de um só gole. Tornou a encher o copo e deixou-o sobre um caixote. Em seguida, retirou o elmo e o cinturão com a espada, encostando-os numa das estacas de sustentação. Passando as mãos pelos cabelos louros, que já estavam quase na altura dos ombros, desejou mais do que nunca um mergulho nos fiordes gelados de sua terra natal.

Em momentos como este, parecia ter bem mais do que os vinte e oito verões com os quais contava. Era já um homem experiente e viajado, tendo conhecido e trabalhado em vários reinos, numa vida errante e incerta. Mas desde que saíra de sua gelada Noruega, fugindo de uma guerra civil interminável pela sucessão do trono e chegara até ali, ele ainda não havia se adaptado totalmente ao calor e à aridez do Oriente. Uma terra seca e infernal no verão, exuberante na primavera e indócil no inverno, quando os céus desabavam e os *wadis* transbordavam. Dias quentes, noites geladas, terremotos, tempestades de areia...

– Diabo! – Resmungou, chutando uma pedra para fora da tenda – Estou farto disso!

– Posso saber de quê? – A voz grave soou à entrada da tenda.

Ragnar se voltou devagar, já sorrindo ao receber a visita do amigo e companheiro de armas.

– Mark al-Bakkar! – Exclamou o norueguês, estendendo a mão para o mais competente espião de Ibelin – O que o traz ao campo?

– Como vai, Sven? – O homem moreno, de cabelos negros, e com uma pequena argola de ouro no lóbulo esquerdo, apertou sua mão – Acabei de chegar

de uma missão de reconhecimento.

– E... – Ragnar lhe estendeu um copo de vinho e serviu-se de outro.

– E, meu amigo – falou o moreno, sentando-se numa cadeira dobrável de couro – A situação não poderia ser pior. Saladino dispersou suas tropas pelo deserto após o ataque e direcionou-as para Tiberíades. Cruzou o Jordão com um contingente de aproximadamente sessenta mil homens.

– Continue – insistiu Ragnar – Tenho certeza de que isso não é tudo.

Mark esfregou os olhos, cansado, e encarou o amigo.

– Ridefort quer encetar imediatamente uma marcha em terreno aberto para alcançá-los – ele falou, citando o grão-mestre da Ordem do Templo – Mas Raymond e Ibelin discordam.

– E Lousignan?

Mark torceu o nariz, evidenciando seu desgosto para com o consorte da rainha Sybilla.

– Lousignan ficará ao lado do Templo, sem dúvida. – Era impossível a Bakkar esconder seu desdém pelo rei corrupto e mulherengo – A estabilidade da coroa do Reino de Jerusalém sobre sua cabeça depende principalmente deles.

Ragnar exalou pesadamente e se jogou sobre a outra cadeira. Se a situação continuasse dessa forma, o desastre seria inevitável.

Gerard de Ridefort, grão-mestre da Ordem dos Cavaleiros do Templo, tinha uma disputa pessoal com Raymond, governante do condado de Trípoli, desde que este último havia descumprido a promessa de dar-lhe em casamento sua irmã, Lucia de Botrun, e junto com ela uma valiosa extensão de terras.

Desde aquela época, Ridefort se unira à Ordem dos Cavaleiros do Templo e se opunha frontalmente contra tudo aquilo que Raymond fazia. Agora, aliado à Guy de Lousignan, o atual rei-consorte de Jerusalém, e a Reynaud de Châtillon, o inescrupuloso senhor da fortaleza de Kerak, Ridefort estava prestes a atirar as forças cristãs num verdadeiro desastre militar.

Raymond e Balian, senhor de Ibelin e Nablus, bem como os barões mais antigos, tentaram argumentar com sensatez junto à rainha Sybilla e a seu marido, Guy. Mas a corrupção na corte já havia roubado todo e qualquer vestígio de ética ou sensatez entre os comandantes cristãos. Além disso, a disputa entre os nobres veteranos e os novatos na corte do *Outremer* estava extremamente acirrada. Nenhuma aliança parecia ser possível e o desastre era iminente.

Ragnar olhou para o vinho em seu copo, como se lá dentro fosse encontrar todas as respostas de que precisava. Ibelin colocara a ele e Bakkar a seu serviço. Eles faziam parte de uma bem paga e eficiente rede de espiões e sentinelas avançadas, que deixava a Ibelin e, conseqüentemente, a Trípoli e seus aliados, muito bem informados dos passos tanto de inimigos, quanto de amigos. Se

Bakkar afirmava que a situação era crítica, era melhor se preparar para dias ruins. Emergindo do transe, o norueguês indagou ao amigo.

– Ibelin já está ciente?

– Sim, estive antes em sua tenda para fazer meu relatório. Mas ele pouco poderá fazer além de tentar demover o rei – o mestiço praticamente cuspiu aquela palavra, tamanho era o desdém em sua voz – e de rezar para que Jerusalém esteja pronta para um cerco.

Ragnar o encarou.

– Chegamos a este ponto?

– Infelizmente, meu amigo.

Jerusalém

Leila bint Bharakat apertou o passo em direção à casa de seu pai. A cidade, na iminência de uma guerra contra Saladino, era uma zona de perigo constante, principalmente para uma mulher sozinha. Como o contingente de soldados convocados aumentara, havia aumentado também o índice de arruaças e ataques às mulheres que se aventuravam às ruas, principalmente àquelas como ela, de ascendência sarracena.

Ajeitando o pequeno cântaro de barro, onde transportava o precioso óleo de rosas, Leila arrumou o véu sobre o rosto e olhou de um lado para outro, avaliando a viela estreita por onde teria que passar. A luz da tarde não iluminava suficientemente o lugar, espremido entre as casas de dois andares e muros de estuque da rua dos tecelões.

Caminhando a passos rápidos, fez o possível para se esgueirar pelas sombras e não ser percebida por um grupo de três soldados cristãos que vinham em sentido contrário. Porém, com seus trajes de qualidade e o corpo bem-feito, era difícil não atrair a atenção dos homens. Leila apertou o passo quando passou por eles, mas não foi rápida o suficiente para evitar que um dos soldados, de cabelos claros e corpulento, agarrasse seu braço.

– Ora, vejam só o que temos aqui, rapazes! – Falou o sujeito que a puxara, exalando o odor característico de cerveja.

Leila tentou se livrar, mas ele não afrouxou o aperto.

– Deve ser uma belezinha por baixo desses panos, Vernon! – Zombou o outro.

O terceiro soldado, o menos corpulento deles, e que usava turbante e albornoz como um turcopolo, permaneceu quieto, apenas olhando para ela com intensos olhos verdes.

– Deixem-me passar, por favor! – Pediu, trêmula de medo.

Os dois homens riram e o que se chamava Vernon puxou o véu de seu rosto.

– Veja Gerald! Ela é linda! – E puxando-a para perto de si de maneira lasciva, tentou beijá-la – Venha cá, princesinha...

– Não! – Leila se debateu e acertou-o com as unhas.

– Cretina! – Berrou Vernon enquanto levantava a mão para agredi-la. Parou no ar quando uma voz rouca e ameaçadoramente baixa soou às suas costas.

– Abaixе a mão e largue a garota. – Ele não se abalou. – Já disse para soltá-la. Agora! – Ordenou o soldado de albornoz, colocando uma adaga no pescoço de Vernon.

Leila sentiu o aperto em torno de seu braço afrouxar. O homem finalmente a soltou, falando para seu salvador.

– Logo devia ter imaginado que um mercenário como você só poderia ser da laia desses infiéis! Nem sei por que os pagam!

– Sou pago porque mato muito mais sarracenos do que você. – Rosnou, sem afastar a adaga do pescoço de Vernon – E o que imagina, ou não, é problema seu. Agora sumam daqui. Os dois.

Gerald e Vernon se entreolharam, pensando se poderiam atacar o outro soldado. Este, percebendo a intenção dos dois rufiões, apertou mais ainda a adaga no pescoço de sua presa.

– Nem pense nisso. Antes que você mexesse um dedo sua garganta já estaria aberta. Ouça meu conselho – ele rosnou e puxou Vernon pelos cabelos, inclinando sua cabeça para trás para olhá-lo nos olhos – Não arrisque sua vida pelo que tem no meio das pernas.

Dito isso, empurrou-o em cima do outro que, mais medroso, puxou o companheiro, tirando-o dali.

– Vamos, homem! Tem muitas mulheres de vida fácil por aí.

Os dois foram seguindo, olhando para trás e resmungando e, antes de dobrarem a esquina, Vernon voltou-se e gritou.

– Nossos caminhos ainda vão se cruzar... princesinha! Seu herói não vai estar sempre por perto para salvá-la!

Leila engoliu em seco. Trêmula ajeitou o véu sobre o rosto e apertou o pequeno vaso com o óleo contra si, como se fosse um escudo.

– Venha – a voz de seu salvador chegou aos seus ouvidos, lembrando-a de sua presença – Eu a acompanho até seu destino.

– Obrigada, *sire*...

O jovem guerreiro de olhos verdes olhou sério para ela.

– Raden, apenas Raden. – Ele estendeu a mão enluvada para Leila – Agora vamos, aqui não é seguro para uma moça sozinha.

Sentindo-se segura ao lado do desconhecido de nome estranho, Leila aceitou sua mão firme e o acompanhou até o fim da viela.

– Sou Leila, filha de Bharakat – tagarelou, incomodada com o silêncio quase mal-humorado do soldado – Moro no bairro dos mercadores, é perto daqui.

– Eu sei aonde fica. – Raden retrucou – Irei com você até lá. O que fazia sozinha naquela rua? – Perguntou, após uma breve pausa.

– Estava cortando caminho. Não costumo vir por aqui sempre, mas meu pai precisava desse óleo – tocou o cântaro sob o braço – eu tive que me apressar.

O soldado de albornoz ergueu uma sobancelha num trejeito engraçado.

– E seu pai a enviou aqui sozinha?

A moça corou.

– Não exatamente. – Em sua pretensa autossuficiência ela escapara pelos fundos para ir apanhar o óleo e agradecer ao pai. Que tolice!

O soldado bufou.

– Arriscou-se por um cântaro de óleo? – Balançou a cabeça, incrédulo – Veja, chegamos. Qual delas é a sua casa?

– Aquela, a terceira à direita – apontou Leila enquanto seguia em frente com o guerreiro atrás dela.

O movimento no bairro àquela hora era intenso, e os ânimos naqueles dias andavam exaltados. O acirramento das hostilidades entre Saladino e os cristãos estava deixando o povo inquieto e distúrbios eram frequentes em Jerusalém. Além disso, o ataque de Reynaud de Châtillon a uma caravana de peregrinos na estrada para Meca, onde viajava a irmã de Saladino, deixara a todos mais revoltados ainda, principalmente porque Guy, o governante, não havia punido com rigor os cavaleiros envolvidos. Naquele dia, não seria diferente.

Raden jamais saberia dizer como tudo começou. Quando deu por si, estavam cercados por uma turba enfurecida, à porta da casa de Leila. O povo gritava improperios contra o soldado cristão e Raden prontamente sacou sua adaga e sua espada.

Mas que diabo! Onde foi que eu vim me meter?

E pensar que estava em Jerusalém apenas de passagem, vindo de uma guarnição mais ao sul. Tudo o que fizera fora entrar na cidade, arrumar suas coisas e parar numa taverna. Sua intenção era apenas tomar uma caneca de cerveja e arranjar algum dinheiro nos dados. Maldita hora em que se juntara àqueles beberrões ingleses! Aqueles *peles-sensíveis* recém-chegados viviam de arrumar confusões. Deveria ter adivinhado que, ao sair da taverna junto de dois deles, só poderia se meter em encrencas. Como se não bastasse a encrenca que já era sua própria vida!

Leila, apavorada, começou a puxar seu salvador para a porta de sua casa.

– Venha, rápido!

Raden foi se afastando, andando de costas, com os olhos pregados na multidão. Esta se tornava cada vez mais furiosa e começava a atirar objetos e pedras em sua direção. Um homem tentou avançar sobre a sua espada, mas foi empurrado com um pontapé. Evitou ferir qualquer pessoa com a arma, pois aí mesmo é que não sairia dali com vida.

– Moça, é melhor alguém abrir logo a porta de sua casa, ou não sairemos daqui inteiros! – Gritou Raden para Leila, que esmurrava a porta de sua casa.

– *Baba!* Kadhija! Abram depressa! – Leila olhou para trás e viu que a situação dela e de seu salvador era crítica. Bateu com mais força à porta, gritando – *Baba!*

Praticamente caiu para dentro de casa quando a porta foi aberta e um homem já idoso apareceu à soleira, aflito.

– *Yalla!* Entre filha! Entre rapaz! – Bharakat acenou para o guerreiro.

Raden foi deslizando os pés para trás, girando a espada para manter a turba à distância. Entretanto, quando estava já na soleira da porta, uma grande pedra voou do meio da multidão e o acertou em cheio na têmpora.

– Oh, não! – Gritou Leila, enquanto o soldado cambaleava e depois caía como uma fruta madura no chão, com as pernas ainda para fora da porta.

– Puxe-o para dentro, filha! Rápido! – Exclamou Bharakat – Eu fecho a porta!

Lá fora, a multidão jogava pedras, frutas, vasos e tudo mais que encontrava pelo caminho contra as paredes da casa, e gritava contra o soldado cristão que desventuradamente havia pisado no bairro sarraceno. Não importavam as razões de ele estar ali. A raiva fermentada há quase um século, desde o massacre perpetrado pelos cristãos por ocasião da tomada de Jerusalém, quase cem anos atrás, estava mais acordada do que nunca.

Bharakat ajudou a filha a arrastar o jovem soldado até um divã e rezou para que a guarda do senescal da cidade chegasse logo, antes que a turba resolvesse invadir sua casa atrás do rapaz.

– O que fazia na rua, filha? E com esse moço? – Indagou ele a Leila, que olhava com preocupação o jovem desacordado.

– Perdoe-me, *baba*. Fui inconsequente. Saí para buscar o óleo que o senhor precisava. Este homem me salvou de dois soldados que tentaram me molestar. E me acompanhou até aqui para garantir minha segurança... – Leila balançou a cabeça desolada – Coitado! Será que está muito ferido?

Bharakat abaixou-se ao lado da filha e olhou o rosto do soldado.

– Depois discutiremos sua atitude, minha filha. Agora vamos cuidar deste jovem. Creio que a pancada foi muito forte. Vamos descobrir sua cabeça e ficará mais fácil... – falou ele, virando o rosto de Raden para si – Estranho ele se vestir

como um turcopolo. Não é mestiço, com essa pele assim tão branca. E me parece tão jovem, filha! Tem as faces lisas como as de um menino.

– Eu também achei, *baba*. Deixe-me ajudá-lo com isto – falou Leila enquanto soltava as pontas do turbante e ia desenrolando-o da cabeça do soldado.

Uma mecha de cabelo vermelho apareceu sob o tecido negro e quando ele foi puxado totalmente, ambos, pai e filha, ficaram boquiabertos. Uma cascata vermelha e ondulada descia quase até o piso de ladrilhos.

Bharakat foi o primeiro a recuperar a fala.

– Uma mulher! – E olhando em volta para ver se a criada estava ali, ordenou a filha – Feche a porta, rápido!

– Mas pai...? – Indagou Leila sem entender.

– Vá filha! Se ela escondeu isso até agora, tem um bom motivo. Ninguém deverá vê-la até conversarmos com ela.

Leila obedeceu e cerrou as portas duplas que davam para a sala, passando-lhe a tranca. Em seguida, voltou para perto dos dois. O pai examinava um grande inchaço que se formara perto da têmpora da mulher.

– Creio que não foi muito grave – ele disse olhando para a filha – Vá buscar água fresca, compressas e óleo de menta. Passaremos no ferimento para ajudar a desinchar mais rápido.

Leila assentiu e correu a fazer o que ele pedia.

Bharakat, vendo-se a sós com a jovem guerreira, puxou uma cadeira para perto dela e começou a observá-la com atenção. Era muito jovem, talvez até bonita por debaixo daquele pó. O rosto de traços angulosos permitira que apenas que o turbante e as roupas masculinas escondessem sua condição de mulher. Mas se ela usasse a cabeça descoberta, logo saberiam, mesmo se os cabelos fossem curtos, que aquele rosto e o pescoço longo e de curvas suaves, não eram de um homem.

O pai de Leila ficou pensando no que levaria uma mulher a ficar longe da família, forçando-se a ganhar a vida num mundo exclusivamente masculino. As mulheres, segundo sua concepção, eram feitas para serem adoradas e mimadas pelos seus homens. Protegidas e cuidadas, elas eram as responsáveis pela manutenção do lar e da família. Não havia nada mais estranho para ele do que uma mulher vestida como homem, guerreando como um homem.

Porém, de certa forma, Alá lhe enviara uma resposta as suas preces. A mulher, se fosse uma guerreira competente, poderia ser quem ele precisava para escoltar sua filha em segurança para fora de Jerusalém.

Bharakat sabia que a situação era perigosa. Saladino não iria parar enquanto não tomasse a cidade, e só os céus sabiam o que poderia acontecer. E ele não

podia confiar em soldados comuns para atravessar o território em guerra com sua filha. Quem poderia garantir que, acertado o pagamento, os homens não fossem vender sua preciosa Leila para um harém ou, pior do que isso, que eles não fossem abusar de sua virtude?

Leila retornou à sala, arrancando o pai de suas ponderações.

– Pronto. Aqui tem o óleo – ela falou – Quer que eu cuide dela, *baba*?

– Sim, querida. Assim pode exercitar o que aprendeu – falou o mercador, observando a habilidade da filha com as artes de cura.

Leila era seu bem mais precioso. Apesar de um pouco decepcionado quando ela nascera, pois desejara muito um menino, Bharakat logo se encantara pela menininha de cabelos castanhos e olhos cor de mel que vivia no rastro de suas sandálias. E quando sua mulher morrera junto com o segundo bebê num parto prematuro ele se apegara ainda mais a filha. Leila era seu enlevo e seu consolo. Agora, temia que algo acontecesse a ela caso a cidade caísse nas mãos de Saladino. E temia mais ainda uma guerra civil.

Lembrando-se da turba enfurecida que ficara lá fora, Bharakat foi até a janela e espiou pelas gelosias. Os soldados do senescal haviam controlado a confusão; apenas poucas pessoas permaneciam ali, observando a casa. Mesmo assim, a jovem, quando acordasse, não poderia sair tão cedo.

– *Baba*, ela está se mexendo! – Chamou Leila aflita.

Bharakat correu para perto delas e foi encarado por um par de espantados olhos verdes.

– Quem são vocês? – A mulher perguntou e em seguida pôs a mão na cabeça e deu falta do lenço que a cobria, arregalando ainda mais os expressivos olhos – Oh, não!

Leila, notando sua preocupação, tratou de acalmá-la.

– Tudo bem, Raden. Sou eu, Leila, lembra-se? – Raden franziu o cenho, ainda confusa, e ela continuou – Você me salvou mais cedo daqueles soldados...

A jovem ruiva se ergueu um pouco no divã e, colocando a mão sobre a cabeça dolorida, encarou-a.

– O que houve? Não me lembro direito...

Foi o pai de Leila que respondeu.

– Uma grande pedra a atingiu, minha jovem. Trouxemos você para cá e, ao examiná-la, descobrimos seu segredo.

Raden ergueu-se e procurou sua espada. Todos os seus sentidos gritavam “*Perigo!*”

– Quem mais me viu assim? – Perguntou, sua voz traindo toda sua tensão.

– Acalme-se, moça – Bharakat a fez se deitar de novo – Se você esconde sua condição, eu a respeito. Deve ter suas razões. Só eu e minha filha a vimos

assim. Minha criada está na cozinha.

Cansada, a guerreira recostou-se no divã. A cabeça latejava insistentemente e seus olhos pesavam. Por um ínfimo instante considerou cortar as gargantas de ambos – pai e filha – e proteger seu segredo. No entanto, não o faria. Por pior que ela fosse, não estava em sua natureza ferir inocentes. Apesar de dor, medo e ansiedade se misturarem dentro dela de forma perigosa. Leila, percebendo sua apreensão, e sem dar conta de até onde suas ideias a haviam conduzido, tranquilizou-a.

– Fique tranquila, Raden. Eu e meu pai somos pessoas de bem. E você me salvou, devo-lhe muito. Fique e descanse. Não poderá sair daqui até a noite, quando tudo ficará mais calmo.

A voz doce de Leila acabou embalando Raden, que deslizou para um sono agitado e sem sonhos, acomodada no divã da casa de Bharakat.

La Safouri

A noite caíra sobre o acampamento cristão e Ragnar olhava hipnotizado as chamas da fogueira. Aqui e ali, soldados tentavam espantar o medo e a apreensão que o avanço de Saladino provocava neles contando piadas e jogando dados.

As notícias que Mark al-Bakkar trouxera já se espalhavam por todo o acampamento e todos se preparavam para iniciar, antes que o sol surgisse, uma temerária marcha ao encontro do sultão e de seu exército.

Sentia-se estranhamente distante daquilo tudo. Há algum tempo já vinha se sentindo assim. Cansado, melancólico. A saudade de casa e o desejo de constituir uma família se instalavam em seu coração pouco a pouco. Mas como ele poderia realizar esse sonho ali, naquela terra devastada? E se voltasse para a Noruega, o que levaria consigo? Mais guerra? Mais disputas pelo poder?

Balançou a cabeça e se levantou, caminhando pela areia, voltando os olhos para o deserto. Por mais que aquela terra fosse árida, seu coração se sentia atraído por ela. Possuía uma beleza selvagem, caprichosa como uma mulher...

Ragnar, seu idiota, censurou-se, o Reino à beira de um precipício e você aqui, compondo poesias sobre mulheres e o deserto!

Apagando o fogo com os pés, entrou na tenda. Amanhã seria um longo dia.

Jerusalém

Leila e Bharakat olhavam apreensivos para a jovem guerreira, que, tendo acordado pouco depois do pôr-do-sol, já se vestira e se pusera a postos para sair.

– Pense bem, Raden, você foi ferida! – Leila tentava dissuadi-la – Como você vai lutar assim?

Raden olhou-a com um misto de espanto e desprezo, como se o que a moça árabe acabara de dizer fosse um despropósito.

– Farei aquilo que sou paga para fazer. Edessa já reuniu a companhia e marchou para La Safouri. Irei ao encontro deles.

Um mercador amigo de Bharakat trouxera a notícia logo após o pôr-do-sol. Um pombo-correio chegara ao posto do marechal de Jerusalém, alertando a cidade para o perigo iminente. Saladino marchava implacável a partir de Tiberíades. Nada iria detê-lo.

Bharakat olhou para a filha e fez um sinal negativo com a cabeça, como se desistisse de dissuadir a obstinada guerreira de tal empreitada. Em seguida, com voz cansada, pediu.

– Ao menos pode me ouvir, minha jovem? – Raden parou de ajustar o cinturão com a espada e olhou para o velho mercador. – Temos uma dívida para com você... – começou Bharakat.

A guerreira ergueu as mãos e o impediu de continuar.

– Dívida esta que foi paga no momento em que me socorreram e preservaram minha identidade. – Sacudiu a cabeça com veemência – não me deve nada, mercador.

– Não. – Interrompeu-a Leila – Você foi ferida por minha causa. Só estava aqui porque veio me trazer!

– Minha filha tem razão, minha jovem. – O mercador completou – Aconteça o que acontecer, quero que saiba que minha casa estará de portas abertas para você. Se precisar de amigos, poderá contar conosco. E tocando o coração, os lábios e a fronte com os dedos, pronunciou. – *Salam aleikum*.

– *Aleikum as salam* – respondeu a ruiva, respeitosamente – Espero que nos encontremos novamente, mercador, e em tempos de paz. – E voltando-se para Leila, recomendou – Cuide-se, menina. Este mundo é muito difícil para uma mulher.

Leila sorriu, compreensiva, e apertou as mãos de Raden nas suas.

– Você, mais do que ninguém, deve saber disso. – Ela sorriu – Não se preocupe, ficarei bem. E seu segredo estará bem guardado conosco. Tenho certeza de que o Mais Alto fará nossos caminhos se cruzarem novamente.

– Eu também sinto isso – Raden disse – Se precisarem de mim, procurem entre os mercenários de Edessa, o senescal; é a ele que devo o ouro em minha bolsa. Adeus.

Leila ficou olhando a estranha mulher sumir nas sombras das vielas de Jerusalém, com o albornoz negro balançando atrás de si. As ruas estavam bem mais silenciosas naquela noite. As pessoas, apreensivas, se recolhiam em suas casas, rezando ao Cristo, a Alá e ao Deus de Abraão por um milagre que os

livrasse da espada vingadora do sultão Saladino. Todos sabiam que a guerra não escolheria suas vítimas.

Com um suspiro cansado, a jovem fechou a porta.

– E agora, *baba*? – Perguntou ao velho mercador – O que será de nós e de nossa cidade?

Bharakat aproximou-se e a fez se sentar ao seu lado. Tomando as mãos delicadas entre as suas, já enrugadas, falou com a voz repleta de carinho.

– Seja como for, filha minha, quero que prometa me obedecer.

– *Baba*...?! Não estou entendendo. Sempre fui uma boa filha...

Bharakat a silenciou com um gesto delicado.

– Ouça-me, criança. Seu pai já é um velho – Leila fez que não com a cabeça, mas ele não fez caso disso e prosseguiu – Sou sim, filha. E você é a benção de minha existência. Porém, se a cidade estiver mesmo na iminência de um cerco, vou mandá-la para longe daqui.

– Não! – Ela gritou e apertou as mãos do pai entre as suas – Eu nunca sairei de perto do senhor!

– Filha, me escute. – Ele suplicou – Sou muito velho para fugir pelo deserto, meu coração já é fraco. Mas você é jovem, e sua tia mora em Tiro. Hoje, quando vi aquela jovem, soube que Alá, o Clemente, havia respondido as minhas preces...

– *Baba*, o senhor... – engoliu um soluço e prosseguiu – já havia pensado em me mandar embora? Como pôde? Não me disse nada!

Bharakat olhou nos olhos da filha e pareceu envelhecer dez anos diante dela.

– Filha, eu gostaria de jamais ter que me separar de você. Mas, desde que a situação de Jerusalém começou a se complicar, venho pensando num modo de tirá-la daqui em segurança. – Ele abraçou a filha, subitamente emocionado – Desde que sua mãe morreu, minha menina, você tem sido meu tesouro, meu único alento. Você não sabe o que é uma cidade sitiada e invadida! – Afastou-a de si e olhou-a nos olhos, determinado – Não há respeito, Leila, não há honra, não há nada! Os homens se transformam em menos do que animais e as mulheres... em espólios de guerra. São violadas e mortas. Ou vendidas para serem usadas de novo. – Leila arregalou os olhos, espantada com a crueza das palavras do pai. Bharakat prosseguiu. – Não quero vê-la desonrada ou morta na mão de um bando de soldados cristãos, principalmente gente da laia de Châtillon e Ridefort! Aqueles ali não respeitariam nem a própria mãe!

A raiva do pai foi tão visceral que Leila se espantou. Nunca o vira tão transtornado. Tentando se acalmar, ela perguntou.

– E o que vai fazer, *baba*?

O mercador passou a mão pelo rosto da filha e, cansado, disse:

– Vou esperar o resultado de mais esta batalha, criança. Se a jovem ruiva voltar, ela será sua escolta. Eu não a confiaria a homem algum com minha consciência totalmente tranquila e meu coração leve. Aquela jovem foi uma enviada dos céus.

– Mas, nós acabamos de conhecê-la! – Teimou Leila.

– Ela a salvou, não foi, filha minha? Ela podia ter seguido seu caminho e a deixado por sua própria conta, mas não o fez. – Bharakat indagou – Não é preciso conviver muito tempo com uma pessoa para saber se ela tem honra ou não. Isso se vê olhando nos olhos dela. Quando, e se ela voltar, eu irei procurá-la e pedir que a escolte até a casa de sua tia, em Tiro.

Leila não respondeu. Não queria ir embora e deixar o pai para trás. Porém, sabia que o velho mercador, por mais que a amasse, jamais abandonaria sua casa e suas memórias. Mesmo amando a filha, Bharakat ficaria até que a cidade vencesse o inimigo. Ou sucumbisse a ele.

Arredores de La Safouri, 3 de julho de 1187

Ragnar fez a coluna se mover na maior organização possível. O que estava difícil. Os homens, cansados por causa do calor e da marcha acelerada, frequentemente deixavam a formação. Olhando para o final da coluna de infantaria que comandava, Ragnar identificou três ou quatro soldados caídos ao longo da estrada. Deu de ombros e seguiu adiante. De nada adiantaria voltar para erguê-los. O calor e a exaustão haviam lhes roubado todas as forças. E também, para que fazê-los se levantar e marchar? Estavam todos eles mortos mesmo, de qualquer forma.

Guy de Lousignan mais uma vez cederia à pressão de Ridefort e Châtillon. A despeito dos conselhos de Trípoli, Ibelin e Edessa, resolvera dirigir a marcha através de uma região árida e inóspita, tentando surpreender o exército de Saladino no caminho entre La Safouri e Tiberíades. No auge do verão todos os *wadis* e poços estavam secos. Só havia sol, pedras e areias escaldantes de um lado e de outro da extensa trilha que teriam que percorrer.

Olhando novamente a coluna, Ragnar impeliu seu cavalo à frente, gritando ordens, tentando acordar os homens do estupor causado pelo calor causticante. Ele mesmo estava se sentindo cozinhar dentro da cota de malha. O som dos cascos atrás de si chamou sua atenção.

– Sven!

– Bakkar! – Ele olhou o companheiro através da abertura do elmo – O que faz aqui?

– Não vou deixar Ibelin sozinho nessa, meu camarada. Ficaremos na

retaguarda, com os soldados de Edessa. Já que os homens do Templo fazem tanta questão das glórias, que fiquem com todas elas, os bastardos! – Grunhiu o mestiço cuspidando no chão.

– Estúpidos, todos eles! – Retrucou o norueguês – Nossa infantaria chegará mais morta do que viva a Hattin. Ridefort crê que conseguirá atingir o mar da Galileia... – fez uma pausa e olhou expressivamente para o companheiro – Eu duvido que Saladino permita. Ele é astuto como uma raposa do deserto. Vem nos espezinhando ao longo de toda marcha com esses arqueiros dos infernos...

O som de um galope rápido interrompeu a conversa, chamando a atenção dos dois. Voltaram-se a tempo de ver um cavaleiro em trajes negros, curvado sobre o pescoço de um imenso e suado garanhão, também de pelagem negra. Sem fazer caso do pó e das pedras que lançava para todos os lados, passou pelos dois cavaleiros e sumiu mais adiante, numa imagem distorcida pelas ondas de calor que se desprendiam do solo.

– Mãe de Cristo! – Resmungou Ragnar, espanando o pó da frente do rosto – Que bastardo! Isso é pressa para ir para o inferno?!

Mark riu e olhou o cavaleiro que já ia longe, bem adiante da coluna, aproximando-se de Edessa.

– Deve ser um mensageiro de Tiro, ou de Jerusalém.

– Seja como for – resmungou Ragnar – espero que tenha boas notícias.

– A única boa notícia que eu gostaria de receber, seria uma ordem de retirada.

Taciturno, Ragnar concordou com o mestiço.

Hattin, 4 de julho de 1187

Se o inferno abrisse suas portas sobre a Terra, certamente o alto dos rochedos conhecidos como Chifres de Hattin seria o local escolhido para despejar suas hostes, pensou Ragnar, girando o grande machado duplo, encontrando mais ossos e músculos para esmagar. Para todos os lados onde olhava via soldados sarracenos invocando a glória de Alá, caindo sobre o enfraquecido exército cristão como o enxame de gafanhotos descrito na Bíblia. Impelindo a montaria adiante, Ragnar conseguiu abrir caminho entre cimitarras e alabardas e posicionou-se perto de Edessa e de Ibelin, seus comandantes.

– Onde está Bakkar, norueguês? – Berrou-lhe Ibelin através das aberturas do elmo.

– Achei que estivesse na retaguarda! – Retrucou Ragnar, defendendo-se de um *mamluk* – Não o vi desde que o flanco dos Hospitalários foi rompido!

– Temos que ordenar a retirada, Ibelin! – Gritou Edessa, aproximando seu cavalo do deles – Já perdemos quase todas as colunas! Saladino nos prendeu

numa ratoeira com toda essa fumaça!

Balian de Ibelin olhou para a tenda vermelha de Guy de Lousignan, montada sobre uma elevação, onde se destacava a relíquia sagrada da Santa Cruz de Cristo, e balançou a cabeça desolado. Notando sua hesitação, Ragnar reforçou o apelo.

– É inútil, *messire*! Lousignan vai ter que se virar com seus Templários!

Sem saída, Ibelin deu a ordem, erguendo o braço e sinalizando para a companhia.

– RECUAR!

Raden impeliu Lúcifer adiante e brandiu a espada num círculo mortal. Dois sarracenos caíram, permitindo seu avanço. Do outro lado do mar de corpos sem vida e de soldados enfurecidos, um cavaleiro solitário, num animal castanho, tentava abrir caminho entre a fileira de *mamluks*. Apesar de sua túnica negra trazer as armas dos Hospitalários, ele usava uma cimitarra, como os sarracenos. Desviando os olhos do cavaleiro, ela avançou mais um pouco, esforçando-se para manter o escudo erguido, rebatendo os golpes que tentavam atingi-la. As trompas da retaguarda soaram uma ordem de retirada e o caos, como se fosse possível, se tornou ainda maior.

Uma massa de homens se atropelou e se engalfinhou e ela, impaciente e com o braço dolorido, jogou fora o pesado escudo e lançou mão da adaga. Segurou as rédeas de Lúcifer entre os dentes e, guiando-o também com os joelhos, deixou que lutasse junto com ela, escoiceando e mordendo. Furiosa, sua espada ceifava sarracenos, deixando atrás de si um rastro de mutilados e mortos. Não lhe importava nada, não havia nada em sua consciência. Nem medo, nem raiva. Apenas o mais puro instinto de sobrevivência corria em suas veias. Subitamente, no entanto, viu o cavaleiro com a cimitarra tombar sob a própria montaria.

Sem pensar em como e nem porque fazia aquilo, quando sua situação já era difícil, impeliu Lúcifer naquela direção, abrindo caminho entre a massa de soldados que avançavam sobre ela e o homem ferido. Aproximou-se o máximo que pode e, saltando com agilidade de sua montaria, estendeu a mão enluvada para ele.

– Venha!

Mark al-Bakkar havia pensado que sua vida terminaria ali. Então, aquele soldado de furiosos olhos verdes, com o rosto sujo meio encoberto por um lenço, saíra Deus sabia de onde e lhe oferecera uma segunda chance. Quem era ele para recusar?

A mão que envolveu a sua era quente, apesar de envolta numa luva de malha de metal, e parecia lhe transmitir novas forças. Ela o puxou para frente, impelindo-o a se levantar. Soltou-o apenas para atingir um inimigo com sua espada e depois puxou-o novamente em direção ao imenso garanhão negro. Mark ainda conseguiu pegar sua cimitarra e seguir mancando penosamente atrás do bravo soldado, que montou seu cavalo negro num salto e estendeu de novo a mão para ele.

– Suba em meu cavalo, se quiser viver! Rápido! – Ordenou.

Sem saber de onde tirou forças, Mark fez o que ele lhe ordenara. O garanhão galopou para longe do campo, com o soldado de negro brandindo furiosamente a espada e a adaga, abrindo caminho entre os inimigos, fazendo-o pensar que era o próprio demônio que carregava sua alma para o inferno.

Ragnar, concentrado em coordenar a retirada junto com seus comandantes, não conseguiu chegar até onde a tropa de seu amigo Bakkar estivera concentrada. Sua mente, no entanto, estava preocupada com o companheiro. Não via Mark em lugar algum, mesmo sabendo que Ibelin – do qual o mestiço era praticamente ajudante-de-ordem – estava ali. Temia que tivesse sido vítima de uma cimitarra ou de uma flecha sarracena.

– Svenson! – A voz de Ibelin o arrancou de suas preocupações – Vamos conduzir o que sobrou da tropa até Tiro. Mas quero você de volta a Jerusalém. Vai levar uma mensagem minha ao patriarca Eraclius. Ele precisa saber que Lousignan e Ridefort caíram. Agora temos que nos preparar para o pior.

Assentindo, Ragnar, apesar do coração pesado e preocupado, virou sua montaria para o deserto. Afinal, o que era um homem diante de todo o Reino de Jerusalém?

Capítulo II

“VOSSO AMIGO É A RESPOSTA ÀS VOSSAS NECESSIDADES.
POIS ELE DEVERÁ PREENCHER VOSSAS NECESSIDADES, NÃO VOSSO VAZIO”
“O Profeta”, Gibran Khalil Gibran.

Arredores de La Safouri, 5 de julho 1187

Os poucos cavaleiros e soldados que conseguiram escapar de Hattin agora encetavam uma marcha acelerada rumo a Tiro. Sabendo que Saladino sairia no encalço do que sobrara do exército, Raden resolveu virar sua montaria em direção a Jerusalém. O homem que havia salvado estava indo mal. Fora ferido na queda e ela não sabia se chegaria vivo ao destino deles.

Parara num pequeno vilarejo e conseguira com os moradores um pouco de leite de cabra e comida. Também haviam lhes permitido dormir no estábulo, onde Raden pôde escovar e alimentar seu precioso Lúifer, que estava exausto com o peso extra que havia carregado. Cansada e dolorida, a guerreira afagou a crina do garanhão e olhou para a figura do homem adormecido sobre o feno.

Ele não era um franco, mas também não era totalmente sarraceno. Trazia no rosto e na pele traços dos dois povos. Possuía cabelos negros e espessos, um pouco mais compridos do que se usava entre os cristãos. A barba estava sem fazer, sombreando o rosto, mas sem ocultar as linhas ao redor da boca bem-feita, que denunciavam o riso fácil. Elas também apareciam nos cantos dos olhos ligeiramente amendoados. A pele do homem era bem bronzeada, o que evidenciava uma constante exposição ao sol, e seu corpo era forte e compacto. Aparentava algo entre seus vinte e oito e trinta anos, usava uma pequena argola dourada na orelha esquerda e devia ser quase três palmos maior do que ela. O homem se mexeu no sono, agitado, e Raden se aproximou dele. Tocou-lhe a fronte com as costas da mão e achou-o demasiado quente.

– Febre. – Resmungou – Que inferno! Era só isso que me faltava!

Ao ouvir sua voz, o homem abriu os olhos, castanhos e sonolentos, e a encarou, confuso.

– Onde estou?

– Em algum lugar entre La Safouri e Nazaré. – Falou lacônica, levando automaticamente a mão à cabeça para ver se o lenço estava no lugar.

Sem se dar conta de seu gesto, o homem ferido se ergueu um pouco e estendeu a mão, apresentando-se.

– Sou Mark al-Bakkar – ela aceitou sua mão e apertou-lhe o antebraço, num cumprimento – obrigado por salvar minha vida, rapaz.

– Pode me chamar de Raden.

– Obrigado então, Raden – ele fez um a pausa, achando aquele nome esquisito. Depois, olhou-a com atenção. Franziu o cenho, quase numa careta e

constatou – Ora, você é um garoto imberbe!

Desconfortável com o comentário, Raden se ergueu e voltou a esfregar um punhado de grama seca no cavalo. Apontou então um alforje ao lado do homem e falou.

– Aí tem pão e no odre há leite de cabra – sua voz soou seca – Foi tudo o que consegui arranjar. Coma e durma um pouco. Hoje à noite quero partir e alcançar Nablus ao amanhecer.

Mark olhou para o jovem soldado que lhe dava ordens como se fosse um general e se sentiu subitamente divertido. Abriu um sorriso e pensou que a vida fora muito generosa com ele por ter lhe dado aquela segunda chance. Só rezava para que conseguisse chegar vivo até Jerusalém, pois a sua perna doía horivelmente e a febre já começava a se fazer sentir.

– Como pensa em nos tirar daqui, rapaz? – Ele indagou entre uma mordida e outra no pão duro.

– Só temos um cavalo. Você vai comigo. – Raden largou o punhado de grama e olhou para ele – De qualquer forma, mesmo que tivéssemos outra montaria, em breve sua febre estará tão alta que você não teria condições de se manter sobre uma sela.

– Aposto que se eu caísse, você me pegaria de volta! – Ele brincou, vendo-o pegar uma pedra e começar a amolar a espada.

– Não, Bakkar. – Disse Raden sem sequer piscar ou parar o que estava fazendo, o irritante barulho da pedra sobre o metal fazendo um coro sombrio com suas palavras – Se você cair, eu simplesmente o largarei para trás.

Mark fechou os olhos e recostou-se desolado no feno. A viagem prometia ser longa. Seu salvador era totalmente desprovido de senso de humor.

Correndo contra o tempo, Ragnar incitava a montaria a seguir em frente, na estrada para Jerusalém, logo após deixar Nablus. Trocara seu cavalo exausto por outro, descansado, e tencionava chegar à Cidade Santa antes do fim do dia. Enquanto as patas do garanhão vibravam no solo, sua mente revivia as imagens horríveis da batalha do dia anterior.

O exército cristão fora praticamente dizimado. Lousignan e Ridefort haviam sido capturados, assim como Châtillon. Torcia para que Ibelin e Edessa houvessem chegado a Tiro em segurança. Só não recebera ainda notícias de Trípoli. Rezou para que o ponderado *chevalier* ainda estivesse vivo. Iriam precisar dele.

Agora sua missão era chegar o quanto antes a Jerusalém e reunir-se com o patriarca Eraclius e a Rainha Sybilla. Em breve, Saladino reagruparia suas forças e os dias de domínio cristão sobre a cidade sagrada estariam contados.

Após dois dias de cavalgadas noturnas, carregando o cavaleiro ferido e febril a sua frente, Raden estava exausta, tensa e irritada ao entrar em Jerusalém. Pensou em levar o cavaleiro doente e desacordado ao Hospital de São João, o quartel dos Hospitalários, mas, ao imaginar a quantidade de pacientes que já haveria por lá, acabou desistindo. Mudando a posição do braço dolorido de tanto apoiá-lo, ajeitou mais uma vez o grande homem desacordado de encontro a si.

– Diabo de sujeito pesado! – Ela resmungou, como se o homem pudesse ouvi-la, enquanto conduzia Lúcifer a passo pelas ruas de Jerusalém – Devia tê-lo deixado lá! Agora tenho que ficar de ama-seca para um marmanjo desacordado e ainda por cima, doente!

– Raden!

Um grito de mulher no meio do povo chamou sua atenção. Olhando em volta, localizou a figura pequena e delicada de Leila que lhe acenava. Pensou, contrariada, que a mocinha não aprendera nada com o incidente de dias atrás, e estava novamente sozinha pelas ruas. Levando o cavalo até onde ela estava, indagou.

– O que faz aqui, menina?

– Não se preocupe – falou a moça, notando sua preocupação e o ar de reprovação, apontando a criada e um homem negro, armado com uma cimitarra, atrás de si – Meu pai me enviou ao mercado acompanhada. É bom vê-la depois das notícias horríveis que recebemos... – e indicando o homem recostado a sua frente no cavalo, perguntou – Quem é ele?

– Chama-se al-Bakkar. Eu o salvei e agora não sei o que fazer com ele.

– Bakkar? Pelo profeta, eu o conheço! Leve-o para nossa casa! – Falou decidida – Ele me parece mal.

Raden deu de ombros e concordou.

– Ótimo! – A perspectiva de se livrar do sujeito renovou suas energias – Não tenho mesmo uma opção melhor.

Leila enveredou por vários atalhos enquanto Raden, a cavalo, precisou seguir pelas ruas principais. Em todos os lugares, o medo estava estampado nos rostos das pessoas, independentemente do credo ou do povo ao qual pertenciam. A dúvida assolava Jerusalém. Seguiu adiante, ignorando os passantes. Depois de um quarto de hora, enxergou o velho Bharakat à espera, assim que chegou à rua onde vivia Leila.

– Venha, Raden. – O mercador chamou – Meu criado irá ajudá-la a descer e carregar o ferido. Depois poderá cuidar de seu cavalo.

Com dificuldade, Raden e o guarda de Leila tiraram o maciço cavaleiro de cima de Lúcifer e o levaram para dentro. Bharakat afastou os cabelos negros de

seu rosto desacordado e olhou espantado para Raden.

– Eu conheço este homem desde que era um menino. Só não pensei que estivesse em Jerusalém. Há muito tempo não o via.

Raden ergueu uma de suas sobancelhas e respondeu

– Ele me disse que se chamava Bakkar, Mark al-Bakkar, se não me engano.

– Sim. Ele é neto de Ahmed, o astrônomo, que Alá, O Piedoso, o tenha. – E virando-se para a filha, pediu – Traga a caixa de medicamentos, criança. E também água fresca e panos limpos. – Quando Leila saiu, Bharakat voltou-se para a guerreira. – Gostaria que aceitasse nossa hospitalidade, minha jovem – ao ver que ela iria recusar, o mercador ergueu as duas mãos – Não aceitarei um não como resposta. Fique, sei que está à beira da exaustão. Vou mandar preparar um aposento e um banho para você. – Um meio sorriso estampou-se na face enrugada – Suponho que vá querer roupas masculinas...

Ela deu um meio sorriso e respondeu.

– Façamos o seguinte, mestre Bharakat. Eu irei ao quartel e, além de pegar minhas coisas, avisarei aos Hospitalários que o homem deles está conosco. Ele deve ter um posto elevado, pois eu o vi junto a Ibelin e Trípoli, comandando os homens no campo. Além disso, suas roupas e armas são de muito boa qualidade. Não será difícil encontrarmos seus companheiros. – e já pegando seu manto, perguntou – Esse Bakkar, o avô dele, ainda vive?

– Não, ele morreu há alguns anos e, creio eu que este homem não tenha família.

Raden assentiu e encaminhou-se para a porta.

– Então, só nos resta avisar aos seus companheiros de armas.

Ragnar viu o soldado vestido de negro e com um tipo de turbante na cabeça entrar no hospital e não lhe deu muita importância, até se lembrar de que fora ele quem passara pela coluna em disparada, no caminho para Hattin.

Então, o apressadinho havia sobrevivido, pensou, enquanto seus passos o levavam na direção do soldado. Parou estático ao ouvi-lo pronunciar, com uma voz rouca e baixa, para o oficial da guarda, o nome de alguém muito conhecido. Avançou rapidamente e tocou-lhe o ombro, fazendo Raden se voltar e erguer a cabeça para encará-lo no alto de seus muitos palmos de altura. O oficial da guarda, que fazia suas anotações, parou com a pena na mão e olhou para os dois homens, pressentindo o clima pesado.

– O que sabe sobre Mark al-Bakkar, soldado?

A guerreira franziu o cenho. O homem que a interrogava, louro e de bigodes, era muito alto, quase um gigante. Certamente vinha do Norte, de uma daquelas terras onde o sol passava meses sem surgir no céu. Sua cara de poucos

amigos não a intimidava, mas, por via das dúvidas, aproximou uma das mãos do punho da adaga, antes de indagar calmamente.

– Depende de quem quer saber.

– Ora, que insolente! – Ragnar avançou irritado, mas, antes que pudesse piscar, a lâmina de uma adaga estava encostada em seu abdome.

– Muita calma, grandalhão! – Ela sibilou – Eu não arrastei aquele sujeito pelo deserto para entregá-lo nas mãos de qualquer um. Quem é você?

Passado o momento de estupefação pela reação do jovem, Ragnar sentiu algo parecido com respeito pelo valente soldado. Sua intuição lhe dizia que aquele rapaz, apesar do olhar carregado de fúria, era uma pessoa de bem. Assim sendo, ergueu as mãos num gesto de paz.

– Desculpe, camarada. Tenho andado meio nervoso.

– Todos nós – Raden retrucou, girando a adaga no punho e recolhendo-a na bainha.

O norueguês assentiu devagar, acompanhando com os olhos a lâmina sumindo sob o couro. Depois, estendeu a mão, apresentando-se.

– Sou Ragnar Svenson, amigo de Mark al-Bakkar, e tenho procurado por ele desde Hattin. Julgava que estivesse morto, ou aprisionado como por Saladino.

Ela concordou, depois de estudar o estrangeiro por alguns segundos. Em seguida, respondeu, já com sua decisão tomada. Afinal, se o tal al-Bakkar tinha amigos, eles que se ocupassem dele. Ela já possuía preocupações demais consigo mesma para ter que ficar tomando conta de um homem crescido.

– Você quase acertou. Vou buscar minhas coisas no quartel do marechal e depois o levarei até ele. Espere-me na praça do mercado, em meia hora. – Gritou Raden já descendo as escadas e ganhando a rua.

– Hei! – Gritou Ragnar correndo atrás do jovem, ao notar que fora sumariamente dispensado – Como eu vou encontrar você? Sequer sei seu nome!

Parando no meio das escadas, Raden mediu-o de cima a baixo.

– Com esse seu tamanho todo, não se preocupe, eu mesmo o encontro. – Com passos rápidos, sumiu no meio da multidão.

Leila já ajudara o pai a banhar e a medicar o guerreiro desacordado, quando batidas na porta a interromperam na tarefa de cortar mais ataduras. Colocando o véu sobre o rosto, foi atender. Provavelmente era Raden que voltava trazendo suas coisas.

Ao abrir a porta, porém, a jovem sarracena viu-se frente a frente com o homem mais alto que já havia encontrado em toda sua vida. Teve que erguer o rosto, pois sua estatura era insuficiente para abarcar com a visão toda aquela

massa de músculos compactos, apertada numa túnica azul, colocada sobre a cota de malha. As armas de Jerusalém estavam bordadas em fios dourados sobre o peito largo. Sob um dos braços ele carregava um elmo e, preso às suas costas, um machado de guerra conferia um ar ainda mais perigoso à sua aparência. Olhando no rosto do homem, Leila pode considerá-lo bonito, apesar de seu aspecto cansado.

A pele, que devia ser clara, estava dourada pelo sol inclemente da Palestina. Os cabelos, muito claros e longos, chegavam até os ombros e um bigode louro e bem aparado escondia o lábio superior, destacando o inferior, cheio e sensual. O nariz reto demonstrava sinais de já ter sido quebrado, mas mesmo assim, era muito charmoso. Os olhos, de um azul-acinzentado claríssimo, possuíam um brilho de sagacidade e um toque de eterna diversão. No canto de um deles, uma cicatriz fina e esbranquiçada estendia-se até a sobrancelha clara. Duas argolas prateadas pendiam-lhe das orelhas. O homem sorria para ela, divertido pelo exame ao qual era submetido.

– Leila – a voz de Raden, saindo de trás do gigante, despertou-a, fazendo-a corar por sob o véu – Este é Ragnar Svenson. Encontrei-o por acaso no Hospital. Ele é amigo de al-Bakkar. Podemos entrar em sua casa?

– Claro, Raden – Leila se afastou da porta e baixou os olhos recatada – Tenha a bondade, *chevalier* Svenson.

O norueguês tomou-lhe a pequenina mão entre a sua, muito grande, e beijou-a galante.

– Apenas Ragnar, pois não sou um *chevalier*, apenas um mercenário, gentil senhorita Leila.

Bufando impaciente, Raden praticamente arrastou Ragnar pelo braço. O cavaleiro parecia embasbacado com a pequena sarracena. “*Deus me livre dos homens tolos!*”, lamentou-se mentalmente para, em seguida, dirigir-se a Leila, que fechava a porta.

– Como está ele?

– Ainda tem febre, mas a perna, graças aos céus, não está quebrada. *Baba* acha que foi uma torção muito forte que causou inflamação nos tecidos e febre. Tirando isso, ele tem muitos cortes, hematomas e escoriações. – E olhando para Ragnar, completou timidamente – Seu amigo vai ficar bom.

Ragnar apenas assentiu, pois mal ouvira o que a moça falara nos últimos minutos. Na verdade, parecia ter perdido totalmente a capacidade de falar e pensar diante da figurinha pequena e frágil como uma flor do deserto. A jovem Leila parecia flutuar quando andava e os cabelos, que ele entrevia sob o véu fino, eram de um tom rico de castanho. Os expressivos olhos cor-de-mel, delineados com *khol*, carregavam o encanto das areias douradas daquela terra. Ele daria um

braço para ver a jovem sem aquele véu sobre o rosto. Como seria a sua boca? A voz doce e musical o fazia imaginar lábios carnudos e vermelhos, como o sumo das romãs...

– Está me ouvindo, *sire*? – Perguntou a jovem a um distraído Ragnar.

– Ah... sim, quero dizer, não! – Para a surpresa de Raden e Leila, o formidável guerreiro corou como um garotinho – Desculpe-me senhorita. Ando muito cansado e não ouvi o que disse. Poderia repetir, por favor?

– Eu disse que seu amigo ficará aqui conosco, onde poderemos lhe dispensar cuidados melhores do que os que ele receberia no Hospital.

O norueguês não conseguiu conter um largo sorriso. Bakkar ficar ali significava que teria uma desculpa para ver a jovem sarracena outras vezes. Mas, ao perceber o olhar perscrutador do tal Raden sobre si, tratou logo de recuperar a compostura. O rapaz parecia ser íntimo da família e a última coisa que queria era causar indisposições.

– Creio que sim, senhorita. Aquele lugar está cheio demais e temo que uma febre maligna logo leve os mais fracos. – Respondeu. Depois, voltando-se para Raden, perguntou, meio carrancudo – E você, garoto, onde entra nisso tudo?

– O *garoto* me salvou, Sven – a voz sonolenta de Bakkar, vinda do leito, respondeu por Raden – Ele me arrastou de baixo do meu cavalo e me trouxe de Hattin até aqui Deus sabe como.

Ragnar deu um tapa amigável nas costas de Raden, quase a atirando do outro lado da sala. Em seguida, abraçou-a efusivamente, deixando-a sem jeito.

– Muito obrigado, rapaz! Salvou meu amigo.

A guerreira sorriu sem graça, desacostumada àquelas manifestações de afeto, e resmungou qualquer coisa, livrando-se do gigante. Em seguida, pediu a Leila.

– Aceitarei agora o banho e a cama que seu pai me ofereceu. Creio que não posso dar nem mais um passo. – Ela baixou o tom e resmungou consigo mesma – Além de estar cheirando como um camelo.

Pedindo licença a Bakkar e Svenson, Leila acompanhou o herói do dia aos aposentos que lhe foram destinados. Vendo-se a sós com a guerreira, a moça fechou a porta e retirou o véu.

– Quer ajuda, Raden?

– Obrigada, Leila. Pode me ajudar a soltar as correias – disse a ruiva – Eu feri minha mão e vou acabar levando o dobro do tempo para fazê-lo sozinha.

Leila segurou a mão que a guerreira lhe estendera, só agora notando que estava envolvida em ataduras já puídas. Sob a poeira era possível notar o sangue coagulado e escurecido, que se derramara em profusão da ferida. Certamente não era um corte pequeno.

– Raden, porque não me falou antes? – Com as mãos nas cadeiras, a mocinha a admoestou – poderia ficar sem a mão por causa disso, sabia?

– Ora, menina! – Exasperou-se a outra – Você estava ocupada em cuidar de Bakkar. E isso não é nada. Só me deixa desajeitada para abrir os fechos da armadura. – A voz da guerreira soou mais ríspida do que ela desejava e Leila logo se mostrou magoada, baixando os olhos como uma criança repreendida. Percebendo seu erro, Raden suspirou e colocou a mão sã no ombro da moça. – Perdoe-me, Leila. Não quis ser grosseira. Só estou muito cansada e acho que tenho vivido tanto tempo no meio dos soldados, que esqueci o que é ter educação.

– Tudo bem – Leila sorriu compreensiva e indicou-lhe um banco – Sente-se e eu a ajudo a tirar a seu equipamento. Depois que se banhar, cuidarei de sua mão. – Iniciando sua tarefa, Leila deu vazão à curiosidade, depois de alguns instantes de silêncio. – Raden, como foi que você...

– Entrei nesta vida? É uma longa história Leila – ela puxou a cota de malha pela cabeça e começou a desatar a camisa acolchoada que ficava sob o traje – E confesso que não quero falar sobre isso; não agora – ela encarou a moça morena e pôs uma das mãos em seu braço – São lembranças muito dolorosas para mim, me desculpe.

Leila percebeu os olhos verdes da guerreira repletos de uma dor antiga e profunda. Vislumbrou ali uma alma solitária e atormentada e, silenciosamente, rogou a Alá, o Clemente e Misericordioso, que lhe desse uma chance de ser feliz. Pois, só o que a guerreira já fizera por ela e por al-Bakkar, dois desconhecidos, apenas uma alma muito generosa faria.

– Está certo, Raden. – Ela sorriu e procurou desanuviar o ambiente – Não perguntarei mais, está bem? Vou mandar deixarem a água do banho aqui. Vá para trás do biombo. Quando o criado sair, tranque a porta. À hora do jantar, baterei para chamá-la. – E num gesto repentino, abraçou a guerreira, que correspondeu desajeitadamente – Obrigada por tudo, mais uma vez.

Por Deus! Ela estava tão pouco habituada a contato físico com outro ser humano que um abraço lhe parecia estranho. Aliás, há quanto tempo não era abraçada? Ou tocada, senão no meio de uma luta? Angustiada, a ruiva tratou de espantar aqueles pensamentos da cabeça.

– Está certo, Leila. Obrigada a você também, pela confiança e pela hospitalidade. – Ela enxotou a moça para fora do quarto, com um raro toque de diversão na voz – Agora vá, ou o norueguês vai vir aqui procurá-la. – A moça corou e ela prosseguiu – Ele parece encantado por você.

A porta do quarto se fechou quando Leila saiu e Raden se viu novamente só, como sempre.

– Quer dizer que o garoto o arrastou desacordado de Nablus até aqui?! – Falou Ragnar espantado, dando um assovio – E eu que não dava nada por ele...

– Há! Pois pode começar a dar, Sven – retrucou Mark sentando-se no leito, expondo o peito coberto de curativos – Eu o vi lutar, parecia um demônio! – Sua voz se tornou mais séria de repente – Creia-me, amigo, ele tem um instinto quase suicida; precisava vê-lo em Hattin. Perdi a conta de quantos eu o vi derrubar.

Ele recordou os momentos em que vira o jovem lutar. Alto e esguio, movia-se com a rapidez de um leão, golpeando suas presas de forma certa e mortal. Jamais esqueceria aqueles olhos, duros e cortantes, que lhe ofereceram a chance de viver.

– Acredito que Ibelin irá gostar de alguém assim a seu serviço. – Falou Ragnar, confiando o bigode, interrompendo as reminiscências do amigo – Além de corajoso, é honrado; não o deixou para os abutres quando teve chance. Ele poderia tê-lo depenado e o abandonado para morrer no deserto.

– Também pensei nisso, Sven. – Assentiu Mark, antes de completar – E Leila também me contou que ele a salvou de dois soldados mais abusados, dias antes de Hattin.

Ragnar esticou as longas pernas para frente e recostou-se na parede.

– Parece então que temos um herói – observou com ironia.

– Ou um completo idiota. – Completou Mark, intrigado.

Apesar de os dias passarem rápidos, transformando-se em semanas, para Mark eles pareciam se arrastar, durando séculos. Recuperava-se rapidamente, recebendo todos os cuidados na casa de Bharakat. Mas a inatividade o exasperava profundamente. Somente o fato de estar entre amigos, aliado às visitas diárias de Ragnar, parecia animá-lo. Raden também aparecia todos os dias na casa do mercador, dividindo-se entre suas obrigações no exército cristão e a segurança de Leila, agora oficialmente colocada em suas mãos pelo prestimoso Bharakat. No entanto, enquanto sua saúde se fortalecia, a situação do Reino de Jerusalém se deteriorava cada vez mais.

Ilhado em Tiro, Balian de Ibelin conseguira de Saladino um salvo conduto para retornar à Cidade Santa e ficar junto a Maria Comnena, sua esposa, e aos seus filhos. Antes de ceder, porém, o sultão fizera o nobre prometer não pegar em armas contra ele. Sendo um homem honrado, Ibelin aceitara a proposta.

Porém, ao findar o mês de agosto, as hostes de Saladino, tendo conquistado Acre, Nablus, Sídon, Beirute e Ascalon, avançaram impiedosamente em direção a Jerusalém. Ibelin, sendo o *chevalier* de mais alto posto residente na cidade, e um dos mais antigos barões do *Outremer*, fora chamado pelo patriarca Eraclius e

pela Rainha Sybilla para discutir o que poderiam fazer para preparar a resistência de Jerusalém à marcha conquistadora do sultão.

Sua primeira decisão fora reunir todos os homens ricos da cidade, e juntar víveres e ouro. Caso se fizesse necessária uma rendição, estariam prontos para o pagamento do resgate a Saladino. No entanto, ao ser incumbido por Sybilla da defesa da cidade, Ibelin lembrou-a do juramento feito ao sultão. Taciturno, aguardara a resposta da Rainha. Mas fora o patriarca Eraclius, conhecido por sua cupidez, o primeiro a levantar a voz contra sua promessa.

– Uma palavra empenhada a um infiel não tem valor diante de Nosso Senhor, *messire*! – Vociferara Eraclius.

– Minha palavra tem valor em qualquer lugar, – rebatera Ibelin, contendo a fúria – diante de qualquer homem e de qualquer Deus.

Dando as costas ao patriarca, e em seguida fazendo uma mesura diante de uma atônita Sybilla, o nobre havia deixado o palácio. Preocupado, mandara vir a sua presença seu mais competente e confiável homem. Sentado à sua mesa de trabalho, no posto do senescal, Ibelin observou Mark al-Bakkar, já plenamente recuperado, entrar pela porta de madeira entalhada.

– *Messire* – Mark cumprimentou-o respeitoso – Mandou me chamar?

– Sim, Bakkar. Sente-se – Ibelin indicou-lhe uma cadeira – Como está sua perna?

Mark sorriu e aceitou o copo de vinho que um criado oferecia. Em seguida, apanhou um damasco do prato que o nobre colocara à sua frente.

– Já posso montar, se é isso que quer saber, *messire* – falou enquanto dava uma mordida na fruta suculenta.

Ibelin divertiu-se com a sagacidade de seu espião e retrucou.

– Sim, Bakkar. Também queria saber sobre isso, mas me preocupei realmente com sua pele. Soube que seu resgate no meio da batalha foi algo espetacular... – o *chevalier* apoiou os cotovelos sobre a mesa, juntou as mãos e inclinou-se para frente, olhando nos olhos de Mark – O jovem é de confiança?

Mark pensou um pouco antes de responder. Não sabia até onde poderia confiar no estranho Raden, mas o rapaz era honrado, e ele lhe devia a vida.

– Creio que sim. O garoto é uma criatura de poucas palavras, o que por si só já é uma excelente qualidade. – Ibelin apenas assentiu e o mestiço continuou – Permanece ligado a Edessa, mas atualmente serve como guarda-costas de Leila, filha do mercador Bharakat. O velho foi amigo de meu avô, e parece confiar cegamente no rapaz.

– Sei de quem se trata. – Ibelin afirmou – Bharakat é um homem que não se deixa levar pelas aparências. E você, o que pensa?

Mesmo surpreso por Ibelin conhecer tão bem o mercador, Mark emitiu sua

opinião.

– Quanto à honra do garoto não tenho dúvidas, *messire*. Ele poderia ter me roubado até as calças e me largado para morrer no meio do deserto. Aliás, ele nem precisava ter se arriscado em Hattin para me salvar. Creio que ele poderá ficar ao seu serviço. Podemos dar-lhe missões simples e observá-lo. – Ele terminou de comer a fruta e colocou o caroço no prato. – De uma coisa tenho certeza; é melhor tê-lo como nosso aliado do que como nosso inimigo.

– Por que diz isso, Bakkar? – Indagou Ibelin, intrigado.

– Porque, *messire*, ele foi o primeiro homem que me assustou. – O nobre franziu o cenho, pois o mestiço não temia ninguém. Mark prosseguiu – Eu o vi lutando como um verdadeiro demônio. Parecia não ter medo de nada. Atravessou um mar de sarracenos apenas com uma adaga e uma espada nas mãos, e deixou a maioria deles mortos, ou quase. – Sacudiu a cabeça num gesto de incredulidade, ao reviver aquela cena – Nunca vi alguém lutar daquele jeito, como se a própria vida pouco importasse. O mais estranho nisso tudo, no entanto, foi ele ter se importado com a vida de alguém que sequer conhecia.

– Este soldado me parece algo temerário – comentou Ibelin e, com um profundo suspiro, recostou-se na cadeira, completando – Mas se você acha que pode recrutá-lo, confiarei no seu senso. Agora, tenho uma missão muito importante para você. – Mark se ajeitou no assento e perscrutou o semblante de seu senhor. Ibelin parecia mais sério do que o habitual. Esperou que o nobre retomasse a palavra. – Como já deve ser de seu conhecimento, tenho um acordo pessoal com Saladino. Entretanto, terei que rompê-lo, caso o exército do sultão submeta a cidade a um cerco. O patriarca acha que meu juramento não vale nada – Balian se levantou e postou-se à janela da sala, as mãos para trás, pensativo. Após uma longa pausa, prosseguiu sem se virar para Mark – Eu já penso diferente, Bakkar. Minha palavra vale igualmente diante de Deus ou de Alá. E, principalmente, vale diante do homem que Saladino é. – Voltando-se para ele, ordenou – Você vai levar uma mensagem minha ao sultão, em segredo. E quero que leve o tal Raden com você.

– E Sven? – Mark indagou.

Ibelin sorriu com um toque de diversão no olhar.

– Deixe Svenson no lugar do garoto, tomando conta da filha do mercador. Daquele tamanho, ele é tudo, menos discreto. – Tornou-se sério de novo e completou – Quero que avalie o jovem nessa missão, e reporte tudo a mim. Enquanto isso, começarei a preparar as defesas da cidade. Vá e arrume tudo, quero que parta amanhã, ao nascer do sol.

Mark saiu e deixou o nobre pensativo à janela do palácio, o olhar perdido sobre Jerusalém.

Capítulo III

“SE ALGUÉM SABE COMO AMANSAR MELHOR UMA MEGERA,
VENHA ENSINAR-ME, QUE AQUI FICO À ESPERA.”
“A Megera Domada”, Ato IV, Cena I. William Shakespeare

Jerusalém, setembro de 1187

– Mas, Raden! Não pode estar falando sério!

Leila batia o pezinho impaciente no chão, o que fez Raden sorrir, divertida.

– Sossegue, Leila. Svenson vai assumir meu lugar, já tratei com seu pai e ele concordou. – Falou a ruiva, pegando uma camisa e enfiando-a de qualquer jeito no alforje.

Leila aproximou-se da guerreira e tirou um lenço embolado de sua mão, bem como a camisa que fora enfiada no alforje, e passou a dobrar as peças enquanto falava.

– Mas ele é um homem, Raden!

– E todos pensam que sou um, Leila. Só você e seu pai sabem a verdade. – E olhando-a seriamente, completou – Além disso, Svenson é um homem honrado, além de excelente soldado. Jamais tomaria liberdades com você. E com aquele tamanho todo, garanto que estará segura ao lado dele.

– Droga, Raden! – A guerreira ergueu uma sobrancelha a ver a jovem praguejar como ela mesma fazia. Estava começando a achar que era uma péssima influência para a delicada filha de Bharakat... – Ele fica me dando ordens! E nem sequer é meu guarda-costas, como você! – E imitando a voz grave de Ragnar, Leila continuou sua ladainha – “*Não deve ir até lá, pequenina*”, “*O mercado não é seguro, mocinha*”... Ora! Estou cheia dele nos meus calcanhares!

– Svenson é apenas preocupado e cuidadoso. Não quer que nada de ruim lhe aconteça. – Não entendia porque a moça estava tão irritada com o sujeito. Ela até achava o norueguês muito simpático e engraçado. E adorava escalpelá-lo nos dados! Da última vez em que haviam jogado, quase havia lhe tirado as calças. Pobre Sven. Voltando-se para Leila, ponderou – Pense bem, menina. Ele estará por perto sempre que precisar. As coisas estão quentes por aqui. Seu pai não quer sozinha em momento algum, nem dentro de casa. Já há notícias de saques e invasões de domicílios. O senescal está com dificuldades em manter a ordem. Parece que todos enlouqueceram.

– E por que você, e não Svenson, deve ir com Bakkar?

A ruiva parou novamente de arrumar suas coisas e encarou Leila.

– Isso eu não posso lhe dizer. Bakkar me confiou a missão em sigilo. Mas, acredite, será melhor para mim. – Ela colocou as mãos sobre os ombros da moça, bem mais baixa do que ela – Esse trabalho vai me garantir um soldo bem

maior do que o que Edessa paga a um de seus mercenários. Além disso, terei um lugar melhor do que o alojamento para morar. Lá eu sempre tenho que dormir com um dos olhos abertos para que ninguém descubra quem eu sou realmente.

Capitulando, Leila assentiu e, enquanto a guerreira envolvia os cabelos e parte do rosto com o lenço negro, acabou de guardar as roupas dela nos alforjes. Quando terminou, Raden já atava o cinturão com a bainha da espada e a adaga aos quadris. Vendo a contrariedade da moça, a ruiva a obrigou a olhar em seus olhos e sentenciou.

– Prometa-me que obedecerá Svenson e que não sairá sozinha.

– Raden...

– Prometa, Leila! – Falou duramente. Depois, suavizando a voz, pediu – Por favor. Por seu pai e também por mim. Você é a única amiga que tenho, Leila. Quero partir sabendo que estará em segurança.

– Está certo, – a moça cedeu – não sairei sozinha.

Abrindo um de seus raros sorrisos, Raden apanhou o alforje e cumprimentou-a.

– Boa menina.

Havia apenas dois dias que Mark al-Bakkar partira em missão, levando consigo o estranho Raden. Mas fora o suficiente para Ragnar alcançar o auge da exasperação. Passar aquele tempo no rastro da mocinha mimada e petulante era pior do que enfrentar um bando de turcopolos irritantes tentando flechar o seu traseiro!

Aquele dia não estava sendo diferente. Logo pela manhã Bharakat o avisara de que teria que acompanhar Leila ao mercado. Resignado, ele assentira e assumira sua missão, pouco depois de soarem as primas nas igrejas de Jerusalém. E apesar de achar a moça uma verdadeira beldade, não aguentava mais as barracas e o burburinho gerado pelos gritos dos mercadores. Agora mesmo estava encostado a uma das estacas que sustentavam o toldo de uma loja, aguardando há quase um quarto de hora que a discussão da jovem com um comerciante chegasse ao fim. Leila tentava negociar alguns vasos de azeite em troca de uma saca de lentilhas, mas os preços dos alimentos haviam subido demais, e a iminência de um cerco inflacionara até mesmo a mais ínfima das mercadorias.

– Poderia andar mais rápido com isso, mocinha? – Ele perguntou pela décima vez, louco para tirar a cota de malha e se afogar num odre de vinho, tamanho era o calor.

A jovem o encarou, emburrada, seu sangue de negociante falando mais alto. Despejou sobre o gigante uma série de resmungos em sua língua materna e

retrucou.

– Se tem moedas suficientes para pagar três vezes o preço justo por uma saca de lentilhas é problema seu, *sire*! Mas eu sei o valor delas – e voltando-se para o vendedor, completou com o dedo em riste – E não pagarei nem mais um besante além disso!

Ragnar bufou e revirou os olhos. Após mais outro quarto de hora de negociações, o vendedor finalmente cedeu – na certa para ficar livre daquela teimosa, pensou Ragnar – e Leila apontou-lhe o saco de aniagem, triunfante.

– É todo seu, *sire*.

“*De cavaleiro a carregador! Subiu de vida hein meu velho?* ”, resmungou mentalmente, enquanto erguia sem esforço o pesado saco sobre os ombros.

Majestosa, Leila seguiu mais a sua frente, embrenhando-se no meio do povo. Ragnar não pode se furtar de observar o gingado de seus quadris. Ignorando-o, a moça prosseguiu, abrindo uma distância maior entre ambos. Até que estacou diante de outra loja. Ragnar acelerou o passo, pronto para discordar de mais aquela parada quando, surgido do nada, um homem claro e corpulento abordou Leila.

– Eu disse que ia encontrá-la de novo, princesinha! Onde está o seu herói? – Zombou Vernon, olhando-a com lascívia.

Ragnar, que ficara retido um pouco mais atrás pelo fluxo de pessoas, viu a cena e sentiu o sangue ferver. Quem aquele imbecil pensava que era para encostar o dedo na jovem? Deixou o saco num canto, abriu caminho entre a multidão e aproximou-se dos dois.

– Solte a moça.

Sem se intimidar com o tamanho do norueguês, Vernon olhou-o com malícia.

– Posso dividi-la com você, amigo, mas primeiro ela será minha – e passando a mão acintosamente pelo braço de Leila, continuou – Já faz um tempo que estou de olho nesta presa.

Ragnar chegou mais perto e Leila viu desaparecer o homem gentil e despreocupado que conhecia. Os olhos acinzentados tornaram-se frios como o aço e os poderosos punhos do norueguês se fecharam. O homem pareceu aumentar ainda mais de tamanho, como se isso fosse possível, e sua sombra se abateu sobre ela e Vernon.

– Primeiro – falou Ragnar, arrancando Leila do braço do soldado e puxando-a para trás de si – não sou seu amigo. Segundo – ele agarrou o abusado pelo colarinho e o ergueu do chão, os músculos contraídos aumentando ainda mais a espessura de seu braço, e continuou a falar – A moça não é um pedaço de carne para ser dividido por cães como você! E terceiro. – Vernon agitou as

pernas no ar, quase sufocando sob o aperto da mão de Ragnar, que o atirou longe sobre um monte de lixo – Eu odeio fazer compras!

E virando-se para Leila, sentenciou, quase gritando.

– Nós vamos para sua casa já, e você fica do meu lado, entendeu? Nem um passo à frente – ele apontou-lhe o dedo – nem um passo atrás! Eu a quero onde possa vê-la e alcançá-la. Fui claro, mocinha?

Engolindo o nervosismo, Leila ergueu o queixo, altiva.

– Não me dê ordens, *sire*! Vou terminar de fazer as compras para meu pai, e o senhor não vai me impedir!

Um brilho de fúria cruzou o olhar de Ragnar e Leila percebeu que fora longe demais. Porém, antes que pudesse falar mais alguma coisa, ele ergueu o saco de aniagem num dos ombros e a atirou sobre o outro. E sem dar a menor importância aos berros e pragas que Leila lhe lançava enquanto socava suas costas com as mãos delicadas, ou à multidão que ria e gracejava à passagem deles, Ragnar foi carregando seus dois fardos para a casa de Bharakat, pensando que a mocinha, além de exasperante, tinha um corpo deliciosamente macio e curvilíneo.

Arredores de Nablus, início de setembro de 1187

Raden fechou o albornoz sobre a cota de malha e puxou o capuz sobre a cabeça, envolta no lenço, tentando se proteger da friagem da noite no deserto. Viu Bakkar sentado ao lado do fogo e rezou para que o sujeito não estivesse com a mesma disposição para tagarelices das noites anteriores. Durante aquela viagem ficara sabendo que ele era filho de uma mulher sarracena com um cavaleiro cristão; e que não sabia quem era seu pai. Ele também lhe falara a respeito da natureza do trabalho que Ibelin lhe oferecera, como espião e soldado de elite.

Raden admirou-se em saber que ele usava as cores dos Hospitalários por realmente ter estudado medicina entre os sarracenos. No entanto, Mark al-Bakkar estava muito longe de ser um monge guerreiro. Não, Raden se corrigiu, sentando-se perto do fogo que espantava o frio. Ele tinha tudo de guerreiro e nada de monge.

Em cada cidade que paravam, o fanfarrão Bakkar dava um jeito de arrumar companhia. Sua cama nunca estava vazia, e ele sempre lhe piscava um olho, maroto, com se achasse estranho o jovem nunca arrumar uma mulher para passar noite. Bakkar sossegara apenas no acampamento do sultão Saladino, onde Raden ficara impressionada não só com a súbita seriedade do companheiro, como também com a imponência do chefe sarraceno.

Saladino era um homem sagaz e inteligente, de olhos escuros e penetrantes.

Um estrategista nato, a quem ela aprendera a respeitar nos campos de batalha, muito antes de conhecê-lo. Durante sua breve estada no acampamento ficara a um canto da tenda, apenas observando, enquanto Mark al-Bakkar cumpria seu papel de mensageiro de Ibelin, mostrando uma surpreendente e curiosa familiaridade com o chefe islâmico. Raden também notou a constante presença de um homem magro e de barbas ao lado do sultão. Mais tarde, ao indagar a Bakkar sobre a identidade do mesmo, ficou sabendo que se tratava de Ibn al-Athir, um homem culto que escrevia a biografia de Saladino, e que também era, segundo Bakkar, seu mais íntimo confidente.

Apesar de tudo, e conhecendo o teor da mensagem que levavam, a guerreira ruiva se preparara para, talvez, perder sua cabeça. Mas Saladino, demonstrando honra e compreensão em relação à difícil posição do nobre cristão, assentiu, absolvendo-o de sua promessa. E desejou-lhe sorte. Depois disso, Bakkar e ela iniciaram a viagem de volta a Jerusalém, com o mestiço sempre tentando arrancar mais alguma informação a respeito do jovem e sempre taciturno soldado.

Naquela noite, não seria diferente. Sem mulheres para bajulá-lo e dados para jogar, Mark al-Bakkar só encontrou uma ocupação. Tentar conversar.

Senhor, se eu acertar sua cabeça, amordaçá-lo e jogá-lo num wadi seco, irei para o inferno?, ela pensou, exasperada, quando Bakkar lhe perguntou pela enésima vez de onde era.

– Normandia. – Respondeu lacônica.

O mestiço suspirou, desolado, e tentou puxar conversa novamente.

– De qual cidade você veio?

– Perto de Rouen.

Mark bufou e deitou-se sobre a sela. Cruzou as mãos atrás da cabeça e olhou para o céu. Que criatura mais mal-humorada! Não era à toa que aquele jovem nunca conseguia arrumar uma mulher. E olhe que as garotas ficavam bem interessadas no misterioso rapaz esguio e de olhos verdes! Intrigado, olhou o soldado de esguelha. Interessante, apesar de sempre haver mulheres disponíveis, ele nunca se aproximava delas. Será que gostava de homens? Não, Mark afastou esse pensamento imediatamente para se concentrar em outro. Ele parecia era não gostar de gente! Tentando mais uma vez entabular um diálogo, indagou.

– Como veio parar aqui?

– Chega! – Raden gritou irritada e apanhou seu saco de dormir, afastando-se do fogo.

– Hei! – Mark ergueu-se, sentando-se na manta ao ver o jovem se afastar – Aonde vai?

– Dormir longe de você, Bakkar! – Raden gritou-lhe por sobre os ombros.

– Mas os chacais podem atacá-lo se ficar longe do fogo! – Ele ainda argumentou.

Raden parou e virou-se para ele. Era quase possível ver os olhos verdes brilhando sob a sombra do capuz do albornoz.

– Pois prefiro mil vezes me atracar com um chacal do que aguentar por mais uma noite este seu falatório de lavadeira!

Dito isso, jogou o saco de dormir atrás de uma pedra, deixando um pasmo Mark olhando para suas costas. Sem saída, o mestiço fez a única coisa que lhe restava fazer: dormir. Já que iriam partir pouco antes do nascer do sol, era melhor descansar. Em outra ocasião, tentaria arrancar mais algumas informações do jovem Raden.

Jerusalém

A tensão na Cidade Santa aumentava a cada dia e, com ela, as confusões nas ruas. Por mais irritada que ficasse com a presença constante do norueguês em seus calcanhares, Leila intimamente também ficava agradecida. Sentia-se segura ao lado dele, além de estranhamente atraída pelo homem.

Depois do dia em que Ragnar a trouxera nos ombros para casa, ela começara a observar discretamente o cavaleiro, notando os contornos rígidos de seu corpo, observando o reflexo do sol intenso nos fios dourados de seus cabelos, ou apenas arrepiando-se ao som de suas constantes risadas. Assustada com as próprias reações, também passara a implicar abertamente com seu guarda-costas. Tudo era motivo para irritação. Da voz do soldado ao jeito como ele atava os cordões das botas, Leila sempre achava um defeito para apontar.

Naquela manhã, quando pararam numa das fontes para beber água, ela, exasperada ao vê-lo sorrir galantemente para as moças que vinham encher seus cântaros, começara a reclamar.

– Não sei por que meu pai insiste em sua presença, *sire*! – Ragnar apenas a ouvira, calado – Já tenho um guarda! É absolutamente desnecessário que fique andando atrás de mim!

– Seu pai me contratou para tomar conta de você enquanto Raden não volta, e é isso o que vou fazer, senhorita. – Ele retrucou calmamente, irritando-a ainda mais.

Bufando, ela mergulhou sua caneca, que trazia atada ao cinto da roupa, na água fresca. Olhou o cavaleiro de esguelha, enquanto bebia, e depois voltou à carga.

– Então será que o senhor poderia ao menos ir ao mercado buscar romãs para mim? – Pediu, na esperança de se ver livre da presença do norueguês.

A resposta dele foi um lacônico não.

– Como não?
– Não vou deixá-la sozinha por causa de um punhado de romãs! – Ragnar já começava a se irritar.

– Ora! – Ela sacudiu dedo diante dele, acusando – o senhor é um inútil mesmo.

Contando até vinte para não atirar aquela insolente dentro da fonte, o norueguês pôs as mãos na cintura e olhou para baixo, encarando a pequena morena, que lançava chispas pelos olhos.

– Quer dizer, senhorita Leila, que a despeito do conceito que seu pai e meus superiores têm de mim, a senhorita me considera inútil?

Leila ergueu o queixo e foi engraçado ver aquela criaturinha que mal chegava ao seu peito, tentar medi-lo de cima a baixo.

– Pensando bem, *sire*, até que não é totalmente inútil... – ela começou.

– Ah, não?!

– Não, o senhor, com toda esta altura – ela o apontou com a mão como se apresentasse uma mercadoria num leilão e completou, triunfante – serve ao menos para me fazer sombra neste maldito sol, como uma dessas palmeiras.

Ragnar ficou rubro e, muito ofendido, virou as costas e saiu de perto dela, carregando seu grande corpo e sua sombra para o outro lado da fonte.

– Uma palmeira! – Resmungou consigo mesmo – para fazer sombra!

Fora comparado a uma reles árvore! Que atrevida! Ragnar olhou para o céu e pediu forças e paciência para resistir aos encantos daquela pequena turrona. E também para não a jogar sobre as pernas e lhe dar umas merecidas palmadas.

Bharakat nunca vira sua filha assim tão alterada. Mas Kadhija, a velha criada da casa, começava a reconhecer os primeiros sinais de uma paixão na jovem patroa. Pedindo licença ao seu senhor, a criada entrou na saleta que lhe servia de escritório e, com a intimidade que os anos de convivência com o bondoso homem permitiam, foi logo falando.

– *Sidi*, nossa *lella* está apaixonada pelo *franj*.

Bharakat quase caiu da cadeira, onde estava reclinado lendo algumas cartas de seus fornecedores.

– Ora, Kadhija! Que disparate!

A corpulenta criada aproximou-se e cruzou os braços a sua frente.

– Ha! Disparate uma conversa. Alguma vez viu a menina agir desse jeito?

Deixando as cartas sobre a mesa, Bharakat indagou, paciente.

– Que jeito, mulher?

– Ora! Ela sempre foi uma joia de doçura e agora vive emburrada e briga com o homem por tudo. Mesmo quando ele tenta ser gentil e a cobre de

atenções! Sua filha está geniosa, irascível! Só o senhor que não vê!

– Kadhija! – O mercador procurou conter um sorriso – Ela só está assim por causa dessa situação que vivemos, e porque tem que andar o tempo inteiro com Svenson tomando conta de cada passo seu.

Bharakat, na verdade, já percebera o jeito estranho da filha. E também notara os olhares de interesse, embora respeitosos, que o norueguês lançava em sua direção. Resolvera se calar e apenas observar o desenrolar dos acontecimentos. Apesar de preferir que a filha se casasse com um homem de suas tradições, sabia que não poderia escolher muito. E, além disso, o que importava para ele era a felicidade de seu mais precioso tesouro. Se Leila fosse feliz e amasse um homem, ele pouco se importaria com seu credo. Queria que a filha encontrasse com o marido a alegria e o amor que ele vivera ao lado da falecida esposa. Suspirando, ele ordenou a Kadhija.

– Feche a porta e sente-se, mulher.

A criada fez o que lhe foi mandado e sentou-se à frente do velho patrão, de quem já era uma amiga. Ele voltou a falar.

– Eu notei o interesse de ambos, minha cara. – A criada se espantou e o mercador, sorrindo condescendente, prosseguiu – Como vê, esse velho não é tolo nem cego.

– E o que pensa em fazer, *sidi*?

– Nada. Deixe estar, minha cara. O homem é respeitoso e honrado. Se minha filha o quiser como marido, terá minha bênção. – Recostou na cadeira e prosseguiu – Eu já estou no fim de minha estrada, Kadhija. Em breve estarei partindo para junto de meus ancestrais, se assim for a vontade do Misericordioso. Antes disso, quero deixar minha filha em segurança. Se for ao lado de Svenson, que seja. Tudo é a vontade de Alá, o Clemente e Misericordioso. *Ele* conduz nossos caminhos, nossos destinos. *Maktub*.

Kadhija estava mais espantada a cada instante. Não podia crer que seu patrão, um homem de fé e que cumpria as tradições, pudesse ser tão liberal com relação à menina Leila!

– Pensei que o senhor não fosse aprovar, já que ele é cristão

O velho mercador sacudiu o dedo em riste e expressou-se com veemência.

– Sou um homem de mente aberta, criatura! Pensa que interferiria na felicidade de minha Leila apenas por uma questão religiosa? Nunca. Naturalmente, se ela se enamorasse de um homem de nossas tradições, eu ficaria muito satisfeito. No entanto, eu mesmo me apaixonei por uma mulher cristã. Quem sou eu, minha cara Kadhija, para condenar minha única e amada filha, ao sofrimento de se casar com quem não ama? – Ele suspirou e depois prosseguiu, em tom mais brando – O que conta é o que vai no coração dos homens. Aliás, se

houvesse um pouco mais de tolerância de todos os lados, não estaríamos atolados nesta guerra sem fim – e tomando as mãos da criada entre as suas, falou, parecendo subitamente muito cansado – Tenho a impressão de que milênios se passarão e os homens ainda continuarão disputando esse pedaço de terra seca e sem vida, banhando-a com sangue dia após dia, ano após ano. Duvido que essa seja a maior mensagem do Profeta, do Cristo ou mesmo do Deus dos judeus.

Calada, Kadhija apenas assentiu àquelas palavras tão sábias do seu velho senhor.

Naquele dia quente e seco, em meados de setembro, Bakkar e Raden finalmente chegaram a Jerusalém, com a guerreira agradecendo a Deus pelo fato de o mestiço, finalmente, ter mais alguém com quem falar além dela. Como um homem era capaz de falar daquele jeito, ela não sabia. Acostumada à solidão, irritava-se, e ao mesmo tempo invejava, o jeito expansivo dele. Depois de se reportarem a Ibelin, ambos se dirigiram à casa de Leila. Ragnar os saudou calorosamente assim que entraram, pedindo notícias.

– As coisas estão muito complicadas – começou Bakkar, aceitando o chá de hortelãs frescas que Leila lhe oferecia. Depois da poeira e do calor das estradas, a bebida lhe parecia o néctar dos deuses.

– Complicadas...? – Incentivou o norueguês sem tirar os olhos da jovem sarracena.

– Extremamente, Svenson – completou Raden, metendo-se na conversa – Saladino marcha direto para cá. Como já deve saber, apenas Tiro resistiu ao seu ataque. De Damasco a Ascalon, já perdemos todas as cidades. As fogueiras estão acesas por toda a costa. Aqui, nesta região, só Krak ainda resiste

A bandeja tremeu nas mãos de Leila, que agradeceu o fato de a mesma estar carregando apenas o bule de prata. Se houvesse mais coisas ali em cima, decerto teriam se espatifado no chão. Arregalou os olhos, assustada com a iminência do cerco. Não imaginava que a situação fosse tão grave. Apesar do burburinho na cidade, sempre considerara aquilo assunto de homens e não se inteirara dos avanços do sultão. Afinal, estratégia de guerra não fazia parte dos assuntos femininos, muito embora as mulheres sempre fossem as maiores vítimas dos invasores.

– Pelo Profeta! – Ela colocou a bandeja sobre o aparador e apertou as mãos à frente do corpo – Vocês estão dizendo que o sultão está às portas de Jerusalém? O que será de nós, do meu pai? Ele já é idoso... – engoliu em seco e parou de falar, temendo começar a chorar na frente dos cavaleiros e de Raden.

Ragnar, tocado pela angústia da moça, se levantou e colocou uma das mãos

em seu ombro, tranquilizando-a.

– Não se preocupe, pequenina. Estamos aqui para cuidar de vocês.

– Oh, você não entende! – Ela se livrou do norueguês e foi para junto de Raden com olhos suplicantes – Papai há de querer me mandar para longe dele, para Tiro! Ele me disse isso quando pediu que você fosse meu guarda-costas, Raden. Ele vai pedir a vocês que me escoltem para longe dele, eu sei!

A mocinha se jogou nos braços da guerreira. Raden, desajeitada, sem saber como consolar aquela criaturinha chorosa, a empurrou para os braços de Ragnar, que a acolheu atencioso.

– Não chore. Ficaremos o quanto for possível. – Ele deslizava a mão por sua cabeça, acariciando-lhe os cabelos por sobre o véu de seda. Sentia-se verdadeiramente tocado pela dor de Leila. E, apesar das implicâncias da moça, sentiu-se estranhamente completo e aquecido com aquela jovem frágil e delicada entre os braços. Surpreso consigo mesmo, pegou-se desejando que aquele momento de relativa intimidade durasse para sempre.

Leila por sua vez, encantou-se com a segurança encontrada no círculo daqueles braços poderosos e ao mesmo tempo tão cuidadosos. Aconchegou-se ao peito largo do guerreiro e derramou ali todas as suas lágrimas. Ragnar era uma mistura de força e gentileza e ela, apesar de viver implicando com o norueguês, reconhecia que se sentia protegida ao seu lado. Subitamente tomou consciência de que sua implicância para com o valente soldado nada mais era do que um jeito de disfarçar a forte atração que sentia por ele.

Nem ela, nem tampouco Ragnar, perceberam que Raden e Mark, preocupados com seus afazeres e constrangidos com a emotividade da jovem, haviam se retirado discretamente da sala. Só muito tempo depois, quando suas lágrimas se acabaram, foi que Leila se deu conta de que a tarde já caía e que, na penumbra da sala, ainda estava aconchegada junto ao corpo quente do soldado.

Subitamente embaraçada, Leila foi se afastando lentamente, mas ele a reteve mais um pouco junto a ele. Erguendo os olhos inchados e vermelhos de tanto chorar, encontrou os pálidos olhos acinzentados de Ragnar, que a encaravam com um brilho diferente.

– Espere pequenina... – ele murmurou enquanto passava as pontas dos dedos sob seus olhos, secando suas lágrimas. Desavisadamente, o véu caiu e Leila arregalou os olhos cor-de-mel. Com a respiração em suspenso, não ousava se mexer, cativa das íris claras, que agora pareciam nubladas por uma emoção impossível de ser definida.

Ragnar ficou mudo, encantado diante de tanta beleza. Imaginara que ela fosse bonita. Mas não estivera pronto para ser cativado por aquela boca inocentemente sensual, cujos lábios entreabertos deixavam ver os dentes

pequenos e brancos como pérolas, perfeitamente dispostos, e a ponta rosada e úmida da língua. Sem resistir, e tocou-os com os dedos.

– Vermelhos, como o sumo das romãs... – ele sussurrou, os olhos presos aos dela.

Entorpecida com o toque gentil e ao mesmo tempo extremamente sedutor, Leila balbuciou.

– O quê?

– Sua boca... – ele acabou de puxar o véu para baixo, bem devagar, expondo-lhe todo o belo rosto – Eu sempre imaginei que seus lábios fossem assim, vermelhos, cheios... – ele se aproximou mais, baixando a cabeça, erguendo seu o rosto com o toque gentil de seus dedos sob seu queixo, capturando seu olhar – prontos para serem beijados...

Quando os lábios de Ragnar tocaram os seus, suaves como a asa de uma borboleta, Leila pensou que fosse desfalecer em seus braços. Sentiu os pelos macios do bigode dele roçarem sua pele, criando uma sensação agradável que se espalhou por seus seios e por seu ventre. Suas pernas amoleceram e ela precisou se agarrar à túnica do soldado para não cair.

Inclinando-lhe a cabeça para trás, Ragnar aprofundou um pouco mais o beijo, explorando seus lábios devagar, como se estivesse se aproximando de uma gazela ágil e arisca. Suas mãos apenas lhe tocavam o rosto com suavidade, os polegares pressionando-lhe os cantos da boca, pedindo mais. Se ficasse ali mais tempo...

Respirando fundo, ele se afastou e, ainda que por um segundo, fitou os olhos fechados de Leila. Devagar, ela os abriu, cheios de surpresa, curiosidade e... paixão? Com medo de passar dos limites, pois seu corpo ardia de desejo por aquela pequena flor do deserto, Ragnar a soltou e virou-se para a parede. Depois, pediu com voz baixa, porém gentil.

– Vá embora pequenina, ou não responderei por mim.

Sem saber o que dizer ou como agir, Leila simplesmente agarrou as saias e saiu correndo da sala. Ragnar tocou os próprios lábios com os dedos ficou imaginando o que faria para aplacar o calor que o consumia e que nada tinha a ver com o clima de Jerusalém.

Leila entrou como um furacão na saleta contígua ao dormitório de Raden e recostou-se na porta, o coração querendo saltar pela boca. Ao erguer os olhos, deu de cara com o olhar espantado da ruiva, que a encarava sem nada entender. Ruborizada, voltou-se de costas e começou a remexer em várias coisas pelo aposento. Largando o que estava fazendo de lado, a guerreira chegou perto da moça e indagou.

– O que houve, Leila? – Raden estreitou os olhos e estudou a aparência desalinhada da sarracena – Por que está assim, tão alterada?

Sem conseguir esconder nada da guerreira, que já considerava mesmo sua amiga, Leila confessou, os olhos fixos nos dela.

– Ragnar me beijou.

O semblante de Raden endureceu e sua mão buscou o punho da espada. Ao notar a reação da ruiva, Leila a segurou.

– Não! – Praticamente gritou – Espere! Não é nada disso.

– Ele a forçou, Leila? – Raden agarrou-lhe o braço – Se aquele infeliz do Svenson fez isso eu juro que cortarei as partes dele e atirarei aos abutres!

– Pelo Profeta, não foi nada disso o que aconteceu! – Ela tentava inutilmente reter a amiga, que já marchava na direção da porta – Quer me ouvir, Raden? – A ruiva estacou, impassível, e Leila pode prosseguir, ofegante – Ele não me forçou e eu... – seu rosto tingiu-se de escarlate – eu gostei.

– Oh, céus! – Raden colocou as mãos na cabeça e se deixou cair sentada numa banquetta, atônita – O que vou dizer ao seu pai?

– Nada! – Leila gritou – Oh, Raden! Eu nunca fui beijada!

“Nem eu”

A moça continuou girando pelo quarto com os braços abertos, diante do olhar pasmo de Raden.

– Foi tão... tão... bom! – Ela parou e olhou para a amiga, corada – E agora?

– Oh, Leila! – Ela ergueu as duas mãos, em pânico – Não me peça conselhos sobre esses assuntos, eu não saberia responder!

– Mas Raden, você é mulher! – Leila sentou numa almofada no chão e olhou para ela de modo suplicante – Deve saber...

– Pois não sei nada, Leila! – Ela rebateu de chofre – Desde que era garota vivo assim, como um homem; nunca beijei, amei ou tive um caso com ninguém. Nem sei por onde começar!

– Ora, esses anos todos, – teimou a mocinha – vivendo no meio dos homens...

Percebendo o que ela queria dizer, Raden riu e esclareceu.

– É claro que sei o que os soldados fazem com as mulheres que acompanham as tropas, Leila. Sou inexperiente, mas não sou cega ou estúpida. E agora, o que vai fazer? – Perguntou preocupada, e satisfeita por mudar o foco de atenção de volta para a jovem amiga. – Você está, por assim dizer, *gostando* de Svenson?

Leila suspirou, andou pelo quarto e depois se sentou numa cadeira.

– Se me perguntasse isso até ontem, eu diria que não. – Deu de ombros e suspirou – sempre o achei tão irritante e mandão! Sabia que ele me jogou no

ombro e me carregou do mercado até aqui?

Raden gargalhou ante a indignação da pequena morena.

– Daria tudo para ter visto isso, Leila! – Depois que as risadas acalmaram, ela indagou – e por que Svenson agiu assim?

Os olhos da jovem se tornaram repentinamente nublados.

– O homem que me atacou na rua, naquele dia em que nos conhecemos, – ela contou, nitidamente amedrontada – o tal Vernon. Abordou-me de novo, no mercado.

Raden fechou o rosto.

– Ele novamente? – Rosnou – devia tê-lo matado naquele dia; seria um monte de esterco a menos nas ruas.

A jovem sorriu nervosamente.

– Svenson o classificou mais ou menos da mesma forma.

Raden suspirou e se levantou, encaminhando-se para a porta e avisou.

– Seja como for Leila, tenha juízo. O norueguês é um soldado sem pouso, do qual pouco sabemos. Isso que aconteceu entre vocês pode ser apenas o resultado da tensão acumulada nesses dias. Só lhe peço que tome cuidado. Com Vernon e com Svenson. – Dito isso, saiu pela porta, deixando Leila pensativa a fitar as paredes da sala.

Capítulo IV

“EM PERIGO LHE PUSESTE O IMPÉRIO E A GLÓRIA,
VEJO, E PUNGE-ME ASSAZ, O ATROZ SUCESSO
COM QUE O CÉU (SEJA FORÇA, ACASO, OU SORTE)
EM TÃO PESADA PERDIÇÃO NOS LANÇA
COM TAMANHA VERGONHA E TANTO ESTRAGO.”
“Paraíso Perdido”. Canto I. John Milton

20 de setembro de 1187

Ele havia chegado.

Saladino finalmente iniciara o tão temido cerco à Cidade Santa. Com suas engenhosas máquinas de guerra, que incluíam torres de assalto, balistas e as temíveis e precisas catapultas de contrapeso, conhecidas pelos francos como *trebuchets*, o sultão iniciou o ataque pelo Portão de Damasco. O fogo grego lambeu as muralhas como um furioso dragão, transformando as ameias e os postos de guardas em sinistras fogueiras. Dia e noite, o som das defesas sendo bombardeadas e os gritos das pessoas enchiam o ar, numa lúgubre sinfonia.

Com o sítio, vieram os saques, as doenças e o horror. Ragnar, Raden e Mark, apesar de engajados na defesa de Jerusalém, revezavam-se de forma que um deles sempre ficava na casa de Bharakat, enquanto os outros dois lutavam nas muralhas, ajudando a deter os focos de invasão.

Todos os dias, ao cair da noite, os guerreiros chegavam à casa de Leila, desalentados, a ponto de cair de dor, fome e exaustão. Apenas se lavavam, cuidavam dos ferimentos e engoliam uma refeição ligeira. Depois, dormiam por algumas horas, até começarem tudo de novo.

Com a tensão do cerco, a saúde do velho mercador se deteriorara muito. Bharakat agora passava os dias num divã em seus aposentos, agarrado à mão da filha, temendo que Saladino espalhasse o pânico e a destruição dentro da cidade, da mesma forma que as hordas de Balduíno o haviam feito, há quase cem anos atrás. Junto com o medo, havia o arrependimento por não ter mandado a filha embora dali. Seu alento era a presença dos três guerreiros e a certeza de que Raden velaria com a própria vida pela segurança de seu tesouro mais precioso. Numa noite em que se sentia particularmente enfraquecido, Bharakat pediu a Leila que mandasse Mark al-Bakkar ir ter com ele.

– Por que, *baba*? – Perguntou a moça intrigada. O que o pai poderia querer com o guerreiro mestiço?

Com expressão indefinível e modos severos, Bharakat apenas reforçou seu pedido.

– Não seja curiosa, menina. – Ralhou – Apenas faça o que lhe ordenei. Não posso partir deste mundo sem falar com aquele rapaz.

As horas se arrastaram assim que a porta da alcova se fechou atrás do

cavaleiro. E depois de horas trancado a sós no quarto com o velho mercador, o mestiço saiu silencioso e de cenho franzido, totalmente distante da habitual imagem despreocupada que sempre exibia. Taciturno e com o olhar perdido, simplesmente pegou suas armas, tomou o elmo sob o braço e voltou para a muralha, deixando os amigos para trás sem dar nenhuma explicação. E naquela noite, o já respeitado guerreiro mestiço se tornou uma lenda em Jerusalém, e lutou com um instinto suicida semelhante ao de Raden, matando mais homens do que jamais matara em toda sua vida.

Balian de Ibelin baixou a espada e olhou os *chevaliers* que pegavam em armas e se dirigiam ao campo. Ilhado em Jerusalém, contando com apenas dois *chevaliers* dentro da cidade, acabara de sacrificar sessenta homens sãos, entre trabalhadores livres, artífices, mercenários e soldados. Tentava levantar o moral da tropa e do povo, enquanto pensava em um meio de negociar com Saladino a rendição da Cidade Sagrada.

Ragnar se misturou à turba, marchando em direção a montaria, o sangue correndo rápido em suas veias na iminência do combate. Aceitara a benção do nobre cristão e fora um dos *chevaliers* recém-sagrados, apesar de o fato, segundo seu ponto de vista, não fazer a menor diferença na maneira como ele empunhava seu machado ou conduzia seu garanhão. Ele continuaria executando com precisão a mesma tarefa de ceifar as vidas dos invasores.

Ironicamente, o jovem Raden também estava entre os novos *chevaliers*. A guerreira ruiva sorriu de forma contida, desfrutando de um sentimento estranho, misto de espanto e divertimento, ao ver-se no meio do grupo de homens, enquanto Ibelin pronunciava as palavras rituais. Ficou imaginando o que aconteceria se o severo nobre descobrisse que sacrara uma mulher.

No Ano de Nosso Senhor de 1187, aos vinte e seis dias de um mês de setembro absurdamente quente, o sultão Saladino mudou a orientação de seus ataques. Diante dos olhos estupefatos de Balian de Ibelin e dos nobres que restavam em Jerusalém, direcionou suas máquinas para uma seção mais frágil da muralha, próxima ao monte das Oliveiras. Com o anoitecer daquele dia, morriam a maior parte das esperanças cristãs de manter o domínio da Cidade Santa.

Raden olhou pela janela e não pode conter um suspiro. Talvez no dia seguinte encontrasse a morte, talvez não. Quem se importaria? Agora que a queda de Jerusalém era iminente, restara-lhe apenas uma grande sensação de vazio. Se não morresse, e os cristãos se rendessem, o que faria? Continuar a proteger Leila e a seu pai? E se eles também morressem, que objetivos teria? Sua melancolia a envolveu a tal ponto que custou a ouvir a voz de Kadhija, que a

chamava.

– *Sidi* Bharakat o convoca, meu jovem, – os olhos escuros, delineados pelo khol a estudavam com atenção – quer que vá ter com ele e a menina Leila, em seus aposentos.

Com uma mesura silenciosa, a guerreira foi atender ao chamado do mercador.

As portas se fecharam mal ela as atravessou. O cheiro pungente de remédios, incenso e doença penetrou em suas narinas, fazendo seu estômago se apertar. Os olhos encovados do velho mercador cravaram-se em seu rosto e, embora o pai de Leila lhe sorrisse, a tristeza e a certeza do fim eram claras em seu olhar.

– Minha jovem – Bharakat estendeu-lhe as mãos emagrecidas e trêmulas, as quais ela tomou com respeito – mesmo que eu fosse o mais rico sultão desta terra jamais poderia lhe pagar o que fez por minha filha. Peço-lhe que continue a protegendo até que esteja em segurança na casa de minha cunhada, em Tiro.

– Não se preocupe, senhor – retrucou, muito séria. As mãos frágeis e geladas entre as suas avisavam-na de que o fim daquele homem estava próximo. E embora seu coração estivesse há muito endurecido, empedernido pelas agruras da vida, sentiu-se tocada pelo destino da jovem amiga e de seu pai – Leila estará segura comigo. Eu prometo.

– Eu sei. Mas quero retribuir seu favor de alguma forma – vendo que ela acenava negativamente, falou com mais veemência – Nem pense em me dizer não! Leila, traga a caixa que lhe pedi.

Silenciosa, a moça obedeceu e pegou uma pequena caixa de madeira de sândalo. Bharakat tomou-a das mãos da filha estendeu-a a Raden.

– Tome. Isto é para você. Abra.

Raden fez o que o velho lhe ordenava, espalhando o perfume da madeira de sândalo por todo o ambiente. Seus olhos se arregalaram em espanto. Uma pequena fortuna em gemas preciosas repousava sobre o forro de veludo. Entre elas, um grande e magnífico rubi, vermelho como o sangue, que logo chamou sua atenção. Bharakat observou seu olhar e disse, apontando aquela joia em especial.

– Dentre todas essas gemas, esta é a mais preciosa, minha jovem – ele pegou a pedra e colocou-a na palma da mão dela, que pareceu vibrar sob o toque frio da joia – Este é o Coração do Dragão. Está há muitas gerações em minha família e, segundo a tradição, pertenceu ao tesouro do próprio Sinbad. – Raden sorriu timidamente e ele continuou. – Seja como for, o Coração do Dragão é mais do que uma joia; é um amuleto de proteção. Se for dado de coração, trará

segurança para aquele que o carrega. Se for roubado ou usurpado, levará consigo morte e destruição para o ladrão. De agora em diante, ele é seu.

– Mestre Bharakat, eu não posso aceitar! – Ela tentou devolver a peça à caixa – Isso deveria fazer parte da herança de Leila!

A jovem sarracena colocou a mão sobre a sua, fechando seus dedos sobre a magnífica gema.

– Não, Raden. Tenho meu dote em segurança. Papai tem investidas minhas moedas e meus bens num cofre templário. Com a nota de crédito que carrego, posso recuperá-las em qualquer comendadoria da Ordem. – Olhou a amiga nos olhos e continuou, solene – O Coração do Dragão é seu por direito. Assim como as outras gemas. Servirão para você refazer sua vida quando tudo isso acabar.

– Conserve-a consigo, se quer um conselho – interveio o mercador – ainda que venha a precisar de recursos, venda as outras, mas não se desfaça desta joia. Procure manter também a caixa que a carrega...

– A caixa? – Estranhou a guerreira.

– Sim, veja seus entalhes – apontou a peça ricamente ornada – ela é uma peça rara e de grande valor sentimental. Ficaria feliz se a mantivesse consigo, como lembrança deste velho amigo sarraceno.

Emocionada com a gratidão e o carinho de Bharakat, Raden fez algo que já não fazia há muitos anos em sua vida; abraçou-o.

– Obrigada. Jamais esquecerei a generosidade de seu coração para com uma estranha. – Endireitou-se e afirmou – Eu protegerei sua filha com minha própria vida. Eu juro.

A estupefação tomava conta de cada cristão que habitava o interior das muralhas de Jerusalém. Aos vinte e nove de setembro uma porção do muro que cercava a cidade cedera, e um enxame de soldados de Saladino avançara como uma vaga incontável sobre as defesas combalidas da Cidade Santa. No fim do dia o sangue lavava as pedras derrubadas da muralha e os homens dos dois lados, exaustos, se recolhiam aos seus respectivos campos, sem que a cidade fosse definitivamente invadida.

Diante do inevitável, Ibelin resignara-se. Para evitar mais escaramuças e maior derramamento de sangue, enviou mensageiros até o acampamento do sultão Saladino com seus termos. E vira com angústia a proposta de rendição ser recusada. Porém, o sultão, percebendo que a tomada da cidade pela força resultaria num banho de sangue, acabou cedendo. Ao fim de longas negociações, a dois de outubro de 1187, Jerusalém capitulou.

Os habitantes ainda corriam de um lado para o outro, ainda sem saberem qual seriam seus destinos após a queda da Cidade Santa, quando, enfraquecido,

Bharakat se via no limiar da morte. Desesperada, Leila acercara-se do leito do pai, abraçando-se a ele, como se pudesse lhe infundir alguma energia. Segurando a mão da filha, usando as poucas forças que lhe restavam, o velho mercador pediu.

– Filha... aconteça o que acontecer, saiba que eu a quero feliz... – fez uma pausa e respirou penosamente – E que, se escolher o norueguês, terá a minha bênção. – Sorriu fracamente e acariciou a jovem com o olhar – Você é meu tesouro mais precioso, minha filha.

Ainda que espantada com a perspicácia do pai, Leila não pode dizer nada, pois logo a mão enrugada que segurava a sua perdeu as forças e Bharakat, o mercador, fez sua derradeira viagem.

O gemido agoniado de Leila percorreu a casa e avisou a todos que nela estavam de que o velho homem havia morrido.

– *Baba!* Oh, *baba* não me deixe, por favor! – Leila chorava desalentada, ao lado da não menos triste, porém contida, Kadhija.

Ragnar fora o primeiro a acorrer até a porta do quarto. O som que escapara dos lábios de Leila, seu desespero e sua agonia, havia se enterrado em seu coração. Naquele momento ele daria tudo para não a ver sofrer, para trazer o pai dela de volta. Impotente, sacudiu a cabeça e esforçou-se para se conter. Ainda teria que contar a ela sobre o desfecho do cerco. Não haveria como fazer aquilo de forma sutil. Respirou fundo e deu um passo à frente. Entrou no aposento guardando um silêncio respeitoso. Colocou uma mão sobre o ombro de Leila, murmurando.

– Venha pequenina, não há mais nada a fazer. Precisamos sepultá-lo o quanto antes – fez pausa longa, durante a qual Leila pareceu finalmente focalizar os olhos nos dele. Sem delongas, informou-a – Jerusalém caiu.

Um soluço estrangulado escapou dos lábios subitamente pálidos. O lindo rosto de Leila, cujo véu caíra, se contorceu de dor. Sem pensar em mais nada, a moça se atirou nos braços do norueguês, encontrando ali, momentaneamente, a paz e o conforto de que tanto precisava.

Em troca de um grande resgate em besantes de ouro, o sultão permitira o salvo-conduto para cerca de vinte mil refugiados. Três colunas deixaram a cidade, as duas primeiras conduzidas pelos cavaleiros Templários e pelos Hospitalários. A terceira, onde seguia Mark al-Bakkar, juntamente com Ragnar, Leila, Kadhija e Raden, era conduzida por Ibelin e pelo patriarca Eraclius.

Olhando para trás, para a cidade em que nascera e vivera, Leila não conseguiu conter as lágrimas. Ia montada à frente de Ragnar e, desolada e

exausta com os últimos acontecimentos, mal conseguia se manter sobre a sela. Se não fossem os braços fortes do cavaleiro ao seu redor, teria despencado no chão, ficando ali ao longo da estrada, onde homens e mulheres, velhos e crianças, carroças e animais, formavam uma longa e triste procissão.

– Não chore, pequenina – Ragnar mais uma vez a consolava, apoiando-a carinhosamente de encontro ao peito – Não está sozinha, estamos aqui com você.

A resposta da jovem foi apenas mais um suspiro desolado. Mesmo inconformado com aquela apatia, o norueguês se manteve calado e continuou conduzindo o garanhão num trote lento, seguindo o ritmo da vagarosa fileira. Estava tão absorto que só notou a presença de Raden, que se aproximara em sua montaria, quando o soldado se dirigiu à Leila.

– Consegui acomodar Kadhija na carroça de uma família judia. – O jovem não fez rodeios, objetivo como era – Ela me disse que tem família em Damasco, mas reluta em deixá-la sozinha. O que me diz?

Erguendo o rosto, inchado de tanto chorar, Leila respondeu desanimada.

– Falarei com ela antes de a coluna se dividir, Raden. Kadhija já é idosa, não suportará a viagem até Tiro e depois a ida para Damasco.

– Foi o que imaginei – rebateu a guerreira para, em seguida, voltar-se para Ragnar – Não gosto de viajar nessa procissão, Svenson. Penso em avançar mais ao leste, ao longo da costa, e por lá chegar a Tiro. O que acha?

O norueguês esquadrinhou o horizonte com o olhar, enquanto pensava na sugestão de Raden. Poupariam tempo e sairiam daquele aglomerado de gente, carroças e animais, o qual já estava lhe dando nos nervos. Além disso, uma coluna lenta como aquela era alvo fácil para bandoleiros e saqueadores. Acenou em concordância e respondeu.

– Por mim, está bem. Mas teremos que falar com Ibelin antes. Ainda estamos ao seu serviço.

Assentindo, Raden apenas manobrou o cavalo e foi em busca de Mark al-Bakkar, que se encontrava no início da coluna, junto ao nobre e sua esposa.

– Messire, dama – cumprimentou-os respeitosa para depois se dirigir ao mestiço – Preciso falar com você, Bakkar.

Mark pediu licença ao casal e seguiu na mesma direção que tomara o jovem, um pouco ao largo da coluna. Cavalgando ao seu lado, observou que Raden parecia mais cansado, mais magro e mais sombrio do que nunca. A morte do mercador mexera com o rapaz, pensou.

– O que houve, Raden? – Indagou, intrigado com o ar de mistério de seu acompanhante – Algum problema com Leila?

– Ainda não, Bakkar. Mas preciso que me preste um favor, – e chegando mais perto dele, apontou um grupo de soldados a pé – aquele louro ali na frente é

o homem que atacou Leila. Esperava que estivesse morto, mas o infeliz está aqui.

O olhar do mestiço seguiu a direção apontada por Raden. O tal homem era conhecido por viver metido em confusões e volta e meia era punido por seus superiores. Concordou com o seu companheiro e lamentou que o infeliz ainda estivesse vivo.

– Você quer que eu o ajude a ficar de olho nele, não é? – Indagou e depois pilheriou. – Pensei que só você fosse suficiente para assustá-lo, meu amigo.

– Ora, vejamos! Até que você não é um asno tão asno como eu imaginava, Bakkar! – Rebateu ela com um meio sorriso, surpreendendo o mestiço com aquele arroubo de bom-humor. – Você está certo, eu realmente gostaria que ficasse por perto quando eu ou Svenson não estivermos com Leila. Prometi ao pai da moça que a entregaria em segurança à tia dela, em Tiro.

Mark balançou a cabeça em concordância e os dois fizeram silêncio por alguns instantes, enquanto faziam as montarias ultrapassarem mais uma das vagarosas carroças, repletas de refugiados e seus pertences. Ao se reunirem de novo, ela perguntou.

– Estive conversando com Svenson... crê que Ibelin permitiria que seguíssimos pelo litoral, longe da coluna?

Bakkar esfregou o rosto, coçando a barba de alguns dias por fazer.

– Acho que sim. Falarei com ele na próxima parada.

– Está certo.

No fim daquele dia, as exaustas colunas de refugiados montaram acampamento. Depois de desmontar e dar de beber ao seu fiel Lúcifer, Raden foi ao encontro de Leila. Encontrou Ragnar descendo a moça do cavalo e a amparando, já que Leila, pouco habituada a montar, mal se sustentava nas pernas.

– Pode deixar, Raden – falou o norueguês, erguendo a jovem nos braços – eu cuido dela.

Raden assentiu e, em retribuição ao gesto, passou a cuidar do garanhão do norueguês, uma bela montaria cinzenta. Levou-o para onde deixara Lúcifer, apanhou um punhado de relva seca e começou a esfregar os animais, agradando-os com bocados de aveia.

Um pouco mais além, Ragnar acabara de acomodar seu delicado fardo sobre uma manta estendida no chão. Notando a exaustão da jovem, afagou sua mão e recomendou.

– Descanse, pequenina. Amanhã nossa jornada será longa.

Num gesto que o espantou e, ao mesmo tempo fez bater mais forte seu

coração, Leila reteve a mão dele na sua. Olhou-o suplicante e pediu.

– Não me deixe sozinha... eu...

Compreendendo a aflição da moça, Ragnar se esqueceu do próprio cansaço e sentou ao lado dela, permitindo que ela recostasse a cabeça em seu colo. Acariciando-lhe os cabelos, sentiu o coração se encher com uma emoção indefinível, um calor agradável que parecia inundar sua alma. Mas afastou aqueles pensamentos, pois Leila não era mulher para ele.

Aquela jovem era uma flor delicada, criada com cuidados e acostumada a uma vida estável e confortável. Apesar de profundamente atraído por ela, ele sabia que teria que entregá-la aos cuidados da tia, que morava em Tiro, e seguir sua vida, vendendo sua espada a quem melhor pagasse. Desavisadamente, seus pensamentos rumaram para sua longínqua terra. Recordou-se dos fiordes recortando o mar, das montanhas brancas e geladas e pode até sentir o cheiro do pinho misturado ao vapor da sauna. A saudade apertou seu coração com mão de aço. Por um instante desejou... sacudiu a cabeça, irritado. Voltar para a Noruega estava fora de cogitação. Sua terra não era segura. Sua presença lá só traria complicações para sua família.

Notando que Leila adormecera em seu colo, Ragnar ergueu-a nos braços e deitou-a novamente sobre a manta. Cobriu-a com um albornoz e ficou admirando sua beleza suave embalada pelo sono. Tocou o rosto ainda molhado de lágrimas e suspirou. O que seria dela? Leila era uma moça frágil, criada como uma flor de estufa. Temia que os rigores da travessia até Tiro, aliados à tristeza pela morte do pai, a fizessem sucumbir. Sentiu o coração apertado àquele pensamento. E relutou em admitir para si mesmo que a pequena sarracena já havia conquistado seu coração.

Kadhija chegou, arrancando-o de seus devaneios.

– *Sidi*, como esta minha menina?

Gentil, Ragnar ajudou a velha senhora a se sentar e só então respondeu.

– Muito triste, Kadhija. Ela não se conformou ainda com tantas perdas.

A velha suspirou e encarou Ragnar, seus olhos negros delineados com *khol* devassando-lhe a alma, trazendo a sabedoria de uma vida.

– Gosta dela, não é? – Atirou-lhe Kadhija sem pestanejar.

Subitamente encabulado com a afirmação tão direta, Ragnar desviou os olhos e cutucou o chão com as pontas das botas. A velha criada continuou.

– Saiba que *sidi* Bharakat já havia notado seu enlevo por nossa pequena flor. – Ragnar ergueu os olhos, surpreso com aquelas palavras e Kadhija prosseguiu – Ele deu sua bênção a você.

– Mesmo sabendo que não sou um de vocês? – Ele argumentou.

Kadhija sorriu e olhou para o fogo.

– O velho não se importava com isso. Além do que, a mãe de Leila era cristã antes de se casar com ele. Só depois é que se tornou uma crente.

O norueguês deu de ombros e se mexeu desconfortável, enquanto digeriria aquelas informações. Sua cabeça dava mil voltas, traçava mil conjecturas para depois descartá-las. Não podia ter esperanças. Não *devia* tê-las! Argumentou com o que ainda lhe restava de lógica.

– O problema, senhora, é que eu não tenho nada para oferecer à Leila. E também acho que já sou muito velho para ela. Já vi coisas demais nessa vida para acreditar no amor que se canta nas baladas.

Kadhija deu uma risada e o encarou do alto de sua sabedoria.

– O amor das baladas nada tem a ver com o fogo que arde entre um homem e uma mulher, *sidi*! E minha Leila já vai completar vinte verões. Já passou da idade de arrumar um bom homem e assentar, ter filhos.

Ragnar ergueu os olhos para a velha senhora, sem responder, e depois os desviou, observando o movimento do acampamento ao redor deles.

Pouco a pouco, tudo ia ficando silencioso. Algumas crianças choravam e, ao longe, era possível ouvir uma mãe cantando para seu filho. Em toda a parte, porém, pairava um sentimento de desolação e incerteza. Quantos ali chegariam até seu destino? Quantos ficariam pelo caminho?

Olhou para a sombra enrodilhada em seu albornoz. Leila. Seu nome soava tão acariciante como a brisa que soprava agora do deserto. O que o amanhã reservaria para aquela moça frágil e insegura? O que ele poderia ser para ela, além de um protetor devotado? E o que ela realmente via nele, além disso? Por Odin! Tantas dúvidas deixavam sua cabeça mais fraca do que um jarro cheio de *akevitt*!

– Está certo, Kadhija. Vou pensar no que me falou... – disse, querendo dar o assunto por encerrado – Mas não quero que diga nada a ela ou que force Leila a tomar uma decisão. Não quero ser uma tábua de salvação para ela. Sou um homem e tenho meu orgulho. – Ele se aprumou, erguendo-se do chão em toda sua altura, com os ombros eretos, assemelhando-se aos orgulhosos deuses-guerreiros de sua terra – Se Leila tiver que ser minha, será por me querer de verdade e não por falta de uma opção melhor.

Kadhija olhou para cima encarando-o e sorriu, enigmática.

– Então *sidi*, o que tiver que ser, será. *Inshalah*!

Mark continuou recostado numa pedra, perto de sua pequena fogueira, enquanto amolava a cimitarra, quando Ragnar se aproximou.

– Não sei como consegue usar essa coisa – ele resmungou, apontando a arma, sentando-se ao lado do amigo.

– Os persas a chamam de *shamshir*. É bem mais leve que as armas dos *franj*, ou que as longas espadas de ferro que seus conterrâneos nortistas trazem para cá – ele falou sorrindo, mostrando-lhe a lâmina longa e curva – E também mais ágil. – E mudando de assunto, perguntou – Como está Leila?

– Desolada, meu amigo. – Ragnar esticou o corpanzil no chão, apoiando-se nos cotovelos – Nunca vi alguém tão triste assim... – depois de um breve silêncio, indagou, olhando ao redor – Onde está Raden?

Mark interrompeu o movimento da pedra sobre a lâmina e retrucou.

– Pensei que estivesse com você.

– Não, ele ficou cuidando dos cavalos e depois não o vi mais.

O mestiço olhou em volta tentando enxergar o vulto esguio do jovem, mas não viu nem sinal dele. Estranhamente, não se preocupou. Parecia que, de alguma forma, conseguia senti-lo andando pelas sombras do acampamento. Raden não queria ser encontrado.

– Sossegue, camarada – disse dando um tapinha no ombro do amigo – O garoto sabe se cuidar muito bem. Sei disso melhor do que ninguém.

Ragnar ficou calado por muito tempo e depois voltou a falar, com voz grave.

– Às vezes acho que aquele rapaz esconde algo. Sempre quieto, calado... já notou que ele nunca se envolve com ninguém?

– Sim, Sven, eu já percebi isso. Esquece-se de que ele viajou comigo quando Ibelin me enviou até Saladino? Raden está sempre alerta; parece que jamais dorme, jamais relaxa. – Coçou a barba e completou. – Ele é muito estranho.

Ragnar se mexeu desconfortável e voltou à carga.

– Não é só estranho, Bakkar. Há algo nele... – como explicar o que sentia? – Raden é jovem, acho que mal tem vinte anos e, no entanto, quando olho em seus olhos, vejo tanta tristeza, tanto cansaço! É como se ele fosse mais velho que todos nós juntos. – Ele remexeu o fogo com um graveto e milhares de fagulhas foram carregadas pelo ar, tingindo momentaneamente as faces preocupadas dos dois homens de um tom alaranjado. A lenha seca estalou no fogo e Ragnar, pensativo, encarou o amigo. – Sabe, Bakkar, às vezes eu o temo. Vejo no olhar de Raden uma ansiedade estranha, como se ele estivesse buscando a própria morte. – E como Mark apenas o ouvisse, ele prosseguiu. – Creio que devemos ficar de olho nele.

Nas sombras, longe do alcance da luz do fogo, Raden ouvia a conversa dos homens. Estava se aproximando dos dois quando, ao ouvir o norueguês pronunciar seu nome, estacou. Ficou ali, envolta no albornoz negro, misturada às

sombras da noite sem lua, sentindo o que restava de seu coração se oprimir mais ainda. Seria sempre assim para ela? Uma vida condenada à solidão e ao isolamento de todos os outros seres humanos? Seria esse o preço a pagar para manter sua segurança?

Ficou imóvel durante muito tempo, espreitando, observando, até que os homens resolveram se acomodar para dormir. Em sua imobilidade, sequer notou uma lágrima solitária que riscava um caminho mais claro através do pó em seu rosto.

Leila despertou de um sono sem sonhos; o acampamento silencioso e as fogueiras quase apagadas denunciando o adiantado da hora.

– Durma, Leila.

A voz rouca e sempre contida de Raden a assustou. Tentou enxergar a guerreira e só viu o vulto escuro ao seu lado. Erguendo-se um pouco nos cotovelos, perguntou.

– E você, nunca dorme Raden?

– Já dormi o suficiente, – mentiu – de qualquer forma, prometi ao seu pai que ficaria de olho em você – a moça teve a impressão de que ela se virava para seu lado e começava a falar como se para si mesma – esta hora da madrugada, quando todos estão no sono mais profundo, é a hora mais perigosa. A hora em que os chacais atacam. Por isso fiquei aqui.

Leila teve a impressão de que os chacais aos quais ela se referia não eram apenas os animais do deserto. Observou sua sombra com mais cuidado, a postura rígida, a mão sempre junto ao punho da espada. Sentiu uma onda de piedade pela amiga, que se privava de seu próprio descanso por causa dela. Insistiu nas perguntas, tentando desvendar um pouco mais dos mistérios daquela estranha mulher.

– Não tem medo de que desconfiem de você?

A sombra se mexeu e Leila notou que ela se levantava, as pontas escuras do albornoz agitadas atrás dela pelo vento do deserto como as asas de um morcego. Sua voz sou abafada, como se Raden estivesse de costas para ela.

– Há muito tempo aprendi a conviver com o medo, Leila. Ele é meu companheiro mais fiel, meu maior aliado, – e depois de uma longa pausa, quando ela já havia desistido de ouvir qualquer coisa mais, a guerreira voltou a falar – por isso sou muito cuidadosa. E peço-lhe que também seja. – Chegou mais perto da moça e abaixou-se junto dela. Leila quase podia ver seus olhos verdes faiscando na escuridão. – Se eu for descoberta, nossa segurança estará em jogo. Você seria uma presa fácil para algum mercador de escravas, ansioso por levar para um *sheik* qualquer, uma beldade para seu harém.

Leila sentou-se na manta, assustada. Não havia pensado nisso.

– Mas Ragnar e Bakkar... – Eles as protegeriam, não? A dúvida pairou no ar e foi reforçada por Raden.

– Quem nos garante que podemos confiar cegamente neles, menina?

– Meu pai os contratou!

– Só porque eles são bons soldados e são homens respeitados. – A ruiva rebateu. – Mas acredite, Leila, todo homem tem seu preço. E até que eu conheça aqueles dois muito bem, não vou me arriscar, e nem a você. Agora durma, – ela a dispensou sem nenhuma cerimônia – amanhã será um longo dia.

Sem alternativa, Leila obedeceu, mas seu coração negou as afirmações da soturna guerreira. Ragnar jamais as trairia.

Capítulo V

"NÃO TOMES, MINHA FILHA, COMO FOGO ESSAS LABAREDAS QUE FORNECEM MAIS LUZ DO QUE CALOR E QUE SE EXTINGUEM COMPLETAMENTE NO MOMENTO EM QUE MAIS PROMETEM."

"Hamlet". Cena III, Ato I. William Shakespeare.

Com a permissão de Ibelin para se desviarem da caravana de refugiados, e com a missão de reportar qualquer avistamento de forças fiéis ao sultão, Ragnar, Leila, Raden e Mark se prepararam para deixar a coluna. Compraram um cavalo manso para a moça e um animal de carga. Na manhã do terceiro dia de marcha já estavam prontos para se separarem do grande grupo.

Leila, mais uma vez, teve que se despedir de um ente querido. Aos prantos, atirou-se nos braços da velha criada que a vira crescer. Kadhija, emocionada, abraçou aquela que considerava como uma filha e falou.

– Lembre-se querida, tudo é como o Criador quer.

– Não entendo o que quer dizer, Khadija! Por que tanto sofrimento?! O que eu fiz para merecer esse castigo? – Teimou ela – Não é justo!

– Leila, Leila... acha que sofre? Você, que teve o amor de seu pai e a mim para lhe mimar por todo esse tempo? Você que conheceu a felicidade esses anos todos, querida? – A velha senhora balançou a cabeça e fez a jovem se voltar para o lugar junto às montarias, onde Ragnar conversava com Raden e Mark. – Veja aqueles três, filha. Eles sim, sofrem. Cada um deles traz escondida, bem no fundo de seus corações, uma dor muito grande. A mulher, por exemplo...

– Como?! – Leila puxou Khadija pelo braço, distanciando-se das outras pessoas. – Como você pode saber disso?

A velha deu uma risada, mostrando a boca quase toda desdentada e comentou.

– Minha criança, só uma mulher tem um andar daqueles. Os homens só demonstram ser muito cegos e ignorantes se realmente a confundem esse tempo todo com um deles.

Leila estava pasma.

– Você sabia... Sempre soube, o tempo todo!

Kadhija mostrou-se algo indignada.

– Mas é claro! Se fosse de outra forma, se Raden fosse um homem, eu jamais a deixaria seguir com eles sem mim. Tenho certeza de que “ele” cuidará de sua virtude... – ela sorriu e depois tornou a falar, mais séria – mas tenha cuidado, filha, com os arroubos da paixão.

Leila corou, notando onde a velha senhora queria chegar. Naturalmente, se Kadhija percebera que Raden era uma mulher, também notara a tensão presente entre ela e Ragnar.

– Kadhija, eu...

– Não diga nada, criança – a senhora a silenciou com um gesto – deve seguir seu coração, mas tenha cautela. Ele é um homem exilado de sua terra, e creio que tem bons motivos para isso. Não vejo maldade nele, só uma amargura muito bem guardada. Tenha cuidado para não sofrer.

Leila assentiu e abraçou longamente a dedicada criada. Porém, logo teve que deixá-la partir, pois a coluna de refugiados já começava a se deslocar. Quando o grupo não era nada mais que poeira no horizonte, Ragnar aproximou-se e chamou-a com gentileza:

– Vamos, pequenina. Temos que recomeçar nossa marcha também.

Assentindo, ela se deixou conduzir até a montaria e quando Ragnar a segurou pela cintura, erguendo-a sobre a sela, um arrepio percorreu todo seu corpo. As mãos grandes e quentes, tocando-a através da barreira das roupas, pareciam queimá-la com um fogo que se instalava direto em seu ventre. Ragnar pareceu sentir a mesma coisa, pois tirou rapidamente as mãos de seu corpo, como se ela estivesse se consumindo em chamas. Sem nenhuma palavra, montou em seu cavalo e o grupo recomeçou sua jornada.

Porto de Tiro

Dois homens diferentes, e com objetivos semelhantes, desembarcaram no movimentado e cosmopolita porto de Tiro, naquele dia. Um deles, um nórdico bastante alto e forte, de pele clara já curtida pelo sol, apanhou sua bagagem constituída de apenas dois alforjes e rapidamente se embrenhou na multidão. Seu objetivo era encontrar Ragnar Svenson.

O outro passageiro do navio, um homem de cabelos escuros e corpulento, com uma grande cicatriz que ia da sobrancelha direita até o maxilar, aguardou o desembarque de um garanhão branco. Em seguida, apanhou as rédeas do cavalo e pôs nos ombros uma sacola grande, que era toda sua bagagem. Atravessou um arco de longo alcance no tronco e seguiu na direção oposta à que o primeiro homem havia ido. Sorrindo de maneira sinistra, fazendo a cicatriz repuxar todo um lado do rosto, ele pensou que vinha de muito longe apenas para cumprir uma missão para os Baglers, o grupo que disputava o trono da Noruega com os Birkenbeiners. Seu trabalho, que fora muito bem recompensado, era eliminar a ameaça aos planos daquela facção, representada por um tal Ragnar Svenson, um dos muitos filhos ilegítimos do rei.

Palestina, ao norte de Jerusalém

Quatro cavaleiros seguiam num trote moderado. Deixavam atrás de si uma nuvem de poeira na estrada seca e esturricada pelo sol da primavera. Havia decidido por uma marcha mais branda, para poupar um pouco a jovem Leila,

desacostumada às cavalgadas. Seguiram ininterruptamente até perto do meio-dia, quando encontraram um rochedo sombreado, de onde se avistava o Mediterrâneo. Ragnar diminuiu a marcha e colocou sua montaria ao lado da de Leila.

– E então pequenina, como está?

Ela lhe deu um sorriso cansado, achando engraçado aquele jeito como ele sempre se referia a ela.

– Com dor, *sire*. – Ela fez uma careta – Parece que rolei de uma escada!

O norueguês sorriu e apontou as rochas.

– Já estamos chegando. Pararemos logo ali, naquela encosta onde há sombra. Só continuaremos quando o sol baixar um pouco.

Leila esticou o pescoço e olhou na direção indicada por ele.

– Estamos perto do mar, não? – Perguntou.

– Sim, sente o cheiro? – Ele inspirou profundamente e falou quase que consigo mesmo, o olhar perdido na distância – Em minha terra, o mar nos sustenta. Aprendemos desde cedo a adorá-lo e a respeitá-lo.

– Onde fica a Noruega, *sire*?

Ele a olhou e sorriu um sorriso estonteante, antes de respondê-la. Leila achou que fosse cair do cavalo. Um homem deveria ser terminantemente proibido de sorrir daquele jeito! Mesmo com todo aquele tamanho, e todos aqueles músculos, quando Ragnar Svenson sorria, surgiam duas lindas covinhas em suas faces, fazendo-o parecer um menino. E seus olhos? Céus! Aqueles olhos, dois lagos, ora azuis, ora cinzentos, pareciam iluminar-se com o sorriso. Acordando do devaneio, ela tentou prestar atenção ao que ele dizia.

– Meu reino fica muito ao Norte, pequenina. Lá é frio boa parte do ano, a temperatura só fica mais amena por aproximadamente três meses. No auge do inverno, praticamente não vemos o sol. Mas é uma terra linda! – Os olhos do guerreiro se tornaram mais brilhantes. – Eu e meus irmãos ficávamos horas no banho de vapor, e depois corríamos nus pela neve, para saltar nos fiordes! É como nascer de novo! A água gelada nos acorda e faz nosso sangue correr mais rápido, quase tanto quanto a paixão!

Leila achou impossível algo além da voz de Ragnar fazer seu sangue correr mais rápido, mas concordou polidamente com um sorriso. Céus! O que estava acontecendo com ela?

Ragnar tentava se conter, dizendo a si mesmo que Leila era apenas parte de uma missão, mas era impossível manter-se imune à beleza da sarracena. Montada de lado no cavalo, Leila tinha os pés pequeninos e calçados em sandálias, e parte dos tornozelos, expostos abaixo da bainha da saia. Ele bem que

tentara pensar nos fiordes gelados, na neve. Mas, ao se lembrar da sensação dos mergulhos depois do banho de vapor, do corpo aquecido, do sangue correndo velozmente nas veias, acabou se sentindo ainda mais excitado. E fizera aquela infeliz comparação. Paixão! Bah! Definitivamente o sol daquela terra estava cozinhando seus miolos.

Meia hora depois, durante a qual tanto ele quanto Leila haviam se mantido num silêncio constrangido, o grupo alcançou os rochedos. Com delicadeza, ele ajudou a moça a descer do cavalo e a colocou sentada, à sombra de uma pequena árvore.

– Oh, minhas pernas! – Gemeu ela, sentindo como se mil agulhas estivessem sendo espetadas ao longo de suas panturrilhas e de suas coxas.

– Daqui a pouco passará – interveio Raden, aproximando-se com alguns alforjes. – Isso é o sangue voltando a correr nas suas pernas.

– O rapaz tem razão, pequenina. Fique aí enquanto cuidamos de tudo.

Os três organizaram rapidamente um pequeno acampamento. Mark repartiu a comida que haviam trazido e despejou o vinho de um odre nas canecas de metal. Depois de comerem, Leila se levantou, já se sentindo mais firme. Constrangida com o que precisava fazer, aproximou-se de Raden falou baixinho, junto ao seu ouvido.

– Raden... eu preciso... bem, você sabe...

Entretida com sua refeição, Raden a olhou e levou um segundo para compreender o que a moça queria.

– Oh! Sim. – E levantando-se, falou. – Vou até os arbustos com você e ficarei de guarda. – E piscando para que os homens não vissem seu gesto, apenas Leila, completou. – Não se preocupe, pois ficarei de costas, senhorita.

Leila riu, apesar de tudo, divertindo-se com o segredo que partilhava com a guerreira e com o fato de os dois homens sequer desconfiarem que seu companheiro de armas era, na verdade, uma mulher.

Depois que ambas se afastaram e atenderam ao chamado da natureza, Leila sentou à sombra e pôs-se a pentear os cabelos com os dedos. Raden recostou o corpo numa rocha, e passou a observar a moça a tocar os fios longos e sedosos num ritmo moroso, cheia de prazer com aquele cuidado tolo. Sentiu-se subitamente invejosa daquele ato tão simples, mas que lhe era proibido. A raiva surda de tudo e de todos, que sempre a assaltava nesses momentos, começou a crescer em seu íntimo. Teve que fechar os olhos e respirar fundo várias vezes para se controlar. Guardar a ira para o momento em que estivesse lutando. Aí sim poderia libertá-la naquela onda assassina que a impulsionava no campo de batalha, que a carregava e a fazia devastar o que estivesse em seu caminho. Aquele ódio que a mantinha viva e que, um dia, se Deus quisesse, ainda a

matéria. A pergunta embaraçosa feita por Leila despertou-a do mundo sombrio de suas reflexões.

– Se você vive no meio dos homens, – indagou a jovem sem preâmbulos – como faz quando chega seu ciclo de mulher?

Raden praticamente engasgou e abriu a boca para praguejar, mas conteve a tempo um palavrão. Com todos os demônios! Aquilo era pergunta que se fizesse? Vermelha como um tomate, custou para responder. Leila não pôde deixar de se divertir à custa da amiga. Era um tanto engraçado ver uma mulher vivida e decidida como Raden corar como uma virgenzinha.

– Eu, – ela gaguejou e coçou a cabeça, antes de prosseguir – bem, na verdade, não tenho mais meus períodos.

– Como assim? – A moça ficou mais curiosa ainda.

Raden revirou os olhos e pediu aos céus que algo acontecesse e a salvasse daquela situação. Nada aconteceu. Resignada, passou a explicar.

– Quando eu era garota, o homem que me criou achou melhor que eu me disfarçasse de menino.

– Por quê?

Senhor! A curiosidade dela nunca se esgotava? Bufou e prosseguiu, meio que grunhindo as palavras. Não gostava de falar no passado, não gostava de lembrar, principalmente, das poucas épocas em que tivera um pouco de paz. Nem daqueles que já não estavam mais entre os vivos.

– Esse homem era sozinho; um ferreiro. Havia muitos homens entrando e saindo sempre de seu estabelecimento. Ele temeu que acontecesse... – parou de falar e seu rosto ficou subitamente sombrio.

Edouard temeu que acontecesse de novo.

Os maxilares contraídos denunciavam sua tensão. De onde estava, Leila achou que os olhos da amiga estavam marejados.

Tolice! O inferno vai congelar antes de Raden derramar uma lágrima.

Então, da mesma forma que havia interrompido sua narrativa, ela prosseguiu.

– Edouard, o ferreiro, tinha medo que eu chamasse atenção. Ele era sozinho, não era casado e não tinha filhos, nem mesmo bastardos. Ele me criou como seu aprendiz. Mas ainda havia os inconvenientes pelos quais toda mocinha passa, a cada lua. Nesta mesma época havia uma velha curandeira morando no vilarejo. Eu a procurei depois de conversar com Edouard. Pedi a ela que me arranjasse algo para interromper meus ciclos, pois, além do inconveniente natural, eu passava muito mal. Mais cedo ou mais tarde, poderiam acabar me descobrindo. Além disso, se não havia mulher alguma na casa de Edouard, como explicaríamos se todo mês aparecessem os panos no varal? – Leila assentiu em

concordância; não haveria mesmo como ocultar aquelas coisas. Aguardou o prosseguimento da história – Bem, a curandeira disse que era impossível suspender minhas regras definitivamente, mas ensinou-me a usar algumas ervas mensalmente para evitá-las.

Leila a encarou, entre fascinada e preocupada. Ainda havia tanto que gostaria de saber!

– Mas, e se um dia você quiser ter filhos?

A guerreira se levantou e se afastou um pouco dela. Parecia irritada. Mas não esbravejou ou a tratou com rispidez, apenas respondeu de forma irônica.

– Ora! Olhe para mim, Leila! Acha que este meu caminho tem saída? Crê que algum dia vou me casar e ter filhos, como uma mulher normal?

Deus, ela sequer desejava aquilo! Não suportava sequer imaginar-se com um homem...

– Por que não, Raden? – Leila insistiu.

– Leila – ela se agachou à frente da jovem, tentando explicar. No fundo, daria tudo para ser como aquela jovem, inocente, ingênua e cheia de sonhos – que homem iria querer para esposa uma mulher que só saber empunhar a espada e trabalhar numa forja? Estou na Terra Santa desde meus dezessete anos. E vivo há tanto tempo no meio dos homens e da guerra que não sei nada praticamente do mundo feminino. Eu o reneguei há muito tempo atrás.

– Por quê? – Indagou a moça com suavidade, erguendo a mão para tocá-la.

Raden, no entanto, recuou. Fechou-se como uma ostra e, erguendo-se num salto, deu-lhe as costas. Quando falou, sua voz soou mais ríspida do que de costume.

– Vamos embora, ou daqui a pouco seu norueguês virá atrás de nós, achando que esse soldado aqui está tomando liberdades com você.

Ragnar respirou aliviado quando Leila e o emburrado Raden voltaram ao pequeno acampamento. Silencioso, o jovem resmungou algo sobre caçar alguma coisa para o jantar e, pegando o arco, deixou os companheiros para trás. O mestiço logo esticou o corpo musculoso no chão e, sem a menor cerimônia, embarcou num sono pesado, deixando Leila e Ragnar sozinhos e sem jeito.

Depois de um silêncio prolongado e constrangido, durante o qual cada um dos dois tentou inventar algo com que se ocupar, Leila tomou coragem para fazer um pedido.

– Podemos ir até perto da praia, *sire*?

Ragnar largou a cota de malha que até então fingia polir. Deu de ombros com estudada displicência e olhou para o sol.

– Pensei que quisesse ficar à sombra nessa hora tão quente.

– Na verdade, queria molhar ao menos meus pés na água. – Ela sorriu e o mundo dele se iluminou. – Está fazendo tanto calor!

Mais do que você imagina, pensou ele, já se erguendo do chão.

– Tudo bem, mas com uma condição.

Leila o olhou e perguntou, intrigada.

– Qual?

– Você parar de me chamar de *sire*.

O riso cristalino da moça o pegou de surpresa. Abalado, sentiu a boca ressecar e o coração disparar no peito. Os cabelos da nuca se arrepiaram com o timbre rico de sua voz e o desejo se instalou em seu corpo, quente, arrasador. Mal ouviu a resposta de Leila.

– Tudo bem, Ragnar. Então pare de me chamar de pequenina. Chame-me pelo meu nome.

– Está bem... – ele meio que balbuciou – Leila.

Foi a vez de ela estremecer. Seu nome soara como uma carícia naquela voz grave, de sotaque rascante. E como uma pluma deslizando ao longo de sua coluna, fê-la se arrepiar da cabeça aos pés. Resolveu se apressar em direção à praia, pois, se permanecesse ali por mais tempo, não precisaria refrescar só os pés e sim, o corpo todo.

O Mediterrâneo, com suas águas mornas e de um azul-esverdeado, estava sereno naquela tarde. Leila pôde se aproximar sem receio da linha d'água. Erguendo as saias, brincava como uma criança, dando gritinhos de prazer a cada vez que as ondas lhe molhavam a barra das vestes ou espirravam nela. Ragnar assistia a tudo, encantado, um pouco afastado do limite das ondas. Leila virou-se de costas para o mar e gritou-lhe.

– Não vai se refrescar também, Ragnar Svenson?!

– Não, mocinha, tenho que tomar conta de você! – Ele respondeu sorrindo.

Leila riu e mergulhou as mãos na água, jogando a para cima. O vento arrancou o véu de seus cabelos e os fios castanhos cobriram seus olhos. Alegre e relaxada como há muito tempo não ficava, ela ria até ficar sem fôlego, indiferente ao estrago que causava.

Ragnar não conseguia fechar a boca ao olhar aquela linda sereia. Inocente, ela mal se dava conta do efeito que o vestido molhado e colado às suas pernas bem-feitas tinha sobre ele. Aquilo era demais! Os deuses de sua terra deviam estar brincando com ele, ou torturando-o por ter deixado tudo para trás.

Então, repentinamente, o vento se tornou mais intenso, agitando o mar. Uma onda mais alta se formou e, antes que ele pudesse avisá-la, Leila foi derrubada e arrastada para o fundo. Pega de surpresa, a moça se embolou nas

roupas molhadas e começou a se afogar.

Tão rápido quanto foi capaz, Ragnar se lançou atrás dela, que já fora carregada para a parte mais funda, bem no meio da arrebentação. Sem pestanejar, mergulhou atrás de Leila e puxou-a para a superfície. Desesperada, a moça se debatia. Suas unhas acabaram machucando seu rosto, a água salgada queimando os arranhões.

– Fique quieta! – Ele gritou, entre irritado e apavorado com a possibilidade de perdê-la, assustando-a. – Ou nós dois afundaremos!

Nadando vigorosamente, saiu da água com a jovem nos braços. Ambos estavam encharcados e Leila tossia e cuspiu água salgada. Caminhando pela areia, Ragnar depositou-a perto da linha da vegetação e a amparou em seus braços.

– Fale comigo, Leila! Você está bem? – Seu coração batia furiosamente, assolado pelo medo que sentira ao imaginar, por um segundo sequer, que aquela joia preciosa pudesse ter se afogado nas águas tépidas do Mediterrâneo. Afastando-lhe os cabelos do rosto, olhou nos olhos dela. – Leila! Por *Freyja*, diga alguma coisa!

– Minha garganta ... – ela falou com a voz rouca –...arde. Mas estou... bem.

Aliviado, Ragnar a apertou contra si. Ficou assim muito tempo, o seu coração descompassado ribombando junto ao ouvido de Leila. Então, a afastou um pouco de si e se perdeu naquelas íris cor-de-mel.

– Nunca mais faça isso, pequenina! – E sem resistir mais, tomou-lhe o rosto entre as mãos e sussurrou. – Você é muito preciosa para mim.

O coração de Leila transbordou com uma emoção nova e poderosa. O calor do corpo de Ragnar junto ao seu, e suas mãos em seu rosto, pareciam a ponte que a conduziria para um mundo de segredos prestes a serem revelados. Atirando-se naquelas emoções, entreabriu os lábios ressecados e salgados e murmurou o nome dele como uma prece.

– Ragnar...

Cedendo ao desejo imperioso de beijá-la, Ragnar a envolveu em seus braços, com toda a delicadeza, com medo de ferir aquela pequena e frágil flor do deserto. Seus lábios encontraram os de Leila num toque quente e cheio de sensualidade contida. Temia assustá-la, não só com seu tamanho e força, mas também com seu desejo avassalador.

Leila suspirou de encontro à boca de Ragnar e entregou-se aquela sensação inebriante. Os braços acolhedores a faziam se sentir segura e seus lábios, com o gosto do mar, envolviam os dela com a segurança e a delicadeza de um homem experiente. Tocou-lhe o rosto com as palmas das mãos, percebendo a aspereza da

barba por fazer e levando o cavaleiro a respirar fundo para se controlar.

Porém, sentindo-a totalmente entregue, ele não resistiu e a envolveu com mais força, aconchegando-a junto ao peito largo. Sentiu os seios de Leila prensarem-se contra seu tórax, os mamilos intumescidos sob a roupa molhada, e quase enlouqueceu. Passou a língua sobre seus lábios e ela os entreabriu com um gemido, num convite irrecusável.

Nada preparou Leila para aquela doce invasão.

A língua quente e aveludada iniciou uma lenta exploração de sua boca. Ragnar tinha sabor de mar, sol e vinho, embriagando-a totalmente. A força sensual e potente que emanava do norueguês, uma masculinidade crua e selvagem como a terra que ele descrevera, exercia um efeito hipnótico sobre seus sentidos, fazendo-a esquecer de tudo. Os pelos macios do bigode dele acariciavam seu rosto, fazendo-lhe cócegas delicadas na pele sensível dos lábios enquanto ele a beijava, transformando-se num estímulo a mais aos seus sentidos já alterados. Colocou as mãos sobre o peito dele e sentiu seu coração batendo com força, como se fosse escapar de seu lugar. Intimamente, sentiu-se poderosa, inflamada por um sentimento de posse e poder sobre aquele formidável guerreiro. Ele estava tão afetado quanto ela por aquele beijo. Descobrir isso a fez se sentir muito menos menina, e muito mais mulher.

O toque cálido das mãos pequenas e macias em seu tórax, acabaram de vez com o autocontrole de Ragnar. Apertando-a contra si, deslizou uma das mãos pelo tecido úmido e colado a pele, e tocou-lhe gentilmente um seio, afagando-o, experimentando-o, tentando-a. A outra, mergulhou, como a muito tempo desejava fazer, na massa de cabelos castanhos, agora umedecidos pela água do mar, mas nem por isso menos sedutores.

Leila deu um gritinho, entre surpreso e extasiado, quando ele envolveu um seio com a mão grande, provocando-lhe o mamilo com as pontas dos dedos. O som, porém, foi suficiente para acordar Ragnar de seu sonho e fazê-lo afastá-la de si. Abafando uma praga, ele a deixou recostada numa pedra. Sem uma palavra, se levantou, caminhando para a água. Sem entender nada, Leila se levantou para segui-lo, chamando-o pelo nome.

– Ragnar, o que...?

Frustrado e irritado, ele se virou com o dedo em riste e comandou.

– Fique aí! Fique bem longe de mim! A não ser que queira que eu a atire sobre a areia e a possua aqui mesmo, a céu aberto.

Assustada com as palavras cruas do até então gentil guerreiro, Leila recuou de costas e depois começou a correr em direção ao acampamento.

Desolado, Ragnar atirou-se no mar de roupa e tudo e nadou vigorosamente, extravasando a tensão sexual e pensando no quanto se arriscara. Se Raden visse o que fizera, céus! Nem seu tamanho todo seria páreo para a fúria assassina do guarda-costas de Leila. Se a criatura sombria os visse naquele interlúdio, na certa lhe cortaria a cabeça! Ou outras partes de sua anatomia.

Exausto, o norueguês se jogou sobre a areia. Nem queria pensar em como ficaria depois que aquele sal todo secasse no seu corpo. Mas ao menos a coceira serviria para manter a tentação afastada de sua mente.

Leila entrou apressada no pequeno acampamento e deu graças a Deus por Raden ainda não ter voltado de onde quer que estivesse. Só Bakkar estava lá, sentado à sombra dos rochedos, lendo um pergaminho. O mestiço ergueu a cabeça e olhou com espanto para seu desalinho.

– O que diabos... – ele começou a falar, se levantando.

– Está tudo bem, *sire*. – Ela se apressou em explicar. – Eu caí na água e Svenson me salvou.

– E onde ele está? – Indagou Bakkar, intuindo muito mais naquela história do que a moça lhe contava.

– Foi nadar. – Ela respondeu, lacônica.

– Nadar? – Ele praticamente berrou. – O que aquele idiota tem na cabeça? – E pisando duro, foi em direção à praia, deixando Leila a sós para se recompor.

Nenhum dos dois notou a presença de Raden. Sua sombra negra, plantada como um corvo no alto do penhasco, recolheu o arco, no qual havia preparado uma flecha endereçada a Ragnar Svenson.

O vento que revirara o mar trouxera consigo a umidade opressiva que antecedia as chuvas. Sem muito aviso, o céu se fechou sobre as cabeças do grupo. Ragnar, ressabiado e carrancudo, voltara ao acampamento junto com um não menos aborrecido Mark. As roupas do norueguês estavam duras de sal. Leila, ao notar seu mau humor, sabiamente se manteve afastada.

O mestiço olhou para o céu e praguejou.

– Teremos que passar a noite aqui. – Sua irritação era palpável. – Não podemos enfrentar a estrada com essa tempestade a caminho.

– Concordo – o norueguês resmungou e olhou em volta. Depois perguntou a Leila – onde está sua sombra?

Uma figura negra, saltando do penhasco às suas costas, quase fez seu coração sair pela boca.

– Aqui, Svenson – a voz de Raden soara mais gélida do que nunca. Ao passar ao lado do norueguês, lançou-lhe um olhar frio e jogou o arco sobre a

pilha de bagagens.

– Não pegou nada para o jantar? – Indagou Bakkar, sem perceber a tensão entre os dois.

– Não, – e olhando significativamente para Ragnar, completou – tive minha presa na mira. Estava tão distraída, que permiti que escapasse.

O norueguês empalideceu.

– Quem se distraiu, você? – Mark indagou, não percebendo as entrelinhas daquele jogo de palavras, enquanto Leila permanecia alheia a tudo.

Sem afastar os olhos de Ragnar, que a fitava sério, Raden respondeu.

– Não, minha presa.

Ele sabia! Ragnar abaixou a cabeça para esconder o rosto que ruborizava com a constatação. *Raden nos viu e só Deus sabe porque não me acertou.*

Despregando os olhos de Ragnar, Raden virou-se para Mark.

– Estamos sendo seguidos – disse simplesmente.

Os dois homens ficaram subitamente alertas. Bakkar se aproximou de Raden, enquanto Leila se levantava de seu canto, assustada.

– Onde?

– A menos de uma milha, ao sul. Eu os vi do alto do rochedo; três pessoas a cavalo.

Ragnar olhou para ambos, pensativo.

– Seriam salteadores?

– Não sei, Sven – o mestiço balançou a cabeça – mas seja como for, vamos ficar atentos. Ninguém usa essa trilha nessa época do ano. – Apontando para Leila, completou. – E nossa carga é preciosa.

– Sim, muito preciosa – disse Ragnar, olhando para a jovem com um suspiro, sendo acompanhado por uma carranca de Raden.

Olhando para o céu, agora bem fechado, o mestiço continuou.

– De qualquer forma, teremos que passar a noite aqui.

– Por quê?

– Não vê o céu, garoto? – Ele apontou para cima. – Quando essa água desabar, os *wadis* secos vão começar a transbordar; onde era estrada virará um curso de água, e não poderemos precisar onde. Podemos ser tragados por uma cabeça-d’água e nem saberemos o que nos apanhou. A chuva aqui é tão forte nessa época que não dá para enxergar nada.

– Ele tem razão, – Leila entrou na conversa – não dá para saber onde correm os *wadis* com precisão até que eles se encham de novo nas chuvas. Mas onde vamos ficar, *sire*?

– Há algumas cavernas do outro lado do rochedo, – Raden falou – creio que podemos passar a noite por lá.

– É uma boa ideia, – Ragnar finalmente saiu do mutismo – e é bom começarmos logo a nos deslocar para lá. Já dá para sentir o cheiro da chuva.

Dito isso, todos começaram a se agitar, cada um procurando uma tarefa. Raden tratou de recolher os cavalos, que já sentindo o cheiro da água, dilatavam as narinas e batiam os cascos no chão, excitados. Mark e Leila guardavam os alforjes. Ragnar transportava armas, bagagens e tudo o que pegava pelo caminho, sem nenhum esforço, para o outro lado do rochedo.

Em meia hora, estavam todos dentro de uma caverna pequena, de teto baixo, mas abrigada da chuva. Abaixo deles, o mar se tornara revoltoso e os relâmpagos e trovões faziam as pedras vibrarem sob sua força. E a chuva desabava implacável, uma torrente espessa de água fria que chegava para aliviar o calor da terra ressecada pelo verão inclemente.

– Onde deixou nossas montarias, Raden? – Gritou-lhe Mark, tentando se fazer ouvir através do barulho ensurdecedor dos trovões.

– Coloquei-os numa reentrância da rocha. Estarão bem. Eu os prendi com firmeza!

Leila chegou mais perto de Raden e comentou.

– Se bem conheço o clima daqui, é bom mesmo que eles estejam bem presos. Isto vai render a noite toda. – E lançando um rápido olhar para o céu, comentou. – Acho que vou aproveitar a chuva para tirar esse sal do corpo.

– Leila, acho que isso não é uma boa ideia. – A guerreira resmungou.

– Ora, Raden! Não crê que vou daqui até Tiro me coçando toda, não é mesmo? Eu vou até ali fora e você fica de costas, caso haja algum risco. – A moça retrucou, já se encaminhando para a saída da caverna.

Sem opção, mas contrariada, Raden foi atrás da jovem.

Ragnar ficou olhando para a entrada da caverna, tentando afastar da mente a imagem de Leila sob a chuva, quem sabe até sem as roupas, a água fria escorrendo pelo seu corpo, seus mamilos se intumescendo, seu corpo se arrepiando... uma pedrinha acertando sua cabeça tirou-o de seus devaneios.

– Ai!

– Quer fazer o favor de me escutar, Sven? – Mark reclamou. – Estou aqui falando há horas e você com essa cara de bobo! Pare de pensar em Leila e me dê atenção, por favor!

O norueguês quase engasgou antes de resmungar.

– É assim tão evidente?

– Sven, meu velho, esquece que seu amigo aqui tem muita experiência com as mulheres? – O mestiço falou, recostando-se na pedra com um sorriso convencido – Sei que aconteceu algo entre você e Leila esta tarde. Ela chegou aqui desconcertada.

– De fato, Bakkar. Acabamos nos beijando, – ele fez uma pausa, sabendo que aquilo havia sido bem mais que um beijo, e olhou para a entrada da caverna – e acho que aquela criatura das trevas nos viu.

Mark riu com vontade.

– Está falando de Raden? – Ragnar assentiu e ele continuou. – Ora, Sven. O rapaz é estranho, sem dúvida. Mas não é nenhuma criatura das trevas!

– Há! Você não viu o jeito como ele me olhou! Achei que fosse me matar ali! E olhe que não tenho medo de ninguém, Bakkar. Mas o olhar daquela criatura me gela o sangue!

Mark inclinou-se para frente e falou num tom sério.

– Creio que nosso jovem amigo esconde muita coisa, Sven. Porém, não acredito que seja má pessoa. – Deu de ombros de um modo displicente e prosseguiu. – Só é extremamente mal-humorado e reservado. De qualquer forma, ele cuida muito bem de Leila e não tomou nenhum tipo de liberdade com a moça. Não creio que devamos temê-lo, – olhou fixamente para Ragnar, estreitando os olhos, abandonando momentaneamente a capa de fanfarronice – a não ser que você esteja com a consciência pesada, meu caro amigo. Aí, eu serei o primeiro a torcer seu pescoço.

Ragnar se ofendeu, empertigando-se.

– Ora, parece até que você não me conhece há tanto tempo, Mark al-Bakkar! Pensa que eu seria capaz de me aproveitar de Leila?

– De se aproveitar, não. Mas você está apaixonado por ela. – Sacudiu o dedo com veemência. – E quando a paixão sobe à cabeça, ambos sabemos que é difícil parar.

A constatação daquele fato caiu como um raio sobre o norueguês. Desanimado, recostou-se na rocha fria. Apaixonado!

Era tudo de que ele não precisava em sua vida de exílio. Não podia se preocupar com ninguém, não queria se prender a ninguém! Muito menos à Leila. Não para ter que ser forçado a deixá-la depois, como fora com sua família e sua casa.

Depois dessa breve conversa, ambos se mantiveram em silêncio. Ficaram assim até mesmo quando Raden e Leila voltaram, procurando se acomodar para dormir.

Num acordo tácito, Mark assumiu o primeiro turno de guarda, e Raden se ofereceu para cumprir o segundo. Lá fora, a chuva inundava a terra.

Devia ser por volta de três horas da manhã. Era impossível precisar sem a visão das estrelas, pensou Mark, ao despertar subitamente. Cumprira seu turno e, quando Raden assumira seu lugar, caíra de sono num canto da caverna.

Entretanto, algo o fizera se levantar. Um desconforto estranho que ele não saberia explicar.

Olhou em torno de si e identificou dois vultos acomodados no chão. O maior deles era Ragnar, sem dúvida. O outro, pequenino e enrodilhado num manto, Leila. E Raden, onde estaria? Não o via na entrada da caverna, onde deveria estar de guarda. Incomodado, Mark foi até a entrada da gruta e olhou para os lados, sem poder enxergar quase nada através da cortina de água. Teria Raden ido ver os cavalos?

Preocupado, colocou o manto sobre os ombros. Foi caminhando devagar pelas escarpas, até chegar ao local onde as montarias estavam presas. Afagando os cavalos, constatou que não havia sinal do jovem em lugar algum.

– Mas que diabo! – Resmungou. Começou a caminhar de volta para a caverna, quando o clarão mais prolongado de um relâmpago o fez vislumbrar algo que ele classificaria como uma aparição. A visão durou ínfimos segundos, mas ele a enxergou claramente.

Uma mulher; nua e perfeita na praia.

De braços para o alto, seu corpo esguio e de pele clara se oferecia à chuva. Cabelos longos, que ele não conseguiu definir exatamente a cor, por causa da distância e da chuva, desciam-lhe até o meio das costas. As pernas bem-feitas estavam firmemente plantadas na areia branca, enquanto o vento borrifava a chuva ao seu redor. Os seios cheios e empinados se entregavam a água fria. Uma criatura pagã. Uma sereia. Uma *djin*. Ficou com a boca seca e começou a caminhar naquela direção, e depois a correr.

– Hei! Você!

Um trovão abafou sua voz e, quando um novo raio lançou sua luz sobre a terra, a figura sumira. Desnorteadado, Mark ficou parado na chuva, pensando se não estava sonhando. Ficou tão atordoado, que até se esqueceu de que procurava por Raden. E só muito tempo depois, quando começou a se sentir incomodado com o aguaceiro, foi que ele resolveu entrar na caverna.

– Maldita hora em que resolvi me banhar! – Raden resmungava enquanto se vestia apressada, oculta na gruta onde deixara suas coisas antes de ir até a praia. – E esse Bakkar falastrão e intrometido tinha que aparecer por aqui! Devia tê-lo largado em Hattin! Ou em Nablus! Ou no Inferno! Merda!

Ao mesmo tempo, rezava para que ele não tivesse visto seu rosto. Assim que notara sua sombra se movendo em direção à praia, saíra correndo para se esconder. Arrependia-se de seu impulso de ir se lavar na chuva. Maldição! Mas precisava se limpar. Estava cheia do pó da estrada, sentindo-se imunda. A chuva fora um convite irresistível. Quando poderia sonhar que aquele infeliz iria

acordar, depois de ter passado metade da noite em claro, cumprindo seu turno?

Não que ela desgostasse de Mark al-Bakkar. O mestiço era boa pessoa. Porém, estava sempre fazendo perguntas e ela se sentia ameaçada com aquela mania dele. Além disso, o desgraçado era bonito como o diabo e ela, pela primeira vez em toda a sua vida, se via admirando um homem não pelas suas habilidades na guerra, ou pela sua competência, mas sim, por seu belo traseiro.

Decidida a passar a noite ali mesmo, Raden encostou-se irritada na rocha fria e começou a brincar com sua adaga.

A cada dia ficava mais difícil manter seu segredo.

Capítulo VI

“ESSAS COISAS SÃO TANTO MAIS DOLOROSAS
QUANTO MAIS DE SURPRESA NOS ACONTECEM.”

“O Conde de Monte Cristo”. Alexandre Dumas

A manhã chegou clara e ensolarada, dando a impressão de que não chovera. Ou melhor, de que o céu não desabara durante a noite e a madrugada inteiras. Ao sair da gruta onde dormira, Leila se deparou com um mundo diferente do que deixara para trás na tarde anterior. Intimamente impressionou-se com a capacidade daquela terra de manter a vida latente sob o solo ressecado do verão. Para onde quer que olhasse, havia um toque de verde, fresco e jovem, mostrando que a vida ressurgia na Palestina, a despeito das guerras e disputas mesquinhas dos seres humanos.

Esticando-se, procurou com o olhar por Raden, que não estava dentro da caverna. Avistou a guerreira, com seus habituais trajes masculinos e o lenço em torno da cabeça, lá embaixo, conduzindo os cavalos. Acenou para ela e gritou-lhe o nome.

– Raden!

A amiga acenou de volta e apontou o local onde haviam acampado na tarde anterior. Leila pode avistar ao longe Bakkar e Ragnar, ambos entretidos em preparar a refeição da manhã. Caminhando para lá, sentiu o aroma de comida que permeava o ar.

– Peixe! – Exclamou para os dois homens que assavam os pequenos pescados numa fogueira.

– Bom dia para você também. – Resmungou Ragnar, mal-humorado.

O que deu nele?, Leila pensou e logo voltou a atenção para Mark.

– Está com um cheiro ótimo, Bakkar.

O mestiço lhe endereçou um sorriso simpático, mas sua aparência era de quem pouco dormira.

– Bom dia, Leila.

– Parece que a tempestade mexeu com os humores de alguém – comentou jovial. Ragnar resmungou uma praga em sua língua.

Mark riu novamente e ofereceu um pedaço do peixe assado à jovem

– Não ligue – ele abaixou a voz como se contasse um segredo – Deve ser a lua.

Ragnar resmungou de novo e resolveu amolar seu machado. A lua, pois sim! Aquilo era frustração sexual, pura e simples. Passar a noite naquele espaço exíguo, com Leila a menos de dois passos de si, o havia deixado nervoso como um gato esquálido. E agora ela aparecia ali logo cedo, linda e descansada, enquanto ele havia dormido mal, sentindo cada pedra do chão irregular contra

seu corpo em brasas, desejando apenas agarrar a jovem sarracena e fazer amor com ela até desmaiarem de exaustão. Nem a chuva fria conseguira apagar seu fogo. Achava que nem mesmo a neve e o frio do inverno da Noruega seriam capazes de apagar as chamas que ardiam em seu corpo.

Inferno! Aquela mulher era pura tentação!

Cansado de ficar ali olhando para ela e se martirizando, Ragnar jogou o machado num canto e resolveu ir atrás de Raden. Talvez seu olhar gélido o ajudasse a afastar da mente a lembrança dos lábios doces de Leila.

Raden viu o norueguês se aproximando com cara de poucos amigos. Resolveu se colocar em alerta. Imaginou que talvez Bakkar tivesse descoberto que fora ela a se banhar na chuva na noite anterior. E, provavelmente, havia contado para o norueguês. Num gesto sutil, sua mão se aproximou da adaga. Não abriria mão de sua segurança, independente de simpatizar ou não com o grandalhão.

– Olá, garoto! – Svenson cumprimentou-a, apanhando a rédea de seu cavalo – Como eles estão, depois dessa noite infernal?

– Aparentemente tranquilos – ela acariciou o focinho de Lúcifer, observando-o de forma disfarçada. Mas, aparentemente, ele só estava preocupado com os cavalos – A temperatura mais amena fez bem a eles, apesar dos trovões.

Ragnar se interessou pelo belo animal de seu companheiro.

– Como ele se chama?

– Lúcifer – respondeu lacônica, já aguardando o próximo comentário.

– Que nome! – Ele fez uma pausa e disse algo que, ao mesmo tempo em que a surpreendeu, a fez respeitar Svenson por sua coragem em verbalizar o que muitos só pensavam ou diziam às suas costas – Combina com você.

Ela então gargalhou, espantando-o com um som rouco que parecia enferrujado pela falta de uso. Mas que era agradável de ser ouvido, vindo de alguém tão sombrio.

– Tem razão, Svenson, – ela respondeu depois de recuperar o fôlego – Combina, tanto no nome quanto no temperamento pouco sociável!

O gigante louro sorriu também, apreciando a franqueza. Aproveitando o bom humor do jovem, perguntou.

– Como o conseguiu?

– Ele pertenceu a um *mamluk* - explicou com naturalidade.

Ragnar deu um assovio admirado. Não era qualquer um que enfrentava um soldado *mamluk*, a tropa de elite que dava suporte ao sultão, e sobrevivia. Conhecia bem aqueles homens, que formavam uma classe militar à parte. Eram

um pelotão de soldados independentes, sem ligação ou compromisso com as famílias nobres, vindos de diversas partes do mundo. Serviam num estranho regime de escravidão, mas com poderes quase que ilimitados. Muitos diziam que eram eles que faziam o sultão, e que eram o próprio estado. Porém, independente do que ou de quem fossem, eram temidos aonde quer que chegassem. Vencer um deles num combate, e ainda por cima espoliá-lo, era um feito para poucos.

Raden continuou a sua história, indiferente ao espanto que causara.

– Numa escaramuça contra os sarracenos, acabei me engalfinhando com um deles. Nossa briga foi acirrada, nenhum dos dois recuava ou vencia. Afastamos do grupo, eu e ele. Num desfiladeiro, eu o embosquei e o derrubei. Mas, como ele já estava indefeso e ferido, não o matei. Poupei sua vida e o despachei de volta a sua gente, desarmado. Em agradecimento, o homem me entregou seu cavalo – acariciou a crina do garanhão com visível orgulho – dei-lhe esse nome porque ele sempre foi indomável e genioso. Comigo, porém, sempre se mostrou dócil como um cão. E já me salvou a vida muitas vezes.

– É um belo animal – Svenson, ainda impressionado com a história, passou a mão pelo focinho lustroso. Admirou-se do fato de, em poucos minutos, ter ouvido da boca do jovem mais palavras do que ouvira desde que o conheceu. Após alguns minutos de um silêncio indeciso, falou – Sobre o que viu ontem...

Raden ergueu a mão, silenciando-o. Olhou-o por um tempo, muito compenetrada, antes de dizer.

– Eu jurei ao pai de Leila protegê-la.

– Eu sei. Mas Leila... – ele se voltou para o mar, os punhos apertados ao lado do corpo – Leila é uma criatura rara. Ela mexeu comigo como mulher alguma jamais o fez. – Era estranho estar fazendo confissões tão íntimas para aquele garoto sóbrio e imberbe – contudo, prometo a você que vou me afastar dela.

A guerreira assentiu, séria. Sua voz soou mais gélida e sombria do que nunca.

– Eu agradeço, Svenson. Caso contrário, não me deixará escolher.

As palavras de Raden pairaram na brisa da manhã, e as que não foram ditas soaram mais alto do que as que haviam sido reveladas. Com o coração pesado, mas cheio de respeito pelo honrado rapaz, ele assentiu e ajudou a conduzir os cavalos para o acampamento.

A jornada em direção a Tiro foi realizada por uma paisagem totalmente diferente daquela vista no dia anterior. Para onde quer que olhassem, a vida se fazia presente na forma da vegetação rasteira que brotara após a chuva. E embora prosseguissem num ritmo moderado e tranquilo, nenhum dos três

guerreiros deixou as mãos a mais de um palmo dos punhos de suas espadas. O cuidado se justificava pela constatação de que houvera mais alguém na mesma trilha que eles, no dia anterior. Por isso, antes da partida, Raden e Bakkar haviam subido nos rochedos, a procura do grupo que ela observara. Mas, curiosamente, não viram sinal algum deles.

– Na certa se perderam na tempestade. – Mark comentou, taciturno, antes de montar em seu cavalo e seguir viagem.

Na retaguarda do grupo, o mestiço seguia ensimesmado; a visão daquela madrugada ainda em sua mente. Estaria louco? Podia jurar que havia uma mulher na praia, banhando-se na chuva. E nua! Mas de onde diabos saíra a mulher, àquela hora, naquele lugar ermo? O vilarejo mais próximo estava à milhas de distância, e não havia sinal de outra caravana ali perto. Seria uma *djin*? Ou tudo aquilo seria falta de uma mulher?

– Sim! – Decidiu num resmungo. E assim que chegassem a um lugar minimamente civilizado, acharia uma taverna, com vinho de qualidade duvidosa, camas relativamente macias e uma mulher de curvas voluptuosas, disposta a satisfazer-lhe os apetites.

– É nisso que dá ficar em abstinência por mais de uma semana, Bakkar – concluiu, incitando o animal a seguir em frente.

Raden conduzia sua montaria num passo moderado. Cavalgava ao lado de Leila, silenciosa, concentrando sua atenção na estrada e em suas próprias cismas. Bakkar não fizera comentário algum sobre a noite anterior. Menos mal. Pelo menos não teria que matá-lo. Por via das dúvidas, no entanto, resolvera se manter afastada dele. Na medida do possível, naturalmente.

Além da incerteza que pairava em sua mente, e do medo de ser descoberta, havia a sensação incômoda de ter o seu interesse despertado por um homem. Porém, tantos anos renegando sua condição de mulher em favor de sua segurança não poderiam ser jogados fora por uma bobagem como aquela. Remexeu-se na sela e espantou os pensamentos inconvenientes da cabeça. Decidiu esquecer o mestiço e concentrar-se em sua missão.

Preocupar-se com Leila e sua segurança era prioridade. Em um dia chegariam a Tiro, entregariam a jovem a família e ela, enfim, seguiria seu destino. Pediria a Ibelin que lhe desse uma missão no buraco mais distante da Terra Santa, onde não conhecesse ninguém e onde não precisasse se preocupar com uma mocinha meiga e teimosa, um gigante simpático e apaixonado e um mestiço tagarela e de traseiro bonito. Um lugar onde não se importasse em mentir descaradamente para pessoas de quem começava a gostar, e das quais sentiria uma falta enorme. Voltaria a ser como sempre fora até então. Sem pouso,

sem laços, sem nome, sem ninguém.

O clima abafado e o lamaçal no qual se transformara a trilha não contribuía nem um pouco para melhorar o humor de Vernon. Acompanhado por Gerald, discutia com seu mais recente comparsa, Tyler, um desertor inglês.

– Você é um completo idiota! – Berrava impaciente – Como não sabe onde estamos? Não disse que estávamos na pista deles?

Tyler amarrou a cara e apontou-lhe um dedo.

– Dobre a língua para falar comigo, seu franco de merda! Eu já disse; até ontem estávamos no encalço deles, mas a tempestade apagou todos os rastros.

– E agora? – Indagou Gerald, esfregando o nariz que teimava em escorrer.

– Agora teremos que ir para Tiro e apanhar nossa presa por lá. – Retrucou Vernon, olhando de forma diabólica a estrada a frente do grupo.

– Esqueça esta mulher, homem! – Contemporizou Gerald. Mas foi agarrado por Vernon, possesso que berrava à sua frente.

– Nunca! Eu a quero, entendeu? Eu a vi primeiro! – Ele gritava e sacudia o outro e, se não fosse Tyler a separar os dois, teria agredido o companheiro.

– Chega! De nada adianta brigarmos. O melhor que fazemos é pegar a estrada. Quem sabe achamos um vilarejo pelo caminho e nos orientamos. Tiro não deve estar longe.

– Sim – disse Gerald, irritado, passando as mãos no pescoço, onde Vernon o agarrara – Tiro não deve estar longe.

Ragnar estava determinado a cumprir a promessa feita a Raden. Por isso, ao longo da monótona viagem passou a ignorar deliberadamente Leila que, irritada e sem saber o motivo daquela mudança súbita de comportamento, voltou a hostilizar o norueguês. Apesar de tentar ignorar os comentários ácidos da sarracena, acabou explodindo quando o grupo parou sob um amontoado de árvores, próximas a um *wadi*, agora transbordante de água fresca. O estopim da mais aquela batalha foi o desejo de Leila se afastar do grupo para se banhar.

– Vou para trás daquelas rochas, e aproveito para lavar minhas roupas. Com este sol, vai secar bem rápido...

– Esqueça isso, menina! – Rebateu, ríspido – não há tempo para seus luxos!

A bem da verdade, não suportaria era ficar ali, imaginando-a nua, dentro da água, a apenas alguns passos de distância.

Bakkar e Raden entreolharam-se de cenho franzido, pois o norueguês não era dado a rompantes e indelicadezas. Leila, no entanto, não se fez de rogada, nem se deu por vencida. Retrucou com um dedinho apontado na direção de Ragnar.

– Luxos? Há! *Sire*, se não se importa em cheirar como um camelo, azar o seu! Eu – apontou o dedo para si mesma e encheu-se de empáfia – não gosto! Prefiro cheirar bem e estar limpa! Estou farta do pó da estrada, deste sol que me faz derreter de tanto suar, e do sal que a brisa traz do mar, e que me deixa fedendo como uma peixeira!

– Eu não cheiro como um camelo! – Ele chegou mais perto dela, obrigando-a a levantar o rosto – apenas não tenho tempo para ficar me banhando e lavando roupas a cada parada. Daqui a pouco a senhorita vai querer uma banheira com óleos perfumados... – debochou, mas logo se arrependeu, pois, a imagem de Leila numa banheira de cobre, com o corpo brilhando, perfumada com óleo de rosas e jasmims o assombrou imediatamente.

A impertinente não fez caso de seu desconforto, e nem de Bakkar e Raden que, recostados numa árvore acompanhavam a discussão tola com divertimento. Se pelo menos eles o apoiassem...

– Até que não seria má ideia! – Ela voltou à carga – Estou acostumada a ser bem tratada e não a ser arrastada pelo meio dessa terra seca e poeirenta por três cavaleiros insensíveis às necessidades de uma mulher.

– Hei! – Gritou Raden – Tire-me desta história!

– Eu também! – Completou Bakkar.

O norueguês estreitou os olhos e perguntou numa voz que tentava parecer controlada.

– E quais seriam essas necessidades, minha cara senhorita Leila?

– Simples, *sire* – ela as enumerou nos dedos – Comida decente, cama confortável e banhos regulares!

Ragnar sorriu, diabólico. Leila começou a achar que o havia provocado além da conta. Mas não daria o braço a torcer, não para aquele sujeitinho arrogante, pretensioso, autoritário e... bonito como o diabo! Cerrou os punhos e permaneceu incólume. Ele colocou a mão no queixo, pensativo.

– As duas primeiras não estão disponíveis no momento, senhorita, – a voz dele era macia – mas a última creio que pode ser arranjada.

Os olhos de Leila brilharam de contentamento e ela, desavisadamente, baixou a guarda.

– Está falando sério?

– É claro, pequenina – ele respondeu com um sorriso demoníaco, que alterou totalmente suas feições, transformando-o num perigoso predador.

Tarde demais Leila percebeu seu erro.

Jogando-a sobre os ombros, Ragnar contornou as rochas e foi em direção ao *wadi*. Raden, ao ver a cena, tentou se levantar, mas Bakkar a reteve pelo punho, com uma expressão marota.

– Deixe-o, garoto. Sven não vai fazer mal a moça, só vai lhe dar uma lição. É bom que ela o enfrente, tem que aprender a se defender.

– A segurança dela é minha responsabilidade. – Argumentou seriamente.

– Ora, Raden! Tenha um pouco de bom humor! Por que tudo para você tem que ser certo ou errado, preto ou branco? – E dando um tapinha em sua mão completou – Sente-se e divirta-se! O máximo que pode acontecer é Leila acabar arrancando os olhos dele.

Meio a contragosto, a guerreira concordou.

Leila nunca estivera em posição tão humilhante. De cabeça para baixo nos ombros de Ragnar, berrava e o esmurrava, tentando sem sucesso fazer o guerreiro largá-la. Estava tão irada que despejou sobre ele um vocabulário digno de uma lavadeira.

– Ponha-me no chão, seu brutamontes! Filho de uma camela! – Ela esperneava e ele tentava a custo controlá-la.

– Vou lhe soltar já, já, mocinha. E vou lhe dar o que pediu. – E parando na beira da água, falou – Sua necessidade será atendida. – Dito isto, num movimento ágil, derrubou-a na água fria, fazendo Leila dar um grito cheio de raiva. Rindo, olhando-a emergir encharcada e com os cabelos emaranhados a frente do rosto, sentenciou. – Isso é para aprender que nem tudo é do jeito que você quer, senhorita! Seu pai era um bom homem, mas deveria ter lhe dado umas boas palmadas para você não ficar tão mimada!

– Seu grosseirão, ignorante! – Ela tentava em vão andar pelo fundo irregular do pequeno poço – Vou matá-lo quando sair daqui! Você me paga! Eu juro! – Leila batia irada com os punhos na água – E tire esse sorriso da cara! Cretino!

– Ora! – Ele cruzou os braços sobre o peito largo, o sorriso deliberadamente cínico – Você não queria um banho? Eu lhe dei um. Aproveite.

Com um sorriso debochado, deu-lhe as costas e foi andando para o acampamento. Estacou no lugar quando Leila gritou.

– Pelo menos eu não vou cheirar como um camelo!

– Criança – disse por sobre os ombros, a voz macia mal ocultando o sarcasmo de suas palavras – eu não cheiro como um camelo, menina. Cheiro como um homem.

Leila ficou olhando para as costas do guerreiro que se afastava a passos largos. Teve que concordar. Sim, ele cheirava como um homem. E a excitava tão profundamente quanto a exasperava.

Raden e Bakkar, distraídos com um jogo de dados, no qual a guerreira já

arrancara algumas moedas do mestiço, surpreenderam-se quando Ragnar retornou, – carrancudo e sem Leila – para perto deles.

– Onde está Leila? – Raden perguntou.

– Tomando banho. – Respondeu ele, lacônico.

A guerreira franziu o cenho, irritada.

– O que diabos está acontecendo? Por que vocês brigam tanto? Céus! Pensei que tinham parado com isso, mas hoje foi demais!

– O garoto tem razão, Sven! – Mark comentou com um sorriso divertido – Vocês parecem cão e gato.

– Aquela mocinha acaba com a minha paciência! – Ele bateu com seu pé enorme no chão, como um garoto birrento – Onde já se viu, na situação em que estamos, ficar fazendo exigências! Ela pensa que ainda está na casa do pai, com serviços para atender-lhe os menores desejos! Só pode ser...

Ragnar não conseguiu completar a frase. Um grito de pânico colocou os três de pé.

– Merda! – Xingou Raden, correndo na direção do *wadi*. – Leila!

Sem outro remédio além de tirar as roupas e aproveitar o banho, já que estava ensopada mesmo, Leila começou a apreciar a água fresca e a tirar a sujeira do corpo. No dia anterior, quando se lavara na chuva, ela permanecera com as roupas de baixo. Naturalmente, seria impossível se contentar com aquele arremedo de banho. Aproveitou então para tirar todas as peças, ficando totalmente despida. Esfregou-se com o próprio véu e estava lavando as roupas, quando um movimento sinuoso sobre a rocha perto da margem a fez paralisar.

Uma ameaçadora serpente escorregava sobre pedra, olhando fixamente para ela. Sem que percebesse, um grito apavorado saiu de sua garganta. Em segundos, Raden, seguida por Ragnar e Bakkar, chegaram até ali. Mas para ela pareceu uma eternidade até que a amiga e seus companheiros entrassem em seu campo de visão.

– Fique quieta Leila! – Gritou-lhe o mestiço. – Não faça nenhum movimento. Esta serpente é muito venenosa.

Leila teve ímpetos de rir histericamente. Como ela iria se mexer, se sequer se atrevia a respirar?

Svenson e Raden não tinham noção do que poderiam fazer.

– Meu arco... – a guerreira falou baixo.

– Não há tempo – retrucou Mark, puxando uma faca da bota – fique quietinha Leila. Não... – ele ergueu a mão, estreitou os olhos castanhos e fez pontaria – se... – respirou fundo e fez uma prece – ...mexa.

O som seco da lâmina varando o corpo do animal demorou a penetrar nos

ouvidos de Leila. Mas Raden já se adiantava, e estendia-lhe o manto ainda molhado para que ela pudesse sair da água.

– Tome, menina. Cubra-se e saia logo daí.

Ragnar e Mark se voltaram respeitosamente para o outro lado, enquanto a moça passava por eles, com Raden atrás dela recolhendo as outras peças de roupa. Somente quando elas saíram de vista foi que Ragnar se permitiu respirar aliviado.

– Bela pontaria, Bakkar.

Mark deu a volta e recolheu a arma, limpando-a na água. Em seguida olhou para Ragnar com um meio sorriso:

– Acho que Leila aprendeu muitas lições por hoje.

– Sim, e creio que ela há de querer sua revanche.

Mark riu com vontade.

– Então se prepare meu amigo, porque a baixinha parece ter a alma de uma tigresa!

Ragnar revirou os olhos e calculou a distância até Tiro, tentando imaginar o que a pequena Leila aprontaria contra ele naquele curto espaço de tempo.

Do outro lado das rochas, Leila, enrolada num albornoz, secava furiosamente os cabelos. Ignorando sua ira, Raden esticava as roupas sobre as pedras para que secassem. A moça resmungava pragas em árabe e na língua dos francos.

– Odeio Ragnar Svenson! Odeio aquele brutamonte arrogante! Filho de uma camela!

A guerreira achou graça ao ouvir a delicada Leila despejar aos quatro ventos o vocabulário digno de uma mulher dos portos. Porém, concordava com Bakkar. Ela irritara demais o sempre gentil Ragnar.

– Ora, Leila! Chega disso. – Resmungou – estou ficando com dor de cabeça de tanto escutar você resmungar!

– Você está contra mim, Raden? – Leila fez um beicinho. – Eu achei que sua missão fosse me proteger! E você deixou aquele bruto me jogar na água!

– Pois agradeça o fato de ele apenas tê-la jogado na água, Leila! Se fosse comigo, eu teria lhe dado umas boas palmadas!

– Raden!

– Leila, – ela andou até a moça, pisando duro, e falou em voz baixa – eu sei muito bem o que aconteceu na praia entre você e Ragnar! – A moça arregalou os olhos, corando. – Espantada? Pois eu os vi, e vi também que Ragnar é honrado ao ponto de tê-la mandado embora dali antes que as coisas ficassem mais quentes do que já estavam entre vocês dois!

– Raden, mas como...?
– Eu estava no alto dos rochedos, e se ele não tivesse parado, eu mesma o teria acertado lá de cima!

Leila deu um grito de espanto.

– Você... você o mataria?

– Claro que não, Leila. – A guerreira ergueu uma das sobrancelhas. – Mas ele ficaria com uma bela flecha no traseiro. Portanto, – ela lhe apontou o dedo – pelo seu bem e pelo bem dele, pare de provocá-lo. Ragnar é um sujeito honrado, mas é um homem normal, com apetites normais. Se não pretende levar adiante suas brincadeiras, não o provoque. E não o subestime! Debaixo daquela capa de gentileza há um verdadeiro predador, que eu já vi num campo de batalha. E, acredite-me menina, se a paixão dele for do mesmo tamanho de sua fúria, você não saberia nem por onde começar com o norueguês!

– Ora, e o que você entende de paixão? – Rebateu a mocinha, insolente – você mesma disse que não sabe nada sobre isso...

Raden a interrompeu, brusca, a voz vibrando de irritação.

– Eu não entendo de paixão, Leila, mas conheço o estrago que a luxúria de um homem pode fazer a uma mulher! Agora, vista-se e trate de não me criar mais problemas!

Assustada, Leila voltou a sentar-se de encontro à árvore. Entretanto, seu temperamento e seu gênio jamais se conformariam com a derrota. E, silenciosamente, seu cérebro trabalhava numa maneira de dar o troco em Ragnar Svenson.

Quando o sol forte já começava a baixar, o grupo recomeçou sua marcha. Bakkar, apesar do desejo de parar numa taverna, achou por bem passarem ao largo de Acre, que estava sob o domínio de Saladino. Apesar de o sultão ter permitido trânsito livre aos viajantes, ele preferiu evitar confusão. Não seria nada bom ser reconhecido. Sendo assim, só alcançaram um pequeno vilarejo pouco depois de a noite cair, já a meio caminho de Tiro. Raden emparelhou sua montaria com a dele e sugeriu.

– Poderíamos passar a noite por aqui. Leila está a ponto de cair da montaria de tanto cansaço.

Mark olhou para trás e, vendo a moça que cabeceava sobre a sela, concordou com o rapaz.

– Tudo bem. Vamos ver se há uma casa de pastores que queiram nos acolher, já que esse lugar parece totalmente desprovido dos confortos de uma civilização.

Raden ergueu uma das sobrancelhas.

– Você está se referindo a mulheres de vida fácil? – Bakkar sorriu. – Será possível que não pensa em outra coisa, homem?

– E há algo melhor para pensar, garoto? – Ele mediu o soldado de cima a baixo. – Até parece que você também não gosta! Ou será que você é virgem, Raden?

A guerreira deu graças a Deus pela pouca luminosidade que encobriu o rubor de suas faces, e sua voz soou mais irritada do que de costume.

– Ora, Bakkar! É claro que não! E pare de se meter na minha vida!

O mestiço não se fez de rogado.

– Há! – Ele gritou espalhafatosamente no meio da estrada. – O garoto é virgem! – E chegando perto dela, deu-lhe um tapa nas costas. – Pois quando chegarmos a Tiro, resolveremos seu problema, rapaz. Conheço uma bela senhora que vai adorar iniciá-lo nas artes do amor. Talvez um dia você se torne quase tão bom nelas quanto eu! – Completou, convencido.

Raden afastou sua montaria da dele, resmungando impropérios. Era só o que lhe faltava! Aquele idiota querer apresenta-la a uma prostituta! Maldita hora em que havia salvado sua vida.

Naquela noite, Leila, exausta da viagem, mal acabou de comer, caiu no sono, enrolada num manto perto de Raden. O grupo se instalara no estábulo de uma família de pastores de cabras, e dividiam o espaço com os animais. Porém, nem o ruído dos bichos foi capaz de despertar a moça de seu sono profundo.

Olhando a pequena teimosa em seu descanso, Ragnar, apesar da briga daquela tarde, se sentiu completamente enternecido. Suspirou, sentindo uma estranha melancolia. Seria difícil deixar Leila para trás. Pensar em nunca mais vê-la fez crescer um enorme vazio em seu peito. Pena que em sua vida não havia espaço para uma esposa e filhos. Se houvesse, ele faria o impossível para domar aquela gatinha birrenta que mexera com seu coração de guerreiro.

Tiro

Quando embarcara num navio na Noruega com a missão de achar Ragnar Svenson na Terra Santa, Hrolf Brosa sabia que sua tarefa seria mais complicada do que encontrar uma agulha num palheiro. Ele era considerado o melhor rastreador de sua terra, e a família Svenson contava com seus serviços desde que era um rapazinho. Desta vez, entretanto, em seus trinta e cinco verões de vida, e mais de vinte como rastreador, ele se sentia realmente perdido, sem pista alguma do paradeiro de seu amigo.

Alimentara a esperança de encontrar o jovem Svenson em Jerusalém. Mas com o cerco e a rendição da cidade o exército cristão se dispersara, e a ele só cabia vasculhar Tiro e seus arredores, na esperança de encontrar alguma pista de

Ragnar entre os refugiados.

Blake, assassino profissional, inglês por nascimento, exilado por opção, caminhava em direção ao prostíbulo mais movimentado do porto de Tiro. Em sua opinião, aqueles eram os melhores lugares, junto com as tavernas, para se conseguir qualquer tipo de informação. Desde a situação política de um país até as fofocas das alcovas locais, tudo passava pela mesa de uma taverna, ou pela cama de uma prostituta, entre um e outro copo de vinho ou canecas de cerveja.

O rastro de seu alvo estava difícil de seguir. Mas ele tinha tempo. O importante era chegar até ele antes de Brosa, o rastreador. Os opositores do rei o haviam pagado para eliminar Svenson, um possível reclamante ao trono Norueguês. Apesar de o camarada jamais ter mostrado qualquer interesse no assunto, se retirando do reino por livre e espontânea vontade, seus contratantes achavam que ele poderia mudar de ideia, tornando-se uma ameaça aos planos de derrotarem os *Birkenbeiners* e seus aliados, já que os Svenson eram muito ricos e uma poderosa força política na região.

Blake sorriu com maldade, repuxando a cicatriz em seu rosto. Pouco se importava com as razões de seus contratantes. Tudo o que tinha que fazer era acertar o bastardo, eliminando-o do caminho daqueles que o pagavam. E eliminar pessoas era o que ele sabia fazer de melhor.

Um pouco antes do nascer do sol, o grupo deu início à última etapa da viagem. Tencionavam chegar a Tiro perto do meio dia, e por isso, não fariam mais nenhuma parada. Exausta, Leila não encontrava forças sequer para implicar com Ragnar, que cuidadosamente se mantinha a distância. Mas na cabeça da jovem ainda estava a lembrança da peça que ele lhe pregara, e o desejo de uma revanche. Quando o sol já estava alto, e todos se sentiam cozinhar em suas cotas de malha e túnicas, as imponentes muralhas de Tiro e os navios ancorados em seu grande porto surgiram no horizonte.

– Oh, céus! – Leila exclamou. – Nem acredito que estamos chegando!

– Daqui a meia hora já estaremos na cidade. – Raden emparelhou sua montaria com a da moça. – Iremos direto a casa de sua tia?

– Sim! Não aguento mais tanto desconforto! – Reclamou, fazendo a guerreira revirar os olhos. – Minha tia Sophia tem uma bela casa no lado sul da cidade, de onde se pode ver o mar e o aqueduto romano.

Raden olhou para frente, fazendo Lúcifer desviar das pessoas a pé, que iam e vinham pela via de pedras da época dos Césares. Depois, voltou a falar.

– É realmente uma cidade imponente. Desembarquei aqui há alguns anos, quando vim de Toledo. – Mark, que ia mais a frente com Ragnar, ficou de

orelhas em pé. Raden falando de seu passado? Que milagre! Ficou atento, desejando captar alguma informação sobre o misterioso soldado que interessasse a Ibelin. A guerreira, sem suspeitar que era alvo de sua atenção, continuou a falar com Leila. – Eu tinha uns dezessete anos e viajava com um grupo de cavaleiros que partiu da França. – Sorriu, fazendo troça de si mesma. – Enjoei boa parte da viagem!

– Você deve ter viajado um bocado! – Leila encorajou-a.

– Mais do que seria capaz de sonhar... – seus olhos então se encheram de melancolia e ela se voltou na direção do porto. Espantando as lembranças ruins para o fundo da mente, mudou de assunto. – Sua tia é muçulmana?

– Não, ela é irmã de minha mãe. É cristã. Mas isso não me importa. – Deu de ombros, enfatizando o que dissera. – Meu pai me ensinou a respeitar todos os credos. Na verdade, nos últimos tempos, creio que deixei esses assuntos um pouco de lado. Tantas coisas aconteceram... – enxugou uma lágrima furtiva ao se lembrar do pai e tentou sorrir – bem, mas agora tenho que recomeçar minha vida. Vamos, estamos chegando ao arco de entrada. – Apontou – não é bonito?

A casa da tia de Leila ficava num bairro abastado da cidade. Pelo que a jovem contara, a mulher era viúva de um rico comerciante e vinicultor. E morava numa bela casa, numa parte mais elevada de Tiro, com vista para as águas azuis do Mediterrâneo. Ao pararem as montarias à frente da imponente residência, Mark se adiantou e ajudou Leila a apear.

– Nervosa? – Perguntou com um sorriso gentil.

– Um pouco, Bakkar. Faz tempo que não vejo minha tia Sophia. – Levou a mão à altura do peito e comentou em voz baixa. – Estou com uma sensação estranha, um mau pressentimento...

Ele lhe deu o braço e tranquilizou-a.

– Deixe disso, menina. Deve ser só o cansaço. Vamos entrar?

Ela assentiu e Mark a acompanhou até o portão de ferro trabalhado, que dava para um jardim. Um sino com uma corda foi tocado, anunciando os visitantes. Alguns minutos depois, um homem magro e moreno vinha até o portão.

– O que desejam? – Ele perguntou com cara de poucos amigos, estudando as roupas empoeiradas e as bagagens do grupo.

Leila reconheceu o empregado de sua tia, Patrus.

– Não se lembra de mim, Patrus? Sou Leila, filha de Bharakat.

O rosto do criado demonstrou um choque momentâneo, mas logo foi substituído por uma expressão servil. Afastando-se da passagem, apressou-se em convidá-los a entrar. Ao passar por ele, Leila pediu.

– Estou acompanhada por estes *chevaliers*, que me escoltaram a pedido de meu pai de Jerusalém até aqui. Gostaria que suas montarias fossem cuidadas e que eles fossem alojados na casa de minha tia.

– Claro, senhorita. Por aqui. – Ele disse enquanto seguia na frente e abria as portas duplas que davam no vestíbulo.

O frescor do piso de cerâmica e da fonte que decorava o belo pátio central os atingiu em cheio. Ragnar e Raden, que vinham mais atrás, ficaram impressionados com o lugar. Leila, por sua vez, sequer reparou na decoração. Estava ansiosa para ver sua parenta.

– Onde está tia Sophia, Patrus?

O criado olhou para a jovem, muito sem jeito e depois para os guerreiros que a acompanhavam.

– Senhorita Leila, pensei que soubesse...

– Soubesse de quê, Patrus? – Indagou ela, apertando as mãos, ficando com a boca seca.

– A senhora Sophia morreu no mês passado.

Sentindo a vista escurecer e o sangue gelar ante a constatação de que estava sozinha no mundo, Leila simplesmente caiu no chão, desfalecida.

Capítulo VII

“MAIS UMA IMAGEM QUE SE AFASTA
NA MINHA PROCURA NO DESERTO POVOADO DE MIRAGENS.”

“De Annabella a Zuleica: a Procura do Amor”. Mansour Chalitta

Ragnar correu para amparar Leila, e sem a menor dificuldade, ergueu o corpo delicado nos braços e depositou-a com gentileza num divã.

– Devia ser mais sutil ao dar uma notícia dessas, homem! – Admoestou o criado – a pobrezinha já sofreu demais com a morte do pai.

Patrus arregalou os olhos.

– *Sidi* Bharakat morreu?

– Sim – falou Raden jogando seus pesados alforjes no chão e largando-se totalmente sobre um sofá. O criado a olhou atravessado, e quase teve uma síncope quando ela esticou as longas pernas envoltas numa calça escura e os pés metidos em empoeiradas botas sobre o estofamento adamascado. – Ele morreu no dia em que Jerusalém capitulou.

Mark sorriu ante a indignação do criado com a falta de modos do soldado. E se sentou cheio de classe numa cadeira.

– Há mais alguém na família de Leila, meu bom homem?

– Infelizmente não, *sire*... – Patrus voltou os olhos para Leila – vejam, ela está despertando.

Ragnar, que permanecera ao lado da moça todo o tempo, olhou em seus olhos tristes e falou, segurando-lhe as mãos.

– Eu sinto muito.

Leila atirou-se nos braços dele e chorou copiosamente, sem se importar com nada mais. Seu mundo desabara completamente. De filha amada e protegida, passara a uma mulher completamente só. Imaginou que era assim que Raden devia se sentir. *O que farei agora*, indagou-se, sentindo o calor dos braços do cavaleiro a envolvê-la. Que rumo iria tomar sua vida, que sempre fora tão certa, tão previsível? O que ela, que sempre fora cercada de carinho e atenção pelo pai e pela velha Khadija, faria dali por diante? Tinha tanto medo de ficar só!

Depois de dar vazão às emoções turbulentas que a envolviam, Leila concluiu que de nada adiantaria continuar se lamentando. Nada mudaria. Enxugando as lágrimas que ainda teimavam em descer de seus olhos, afastou-se de Ragnar e agradeceu-lhe o apoio. Em seguida, abandonou a atitude de autocomiseração, pois não fora assim que seu pai a educara. Encontraria forças dentro de si mesma para reagir. Não poderia fraquejar. Não depois de tudo o que passara até chegar ali. Não podia decepcionar seu pai. Ergueu-se do divã e ordenou a Patrus.

– Eu quero que me prepare os aposentos de minha tia, aonde irei me

instalar. Deve preparar também um aposento para cada um de meus amigos. Eles ficarão aqui até que essa situação toda se resolva, – e virando-se para os três, ainda secando as lágrimas, falou – nem pensem em recusar. Depois de tudo o que fizeram por mim, é o mínimo que lhes devo em retribuição. – Raden e Mark trocaram um olhar de aprovação. Ragnar, por sua vez, impressionado com a atitude decidida da moça, não despregava os olhos dela. A jovem prosseguiu. – Mande preparar um banho para mim, e atenda a todas as necessidades de meus amigos. E mande o administrador de minha tia vir falar comigo. – Completou. – Já que ela se foi, quero saber em que pé ficaram seus negócios e suas propriedades.

Patrus, ao ouvir aquilo, empalideceu e argumentou.

– Mas a senhorita acabou de chegar...

Leila voltou-se para ele, erguendo o queixo e assumindo o papel para o qual fora educada por toda a sua vida. O de eficiente administradora de uma casa.

– Por isso mesmo, Patrus. Tenho que me inteirar de tudo. Tia Sophia sempre foi uma mulher cuidadosa. Na certa não iria querer que suas coisas ficassem abandonadas. Vá, faça o que lhe ordenei.

O criado assentiu, seu rosto a imagem da servidão. Mas, por dentro, fervia de ódio. Enquanto se distanciava da sala, lançou mais um olhar discreto para trás.

O grupo sujo e empoeirado destoava dos móveis finos e do piso de mosaico. Usavam roupas rotas, mantos esfarrapados e certamente não viam um banho há dias. Cheiravam a pó e a cavalos. E a garota petulante, então? Não era nada refinada, além de ser órfã de um mercador sem nenhum destaque ou posição social. Não podia acreditar naquele pesadelo. Pisando duro, seguiu em frente, ruminando sua raiva. Maldição! Tinha certeza de que ela e o pai haviam morrido no cerco a Jerusalém! Agora que ele estava tão perto de colocar as mãos na fortuna de Sophia, ela tinha que aparecer?

Raden suspirava dentro da banheira de cobre. Deliciava-se com o banho como há muito tempo não fazia. Para ter privacidade, enxotara as criadas que se ofereceram para banhar o jovem *chevalier*. Trancara a porta e assumira ela mesma aquela tarefa. Como era bom tomar banho, lavar os cabelos e deixar o lenço de lado por algum tempo! Deu mais um suspiro, soprando as bolhas de sabão que haviam grudado em seu rosto. Pegou um jarro e com ele começou a enxaguar a cabeleira ensaboada. Seus cabelos longos, sempre escondidos sob aquele pedaço de tecido, eram seu orgulho secreto, a única concessão a sua feminilidade.

Ela já pensara em cortá-los muitas vezes, como fazia na época em que morava com Edouard. Mas seu rosto, com o fim da adolescência, havia adquirido traços mais femininos, e mesmo com os cabelos bem curtos, ficava difícil se passar por homem. O lenço lhe permitia cobrir também o pescoço, disfarçando a ausência do pomo-de-adão, sempre mais pronunciado no sexo masculino.

Aquela vida estava começando a cansá-la, pensou irritada. E a se tornar perigosa. Quando era sozinha, não tinha problemas para manter seu segredo. Porém, convivendo diariamente com aquelas pessoas, logo algumas atitudes suas iriam chamar atenção. Aliás, aquele mestiço intrometido já começara a ter ideias a respeito do jovem Raden, como levá-lo a perder a suposta virgindade num prostíbulo.

– Céus! – Resmungou, afundando na água morna. – Em que confusão fui me meter?

Depois de chapinhar mais um tempo na água, resolveu sair e se secar. Em poucos minutos terminou de se vestir e secar os cabelos. Envolheu-os com um lenço limpo e saiu para o corredor. Ao passar pelo aposento ao lado, a porta se abriu e uma criadinha, ajeitando as roupas, corada e risonha, saiu de lá, seguida por Mark al-Bakkar. O mestiço, com os cabelos negros úmidos, trajava apenas uma toalha branca enrolada na cintura. De seu tórax moreno e bem feito, escorriam gotas de água.

– Hei, Raden, não se divertiu também? – Disse ele, mordendo um figo e recostando-se no batente da porta com o sorriso mais sem-vergonha que ela já vira na face da terra.

– Ora, Bakkar! Tenho mais o que fazer!

Ele deu uma gargalhada e sentenciou.

– Em breve garoto, vou levá-lo à casa de Isabella, e daí ela vai acabar com essa sua timidez!

Apertando o passo, Raden saiu das vistas dele. Era só o que lhe faltava! Aquele mestiço transformar o fim da virgindade do jovem soldado em uma cruzada pessoal.

Ragnar tomara banho e se barbeara. Também havia se vestido com esmero, sentindo-se como gente outra vez.

– Quero ver a senhorita-nariz-em-pé dizer que cheiro como um camelo! – Resmungou consigo mesmo, ajeitando o cinto sobre as dobras da túnica.

Um criado o avisara que Leila esperava a todos na sala de jantar. Quando abriu as portas de seus aposentos, deu de cara com o homem, que o conduziu até lá. Ao cruzar o umbral, sua respiração se tornou pesada, e seu coração falhou

uma batida, disparando logo a seguir. Boquiaberto, olhava para o outro lado da sala, como se toda a cavalaria do sultão estivesse vindo ao seu encontro. O veterano Ragnar Svenson não estava preparado para aquele ataque. A transformação de Leila o pegara de surpresa, e agora era impossível defender sua posição. E o seu coração.

Acostumado a vê-la só com roupas do dia-a-dia, foi assombrado pela visão que considerou a mais impressionante de sua vida.

Do lado oposto da sala, próxima porta que se abria para o jardim de frente para o mar, estava Leila. Vestia um diáfano vestido coral, cuja seda de damasco brilhava em diferentes cintilações à luz das lâmpadas de azeite. Sua cabeça estava coberta por um véu finíssimo, um tom acima daquele do vestido, preso a cabeça da moça por uma tiara, feita de centenas de pequenos e delicados aros de prata. Os brincos, finíssimas argolas também de prata, pendiam das orelhas delicadas e o colo, meio exposto acima do decote, era enfeitado por uma pedra de jade engastada num magnífico colar de prata entrelaçada.

As mãos traziam pequenos arabescos de *henna* e as unhas estavam escuras pelo mesmo material. Alguns anéis as enfeitavam. Os olhos estavam delineados pelo *khol* e os lábios de Leila, que não trazia o rosto coberto naquele dia, vermelhos e cheios, eram a imagem da perdição. Parecia que ela estava vestida exclusivamente para tentar um homem. E Ragnar sentia-se mais do que tentado. Ele estava abrasado, extasiado, enlouquecido e a ponto de atirá-la sobre a mesa baixa de jantar, arrancar suas roupas finas e caras e possuí-la ali mesmo.

Passando pelo amigo embaçado, Mark adiantou-se e galantemente beijou a mão de Leila.

– Boa noite, Leila. – Sorriu – está encantadora esta noite.

– Obrigada. – Ela agradeceu com um meneio e expressão coquete. – Mandei que preparassem uma refeição mais formal hoje, pois o administrador de minha tia, Yosef, virá jantar conosco. Eu mandei chamá-lo para discutir as questões do legado de tia Sophia.

Na verdade, Leila fizera questão de se apresentar daquela forma apenas para impressionar o norueguês. E os trajes que haviam sido de Sophia estavam causando o efeito que esperava. Queria deixar Ragnar de queixo caído por ela, principalmente depois de ter sido classificada como uma criança. E ainda por cima, mimada. Pois sim! Pelo silêncio dele, e pela sua cara embaçada, ela parecia ter atingido seu objetivo.

– Fez bem, Leila. – Mark prosseguiu, indiferente a tensão entre a jovem anfitriã e seu amigo. – Se precisar de ajuda, pode contar comigo. Meu avô me fez estudar as leis.

Ragnar, cada vez mais carrancudo, sentou-se ruidosamente numa cadeira

estofada sem dizer uma palavra sequer. Não acreditava no que via! Bakkar estava jogando seu charme para cima de Leila? Ah, se ele pegasse aquele cretino metido a conquistador!

Leila olhou de soslaio para o norueguês, orgulhosa de si mesma. E pensou que todo aquele trabalho que tivera para se vestir e impressioná-lo não fora em vão.

Mark estava se divertindo ao ver Ragnar, todo arrumado e perfumado como um nobre, completamente abobalhado pela linda mocinha. Tinha a impressão de que o velho amigo estava completamente apaixonado por ela. Talvez, ele pudesse dar um empurrãozinho para aqueles dois...

Raden entrou na sala, desviando a atenção de todos. Como de costume, usava trajes negros, mas estava livre do pó da estrada. Suas roupas limpas acentuavam a sisudez do rosto jovem e o verde de seus olhos. Mark abafou uma praga ao vê-lo entrar. Seria impossível ajudar o amigo a fazer as pazes com Leila na presença do rapaz. Raden parecia uma ave de rapina, cercando a moça e olhando para Ragnar com uma expressão que parecia dizer: aproxime-se e eu o mordo! Francamente! Aquele garoto não sabia mesmo como levar a vida. Súbito, uma ideia lhe passou pela cabeça.

As garotas do bordel de Isabella iriam gostar muito de se divertir com o tímido rapaz. Esboçando um sorriso, decidiu que, após o jantar, o convidaria para dar uma volta por Tiro e o levaria até lá. Assim, mataria dois coelhos de uma só vez. Tiraria Raden do pé de Leila e Ragnar e, ainda por cima o garoto perderia a virgindade com uma bela e experiente meretriz, no mais caro bordel de Tiro. Seria uma boa recompensa por ele ter lhe salvado a vida.

Rindo consigo mesmo, Mark congratulou-se.

Você é um gênio, Bakkar.

As notícias que o velho Yosef trouxera para Leila eram as mais surpreendentes possíveis. Ela ficou muda enquanto era informada de que a tia havia lhe deixado toda a sua herança. O vasto espólio consistia numa série de propriedades, incluindo a casa em Tiro, alguns vinhedos, uma fazenda de ovelhas e até uma frota de navios mercantes.

– Misericórdia! – Exclamou a mocinha. – É muita coisa! Eu não fazia ideia...

– Sua tia era muito rica, minha jovem – disse-lhe Yosef – E eu já estava preocupado com o fato de você ter desaparecido. Ainda bem que chegou.

– Mestre Yosef, eu não sei nem por onde começar a cuidar de tudo isso!

– Se aceitar meus préstimos, posso continuar administrando os bens para

você e ensiná-la a cuidar de tudo.

– Certamente é uma boa proposta, senhorita – interveio Ragnar, saindo pela primeira vez do mutismo em que mergulhara desde o início do jantar. – Mestre Yosef mostrou ser um competente administrador. Pelo que vemos, os negócios de sua tia são muito prósperos.

Leila torceu o nariz para o norueguês. O velho administrador nem percebeu.

– Obrigada pelo elogio, *chevalier* Svenson. – Yosef agradeceu. – Eu e a senhora Sophia éramos muito amigos, e eu fazia questão de conduzir seus negócios da melhor maneira possível. Sei que está abalada com a perda de sua tia, senhorita, – Leila assentiu em agradecimento – mas o quanto antes começar a se inteirar de tudo, melhor será.

– Concordo, Yosef. Ao menos irei me distrair e esquecer tudo o que passei.

E provavelmente me esquecer também, pensou Ragnar amargo, enquanto tomava seu vinho.

Decidido a dar uma chance para Ragnar e Leila terminarem com o clima pesado e se entenderem, Mark, mal Yosef se despediu, carregou Raden a tiracolo com a desculpa de que queria ir até o palácio do senescal saber notícias de Ibelin. Mesmo argumentando muito sobre sua missão de proteger a moça, Raden simplesmente não conseguiu se livrar do insistente Bakkar. E foi-se com ele, carrancuda e resmungando baixo.

Da sacada, Leila viu os dois partirem pela noite adentro. Sozinha com Ragnar, exceto pela criada que recolhia a louça usada, parecia tão deslocada quanto ele.

Quando criados já haviam retirado a mesa do jantar e apagado a maior parte das lâmpadas de azeite, ela suspirou pela milésima vez e se acercou da janela. Olhou para o aparador, onde os serviçais haviam deixado algumas bandejas com frutas e um jarro de chá de hortelãs. Desconfortável com o silêncio, observou a cidade praticamente às escuras. Saboreou a sensação da brisa do mar sobre a pele e observou o agitar suave das finas cortinas de cambraia. Não pode se furtar de pensar em Ragnar, em seu toque sobre seu corpo, naquela tarde na praia.

Ele estava excepcionalmente bonito naquela noite, observou, olhando-o de soslaio. Naquele tempo todo em que convivera com ele, jamais o vira tão bem vestido.

A túnica azul-escuro acentuava o tom dourado de sua pele e os ombros muito largos. As botas de couro cru envolviam as pernas longas e musculosas até pouco abaixo do joelho, onde a calça de lã clara evidenciava as coxas fortes, de músculos bem delineados. E os olhos... ah, aqueles olhos tão claros, pareciam tragá-la para um poço sem fundo.

Leila olhou novamente de esguelha. Ele estava do outro lado da sala, mexendo com as peças de marfim de um jogo de xadrez. Os cabelos louros estavam presos com uma tira de couro atrás da nuca e o bigode fora bem aparado. As pequenas argolas de prata que pendiam de suas orelhas conferiam-lhe um ar perigoso, como um pirata das histórias das Mil e Uma Noites que Khadija lhe contara. Seus olhos acompanharam a mão grande, coberta com uma penugem platinada, ao moverem uma peça do jogo.

Inconscientemente, Leila passou a língua sobre os lábios ao lembrar-se delas em seu corpo. Suspirou tão alto que atraiu a atenção dele.

Sem erguer os olhos do jogo, Ragnar disse.

– Se continuar me olhando assim, Leila... – Ele deixou as palavras no ar.

Contudo, naquela noite, ela não queria e deixar nada no ar. Nada mal explicado ou entendido pelo meio. Sentia-se, de certa forma, uma outra pessoa, em outra vida. Empinou o queixo e rebateu.

– Se eu o olhar assim, – ela falou em voz baixa, voltando-se para a janela, fechando os olhos para que a brisa beijasse sua pele abrasada – o que acontecerá, Ragnar?

A voz dele, soando bem perto de seu ouvido, a assustou, pois ele não fizera nenhum som ao se aproximar dela.

– Se me olhar desta forma, pequenina, terei que beijá-la – ele correu as pontas dos dedos sob o véu, tocando-lhe a nuca, fazendo-a arrepiar-se. Seus mamilos enrijeceram-se sob o vestido. – E se eu a beijar, não sei se terei forças para parar...

Leila inclinou a cabeça para trás, deleitando-se com o toque sutil e sensual. Aquele homem tinha o poder de enfeitiçá-la. Sentia o calor do corpo dele bem próximo ao seu. Uma ânsia louca de se encostar em seu peito largo tomou conta dela. Já não havia mais nada, nem ninguém ao seu lado. Toda sua vida estava de pernas para o ar. O que teria a perder? Apenas aquilo que não ousasse tentar.

Decidiu se atirar de cabeça na poderosa emoção que a assolava e, quem sabe, talvez descobrisse que Ragnar Svenson, apesar das arestas entre eles, estava escrito em seu futuro desde sempre. Respirou fundo, tentando se sentir segura. Impossível. Ainda assim...

Amanhã seria outro dia. *Maktub*.

Num sussurro, respondeu.

– Não pedirei para parar.

Raden engoliu em seco ao entrar naquele palacete. Desta vez ela estava mesmo em maus lençóis. Bakkar não sossegara enquanto não a arrastara para o prostíbulo mais famoso de Tiro, onde mulheres de todo o mundo e para todos os

gostos desfilavam na frente dos homens, trajando exíguos pedaços de pano. E onde homens de todos os lugares deixavam suas moedas em troca da luxúria evidente a cada gingar de quadris.

Bakkar parecia ser um frequentador assíduo, observou, já que a opulenta Isabella, a dona do estabelecimento, o recebeu com um sorriso nos lábios e deu-lhe um beijo na boca. Sem se fazer de rogado, ele abraçou a mulher pela cintura e apontou o embaraçado “*rapaz*” em questão.

– Isabella, minha querida, – ele murmurou de forma sedutora ao ouvido da mulher – tem uma garota bem paciente nas artes do amor para iniciar este meu jovem e tímido amigo?

Isabella olhou para Raden, que de braços cruzados tentava pensar numa saída que não expusesse sua identidade. A cortesã mediu seu cliente de cima a baixo.

– Hum... creio que Nur pode fazer este trabalho muito bem. – Calculou. – Ela é jovem, bonita e paciente.

Antes que Raden pudesse sequer retrucar, a mulher bateu palmas e chamou uma linda mulher negra de curvas sinuosas, vestida apenas com um tipo de combinação transparente. Se é que se podia chamar aquilo de se vestir, ela pensou, abismada. Dava para ver tudo debaixo daquele fino tecido, que não deixava nada para a imaginação dos homens!

A moça era realmente muito bonita, constatou. Acercou-se dela, lançou-lhe um sorriso lânguido e enlaçou-a pelo pescoço. Com risinhos brejeiros, carregou-a para dentro dos corredores forrados de brocado. No caminho, foi dizendo.

– Venha querido. Antes que a noite termine, farei de você um homem de verdade.

Raden sorriu, irônica.

Sim minha cara, e um boi criará asas! Maldita hora em que tirei Mark al-Bakkar de baixo daquele cavalo! Esse homem só me cria confusão!

Satisfeito com sua boa ação, Mark entregou-se aos prazeres da carne, desejando que Ragnar também aproveitasse bem aquela noite.

Ragnar surpreendeu-se com a resposta de Leila. Não estava pronto para aquela entrega sem reservas. Esperava que, com sua afirmação, ela fosse recuar, que tudo não passasse de um jogo, de uma peça que ela lhe pregara a noite inteira. E agora?

Inebriado, aspirou o perfume de seus cabelos, que, como ele sempre imaginara, cheiravam a jasmims. Puxou-a para si, colando-se às suas costas. Suas mãos deslizaram por sua cabeça, puxando-lhe o véu para baixo, expondo lentamente a massa sedosa de cabelos castanhos que cascadearam livremente por

suas costas.

– São lindos, Leila...

Leila inclinou a cabeça mais para trás, de olhos fechados, deliciando-se com o contraste entre seu corpo, pequeno e delicado, e o dele, grande e coberto de músculos.

Ragnar deslizou as pontas dos dedos ao longo de seu pescoço, descendo por sua garganta, tocando-a no vale entre os seios. Leila arquejou e sentiu-se subitamente sem ar. Uma serpente de fogo partiu do ponto em que ele a tocava e foi se instalar entre suas coxas. Ela apertou-as, uma contra a outra, buscando alívio para aquela sensação, mas não obteve sucesso.

– Ragnar, eu não sei o que está acontecendo... – balbuciou – eu...

– Shh... – ele a fez colar-se mais ainda ao seu corpo, ainda de costas, e a envolveu com o braço forte – Não se preocupe, deixe que as coisas aconteçam, só isso. Não tema.

A outra mão, que acariciava seus cabelos, desceu pelo pescoço de Leila e foi puxando a manga do vestido para baixo, expondo-lhe a curva delicada do ombro. Ele pousou os lábios na pele sensível do pescoço e foi descendo, repetindo o caminho que sua mão havia feito. Leila gemeu ao sentir os lábios sobre sua pele. Suas mãos agarraram a túnica dele atrás de si. Em suas costas percebeu a rigidez da excitação, o que a fez sentir-se absolutamente poderosa e feminina.

– Você é linda! – Sussurrou em seu ouvido e a fez se voltar para ele.

Leila ergueu os olhos cor de mel e Ragnar teve a certeza de que seria seu escravo pelo resto da vida. Sentiu-se agradavelmente preso aos grilhões que aquela flor do oriente lançava em torno dele. E demonstrou isso se apossando da boca de Leila com tamanho ardor que ela gemeu extasiada.

– Oh, céus... – ela se agarrou mais firmemente à túnica dele, ao passo que Ragnar deslizou as mãos pelas suas costas, fazendo-a colar-se ao seu corpo de tal forma que nem a brisa passava entre eles.

Sua boca tentou a dela com insistência, seus lábios, com gosto de vinho e tâmaras maduras, preparando-a para a invasão dele. Leila cedeu e abriu a boca, deixando que ele a penetrasse com a língua, enroscando-a na sua, num beijo íntimo, profundo e completo. Sem descolar os lábios dos dela, Ragnar ergueu-a nos braços e a colocou com delicadeza sobre as almofadas à frente da janela. Então, afastou-se devagar e olhou-a nos olhos, oferecendo-lhe uma última chance, apesar de sua excitação, de voltar atrás. Sua respiração estava alterada e seus olhos mais escuros.

– A partir daqui *liten*, não haverá volta.

Leila adorou ouvir aquela estranha palavra na língua de Ragnar, e teve a

certeza de que ela expressava todo o seu carinho. Sentindo-se segura do que desejava, respondeu.

– Sei disso. E lhe disse que não pediria para parar. – E estendendo os braços para ele, sussurrou. – Beije-me.

Ela não precisou pedir de novo. Ragnar tomou seus lábios de assalto, como o guerreiro que era, invadindo-os sem pedir licença, roubando-lhe totalmente a razão. Suas mãos começaram um lento e sensual passeio pelo corpo de Leila, subindo-lhe a barra da saia, insinuando-se, quentes e possessivas, ao longo de suas pernas.

Decidida a senti-lo também, ela deixou suas mãos correrem ao longo dos braços vigorosos. Adorou sentir a textura e a firmeza deles. Ele era uma massa compacta de músculos bem definidos, um verdadeiro deus vindo das misteriosas e frias terras do Norte.

Ao sentir as mãos de Leila sobre si, Ragnar se esforçou para manter o autocontrole. Respirou fundo e afastou-se um pouco dela, puxando seu vestido pelos ombros, erguendo-a e deixando que os tecidos deslizassem por sua pele, formando uma espécie de poça alaranjada ao redor de seus pés. A camisa de cambraia fina, que servia de combinação, mais revelava do que escondia. Por um segundo, teve ímpetos de simplesmente agarrar Leila e penetrar em seu corpo voluptuoso e macio. Deu um passo para trás e respirou fundo, admirando-a.

– Leila, se soubesse como está difícil manter o controle...

– Por que tenta então?

Ele estendeu a mão e tocou-lhe os cabelos, que cascadeavam à frente da camisa, escondendo-lhe a sombra dos mamilos intumescidos.

– Porque, *liten*, não quero assustá-la com a força de meu desejo. Sua primeira vez deve ser doce e especial, como você.

Encantada com aquela gentileza, Leila pediu.

– Deixe-me vê-lo sem a túnica...

Ragnar fez o que ela lhe pedia e tirou a peça pela cabeça.

Leila fixou os olhos nele, espantada. Sem aquela peça ele parecia mais alto e mais forte ainda, quase ameaçador. Os ombros eram maciços e peito era formado por dois montes sólidos, com mamilos pequenos e um pouco mais escuros que o restante da pele. O abdome plano, dividido em grandes degraus, a fez lembrar-se das tabuas usadas pelas lavadeiras. Pelos claros e encaracolados salpicavam o meio do peito, e formavam uma tênue trilha que começava abaixo de seu umbigo e desaparecia sob o cóis da calça. Duas linhas de músculos nas laterais da cintura, formando uma espécie de V, também sumiam sob a lã clara, insinuando o que viria mais abaixo. O volume de sua virilidade intumescida sob o tecido, esclareceu a Leila o porquê de ele haver dito não querer assustá-la. Mas

sem querer, ela se assustou. Não só com sua virilidade.

Céus, Ragnar era enorme! Parecia ter o dobro de seu tamanho. Inconscientemente, encolheu, com medo de, no calor da paixão, ele acabar por machucá-la. Seus olhos refletiram esse temor. E numa fração de segundo, ele estava ajoelhado aos seus pés, as coxas esticando o tecido macio da calça. Tomando-lhe a mão nas suas, disse com a voz cheia de ternura

– *Liten...* Não me tema. Estou a seus pés, como Golias caiu diante de Davi.
– Ele beijou sua mão. – Nunca Leila, nunca seria capaz de usar meu tamanho e minha força contra você, nunca seria capaz de feri-la. Eu não sou nada quando estou diante de você, minha pequenina... seu olhar e seu coração são mil vezes mais fortes do que eu. Com eles você me abate, me derruba. – Ele afagou seus cabelos, seus olhos pálidos fixos nos dela. – Confia em mim, Leila?

Emocionada, Leila atirou-se em seus braços, colando-se ao peito largo.

– Sim, Ragnar. Eu confio em você.

A mente de Raden trabalhava furiosamente, enquanto caminhava pelo corredor atrás da bela Nur, pensando num jeito de se safar daquela enrascada. Parando à frente de uma porta, a moça lançou um olhar sedutor e, abrindo-a, convidou-a a entrar com um gesto.

– Venha, querido...

Raden passou como um raio pela mulher e postou-se do outro lado do quarto. Estava à beira do pânico. Como diabos sairia dessa?

A prostituta fechou a porta e encostou-se nela, sorrindo condescendente.

– É mesmo sua primeira vez?

Ela engoliu em seco.

– Não... – os olhos da mulher brilharam maliciosos. Tentou consertar – sim... – Nur sorriu, deliciada. Ela finalmente a dispensou, pronta para aceitar o inevitável – Ora, esqueça!

– Bakkar disse... – a moça ficou confusa.

Maldito fosse aquele mestiço dos infernos! Passou a mão pela testa, pressentindo uma dor de cabeça e perguntou séria, tendo uma ideia repentina.

– Quanto você recebe por uma noite, Nur?

– Depende do serviço... – ela falou, insinuante – de seu desejo... – deu um passo na direção de Raden.

A guerreira deu outro para trás.

– Por hoje, quanto vai receber?

– Bakkar me prometeu um besante de ouro para... ensinar-lhe umas coisinhas! – Nur falou, cheia de malícia.

– Pois eu dobro a oferta. – A prostituta arregalou os olhos. Ela continuou. –

Se você prometer que só vamos conversar.

A moça ficou visivelmente espantada. Mediu seu cliente de cima a baixo e concluiu.

– Ora, você não gosta de mulher, é isso? – Deu de ombros e depois sugeriu, algo decepcionada. – Posso lhe arranjar um rapazinho.

Que situação!, Raden pensou, revirando os olhos. E refez sua oferta.

– Eu lhe dou três besantes se você não tentar me seduzir, ficar de boca fechada e não sair daqui até amanhã de manhã.

Os olhos de Nur brilharam de cobiça.

– Feito.

Quando Leila afirmou confiar nele, Ragnar sentiu seu coração se encher de júbilo. Nunca uma mulher mexera com ele daquela forma. Leila, aquela pequena e delicada flor, conseguira derrubá-lo, nocauteá-lo completamente, penetrando em seu coração protegido e solitário há tantos anos. Com delicadeza, tocou a barra da camisa de cambraia, erguendo-a devagarzinho, deixando que seus dedos roçassem a pele de Leila, abrasando a ambos. Puxou a peça por sua cabeça, atirando-a junto ao resto de suas roupas. E em nenhum momento despregou os olhos dos dela.

Sentindo dificuldade até para respirar, Leila encarou Ragnar, apesar da timidez, e deslizou os olhos pelo seu tórax. Sem que desse conta de seus próprios movimentos, sua mão se ergueu e deslizou sobre a pele dourada e quente. Ragnar fechou os olhos, pedindo a Deus forças para se controlar. O toque macio o estava torturando. Cerrou os maxilares e olhou no fundo dos olhos de Leila.

– Meu Deus, como você pode me enlouquecer deste jeito? – Arquejou e segurou sua mão, levando-a aos lábios. – Tenho vontade de me perder em seu corpo, em sua pele... – puxou-a de encontro a si, moldando seu corpo ao dele – você é a joia mais preciosa do Oriente!

Ele então lhe devorou a boca com uma fome arrebatadora. Leila gemeu e colou-se mais a ele que, lentamente, foi deitando-a nas almofadas e colocando-se sobre ela. Sua boca explorava a dela, ávida e sedenta. Leila sentia que sua alma se misturava à dele naquele momento.

– Ragnar... eu quero... – ela balançou a cabeça enquanto o guerreiro a olhava com um sorriso terno, alisando seus cabelos – mas não sei o que! Quero que faça algo que alivie essa vontade...

– Seu desejo é uma ordem, minha pequena. – Ele brincou, e começou a distribuir uma trilha de beijos úmidos e incendiários por seu rosto, seu pescoço e seu colo.

Sua língua deslizou até um dos seios, cheios e arredondados. Ele brincou

com um mamilo, circundando-o com a língua, mordiscando-o, fazendo-a gemer alto seu nome e arquear o corpo de encontro aos seus lábios.

– Ragnar! Oh, céus! – As mãos de Leila embrenharam-se nos cabelos dele, arrancando a tira de couro que os prendia, agarrando-se aos fios dourados.

Decidido a seduzi-la devagar e a lhe dar todo o prazer que pudesse, Ragnar deslizou uma das mãos por suas costas, percorrendo o caminho ao longo de sua coluna até a base. Ali, espalmou-as e pressionou os quadris de Leila contra os seus, permitindo-a acostumar-se com sua virilidade, que quase arrebetava o tecido da calça, tamanho era o seu desejo. Instintivamente, Leila apertou-se ainda mais contra ele, sentindo que sua ânsia e seu alívio dependiam de sensações nascidas naquele ponto entre suas coxas.

– Ragnar, – ela pediu, agarrando os cabelos dele, sentindo sua mão em seu seio – acabe com isso, não aguento mais!

Sorrindo com malícia, ele falou em seu ouvido, fazendo-a se arrepiar.

– Confie em mim pequenina, o melhor ainda está por vir. – Deslizando a boca por seu corpo, Ragnar foi saboreando sua pele, sentindo seu gosto, fazendo-a arquear-se de encontro a ele. Delicadamente, separou-lhe as coxas e beijou-a nas virilhas, escorregando a boca para aquele ponto sensível e intumescido. E ouviu Leila rir. Ergueu a cabeça espantado. – O que foi pequenina, não aprecia?

– Não é isso. É que... seu bigode...

Ele estreitou os olhos, divertido.

– Não gosta dele, *liten*? – Ele perguntou, lambendo a pele abrasada e úmida.

Ela riu e negou.

– Não, é que me faz... cócegas.

Rindo com malícia, ele deslizou novamente a língua naquele ponto em que toda a sensibilidade de seu corpo parecia se concentrar, fazendo-a contorcer-se de encontro à sua boca. E respondeu.

– No lugar de onde venho, essas *cócegas* têm outro nome.

Leila mal ouviu sua resposta, pois se sentiu estilhaçar em mil pedaços e gemeu alto o nome dele incontáveis vezes, presa a um êxtase maravilhoso. Ansiosa, mordeu os lábios e, decidida a provocá-lo tanto quanto ele a provocava, puxou-o para si e deslizou a língua em seu lóbulo, prendendo entre os dentes a pequena argola de prata. Ragnar grunhiu algo em sua própria língua e afastou-se um pouco, fazendo-a sentir-se subitamente vazia e incompleta.

Devagar, sem despregar os olhos dela, livrou-se das botas e, com um sorriso sensual, soltou os cordões que prendiam o cóis da calça de lã, expondo seu corpo todo ao olhar curioso de Leila.

A visão do corpo magnífico de Ragnar, totalmente nu à sua frente, mexeu com os instintos mais primitivos de Leila. Ter aquele homem, que mais parecia um deus antigo ali, parado a sua frente, com sua respeitável virilidade exposta e pronta, a fez sentir todo seu poder feminino.

Um poder mágico e ancestral, que as mulheres comentavam umas com as outras quando os homens estavam distantes, que era sussurrado desde os tempos imemoriais nas tendas vermelhas, nos banhos femininos e nos haréns. O poder que toda mulher possuía, segundo Khadija lhe dissera, quando seu primeiro sangue descera. Esse poder que era independente de experiência, raça ou credo, e que estava latente dentro de cada menina que nascia no mundo.

Fechou os olhos por um segundo e deixou que aquele poder fluísse dentro dela e, em seguida, enquanto a brisa do mar balançava as cortinas brancas, focalizou nele os olhos cor de mel. Estendeu os braços para seu guerreiro, como uma Deusa aceita uma oferenda em seu nome.

Sem poder resistir mais, Ragnar deitou-se sobre Leila, apoiando-se com os braços fortes ao lado dela, para não a machucar com o peso de seu corpo.

– Você me enlouquece, pequenina... – ele sussurrou, os olhos claros como as geleiras de sua terra percorrendo o corpo sinuoso. Logo, a boca de Ragnar seguiu o mesmo caminho de seu olhar, e ele começou uma lenta e erótica tortura, fazendo Leila tremer de tanto prazer.

Os lábios brincaram novamente sobre os seios, enquanto uma das mãos foi descendo pelo ventre de Leila, encontrando o ninho de pelos escuros que escondia seu ponto mais sensível. Leila projetou-se contra a mão experiente que fazia com que se derretesse. E quando ele separou as dobras de seu sexo, insinuando um dedo delicadamente entre elas, brincando naquele lugar onde toda sua vontade parecia se concentrar, Leila se viu atirada de novo no redemoinho de sensações avassaladoras, gritando, gemendo e implorando por alívio.

Percebendo que ela reagia prontamente ao seu toque, Ragnar sorriu e aprofundou-o, deslizando o dedo longo para dentro dela, preparando-a para recebê-lo em seu interior. Leila agarrou-se a ele e gritou seu nome, atingindo novamente o êxtase. O guerreiro falou bem perto de seu ouvido, com um sorriso cheio de sensualidade.

– *Kjæreste*, antes que esta noite acabe, levarei você à *Asgard*!

Acomodando-se entre suas coxas, Ragnar beijou-a longamente, cheio de carinho e ternura. Guiou-se para a entrada de seu corpo e, sem deixar de acariciá-la, deslizou bem devagar para dentro de Leila, sentindo a barreira de sua virgindade resistir e depois se render a ele.

Leila sentiu a pressão do corpo de Ragnar no seu e uma pontada de dor a

fez s contrair momentaneamente. Suas unhas se cravaram nas costas dele, que se paralisou, deixando-a se acostumar com a invasão. Mas Ragnar era tão quente, tão carinhoso e tão delicado, apesar de todo aquele tamanho, que logo a dor foi esquecida e uma maravilhosa sensação se espalhou do meio de suas pernas por todo o corpo.

Era com ser arrebatado ao *Valhalla*, ele pensou. Nunca, em sua vida, se sentira assim com uma mulher. Não era tão experiente quanto o galanteador Bakkar, mas tivera sua cota de mulheres ao longo da vida. Entretanto, aquela era a primeira vez em que se entregava com o coração, e a primeira vez que se deitava com uma virgem. Aquilo o encheu de um tolo orgulho masculino, uma sensação de posse e exclusividade. Leila era apenas dele, e de mais nenhum outro.

– Leila – ele se moveu mais para dentro dela – eu irei bem devagar, está bem?

Ela apenas assentiu e se moveu sob ele, tentando acomodar melhor o homem imenso, mas extremamente terno, entre as pernas; ajustando seu corpo ao dele, que parecia preenchê-la inteiramente, fazendo-a sentir-se absurdamente feminina. Cada centímetro de sua pele ardia, consumido pelo desejo enorme de pertencer completamente a Ragnar Svenson.

– Oh, Ragnar! Eu sinto algo... não consigo dizer – ela esfregou o nariz no dele e o beijou com suavidade – mas é tão bom ter você assim!

– Oh, por Odin, Leila! Assim não conseguirei me conter! – Ele a beijou, faminto e penetrou-a mais fundo, metendo-se todo dentro dela – Não com você me dizendo essas coisas, me provocando desse jeito, *liten*! – Deliciada com a descoberta de seu novo poder sobre ele, Leila deslizou suas mãos sobre as costas de Ragnar, sentindo a firmeza dos músculos e algumas cicatrizes antigas. Tocou-lhe as nádegas rígidas e contraídas e apertou-as. – Leila... – ele gemeu jogando a cabeça para trás com os olhos fechados, incendiado pelo toque delicado em sua pele. Ragnar mergulhou no corpo dela, tocando-a tão fundo que Leila se desorientou. Em seguida, segurou-a pelos quadris e começou a se mover dentro dela. Leila, que pensava que já havia experimentado todo o prazer de que seria capaz, viu-se lançada no glorioso mundo de um orgasmo.

Feliz ao vê-la explodir em gozo, e ao senti-la contrair-se em torno dele, Ragnar respirou fundo e ficou imóvel dentro dela, tentando prolongar um pouco mais o interlúdio. Leila agarrou-se a ele e mordeu-o no ombro.

– Ragnar, eu não suporto mais!

– Sim, *liten*, você suportará. É apenas um prazer muito intenso, e vamos apreciá-lo juntos, muitas vezes mais. – Ele a beijou de novo e recomeçou a se

movimentar dentro dela.

Guiada por seus instintos mais primitivos, Leila ergueu as pernas e enlaçou-o pela cintura. E ele então perdeu totalmente o autocontrole. Sua respiração ficou mais ofegante e os impulsos mais intensos, arremessando a ambos num torvelinho sem volta, afogando-os numa onda de prazer tão poderosa que pensaram que seus corações fossem parar.

Ragnar gritou seu nome e ela o sentiu retesar o corpo. Os músculos de suas nádegas contraíram-se sob suas mãos, numa última e profunda investida, enquanto algo morno se derramava dentro dela. Junto com ele, Leila se esvaía, delirante, num clímax arrebatador.

Por alguns minutos os dois, assombrados demais com emoções tão fortes, ficaram abraçados sobre as almofadas; a brisa do mar entrando pela janela e resfriando seus corpos suados. Ragnar foi o primeiro a soerguer-se um pouco. Beijando-lhe a ponta do nariz, falou sorrindo.

– Nunca há um fiorde por perto quando se precisa mergulhar nele...

Ela deu uma risada rouca, repleta de sensualidade, e respondeu.

– Não há fiordes gelados por aqui, *sire*. Mas há uma fonte nos jardins de meus aposentos. Podemos nos refrescar por lá. – Sua mão deslizou pelo tórax rígido e suado.

Ele balançou a cabeça, fingindo-se desolado.

– Leila, Leila... você fará comigo o que o exército inteiro de Saladino não foi capaz de fazer.

– O quê?

Ele se levantou, apanhou o monte de roupas com uma mão e com o outro braço ergueu-a do chão, fazendo-a soltar um gritinho, excitada.

– Irá me matar, *liten*!

Capítulo VIII

“E ORA DIZEI-ME, POR FAVOR, QUE AINDA TENHO INQUIETO O ESPÍRITO:
POR QUE ESSA TEMPESTADE LEVANTASTES? ”
“A Tempestade”. Ato I, cena II. William Shakespeare

Vernon e seu bando finalmente haviam conseguido chegar em Tiro. Levaram mais de um dia para retomar a trilha que percorriam, após terem perdido o rastro do grupo onde Leila viajava. Irritado, ele e seus comparsas discutiam por todo e qualquer motivo. Quando finalmente acharam uma taverna próxima ao porto para se acomodarem, já era noite. E como o estabelecimento estivesse cheio, e seus bolsos vazios, conseguiram apenas um quarto para os três.

– Amanhã, após o desjejum, – começou Vernon, fitando as vigas apodrecidas do teto – vou andar pela cidade para ver se acho aquela garota.

– Ora! Esqueça a mulher, Vernon! – Resmungou Gerald, já deitado num catre – Nem sabe se ela está mesmo em Tiro.

– Tenho certeza de que está. – Retrucou – Ouvi quando Ibelin falava com aquele mestiço. Só preciso achá-la e torcer para apanhá-la sem o norueguês por perto.

– E sem aquele demônio esquisito – emendou Gerald – o tal Raden. – Fez uma pausa e depois comentou – Soube que ele arrastou o mestiço de Hattin até Jerusalém sozinho.

Vernon cuspiu no chão.

– Não tenho medo daquele moleque!

Tyler, que ouvia tudo deitado em seu catre, com um braço sobre os olhos, reclamou.

– Será que vocês poderiam calar a boca e dormir? Amanhã resolveremos isso. A única coisa que não quero, porém, – exigiu – é confusão com os homens de Ibelin. Se ele nos pega, depois de desertarmos, seremos açoitados os três em praça pública!

– Ibelin tem pelo menos uns dez mil refugiados para tomar conta. Duvido que se preocupe conosco. – Desdenhou Gerald.

– De qualquer forma, Tyler tem razão. – Ajuntou Vernon – Vamos dormir, amanhã começaremos nossa caçada. E depois que nos divertirmos com a garota, poderemos vendê-la numa caravana de escravas, ou para um bordel qualquer.

Às gargalhadas, os três apagaram as velas e foram se deitar. Para Vernon, amanhã seria o dia da caça.

Blake gastara um bom punhado de moedas para conseguir um quarto individual. Poderia, certamente, buscar uma hospedaria menos sórdida, e mais silenciosa, do que aquela espelunca na beira do cais, pensou, enquanto brincava

com um de seus punhais. No entanto, enquanto estivesse ali, estaria longe de olhares curiosos. Em locais como aquele, não havia muitas perguntas.

Circulara pelos bordéis e pelas ruas de Tiro, mas não vira nenhum sinal do tal Ragnar. Pela descrição que lhe fizeram seus contratantes, um mercenário norueguês, muito alto e forte, arrastando um machado tão grande quanto ele, não passaria despercebido. Sendo assim, descartou o fato de que ele poderia ter chegado a Tiro por mar. Só poderia estar vindo então por terra, provavelmente de Jerusalém.

Sim, se ele era um mercenário, muito possivelmente lutara ao lado dos cristãos e agora, com a aproximação das caravanas de refugiados da Cidade Santa, provavelmente encontraria seu alvo. Sorrindo satisfeito com o próprio raciocínio, Blake apertou o pavio da vela entre o polegar e o indicador, mergulhando o aposento na escuridão.

Amanhã seria um bom dia para caçar.

A noite ia alta e o bordel de Isabella parecia não comportar mais ninguém. O movimento incessante de homens atrás de belas mulheres e de bebida de boa qualidade varava a madrugada. Sentado nas almofadas, já na sala, com uma bonita morena seminua em seu colo, Mark al-Bakkar era um desses cavalheiros que ali deixava boa parte de seus soldos.

Sorria, com seu habitual jeito displicente, enquanto alisava a pele macia da mulher. Fazia isso entre uma rodada e outra do jogo de dados, o qual era disputado com um homem de pele muito clara, chamado Hrolf, que descobrira ser conterrâneo de Ragnar.

– Há, há! – Comemorou, recolhendo as moedas de cima da mesa – ganhei de novo, meu caro Hrolf!

– *Hva et helvete!* O senhor tem uma sorte dos diabos! – Resmungou o nórdico. – Acho melhor parar de jogar consigo, camarada. Ou acabarei sem minhas calças!

– Ouviu, Soraya? – Mark alisou as coxas da sorridente morena encarapitada em seu colo e piscou-lhe com malícia – Diga a ele o que acontece quando um homem perde as calças na casa de Isabella!

Soraya pulou do colo do mestiço para o do estrangeiro, sem cerimônia alguma, e passou a mão sobre a frente de suas calças.

– Se este cavalheiro assim o desejar, ao invés de dizer, posso demonstrar.

Hrolf sorriu e agarrou a garota, beijando-lhe o pescoço.

– Sabe, moça, até que não é má ideia, – ele a apalpou nas nádegas – melhor perder as calças assim, do que ser escalpelado nos dados pelo meu novo amigo!

Rindo, o estrangeiro ergueu a moça no colo e foi com ela para uma das

alcovas, com Mark gritando às suas costas.

– Não tenha pressa! – Quando viu o homem sumir num dos quartos, deixou completamente de lado a postura despreocupada. Pegou um dos alforjes que o homem havia largado sob a mesa e pôs-se a revirá-lo – vamos ver o que o senhor Hrolf da Noruega veio fazer tão longe de casa...

A madrugada parecia se arrastar dentro daquele quarto. Olhando de soslaio para o outro lado do aposento, Raden sorriu ironicamente, dando graças a Deus pelo fato de Nur ter, finalmente, pegado no sono. Bufou irritada e observou o céu escuro, amaldiçoando mais uma vez as próximas dez gerações de Mark al-Bakkar.

Tivera que contar à prostituta uma história mirabolante a seu respeito. Inventara uma noiva normanda, com a qual supostamente fizera um pacto de fidelidade e, por isso, o jovem Raden deveria se manter casto. Nur, encantada com a aura de galanteria daquela história, perturbara-a a noite inteira, fazendo-a inventar mil e um detalhes ridículos e absurdos sobre seu “noivado”.

Agora, empoleirada no parapeito de uma janela, olhando as fracas luzes do porto de Tiro, a guerreira pensava em diferentes e criativas formas de eliminar Mark al-Bakkar de seu caminho. E descartava todas. Poderia jogá-lo do alto da muralha? Não. Ele era muito pesado para que o carregasse até lá. Quem sabe afogá-lo? Pobres tubarões, não mereciam um prato tão indigesto! E se o vendesse como escravo? Também não. Nenhum senhor compraria um escravo tão falastrão e xereta!

– Deixe-me ver... veneno é muito caro, – ela começou a enumerar seus métodos nos dedos – assassinato faria muita sujeira, e eu teria que sumir com o corpo... Exílio? – Suspirou e descartou mais aquela ideia – não. Terra nenhuma merece Mark al-Bakkar.

E assim passou a noite, distraíndo-se com seus impraticáveis e mirabolantes planos de vingança. Quando o dia nasceu, e Nur finalmente acordou, Raden desceu as escadas estampando no rosto a expressão mais abobalhada do mundo, depois de deslizar para as mãos da bela jovem os três besantes prometidos.

– Obrigado por sua compreensão, Nur...

– Ah, senhor! É um homem como poucos. – A garota pestanejou.

Raden sorriu sem graça e dispensou a garota rapidamente. Deu mais um passo e estacou sob a soleira. Percorreu o salão principal da casa com os olhos arregalados. A desordem era total.

Mulheres e homens adormecidos, jogados pelo chão, seminus. Copos de vinho espalhados por todos os cantos. Poças de cerveja – e de outras substâncias que ela achou melhor não saber o que eram – manchando o mármore do

assoalho. Roupas esquecidas sobre os móveis, pratos de alimentos não totalmente consumidos e gemidos que ainda escapavam por detrás de uma grossa cortina. Todos os sinais de uma verdadeira orgia. Andando pelo meio daquela gente meio adormecida, ela logo localizou quem estava procurando. Saltou sobre os corpos de um casal e parou diante dele.

Jogado sobre as almofadas, só de ceroulas, expondo o peito largo e o abdome rígido, estava Bakkar. Com um braço sobre o rosto e a boca meio aberta, exalava um forte odor de álcool. Estava, certamente, mais bêbado do que um marujo. Torcendo o nariz, cutucou-o com a ponta da bota.

– Acorde, Bakkar!

– Hum, Soraya?! – Grunhiu ele com um meio sorriso, os olhos ainda cobertos.

– Diabos, acorde homem! – Ela o chutou de novo e tirou-lhe o braço do rosto. – Nossa! Você está horrível!

– Oh! – Ele abriu um olho e bocejou, indolente, espreguiçando-se como um grande gato. *Vira-latas, é claro*, ela completou mentalmente.

– O jovem Raden... – ele a mediu de cima a baixo. Sorrindo com indolência, perguntou – como foi com a linda Nur?

Raden lançou-lhe o sorriso embevecido que havia ensaiado a noite toda e disparou, permitindo-se corar como um rapazinho após sua primeira vez.

– Oh, foi... ótimo! – Olhou para as pontas das botas para disfarçar – Obrigado, Bakkar.

O mestiço se ergueu com dificuldade. Sentou-se e esfregou o rosto, bocejando. Depois, sorriu com os dois olhos ainda meio fechados por causa da luz do sol que entrava pelas janelas e fez um gesto displicente com uma das mãos.

– Tudo bem, garoto – tentou de novo se levantar – não precisa me agradecer. Você me salvou a vida, eu o salvei da virgindade, que é o mesmo que estar morto. – Gemeu e esfregou as têmporas. – Ai, minha cabeça!

Raden riu, cínica. Estendeu a mão e puxou-o para ajudá-lo a se colocar em pé.

– Vamos, homem. Não temos o dia todo. Temos que passar no quartel do senescal. Além disso, Leila deve ter ficado preocupada por termos sumido a noite inteira.

Bakkar resmungou algo e passou a vasculhar o aposento, a procura de suas roupas e armas. Depois de tirar as calças de cima de um candelabro e de tomar a camisa que estava servindo de travesseiro a um freguês, vestiu-se de qualquer jeito. Ainda fazia uma péssima figura, com os cabelos negros e desalinhados caindo-lhe sobre os olhos. Precisava de uma noite de sono numa cama macia. E

sozinho. Só então se lembrou do que havia tramado para Ragnar e Leila. Se seu plano tivesse dado certo, a moça nem teria dado pela falta deles. E certamente Ragnar não teria dormido *sozinho*.

– Sim, Leila deve estar sentindo *muito* a nossa falta... – comentou com malícia, que passou despercebida a Raden.

A desforra dela contra Mark, por sua vez, veio quando ele pôs os pés na rua e foi atingido pela claridade do sol.

– Ai, meu Deus! – Gemeu o mestiço, dramaticamente. – Acho que minha cabeça vai estourar!

Vingança. Como é doce a vingança! Ela pensou, satisfeita, ao notar o tom meio esverdeado da pele dele. *Bem feito, seu intrometido!*

Quando os pássaros começaram a anunciar a chegada da manhã, Leila se esticou preguiçosamente de encontro ao corpo de Ragnar. Satisfeita, e um pouco dolorida, prorrogou o momento de abrir os olhos e enfrentar o dia que começava, enquanto relembrava os momentos que passara ao lado dele.

Ele a carregara até seu quarto na noite anterior e a banhara na água fresca da fonte. Depois a deitara sobre a cama e fizera amor com ela novamente, com gentileza e paciência, saboreando cada pedacinho de seu corpo como se estivesse se deliciando com um favo de mel.

Leila suspirou e olhou os raios de sol que atravessavam as gelosias. A noite toda lhe parecera um sonho. Mas agora, quando a luz da aurora começava a tingir os céus de Tiro de alaranjado, uma súbita consciência da loucura que havia cometido infiltrava-se em seu íntimo, como nuvens encobrendo o sol. Em nenhum momento parara para pensar nas consequências daquela explosão de desejo. Conteve um gemido angustiado, enquanto o aviso de Raden sobre a força da paixão do guerreiro voltava a sua mente.

Deslizou lentamente para fora da cama e buscou um robe. Estremeceu, apesar da manhã ensolarada, e se enrolou no tecido, apertando-o de encontro ao corpo. Saiu do quarto, temendo que as criadas entrassem e descobrissem Ragnar ali, em sua cama. Foi só fechar a porta atrás de si, que uma delas apareceu na saleta íntima, perguntando espantada.

– Já de pé, senhorita Leila?

– Sim, Leandra. – Ela afastou os cabelos do rosto, tentando fazer a voz soar natural – leve meu desjejum para a varanda, eu o farei lá.

– Deseja que eu a ajude a se vestir? – Ofereceu a moça.

– Não! – Leila praticamente gritou ao imaginar a criada entrando em seu quarto e dando de cara com Ragnar em sua cama. Logo se recompôs e usou um tom mais brando. – Não precisa. Arrume minha mesa na varanda, sim?

A moça assentiu de forma respeitosa e saiu. Leila trancou logo a porta. Em seguida, correu de volta ao seu quarto.

Ragnar estava recostado na cabeceira, olhando para o céu através das cortinas. Nunca lhe parecera tão lindo, tão perfeito. Parecia tão certo tê-lo ali, em sua cama... então, por que se sentia tão culpada?

Quando ela se recostou na porta, seus olhos claros a percorreram de cima a baixo, acendendo novamente o desejo, que se instalou na região um pouco dolorida entre suas coxas. Porém, a incerteza e a insegurança estavam ali, presentes em seu coração, impedindo-a de viver plenamente a doçura daquela manhã.

– Bom dia, pequenina. – Ele a saudou com um sorriso preguiçoso, estendendo os braços num convite. A demora de Leila em responder, e a expressão distante que lia em seu rosto, fez com que Ragnar franzisse o cenho. Um gosto amargo subiu a sua boca. Lembranças desagradáveis infestaram sua mente, e o sol radiante da manhã pareceu se apagar de repente. Ergueu-se da cama, nu como viera ao mundo. Parou a frente dela, colocou a mão em seu rosto e foi direto. – O que houve?

Leila suspirou pesadamente e desviou o olhar, ocultando dele os pensamentos. Evitando deliberadamente dar uma resposta. Ragnar retirou a mão, cerrando os punhos ao lado do corpo e tirando suas próprias conclusões. Acontecera de novo e ele, tolo, baixara mais uma vez as defesas diante de uma bela mulher.

– Eu deveria ter imaginado. – Deu-lhe as costas e pegou sua calça do chão. – Um impulso louco, a atração pelo desconhecido... – virou-se para ela, o rosto uma máscara de sarcasmo – uma aventura, Leila? A moça rica e mimada que encontra um soldado viril para satisfazer seus caprichos?! Seu pai deve estar se revirando no túmulo...

– Não! – Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, chocada com a acidez das palavras dele. – Não é isso, Ragnar! É que...

– É o que, Leila? – Ele rosnou. – Uma vergonha para uma mulher de sua posição se deitar com um mercenário sem berço como eu?

Leila não conseguia expor em palavras seus sentimentos naquele momento. E o fato de Ragnar se mostrar tão magoado e ofendido, a deixava ainda mais desnorteada. Como dizer a ele que tudo o que vivera naquela noite mágica fora maravilhoso, mas que ela estava cheia de medo? Como explicar a ele o conflito entre tudo o que aprendera e em que acreditara até agora, e a paixão que sentia por ele?

No entanto, ferido e cego pela mágoa, Ragnar não lhe deu tempo de se explicar. Cheio de amargura, tirou suas próprias conclusões.

– Meu Deus! – Ele estacou e a encarou, incrédulo. – Tudo o que você fez ontem foi de propósito, não foi, Leila? – Apontou-lhe um dedo acusador. – Tudo calculado para me tentar, me seduzir... suas roupas, seu perfume e aquele maldito jantar! Essa foi a sua vingança, por aquele dia no *wadi*? Você jurou que eu iria lhe pagar, e cobrou sua dívida. Fez-me de idiota, me deixou de quatro por você, para depois fazer-se de donzela arrependida na manhã seguinte!

– Não! – Ela ergueu as duas mãos, num patético gesto de súplica. – Não pode estar transformando tudo o que houve entre nós em algo tão sórdido!

Ele, porém, estava completamente enraivecido. Sentindo-se desorientado, deu um passo na direção dela. Assustada, Leila fugiu para um canto, com medo que ele fosse agredi-la, tamanha era sua fúria. Mais irritado ainda com aquela atitude de desconfiança, Ragnar chutou longe uma cadeira, que bateu numa parede, espatifando-se. Em seguida, esbravejou.

– Eu lhe disse ontem que jamais seria capaz de usar minha força e meu tamanho contra você! – Ele a puxou pelo punho, fazendo-a erguer a cabeça e encarar aqueles olhos claros, agora frios como o aço. – Eu posso até descontar minha raiva nos móveis ou falando alto, mas me mata saber que você não confia em mim. Pior ainda é saber que você me usou, Leila. E que *eu* não posso confiar em *você*.

Ele a soltou, deixando-a cair sentada sobre a cama. Carrancudo, recolheu suas roupas com gestos bruscos e saiu pela porta, avisando.

– Agradeço pela *hospitalidade*. Mais tarde mandarei buscar meu cavalo e o resto de minhas coisas!

– Ragnar, não! – Ela gritou estendendo a mão como se pudesse agarrá-lo, mas o ele já estava fora de seu alcance.

Mark subia os degraus da casa de Leila lentamente. Cada passo lhe parecia penoso. Enjoado e com a cabeça doendo como se mil sinos tocassem dentro dela, quase esbarrou em Ragnar, que descia as escadas apressadamente. Esforçou-se para sorrir e cumprimentou-o

– Ragnar, meu velho!

O norueguês os ignorou. Simplesmente passou entre os dois, quase derrubando a ele e Raden, imprecando.

– Vá para o inferno, Bakkar!

– Nossa! – Raden comentou, espantada com a atitude do sempre cortês Ragnar. – O que deu nele?

– Não faço ideia, – retrucou – mas creio que em breve iremos descobrir. Só que, primeiro, preciso de um banho frio para curar essa ressaca.

Na varanda, olhando para as iguarias dispostas sobre a mesa a sua frente, Leila conservava-se alheia a tudo ao seu redor. Já derramara lágrimas amargas trancada em seu quarto. E já se condenara por sua estupidez e precipitação. E quando as criadas haviam ido até lá, atraídas pelo som da sua discussão com Ragnar, ela simplesmente as mandara embora e ficara sozinha com seu desespero. Onde estaria Raden? Queria tanto conversar com alguém...

Como se seus pensamentos tivessem o poder de evocá-la, a guerreira apareceu à porta, seu rosto habitualmente sisudo trazendo um meio-sorriso divertido por causa dos gemidos de Mark, em seu estado *pós-bebedeira*. Vendo os olhos inchados de Leila, logo fechou o cenho. Apressou-se para junto dela e perguntou.

– Leila! O que houve? Esteve chorando?

A moça jogou-se em seus braços e, desajeitada, Raden tentou consolá-la.

– Hei, me diga o que houve. Assim está me preocupando.

– Oh, Raden – ela soluçava – acho que cometi um desatino!

– Por quê? O que diabos pode ter acontecido de ontem para hoje... – parou de falar e ficou pálida – não, Leila! Diga-me que não foi o que estou pensando...

A jovem sarracena olhou para ela, desconsolada.

– Eu estraguei tudo! – Gemeu e tornou a chorar copiosamente.

Sem palavras, Raden sentou-se pesadamente numa cadeira à frente da amiga. O que fazer? Sabia lidar com várias situações de risco e de perigo, mas era totalmente leiga e inútil em assuntos do coração. Só queria saber uma coisa.

– Leila, ele... – diabos, como fazer uma pergunta daquelas? – Você e ele...? – Gesticulou de maneira eloquente.

– Sim, – Leila afirmou com firmeza – e fui eu quem o provocou, antes que você queira sair por aí atrás da cabeça de Ragnar. Eu o tentei e tive o que queria. Mas, essa manhã, eu...

– Você o que, Leila? – Raden perguntou, impaciente.

– Eu fiquei confusa, insegura; achei que havia sido muito impetuosa. – Explicou. – Quando Ragnar acordou, fiquei com medo de ser vista com ele, preocupada com minha reputação. Eu não soube dizer a ele o que sentia. Ele se aborreceu comigo, entendeu tudo errado! Achou que eu o tivesse manipulado e foi embora.

– Embora? – Como aquilo era complicado... – Para onde?

– Não sei.

A chegada de Patrus interrompeu a conversa das duas. Nas mãos magras, o criado trazia uma mensagem, que entregou a Raden, sem conseguir disfarçar um olhar de antipatia para com o jovem *chevalier*.

– Isso chegou do quartel do senescal, *messire*.

– Obrigado – ela falou, apanhando o pergaminho. Abriu-o e agradeceu a Deus por estar escrito em francês, língua que sabia ler. Olhou para Leila e deu as notícias – Ibelin chegou. Os refugiados estão acampando no exterior das muralhas. Teremos que nos apresentar a ele.

– Agora? – Indagou Leila, erguendo-se da cadeira.

– Sim, ele quer nos ver o mais rápido possível. – A guerreira colocou uma das mãos sobre o ombro de Leila. – Sossegue, menina. Cuide de seus negócios e toque sua vida. Svenson vai ter que aparecer no quartel e daí conversarei com ele. Apesar de não concordar com o que fizeram, creio que ele gosta de você.

– Você acha? – Os olhos dela brilharam

– Acho. Mas deixe estar. – Permitiu-se um breve sorriso e depois ajuntou. – Não há nada como um dia depois do outro.

Atrás das cortinas, os olhos maldosos regalaram-se com a notícia da partida do norueguês. O rápido interlúdio não iria adiante. Em breve, também estaria livre dos outros dois *chevaliers*, que se veriam envolvidos em suas atividades militares. Então, Leila, filha de Bharakat, ficaria sozinha e desprotegida naquela casa. E seria uma presa muito, muito fácil para ele.

Os dias se juntaram e se tornaram uma semana. A angústia de Leila se tornou solidão. Ragnar não voltara, nem naquele dia, nem no seguinte, nem nos outros.

Trabalhando no campo de refugiados, Raden e Bakkar sempre chegavam muito tarde e mal tinham tempo para engolir uma refeição e caírem em suas camas, exaustos. Sua única e constante companhia passara a ser Yosef, o administrador.

Por necessidade – e também para diminuir a sensação de fracasso e impotência que a ameaçava – mergulhara na administração de seus negócios e incorporara a eles os investimentos que Bharakat havia feito em seu nome. Acabou por tomar gosto pela gestão do patrimônio que herdara e procurava, cada vez mais, se inteirar do fascinante mundo dos negócios que Yosef pacientemente descortinava a sua frente. No fim das contas, tudo aquilo servia para afastar Ragnar de sua mente.

O pouco que soubera dele fora através de seus dois amigos. Seu encontro com Raden e Bakkar, no mesmo dia da discussão de ambos, se dera diante de Ibelin. Fora rápido e formal. Ragnar, segundo Raden lhe contara, não abrira a boca para falar sobre a noite que havia passado com ela. Simplesmente tratara de se incumbir de uma missão que o levaria para Trípoli, afastando-o de Tiro por alguns dias.

Leila deixou a pena com a qual registrava as contas num livro e olhou pela janela. Apesar da manhã ensolarada, dias sombrios pareciam se aproximar. A situação em Tiro se tornava cada vez mais tensa. Sem lugar para alojar todos os refugiados, e sem navios suficientes para conduzir a multidão de volta aos seus locais de origem, ou para outros portos, a cidade se tornara um caos. Os atritos e confusões eram uma constante.

Além de ter que providenciar alimentos, água potável e acomodações para um sem número de expatriados, Ibelin, juntamente com o senescal Conrad de Montferrat e seus pares, ainda precisavam se prevenir contra os ataques surpresa de soldados e milícias locais, partidários de Saladino. Caótica seria pouco para definir a situação dos cristãos na cidade.

O olhar de Leila vagou pela rua, além do pátio da casa, acompanhando o ir e vir das pessoas, tentando adivinhar a que horas Raden e Bakkar apareceriam ali para fazer uma refeição. Cansada de tanto trabalhar, abandonou a pena e saiu do gabinete, indo inspecionar os criados.

O dia estava quente, apesar de ser outono. As moscas esvoaçavam ao seu redor, o ar estava parado e a cada passo dado, tinham que parar para resolver os problemas daquela gente. Mark e Raden patrulhavam o acampamento de refugiados, à sombra das muralhas.

– Muita gente, pouco espaço – resmungou ele, limpando o suor do rosto.

– Ibelin reclamou de dor de cabeça hoje de manhã... – retrucou Raden.

Mark revirou os olhos. Ibelin andava com o humor azedo ultimamente. Se estivesse com dor de cabeça então, era mau sinal. Todos conheciam a fama do nobre ao ser acometido por aquele mal.

– Diabos – resmungou o mestiço.

– O quê? A dor de cabeça de Ibelin?

– Não, garoto – ele apontou a aglomeração adiante – aquilo.

Raden olhou para o povo reunido em torno de alguma coisa. A turba, agitada, gesticulava e gritava impropérios. Apertando o passo, os dois se aproximaram, tentando imaginar o motivo da agitação, e de que forma poderiam intervir. Depois de atravessarem uma verdadeira parede humana, puderam enxergar o que realmente acontecia. Mark foi quem reconheceu o pivô daquilo tudo.

– Odrich. – Grunhiu e cochichou no ouvido de Raden – é aquele valentão que vive arranjando encrenca – cuspiu no chão com desdém – o que mais falta acontecer para fazer meu dia feliz?

Raden não ouviu direito o que o companheiro dizia. Seu olhar estava fixo

num ponto do chão, um pouco além de onde o tal Odrich estava. Antes que Bakkar pudesse perceber o que acontecia, ela se adiantou, abrindo caminho no meio do povo, a mão pousada sobre o punho da espada. Seu sangue fervera ao ver a razão da confusão: o grandalhão Odrich divertia-se açoitando um menino judeu.

Atônito, Bakkar seguira em seu encalço. Mas, antes que pudesse tomar alguma atitude, Raden já havia avançado em direção a Odrich. Só nesse momento o mestiço se dera conta do que realmente acontecia. E apesar de revoltado com a situação, imprecou.

– Mas que inferno – resmungou – esse garoto é mais esquentado do que seria saudável!

Como era tarde demais para agir, postou-se a uma pequena distância do companheiro e esperou.

– Hei! – Raden gritou para o soldado – Hei, você! Por que não procura alguém de seu tamanho para bater? Ou será que só é valente com crianças?

Odrich olhou para o jovem com escárnio, enquanto o povo a volta deles, subitamente calado, observava o sórdido espetáculo.

– Caia fora, bastardo! Não vê que estou ocupado?

A multidão, composta de mercenários, desocupados, comerciantes e prostitutas, riu a valer. Mark olhou ao redor. A nata da sociedade de Tiro.

O soldado grandalhão deu deliberadamente as costas ao rapaz que se atrevera a atrapalhá-lo, como se ele não passasse de um inseto. Olhou com maldade para o garoto ensanguentado aos seus pés e sorriu, pronto para desferir mais um golpe. Afinal, um cão era melhor que um judeu imundo. Ia descer o açoitador de novo sobre o menino, quando seu braço foi agarrado e torcido. O chicote foi arrancado de suas mãos e jogado longe.

Surpreso, Odrich ficou inicialmente sem ação. Virou-se para trás e deparou-se com o juvenzinho atrevido. Sentiu o sangue latejar nos ouvidos e suas faces ficaram rubras de ódio. Aqueles novatos, *peles-sensíveis*! Na certa era um dos *chevaliers* recém-chegados, que se achava o paladino de todas as virtudes. Imbecil! Não seria desafiado por aquele *moleque*! Ainda mais por um moleque que tinha dois palmos de altura a menos que ele!

Distraído, Odrich sequer percebeu quando o mestiço retirou o garoto agredido e o despachou para longe da confusão.

– O que está fazendo, imbecil? – Odrich rosnou, encarando seu desafiante – ele não passa de um judeu imundo!

Raden colocou-se frente a frente com o soldado enfurecido e não respondeu. Pronta para a luta, a calma fria e calculada inundando, deixando-a

completamente focada. Ficou apenas olhando em seus olhos, medindo o oponente e avaliando suas chances. Não eram muitas, ela sabia. Provavelmente sairia dali com os dois olhos roxos e um par de costelas partidas. Mas agora não havia como voltar atrás. Odrich era o tipo de sujeito que andava sempre em bandos, atazanando a vida dos desvalidos da cidade. Mercenário do pior tipo, não tinha honra e nem palavra. Vendia sua espada a quem pagasse mais, não importando o serviço. Gastava seu soldo enchendo a cara nas tavernas, e depois saía para arranjar confusões, acompanhado de um séquito de arruaceiros. Que diabo! Maldito fosse seu sangue quente.

A postura silenciosa do jovem, que não recuava e nem o atacava, irritou ainda mais ao valentão. Bufando como um touro, gesticulou enquanto bradava para todos ouvirem.

– Por que tinha que se meter, garoto? – Mediu o rapaz de cima a baixo, avaliando seus trajes – provavelmente é porque gosta desses infiéis, não é? Eu já me cansei de vê-lo por aí, bebendo com eles e andando com esse bastardo! – Apontou para o mestiço, que permanecia impassível, a poucos metros dali – os dois não passam de farinha do mesmo saco!

– Deixe-o fora disso, – grunhiu Raden em voz baixa, ao passo que a multidão silenciava – seu assunto é comigo!

O grandalhão a rodeou e despejou.

– Com certeza. – Concluiu – aliás, pensando bem, você deve ter alguma parte do sangue deles. Ganha seu soldo no meio de nós, – acusou – mas usa essa coisa na cabeça, como um desses porcos sarracenos – e parando de novo a sua frente, desdenhou – por que não tira isso e se veste como gente?

Antes que ela pudesse recuar e impedi-lo, Odrich estendeu a mão e arrancou-lhe o lenço da cabeça. Uma massa chamejante de fios vermelhos desceu até o meio de suas costas.

Por um instante o tempo parou.

E no silêncio sepulcral que se seguiu, Raden ouvia apenas o zumbido das moscas e o ribombar de seu coração.

Capítulo IX

"O RESTO É SILÊNCIO"

"Hamlet". Cena II, Ato V. W. Shakespeare

Mark al-Bakkar acreditava que nada mais naquele mundo o surpreenderia. Ao longo de sua vida errante, já presenciara muita coisa. Viajara pela Pérsia e pelo Egito, atravessara o Saara e todo o Mediterrâneo, e chegara até mesmo a ir a Constantinopla. Sempre se deparara com gente e costumes os mais diversos e estranhos possíveis. Entretanto nada, absolutamente nada lhe pareceu mais inverossímil do que o soldado Raden, seu mal-humorado salvador, se transformar naquela mulher ruiva à sua frente. Diabos! Fora ele mesmo quem perguntara há pouco sobre o que faltava para acontecer naquele dia? Estático, sequer notou que estava com a boca aberta, olhando para ela.

No meio do populacho, Tyler e Gerald ficaram subitamente interessados na confusão que se desenrolava por causa do divertimento de Odrich. No momento em que o grandalhão arrancara o lenço que cobria a cabeça do soldado, os dois se entreolharam espantadíssimos. O guarda-costas de Leila era uma mulher!

Tyler riu com escárnio e comentou com Gerald.

– Agora mesmo é que Vernon não vai se conformar enquanto não puser as mãos na sarracena. Deixe-o saber que foi enxotado por *duas*, e não apenas por uma garota!

Gerald gargalhou e ambos permaneceram nos arredores, assistindo a confusão.

Inspecionando o campo do alto da muralha, Balian de Ibelin parou sua caminhada, retendo o olhar sobre uma aglomeração.

Oh, Deus! Mais uma briga, pensou desolado.

Estava para mandar um grupo armado para acabar com o problema, quando viu Bakkar e o jovem Raden se aproximando. Ficou observando seus dois homens, esperando que eles resolvessem aquele assunto.

Quando o rapaz entrou no meio do povo e enfrentou o encenqueiro Odrich, Ibelin sorriu satisfeito. Tranquilo, levou a concha de água que trazia consigo aos lábios. Porém, quando o bravo soldado se transformou numa mulher ali, bem debaixo de seu nariz, Ibelin engasgou com a bebida e atirou a concha longe.

– Mas o que diabos significa isto?!

O nobre apertou as mãos sobre as ameias e estreitou seus penetrantes olhos claros. Mark al-Bakkar teria muito que lhe explicar.

O tecido balançava na mão de Odrich, que olhava do lenço negro para a

mulher a sua frente, alternadamente. Recuperando-se da surpresa, percorreu o corpo da mulher, escondido sob as pesadas roupas e a cota de malha, tentando adivinhar o que haveria ali por baixo. Raden estreitou os olhos. Identificou na expressão do soldado um sentimento que já conhecia há muito tempo. E do qual já fora vítima.

Lascívia.

No entanto, ela não era mais uma juvenzinha indefesa como tantas outras pelo mundo. Já fazia muito tempo que deixara de ser uma garota. Há muito deixara a inocência e a ingenuidade para trás. Os anos haviam passado. Sua vida se transformara numa luta diária pela sobrevivência. Ela se tornara respeitada por suas habilidades na guerra; conhecida por sua frieza e por seu raciocínio rápido. Sobrevivera ao deserto, ao sultão e a Hattin. Com astúcia, e um pouco de sorte, sobreviveria àquilo também. Definitivamente, Odrich não lhe metia medo.

Espumando de raiva, o valentão se aproximou. Com olhar cobiçoso, estendeu a mão na direção de seus cabelos, que o vento trazido do mar agitava.

– Uma mulher... – sorriu, debochado – e tem cabelos vermelhos. Acho que isso vai ser bem melhor do que espancar um judeuzinho.

Soltou uma risada e, como se ele houvesse contado uma piada muito engraçada, boa parte da multidão acompanhou com gracejos, assobios e obscenidades.

O coração de Raden se acelerou. Mantendo os olhos em Odrich, obrigou-se a pensar com clareza e rapidez. Mesmo que o matasse, ainda teria que enfrentar a multidão a sua volta. Podia sentir os olhos daquela gente ao seu redor. Ávidos por um espetáculo sangrento e degradante. Parecendo lobos, de dentes arreganhados, prontos a saltar sobre uma presa. A solução teria que ser definitiva.

Uma ideia cruzou sua mente. Insensata. Temerária. Suicida. Sorriu suavemente e rendeu-se a ela, apostando sua vida numa única rodada. Afastou a mão de Odrich com um repelão. Sacou a adaga com velocidade espantosa, colocando-a na garganta do soldado. Calmamente fez sua oferta.

– Vou fazer um trato com você, cão. – ele a encarou com raiva e escárnio. Ignorando-o, continuou a falar – não o matarei agora. E deixarei que se divirta comigo se conseguir me vencer numa luta honesta. Eu e você, sem armas.

A multidão se calou.

Bakkar arregalou os olhos e apertou os punhos ao lado do corpo. Engoliu em seco, sem poder acreditar no que acabara de ouvir. *Ela é louca, completamente louca!*

Em silêncio, no meio do povo, homem e mulher se mediam, tal qual leões numa arena

– E então, o que me diz? – Pressionou-o.
– Vai ser moleza. – Odrich deu uma risada, mais parecida com um cacarejo, expondo os dentes apodrecidos.

O mercado, àquela hora do dia, permanecia calmo. Sob o sol forte, poucos se aventuravam a sair de casa. Aproveitando o pouco movimento, Vernon caminhava de olhos atentos, tentando localizar algum sinal de Leila ou de um de seus acompanhantes. Sua paciência já estava no limite. E sua obsessão passara a conduzir seus passos. Chegava a sonhar todas as noites com o momento em que poria as mãos na bela sarracena. Parando numa loja de especiarias, pôs-se a olhar ao redor. Entre os poucos passantes, um homem de meia idade, alto e magro, entrou no estabelecimento e dirigiu-se ao mercador.

– Como estão as vendas, Hakim?

– Patrus! – Saudou o comerciante – Vão bem. E me parece que em sua casa as coisas também vão de vento em popa – o homem começou a puxar conversa, animado – Yosef já veio me contar as novidades sobre a herdeira da senhora Sophia.

Vernon notou que o tal Patrus mal conseguiu ocultar seu desagrado ao responder.

– Sim, a senhora Leila chegou de Jerusalém.

As últimas palavras chamaram imediatamente sua atenção. Apurou os ouvidos, tentando escutar o que os dois homens diziam.

– Dizem que ela assumiu os negócios e que seu tino comercial surpreendeu até mesmo o velho Yosef. – Prosseguiu o mercador. – Pena que a senhora Sophia não tenha vivido para ver a sobrinha.

– Sim, é realmente uma pena. – Falou o outro a contragosto, apanhando alguns pacotes que lhe eram entregues. *Pena maior foi ela não ter morrido, assim como a tia! Tudo aquilo teria sido meu!* – Bem, já vou indo, tenho outras tarefas a cumprir. Até mais.

O mercador se despediu do tal Patrus, e Vernon tratou de segui-lo. Se estivesse com sorte, aquela Leila a qual ele se referira, que viera de Jerusalém, seria sua tão cobiçada presa.

Na arena improvisada no meio da turba, Raden e Odrich haviam se afastado por alguns instantes, apenas para se desfazerem de suas armas e das cotas de malha. Raden tratou de desfazer-se também da túnica grossa de serviço, ficando apenas com a camisa de mangas curtas. Assim não haveria tecido sobrando por onde pudesse ser puxada. O ainda incrédulo Bakkar só pode lhe perguntar, quando ela lhe atirou suas armas e roupas.

– Você tem certeza do que está fazendo?

– Tenho.

Com habilidade, amarrou firmemente os cabelos e os enfiou por dentro da gola da camisa. Depois, seguiu para o centro do círculo formado pelo povo, encarando o corpulento Odrich. Suas chances, avaliou, não residiam num combate frontal e sim, em sua agilidade e esquiva. Posicionando-se, olhou-o nos olhos.

Irritado com sua atitude, Odrich irritou-se, partindo para cima dela furioso. Rápida, rolou na terra, sem se importar com as pedras que lhe arranhavam as mãos e os braços descobertos. Parou a alguns passos dele, meio agachada, uma das mãos apoiadas no solo. Uma de suas sobrelanceiras se ergueu, desafiante.

– Vadia! – Berrou ele, partindo de novo para o ataque, espumando de raiva.

Ágil, Raden saltou mais uma vez para o lado, numa dança mortal. Passando por ela, sem conseguir conter o impulso de seu grande corpo, Odrich quase caiu em cima dos espectadores da luta. Reequilibrou-se e voltou à carga. Novamente, ela se esquivou.

No meio do povo, tenso, Bakkar observava a luta. Compreendera a estratégia dela. Raden usava a inteligência, levando seu oponente – maior, mais pesado e de cabeça quente – a se expor e a se cansar. Bem, compreender era uma coisa. Concordar era bem diferente...

– Mulher dos infernos! – Berrou Odrich, quando ela se esquivou de novo – pare de fugir e lute!

– Eu estou lutando, paspalho! – Ela rolou para o lado – Você é que não tem competência para me acertar!

Ele avançou, furioso como um touro na arena. Vendo-o ofegante, Raden decidiu que já era hora de parar com o jogo e mostrar algum serviço, antes que os olhos do pobre Bakkar saltassem das órbitas. Assim, quando ele estava quase sobre ela, Raden tombou o corpo para o lado e apoiou os braços no chão, passando as pernas pelas de Odrich, aplicando-lhe uma rasteira.

O raivoso soldado tombou com uma árvore e ela, já de pé, acertou-lhe o queixo com um violento pontapé. A multidão urrou ao ver dentes voando e ossos quebrados. Não satisfeita, acertou um joelho em suas costelas, fazendo-o gemer de dor e rolar de barriga para baixo. Ato contínuo, saltou sobre suas costas e o imobilizou. Como ele ainda se debatesse, passou o braço sob seu pescoço, inclinándolo perigosamente para trás.

– Já chega, Odrich?

– Cadela! – Ele grunhiu.

Sem piedade, Raden forçou ainda mais seu pescoço, a ponto de quase quebrá-lo. Sua vida dependia daquilo.

– Posso matá-lo agora ou já se divertiu o suficiente comigo?

Fremindo de ódio, mas sem poder fazer mais nada, ele grunhiu pelos lábios inchados e arroxeados.

– Chega.

Ela ainda levou alguns instantes antes de largá-lo como um monte de lixo no chão. Em seguida, levantou-se e foi até Bakkar, que lhe estendeu suas armas em silêncio. Seu olhar, no entanto, era tão mortífero quanto um punhal afiado. Enfrentaria outra batalha com o mestiço, estava certa disso.

Ignorou-o e atou a espada à cintura. Ia colocar a adaga na bainha quando, ao erguer o rosto, deu de cara com a expressão surpresa de Bakkar. Numa fração de segundo, virou-se, com a arma ainda em punho, a tempo de a espada de Odrich cravar-se no chão, próximo aos seus pés. Sua adaga, porém, mergulhou direto no coração do homem.

O silêncio se fez repentinamente. Homens que riam e provocavam o derrotado Odrich até então, ficaram mudos. Mulheres viraram o rosto para o outro lado, para não ver o sangue que começava a manchar a roupa do soldado.

Com um puxão firme, Raden arrancou a adaga do peito de Odrich, que tombou para frente, morto. Em seguida, ergueu o rosto e encarou a multidão, rezando para que não surgisse mais nenhum valentão naquele dia. Sua raiva era tão grande que a fazia tremer. Estava furiosa, tanto pela jogada suja de Odrich, quanto pelo fato de ter acabado por matá-lo numa briga idiota.

Também sentia raiva por ver todos seus esforços irem por água abaixo. Sua vida fora posta a perder em apenas alguns instantes. Não sabia o que seria de si mesma, agora que sua identidade fora revelada diante de todos.

Maldição! Malditos fossem todos os homens estúpidos! Sua vontade era urrar de tanto ódio. Embainhou a adaga e fitou as pessoas ao redor. Não resistiu a atirar sobre os homens que ainda a mediam com o olhar as palavras entaladas em sua garganta.

– Espero que mais nenhum de vocês seja tolo o suficiente para dar a vida pelo que tem no meio das pernas.

Acenou com a cabeça para Mark, pegou o resto de suas coisas e saiu dali, com o povo abrindo caminho para que passasse.

No fim daquele dia, o vento sussurraria o feito do Demônio Vermelho pelas ruas de Tiro.

Leila ergueu os olhos dos livros contábeis e olhou para Yosef.

– Você nunca se cansa?

Ele sorriu para ela.

– Quer parar?

A jovem suspirou e sorriu para o velho homem.

– Sim, por favor... minha cabeça parece que vai estourar!

Yosef levantou-se e aproximou-se dela, colocando a mão em seu ombro.

– Mergulhar no trabalho desse jeito não vai afastar a tristeza, *lella*.

Ela suspirou, balançando a cabeça.

– Não. Mas afasta as lembranças para um canto escuro da minha mente.

Yosef sentou-se a seu lado, tal qual seu pai faria, e tomou-lhe a mão na sua.

– Não é só a perda de sua família que a entristece, estou certo?

A sagacidade do velho administrador chocou-a. Conhecia-o há tão pouco tempo, mas ele já havia se tornado parte importante de sua vida. Com seu jeito paciente e paternal, o velho Yosef, um viúvo cujos filhos haviam morrido nas intermináveis guerras da Terra Santa, se apegara a ela e se empenhava ao máximo em auxiliá-la nas questões inerentes a administração do patrimônio herdado de Sophia. Além disso, revelara-se um verdadeiro amigo, apoiando-a quando a tristeza e a solidão toldavam seu olhar.

Leila não lhe falara sobre a noite com Ragnar. Sentia-se constrangida demais. A única pessoa que sabia do fato era Raden, mas a guerreira andava muito ocupada com o trabalho e em guardar seus próprios segredos.

– Não é nada, Yosef. – Ela disfarçou com um meio sorriso – Acho que sinto falta mesmo é de amigas, de conversar com outras moças. Sem querer, minha posição e o fato de ser sozinha, de não ser casada como a maioria das jovens em minha idade, acabaram me isolando. – Ela suspirou e tentou imprimir um tom animado a voz – Creio que vou ao mercado amanhã, ver um pouco o movimento das ruas, ver gente!

– Lembre-se de sair com uma escolta, minha jovem – ele a advertiu – Tiro está conturbada, principalmente depois da chegada dos refugiados. Além disso, uma mulher sozinha sempre pode ser alvo de mercadores de escravas...

Leila o olhou, curiosa.

– Até aqui, Yosef? Raden já havia me advertido sobre isso, mas pensei que só atacassem em lugares mais ermos, não dentro das cidades fortificadas como Tiro.

Ele a olhou condescendente.

– O perigo está em todos os lugares. E você, sendo uma moça bonita e rica, é uma presa tentadora. Tanto para um pedido de resgate, quanto para algum harém. – Yosef andou pela sala e serviu-se de um pouco de chá de hortelã, levando também um copo para ela – Há casos de moças aqui da cidade que sumiram sem deixar vestígios.

– Mesmo? – Ela perguntou espantada, levando a mão ao peito – E ninguém

tem ideia de para onde possam ter sido levadas?

– Egito, talvez. Ou mais além. – Ele notou sua apreensão e deu-lhe um tapinha na mão – Ora, sossegue! Esse velho está assustando você com essas histórias. Basta que leve aquele rapaz, seu guarda-costas...

– Raden?

– Sim, ele mesmo. Ele parece ser muito cuidadoso com você. Apesar de que, eu não o tenho visto muito ultimamente...

– Raden está trabalhando com Bakkar e Ibelin. Mas não se preocupe, Yosef. Se eu precisar, ele virá comigo.

– E o seu outro amigo, o norueguês?

Leila corou e demorou a responder.

– Ele... – Hesitou e depois prosseguiu – ele está em Trípoli, segundo eu soube. Só Bakkar e Raden ficaram aqui.

Yosef permaneceu em silêncio, fitando-a durante muito tempo e, se notou alguma coisa ou chegou a alguma conclusão a respeito dela e de Ragnar, ela jamais soube.

Raden deixou para trás a sombra das muralhas e cruzou os portões de Tiro. Caminhava em silêncio, tensa, sentindo a presença de Bakkar ao seu lado e esperando pelo momento em que o mestiço pularia em seu pescoço. Carregava o velho lenço numa das mãos arranhadas, e a túnica e a cota de malha sob o braço. Os cabelos vermelhos, que tanto escondera, agora estavam soltos e desalinhados, balançando em torno de seu rosto ainda sujo de pó. Carrancudo e de cenho franzido, Bakkar pisava duro e grunhia na língua dos sarracenos o que pareciam ser pragas, sem sequer olhar para ela.

Com passos rápidos, viraram numa rua menos movimentada. Raden adiantou-se um pouco para passar por um beco estreito. Mal dera dois passos, foi puxada violentamente pelo braço e atirada de costas contra a parede de uma casa, numa viela deserta. O ar saiu de uma vez só de seus pulmões com a força do impacto, fazendo-a largar suas coisas no chão. Enquanto tentava recuperar o fôlego, viu Mark al-Bakkar à sua frente. Furioso, com as narinas freminho e uma expressão sinistra como ela nunca vira.

Dessa vez, mais do que em todas as outras em sua vida, você está mesmo encrencada.

– Muito bem – ele falou com voz baixa e carregada, a centímetros de seu rosto, sem largar seu braço – Agora que você já deu um espetáculo diante de metade de Tiro, vamos às explicações. Quem é você?

Raden engoliu em seco, mas manteve a expressão neutra.

Pense!

– Sou Raden.

O aperto em seu braço se tornou mais forte, forçando-a a se conter para não gemer de dor. E um punho fechado acertou a parede bem ao lado de seu rosto, arrancando parte do estuque. Radegund piscou, olhou para o punho e depois para ele novamente. E manteve o silêncio, apesar do estrondo que seu coração fazia em seu peito.

– Vou tentar de novo – ele estreitou os olhos castanhos, irritado com a atitude de provocação – Quem é você, de verdade?

Ela ergueu o queixo. Se ao menos... não. Ninguém a dobrara até ali. Bakkar não seria o primeiro.

– Sou Raden, mercenária de Edessa, a serviço de Ibelin.

Mark franziu ainda mais o cenho e cerrou os maxilares com toda força. Ela pensou que iria ser morta bem ali. O mestiço a encarou em silêncio, durante muito tempo, os dedos fechados como garras em torno de seu braço, a respiração pesada. Depois do que pareceu uma eternidade, voltou a falar.

– Em consideração ao fato de ter me salvado a vida, não vou matá-la. – Ele soltou o braço e a agarrou pelo pescoço, num aperto ameaçador. Olhou bem dentro dos olhos dela, até que percebesse que ela lutava desesperadamente por ar. Afrouxou apenas o suficiente para que ela não apagasse, demonstrando o porquê de Ibelin o considerar o seu melhor e mais eficiente homem – Mas quero saber o porquê desta maldita farsa! E eu acho melhor você dizer a mim, pois quando Ibelin souber disso, quando ele descobrir que sagrou uma mulher como cavaleiro e a contratou como espião, vai querer, no mínimo, sua cabeça! – Terminou a frase gritando.

Pela primeira vez, e com uma mórbida satisfação, Mark viu o medo passar pelos olhos dela. Não afrouxou a mão que segurava seu pescoço. Tinha que interrogá-la! Se ela mentira aquele tempo todo sobre a própria identidade, quem garantia que poderia confiar naquela criatura? Ela podia ser espiã dos sarracenos, dos bizantinos, dos *Hashashin*, ou de quem quer que fosse!

Porém, em sua raiva, ele não notou o brilho que substituiu o medo nos olhos dela e, quando deu por si, seu joelho já o acertara bem no meio das pernas, derrubando-o no chão. Quando a dor se dissipou, e ele ergueu os olhos, ela ainda estava lá. Não fugira ou corra dele. Também não o atacara. Apenas estava de pé à sua frente, a adaga em punho, os olhos brilhando com um fogo perigoso e selvagem, a respiração rápida e pesada.

– Quando quiser saber algo, Bakkar – ela deu um passo à frente e apontou-lhe a adaga – apenas pergunte com educação. Não tenho culpa se todos os homens são asnos cegos e estúpidos, mais preocupados em encherem a cara e em se enfiarem sob as saias de uma mulher. Sinto muito pelo seu orgulho masculino

ferido, mas se eu vivi assim até agora, não foi porque eu queria ou gostava e sim, porque precisei. Se queria saber quem eu sou, bastava conversar comigo, e não vir me ameaçar. – Fazendo uma pausa, agachou-se à frente dele, mostrando-se absolutamente segura, girando habilmente a adaga na mão. – Jamais me ameace ou tente me intimidar, Bakkar. Muitos já tentaram e não conseguiram. E não faça com que eu me arrependa de tê-lo tirado de Hattin, quando seus ossos poderiam estar lá, apodrecendo até agora. Saiba que eu não tenho nada a perder, Mark al-Bakkar. – Declarou no mesmo tom monocórdio – Eu não tenho medo de morrer. Nem de matar.

Encarando-o, apanhou a túnica e a cota de malha que haviam caído. Em seguida, se levantou e deu-lhe as costas, caminhando para a saída da viela.

Mark permanecia pasmo, sentado no chão, olhando o vulto esguio se distanciar. E antes que ela se afastasse definitivamente dele, olhou-o por sobre o ombro e disse.

– Estarei na casa de Leila, se ainda quiser falar comigo – fez uma pausa e virou-se mais um pouco, olhando nos olhos dele – A propósito, meu nome é Radegund.

Ele ainda ficou algum tempo sentado no chão da viela, olhando para o lenço negro que Raden... Não, Radegund, deixara cair. Diabos! Porque se irritara tanto? Certo, ela os enganara a todos com aquela farsa, mas, como ela mesma dissera, não era algo que desejasse. Quem desejaria viver a margem, como ela vivia?

Mark olhou mais uma vez para a passagem por onde a ruiva sumira. O que a teria levado a uma escolha como aquela? Pensou em como sua vida deveria ter sido dura. Em como teria sido complicado para ela se esconder daquele jeito, durante tanto tempo. Agora entendia as respostas reticentes, a reserva quase doentia e o eterno mau humor. Certamente teria sido horrível viver como ela vivera, com medo, sempre nas sombras. E ele, imbecil que era, estava sempre dificultando as coisas para Raden, mesmo sem querer. Diabos! Ele até mesmo a arrastara a um bordel!

Naqueles instantes, a raiva que sentira instantes antes foi desaparecendo. Em seu lugar, nasceu um profundo respeito pela força e pela coragem daquela mulher ímpar chamada Radegund.

Trípoli

Ragnar esvaziou mais uma caneca e a colocou sobre a mesa da taverna. Já entornara quatro jarras de vinho, e mais algumas de cerveja, mas seu esforço para se embriagar e esquecer Leila não estava dando certo.

Seu tamanho e sua cara de poucos amigos, aliados à barba por fazer e à

cicatriz avermelhada no seu rosto, recém adquirida numa briga, afastavam até mesmo as prostitutas de sua mesa.

Olhando para o fundo da caneca vazia, ficou pensando em quanto mais poderia adiar sua volta para Tiro, já que sua missão ali já estava cumprida. Ficou assim por muito tempo, até que um movimento à sua frente o fez erguer a cabeça, já dizendo.

– Que inferno, já falei que não vim aqui atrás de mulheres...

– Desculpe, amigo – falou uma voz em sua língua materna – mas eu sou muito feio para ser uma prostituta.

Ragnar levantou o rosto, espantado, o efeito do álcool desaparecendo completamente.

– O que diabos faz aqui, Hrolf Brosa?

– Protejo seu traseiro real... *alteza*.

Capítulo X

“OS HOMENS DEVERIAM SER SOMENTE O QUE PARECEM”.
“Othelo”. Ato III - Cena III. William Shakespeare

Trípoli

– Pode me explicar mais uma vez, Hrolf? – Ragnar pediu, esfregando os olhos – Creio que todo o vinho e a cerveja que tomei acabaram por afetar meu cérebro.

Sacudiu a cabeça, como se com o gesto pudesse espantar o amigo tal qual a uma assombração. Não funcionou. Diabos, a presença do rastreador ali na Terra Santa vindo de sua longínqua Noruega, trazendo aquelas notícias, teve o poder de abalar ainda mais seus pensamentos. A visão de Hrolf trazia lembranças que desejava manter enterradas para sempre.

A quem ele quisera enganar aquele tempo todo? Jamais deixara, – nem deixaria de ser – Ragnar Svenson, filho adotivo de Sven Haakonson e Marit Ingesdatter. Jamais deixaria de ser o filho ilegítimo do rei, que havia deixado sua terra natal há dez anos, quando percebera que poderia se tornar uma ameaça para a própria família. Agora, com a chegada de Hrolf, percebia que a única forma de não ser uma ameaça era estar morto. E desejou ardentemente jamais ter nascido.

Aquele maldito parentesco era um verdadeiro estigma. Quando criança, seus pais viviam cuidando para que não fosse raptado por uma facção rival e usado na guerra política pelo trono. Depois, na adolescência, fora vítima de planos de aliciamento por parte de diversos nobres, ansiosos por incrementar o poder junto ao trono; e da Igreja, que disputava cada centímetro de influência no reino.

O último destes planos havia incluído uma bela mulher, a primeira paixão de um jovem rapaz que, apesar dos três irmãos de criação, se sentia solitário e isolado de todos, no centro de uma rede de intrigas e suspeitas constantes.

Karin parecia ser tudo o que um jovem como ele desejava. Linda, doce, meiga. Olhos azuis límpidos e cabelos platinados que lhe chegavam quase até a cintura. Da mesma idade que ele, a moça se aproximara sutilmente, imiscuindo-se em sua família como uma nova vizinha, filha do senhor das terras que faziam fronteira com as de seus pais. Pouco a pouco foi se aproximando do rapaz brincalhão, mas solitário. E se tornou a primeira mulher de sua vida. Parecia tão inexperiente quanto ele e, tolamente, ele havia se deixado envolver por completo. Pensava que aquela era sua chance de se casar e constituir uma família, pondo de lado as conspirações.

Naturalmente seus zelosos pais o haviam alertado para o envolvimento do pai de Karin com os opositores do rei. Mas, ao ser confrontada, sua amada negara veementemente qualquer simpatia para com os ideais políticos do pai,

chegando mesmo a dizer-se contra eles. Acrescentara ainda que ele a proibira de sair de casa, desconfiado que estava de seu envolvimento com o filho de seus inimigos.

Isso servira para acender ainda mais sua paixão. Cada vez mais envolvido, pedira permissão aos pais para se casar com Karin. Certa da vitória, e querendo reforçar o envolvimento de ambos, a moça aparecera repentinamente em Svenhalla, acompanhada de uma pequena escolta, e pedira asilo. Contou que havia fugido, pois o pai descobriu o romance e iria mandá-la para um convento. Tolamente, Ragnar a aceitara e marcara o casamento para dali a uma semana. Na véspera do casamento, porém, a máscara de Karin caíra. Céus, ele ainda podia ver aquela cena com clareza, como se tivesse acontecido ontem e não anos atrás!

Ele havia resolvido sair junto com seus irmãos, Björn e Einar, e com o amigo Hrolf. O objetivo era caçar, encher-se de *akevitt* e passar a noite contando vantagens à frente de uma fogueira. Seria sua maneira de aproveitar o último dia como solteiro. Lembrava-se ainda da alegria que sentira ao entrarem no bosque, perseguindo uma presa. E do choque que tivera ao se deparar com a cena chocante. Ele fora o primeiro a vê-la, por trás da linha das árvores que rodeavam uma clareira. Seus pés haviam permanecido pregados no chão enquanto a cena se desenrolava a sua frente e de seus irmãos. Sem notar a presença deles, Karin estava a poucos metros adiante.

Com as tranças desfeitas, as saias arregaçadas até o meio das coxas e o corpete aberto, sua futura esposa rolava no chão com um dos homens de sua escolta. Para completar sua humilhação, ela gargalhava ao debochar do noivo junto ao amante.

– O tolo Svenson! Pensa que estou apaixonada e que largaria meu pai e o luxo da corte para casar-me com ele! Um grandalhão desajeitado e provinciano! Só serviu para me divertir na cama... – ela riu maldosa para o parceiro – para apimentar um pouco mais as coisas. Confesso que foi bom tê-lo, mas você é bem melhor meu caro. E quando eu tiver Svenson em minhas mãos, a ameaça será eliminada, pode avisar ao meu pai! O filho do rei jamais poderá se levantar do túmulo para reivindicar o trono.

– Ora, Karin! – O soldado falava enquanto enfiava as mãos sob a saia de sua noiva – Deixe de lado esse idiota, não viemos aqui para isso!

A volúpia no olhar de Karin era evidente quando fitou o amante e esfregou-se nele despudoradamente.

– Não meu caro! Mas esses planos de poder me excitam... – concluiu a traidora, beijando o parceiro, que já se colocava entre suas pernas.

Possesso com a perfídia da noiva, ele fora contido a custo pelos irmãos e por Hrolf. Apesar da raiva e do desejo de vingança, os três o haviam

aconselhado a sair dali em silêncio e a ir falar com seu pai, antes de mais nada.

Chocado, mas não de todo surpreso, Sven Haakonson ponderara sobre a situação. E desejando evitar uma guerra com o feudo vizinho, achou por bem chamar Karin em particular e jogar-lhe na cara as descobertas. E fez isso diante de Ragnar, da esposa e de seus outros filhos. A moça simplesmente os olhara com desdém e reclamara.

– É uma pena. Seria um ótimo plano. – Sem sequer olhar para o desolado ex-noivo, continuara – E agora? Vão me matar?

– Você não vale o esforço – falara Haakonson, enojado – Mas quero você e todos os seus soldados e parentes fora daqui até o pôr-do-sol, sua vagabunda!

E assim, sua primeira paixão se acabara, e com ela sua confiança. Depois desse dia, a única coisa que desejara fora sumir de Svenhalla; deixar a Noruega para trás e nunca mais voltar. E fora o que havia feito. Apesar da desolação dos pais e dos apelos dos irmãos, embarcara num dos navios da família e ganhara o mundo para além de seus amados fiordes.

Eventualmente, naqueles dez anos, havia mandado uma ou outra mensagem para Sven e Marit, apenas para que eles soubessem que estava vivo e bem. Devia isso a eles, a família que o acolhera e que o criara como um verdadeiro filho quando sua mãe, uma nobre, amante do rei, morrera. No mais, já se havia se conformado com aquela vida solitária. Era melhor do que confiar e sofrer. Aliás, se conformara até o momento em que pusera os olhos em Leila.

Inferno! Como fui idiota!

Ragnar esfregou as têmporas com os dedos e sacudiu a cabeça, tentando afastar todas aquelas lembranças. Estava cansado. A bem da verdade, apesar de todas as lutas e todo sangue que corria ali na Terra Santa, ainda era uma vida mais tranquila do que a que levava na Noruega, onde a qualquer momento poderia ter uma flecha cravada em seu pescoço. Ali pelo menos sabia quem eram seus inimigos. Seu único erro fora se apaixonar por Leila, assim como fizera com Karin.

Agora, Hrolf Brosa, amigo de sua juventude, apenas alguns anos mais velho do que ele, aparecia em Trípoli, trazendo o passado na bagagem e a notícia de uma nova ameaça. Estava sendo caçado como uma lebre. Grande! Era só disso que precisava para ser feliz.

– Estou lhe dizendo, Svenson – Hrolf estava impaciente – o tal Blake é conhecido como o mais eficiente assassino de todo o Sacro Império. Ele é pago, ele mata. – Fez um gesto significativo, como se cortasse o pescoço. – Precisamos ficar atentos, mas, o problema é que ninguém conhece o rosto dele.

– Então, meu caro amigo, – ironizou Ragnar – como é que vamos achá-lo antes que ele me ache?

– Há uma pista... – o rastreador se inclinou sobre a mesa, passando a falar num tom mais baixo – sabe-se que Blake foi ferido seriamente no rosto, há alguns anos. Tem uma grande cicatriz da sobrancelha ao queixo, segundo me informaram, no lado direito.

– Então – Ragnar coçou a barba por fazer – Se encontrarmos o homem da cicatriz...

– Teremos Blake. – Completou Hrolf.

– Isso se ele não me achar antes – grunhiu o outro, mal-humorado, virando mais uma caneca da cerveja que a criada trouxera.

Hrolf franziu o cenho, estranhando sua atitude ranzinza. Conhecia Ragnar há muitos anos para saber que o amigo estava fora de seu estado normal. Olhou de novo para os jarros vazios sobre a mesa. Não, aquele rapaz nunca fora de se embriagar daquela forma. O jovem Svenson gostava dos prazeres mundanos, das noitadas nas tavernas e de uma bela rapariga. Mas sempre fora alegre e responsável. Não taciturno e relaxado consigo mesmo, como o via neste momento. Algo acontecera para deixá-lo naquele estado. Mas, o quê? Ficou olhando para ele durante tanto tempo, e de modo tão intrigado, que Ragnar ergueu o rosto e rosnou.

– Perdeu alguma coisa aqui, Brosa?

– Eu não. – Hrolf rebateu, irritado – mas você parece que perdeu a educação que Marit lhe deu.

– Para o diabo com a educação – Ragnar sorveu mais um longo gole de cerveja. Que inferno! Será que um homem não podia sequer ficar bêbado sossegado naqueles dias?

– Pare de se comportar como um garoto, Svenson. Acabei de lhe dizer a razão de minha vinda e você parece pouco ligar. E o que é pior – Hrolf inclinou-se novamente sobre a mesa e puxou o jarro de cerveja da frente do amigo – está chamando mais atenção sobre si do que precisamos neste momento!

Teimoso, Ragnar trouxe o jarro para perto novamente.

– Vá para o inferno, Brosa. Não pedi para vir atrás de mim! Não preciso de ama-seca!

– Não, jovem Svenson – o rastreador sorriu irônico, levantando-se do banco, perdendo de vez a paciência – Você precisa é de uma lição...

Um quarto de hora depois, Ragnar, apesar de todo seu tamanho, era arrastado para fora da taverna por Hrolf Brosa, com um olho roxo, os lábios cortados e o nariz sangrando. Tonto, ele abriu uma das pálpebras.

– Como pôde?

– Você estava bêbado e descuidado! – Hrolf jogou-o ao lado de um cocho,

encheu um balde com água e jogou-o sobre sua cabeça. Ragnar sacudiu-se e praguejou. O rastreador prosseguiu. – Agora, levante-se e aja como um homem, e não como um rapazinho malcriado!

Ragnar se sentiu como um moleque apanhado no meio de uma traquinagem. Além de ser o mais renomado rastreador do reino, Hrolf era um respeitado lutador. Havia treinado, juntamente com ele e seus irmãos, com grandes mestres e a única coisa que diferenciava o amigo de si mesmo era o tamanho. Hrolf era pouca coisa mais baixo, e menos corpulento. Mas sua agilidade fora o suficiente naquela noite para colocá-lo em seu devido lugar. Sem lhe dar tempo para pensar numa resposta, Hrolf indagou de chofre.

– Quem é ela?

Ragnar nem se deu ao trabalho de se sentir espantado. Hrolf era perspicaz demais e o conhecia há muito tempo. Rapidamente deduzira que seu estado lastimável só podia ter como causa uma mulher. Ele já o vira assim uma vez, dez anos atrás, antes que partisse da Noruega. Ainda zonzo, esfregou os olhos e tentou clarear a mente. Em seguida, levantou com cuidado, pois Hrolf o acertara de jeito. Passou o braço pelos ombros do amigo e foi dizendo, com uma pontada de humor.

– Hrolf, meu amigo, é uma longa história. – E como se nada tivesse acontecido, começou a andar e comentou – Sabe que você ainda bate muito bem? Bom, tudo começou em Jerusalém...

Tiro

Leila se ergueu espantada da cadeira ao ver Raden passar pela porta. A guerreira acabara de entrar em sua casa sem seu habitual disfarce. Além disto, estava suja, machucada e com uma grande marca arroxeadada no pescoço.

– Raden! – Correu até a amiga e indagou, apreensiva – o que houve?

A ruiva deixou suas coisas no chão e caiu pesadamente sobre uma poltrona, afundando o rosto entre as mãos, ignorando o espanto que causava ao seu redor. Na verdade, sentia-se como se o próprio chão houvesse deixado de existir sob seus pés. O que faria agora? O que seria de sua vida dali para frente?

– Ah, Leila – gemeu – tudo o que poderia acabar de dar errado em minha vida, deu hoje.

Ainda desnorteada, Leila ergueu os olhos e se deparou com as criadas e Patrus. Todos estavam aparvalhados diante da revelação de que o jovem *chevalier* e guarda-costas da patroa era, na verdade, uma mulher.

– Saiam todos e fechem a porta. Não quero ser importunada. – Ordenou imperiosa. Em seguida, voltou-se para a amiga e perguntou – Pode me dizer o que aconteceu?

A guerreira contou sobre o episódio com Odrich, a revelação pública de sua identidade e a consequente reação violenta de Mark al-Bakkar.

– Meu Deus! – A sarracena exclamou espantada, fazendo-a erguer a cabeça e tocando-lhe o rosto e o pescoço – Bakkar fez isso com você? Não acredito! Eu o conheço desde que era uma menina; meu pai e o avô dele eram muito chegados. Jamais o vi sequer erguer a voz para uma mulher. Ele é sempre tão gentil!

– Não se engane, minha amiga. – A ruiva afirmou com gravidade. – O que você vê é apenas o verniz Bakkar. Nós trabalhamos juntos, esqueceu? Eu conheço um lado dele que você nem imagina que exista. Só não esperava que esse lado fosse se voltar justamente contra mim.

Leila balançou a cabeça, ainda incrédula.

– O que pretende fazer?

– Não sei – Raden olhou para ela, confusa – eu nunca...

Não concluiu a frase. Apenas deu de ombros, expressando toda sua impotência.

– Mas o que você imaginava? Na certa previa que algum dia seria descoberta. – Colocou as mãos na cintura, impaciente – Ora, pelo Profeta, Raden! Ninguém consegue manter uma mentira dessas a vida toda.

– Na verdade – ela encostou a cabeça no espaldar e fechou os olhos – Nunca pensei no futuro. Sempre vivi cada dia como se fosse o último. Meu único objetivo sempre foi sobreviver.

O peso da existência dela caiu sobre Leila. Só então se dava conta da imensa solidão em que vivia sua amiga. Com o coração repleto de compaixão, correu para consolá-la.

– Oh, Raden! – Chegou perto da cadeira e ajoelhou-se a sua frente – Ah, minha amiga! Eu sinto tanto que sua vida tenha sido tão difícil...

Raden fitou-a e sorriu tristemente. Leila era doce e generosa, apesar de temperamental. Era também a primeira amiga que fazia em toda sua vida. Sua preocupação a tocava profundamente e, se tivesse o coração mais mole, teria chorado nesse momento. Respirando fundo, livrou-se daquele inconveniente. Precisava ser prática, lamentações não lhe serviriam de nada. A vida seguiria seu curso, e sua promessa ao pai de Leila continuaria valendo. Fosse qual fosse o rumo que as coisas tomassem dali em diante, de uma coisa tinha certeza: a proteção de Leila era sua prioridade.

– Eu não sei o que vai acontecer daqui para frente – tomou as mãos da amiga nas suas – mas eu pretendo continuar a missão que seu pai me deu. Pelo menos, até que você se case e tenha um bom marido para protegê-la.

Leila se ergueu subitamente e lhe deu as costas.

– Não penso mais em me casar.

– Ora, menina! – Raden se exasperou – toda mulher pensa em se casar. Ainda mais uma moça em sua posição!

Leila a encarou de novo e disparou, petulante.

– Você não se casou!

– Diabos! – A ruiva se irritou de vez – sabe muito bem que não pode me tomar como um modelo! Vai me dizer que não pensa em se casar, ter filhos...?

– Sim, eu... – Leila calou-se e seus olhos ficaram marejados. Toda sua beligerância de instantes antes cedeu, dando lugar a uma grande tristeza – eu pensei nisso, desejei muito, mas agora...

– Agora, o quê, Leila? – Por que aquelas coisas de mulheres eram tão complicadas?

– Ora, Raden! Não percebe que me apaixonei por Ragnar Svenson? – A ruiva estava com uma expressão mortificada. – E agora não sei o que fazer! Eu e ele... passamos aquela noite juntos... e foi tão mágico, tão especial...

Durante alguns instantes as duas ficaram em silêncio.

– Eu não sei o que dizer. – Raden balançou a cabeça, impotente – não tenho experiência nesses assuntos. Só entendo de luta e sobrevivência. – Ergueu-se da cadeira e se aproximou da moça – Mas se fosse uma guerra, eu usaria todas as armas ao meu alcance. Eu traçaria uma estratégia e lutaria até o fim para alcançar meu objetivo.

– Está me dizendo... – a moça estava surpresa – que aprova meu relacionamento com Ragnar? Que não ficou aborrecida?

– Leila, durante nossa viagem eu velava por sua segurança, e por isso não permiti que ele se aproximasse de você. Não da forma como ele gostaria – piscou, fazendo a outra corar – Mas, mesmo então, pude perceber que Ragnar era um homem honrado. Ele foi honesto quando eu o interpelei, e cumpriu com sua palavra desde então. E se ele chegou ao ponto de dormir com você, na certa tinha boas intenções. Resta-nos agora saber que bicho foi que o mordeu para deixá-lo tão aborrecido. – Ergueu uma das sobrancelhas e confidenciou num tom mais baixo – Acredite, acho que nosso simpático amigo norueguês esconde alguns segredos... – e quem sou eu para julgá-lo, completou mentalmente.

– Também acredito nisso. – Concordou a jovem, já mais animada – Mas, como vamos descobrir? E como vou me aproximar de novo dele? Ele sumiu.

– Ele não sumiu, está em Trípoli – a outra retrucou, lacônica.

– Sim, mas já deveria ter voltado.

– Sossegue. – Raden tratou de aquietá-la – Ragnar deve chegar hoje ou amanhã. Ibelin lhe deu uma semana de prazo para retornar com os relatórios. Quanto às informações, sei de alguém que poderá nos dar o que queremos.

– Bakkar?

– Ele mesmo. – Ela se levantou, apanhando as coisas que deixara cair no chão – Mas você vai ter que arrancar isso dele. Depois do que aconteceu hoje, creio que não estou em muito bons termos com o sujeito.

Do lado de fora da casa de Leila, Vernon ainda tentava acreditar no que seus olhos haviam testemunhado. Seguiu o tal criado do mercado até ali e ficara à espreita. Já estava quase desistindo quando a figura em roupas pretas e de longos cabelos vermelhos passou pelos portões. Ocultara-se atrás do muro e trancara os dentes com ódio, reconhecendo o rosto e o porte. O tal Raden, que o havia enfrentado em Jerusalém, era uma maldita mulher! Sua revolta aumentou ainda mais. Tinha fermentado a raiva contra o taciturno soldado desde o dia em que o desgraçado o dominara, defendendo a sarracena de seu assédio. E depois, quando o rapaz salvara o mestiço em Hattin, e sua fama crescera entre a cavalaria, ele se enchera de inveja. Vadia! O próprio Ibelin a sagrara durante o cerco! Que piada ridícula!

Agora sua fúria crescia e não tinha medidas. Ser dominado por aquele moleque já fora humilhante. Mas ser dominado por uma mulher, era inaceitável! Fervendo de ódio, acrescentou mais um motivo, além da luxúria, para raptar a jovem sarracena, à sua lista. Vingança.

Leila acompanhou com o olhar a amiga sair da sala. Com um suspiro, também deixou o aposento e se sentou num divã no pátio interno, tentando aproveitar o frescor da brisa do mar. Precisava tirar alguns momentos para colocar os pensamentos em ordem e refletir sobre os rumos inesperados que sua vida havia tomado. Rumos estes que a levavam a um tumulto interno sem precedentes. Naquele curto espaço de tempo, perdera o pai, a vida organizada que tinha em Jerusalém, ganhara uma estranha amiga e fizera amor pela primeira vez com um homem que, no fim das contas, acreditava ter sido usado por ela. Céus! Passou a mãos pela testa e recostou-se nas almofadas do divã. O que mais faltava lhe acontecer?

Olhando pelas frestas da cortina, os olhos maldosos acompanhavam cada movimento da usurpadora de seus direitos. Tantos anos de dedicação para nada! Tanto tempo servindo àquela mulher para receber aquilo como recompensa! Maldita a hora em que aquela criaturinha não morrera junto com o pai, em Jerusalém. Mas em breve a situação se reverteria. A coisa mais fácil em Tiro era arranjar alguém para desaparecer com a jovem para sempre. E ele, que estivera ali, sempre presente, teria a maior facilidade em ficar com tudo o que fora de

Sophia. E de Leila.

Mark andou a esmo durante muito tempo pelas ruas de Tiro, até resolver voltar à casa de Leila. Ainda estava muito perturbado pela descoberta de que Raden, seu salvador e companheiro de armas, era uma mulher. E que mulher!

Ele, que sempre apreciara os atributos femininos, ficara fascinado com os cabelos vermelhos e os olhos verdes e faiscantes. E estava se perguntando até agora como diabos não percebera! Logo ele que conhecia as mulheres como ninguém, que as amava e não podia viver sem elas. Como não notara o suave gíngar dos quadris quando ela andava? Ou os braços esguios, ainda que fortes?

Asno, Bakkar! Você é um asno cego e estúpido como ela mesma disse!

Relembrando os acontecimentos dos últimos meses, ficou pensando em como ela fora eficiente em sustentar sua farsa. Nunca ninguém havia desconfiado. Sempre discreta, taciturna e silenciosa, Raden se colocava constantemente na posição de observadora. O único momento em que ela libertava sua força era no campo, durante uma luta. Guerreava ferozmente e enfrentava seus inimigos com destemor; era até considerada por alguns colegas como impetuosa e atrevida ao extremo. Talvez esta fosse a origem daquela fúria temerária. Uma forma de dar vazão à ira contida, um meio de se rebelar contra a silenciosa repressão a que se submetia. Essas qualidades, além da coragem e da solidariedade demonstradas para com ele em Hattin, foram as que mais haviam lhe chamado a atenção sobre Raden. E também o que mais contara pontos para que fosse convocada ao serviço de Ibelin. Mark estacou repentinamente no meio da rua.

Ibelin!

Essa não! O nobre já estaria ciente do que havia acontecido. Precisava chegar até Raden antes que seu superior, que deveria estar soltando fogo pelas ventas, pusesse as mãos nela. Sem perceber, começou a correr.

No início da tarde, Patrus bateu à porta de Radegund. Lançando olhares fugidios, sem nunca a encarar, ele transmitiu sua mensagem, ainda hesitante.

– Desculpe, *sire*... quero dizer, dama....

– Esqueça homem! – Interrompeu, exasperada com seu embaraço – Desembuche; o que quer?

– Há um *chevalier* de Ibelin à porta. Ele deseja vê-la.

Começou.

– Diga que já irei ter com ele, Patrus.

Raden fechou a porta sem esperar que o egípcio saísse da soleira. Não sabia dizer porque, mas o criado magricela a irritava. Talvez fosse aquele jeito dele de

jamais olhar alguém nos olhos. Deu de ombros, ignorando aquelas sensações inúteis e olhou ao redor do aposento. O chamado de Ibelin era mais um passo no caminho de sua destruição. Afastou as cortinas e olhou o entardecer avermelhado lá fora. A janela dava para a lateral da residência, e dali seria fácil chegar ao porto e se ocultar num navio qualquer.

Mas, quem disse que queria fugir? Ou que iria fazê-lo?

Sorrindo de maneira desdenhosa, soltou a cortina e começou a tirar as roupas sujas. Limpou o rosto e os braços machucados e envolveu um lenço ao redor do pescoço dolorido, ocultando os hematomas. Vestiu a cota de malha e sua melhor túnica. Em seguida, apanhou as armas. O soldado Raden fora contratado por sua competência e discrição. Agora talvez eles precisassem conhecer um pouco de Radegund, a mulher que realmente construíra aquela reputação.

Fechando a porta do aposento atrás de si, caminhou em direção a sala, onde uma apreensiva Leila a esperava, torcendo as mãos nervosamente. Diante dela estava o *chevalier* Andrew, o enviado de Ibelin. O homem de meia idade e cabelos grisalhos fitou-a bastante espantado.

– Deus misericordioso! Então é mesmo verdade!

– Boa noite, Andrew. – A voz rouca encheu a sala silenciosa – Creio que *messire* Balian deseje me ver.

O homem recobrou a compostura a custo.

– Sim, *sire*... Isto é... Raden... Oh, Deus! Qual é o seu nome, moça?

– Pode me chamar de Raden mesmo. Quanto ao “*sire*”, – deu de ombros com ares de mofa – deixe-o de lado. Poderá nos causar complicações. Podemos ir? – Perguntou

– Eu vou com você. – Soou uma voz grave e bem conhecida às suas costas. Raden se voltou, surpresa, erguendo uma de suas sobrancelhas num trejeito que já a caracterizava. Colocou-se em alerta.

– Bakkar.

Ele a ignorou.

– Andrew, eu acompanharei Raden até o quartel.

– As minhas ordens... – o *chevalier* começou.

O mestiço parou a frente dele, a expressão de poucos amigos intimidando o homem mais velho.

– Eu acompanharei Raden até o quartel. Está dispensado.

Raden e Leila se entreolharam espantadas. Jamais haviam visto o mestiço usar daquele tom autoritário. Tornava-se evidente, naquele momento, que Bakkar era muito mais na hierarquia daquela rede do supunham, ou do que ele demonstrava ser. Interrompendo seus pensamentos, ele se dirigiu a Raden, após a

saída de Andrew.

– Radegund, se fizer o favor de esperar que eu me ponha apresentável, irei acompanhá-la a presença de Ibelin.

Seu tom era brando, mas firme. Uma ordem implícita por trás do pedido educado. Não admitia réplicas.

Raden assentiu em silêncio, enquanto ele se afastava por um dos corredores. Até saber em que terreno pisava, evitaria desafiá-lo.

Capítulo XI

“O OLHAR ASSIM TERIA
QUEM NOS VIESSE DAR NOTÍCIAS DE FATOS MUITO ESTRANHOS. ”
“Macbeth”. Cena I, Ato I. William Shakespeare

Palestina, norte de Tiro

Ragnar havia decidido voltar para Tiro assim que deixara a taverna e, naturalmente, o fez com Hrolf Brosa em seus calcanhares. Além de ter que fazer seu relatório a Ibelin, havia ainda a ameaça que pairava sobre a sua cabeça. Sendo assim, achou por bem avisar a seus amigos, caso o tal assassino rondasse por lá. Fatalmente o pensamento evocou a imagem de Leila, direcionando suas lembranças para a sarracena.

A conversa com Hrolf servira para lhe esfriar um pouco a cabeça. Ele chamara sua atenção para o fato de que, no caso de Karin, tudo fora premeditado; um ardil bem calculado para envolvê-lo e arrastá-lo para uma armadilha. Já com Leila, a situação era diferente; o único pecado que a moça poderia ter cometido seria o de se sentir apavorada com uma relação que ia contra tudo o que a sociedade em que ela fora criada ditava.

Diante deste novo ponto de vista, Ragnar admitiu para si mesmo ter sido precipitado e egoísta em seu julgamento. Afinal, Leila tinha todo o direito de se sentir insegura no dia seguinte. Eles não haviam conversado sobre o futuro. A tempestade de emoções que os assolara naquela noite não havia deixado espaço para o diálogo.

Ao recordar aqueles momentos, não pode evitar que seu corpo se incendiasse; o desejo se apoderando de suas entranhas, o sangue correndo numa velocidade absurda em suas veias. Deus! Mesmo estando a milhas de distância, a pequena morena tinha o dom de desnorteá-lo! Mas assim que chegasse a Tiro e se desincumbisse dos trâmites de sua missão, iria procurá-la e tentaria conversar com Leila. Seria uma luta fazer isso sem sucumbir à tentação de arrastá-la para a cama e tirar a forra daqueles dias longe de seu corpo sedutor. Porém, antes de mais nada, teriam que resolver suas diferenças. Ou melhor, ele teria que lhe pedir desculpas. Afinal, havia sido ele, com seu passado amargo, quem havia tirado conclusões precipitadas. Julgara Leila uma criatura tão leviana quanto Karin. Agora teria que lutar por seu perdão. E, claro, tentar convencê-la a se casar com ele.

Esporeando o cavalo pela estrada em direção a Tiro, emparelhou a montaria com a de Hrolf e rezou para que ainda houvesse uma chance de que Leila o ouvisse.

Tiro

O sol baixava no horizonte além de Tiro, tingindo a cidade com um tom avermelhado, quando Mark e Raden se despediram de uma preocupada Leila. Calados, saltaram sobre suas montarias e seguiram a passo para o quartel do senescal.

O silêncio que se estabelecera entre eles não incomodava Radegund. Ele fazia parte de sua natureza. O que a incomodava era aquela tensão entre ela e Bakkar. Podia sentir a raiva dele reverberando dentro dela. De alguma forma, porém, e apesar da briga daquela manhã, sabia que o mestiço estava ali para protegê-la de possíveis represálias de Ibelin. E por mais esquisito que aquilo pudesse lhe parecer, trouxe a ela um pequeno alívio. No entanto, pensar no nobre a deixou apreensiva. Um nó se formou na boca de seu estômago.

– Sossegue. – A voz de Bakkar, quebrando o mutismo e interrompendo suas reflexões, quase a fez cair da sela de Lúcifer. – Ibelin tem gênio forte, mas é justo. – Ele a encarou com seriedade – E eu estarei com você. Não tenha medo.

Ela apenas fez que sim com a cabeça. Parecia que ele lhe adivinhara os pensamentos.

Tyler encolheu-se contra os muros da casa de Leila quando os dois guerreiros saíram, mal podendo conter a euforia. Esfregou as mãos em antecipação. Vernon podia até ficar com a moreninha. O que importava? A garota era vergonhosamente rica. Dentro daquela casa, além de muitas criadinhas, devia haver ouro o suficiente para que os três – ele, Vernon e Gerald – vivessem confortavelmente em um canto qualquer, longe daquela terra quente como os infernos.

O importante agora seria avisar Vernon de que a casa estava desprotegida. Virou-se depressa para ir encontrar o comparsa, mas deu de cara com um par de olhos fixos nele. Olhos maldosos e hipnóticos, como os de uma serpente.

– Diabos, homem! – Reclamou com o estranho – quer me matar de susto?

– O que quer aqui? – O outro perguntou impassível, o olhar capaz de gelar os ossos.

– Nada, só vim ver o tal soldado que era mulher! – Tyler inventou uma desculpa e riu sem vontade, enervado.

O desconhecido o estudou por longos minutos e pareceu ver sua alma. Tyler, por mais que tentasse, não conseguia desprender os olhos dos dele; era como estar preso na teia de uma grande aranha. O estranho perguntou algo e ele se ouviu respondendo, como se a língua e a boca que articulassem aquele som não lhe pertencessem.

– Eu quero a garota, a dona da casa... – Os olhos adquiriram um brilho mais perverso ainda e o renegado, como se despertasse de um sonho hipnótico,

sacudiu a cabeça e perguntou assustado. – O que fez?

– Não importa. – O homem o silenciou com um gesto – O que importa é que você me será útil. Tenho um trabalho para lhe oferecer.

Tyler estreitou os olhos, a ambição rapidamente substituindo o medo. O outro notou a mudança e fez sua oferta.

– O que me diz de conseguir a mulher e mais uma generosa fortuna em pedras e ouro?

O soldado desertor lambeu os beiços como um cão à frente de um osso. Mas ainda assim se mostrou cauteloso em suas palavras.

– E qual seria seu interesse no sumiço dela?

Os olhos maldosos faiscaram e o encararam com um brilho venenoso. O soldado sentiu os cabelos da nuca se arrepiarem quando o outro respondeu, sua voz melíflua reverberando no fundo de sua mente.

– Digamos que removerei um obstáculo de meu caminho. Você trabalha sozinho, meu rapaz? – Os dedos magros e frios ergueram o queixo de Tyler, que obedeceu como um cão. Parecia ter sido tocado por uma cobra, mas não conseguia resistir àquele poder estranho que o homem lançava sobre ele. Suas pupilas pareciam engoli-lo e sua boca falou por contra própria novamente.

– Quem quer a mulher é Vernon. Eu e Gerald apenas o estamos ajudando nesta história. Mas vamos dividi-la assim que ele se cansar. Ele também quer se vingar da mulher ruiva e do norueguês.

Os olhos do estranho cintilaram de satisfação e maldade. Set o recompensava por tê-lo cultuado e aos seus ensinamentos em segredo. Seu senhor enviara até ele um emissário de sua vontade e, em breve, a fortuna de Sophia e Leila seria dele.

– Muito bem – largou o queixo do soldado, que cambaleou para trás, parecendo subitamente exausto – deixe um de vocês aqui, a postos, pois a qualquer momento a oportunidade pode surgir. Eu os ajudarei a ter a jovem sarracena e lhes darei uma boa quantia pelo serviço de desaparecerem com ela para sempre. Quanto à ruiva, não posso fazer nada. Ela foi levada ao quartel do senescal e honestamente, não sei se sairá de lá viva.

Amedrontado, mas satisfeito pelo encontro inesperado e produtivo, Tyler assentiu e sumiu pela rua afora, com os olhos maldosos e hipnóticos ainda cravados em suas costas. Em sua mente, pareceu ouvir aquela voz cavernosa ecoando. *Não ouse me trair.*

Amedrontado, apertou o passo.

A noite já caíra há muito tempo. Leila, apreensiva, andava de um lado para o outro da casa. Havia mais de quatro horas que ouvira Jamal entoar o *salat*.

Fazia um pouco mais que Bakkar e Raden haviam partido e, desde então, não recebera nenhuma notícia deles. Mandara um criado ao quartel do senescal e a única coisa que conseguira saber fora que Raden estava incomunicável e que Bakkar estava reunido com Ibelin e um grupo de *chevaliers*.

Fechando os olhos, ela dirigiu uma prece a Alá, rogando proteção para amiga. A única novidade que obtivera, e que também a havia deixado com um nó na boca do estômago, fora que Ragnar acabara de chegar à cidade. O criado o vira passar pelos portões, indo na direção do quartel, quando estava voltando com as notícias.

Imaginou se ele iria procurá-la. Achava horrível aquela situação que ficara entre eles, deixada pela metade, mal explicada. Aquilo nada tinha a ver com seu temperamento. Sempre fora decidida e gostava de tudo em pratos limpos. Se não fosse tão tarde, iria ela mesma falar com aquele turrão! E também procuraria ver Raden. Andando a esmo pela casa, parou em frente à porta do quarto da guerreira, com uma ideia surgindo em sua mente. E se pegasse uma das roupas de Raden emprestada e fosse até o quartel? Se a amiga podia se vestir de homem, por que ela não?

Antes que se arrependesse, Leila entrou no aposento e trancou a porta atrás de si. Vasculhou as coisas de Raden, desculpando-se intimamente com ela por invadir sua privacidade daquela forma. Mexeu nos alforjes e retirou de lá um livro grosso com capa de couro, que logo percebeu se tratar de uma velha Bíblia. Mais no fundo do alforje estava a caixa com as joias que Bharakat dera à guerreira.

Reverente, acariciou os entalhes da caixa, lembrando-se da sabedoria do pai.

– Ah *baba*! Como gostaria que estivesse aqui para me aconselhar... – sussurrou – será que o senhor se enganou em seu julgamento quanto a Ragnar? Será que ele era realmente o homem certo para mim?

Afastando a tristeza da mente, prosseguiu em sua busca. Largou os alforjes e foi até uma cômoda de cedro, onde achou o que precisava. Um par de calças e uma túnica. Colocou-os à frente do corpo. Raden era muito mais alta e com ombros bem mais largos do que os seus. Mas nada que uns poucos pontos nas mangas da túnica e nas barras da calça não pudessem resolver. O próximo passo seria arranjar um calçado, pensou, olhando desolada para suas finas sapatilhas. Espiou embaixo de uma cadeira e achou um par de botas. Experimentou-as e exultou quando, após enchê-las com alguns trapos embolados, ficaram quase perfeitas, apenas um pouco folgadas.

– Maravilha! – Sorriu consigo mesma, excitada com sua aventura. Pé ante pé, saiu do quarto de Raden e foi até seu próprio dormitório onde, com agulha e

linha, rapidamente encurtou a túnica e a calça. Só não sabia o que fazer com os seios. Como Raden os disfarçava sob as roupas? Tinha que haver um jeito!

Não custou a imaginar. Pegou um pedaço de linho comprido e, tirando o vestido, tratou de prender firmemente os seios com a faixa, apertando-os bem. Mesmo assim, não gostou muito do resultado. Os contornos arredondados ainda apareciam. Afrouxou um pouco a túnica sobre o corpo.

– Hum... bem melhor. Agora a calça.

Leila olhou-se no espelho e engoliu em seco diante da própria imagem. Céus! Sentia-se indecente! Como Raden conseguia ficar à vontade naquilo? Cada uma de suas curvas parecia acentuada pela lã macia e um pouco gasta nos joelhos e nas nádegas. Ainda bem que Raden sempre usava uma túnica e o cinturão sobre as calças, assim disfarçava os quadris femininos. Mas ela, Leila, com aquelas curvas mais arredondadas que as da amiga, jamais conseguiria se passar por um rapaz, mesmo que a túnica a cobrisse quase até o joelho. A não ser... sim! Jogaria o longo albornoz de Raden por cima do conjunto.

– Você é brilhante, Leila! – Ela falou para seu próprio reflexo no espelho.

Por último, calçou as botas, arrancou os brincos das orelhas e as outras joias que trazia, envolvendo os cabelos e o pescoço num turbante, como Raden fazia, deixando apenas a face de fora. Satisfeita com o resultado, deu uma volta à frente do espelho e colocou o albornoz por cima de tudo. E traçou um plano para chegar ao quartel a pé, já que não possuía muita familiaridade com cavalos.

Sairia pelos fundos de casa e tomaria a via que passava pelo mercado. Andaria pelas sombras e evitaria as tavernas. Excitada e ansiosa, Leila ainda se lembrou de tomar uma última precaução. Retornou ao quarto de Raden e pegou uma de suas facas. Ao menos, seria uma proteção. Saindo pela porta dos fundos, embrenhou-se na noite.

Aquela era a sua chance!

Os olhos maldosos brilharam na escuridão, como uma serpente prestes a dar o bote. E se voltaram para Gerald.

– Vá, é ela!

– Mas... – Gerald olhou a figura que se afastava enrolada no albornoz – É um garoto.

– Imbecil – ele sibilou – É Leila. Está disfarçada. Repare em seu jeito de andar! Vá! Essa é a chance. Na certa vai atrás da ruiva, no quartel. Vá e suma com ela!

Sem remédio, Gerald correu pelas sombras atrás de Leila.

Depois de mais uma, entre as inúmeras voltas que já dera pelo aposento

onde fora encerrada há horas, Raden parou e apurou os ouvidos. Contrariada, pois só ouvia o zumbido dos insetos, bufou e recomeçou a andar. Assim que chegara ao quartel, acompanhada por Bakkar, – e que se apresentaram ao marquês Conrad de Montferrat - fora separada do companheiro, intimada a entregar suas armas e levada para aquela sala. Calculava que já estava lá há pelo menos quatro horas, já que a lua ia alta no céu. Com certeza já passara das completas, e ainda não houvera nenhum sinal de Mark, Ibelin ou de quem quer que fosse. Será que a deixariam apodrecer ali? Que diabo! Maldita hora em que Mark al-Bakkar cruzara seu caminho. O homem parecia ter trazido todo o azar do mundo para ela.

Não seja injusta... reclamou a voz de sua consciência.

A bem da verdade, como Leila havia dito, mais cedo ou mais tarde sua farsa seria descoberta. Bakkar não tinha culpa disso. Fora ela quem se metera na confusão com Odrich. E ela até simpatizava com o mestiço e aquele seu jeito fanfarrão e sedutor. Durante o tempo em que estiveram trabalhando juntos, acabara descobrindo algumas afinidades com ele, um homem culto e viajado. Essa descoberta a surpreendera, já que o considerara, até então, um idiota de cabeça vazia. Bakkar disfarçava muito bem suas qualidades e havia se mostrado, em diversas ocasiões, um médico competente e também um poliglota. No fundo, não tinha raiva do cavaleiro mestiço; seu problema com Bakkar era a curiosidade natural dele, que a exasperava e que sempre a deixava louca de medo que descobrisse seu disfarce.

Diabos, ele até a levava a um prostíbulo!

Raden sorriu ao se lembrar daquela noite. Aproximou-se da janela gradeada. Onde estaria Bakkar quando mais precisava dele?

Remexendo-se na cadeira, Mark suspirou. Sentiu uma apreensão estranha, mesclada a uma sensação de angústia. Sem que soubesse o porquê, seus pensamentos se voltaram para a valorosa ruiva, trancada numa sala ao lado daquela onde ele, Ibelin e mais outros dois *chevaliers* conversavam.

Ibelin já resmungara, esbravejara, socara a mesa, lançara pragas, enfim... fizera tudo o que ele previra que iria fazer. Porém, o que ainda não entrara na cabeça do nobre fora a própria cegueira em não perceber o disfarce de Radegund. A mesma raiva que ele, Mark, também sentira e que o levava a agredir a guerreira mais cedo.

Um ridículo orgulho masculino.

Sentiu-se abjeto por ter agido daquela forma, justamente com a pessoa que lhe salvara a vida. Devia um pedido de desculpas à ruiva. Se Ibelin a deixasse viva, claro.

– O pior de tudo – rosnou Balian, olhando dele para os dois outros homens – é que ela foi sagrada naquele dia em Jerusalém! E por mim!

Os dois outros homens apenas assentiram, enquanto Mark olhava de soslaio para Ibelin.

– *Messire*, com todo o respeito, mas ela provou ter muito mais valor do que muitos de nossos homens.

Ibelin o encarou de cenho franzido e respondeu.

– Eu sei, Bakkar! Pensa que eu não sei disso? – O nobre bateu com o punho cerrado na palma da mão. – Mas é o meu pescoço em jogo! O que a Igreja vai dizer? E a Ordem do Templo? Inferno! Eles usarão disso para nos atingir, e cairão sobre nós como um enxame! Você sabe o quanto suas regras são absolutamente intolerantes no que diz respeito ao contato com as mulheres. E Raden lutou e conviveu com muitos deles em Jerusalém. Além do quê, isso vai contra todas as normas da cavalaria! Diabos, nós juramos *proteger* as damas e não *as sacrificar* Cavaleiros como nós! – Completou, exasperado.

– *Sire* – Bakkar o interrompeu – devo lembrá-lo da Rainha Eleanor e de sua cavalaria feminina?

– Ora, Bakkar! Eleanor era uma tresloucada! Louis é que não soube lhe colocar rédeas! Não é à toa que acabaram ambos capturados, e o reino teve que arcar com um resgate nababesco!

Mark sorriu divertido e comentou.

– Certamente, *messire*. Porém, Raden é realmente um excelente soldado. O senhor mesmo viu como ela resolveu o incidente com Odrich. Por que não lhe dá a uma chance de se explicar? O senhor sequer a ouviu.

Ibelin o encarou por alguns instantes e, estreitando os olhos, disparou.

– Você sabia?

– Não, *messire*.

– Tomou-a como amante?

– Está me ofendendo, *sire* – falou de cenho franzido, a postura rígida.

Ibelin esfregou os olhos; sua cabeça estava a ponto de explodir. Suspirou resignado e assentiu.

– Está bem, – e dirigindo-se aos dois homens silenciosos próximos a porta, ordenou – O’Mulryan, Cornwall! Tragam a mulher.

Ragnar havia acabado de entrar no quartel do senescal, estranhamente agitado àquela hora da noite. Hrolf o seguia de perto, observando os arredores com curiosidade. Especulou se não haveria outro ataque de sarracenos a caminho, motivo mais do que suficiente para toda aquela movimentação tardia. Logo descartou a possibilidade, já que não notara nenhum movimento de tropas

ao longo do trajeto de Trípoli até ali. Cumprimentando os guardas, subiu as escadas em direção ao posto de Ibelin, mas deteve-se quando os cavaleiros Gilchrist O'Mulryan e Michael de Cornwall saíram pela porta do gabinete.

– Hei! Boa noite, senhores, – ele os chamou – *messire* Ibelin está? Trago notícias de Trípoli.

– Acho melhor esperar, Svenson – respondeu Gilchrist, o *chevalier* moreno e alto que usava um tapa-olho – nosso comandante está com um grande problema.

– O que houve? – Indagou curioso – mais uma escaramuça?

Michael, o segundo homem, de cabelos ruivos e mais jovem, se aproximou da porta ao lado do gabinete de Ibelin. De lá ele lhe respondeu, parecendo divertido.

– Espere e verá. – Abrindo a porta, chamou alguém lá dentro. – Venha. Meu senhor Ibelin vai falar com você agora.

A cena pareceu se desenrolar lentamente diante dos olhos espantados de Ragnar. Através da porta aberta via surgir o conhecido rosto de Raden, o jovem protetor de Leila, mas emoldurado por longos cabelos vermelhos e acompanhado dos contornos de uma mulher. Ela caminhava altiva, os passos comedidos, os ombros eretos, os olhos, verdes atentos e desafiadores. Ragnar abriu e fechou a boca várias vezes, mas a voz não saiu, tamanho seu choque. Só conseguiu balbuciar.

– Você...

A ruiva ergueu uma das sobrancelhas, entre desdenhosa e cansada diante daquele tipo de reação a sua presença. Sua voz rouca o respondeu, carregada de sarcasmo.

– Feche a boca, Sven.

E antes que ele pudesse se recuperar, o grupo caminhou para dentro da sala de Ibelin, cuja porta se fechou logo em seguida. A voz de Hrolf atrás de si o tirou do transe.

– Hei, meu rapaz! As coisas por aqui são realmente divertidas!

– Ar, Hrolf! Preciso de ar! – Ele resmungou, caminhando de volta para as escadas.

Leila se esgueirava pelas sombras, apavorada. Maldita a hora em que tivera aquela ideia. As ruas de Tiro estavam infestadas de bêbados e prostitutas àquela hora da noite. Tensa, rezava para que seu disfarce fosse bom o bastante para que alcançasse o quartel antes que alguém a descobrisse.

Agradeceu aos céus quando avistou o imponente prédio, mais à frente. Mas não conseguiu se sentir totalmente aliviada; uma sombra furtiva, um pouco atrás

a fez se voltar rapidamente. Olhou a viela sombria com atenção. O coração batia descompassado, e suas mãos suavam, tamanho era seu medo de algo que não podia ver. Observou as sombras por mais alguns instantes e, como não visse ninguém, obrigou-se a manter a calma. Porém, a impressão de que era seguida permaneceu. Apressando o passo, baixou a cabeça ao passar sob os archotes que iluminavam a via diante da fachada do quartel. Atravessou rapidamente a rua, na direção do edifício, ainda olhando para trás. E colidiu com uma maciça parede de músculos.

Duas mãos enormes a agarraram pelos ombros e uma voz muito conhecida fez suas pernas fraquejarem.

– Hei, moleque! Veja por onde anda!

Leila ergueu os olhos sob o capuz do albornoz e rezou para que ele não a reconhecesse. Um desejo obviamente inútil.

As íris cor-de-mel encontraram as acinzentadas, que se arregalaram de espanto.

– Leila! – Ele a afastou um pouco de si, ainda segurando-a, e olhou-a de cima a baixo – Mas que diabo! Agora é moda em Tiro as mulheres se vestirem como homens?

– Ragnar... – murmurou, ainda pasma com aquele encontro inesperado.

Ele estava com aparência cansada. Os cabelos caíam soltos e desalinhados sobre os ombros. As roupas sob o pesado manto estavam empoeiradas e amarrotadas, como se ele tivesse passado horas sobre o lombo de um cavalo. À barba por fazer, juntavam-se um olho roxo, uma cicatriz avermelhada na face e o lábio inferior cortado. Mas para ela, Ragnar continuava lindo como um deus.

Ele sorriu, entre terno e divertido, e passou um dedo sob seu olho, sussurrando.

– Se queria se disfarçar de rapazinho, devia ter se lembrado de tirar todo esse *khol* de seus olhos, *liten*.

A voz grave e sedutora entrou nos ouvidos de Leila, aumentando a temperatura de seu corpo. A maneira carinhosa como ele pronunciara aquela estranha palavra fez com que algo como fogo líquido descesse ao longo de sua espinha. Arrepiou-se dos pés à cabeça e ficou parada, o rosto erguido, os olhos fixos nos dele. Nenhuma palavra, nenhum som conseguia romper o nó que havia se formado em sua garganta.

– Então? – Ragnar perguntou sem soltá-la. – Vai me contar o que faz sozinha pelas ruas, vestida assim, a essas horas? Você já devia estar na cama há muito tempo!

Leila se recuperou da surpresa com aquela admoestação. Era muita audácia! Ergueu o queixo, irritada.

– Com que direito *você vem me fazer pedir satisfações sobre onde vou ou a que horas saio? Acha que pode me dar ordens? Justo você, que saiu de minha casa daquela forma e desapareceu sem me dar nenhuma explicação? – Colocou as mãos na cintura e elevou o tom de voz – Quem você pensa que é, Ragnar Svenson?*

Ragnar se aproximou mais dela e, quase simultaneamente, algo passou zunindo junto ao seu ouvido. Só escutou o grito de Hrolf.

– No chão, Svenson!

Praticamente sem pensar, atirou-se com Leila sobre calçamento, enquanto Hrolf se abaixava e gritava pelos guardas do quartel. Uma grande comoção se armou. Quando finalmente ergueu a cabeça para olhar em volta, deu de cara com Hrolf, que trazia nas mãos uma longa flecha com a ponta em estilete, capaz de perfurar até mesmo sua cota de malha.

– Parece que Blake o encontrou.

– Droga – ele resmungou e olhou para Leila – Leila? Oh, meu Deus!

– O que foi, Svenson?

Ele ergueu a moça nos braços e só então Hrolf pareceu notá-la.

– Acho que ela bateu com a cabeça. Está desacordada. Vamos para dentro do quartel; é mais seguro!

O rastreador ainda olhou em volta, tentando notar algum movimento suspeito, mas havia muitas sombras e reentrâncias onde um assassino poderia se esconder. Ragnar o chamou de novo, impaciente, e Hrolf desistiu. Nenhum dos dois percebeu os dois vultos que se moviam furtivamente para direções opostas da rua.

Diante de Ibelin, Radegund sentiu as pernas tremerem. Além do cansaço, da fome e da tensão de ficar confinada por horas, havia ali um velho conhecido seu. O medo.

Orgulhosa, postou-se a frente do nobre, engoliu seus temores e meneou a cabeça numa breve reverência.

– *Messire.*

Ibelin andou de um lado para outro a sua frente, avaliando-a com o olhar. Depois, parou diante dela, as mãos para trás do corpo, a postura rígida, os claros olhos de águia brilhando de forma sagaz. Raden ergueu um pouco o rosto para encará-lo, pois Balian de Ibelin era pouca coisa mais alto do que ela. Naquele embate de vontades e personalidades, o nobre foi o primeiro a falar.

– Qual é o seu nome, mulher?

– Radegund, *messire.* – Ela se manteve rígida, olhando para frente.

– Só Radegund?

– Sim, *messire*. – Atreveu-se a olhar nos olhos de Ibelin. – Há muito não tenho família.

– E o que, senhorita Radegund-sem-nome, fazia vestida como um homem no meio do meu exército?

Raden respondeu sem pestanejar.

– Ganhava a vida, *messire*.

Ibelin ouviu a risada abafada dos três homens presentes e passou os olhos sobre eles, calando-os imediatamente. Mas ele mesmo estava estupefato com a altivez daquela criatura. Lançou sobre ela seu mais temido olhar, o mesmo que deixava até o mais bravo *chevalier* tremendo de medo. A mulher sequer piscou.

Fantástico!, pensou impressionado, mas não deu o braço a torcer.

– Muito bem. Quer dizer que você é uma mulher sem família e sem nome, que um dia resolveu se fantasiar de homem, pegar uma espada e sair lutando por aí. Absolutamente normal – estreitou os olhos e apontou-lhe um dedo. – Mas tinha que vir justo para o meu exército, na minha cidade? Eu a sagrei em Jerusalém, e você permitiu! – Ele concluiu esbravejando.

– Perdão, *messire* – Radegund começou, a voz contida – mas o que o senhor faria se um de seus soldados se erguesse naquela hora e dissesse “Não, obrigado”? – Ibelin bufou e ela continuou. – *Messire*, sei que sempre fui um soldado competente. Não faço questão do título de *chevalier*, ele não me fez lutar melhor – Mark e os outros dois homens arregalaram os olhos diante de tamanha insolência. Ela não fez caso disso. – Pelo que vejo aqui, o único inconveniente diz respeito a minha condição de mulher, e isso é um... – houve uma breve e significativa pausa – problema – ela pontuou a palavra com outro erguer de sobrancelha – que não pode ser remediado. Nasci assim e, creia, meu senhor, preferia que não fosse dessa forma. Talvez minha vida fosse um pouco mais fácil se eu tivesse nascido homem.

Houve tanta amargura naquelas últimas palavras, que o altivo nobre se abalou. Sua voz suavizou-se discretamente.

– Pode me explicar o porquê, minha jovem?

Ela ficou encarando Ibelin durante tanto tempo que ele pensou que havia perdido a língua. Na cadeira atrás de ambos, Bakkar agarrara os braços entalhados, atento ao que ela iria dizer, fascinado e curioso para desvendar o passado daquela mulher. Entretanto, quando ela falou, com uma voz subitamente cansada, ele se decepcionou.

– *Messire*, poderíamos falar em particular?

Sem piscar ou parar de encará-la, o nobre ordenou.

– Saíam vocês três.

Os homens obedeceram ao comando e, quando Bakkar passou sob a soleira

da porta, ouviu-lhe voz rouca e comedida dizendo.

– Se me permite, creio que seja melhor se sentar, *messire*. Minha história é um pouco longa.

Mark al-Bakkar fechou lentamente a porta atrás de si. Queria ser uma mosquinha para ficar e escutar o que Radegund iria contar.

Um homem solitário, com uma feia cicatriz na face, caminhava pelas ruas escuras fervendo de ódio. Pela primeira vez em sua carreira havia errado um alvo. Maldito Svenson! Se ele não tivesse se mexido bem na hora em que disparara a flecha, a esta hora estaria morto! E ele nem podia tentar um novo lançamento, pois os guardas do quartel poderiam apanhá-lo.

Blake dobrou uma esquina e chegou ao porto. O ar marinho e frio encheu seus pulmões, clareando sua mente. Precisava manter a cabeça fria e levar a cabo a tarefa para a qual fora contratado. Agora era uma questão de honra eliminar Ragnar Svenson.

Gerald sentia que se metera em maus lençóis. Fitava o rosto rubro e transtornado de Vernon e perguntava-se mais uma vez porque diabos desertara para seguir aquele lunático. Maldita a hora em que deixara a cobiça falar mais alto! No entanto, algo lhe dizia que agora era muito tarde para recuar. Se desse as costas a Vernon, este seria bem capaz de matá-lo, apenas para garantir que não falaria. Tenso, retorceu as mãos e tentou explicar seu mais recente fracasso.

– Estou dizendo, Vernon! O norueguês voltou! E quando eu estava prestes a botar as mãos na garota, ele a encontrou.

– Inferno! – Vernon berrou, socando a mesa – e a mulher ruiva?

– Estava detida no quartel do senescal. Eu não a vi.

O outro sorriu, a maldade distorcendo seu rosto.

– Tomara que a ponham na ponta de uma corda, a vadia!

Gerald olhou-o de soslaio, mas evitou expor seu desagrado. Vernon estava obcecado pela sarracena e não parecia inclinado a desistir de seus planos. Agora, com o contato dentro da casa de Leila, estava seguro de que iria pegá-la. Mas, intimamente, Gerald temia que ambos acabassem mal. Aquela criatura era asquerosa como uma serpente. Quase morrera de medo na noite em que foram se encontrar. E aqueles olhos? Cruzes! Davam calafrios quando o olhavam. Sem ligar para os resmungos irritados de Vernon, persignou-se. Não via a hora de pegarem a garota e o dinheiro e sumirem dali.

Entre irritado e curioso, Mark caminhava pelos corredores do quartel. Sua vontade era colar o ouvido à porta e tentar escutar o que seu superior e a ruiva

conversavam. Mas supunha que, se fizesse isso diante de Michael e Gilchrist, arruinaria sua reputação diante do exército. Sendo assim, só lhe restava se resignar e esperar. Bufou e começou a dar outra volta, contando os ladrilhos do chão, quando foi surpreendido pela chegada de Ragnar, acompanhado de um homem tão louro quanto ele, carregando um grande fardo nos braços. Franziu o cenho e indagou.

– Sven? Já de volta?

– Sim, e antes que comece a me contar as novidades, ajude aqui. – Ragnar pediu – Leila levou uma pancada na cabeça e desmaiou.

Só então ele notou que o fardo era uma pessoa de baixa estatura. E depois ainda mais espantado, percebeu que a jovem vestia os trajes da ruiva.

– Mas que diabo! – Resmungou – é uma nova moda?

O acompanhante de Ragnar riu com vontade.

– Se eu soubesse que Tiro era uma cidade tão animada, teria vindo procurá-lo há mais tempo, Svenson! – Parou de falar repentinamente e olhou para Mark.

– Hei, eu o conheço! Jogou comigo na casa de Isabella.

– Olá, Hrolf da Noruega. Vejo que encontrou quem procurava.

O norueguês se espantou.

– Como...?!

– Ora, esqueça. Ele sempre sabe de tudo, Hrolf – retrucou Ragnar com Leila nos braços – não se espante. E agora que as mocinhas já se cumprimentaram, podem me ajudar com Leila?

Mark se abaixou instantaneamente e, retirando o lenço da cabeça de Leila, passou a examiná-la com atenção. Ao apertar um ponto inchado, a moça gemeu, mas não despertou.

– Faz tempo que ela está desacordada, Sven?

– Não muito, apenas alguns minutos.

– Então não vejo porque se preocupar. Ela reagiu à dor, respira direito e as cores de seu rosto estão normais. Creio que vai despertar em breve, já que o osso da cabeça não pareceu quebrado. – Sorriu e deu um tapinha amigável no ombro do amigo. – Fique com ela, sei que não será sacrifício algum para você ter Leila nos braços, mesmo que nesses trajes.

– Por falar em trajes – começou Ragnar aconchegando a jovem desacordada – eu vi o que vi? Raden...

– Radegund – Mark pronunciou o nome como se experimentasse seu som – é uma mulher. – Completou em seguida, de cara amarrada.

– Ora Bakkar, parece que não gostou muito desta história... – retrucou Ragnar espantado.

Mark lhe deu as costas e fitou a paisagem noturna pela janela. Era um

pouco difícil expressar o que sentia. Sempre gostara do *soldado* Raden, apesar do jeito estranho do *rapaz* e de seu eterno mau-humor. A descoberta de que *ele* na verdade era *ela* o havia deixado muito confuso. Havia raiva por ter sido enganado; respeito, pelo caráter da ruiva; admiração por seu altruísmo e coragem; e até mesmo uma certa mágoa por ela não ter lhe contado a verdade. Além de tudo isso, sentia também uma estranha ligação com aquela criatura de olhos sombrios e maneiras soturnas. Ela lhe salvara a vida. Suspirou e fitou o amigo, desistindo de tentar entender. Admitiu apenas uma parte do que sentia.

– Não é isso, – deu de ombros – apenas me ressinto de ter sido injusto com ela quando soube da verdade.

Ragnar franziu o cenho e olhou para Hrolf que, alheio aos acontecimentos anteriores, deu de ombros. Curioso, voltou à carga.

– Dê-me detalhes.

O mestiço então lhe contou sobre a briga da ruiva com Odrich, sobre como ela o enfrentara e acabara o matando para não ser assassinada à traição. E também lhe contou sobre seu acesso de cólera na viela depois da confusão. Svenson e Hrolf caíram na gargalhada quando Mark lhes relatou como Raden o acertara, jogando-o no chão.

– Oh, Deus, Bakkar! – Ragnar estava às gargalhadas. – Nem em mil anos, se me contassem eu não acreditaria! Ela o acertou... lá! Creio que perdeu seu famoso charme com as mulheres, meu amigo!

– Não me amole, Sven!

– Hei garotos, não briguem! – Falou Hrolf, jovial – creio que vou convidar a ruiva para um passeio; ela me pareceu bonita...

Mark e Ragnar se entreolharam e reviraram os olhos. O mestiço abriu a boca para falar alguma coisa, mas não pode prosseguir. A porta do gabinete de Ibelin se abriu e o nobre apareceu na soleira. Olhou para Mark e meneou a cabeça num breve cumprimento. Depois seu olhar caiu sobre Ragnar Svenson, que estava sentado trazendo Leila, vestida de homem, nos braços. Estreitou os olhos e quase teve uma síncope.

– Mais uma! É uma moda agora? O que significa isso, Svenson?

– Deixe-a comigo, meu velho – falou Hrolf, tomando Leila nos braços – vá ter com seu comandante que eu cuido de sua pequena sarracena.

Sem remédio, Ragnar assentiu e passou seu precioso fardo para Hrolf. Atravessava a soleira, quando o nobre apontou o dedo para Mark, chamando-o.

– Você também, Bakkar. – Deu as costas e ordenou – quero os dois em meu gabinete. Agora.

Assim que passou pela porta, a primeira coisa que Ragnar viu foi a mulher de cabelos vermelhos. Parada, de costas para eles, olhava pela janela, como se

estivesse alheia ao que se passava ao seu redor. Sua postura rígida, no entanto, denunciava seu estado de tensão. Pelo que ele conhecia do *soldado* Raden, ela estava pronta para correr, talvez saltar pela janela. Ou então, pronta para cortar suas gargantas. Tentou imaginar o que Ibelin teria dito ao saber dela. Teria ficado chocado, sem dúvida. Furioso, certamente. Subitamente sentiu-se preocupado. Por mais mal-humorada que a criatura fosse, simpatizava com ele. Ou melhor, ela! Qual seria o destino que Ibelin lhe daria?

– Sentem-se, – ordenou Ibelin – você também, Radegund.

Radegund. Então esse era o nome do jovem Raden. Observando-a caminhar na direção da cadeira vazia ao lado dele e de Mark, Ragnar achou seus olhos brilhantes demais, como se houvesse neles lágrimas contidas a custo. A voz do nobre o fez voltar sua atenção para a conversa. Ibelin foi objetivo.

– Eu decidi que Radegund, apesar desta situação um tanto... – fitou-a com certo ar irônico, que não passou despercebido a nenhum dos três – *irregular*, continuará ao meu serviço.

– Hã?! – Os dois exclamaram, espantados com a inusitada decisão de seu senhor.

– Alguma objeção senhores? – Como os dois permanecessem calados, o nobre continuou. – Que eu saiba, Radegund provou seu valor diversas vezes. E também sua lealdade. Nossa conversa me fez perceber que ela é muito útil à nossa causa. Apesar de não ter completado muitos verões, sua capacidade para o serviço é evidente. O talento de Radegund para a cavalaria é inquestionável. E, acreditem, até eu me surpreendo comigo mesmo ao dizer que, neste caso, gostaria que mulheres como ela pudessem ser sagradas *chevalières*. – Um breve sorriso de mofa esboçou-se nos lábios da ruiva, mas logo se apagou. Não escapou, entretanto, aos argutos olhos de Bakkar. – Contudo, – prosseguiu Ibelin, alheio ao fato – nestes primeiros dias, quando ela será uma novidade, precisarei que vocês dois lhe deem cobertura.

– *Messire!* – Raden se ergueu da cadeira num ímpeto – perdoe a insolência, *messire*, mas não preciso de ama-seca! Muito menos desses dois no meu pé!

– Acalme-se e sente-se minha jovem. – Ibelin esperou que a ruiva se aquietasse e se sentasse, bufando, na cadeira. Então se recostou no espaldar alto, os braços cruzados e um meio sorriso divertido a brincar no rosto. – Sei que não precisa de ama-seca, e tampouco estou lhe oferecendo isso. O que tenciono fazer é manter a ordem e a disciplina entre meus homens. Entenda, você é hoje o assunto que ocupa toda Tiro. E eu tenho um exército para comandar. Um exército feito de homens que devem estar muito curiosos para conhecê-la em sua nova identidade. Já imaginou como será o dia de amanhã, minha cara? Pois eu lhe digo como vai ser. – Inclinou-se para frente, apoiou os cotovelos sobre a

mesa e juntou as pontas dos dedos, explicando – terá metade dos *chevaliers* deste meu exército correndo como cachorrinhos atrás de você, disputando suas atenções. A outra metade ficará revoltada por eu não a ter pendurado pelo pescoço na ponta de uma corda, e tentará desafiá-la para um combate a cada hora!

– E o que quer exatamente que façamos, *messire*? – Interveio Ragnar, sério. Ibelin encarou os dois homens. Seu tom não dava margens a réplicas.

– Quero que deixem bem claro que Radegund é um soldado *meu*, que serve sob *minhas* ordens e que está sob a *proteção* de vocês dois. E que qualquer um de nossos homens que se atrever a encostar as mãos nela vai ter que se entender comigo. Fui claro?

– E quanto aos inimigos, *messire*. – Raden indagou, irônica e ainda irritada – como fará para que eles não *encostem a mão* em mim?

O nobre a encarou e gargalhou.

– Desses, minha cara, tenho certeza de que você mesma saberá cuidar.

Capítulo XII

"TEU, PARA SEMPRE, ENCANTADORA DAMA,
ENQUANTO A MÁQUINA DESTE CORPO ME PERTENCER."

"Hamlet". Cena II, Ato II W. Shakespeare.

Um sino próximo ao quartel soou as *laudes*. Leila, ainda inconsciente, se remexeu no colo de Hrolf, que a ajeitou com cuidado. Olhou bem para o rosto da moça adormecida e admitiu ter gostado do que via. Mesmo metida em roupas masculinas, era bonita e bastante feminina. Sorriu. Era evidente que Ragnar estava absolutamente encantado com a juvenzinha. Intimamente fez uma prece aos seus deuses para que a sarracena amolecesse o coração de seu amigo. Já era mais do que hora de o jovem Svenson se assentar.

Um tanto impaciente, ergueu os olhos para a porta em que Ragnar e Bakkar haviam entrado há quase uma hora. Praticamente no mesmo instante, ela se abriu. Por ela passaram os dois homens e a mulher de cabelos vermelhos, vestida como um homem. Ao notar Leila em seu colo, ela não hesitou em correr na sua direção. Ajoelhou-se ao seu lado, encarando-o com hostilidade, e tentou puxar a moça de seus braços.

– O que fez com ela, bastardo? – Rosnou.

Revirando os olhos, Ragnar foi acudir o amigo, antes que a ruiva resolvesse que era necessário separar sua cabeça do corpo.

– Tenha calma, encrenqueira! – Interpôs-se entre os dois. – Hrolf é meu amigo. Está cuidando de Leila.

Raden hesitou, mas não se afastou da amiga.

– E pode me dizer por que diabos Leila está aqui, desacordada, e vestida com as minhas roupas? – Indagou enquanto levantava a ponta do albornoz e fitava a moça. – Mas que diabo! Esta era minha melhor túnica!

– Leila bateu com a cabeça numa pedra quando chegava ao quartel. – Explicou Ragnar. – Na certa veio saber notícias suas.

– Pobrezinha! – Raden passou a mão pelos cabelos da moça. – Ela sempre se preocupou com o dia em que me descobrissem.

– Espere um instante. – Ragnar se aproximou e se sentou ao lado de Hrolf, trazendo Leila para seu colo. – Está me dizendo que ela sabia? – Raden assentiu. – Ela sabia... o tempo todo? Desde Jerusalém?

Radegund ainda fitou a amiga por alguns instantes, antes de responder.

– Sim, ela sabia – ergueu o rosto e encarou Ragnar, que ainda se sentia perplexo diante daquele rosto tão familiar e, ao mesmo tempo, tão diferente – desde o dia em que eu e ela nos conhecemos, quando Vernon a atacou. – Ajeitou as pontas do albornoz sobre Leila e desconversou – mas essa é uma história comprida demais, não vou contá-la agora. Pretendo ir para casa. Faz horas que

não como nada. Estou exausta depois de tudo o que me aconteceu hoje. Além disso, temos que cuidar de Leila.

– Ela tem razão, Svenson – completou Hrolf – a moça precisa ser colocada na cama. Ela já se mexeu um pouco, talvez recobre logo a consciência. E amanhã certamente vai se levantar com uma tremenda dor de cabeça.

Ragnar assentiu e se levantou com Leila nos braços, agindo como se ela não pesasse nada. Raden o acompanhou, se levantando depressa, ainda desconfiada do tal Hrolf. No entanto, as longas horas de jejum e a comoção daquele dia cobraram seu preço. Sua visão escureceu, enquanto perdia o controle das próprias pernas.

– Essa não... – ainda gemeu. E como uma árvore abatida, despencou no chão.

Mark não pôde deixar de achar curioso a guerreira, a quem nada derrubava, sucumbir a um desmaio como um ser humano normal. Apesar disso, apressou-se em erguê-la do chão. Em seguida, pediu a Hrolf que buscasse suas armas com os guardas. Enquanto esperava o rastreador voltar, pilheriou com Ragnar.

– Vê meu camarada! Mesmo um osso duro de roer como Raden acaba aos meus pés.

O norueguês gargalhou, já descendo as escadas com Leila, e retrucou.

– Deixe a ruiva ouvir você falando assim. Na certa arrancará seu couro e outras coisas mais!

Leila despertou um tanto zonzinha, embalada pelo suave sacolejar da montaria. Sentiu um corpo quente e aconchegante roçando o seu, acompanhado do cheiro másculo, misturado ao odor de cavalos, suor e vinho a lhe envolver. Tentou abrir os olhos, mas a dor em sua cabeça a impediu de continuar. Respirou fundo e tentou se ajeitar no ninho quente onde estava enrodilhada. Sentiu algo rígido contra as nádegas e, quando identificou o que era, agitou-se.

– Fique quieta, pequenina! Ou cairemos os dois de cima de Viking!

– Ragnar...? – Ela gemeu e conseguiu abrir um pouco os olhos – Mas o quê... O que houve?

Ele baixou o rosto, sorriu para ela e ajeitou-a em seus braços.

– Estamos quase em sua casa. – Explicou – você bateu com a cabeça e desmaiou.

Leila se recordou então do incidente na porta do quartel. Ficou furiosa com Ragnar.

– Você me derrubou, seu grosseirão! Me atacou! – Seus punhos pequeninos acertaram o peito dele, arrancando risadas. – E pare de rir!

– Calma, gatinha brava! – Apertou o braço que a segurava, contendo seus

movimentos frenéticos, espalhando um calor súbito pelo corpo de Leila. – Eu a protegi, não a ataquei. Alguém disparou uma flecha contra nós. – Leila arregalou os olhos, mas não deu o braço a torcer. O tratante! Agora ele vinha cheio de sorrisos e palavras carinhosas! Mas ela ainda não havia se esquecido da manhã em que se separaram, e de todas as palavras amargas que ele lhe dissera. Seu corpo ficou tenso com a lembrança. Ragnar, atento a cada movimento e expressão suas, falou-lhe em voz suave. – Pode não me odiar pelo que aconteceu?

Leila suspirou e baixou os olhos, triste.

– Por que, Ragnar? – Indagou, a voz denotando tristeza e cansaço. – Por que fez aquilo comigo?

Ele suspirou e a apertou ainda mais contra si, como se temesse que Leila fosse escapar de seus braços. Beijou seus cabelos e respondeu.

– É uma longa história. Se permitir, posso contá-la quando chegarmos a sua casa.

Houve um longo silêncio. Tão longo que achou que Leila houvesse adormecido de novo. Mas a voz suave dela cortou a noite dizendo baixinho.

– Eu não o odeio, Ragnar Svenson.

Eu o amo, seu tolo, completou em pensamento.

Enquanto Hrolf trotava devagar, trazendo Lúcifer pelas rédeas. Mark seguia mais atrás do grupo, carregando a desacordada Radegund à sua frente.

Observou de novo a intrigante mulher. Ela estava pálida e com olheiras, o que denotava toda a exaustão das últimas horas. Olhou-a com mais atenção e chegou a achá-la bonita. Talvez, com as roupas adequadas, fizesse sucesso na corte. O contraste dos cabelos ruivos com a pele ligeiramente dourada pelo sol da Terra Santa poderia se tornar bastante sedutor.

Mark suspirou e pensou mais uma vez em como pode não notar que Raden era uma mulher. Incrível! O mais interessante nela, porém não era a beleza física e sim, a força que emanava de sua personalidade. Apesar do gênio forte, ele pressentia ali um coração leal e generoso. O que poderia ser provado facilmente pelo episódio em Hattin, pelo fato de ela ter cuidado dele e de Leila aquele tempo todo. E também por ter arriscado tudo naquela tarde para salvar a um garoto desconhecido das garras de Odrich.

Diante daquele pensamento, lembrou-se de como a tratara mal. Resolveu que a primeira coisa que faria quando a ruiva acordasse seria se desculpar com ela pelo comportamento violento. E também tentar convencê-la de que precisava sim de seus dois novos protetores.

Ergueu os olhos para o céu estrelado. Nem queria imaginar na repercussão

do incidente no dia seguinte. Pressentia que o amanhã seria, no mínimo, infernal.

A pequena comitiva chegou aos portões da casa de Leila causando alvoroço nos criados, que apareceram sonolentos. Eficientes, logo ajudaram a cuidar dos animais e a acomodar o grupo. Leandra, a criada pessoal de Leila, correu preocupada ao ver sua senhora nos braços do norueguês.

– Dama! O que houve? Eu fiquei preocupada quando não a encontrei em seus aposentos!

Leila levou a mão à cabeça sentindo uma súbita pontada.

– Oh, Leandra! Depois contarei a você. Agora, quero apenas que me prepare um banho e me traga um pouco de óleo de menta, para fazer uma compressa.

– Levarei sua senhora até aos aposentos dela, Leandra – adiantou-se Ragnar com autoridade na voz – enquanto isso, ajude Bakkar, pois Raden... isto é, Radegund, também está desacordada. – Ele olhou para Hrolf que vinha mais atrás – Ah, e este homem é meu amigo. Ficará aqui esta noite.

– Certamente, *sire*. Vou providenciar tudo. Com licença.

Mark caminhou com Raden na direção dos aposentos dela, mas se deteve intrigado.

– Onde está aquele criado, Patrus?

Leandra voltou-se e deu de ombros, só agora se dando conta da ausência do onipresente Patrus.

– Não sei lhe dizer, *sire*. Ele é um tanto indolente, se me permite o comentário – a moça falou de olhos baixos – na certa não despertou com o movimento.

Ragnar, Hrolf e Mark se entreolharam, mas não deram mais importância ao fato. Sem mais demora, trataram de seguir os criados em direção ao interior da casa.

Os olhos maldosos estreitaram-se à entrada da casa de Leila. Assistira de longe a volta do grupo e amaldiçoara a incompetência dos seus comparsas em levar a cabo o plano de sequestrar a jovem sarracena. Mas se regozijara ao ouvir os comentários dos criados a respeito do ataque sofrido pelo norueguês. Alguém queria matá-lo e isso era muito bom. Se descobrisse quem era o mensageiro da morte, poderia fazer um pacto com ele também.

Sim, pensou, sorrindo na escuridão. Era isso o que faria. No submundo de Tiro, onde as notícias corriam de boca em boca muito antes de os poderosos se darem conta delas, certamente descobriria quem estava interessado na eliminação de Ragnar Svenson.

E naturalmente tiraria proveito disso.

– Pode me colocar no chão agora, Ragnar.

Ele suspirou e desceu Leila num divã estofado, sentindo-se subitamente vazio sem aquele contato. A moça o encarou gravemente por alguns instantes e depois reclamou.

– Não tem porque ficar aí parado. Pode ir agora – fez um gesto com a mão como se enxotasse um cão inoportuno.

Ragnar franziu o cenho, contrafeito. Ao invés de sair, fechou a porta e sentou numa poltrona à frente de Leila, encarando-a. A jovem se irritou, com ele e com a cabeça dolorida.

– O que quer aqui? – Indagou, massageando a têmpora com as pontas dos dedos – Já não foi suficiente o que me fez naquele dia?

– E eu prometi explicar, não foi?

– E quem disse que preciso de suas explicações, Ragnar Svenson? – Ela rebateu aborrecida.

– Você disse que não me odiava, Leila.

Ela ergueu-se um pouco do divã e olhou-o nos olhos.

– Realmente, eu não o odeio. Mas também não estou à sua disposição, a espera que você estale seus dedos e eu vá correndo me atirar em seus braços! Ora, francamente!

– Diabos, Leila! – Ele se levantou e começou a andar pela saleta – Não vai nem ao menos me ouvir?

– Nada justifica seu julgamento precipitado de meu caráter!

– E se eu disser que já fui enganado, ludibriado e feito de tolo por uma mulher?

– Ainda assim, Ragnar. – Ela ergueu o queixo, decidida – Eu sou essa mulher por acaso?

– Não, mas...

– Não há *mas*. – Ela o interrompeu – Você dormiu comigo e aproveitou cada um daqueles momentos, mas foi incapaz de compreender que eu poderia me sentir insegura no dia seguinte. E do alto de sua suprema sabedoria – debochou – você me julgou e me condenou sem sequer perguntar por quê! – Concluiu esbravejando, já de pé.

Ragnar não podia crer no que via. Quase engasgou ao vê-la naquela calça apertada, pois o albornoz havia escorregado para o chão. Recuperou a custo o controle e retrucou.

– Que inferno, Leila! Eu me arrependo a cada instante daquela manhã e de minha burrice! Será que não pode me perdoar e me ouvir?

Leila respirou fundo e se sentou novamente, pensando se deveria ouvi-lo ou não. Estava ainda muito magoada com a injustiça que Ragnar cometera, mas também estava apaixonada por ele. Mesmo correndo o risco de se arrepender amargamente, resolveu lhe dar a chance que ele lhe negara naquela manhã. Indicando a cadeira, falou.

– Muito bem, Ragnar, eu sou toda ouvidos.

Mark deitou Radegund na cama com cuidado e se abaixou para tirar suas botas. Depois, foi a vez de livrá-la da túnica e afrouxar os laços da calça e da roupa de baixo. Ao ajeitar-lhe um dos braços, notou as cicatrizes nos punhos, tipicamente causadas pelo uso do arco. Nas palmas de suas mãos havia calos e pequenos riscos brancos de antigos cortes. Olhando mais para cima, viu o lugar onde a segurara, e que ficara arroxado. Torceu o nariz e tocou as marcas vermelhas que fizera em seu pescoço. E pensou que, na certa, ela estaria também com as costas machucadas, tamanha fora a violência com que a fizera se chocar contra a parede.

Balançou a cabeça, aborrecido consigo mesmo. Logo ele, que nunca erguera a mão contra uma mulher, fora causar aquele estrago! Sentiu-se péssimo por ser o responsável por aqueles ferimentos. Dependendo do humor de Radegund quando acordasse, era provável que acabasse com um olho roxo por causa daquilo.

Resignado, sentou-se contra a cabeceira da cama e suspirou. Tirando as botas, colocou os pés para cima, resolvido a velar pelo sono da ruiva e a conversar com ela assim que acordasse. Devia ter cochilado, pois, quando despertou subitamente, Raden estava sentada sobre os joelhos dobrados, do outro lado da grande cama, avaliando-o com desconfiança.

“*Ao menos está desarmada*” pensou aliviado. Tentando ganhar tempo, espreguiçou-se e sorriu diante da cara de poucos amigos que ela fez. Olhou pela janela e viu que ainda era madrugada.

– O que faz aqui? – Raden rompeu o silêncio, irritada.

Mark a estudou com atenção por um longo tempo, e respondeu com outra pergunta.

– Aquela noite na praia, era você, não era?

Radegund se remexeu em seu canto, evidentemente desconfortável. Respondeu com azedume.

– Sim, e você apareceu para me atrapalhar justo quando eu conseguia tomar meu primeiro banho em dias! – Cutucou o colchão com o pé descalço e depois o encarou – Você ainda não me respondeu. O que faz em minha cama, Bakkar?

– Tomo conta de você, ruiva – ele cruzou os braços atrás da cabeça,

recostando-se de forma indolente na madeira entalhada – como meu senhor ordenou.

Ela ergueu a sobrancelha.

– Eu disse a Ibelin que não preciso de ama-seca.

Mark inclinou levemente a cabeça para o lado e indagou com suavidade.

– Também não precisa de amigos, Radegund?

– Se o que você me mostrou hoje cedo for uma prova de sua amizade, Deus me livre de ser sua inimiga! – Retrucou irônica.

O mestiço corou e respondeu sem-graça, assentindo lentamente.

– Certo. Eu mereci cada uma dessas palavras. – Estudou-a por um instante e completou – Mas se fiquei aqui, foi porque quero me desculpar com você.

– Fala sério? – Ela indagou desconfiada.

– Sim, por quê?

Radegund deu de ombros, num gesto de desprezo.

– É o primeiro homem que vejo fazer isso.

– Ótimo. Há sempre uma primeira vez para tudo. E então?

– E então o quê, homem?!

– Vai me desculpar?

Raden olhou fixamente nos olhos dele e se perguntou se poderia realmente confiar em Mark al-Bakkar. Diabos, ele quase a matara! Mas no fundo de sua mente havia uma voz que dizia que sim, que ele era um homem honrado. E que, no momento em que tivesse sua lealdade, esta seria para sempre. Apanhou-se assentindo.

– Está certo, Bakkar. Eu o desculpo. – Ergueu um dedo, que desmanchou o sorriso que já se esboçava no rosto dele. – Com uma condição.

Mark franziu o cenho, divertindo-a.

– Diga.

– Que me arranje algo para comer. – Deu um de seus raros sorrisos. – Estou faminta.

O belo sorriso de Mark iluminou seus olhos castanhos, fazendo-a se sentir subitamente à vontade. Ele lhe estendeu a mão e a encarou.

– Isso pode ser arranjado, garota. Amigos?

Radegund apertou sua mão com firmeza. Uma onda de calor passou entre ambos, envolvendo suas almas, gerando um laço eterno. Quando ela falou, sentia a mais profunda convicção do que dizia.

– Amigos, Bakkar.

Num tom grave, Ragnar contava a Leila os acontecimentos de sua juventude, omitindo, no entanto, as implicações políticas e o seu parentesco real.

Contou sobre a traição de Karin como se fosse apenas o caso de uma mulher ambiciosa e depravada. O que ela era realmente.

Contudo, Leila sentiu que havia algo mais por trás daquela história. De qualquer forma, resolveu que perguntaria em outra ocasião. O que importava agora era saber por que Ragnar havia feito um julgamento tão baixo de sua pessoa! E agora que descobrira, estava realmente furiosa.

– Como se atreveu a me comparar com essa... essa mulherzinha?! – Esbravejou irada.

“*Por essa eu não esperava!*”, Ragnar coçou a cabeça.

Achou que Leila fosse entender suas reservas, mas ela parecia mais brava ainda. E como ficava linda assim! Os cabelos castanhos estavam desalinhados e o pé delicado batia furiosamente no chão. O queixo estava erguido com altivez e os lábios vermelhos formavam um adorável beicinho. E aquela calça, Deus do céu! Cada curva do corpo de Leila estava moldada e acentuada pelo tecido gasto. Estava tão enlevado com a visão dela que sequer ouvia suas palavras.

– E pare de me olhar com essa cara!

– Como? – Ele piscou – Que cara?

– Ora! Como... como um cachorro que viu um osso!

Ele sorriu malicioso e deu um passo em sua direção.

– Garanto que não era em ossos que eu pensava...

Leila deu um passo para trás.

– Fique onde está, Ragnar!

Ele avançou.

– Por que deveria? Quero estar o mais perto possível de você, Leila.

Ela foi para trás de uma cadeira.

– Já disse para ficar longe, – ela alcançou um vaso de porcelana e ameaçou-o – ou eu jogo isso em você!

Ragnar gargalhou divertido e deu mais dois passos na direção dela.

– Ora, você é mesmo uma gatinha muito brava! Será que não imagina o quão *perto* eu quero estar de você, *liten*? – A voz dele adquiriu um timbre macio e sedutor.

Tentando a custo fugir dos olhos cinzentos que pareciam hipnotizá-la, Leila jogou o vaso na direção dele. Ágil, Ragnar esticou o braço e salvou o objeto de se espatifar no chão. Colocou-o suavemente numa mesinha e continuou indo na direção dela.

– Parado aí!

– De jeito nenhum, pequenina. Passei uma semana infernal – coçou a barba por fazer e passou um dedo pela cicatriz na face – Meti-me em todas as brigas que encontrei e provoqueei mais uma dúzia delas; entornei todo o estoque de

cerveja de Trípoli e ainda apanhei de Hrolf. Tudo por sua causa.

– Por minha causa? – Ela pegou uma estatueta e jogou sobre ele. – Por sua própria causa, seu asno teimoso!

Ragnar pegou mais aquele objeto no ar e deu a volta na cadeira. Leila se esquivou, mas o braço comprido a alcançou e a puxou para si.

– Tem toda razão, pequenina. Mas isso ainda não resolve nosso problema.

– Qual problema? – Ela ofegou, lutando para se soltar, sem sucesso, dos braços dele e daquela magia que os envolvia, que a enlouquecia quando Ragnar estava perto dela.

– O problema que é manter minhas mãos longe de você.

A boca dele desceu sobre a de Leila e cobrou o preço por mais de uma semana de separação. Envolvida nos braços poderosos, ela se deixou arrastar pelo beijo exigente, abrindo a boca para a língua que a invadiu, espalhando um calor enorme por todo seu corpo.

Leila gemeu e Ragnar a puxou mais ainda para si, moldando o corpo macio ao seu, rígido, sólido e em brasas. Suas mãos passeavam pelo corpo dela, absorvendo a maciez através de cada poro. Mergulhou uma das mãos na massa sedosa de cabelos castanhos e deslizou a outra pelos quadris dela, pressionando-a contra seu sexo rígido, aprisionado pelas roupas pesadas de viagem.

– Deus, Leila! – Murmurou de encontro a sua boca – A única coisa em que pensei nesses dias todos foi em fazer isso com você!

Ela ergueu o rosto e focalizou com dificuldade o rosto dele, mirando-lhe os olhos cinzentos e as pupilas dilatadas de desejo.

– Não está certo... – protestou fracamente.

– Claro que está! – Ele a beijou de novo e ia deslizando a mão por dentro de sua túnica, quando Leila se afastou.

– Pare com isso, Ragnar! – Tentou recuperar o fôlego e fazer a voz soar firme – Não vai me comprar com beijos e palavras doces! E nem tampouco me transformar em seu passatempo!

Ele franziu o cenho, frustrado.

– Diabos, Leila! Quem disse que eu quero transformá-la num passatempo? Posso não saber falar palavras bonitas, mas minhas intenções a seu respeito são muito sérias!

Ela o encarou, boquiaberta.

– O que está insinuando?

– Eu não estou insinuando. – Aproximou-se dela e olhou-a nos olhos. – Eu estou dizendo que a quero como minha mulher, minha esposa.

Ela se deixou cair sobre a cadeira estupefata. Não esperava que Ragnar a pedisse em casamento. É claro que desejava que isso acontecesse! Mas tudo era

tão recente, e a situação da cidade tão complicada! Além disso, ele era cristão e ela muçulmana; um dos dois teria que abrir mão de sua fé para que pudessem se unir. E ela duvidava muito que Ragnar se convertesse, se submetendo às rígidas regras de sua gente. Ela mesma, muitas vezes, não concordava com elas... Além de toda essa complicação, havia outra coisa muito mais importante em seu entender. Ela o amava, mas, e ele? Ragnar não falara sobre amor, apenas sobre desejo. Aquela atração mútua serviria para embasar um casamento? Bastaria para eles dali a algum tempo?

Diante do silêncio de Leila, Ragnar ficou apreensivo. Nunca lhe passara pela cabeça que ela talvez não o considerasse adequado para ser seu marido. Ele não era um grande senhor de terras, mas possuía uma herdade deixada por sua mãe legítima na Noruega, e uma casa espaçosa em Veneza, comprada com seus próprios recursos. Poderia dar a Leila uma vida confortável. E ela ainda possuía os bens herdados do pai e de Sophia.

Talvez a questão religiosa a estivesse fazendo hesitar. Fosse o que fosse, não aguentaria permanecer na dúvida. Tinha que saber sua resposta já!

– Leila – ele se abaixou no chão a frente dela – Olhe para mim, pequenina. O que houve? Por que está tão calada?

Ela ergueu para ele os olhos marejados.

– Ah, Ragnar! Toda mulher sonha em ser pedida em casamento... - Leila suspirou e enxugou os olhos – Eu também sonhava. Mas agora estou insegura. Há tanta coisa acontecendo, e tão de repente! Minha vida se transformou completamente. Perdi meu pai, minha casa, minha tia. Parece que sou outra pessoa!

– Você amadureceu, Leila. – Ele alisou seus cabelos, enternecido. – Sei que não está sendo fácil para você, e mais uma vez peço desculpas por meu comportamento precipitado daquela manhã. Mas preciso saber. Você quer se casar comigo?

– Sabe que eu quero. Mas não sei se estou pronta a assumir o cristianismo como minha fé...

Ragnar ergueu-se do chão e caminhou a frente dela.

– Leila, eu não sou um homem muito religioso. Mas fui criado na fé cristã e faço parte do exército cristão. Não posso me converter, pois isso implicaria fatalmente em deixar meu posto. – Cerrou os punhos e a encarou. – Vivemos em guerra, Leila. E apesar de eu achar errado, é uma batalha de fé. Uma guerra santa.

Leila se levantou e esbravejou.

– Nenhuma guerra é santa, Ragnar! Nada justifica esta matança sem fim!

– Eu sei, *liten*! – Ele suavizou a voz. – Mas sou um *chevalier*, um simples soldado a serviço da Cruz e da Igreja. Por favor, me entenda. Não posso me converter e ficar impune. Minha posição junto a Ibelin é de extrema confiança. O que eles dirão? O que os subalternos dirão? Serei visto com desconfiança pelas tropas e nossa vida se tornará um inferno! E mesmo deixando tudo aqui, para onde irei? Crê que em Damasco serei aceito? Acha que entrarei impune na cidade, quando tantos me viram no campo, inúmeras vezes, portando as armas de Jerusalém? Acha que as famílias dos sarracenos que matei me aceitarão pelo simples fato de que me casei com você?

Confusa, Leila apenas deu de ombros, sem saber como argumentar. Estavam num impasse. Ergueu-se e parou diante dele, tocando-lhe o braço numa tentativa de diminuir aquela barreira entre ambos.

– Ragnar, eu quero aceitar seu pedido, mas sei que nenhum padre ou mulá ira celebrar nossa união se um de nós não aceitar a fé do outro.

– Então temos um impasse, Leila.

Ela estendeu a mão e tocou seu rosto rígido com tristeza.

– Sim, e eu não sei o que fazer.

Ele apenas tomou sua mão e a beijou. Em seguida saiu porta afora, deixando Leila a sós com seus pensamentos.

A manhã se arrastava de maneira preguiçosa. Depois de todos terem ido dormir já no meio da madrugada, o desjejum fora servido mais tarde, na varanda. Hrolf foi apresentado oficialmente a Leila, que se encantou com o sorriso amigável do rastreador e relaxou um pouco ouvindo sua conversa animada, repleta de histórias da distante Noruega.

Ragnar e Mark, sentados num dos lados da mesa, conversavam sobre o trabalho daquele dia. Interromperam o que diziam quando Raden apareceu para a refeição, com a cabeça novamente coberta pelo habitual lenço negro. No entanto, ela não se cobrira tanto quanto costumava fazer, pois deixara o pescoço de fora, e pequenas mechas vermelhas escapavam perto das orelhas. Bakkar, de bom ânimo, não perdeu a chance de provocá-la.

– Ora, pensei que agora que você se tornou popular, – apontou o lenço – fosse parar de usar isso.

A ruiva o encarou, fingindo-se mau humorada.

– Não pense Bakkar. – Deu um meio sorriso. – Não é o seu forte.

Naturalmente sabia que o que dizia não era verdade. Mas descobrira ser muito divertido alfinetar Bakkar e lhe tirar aquela pose de conquistador. E só Deus sabia o quanto eram raros momentos de descontração em sua vida!

Depois do apoio que o mestiço lhe dera junto a Ibelin, Raden passara a

admirá-lo ainda mais. Na verdade, havia algum tempo nutria uma sincera simpatia por ele. Agora, livre dos disfarces e das mentiras, poderiam conversar com franqueza e honestidade, cultivando o sentimento de camaradagem e a amizade que haviam selado na noite anterior.

Bakkar não perdeu a pose e lançou seu mais sedutor sorriso. Sabia que a ruiva apenas fazia troça com sua cara, e começava a gostar daquilo.

Ragnar, por sua vez, depois de cumprimentá-la, adiantou as questões práticas. Apanhou um pedaço de queijo e falou enquanto comia.

– Hoje, segundo as ordens que Montferrat nos repassou, teremos que inspecionar as muralhas ao norte e verificar a origem de alguns distúrbios nos vilarejos próximos ao Litani. – Fez uma pausa para tomar um copo de vinho e depois prosseguiu – Mas antes preciso passar no quartel do senescal e fazer meu relatório a Ibelin.

– Como foram as coisas em Trípoli? – Indagou Mark.

– Por enquanto a situação é basicamente a mesma de Tiro. Muitos refugiados, pouco espaço e confusão de sobra.

– Bem, hoje seria, a princípio, o dia de minha folga – comentou Raden, esticando-se na cadeira – creio que vou ficar por aqui...

Um movimento a porta da varanda chamou a atenção de todos, interrompendo a ruiva. Logo o soturno Patrus entrou. Com seus modos exageradamente servis, pediu licença e informou.

– O *chevalier* O'Mulryan está na sala de visitas.

– Ele quer falar comigo, Patrus? – Indagou Mark, já se levantando.

– Ele diz que traz uma mensagem de *messire* Conrad de Montferrat para os *chevaliers* e... para Ra... – Hesitou – a dama Radegund. Uma mensagem urgente.

– Mande-o entrar, Patrus, e diga que o convidei para o desjejum – ordenou Leila, dispensando o criado com um gesto.

Pouco depois o irlandês entrou na varanda, cumprimentando os homens com um bom-dia. Acercou-se de Leila e tomou a mão que ela estendera com um sorriso educado. Seu rosto, no entanto, se iluminou assim que viu Raden.

– Está encantadora, dama Radegund. – Aproximou-se da ruiva e tomou-lhe a mão, beijando-a com galanteria. – Se não fossem as notícias que trago, eu a convidaria para um passeio pela praia.

– Eu? – Disse ela olhando intrigada a fisionomia bonita dele. Gilchrist era bem-apessoado, apesar do tapa-olho e da cicatriz que lhe riscava a testa e sumia sob o couro negro. Era quase tão alto e forte quanto Mark. Raden já havia dividido alguns turnos com o irlandês sério, de cabelos negros e voz de bardo. – Quem sabe? – Ela respondeu dando de ombros, e ele sorriu, o olho negro se iluminando.

– E que notícias seriam essas, Gilchrist? – Perguntou Ragnar intrigado, interrompendo o flerte entre a ruiva e o *chevalier*.

– *Messire* Conrad, juntamente com o Arcebispo Joscius e Ibelin, estão reunindo nossas forças. – Abarcou a todos com um olhar grave antes de concluir. – Saladino tomou Jaffa e marcha para cá.

– Por Alá! – Exclamou Leila, levando a mão ao peito – a guerra chegará até nós?

– Infelizmente, dama – anuiu o irlandês.

– E quanto a Trípoli, Gilchrist? Tem notícias dele? – Indagou Raden, já se levantando da mesa e prendendo as pontas do lenço em torno do pescoço.

– Ele não poderá lutar conosco desta vez ruiva; Trípoli está à morte. – Retrucou Mark.

Todos ao redor da mesa silenciaram diante da notícia triste. O *chevalier* Raymond era um dos homens mais respeitados do *Outremer*, um veterano e uma das últimas vozes ponderadas no mar de insanidade e corrupção em que se tornara o Reino, após a ascensão de Sibylla e Lousignan. O irlandês retomou a palavra.

– E tem mais. – Continuou Gilchrist – Montferrat solicitou todos os navios dos portos. E quer que toda a população de Tiro jure lealdade a ele e a Cruz de Cristo. Caso contrário, serão postos fora dos muros.

– Minha nossa! – Exclamou Hrolf, acompanhando o grupo se levantava da mesa e partia em busca de suas armas, cotas e elmos – parece que as coisas esquentaram mesmo por aqui!

Capítulo XIII

“PARA A MAIORIA DOS HOMENS, A GUERRA É O FIM DA SOLIDÃO. PARA MIM, É A SOLIDÃO INFINITA”
Albert Camus

Tiro, novembro de 1187

Hrolf Brosa havia acertado em suas palavras, pensou Mark. As coisas realmente tinham ficado quentes na cidade de Tiro nos últimos dias. Saladino optara por um ataque combinado, por terra e por mar. Além disso, apostara também num ataque à moral de um dos comandantes cristãos.

Atônito, Conrad de Montferrat, veterano de Hattin e senescal de Tiro, fora informado de que seu idoso pai, Willem de Montferrat, fora feito refém pelo sultão. Intimado por Saladino a entregar a cidade em troca da vida do pai, Conrad fora firme e dissera que se Saladino expusesse seu pai diante dos muros da cidade como prometera fazer, ele mesmo lançaria a flecha que tiraria a vida do nobre, poupando-o da vergonha de ver o filho capitular. Saladino, sem querer atrair a antipatia do povo que pretendia governar, acabou por mudar sua estratégia, e mandou o velho para Tortosa. Porém, o sultão sempre fora um homem obstinado e Tiro, um porto altamente estratégico, tanto do ponto de vista bélico quanto do comercial. E o cerco havia continuado.

Ragnar, com o auxílio da influência de Ibelin, assumira o controle de um grupo na muralha sul, de onde podia se deslocar rapidamente até a casa de Leila, que se empenhava em cuidar de seus negócios enquanto buscava uma solução para o impasse surgido entre os dois. Mark estava ciente de tudo, pois o amigo lhe confidenciara suas angústias quanto ao futuro de seu relacionamento com a sarracena.

Hrolf, a pedido de Ragnar, ficara na casa de Leila, no lugar de Raden, como seu guarda-costas. A ruiva lutava em sua companhia, e agradecia aos céus por tê-la sempre às suas costas nas frequentes escaramuças que enfrentavam. Já o Gilchrist fora designado como tenente de Ragnar, mostrando-se um bom amigo, além de excelente guerreiro.

Naqueles dias de cerco, tanto Mark quanto Raden estavam encarregados de conter as infiltrações inimigas que frequentemente aconteciam, tanto pelo cais, quanto pela muralha. O objetivo principal era prevenir a ação dos temíveis sapadores, peritos em cavar túneis sob as muralhas e fazê-las implodir.

Os dias, como em Jerusalém, se tornaram uma repetição cansativa de escaramuças que se encerravam ao pôr-do-sol, quando os exércitos se recolhiam aos seus campos. Às vezes, as máquinas de guerra ainda lançavam seus projéteis contra os muros da cidade madrugada adentro.

Este era mais um dentre os muitos dias de luta contra os soldados de

Saladino. Exaustos, ele e Raden desabaram sobre um monte de palha. Ainda podiam ouvir, do outro lado da muralha, o som do choque entre as tropas. A companhia deles havia passado para a retaguarda, sendo substituída por uma descansada.

Mark esticou os braços doloridos para trás e olhou para a ruiva ao seu lado. Radegund estava de olhos fechados, o rosto tenso sujo de pó e respingos de sangue. Estava mais magra, observou. Como diabos ela teria ido parar ali, no meio da guerra? Como uma mulher teria se imiscuído no mundo dos homens daquela forma? Ao seu lado, a ruiva deu um suspiro e se levantou abruptamente, interrompendo o rumo de seus pensamentos.

– Venha comigo, Bakkar. – Chamou ela sem rodeios.
– Posso saber para onde? – Ele perguntou, intrigado.
– Tenho ordens diretas de Ibelin. – Disse lacônica – eu explico no caminho.
– E como ele não se movesse, ela falou exasperada – vamos! Mexa esse seu traseiro bonito daí homem!

Mark espreguiçou-se como um gato e piscou-lhe, insolente.

– Quer dizer que anda reparando no meu traseiro, ruiva?

Raden pareceu corar e bufou, cruzando os braços com impaciência. Mark levantou-se preguiçosamente e virou-se de costas para ela, limpando ostensivamente o feno grudado na parte de trás das calças e piscando de novo para a guerreira.

“Exibido!”

Ela passou a ignorar seu gesto e pegou um archote apagado. Jogando-o para ele, disse em seguida.

– Vamos precisar disso. Venha.

Uma hora depois, Bakkar praguejava atrás de Raden, enquanto a seguia por dentro de um túnel escuro, cheirando a mofo, cheio de insetos e teias de aranhas.

– Diabos! Eu deveria pensar duas vezes antes de aceitar um convite seu, garota!

Ela olhou para trás.

– Pare de reclamar. – Retrucou – Ibelin quer que estas velhas redes estejam mapeadas e desobstruídas no caso de precisarmos de uma via de escape.

– Sendo assim, devia tê-lo chamado para lhe acompanhar em seu *passeio*! – Resmungou o mestiço, tirando mais uma teia de aranha do rosto.

Raden revirou os olhos e continuou andando.

– Ora, Bakkar! Parece uma velha faladeira. Sinta só – ela comentou, respirando fundo – é o cheiro do mar.

Em pouco tempo chegaram à desembocadura do túnel, que realmente saía perto do mar, num ponto já bem afastado do porto. O sol já quase se pusera por

completo. Cuidadosos, os dois apagaram os archotes que traziam, para não denunciarem a posição do túnel aos inimigos que porventura estivessem de vigia.

Caminhando em direção ao mar, atentos a qualquer sinal de inimigos, ambos se depararam com um pequeno manancial de água doce, oculto na vegetação, que desembocava na praia. Raden suspirou diante da visão da água fresca e limpa. Logo olhou para o companheiro com um sorriso conspiratório. Mark parecia tão interessado na água quanto ela.

– Bakkar, está pensando no mesmo que eu?

O mestiço abriu um sorriso.

– Banho?

Ela também sorriu.

– Naturalmente, meu amigo. Mas vá tratando de se virar para lá, sim. – Pediu, enquanto já começava a descalçar as botas.

– Ora! – Ele retrucou divertido – E eu que pensei que você fosse se aproveitar da situação! – Notando que ela ficava subitamente tensa, completou com seriedade – Olhe, tudo bem garota. Se não quiser que eu fique aqui, não há problema. Eu fico lá atrás daqueles arbustos e espero você terminar.

Subitamente culpada, – afinal ele estava tão cansado e sujo quanto ela – Raden replicou.

– Não, não é necessário. Fique, Bakkar. Só Deus sabe quando teremos a chance de um banho decente novamente. Eu não o estou julgando mal. É que... – ela estava cada vez mais sem graça, sua voz foi baixando até se tornar quase inaudível – nunca fiquei sem roupas na frente de um homem.

Mark a observou, surpreso. Depois que ela se revelara, boa parte dos *chevaliers* de Tiro haviam batido a porta da casa de Leila atrás da ruiva. O próprio Gilchrist não cansava de levar-lhe agrados e de lançar todo o seu charme.

– Há! – Pilheriou, tentando deixá-la à vontade. – Vai me dizer que já não conquistou metade do exército com esses modos misteriosos?

– Ora, Bakkar! – Ela grunhiu.

– Estou brincando, garota! Será que nunca relaxa?

Séria, a ruiva o encarou.

– Nunca.

Notando seu embaraço, Mark resolveu agir naturalmente. Pediu que o ajudasse com a cota de malha e fez o mesmo por ela. Depois, terminando de se livrar do restante de suas roupas, passou diante dela tranquilamente, caminhando para as águas rasas, exibindo seu belo corpo. Nu como viera ao mundo.

Radegund parou a mão que erguia a barra da camisa só para olhar o

desenho das costas largas, que terminavam em nádegas perfeitas, onde a pele era um pouco mais clara que a do tronco musculoso. Sem perceber, passou a língua sobre os lábios, assaltada por uma emoção nova. Desejo? Sim, parecia ser. Mesmo acostumada a estar cercada de homens, praticamente nunca havia visto um deles totalmente despido, tampouco tão à vontade como mestiço. E por Deus, que corpo!

Mark era o que podia ser classificado como um pedaço de homem. Ele era alto, tinha uns bons palmos a mais que ela. O corpo era sólido, a pele morena num tom semelhante ao do bronze, que fazia Raden se lembrar do sol do Mediterrâneo. As pernas longas e musculosas, os quadris estreitos, os ombros largos e os braços que pareciam esculpidos por mãos hábeis, faziam um conjunto perfeito com os olhos castanhos discretamente amendoados, emoldurados por longos cílios escuros. A boca, generosa e sensual, parecia estar sempre pronta para beijar. O nariz reto, quase romano, entregava a ascendência estrangeira, misturada à sarracena. E os cabelos negros sempre pareciam desalinhados, como se ele acabasse de se levantar da cama. Mark exalava sensualidade, e não era à toa que as mulheres viviam correndo atrás dele.

O mestiço se sentou na água rasa, de costas para ela, e começou a se esfregar com um seixo. Raden sacudiu a cabeça, espantando os pensamentos inconvenientes. Terminou de se despir, entrando na água, muito encabulada, como se Bakkar fosse capaz de ler em seu rosto o que andara pensando. Baixou a cabeça, deixando os cabelos encobrirem seu rosto ruborizado, e tratou de se banhar.

Mark olhava para a ruiva de soslaio. Tentava manter os olhos distantes do corpo bonito da amiga. Mas era difícil. A poderosa visão que o assombrara na praia, sob a chuva, estava ali, bem diante de seus olhos, fazendo-o sentir o cutucão do desejo entre as virilhas. Desviou o olhar. Remexeu-se na água, rosnou uma praga e respirou fundo. Pensou na amizade, e na confiança recém-conquistada de Raden. Disse a si mesmo que a respeitava. E que não estava certo querê-la como uma de suas amantes. Esfregou-se com mais vigor. Resmungou outra praga enquanto ouvia os sons que ela fazia ao jogar água sobre o corpo, um pouco mais adiante. Fechou os olhos, tentando forçar a mente a obedecê-lo, mas tudo o que conseguiu foi uma imagem nítida da ruiva sob a chuva. Nua. Inferno! A verdade era que andava solitário demais, apesar das mulheres e das noitadas na casa de Isabella. Sua vida parecia cada vez mais vazia e sem sentido.

Olhou para ela de novo. Sentada com os joelhos dobrados, a ruiva agora se ocupava em desembaraçar os longos cabelos úmidos com os dedos. O olhar dela, porém, estava perdido no horizonte, onde o sol já se escondera, deixando apenas

uma claridade avermelhada. Vendo-a assim, parecia-lhe a criatura mais solitária do mundo. Sentiu a solidão dela como se fosse a sua própria. Mas, por alguma razão desconhecida, não foi capaz de chamá-la.

– Gostaria que tudo isso terminasse. – Soou a voz dela na penumbra, depois de um quase infinito silêncio.

– A guerra? – Ele enfim entendeu, depois de levar alguns instantes para se dar conta de que ela lhe dirigira a palavra.

– Sim... – ela suspirou e olhou em sua direção, parecendo totalmente desamparada. Era como se ali, despida de seus trajes de guerra, ela também houvesse posto de lado todas as defesas, restando somente uma mulher sozinha e cansada – ao mesmo tempo, não sei o que vou fazer quando acabar. Isto é, – deu de ombros com assustadora indiferença – se eu sobreviver até lá.

As palavras tristes e amargas o tocaram profundamente. Quando percebeu o que fazia, Mark já se levantava e se aproximava pela água, sentando-se ao seu lado. Com cuidado, passou o braço sobre seus ombros, num gesto de consolo. Notou a súbita tensão que se apoderou dela, e também o ligeiro estremecimento, quando as laterais de seus corpos se tocaram. Ficou imóvel ao seu lado, com receio de assustá-la, até que a sentiu relaxar novamente. Então, num gesto de confiança, a cabeça ruiva pendeu e encostou-se em seu ombro, buscando apoio.

– O que faz aqui, Raden? – Indagou de repente, procurando uma forma de entendê-la. – O que houve em sua vida para que você se tornasse o que se tornou?

– Eu... – ela hesitou, como se fosse dizer algo e desistisse no último instante. – Eu não tenho ninguém mais.

– Mas... – ele fez outra tentativa, mas foi interrompido.

– Por que uma mulher se tornou mercenária?

– Sim, – Mark concordou – isso, entre outras coisas.

– Aconteceu. – Deu de ombros, como se encerrasse a questão, e indagou. – E você, Bakkar? – Virou-se para o lado e olhou-o com aqueles olhos penetrantes que pareciam devassar sua alma. – Você não foi feito para a guerra. É um homem culto, educado, com muitos estudos. Já o vi curar e tratar muitos homens. Poderia até ganhar a vida como um médico. Não compreendo o que um homem que cura faz aqui, no meio da matança.

Mark devolveu-lhe o olhar e sorriu tristemente.

– Fujo, assim como você.

A ruiva ergueu a cabeça e seus olhos espelharam toda a perplexidade sentida ao perceber que ele fora direto ao ponto. Bakkar estava conseguindo abrir uma brecha em sua armadura...

Suspirando, recostou a cabeça novamente no ombro dele e perguntou.

– Você se sente assim também?

Ele deslizou a mão pelos seus cabelos úmidos. De repente, a angústia que sentia ameaçava sufocá-lo

– Como?

– Morto em vida.

Ela apenas constatava um fato. Nada além disso.

Mark virou a cabeça para seu lado e, ao mesmo tempo, ela ergueu a sua. Seus olhos se encontraram e ele baixou os dele para a boca entreaberta. Sentiu junto a si a respiração pesada de Raden e o calor do corpo encostado ao seu. Ela também pareceu notar a tensão que crescia entre eles, pois seus olhos adquiriram um brilho surpreso e desceram na direção da boca de Mark.

Hesitante, ele se aproximou um pouco mais e ela não recuou. Tocou-lhe o lábio inferior com o polegar e ela roçou os dentes nele, mordendo a pele rosada e úmida, num gesto de insegurança e indecisão. Mark deslizou o dedo sobre a pele delicada até o canto de sua boca, e seus olhares se encontraram de novo, como se atraídos por um ímã, carregados de sensualidade contida. A mão se fechou no emaranhado de cabelos molhados, puxando-a em sua direção e suas bocas se uniram, famintas e desesperadas.

Sem deixar de beijá-la, Mark se inclinou sobre o corpo da ruiva, deitando-a nas águas rasas, tocando-a com carinho e urgência. Sentiu suas mãos por trás de seu pescoço e uma energia poderosa a envolvê-lo. Agarrou-se a ela com força, como se disso dependesse sua vida, e ela retribuiu da mesma forma. Suas mãos escorregaram sobre a pele molhada e descobriram os seios cheios que o enfeitiçaram sob a chuva. Tocou-os com gentileza, circundando os mamilos rosados com a ponta dos dedos, sentindo-a suspirar de encontro a sua boca. Deslizando os lábios pelo corpo abrasado, demarcou uma trilha de beijos e lambidas que terminou num dos mamilos túrgidos. Ele o prendeu suavemente entre os dentes e passou a ponta da língua sobre o pequeno botão, espalhando uma onda de choque pelo corpo dela. Deslizou então a boca para o outro seio, dando-lhe o mesmo tratamento, arrancando gemidos de sua parceira, que enfiava as unhas em seus ombros largos. Afastando-se um pouco dela, sem deixar de acariciá-la, olhou em seus olhos verdes e sorriu.

– Você é tão bonita, garota. – O sorriso se alargou, assumindo um jeito maroto, que fez Raden imaginar o menino que ele teria sido. – Já notou que estamos sempre destinados a nos encontrar em situações bem molhadas?

Ela também sorriu.

– Está falando daquela noite na praia?

– Sim, – ele deslizou a mão ao longo de sua cintura até seus quadris – eu achei que você fosse uma *djin*. Ou uma sereia. Eu sei lá! Eu só sei que não

consegui nem dormir naquela noite! E agora estamos nós aqui, de novo, na água, encharcados...

– Ora, Bakkar! Vai me deixar sem jeito.

Ele a abraçou novamente e disse.

– Não fique sem jeito; é uma mulher fascinante. – Beijou-a de novo e depois indagou, num murmúrio rouco. – Diga-me. Já fez isso antes?

Uma sombra fugaz passou pelo rosto dela, que respondeu de maneira enigmática.

– Praticamente não.

Ele franziu o cenho, mas não perguntou o significado daquela estranha afirmação. Apenas deslizou a mão com ternura pela sua face.

– Então irei bem devagar. Tudo bem?

– Tudo bem, Bakkar – ela assentiu, olhando nos olhos dele – eu confio em você.

Ele sorriu, satisfeito com sua afirmação. Baixou sobre ela e devorou sua boca, apertando-a contra o próprio corpo, despertando todos os instintos femininos que Radegund reprimira até então. O contato com o corpo sólido, o cheiro másculo da pele de Mark, as carícias vagarosas dele em seu corpo, estavam provocando uma verdadeira catarse dentro dela. Parecia estar alcançando a liberdade plena, ainda que por alguns fugazes instantes. Agarrou-se a ela com fúria, entregando-se sem reservas ao homem que conquistara seu carinho e seu respeito, e que já considerava um amigo.

Sentiu-o separar suas pernas com a mão gentil e cuidadosa, e mergulhar os dedos em sua carne. Arqueou-se de encontro ao seu corpo e cerrou os dentes para não gritar quando ele a tocou num ponto terrivelmente sensível, fazendo-a ver estrelas. Disposta a explorar o corpo dele, deslizou as palmas das mãos pelo tórax largo e cheio de cicatrizes até encontrar o abdome rijo e contraído. Curiosa, desceu um pouco mais a mão e encostou-a no membro ereto. O toque dele entre suas pernas paralisou. Raden se viu encarando aqueles olhos castanhos da cor de avelãs.

– Eu... o machuquei? – Perguntou ela já tirando a mão do ponto quente e acetinado que descobrira. Mas ele a segurou, e a manteve ali, enquanto a encarava divertido.

– Ah, garota! Você é mesmo uma contradição! – Ele sorriu e a fez deslizar a palma da mão ao longo de si. – Não me machuca, eu gosto. Pode me tocar à vontade e satisfazer sua curiosidade.

Ele mordeu o lábio inferior quando ela aceitou seu convite e o pressionou suavemente. Fechou os olhos e abraçou-a com força.

– Céus, ruiva! – Sua voz saía entrecortada. – Vai acabar comigo desse jeito!

Sorrindo, Raden se encheu de orgulho desta sua nova faceta, rica em feminilidade e sensualidade. E Mark, envolvido nas deliciosas sensações que ela provocava, apertou-a com força entre os braços e beijou-a longamente, encaixando-se entre suas pernas esguias.

– Pode incomodar um pouco... – avisou, gentil.

– Tudo bem – ela o beijou sussurrando em seguida – eu quero.

Devagar, ele se posicionou entre suas pernas e foi deslizando para dentro dela. Não soube dizer se Raden era virgem ou não, e isso pouco lhe importava. Apenas sentiu o corpo dela resistir um pouco para depois envolvê-lo com perfeição. Teve que cerrar os dentes para não explodir bem ali.

Raden mordeu os lábios, tensa ao sentir em seu corpo a invasão de Mark. Fechou os olhos e afogou na escuridão de sua mente as lembranças ruins, concentrando-se no calor do homem que gentilmente a possuía. Relaxando, pode saborear por completo o corpo forte de Mark, que mergulhava dentro dela, fazendo-a uma mulher de verdade, despertando-lhe a feminilidade adormecida, espantando os fantasmas para bem longe.

Sentiu a água fresca sob suas costas, os braços a envolvendo e o cheiro do mar ao redor deles. Deixou que a natureza seguisse seu curso. Logo, uma onda de prazer se avolumou em seu interior, engolfando-a, carregando-a num caminho sem volta.

Ávido, Mark moveu-se dentro dela, sentindo seus estremecimentos e ouvindo seus gemidos. Penetrou mais fundo ainda no corpo quente, molhado e lânguido de Radegund, buscando naquele momento um sopro de ar, de luz, agarrando-se a companheira como quem se agarra ao último fio de vida. No calor dos braços dela tentava sepultar toda uma vida de sonhos desfeitos, de solidão e de luta. Toda uma vida de desesperança e perdas.

Não era por mero acaso que ambos, dois náufragos perdidos naquela existência sombria, haviam se atraído mutuamente.

E quando o êxtase veio de forma avassaladora, para ela e para ele, tiveram a certeza de que aquela ligação pouco convencional dos dois duraria para sempre.

Leila estava perplexa com as notícias que Yosef lhe trouxera naquela noite. Sozinha no gabinete de trabalho com seu administrador, andava de um lado para o outro, entre desolada e furiosa.

– Não pode ser verdade! – Ela balançou a cabeça e abraçou-se. – Diga-me que isso não passa de um pesadelo, meu bom amigo!

O bondoso administrador se sentiu tão triste quanto a jovem que derramava aquelas lágrimas amargas. Porém, não podia fazer nada. A ordem seria dada.

– Sinto muito, Leila. Mas Montferrat vai querer toda a população

muçulmana fora de Tiro em dois dias. Um amigo que trabalha como escriba do senescal veio me contar em segredo. Ele teme uma traição. Saladino tem oferecido vantagens tentadoras para aqueles que quiserem se passar para o lado dele.

– Não é justo! – Ela se virou para Yosef gritando. – Aquele bastardo do Montferrat usa *meus* navios e *meus* empregados sem tirar um besante sequer de seus cofres! Eu forneço vinho e víveres para a sua mesa e seu exército! E minha tia sempre foi respeitada, e seu marido antes dela! Já não jurei lealdade diante dele e do Arcebispo, como todos?

– A guerra não é justa, minha criança... E sua tia era cristã. – contemporizou Yosef.

Ela o olhou, amargurada.

– Que diferença isso faz, Yosef? Somos todos seres humanos! Minha religião não faz meu caráter.

– Mas para muitos é um guia. E por esta razão, muitas pessoas podem se sentir tentadas a abraçar a causa de Saladino.

– Então não terei escolha? Terei que deixar minha casa, meus amigos, tudo o que minha tia e meu pai construíram? Terei que deixar tudo para trás? – Terei que deixar Ragnar, completou em pensamento.

– Talvez haja uma escolha, Leila – ele deixou no ar aquilo que ela já sabia.

– A conversão? – Ela sugeriu, andando de um lado para o outro. – Seria evidente demais. E não seria sincero de minha parte, Yosef.

– Não a conversão pura e simples Leila, mas o casamento. – Ela quase caiu de susto e teve que se apoiar na grande mesa de trabalho. Yosef continuou. – O casamento com um *chevalier* cristão, antes da execução da ordem, permitiria sua permanência em Tiro.

Capítulo XIV

“NÃO SAIBA A TUA MÃO ESQUERDA O QUE FAZ A TUA DIREITA”

Mt, 6: 1 a 4

Leila se sentou em silêncio, a mente trabalhando numa velocidade furiosa, o coração batendo tão rápido e tão forte que parecia querer saltar pela boca. O choque das palavras de Yosef reverberando em sua cabeça como as ondas do mar revolto. À sua mente veio o pedido de Ragnar para que se tornasse sua mulher. E o impasse que ficara no ar depois disso.

Com o cerco à cidade, eles não haviam voltado a conversar. Ragnar, assim como os outros, entrava e saía da casa rapidamente. Ele sempre a beijava antes de partir, às vezes com carinho, outras com arrebatamento, mas não houvera oportunidade ainda de discutir com ele o assunto que ficara pendente.

Leila pensou de novo na proposta que o norueguês lhe fizera, e também na intimação que seria dada pelo senescal aos muçulmanos de Tiro. Casar-se com Ragnar seria uma solução. Ela ficaria na cidade e ficaria com ele. Mas seriam esses motivos suficientes? Seria justo com Ragnar? Leila suspirou e olhou para Yosef que estava de costas para ela, olhando para além das vidraças. Maldita hora em que o sultão resolvera atacar Tiro novamente!

Tomando coragem, Leila falou.

– Eu recebi uma proposta de casamento há alguns dias, Yosef.

O velho senhor virou-se para ela com a fisionomia serena.

– Do norueguês?

– Como... – ela ficou surpresa – como sabe?

Yosef aproximou-se dela e pegou-lhe as mãos frias com gentileza.

– Ora, criança, este velho é meio caduco, mas ainda enxerga bem. E Svenson não tem sido muito discreto quando se despede de você com aqueles beijos...

Leila corou.

– Oh, céus! Estou tão envergonhada. Sei que meu comportamento não é digno de uma moça de respeito...

– Que bobagem, Leila! – Yosef falou gravemente – Seu pai nunca foi um homem preconceituoso, e tampouco se prendia a convenções. Se você o ama de verdade, por que ter vergonha?

– Ah, meu amigo. Eu deixei de lado os ensinamentos de minha religião, abandonei minhas obrigações...

– Mas não abandonou a fé! Leila, olhe para mim, – ela obedeceu, o rosto lavado de lágrimas – a religião é o dedo que aponta para Deus, mas ela não é Deus; nem Alá, nem Yaveh! O culto exterior aos nossos Deuses, tenham eles o nome que tiverem, é apenas uma forma que temos de expressar nossa crença.

Mas não é o mais importante, minha jovem. O mais importante é empregar os ensinamentos de amor e respeito que a Bíblia, o Alcorão e a Torá carregam.

Leila nunca ouvira algo semelhante. Sentiu-se profundamente tocada. Nunca havia pensado na fé daquela forma; as palavras de Yosef mexiam com suas convicções. Ainda assim, as dúvidas estavam dentro dela. Era difícil modificar os conceitos de toda uma vida em apenas alguns minutos.

– O que acha que devo fazer, Yosef?

– Aceite o pedido do rapaz. – O idoso administrador respondeu com um sorriso.

– Assim? De uma hora para outra? – Ela teimou. – Eu e ele não conversamos mais depois que me fez a proposta. – Ela pensou um pouco antes de prosseguir. – Talvez eu pudesse falar com ele hoje à noite... – encarou Yosef e completou – mas não vou dizer nada sobre a ordem que será dada pelo senescal.

– Leila, não pode omitir este fato de Ragnar! – O velho administrador a repreendeu. – E naturalmente ele já deve estar sabendo. Afinal, ele faz parte do exército cristão.

– Não creio. Ele passou o dia todo na muralha – ela explicou – só deve ir ter com Ibelin e Montferrat amanhã. Além disso, mesmo que saiba, ele não precisa saber que *eu* sei. – Como Yosef continuasse contrariado, ela tentou convencê-lo. – Ora, vamos, meu amigo! Ajude-me. Você não conhece Ragnar como eu o conheço. Ele é orgulhoso demais. Se eu disser uma palavra sobre esta ordem, vai pensar que aceitei seu pedido por conveniência. O que não é verdade, pois eu o amo. Essa ordem só precipitou os acontecimentos!

– Isso não está certo, menina!

– Eu sei! Mas como vou explicar a ele o fato de saber da ordem antes que ela fosse dada? – Ela argumentou, pondo Yosef contra a parede. – Isso iria expor seu contato, não é?

– Sim, nisso você tem razão... – concordou o velho – porém, ainda acho que deve contar a ele. Nenhum relacionamento se sustenta sobre mentiras.

– Não estarei mentando, Yosef. Apenas omitindo. – Ela se ergueu decidida. – Enquanto isso, quero que prepare um documento passando todos os meus bens para a tutela de Ragnar Svenson. Para que eu coloque meu selo nele ainda hoje.

– Leila! – Yosef falou espantado. – Você nem sabe se ele vai aceitar ou...

– Vou falar com Ragnar sobre nós assim que ele chegar, – ela o interrompeu – não diga nada a ele sobre este documento, vamos mantê-lo em segredo, por enquanto.

– E quanto aos preparativos? – O velho senhor perguntou.

– Não precisa muita coisa. Quero uma cerimônia simples.

Yosef riu diante da determinação da jovem patroa.

– E como tem tanta certeza de que ele vai aceitar tudo isso?
Leila olhou para ele um pouco corada.
– Pretendo lançar mão de todos os argumentos disponíveis para convencê-lo.

O bairro ficava no lado mais sórdido da cidade; uma zona pobre de casebres humildes. A cerimônia profana teve início no meio da noite, quando as ruas já estavam silenciosas.

No centro de um aposento, mal iluminado por dois archotes, um menino de cabeça raspada, vestido apenas uma tanga de linho, balançava-se em transe, para frente e para trás, diante de um pequeno altar de pedra. Pelo seu corpo estavam pintados símbolos mais antigos que o tempo, herança de um rito ancestral esquecido por muitos. Apenas ele não o esquecera. E o pai Set seria generoso com um de seus últimos servos, aquele que, ainda que em sigilo, mantinha seus rituais e sacrifícios, e a honra de seu nome.

A serpente enroscada sobre o altar de pedra se agitou um pouco e ergueu parte do corpo, abrindo o capelo quando ele deu um passo para frente. Os olhos vítreos logo se fixaram nos frios e maldosos olhos humanos. O animal começou a balançar no mesmo ritmo do menino, numa dança macabra.

Aspirou o cheiro do sangue fresco do cordeiro degolado, e segurou a taça onde recolhera o líquido precioso ainda morno. Ergueu-a acima da cabeça com as duas mãos e entoou as palavras de um ritual secreto, rogando à divindade das trevas que lhe abrisse os portões do tempo. Em seguida colocou-a a frente do menino e falou com ele, com sua voz cavernosa.

– Servo, lê a taça e diga-me o que vê – mergulhou o indicador no sangue e desenhou um símbolo na testa do garoto, que ficou com os olhos baços, fixos no líquido vermelho e viscoso.

A voz infantil elevou-se na câmara ritual, destoando do conjunto tétrico.

– Vejo a jovem gazela... O grande leão branco a reclama. Vejo seus planos perturbados, mestre... – houve uma longa pausa. Ele esperou pacientemente, pois sabia que era assim. O mergulho nas brechas do tempo e do espaço demandava força e paciência. O garoto recomeçou a falar. – A alma negra pode ser um instrumento... deve buscá-lo; aquele que tem a face marcada... Livre-se dos outros. A luxúria se interporá no caminho do sucesso... – o menino cambaleou, mas ele o sustentou.

– O que mais?

– Vejo a leoa e o tigre... devem ser afastados, se quiser ter êxito... O dragão vigia adormecido – A leoa e o tigre... A mulher guerreira e o mestiço, naturalmente. Mas quem seria o dragão? Ele aguardou mais alguma revelação. O

menino falou. – Na ausência da verdade, o mal prevalecerá.

O menino se calou. Irritado, percebeu que a visão se fora. Infelizmente, teria que se contentar com aquilo; Set era caprichoso, só revelava o que queria.

Completando o ritual, sorveu o sangue da taça. Em seguida, sem nenhum tipo de hesitação, pegou pelos ombros o garoto ainda em transe e ofereceu seu pescoço ao bote da serpente.

Sorrindo satisfeito, Patrus assistiu a agonia silenciosa do servo, enquanto o veneno entorpecia seu corpo e paralisava sua laringe.

Em breve, a jovem Leila e seus amigos estariam fora de seu caminho.

– O que foi isso?

A ruiva olhou para ele, ainda ofegante, e balançou a cabeça. Sentia-se desorientada com o que acabara de acontecer.

– Não sei. Mas acho que foi... bom.

Mark sorriu e se ergueu, sentando-se na água, apoiando as costas numa rocha.

– Radegund, eu... – ele hesitou – quero que saiba que não planejei o que acaba de acontecer.

– Eu sei, – ela sorriu – não estou reclamando.

Estendeu a mão para ela, puxando-a para perto. Depois de alguns instantes de silêncio, comentou.

– Também não nos preocupamos com as consequências.

Radegund acomodou-se entre seus joelhos e recostou-se em seu peito.

– Fala de uma gravidez?

– Sim. – Ele a envolveu com os braços. – Sempre fui cuidadoso, mas hoje...

– Esqueça.

– Como assim *esqueça*? – Aquela maluca não sabia o estigma que pesava sobre uma criança bastarda?

– Não se preocupe – ela contou sobre as ervas que usava. – De qualquer forma, sei que não premeditou o que aconteceu.

– Por que as usa? – Tudo naquela criatura era único e curioso.

Raden sorriu e deslizou os dedos pela coxa morena.

– Imagine a complicação que seria no meio do alojamento masculino se eu tivesse meus períodos normais.

Ele riu e concordou com aquela lógica tão óbvia. Radegund era mesmo muito esperta.

– Ainda assim, – argumentou – você pode querer um dia ter filhos. E se estiver se prejudicando? E se essas ervas a tornarem estéril?

Raden inclinou bem a cabeça para trás, olhando para ele de um jeito

engraçado.

– Ora, Bakkar! Não crê realmente que um dia eu vá me casar, não é mesmo?

Ele beijou-lhe a testa e brincou com seus cabelos.

– Pense bem, ruiva; pode ser que um dia você encontre um homem com quem deseje se casar, constituir família...

– Não me diga que está se candidatando? – ela o provocou, divertida.

– Eu? – Ele pareceu realmente assustado. – Não! Deus me livre!

– Ufa! Ainda bem. Pois se estivesse, eu sairia correndo daqui.

Os dois riram com gosto e depois ficaram em silêncio por muito tempo. A água corria mansamente em torno deles, as estrelas brilhavam no céu noturno e, ainda assim, o barulho das máquinas de cerco, bombardeando os muros no lado oposto da cidade, persistia. No entanto, este detalhe não parecia incomodá-los.

– Radegund... – foi ele quem quebrou o silêncio.

– Sim?!

– É um bonito nome. – deslizou as mãos pelos braços dela e depois a fez voltar o rosto em sua direção – como a dona dele.

Beijando-a de maneira ardente, ele se deitou sobre a lâmina de água e puxou-a sobre si, encaixando-a nele com perfeição. Em seguida trouxe seu rosto para bem perto e sussurrou.

– Gosto de você, garota.

Ela ofegou ao senti-lo dentro de si daquela forma e mergulhou os dedos nos cabelos negros.

– Também gosto de você... Mark.

Ela começou a se mover sobre ele e unidos, os dois chegaram novamente àquela explosão dos sentidos. Só muito tarde da noite recolheram suas coisas e retornaram para dentro da cidade sitiada.

– Já disse que estou fora dessa!

– Vai nos deixar na mão, Tyler? – rosnou Vernon.

– Com o norueguês de volta, e a cidade em estado de sítio, prefiro evitar confusão – disse o soldado, tentando encobrir sua covardia com aqueles argumentos.

– Bastardo! – Vernon avançou sobre o colega, mas Gerald o conteve.

– Acalme-se, homem! Se criar uma briga aqui, logo o taverneiro chamará os guardas do senescal e estaremos todos perdidos! Esqueceu-se de que somos todos desertores?

– Vocês deviam ser mais espertos e esquecer a tal sarracena – resmungou Tyler, pegando seus alforjes – ela tem sempre Svenson ou um dos homens de

Ibelin por perto. Até o irlandês esquisito anda com eles agora! Eu vou sair fora, antes que vocês dois arranjem confusão para o meu lado!

– Você vai se arrepender, Tyler! – Gritou Vernon.

O outro virou para ele e rosnou.

– Não se meta comigo, idiota! Ou eu o entrego para o senescal – berrou Tyler para, em seguida, sair batendo a porta.

No corredor, esbarrou com um homem, cujo capuz do manto lhe cobria quase toda a face. Resmungou um pedido de desculpas e desceu as escadas com pressa. Mal viu quando o homem ergueu o rosto marcado por uma extensa cicatriz e lançou-lhe um sorriso diabólico.

A conversa realizada aos berros dentro do aposento chegara até ele, que passava pelo corredor. Blake abençoou sua boa sorte. Mais alguém queria o norueguês fora do caminho, e ele podia fazer bom uso dessa informação.

Ragnar chegou exausto à casa de Leila, depois de mais um dia lutando nas muralhas. Tirou o elmo e arrancou o capuz de malha de metal, que protegia a cabeça e o pescoço, ainda no vestíbulo. Estava sujo, faminto e cansado. Seus olhos ardiam por causa da fumaça dos diversos focos de incêndio causados pelos bombardeios das catapultas e flechas incendiárias. E em seu antebraço havia um extenso corte, causado por uma cimitarra, que havia lhe atravessado a proteção da cota e das braçadeiras de metal.

– Merda! – xingou ao ver que teria que mandar reparar a cota de malha naquele local.

Ao entrar na ampla sala, foi logo recebido pelo marido de Leandra, que o conduziu aos seus aposentos e o ajudou a retirar a cota de malha.

– Onde está a senhora Leila, Jamal? – Indagou, enquanto se livrava da proteção acolchoada que trazia sob a cota.

– Ela estava trabalhando no gabinete até ainda pouco, *sidi*. Disse para o atendermos assim que chegasse, e deixou um banho preparado em seus aposentos. – Jamal pegou os trajes sujos e completou. – A *lella* avisou que jantaria com o senhor.

Ragnar assentiu e o criado saiu. Sozinho, terminou de se despir, o braço ardendo a cada movimento. Quando estava já dentro da banheira, a porta do aposento se abriu, após uma discreta batida. Jamal entrou com uma bandeja coberta nas mãos.

– O que é isso?

– Seu jantar, *sidi*.

Na certa Leila estava muito cansada e resolvera se recolher, pensou, frustrado porque não iria vê-la.

– Deixe aí. Vou ficar um pouco mais na água. Estou morto.

Jamal assentiu e saiu do aposento, fechando as portas silenciosamente. Ragnar recostou a cabeça na beira da banheira, e esticou as longas e musculosas pernas, apoiando-as na borda. Ele era tão grande que quase metade delas ficou para fora, observou divertido.

Fechando os olhos, relaxou o corpo dolorido, enquanto pensava numa forma de abordar novamente o assunto do casamento com Leila. Ansiava em saber se ela já havia chegado a alguma conclusão, mas não gostaria de pressioná-la. Por isso, aguardava que ela desse o próximo passo. Sabia que no momento a única solução possível seria Leila aceitar a fé cristã, mesmo que só na aparência. Pois ele jamais lhe imporá uma crença.

Imerso em pensamentos, não ouviu a porta que se abria e fechava suavemente. Só se deu conta da presença de Leila ali dentro quando duas mãos macias e delicadas, besuntadas de óleo perfumado, deslizaram por suas costas molhadas.

– Leila! – Ele abriu os olhos, surpreso. – O que faz aqui?

A sarracena inclinou a cabeça para frente e sorriu maliciosa.

– Massageio suas costas, *sire*.

– Leila, Leila... não brinque com fogo. – Advertiu. – Estou cansado, mas não estou morto!

– Ainda bem que não está morto... – ela prosseguiu na lenta massagem em seus ombros, fazendo-o suspirar de satisfação e reclinar a cabeça para trás, de olhos fechados. A água correu dos cabelos louros ensopando o robe dela. – Pois eu seria uma viúva antes mesmo de me casar...

Ele se sentou num pulo dentro da banheira, espalhando água por todos os lados. Estreitou os olhos claros.

– Não brinque comigo, Leila.

Ela se levantou, a parte da frente do robe de seda finíssima úmida e colada sobre os seios e o ventre. Encarou-o mordendo o lábio inferior, entre séria e sedutora, e disse.

– Não estou brincando, Ragnar. – Desceu o olhar pelo tórax molhado brilhando a luz das lâmpadas de azeite, sentindo o ar lhe faltar. Tentando se concentrar em algo que não fosse seu corpo sólido e tentador, Leila apontou o corte no braço. – Já cuidou disso?

Com os olhos fixos nos seios moldados pelo tecido molhado, ele perguntou.

– Do quê?

– Do seu braço – Leila se aproximou de novo e tomou-lhe o antebraço entre as mãos delicadas – é um corte feio.

Ragnar prendeu a respiração e afundou um pouco na água, procurando

disfarçar o devastador e evidente efeito do toque dela em seu corpo. Mas estava difícil. Tentou desviar o assunto.

– O homem que o fez está ainda pior...

Leila olhou para seu rosto tenso e achou que fosse por causa da dor no braço.

– Está doendo muito, não é? – Os dedos suaves deslizaram sobre a pele em torno do machucado com delicadeza, fazendo o sangue de Ragnar entrar em ebulição.

– Mais do que você imagina – ele falou entre dentes, sentindo-se capaz de saltar daquela banheira e jogá-la no chão, possuindo-a até que ambos exaurissem suas forças.

Subitamente, Leila largou seu braço e deu-lhe as costas, indo pegar uma pequena caixa de ervas e ataduras. Ele aproveitou para tentar se controlar. Porém, o pedido dela antes de se voltar para ele destruiu completamente suas chances.

– Se você já terminou seu banho, pode sair para eu fazer seu curativo?

Ragnar engoliu em seco.

– Vai ficar aqui?

Leila não se virou, tensa, segurando as ataduras nas mãos trêmulas. Céus! Estava deliberadamente seduzindo Ragnar! E o pior era que estava gostando disso!

– Sim. – Respondeu, tentando fazer a voz soar firme. – Você pode se enrolar na toalha e se sentar para que eu cuide de seu corte.

Ele não respondeu. Em lugar disso, Leila ouviu o barulho da água se agitando e em seguida pingando pelo chão de mosaico. Imaginou-o se erguendo da banheira como um ser mitológico, as gotas escorrendo de seus braços poderosos e por seu peito, enroscando-se nos pelos platinados, encontrando o caminho pela linha de seu abdome até o tufo de pelos que circundava...

Sossegue, Leila, ela se repreendeu mentalmente, sentindo-se ofegante, com o pulso acelerado.

A voz de Ragnar soou tão próxima que ela mordeu os lábios para não gritar de susto.

– Estou pronto para me submeter aos seus cuidados, *liten*.

Leila se virou devagar, com os olhos baixos, apenas para ver, a um passo de si, os pés grandes plantados no meio de uma poça no chão. Subiu os olhos pelas pernas e chegou à borda da toalha branca, na altura dos joelhos e daí, percorreu o caminho até o volume mais acima, onde as pernas se uniam e onde o estado de excitação dele se punha mais do que evidente. Corada, ela ergueu os olhos para o rosto dele e se arrependeu.

Encontrou seus olhos pálidos e cinzentos e sentiu as pernas amolecerem. Com muito custo, conseguiu fazer a voz passar pela garganta.

– Deixe-me ver... seu braço...

Sem uma palavra ele o estendeu a sua frente. Com a mão trêmula, Leila enxugou bem a pele com um pedaço de linho. Pegou o unguento e aplicou em todo o ferimento. Depois, envolveu o braço dele com a atadura. Quando terminou ficou parada, a mão sobre o tecido branco, sem erguer o rosto para ele. Notou pelo canto do olho que o peito de Ragnar subia e descia rapidamente e pareceu-lhe que o grande aposento tinha subitamente diminuído de tamanho.

Assustou-se quando o outro braço dele a puxou para si, colando-a ao seu corpo, fazendo-a sentir sua ereção de encontro ao ventre, e o calor de seu tórax ainda úmido de encontro aos seios, que pareciam terrivelmente sensíveis. E sem mais delongas, ele afirmou.

– Eu quero você.

Três palavras. Simples. Cruas. Honestas. Absurdamente excitantes. E assustadoras.

Leila tomou consciência da dimensão do passo que daria e respirou fundo.

Capítulo XV

“ATÉ MESMO A ALTA VIRTUDE, NUM MOMENTO MAL APLICADA, EM VÍCIO SE
TRANSFORMA”

“Romeu e Julieta”. William Shakespeare

– Eu o aceito. – Leila respondeu após um prolongado silêncio. Ergueu o rosto e olhou Ragnar diretamente nos olhos. Seu coração batia descompassadamente.

– Tem certeza?

Ela assentiu com a cabeça e depois murmurou.

– Eu aceito seu pedido, Ragnar. – Reafirmou. – Serei sua mulher. E serei sua... agora. – Concluiu num sussurro.

Os braços dele a ergueram do chão sem que ela sequer tivesse tempo para pensar. Num piscar de olhos ele a colocou sobre a cama. Sem perder tempo, se livrou da toalha que cingia seus quadris e o colchão afundou sob o peso de seu corpo vigoroso.

– Eu não parei de pensar em você um só minuto! – Confessou, deitando-se ao lado dela, apoiando-se num cotovelo. – É como se você estivesse entranhada em minha pele, em meu corpo, desde o dia em que eu desvelei seu rosto, em Jerusalém... – deslizou a mão pela abertura do robe e tocou-lhe um seio, sem desgrudar os olhos dos dela – quando penso em você, sou capaz de sentir seu gosto voltando a minha boca, e seu cheiro vem a mim, como se a brisa o trouxesse. – Rolou por cima dela, apoiando-se nos braços para não a machucar, e continuou abrindo seu coração. Agora que havia começado, as palavras e sentimentos vinham numa torrente incontrolável. Jamais amara tão profundamente em toda sua vida. – Sou um homem intenso, Leila. Não brinco de seduzir ou me sujeito a flertes tolos. Já passei dessa idade. Sou honesto com você e quero que o seja comigo. E também sou muito possessivo. – Ele sorriu. – Tem certeza de que me quer? Está certa de que quer ser minha esposa?

– Sim. – Ela balbuciou, já arrependida por não ter dito nada sobre a ordem que seria dada por Montferrat. Agora era tarde demais para confessar. Respirou fundo, afastando as preocupações da mente e reforçou sua afirmação. – Sim, Ragnar, eu quero ser sua esposa. Você também mexeu comigo desde o dia em que abri a porta da casa de meu pai e vi você parado na soleira. – Sorriu ao se lembrar de que ficara como uma boba olhando para ele. – Além de ser o homem mais alto que eu já tinha visto em toda a minha vida, era também o mais bonito! Acho que eu impliquei tanto com você naquela época por que tinha medo de não resistir à atração que sentia.

Ragnar se enterneceu com a confissão dela. Sentiu o coração transbordar de amor por sua pequena fada do oriente. Beijou-a apaixonadamente e depois ficou

apenas olhando-a pelo que pareceu ser uma eternidade. Então, rompeu o silêncio, surpreendendo-a com uma revelação.

– Antes de aceitar meu pedido, quero que me escute. Não quero segredos entre nós. – Principiou. – Minha cabeça está a prêmio, – os olhos dela se arregalaram. Ele a tranquilizou. – Sossegue, não sou nenhum proscrito. Sou apenas um dos filhos bastardos do rei da Noruega a quem, por questões políticas, alguns querem aliciar, enquanto outros querem matar. Hrolf foi enviado pelos meus pais adotivos. Veio para me avisar sobre um homem que tem encomendada à minha morte.

– Aquela noite no quartel... – ela deduziu, ainda atônita. Estava na cama com um príncipe, ainda que bastardo. Céus!

Ragnar prosseguiu, indiferente a estupefação que causava.

– Sim. O assassino é conhecido apenas como Blake. E certamente vai tentar de novo, – fez uma grande pausa, durante a qual apenas alisou com carinho os cabelos de Leila. Quando voltou a falar, trazia uma ponta de hesitação na voz. – Mesmo assim, ainda quer se casar comigo?

A resposta dela foi um beijo terno em seus lábios e o sussurro de encontro a sua boca.

– Minha resposta ainda é sim, Ragnar Svenson.

Ragnar então a beijou novamente, com carinho e cuidado, como se ela fosse feita de cristal. Suas mãos passearam sem pressa pelo corpo delicado e curvilíneo, incendiando cada pedacinho da pele por onde passavam. Afastando os lábios dos dela, prendeu-lhe o olhar e murmurou com voz repleta de emoção.

– *Jeg elsker deg, livet mitt...*

– O que isso quer dizer? – Ela indagou num sussurro, prendendo a respiração.

– Eu te amo, minha vida.

– Oh, Ragnar! – Ela passou os braços pelo seu pescoço, puxando-o para si e, de encontro a sua boca, confessou. – Eu também o amo, com todo o meu coração, com todas as minhas forças! Nunca duvide disso.

O peso do corpo dele sobre o seu e o calor que ele emanava foram como um chamado irresistível para Leila, que se viu arrastada num torvelinho sensual. E quando Ragnar puxou seu robe, e seus seios roçaram o tórax dele, ela arquejou. Suaves e insistentes, os dedos dele brincaram com seus cabelos, passaram pelo lóbulo de sua orelha e desceram por seu pescoço, tocando-a onde uma artéria pulsava descompassadamente no ritmo louco de seu coração. Ragnar a fitava com tanta intensidade que o mundo deixou de existir para além dos olhos cristalinos como o gelo. Leila levou o indicador até os lábios dele e deslizou sobre a pele macia. A ponta da língua dele deslizou sensualmente sobre seu

dedo, e depois ele o prendeu entre os dentes, com um meio sorriso devastador. Sugou-lhe devagar a pele delicada e depois a soltou.

Leila suspirou pesadamente. Nunca pensou que uma brincadeira daquele tipo pudesse ser tão carregada de erotismo. Percebendo sua excitação, Ragnar roçou o sexo rígido em seu ventre, ainda parcialmente coberto pela seda úmida do robe.

– Estou em desvantagem, minha cara. – Brincou.

– Como? – Ela perguntou, desnorteada.

– Você anda conserva suas roupas, enquanto eu...

Com uma ousadia que ela nem sonhava possuir, Leila puxou-o pelo pescoço para junto de si e sussurrou de encontro a sua boca.

– Isso pode ser facilmente remediado.

– Sim, *liten...* – ele falou, descendo a boca pelo seu corpo, agarrando o tecido com os dentes, afastando-o de cima da pele abrasada. A barba por fazer arranhava suavemente o caminho por onde ele ia passando e, quando sua boca atingiu a pele no interior de suas coxas, Leila gemeu.

Ragnar, propositadamente, evitou tocá-la na parte mais sensível de seu corpo, limitando-se a beijar suas pernas, a curva sob os joelhos, até chegar aos seus pés. Ajoelhado ali, ele lhe lançou mais um daqueles olhares capazes de derreter todas as geleiras da Noruega de uma só vez, e ergueu sua perna, segurando-a pelo calcanhar, mordiscando os dedinhos delicados, beijando a pele sensível por dentro do tornozelo.

De olhos semicerrados, Leila contorceu-se, sentindo-se umedecer no seu recanto mais feminino. Se Ragnar queria torturá-la até a morte, estava conseguindo! Ela parecia ter se transformado num feixe de músculos e nervos absurdamente sensíveis e ele ainda estava lá, com seu outro pé nas mãos enormes, deslizando os dedos por trás de sua panturrilha, incendiando-a completamente. E ainda sorria, entre divertido e sensual, ciente do efeito das carícias sobre o corpo dela.

Aparentemente satisfeito com seus pés, ele se colocou sobre ela como um grande leão avaliando a próxima refeição, os punhos ao lado de seus ombros, os joelhos afundando no colchão macio junto às suas pernas.

– Creio que perdeu sua vantagem, pequenina... – baixou a boca sobre um seio, lambendo-o devagar, seu bigode lhe causando arrepios deliciosos. – Agora estamos nos mesmos termos.

– Você está me torturando, Ragnar. – choramingou.

Ele riu de sua afirmação.

– Ah, minha pequena flor! Mas esta é uma tortura muito doce, como você, – deu outra lambida, agora em sua barriga – eu posso passar a noite inteira

torturando-a assim... – sua língua deslizou até seu ponto mais íntimo, fazendo-a arquear-se – e terei muito prazer em ouvir seus gritos madrugada adentro, me pedindo clemência... – usou os dedos para separar-lhe a carne túrgida e úmida, e alcançar o botão rosado e intumescido com a língua – serei um torturador muito cruel se fizer isso com você, pequenina?

– Muito. – Ela conseguiu dizer num fio de voz, pois logo foi tomada por um tremor intenso e uma necessidade urgente de se mover, se debater, de gemer e gritar. Ele a levava à loucura com a língua quente e suas mãos mágicas. Talvez Ragnar fosse uma espécie de feiticeiro, mago, ou sabia-se lá o que para transformá-la apenas num corpo que se contorcia por vontade própria. Para conseguir dominar sua vontade daquele jeito, deixando-a totalmente à mercê de suas ousadas carícias.

– Ah, Leila! – Ele foi subindo o corpo sobre o dela, encaixando-se entre suas pernas. – Se soubesse como é bom vê-la assim!

Ela abriu os olhos cor-de-mel e fixou-os nele, parecendo ter emergido de outro mundo.

– Me ensine a tocá-lo assim também, meu amor! – Ela deslizou as mãos pelo peito forte e sentiu o coração dele batendo rapidamente. – Quero aprender a lhe dar prazer.

– Seu desejo é uma ordem. – Disse isso e, em seguida, tomou-lhe a boca com urgência, levando uma de suas mãos delicadas a deslizar sobre o sexo enrijecido. Leila arquejou ao sentir sua virilidade pulsando entre os dedos. Acariciou-o devagar, arrancando um gemido gutural de Ragnar, que jogou a cabeça para trás, cerrando os dentes.

– Oh, mulher! – Ele a encarou de novo, os olhos brilhantes. – Se continuar a fazer assim, terei sérios problemas para me conter!

Ela riu, sedutora, sem interromper as carícias.

– Ah... vê como é bom torturar os outros? – Ela aumentou a pressão em torno dele, que pensou que fosse se estilhaçar em mil pedaços. – Está recebendo na mesma moeda, *sire*.

Enlouquecido, Ragnar segurou sua mão e apertou-a contra si, mas, como o alívio só viria depois que estivesse dentro dela, ele a retirou gentilmente dali e separou-lhe as pernas com os joelhos, beijando-a devagar, enroscando sua língua com a dela, enquanto tentava se controlar antes de penetrá-la. Pois ele sabia que se o fizesse naquele exato momento, tudo iria acabar num piscar de olhos. E ele queria mais... Queria Leila por toda a noite, por toda a vida. Queria se perder nela e nunca mais se achar.

– Eu preciso estar em você, *liten*... – murmurou de encontro ao seu ouvido – preciso apagar minha fome dentro de seu corpo.

– Venha, Ragnar – ela o puxou para si, roçando seu sexo no dele num convite irrecusável – agora.

Ele cedeu então àquela fome, àquela loucura chamada Leila. Penetrou-a de uma só estocada, afundando-se na maciez quente e úmida de seu sexo. Arrancando um grito de prazer de Leila que se sentia sufocar de tanto desejo. Embriagados, se enroscaram; as pernas dela envolvendo a cintura dele, os braços de Ragnar em torno do corpo dela, puxando-a mais para junto de si, como se isso ainda fosse possível.

– Leila! – O chamado brotou dele como um som primitivo. Seus movimentos dentro dela fizeram-na embarcar numa espiral ascendente de gozo e paixão.

– Sim, sim! – Era só o que ela gritava, tomada por uma ânsia louca de ser possuída tão profundamente quanto ele fosse capaz de chegar, de senti-lo gozar e esvair-se dentro dela, morno, pulsante, viril. Avassalador.

Sem sair de dentro dela, ele a puxou sobre si, ajoelhando-se na cama, colocando-a sobre ele e fazendo-a cavalgá-lo. Agarrou-a pelos cabelos e beijou-a com voracidade e, quando sentiu que não poderia mais conter a onda do orgasmo que iria engolfá-lo, gritou-lhe.

– Olhe em meus olhos, quero ver você chegar lá comigo... agora!

Ela gemeu alto e obedeceu, enfiando os dedos nos cabelos louros e desalinhados. Seu mundo se reduziu àqueles olhos claros e ao êxtase que a fez encaixar-se nele e apertá-lo dentro de si, trêmula e de tal forma que nem uma gota de sua semente se perderia de dentro dela.

Exaustos, ofegantes e suados, os dois ficaram ali juntos, beijando-se e acariciando-se, trocando juras de amor eterno. Ragnar então a deitou na cama e abraçou-a por trás, cobrindo aos dois com um lençol.

– Durma, meu amor. – Ele beijou seu ombro e afagou seus cabelos. E quando Leila já deslizava mansamente para um sono relaxado e tranquilo, ele completou. – Amanhã mesmo nos casaremos.

A brisa vinda do mar agitava as tamareiras ao redor dos muros, mas não era suficiente para aplacar o calor da noite em Tiro. Com passos suaves, Radegund e Mark seguiam seu caminho, alheios a temperatura, ocupados demais com os próprios pensamentos.

Contornaram a edificação até chegarem a sua parte posterior. Em silêncio, entraram na casa de Leila pelo portão dos fundos. Era muito tarde e não havia sentido em acordar a criada. Caminharam pelos corredores, imersos em si mesmos. Pararam somente ao chegarem à porta dos aposentos dela. E por alguns instantes, apenas se encararam.

– Boa noite, Mark. – Ela falou com suavidade, quebrando o silêncio.

Não passou despercebido ao mestiço o fato de ela, que até então o tratara formalmente por Bakkar, seu nome de família, passar a chamá-lo pelo nome de batismo. Confiante, estendeu os braços e apoiou-se na parede atrás dela, chegando bem perto, quase a ponto de suas bocas se tocarem. Usou do mesmo tom suave para indagar.

– Não vai fugir de mim, não é?

– Claro que não – ela sorriu – não tenho o hábito de fugir. A não ser que resolva se apaixonar por mim...

O sorriso dele se abriu mais ainda, e seus olhos se iluminaram

– Não se preocupe. Deixo os assuntos o coração para Ragnar e Leila. Mas...
– sedutor, deslizou um dedo pelo seu pescoço até chegar ao vale entre os seios, exposto pela camisa entreaberta – tem certeza de que quer dormir sozinha naquela cama enorme?

Raden abafou uma gargalhada.

– Você é mesmo terrível, Mark! – Ralhou. – Claro que tenho! Amanhã nosso turno será puxado, meu amigo, e se eu o deixar ficar, nenhum de nós fará por merecer a fortuna que Ibelin nos paga.

Ele riu e falou de forma teatral.

– Cruelmente dispensado por uma ruiva sem coração! Será que sobreviverei?

Repentinamente séria, Raden puxou-o para si, beijando-o com furioso ardor. Recuou com a mesma brusquidão. E ao se afastar, já entrando no quarto, despediu-se com uma ponta de amarga ironia na voz.

– Somos especialistas em sobreviver, *messire*. – E antes da porta se fechar, desejou – durma bem.

O dia amanhecera claro, apesar de ser a época das chuvas na região. E sendo Balian de Ibelin um homem que não gostava – e nem podia – perder tempo, pulara da cama com o nascer do sol e chegara cedo ao quartel. Seus dias eram cheios; administrar o caos da Terra Santa e, ao mesmo tempo, tentar manter os pares do reino na linha, evitando conluios e conspirações quase que diariamente, era uma tarefa hercúlea. E quase impossível. Um tanto desanimado, seguiu seu caminho. Seu dia prometia ser mais infernal do que o habitual. O Arcebispo convocara um encontro para aquela manhã, com ele e Conrad de Montferrat, o senescal.

Ibelin apertou as têmporas e sentiu o prenúncio de uma dor de cabeça. Como desejava ao menos um dia de paz! A situação na cidade com o cerco de Saladino era caótica; Trípoli, seu grande amigo e aliado contra DeCourtnay,

estava à morte; o exército precisava de sua orientação. E o Arcebispo solicitava uma reunião para tratar Deus sabia lá do quê!

Irritado e desconfortável com o calor, marchou em direção ao gabinete, as esporas tilintando e a cota de malha sob a túnica fazendo um som semelhante ao de um chocalho a cada passo seu. Dois soldados lhe abriram as portas duplas após uma saudação. E dois pares de olhos o encararam. Os de Conrad de Montferrat oscilavam entre a diversão e a irritação. Os do Arcebispo fulminavam-no.

Problemas, Balian... Problemas e mais problemas. Até mesmo Saladino dá menos trabalho que o Arcebispo!

Antes que ele ou Conrad pudessem articular sequer uma palavra, o Arcebispo foi se levantando e o interpelando, sem nenhuma cerimônia.

– *Messire*, pretende levar esta situação absurda até quando?

Ibelin deu a volta na mesa calmamente e sentou-se em sua cadeira ao lado do senescal.

– Bom dia, senhores. – Começou em voz calma, antes de dar efetiva atenção ao Arcebispo. – A que situação o senhor se refere, Excelência?

– O senhor Arcebispo está preocupado com sua nova agente, Balian. – Respondeu Conrad no lugar do religioso, que parecia a ponto de explodir de cólera. – Ele veio me falar sobre a mulher. Mas, como Rade Gund está sob suas ordens, eu disse a Sua Excelência que não poderia interferir.

Ibelin encarou o Arcebispo.

– E posso saber qual o motivo da preocupação de Vossa Excelência, já que Rade Gund tem se mostrado bastante eficiente? Ou seria exatamente este o ponto? – Alfinetou.

Colérico, o religioso rebateu.

– Aquela... mulher é uma filha do demônio! – Bradou, descontrolado. – Devia tê-la enforcado assim que soube! Uma mulher imiscuída entre os homens! Como pode manter aquela meretriz entre os soldados de Nosso Senhor? É uma blasfêmia, uma heresia!

Conforme o religioso despejava seu veneno, o rosto de Ibelin ia se fechando, se tornando uma máscara de fúria contida a custo. Conrad logo identificou a explosão de mordacidade que sucederia aquele perigoso silêncio. E ela não demorou a vir.

– Vossa Excelência, – ele começou em voz baixa, macia, falando pausadamente – eu lhe digo o que fazer durante suas missas? – O outro negou com a cabeça. – Eu, por acaso, interfiro na forma como conduz uma confissão, um casamento ou um funeral?

– Não, mas, veja bem...

Ibelin prosseguiu, como se não o ouvisse.

– Eu me meto nos assuntos de sua Igreja?

– Não... – o Arcebispo já passara de rubro a lívido.

– Pois então – Balian já elevara o tom de voz – não se meta na forma como conduzo meu exército! Sua Cruz e seu Cristo foram incapazes de salvar Jerusalém! – Apontou o dedo para si. – *Eu* mantive aquela cidade de pé! *Eu* arranquei um acordo de Saladino e *eu* conduzi este povo até aqui pelo meio do deserto, enquanto seu Santo Papa e seus Bispos estavam em Roma, com os santos rabos sentados em seus tronos, discutindo o sexo dos anjos! – Ibelin socou a mesa derrubando o tinteiro. – Fique longe de Radegund e mantenha seus cães Templários fora do meu caminho! Não admitirei nenhum movimento seu ou da Ordem em direção a minha agente, fui claro?

Conrad sorria discretamente. Sabia que aquela reunião ia dar naquilo. Avisara ao Arcebispo que Ibelin seria intransigente naquela questão, mas o religioso não lhe dera ouvidos.

O Arcebispo, com o rosto contraído e roxo de cólera, não respondeu. Balian apoiou as duas mãos na mesa e inclinou-se para frente.

– Fui claro, Vossa Excelência? – O nobre repetiu a pergunta.

O Arcebispo rangeu os dentes, tentando conter a própria ira. Apesar de tudo, teria que recuar. Ibelin era muito poderoso. Sua mulher era filha do rei bizantino e o próprio Balian já teria sido coroado rei de Jerusalém, se não fossem as maquinções de Agnes DeCourtnay e de sua filha Sibylla.

– Sim, *messire*. Absolutamente claro. – Capitulou. *Por hora*.

Capítulo XVI

”É SEMPRE BOM UM HOMEM TER FÉ QUANDO SE VAI CASAR”

“O Conde de Monte Cristo”. Alexandre Dumas

O comunicado de Ragnar, que anunciou em poucas palavras que ele e Leila se casariam naquele mesmo dia, pegou a todos de surpresa. Apesar de o romance dos dois não ser nenhuma novidade, a pressa do casal acabou se tornando motivo de pilhérias por parte de Mark, Hrolf, Raden e até mesmo do sisudo Gilchrist. O irlandês, que sempre passava pela casa de Leila antes de assumir seu posto, na esperança de ver a ruiva, cumprimentou o casal e prometeu comparecer à cerimônia.

Apressado, e sem caber em si de felicidade, Ragnar se despediu dos amigos e da amada após o rápido desjejum, e foi falar com o padre e com seu comandante.

Quando ficou sós com Raden, após todos os outros terem saído para cuidarem de suas obrigações, Leila intimou a amiga a ser sua dama, arrastando-a para seus aposentos, sem dar ouvidos aos seus protestos

– Esqueça esta ideia absurda! – Ela tentou sair da alcova, mas a sarracena bloqueara a porta. Bufou e esbravejou – Desde os quinze anos que não sei o que é usar saias!

– Raden! – A outra fez beicinho – Você é minha única amiga! Por favor! Ou será que está com medo? – Desafiou-a, sabendo que Radegund não resistiria a uma provocação daquelas

– De usar saias?! – Cruzou os braços, carrancuda – Ora, menina, não seja ridícula!

– Então porque não as usa em meu casamento? Certamente não vai entrar na Igreja trajando cota de malha!

A ruiva bufou de novo.

– Não uso porque não tenho nenhuma.

– Eu tenho muitas. – Leila afirmou sorrindo, sentindo que encurralara a amiga.

– Você é mais baixa que eu – Raden tentou argumentar, já a beira do desespero.

– Damos um jeito. As nossas roupas são mais simples do que as que vocês francos usam, podemos ajustá-las para seu corpo rapidamente. – Leila colocou a mão no queixo e mediu Radegund de cima a baixo – Hum, creio que ficará bem em tons de verde, ou azul...

– Não gosto de roupas coloridas. – As palavras saíram num grunhido. – Vou parecer um pavão.

Leila ignorou seu comentário e andou em torno dela, avaliando-a como a

uma estátua.

– Podemos trançar seus cabelos, colocar neles algumas daquelas joias que *baba* lhe deu... ah, tenho um véu que ficará perfeito em você! – Ela bateu palmas, empolgada. – Só teremos que lhe conseguir sapatilhas, pois seus pés são maiores do que os meus. Vou mandar Leandra comprar um par que combine com o vestido. Dará tempo, porque eu só vou me casar no fim da tarde. Mesmo com o cerco, Ragnar acha que Ibelin irá comparecer para dar uma impressão de normalidade à tropa. Gosta de dourado?

– Esqueça, Leila. – Aquela tagarelice já estava lhe dando nos nervos.

– É claro que teremos que arrumar suas unhas; estão horríveis; – a ruiva revirou os olhos. Leila prosseguiu, ignorando-a – acho que também pode usar um pouco de *khol* nos olhos e carmim nos lábios...

– Esqueça essa ideia maluca, por todos os santos!

– Você ficará linda, minha amiga. – Ela dava pulinhos pelo quarto.

– Leila, desista. – A ruiva revirou os olhos.

– Por quê?

– Eu nunca vou me vestir assim.

Radegund tropeçou pela terceira vez na barra do vestido e esticou a mão para a porta. Desceu a mão e puxou de novo o decote para cima. “*Estou indecente*”. Nervosa, como se ela mesma fosse a noiva, deu a volta e se olhou novamente no espelho de prata polida.

– Meu Deus! – Seus ombros caíram. – Sinto-me nua! – Aprumou-se e apertou os olhos. – Eu mato Leila!

Repentinamente, a porta se abriu, pegando-a de surpresa. Mark passou pelo portal, andando e tagarelando ao mesmo tempo.

– Como é, garota? Não vai... – ele parou e sua voz foi baixando, adquirindo um timbre grave – ...sair... – pasmo – santa mãe de Deus! – E finalmente surpreso – é você mesma!?

Ela se voltou, vermelha como um tomate.

Mark estava parado à porta, a boca aberta, a expressão de total incredulidade ao ver a criatura exótica e absurdamente feminina em que a ruiva se transformara.

A seda moldava com perfeição seu corpo bem-feito. O corpete evidenciava os ombros largos, porém femininos. O decote debruado deixava ver o vale entre os seios arredondados, e os cabelos, presos em tranças elaboradas, entremeadas de joias, estavam encobertos por um véu delicado. Em sua cintura, um adorno de pequenos aros de ouro e pedras, tilintava a cada passo. E os olhos verdes, delineados pelo *khol*, estavam maiores e mais expressivos do que já eram. A

pergunta que Mark se fazia naquele instante era: como é que ela fora capaz se disfarçar de homem por todo aquele tempo?

– Eu não vou sair daqui assim! – Rade Gund colocou as mãos na cintura delineada pela seda furta-cor, tentando disfarçar o embaraço que a inspeção de Mark lhe causava. – Quer fazer o favor de parar de me olhar desse jeito!?

Ele pareceu recuperar a voz.

– Pelo Profeta! Gilchrist não vai conseguir tirar os olhos de você hoje!

– O quê?

– Esqueça! Leila me mandou buscá-la. Ela disse que talvez você precisasse de... *incentivo* para sair daqui. Agora entendo o porquê. – Ele chegou mais perto dela e sorriu, dizendo com sinceridade. – Está linda.

– Vou tropeçar com essas sapatilhas e me estatelar no chão! – Ela reclamou, apontando os próprios pés.

Ele a foi conduzindo para a porta, enquanto falava.

– Não vai, não. – Piscou malicioso. – E caso tenha dificuldade, Gilchrist e eu ficaremos ao seu lado para segurá-la.

Rade Gund balançou a cabeça, argumentando fracamente.

– Estou me sentindo muito esquisita.

– Sossegue, criatura! Você fará jus à beleza da noiva. – Procurou animá-la.

– Leila parece uma princesa. E Ragnar está a ponto de explodir de tão prosa! Vamos?

– E tenho alternativa?

A capela do quartel do senescal fora o local escolhido para a cerimônia de casamento, onde se daria também a conversão de Leila, aceitando a fé de seu marido.

Ela chegou antes, seu vestido de noiva coberto por um pesado manto, e entrou direto para o confessionário. Em seguida, aceitou a fé cristã pela comunhão e só então foi até a nave principal. Diante do altar, Ragnar a aguardava, imponente. Vestia o manto e a túnica azul-celeste com as armas do Reino de Jerusalém bordadas em dourado sobre peito.

Rade Gund, em seu traje que oscilava entre o verde e o azul, ajudou a amiga a se livrar do manto, permitindo que todos admirassem a perfeição do vestido de damasco vermelho, bordado com fios de ouro e adornado com pedras preciosas. Ragnar não conteve um murmúrio de admiração, enquanto Mark e Gilchrist, muito bem vestidos, sorriram diante da visão delicada da noiva do amigo.

O vermelho acentuava o tom trigueiro da pele de Leila, bem como a cor de seus olhos amendoados. O ouro em suas joias faiscava à luz das velas, fazendo-a se parecer com uma sedutora personagem das histórias do califa Haroun al-

Rachid, que ela mesma gostava de contar. O corpo curvilíneo era moldado pelo tecido e seus pés pequenos, calçados em sapatilhas de tecido semelhante ao do vestido, apareciam sob a barra do traje a cada passo que ela dava.

No altar estavam, além do noivo e de Mark, os *chevaliers* Gilchrist O'Mulryan e Balian de Ibelin. Nos bancos mais próximos, além de Leandra, Jamal e alguns criados da casa, sentavam-se Yosef e Hrolf.

Lentamente, sem desgrudar os olhos do noivo, Leila cruzou a nave da capela e parou diante dele, estendendo-lhe a mão trêmula. Ragnar tomou sua mão e os dois se voltaram para o padre, que deu início a celebração. No final, os dois disseram seus votos e o norueguês tirou o anel de sua família do dedo. Tocou com ele as pontas de cada dedo da mão esquerda dela, colocando-o então em seu anular. O padre os declarou casados e Ragnar pode, enfim, beijar aquela que agora era sua mulher.

– Está linda, esposa... – ele murmurou de encontro aos seus lábios. – Eu te amo, Leila de Svenhalla.

Com os olhos marejados, ela respondeu.

– Eu também o amo, meu marido.

O beijo foi casto, mas as promessas que Leila entreviu nos olhos de Ragnar serviram para aquecê-la pelo resto da tarde e da discreta comemoração que se seguiu.

Patrus tentava a custo ocultar a raiva. Seu corpo chegava a tremer, e suas feições se retorciam ao pensar que, naquele mesmo instante, Leila e o estrangeiro celebravam sua felicidade. Não era possível que houvesse chegado tão perto para nada! Com o norueguês casado com Leila, se algo acontecesse a ela, o maldito fatalmente herdaria tudo o que fora de Sofia e que deveria ter sido *dele*!

Passou andando pelos jardins, sem notar a beleza das flores, nem aspirar o perfume das tamareiras, tão imerso que estava em seu ódio. Desnortado, resolveu sair dos limites dos muros. Talvez a distância da casa o ajudasse pensar numa forma de se livrar do maldito. Desatento, trombou com uma figura sinistra, em cuja face marcada e olhos repletos de maldade, logo identificou a alma negra que seu servo vira na taça, na noite do sacrifício.

– Saia do meu caminho... – Blake rosnou, irritado com o olhar do homem magro e de modos estranhos.

– Por que a pressa? – A voz soou melíflua, enquanto os olhos prendiam os dele – Sei o que busca, meu senhor. E posso ajudá-lo a obter o que quer.

Blake estreitou os olhos frios e mediu Patrus de cima a baixo, não se curvando ao seu poder.

– Como sabe o que eu quero?
– Não importa. – Desdenhou o outro com um gesto da mão magra – Sei que deseja a cabeça de Svenson.

O assassino o agarrou pela manga e o arrastou consigo pela rua até que chegassem a um beco menos movimentado.

– E qual seria seu interesse na eliminação dele? – Indagou de chofre.
– Na verdade – começou Patrus – o que eu quero é a mulher dele fora do meu caminho.

– Sim. – O riso do outro foi irônico – Eu soube que eles estão se casando neste exato momento. E se não fosse este maldito cerco a dificultar minha fuga, eu já o teria matado.

O egípcio sorriu e sugeriu.

– Use a mulher como isca. Ele irá atrás dela num piscar de olhos. – Disse, já lhe dando as costas.

– E sugere que faça isso? – Blake o impediu de ir – Ela sempre está com o tal Brosa, ou então com aquela mulher ruiva, que é o próprio Diabo encarnado, segundo dizem. – Fez uma pausa e sorriu debochado – Quero cumprir meu contrato, mas pretendo sair vivo para desfrutar do ouro que ganhei.

– Há um franco que deseja a sarracena para si. Trabalhe junto com ele e terá sucesso. – Patrus fixou os olhos nos do assassino – É um desertor conhecido como Vernon. Procure-o na taverna dos marinheiros. Diga que eu o mandei até ele.

O rosto de Blake se iluminou ao se lembrar da conversa que escutara no dia anterior. Certamente tratava-se do homem ao qual o egípcio se referia.

– E quanto a você? – Indagou, ainda descrente de sua boa sorte.

– Eu facilitarei as coisas na casa. – Agora vá. Não posso ser visto com você. Sem mais nenhuma palavra, Blake sumiu na esquina.

Ibelin oferecera uma ceia em comemoração ao casamento de Ragnar. Além disso, presenteara o casal com uma bolsa de ouro, numa deferência para com um de seus melhores homens. No salão de jantar da casa do senescal de Tiro, os *chevaliers* e damas convidados não paravam de admirar e comentar a beleza da noiva, e também de sua dama de honra. As duas mulheres em questão, porém, se sentiam um tanto deslocadas naquele ambiente, cada uma por seus próprios motivos.

Radegund, evidentemente embaraçada com seus trajes, nunca vira tantos *chevaliers* do reino agindo como um bando de alegres cachorrinhos ao seu redor. Céus! Até mesmo Andrew, que devia ter idade para ser seu avô, parecia um rapazinho a cortejá-la. Irritada, a ruiva largou sua taça sobre uma mesinha e

procurou desesperadamente com os olhos alguém que a salvasse. Enxergou Mark no outro extremo do salão. O mestiço, no entanto, cercado por sua legião de admiradoras, estava fora de cogitação. Então, quem?

– Dama Radegund? – Uma voz grave chamou atrás dela.

– Gilchrist! Graças a Deus! – Ela se voltou e tomou-lhe o braço, aliviada. Sem nenhuma cerimônia, foi arrastando o irlandês para fora do salão – Faça-me um favor e me tire daqui antes que eu mate um!

– Com prazer! – Gilchrist até mesmo sorriu, tamanha fora sua boa sorte. Sem demora, convidou-a – Gostaria de dar um passeio ao longo da praia?

– Gil, eu vou até para o inferno contanto que eles – ela apontou os homens que conversavam num grupo – fiquem longe da barra de minha saia!

Satisfeito, ele assentiu e fez o que ela pedira. Discretamente, se retiraram da recepção.

Leila, ao lado do marido, sorria de maneira forçada diante da apreciação a que era submetida pelas mulheres de *chevaliers* e oficiais. Era como se fosse um animal exótico, colocado em exposição numa feira.

Suspirou e olhou para Ragnar que, distraído e feliz, não se dava conta de seu desconforto. Uma senhora de olhos sagazes, que a observava atentamente, caminhou em sua direção, tocando seu antebraço e falando baixo para que só ela ouvisse, enquanto continuava sorrindo e meneando a cabeça aos outros.

– Sossegue, minha criança. Eu também me senti assim em meu primeiro casamento.

Leila sorriu e observou a mulher. Não era muito bonita, mas possuía um brilho perspicaz no olhar. Devia ter pouco menos de quarenta anos. Vestia uma túnica cor-de-azafraão sobre o vestido num tom mais escuro. Usava poucas, mas valiosas joias, e portava-se com sofisticação.

– Obrigada, senhora. – Agradeceu num murmúrio e olhou para as damas que cochichavam mais adiante – Parece que vim direto da Lua para cá. Não sei porque que elas me olham assim.

– Olham-na porque você é diferente delas. – A mulher parecia divertir-se – e bonita. No meu primeiro casamento também passei por isso, muito embora nunca tenha sido tão bela quanto você – atalhou sem nenhum pinga de afetação – Depois, se acostumaram. E se não se acostumaram, – sorriu com desdém – ao menos minha posição as fez se calarem.

Intrigada, Leila comentou.

– Ainda não sei seu nome, senhora...

A mulher riu e meneou a cabeça num cumprimento.

– Maria Comnena, esposa de Balian.

– Céus! – Leila fez uma reverência – *madame*, perdoe-me, eu não sabia...
– Ora, esqueça minha jovem! – Ela fez um gesto de enfado com a mão. – Não me olhe *você* com se *eu* tivesse descido dos céus!

Leila estava de queixo caído. Sabia que a esposa de Ibelin era ninguém menos do que a poderosa filha do *dux* de Chipre, Iohannes, sobrinha neta do Imperador bizantino, Manuel, e viúva do rei Amalric. Ela já fora a rainha-consorte de Jerusalém. E também não era uma filha da Igreja de Roma, como ela.

– Por isso disse que elas já a olharam dessa forma – concluiu, ainda estupefata.

– Sim; – concordou Maria – quando vim de Constantinopla para me casar com Amalric, eu não passava de uma avezinha assustada à mercê de suas garras... – ela olhou bem nos olhos de Leila. – Não deixe que elas a intimidem. E lembre-se. Você também é a mulher de um príncipe.

– Como...? – Leila estava chocada demais para completar a pergunta. Como a dama sabia?

– Balian sabe, Leila. Seu marido trabalha com o meu, que divide os problemas de estado comigo. Sou parte desta corrente, criança. Eu, Balian, Conrad – ela fez uma pausa e a tristeza passou por seus olhos – e Raymond também era. Todos nós lutamos para reestabelecer a linhagem de Amalric e derrubar Lousignan, aquele arrivista imbecil que se instalou no trono de Jerusalém como uma galinha num poleiro! – Leila arregalou os olhos ante a virulência daquelas palavras. Maria, percebendo o espanto da moça, abrandou o tom. – Contudo, deixemos esses assuntos de lado. Afinal, apesar do cerco e do caos que nos rodeia, é o dia de seu casamento. – Ela deu o braço à noiva. – Venha, vamos caminhar pelo salão e dar assunto às faladeiras.

A ceia terminou tarde da noite. Ragnar e Leila se retiraram para a casa dela, montados em Viking, sob uma chuva de pétalas de flores e votos de felicidade, prosperidade e fertilidade.

Hrolf e Mark, após se despedirem dos noivos, voltaram para o interior da casa, onde, juntamente com diversos outros *chevaliers*, aproveitaram para discutir os assuntos da guerra. A ausência de Radegund e Gilchrist foi notada, mas mereceu apenas um sorriso matreiro de Bakkar, quando foi indagado sobre os dois. Logo imaginou que o irlandês conquistara, finalmente, a ruiva.

Sorvendo o vinho de sua taça, ergueu mentalmente um brinde à amiga, desejando que encontrasse nos braços de O'Mulryan a felicidade que ele próprio já deixara há muito de procurar.

Sentados sobre as ameias que davam para o porto, Radegund e Gilchrist observavam as fracas luzes dos navios ali ancorados. A natureza introspectiva e silenciosa de ambos fizera das palavras um recurso supérfluo durante as últimas horas. Numa compreensão mútua, andaram calados por muito tempo, até se instalarem ali naquele local onde reinava uma serena quietude. Foi o irlandês quem primeiro quebrou o silêncio.

– Onde deixou sua família, Radegund?

– Todos morreram há muito tempo. – Respondeu com simplicidade, sem, no entanto, revelar de onde viera. Olhou para o rosto sisudo do irlandês e devolveu a pergunta. – E você?

– Tenho alguns parentes na Irlanda. Vivem em meu castelo.

– Ora, *messire*! – Ela ensaiou uma reverência. – Não sabia que passeava pelas ameias na companhia do senhor de um castelo!

– Deixe de bobagem! – Ele resmungou. – Na verdade eu nem queria um castelo. Tudo o que eu queria mesmo era paz.

– E encontrou? – Ela indagou baixinho, os olhos perdidos na escuridão do horizonte.

Fez-se um longo silêncio até que ele respondeu, o olho negro brilhando nas sombras.

– Não. A paz não está dentro de mim, Radegund. – Encarou-a intensamente. – Assim como não está dentro de você, não é mesmo? Cada um de nós, que vem para cá, traz dentro de si um passado a expiar. Vim em busca do Cordeiro, do Cristo Crucificado que causou a morte de minha mãe. – Ele voltou os olhos para o mar. – Sempre me pergunto... como é que um homem que pregava o amor e o perdão pode ter causado a morte de uma mulher tão boa e altruísta?

– Gil...

– Minha mãe morreu por sua crença, porque achava que era possível a coexistência de suas velhas tradições com o Cristo de Roma. Antes de morrer ela ainda ajudou a me proteger da intolerância deles. – Ele tocou o couro negro do tapa-olho e voltou-se de novo para Raden. – De alguma forma eu me sinto à vontade com você para contar essas coisas. E é estranho, porque nunca contei isso a mais ninguém.

– Quem fez isso com você, Gil? – Ela apontou o tapa-olho.

– Minha mãe.

Ela se espantou e ele sorriu.

– Não é o que todos pensam, Radegund. Veja por si mesma. – Ele ergueu a proteção e ao invés de uma órbita vazia ou deformada, ou então de um globo ocular vazado, havia um olho perfeito. Apenas a pele da pálpebra ao redor dele era um pouco mais pálida, por ficar protegida do sol. A única coisa estranha era

que, enquanto o olho que ela sempre via era negro, aquele era verde.

– Não compreendo. Por quê?

– A intolerância. – Deu um suspiro cansado e seu olhar se perdeu na escuridão da noite. – Isso foi considerado um sinal do demônio, uma prova do pacto de minha mãe com ele. A cicatriz foi feita num acidente, quando caí, ainda garoto, sobre o mourão de uma cerca. E para que todos pensassem que meu olho havia sido vazado, minha mãe o cobriu com bandagens e tempos depois, me fez um tapa-olho. Todos acabaram se esquecendo do garoto que tinha olhos diferentes. E eu me acostumei. Hoje eu realmente vejo mal com ele, talvez pela falta de uso.

– Que história estranha...

– Sim. – Gilchrist recolocou a proteção no lugar e prosseguiu. – Depois que minha mãe foi morta, fui viver com sua gente. No entanto, quando meu pai morreu sem deixar herdeiros, eu tive que assumir minha herança. Mas jamais deixei de lado os ensinamentos de minha mãe.

Raden ficou calada, e ele não disse mais nada que explicasse que ensinamentos eram aqueles. Ficaram sentados ali, em silêncio até que, num acordo tácito, resolveram descer das ameias e voltar para suas casas.

Já sozinho em seus aposentos, após deixar Radegund na casa de Leila, Gilchrist retirou o tapa-olho e abriu os braceletes de couro que nunca tirava dos punhos, expondo os dois dragões azuis tatuados em torno deles.

Leila despertou nos braços de seu marido e espreguiçou-se. Depois, ainda lânguida de sono, ficou apoiada num dos cotovelos, olhando embevecida o rosto adormecido de Ragnar. Com carinho, traçou lentamente as linhas do rosto dele com as pontas dos dedos. Como ele era belo! E como o amava! Tocou os ossos da face, o queixo anguloso e forte, o bigode bem aparado, as sobrancelhas claras. Tudo nele exalava força e poder. Suspirando, deitou a cabeça em seu peito e ficou pensando em como seria sua vida dali para frente.

Queria ter um filho com Ragnar, ou melhor, alguns filhos. Tinha certeza de que ele gostava de crianças. E também de que seria um pai atencioso. Será que já estava grávida? Leila tentou fazer as contas mentalmente, mas, como seus períodos andavam muito irregulares, ela acabou desistindo. Porém, disposta a colocar logo seus planos em prática, deslizou as mãos pelo peito amplo do marido e beijou-lhe a boca. Ragnar respirou profundamente e abriu os olhos, sonolento.

– Hum, que jeito maravilhoso de acordar, minha esposa!

– Bom dia, *sire*! Dormiu bem? – Ela deslizou a mão sob o lençol ao longo de seu abdome.

– Na parte da noite em que você me deixou fechar os olhos... – ele sorriu – sim, eu dormi.

– Ora! Veja quem fala! Se bem me lembro, foi o senhor quem arrancou minhas roupas, mal colocamos os pés em casa! – A mão delicada desceu mais um pouco, encontrando-lhe o membro já desperto. – Oh, vejo que meu marido acordou bem-disposto.

Ragnar riu e puxou-a sobre si.

– Leila, sua diabinha! Assim não serei capaz sequer de erguer meu machado!

Ela se encaixou sobre ele, descendo o corpo lentamente sobre sua ereção, arrancando-lhe gemidos de prazer.

– Pouco me importo com seu machado, senhor meu marido – ela se inclinou para frente, beijando sua boca – contanto que possa manter erguida sua espada.

– Leila, Leila... – ele ainda resmungou, antes de perder totalmente a razão – você está me saindo melhor do que a encomenda!

Raden se sentou à mesa do desjejum e olhou o vazio a sua volta. Parecia que só ela e os criados haviam acordado naquela casa, apesar do adiantado da hora. Naturalmente, Leila e Ragnar deveriam estar muito ocupados. E Mark e Hrolf... bem, era melhor nem saber aonde andariam.

Dando de ombros, pegou um pedaço de pão, mergulhou no molho espesso do guisado e começou a comer. Mas logo sua refeição foi interrompida por Patrus.

Torceu o nariz assim que o egípcio entrou. Não conseguia ocultar sua antipatia pelo criado. Achava-o dissimulado demais, sempre olhando a todos de esguelha. Já havia até comentado com Leila a respeito, mas ela lhe dissera que Patrus fora empregado do marido de sua tia Sophia, e que, apesar de também não simpatizar com ele, não poderia mandá-lo embora por uma questão de consideração.

Limpou a boca e tomou um gole de cerveja, antes de indagar.

– Diga Patrus, o que quer?

– Perdão... – ele disfarçou o desagrado que a mulher lhe causava baixando os olhos – há um mensageiro do senescal a porta.

– Eu o atendo, – ela se levantou da mesa dando uma mordida no damasco que apanhara de um cesto – Ragnar deve estar muito ocupado, e só Deus sabe onde Mark se enfiou. *Na certa entre as saias de alguma mulher*, imaginou.

À soleira, o mensageiro a cumprimentou e lhe estendeu um pergaminho. Raden rompeu o selo e leu rapidamente a mensagem.

– Com todos os diabos! – Resmungou enquanto relia – um ataque por terra e por mar! – Ela se voltou para o criado. – Patrus, mande selar Lúcifer. E assim que Ragnar e Mark derem o ar da graça, diga-lhes para irem direto ao quartel do senescal – atirou o caroço da fruta para o empregado, que o agarrou desajeitadamente. – E pare de me olhar com se eu fosse de outro mundo, homem!

Apreensiva, Leila auxiliava o marido a vestir a cota de malha por cima da camisa acolchoada. Tentando fazer a voz soar calma, indagou.

– Como acha que isso vai acabar, meu amor?

– Eu não sei, Leila, – ele respondeu, enquanto apertava as correias do equipamento – mas quero que você permaneça dentro de casa. E diga a Leandra, Jamal e aos outros para fazerem o mesmo. Quero guardas armados nos portões e tudo trancado, entendeu?

Ela assentiu e ele continuou, enquanto enfiava o gorro de malha de metal. Normalmente, um escudeiro faria aquele trabalho, mas ele preferira contar com mais alguns minutos da companhia da esposa. Só Deus sabia quando poderiam estar juntos de novo!

– Tentaremos conter o ataque do sultão com nossa cavalaria, – prosseguiu com as explicações – mas não sabemos se nossos navios serão suficientes para bloquear o porto. Espero que sim. – Encarou-a, preocupado. – Leila, eu não sei quando vou voltar, posso passar dias fora... – pausa – posso não voltar...

– Não! – Ela se atirou em seus braços, todo o férreo controle mantido até então indo pelos ares. – Pelo Profeta, não diga isso! Rezarei todos os dias por você e pelos outros. Você voltará para mim, entendeu? Todos vocês voltarão. Não se atreva a me deixar viúva!

Ele sorriu e aspirou o perfume de seus cabelos, acariciando seu rosto, secando suas lágrimas com beijos apaixonados.

– Ah, pequenina! Como eu queria ter esta certeza para lhe dar. Se eu for para o *Valhalla* de meus ancestrais, saiba que irei amando você. – Ele se afastou dela com gentileza. – Agora deixe que eu termine de me preparar.

Leila ficou olhando enquanto ele calçava as luvas, prendia o cinturão com a adaga e a espada e, por último, escondia um punhal em cada bota. Por fim, ele pegou o elmo sob o braço, prendeu o machado ao talabarte e pediu.

– Dê-me um beijo de boa sorte, esposa.

Capítulo XVII

“DONDE SE VÊ QUE O ÓDIO PODE SER ADQUIRIDO TANTO PELAS OBRAS BOAS, QUANTO PELAS MÁS”

“O Príncipe”. N. Maquiavel

Por mais de duas semanas as forças cristãs lutaram diariamente contra os avanços de Saladino e de seu numeroso exército. Ragnar pouco aparecia em casa e, quando o fazia, era apenas para beijar desesperadamente sua mulher, apanhar uma muda de roupas e comer o que tivesse tempo de engolir.

A realidade de Mark, Radegund e Gilchrist não era muito diferente. Não havia tempo para conversarem, ou se divertirem nas tavernas. Ao fim do dia, todos chegavam tão cansados ao campo que desabavam exaustos sobre suas mantas. Satisfeitos por terem sobrevivido a mais um dia.

Dormindo com os homens no acampamento, Raden, agora que todos sabiam que era uma mulher, tinha às vezes algumas dificuldades com soldados e *chevaliers* mais atrevidos. Para evitar que houvesse mais problemas, um de seus amigos sempre dormia ao seu lado. E Mark e Ragnar deixaram bem claro que a guerreira ruiva não estava sozinha.

Ragnar, que intimidava quem o visse apenas pelo seu tamanho, desenvolveu uma irritante brincadeira, sob o ponto de vista de Radegund, de abraçá-la como um urso e dar-lhe um beijo cada vez que cruzava seu caminho.

Nas primeiras vezes o norueguês teve como retribuição alguns murros certos. A ruiva também despejou sobre ele seu extenso e rico vocabulário, que arrepiava até os mais velhos lobos do mar. Numa dessas ocasiões, ele a arrastou até um canto e explicou sua atitude.

– Com os diabos, ruiva! Pare de me bater e tente raciocinar. Estou tentando proteger você, – ele esfregou o queixo dolorido e encarou a furiosa guerreira – você tem que dormir, não é mesmo? E Bakkar não pode estar sempre às suas costas, Gilchrist muito menos.

Raden balançou a cabeça. Os métodos de Sven eram, no mínimo, estapafúrdios!

– Ora, homem! Você é marido de minha amiga! – Argumentou – não pode sair por aí me beijando!

– E o que tem demais? Não estou chamando você para dormir comigo, estou? – Ele apontou um dedo na direção dela, estreitando os olhos claros. – Mas deixe que os cães pensem que estou, entendeu, cabeça-dura?

– E Leila, Sven? – Indagou, desanimada. – O que eu digo a Leila?

– O que *eu* vou dizer a Leila caso alguma coisa aconteça a *você*? Isso sim!

– Ora! Está certo! – Ela resmungou e foi dormir.

Intimamente agradeceu a ele por sua amizade.

Tiro, 29 de dezembro de 1187

Mark e Gilchrist olharam para trás. Radegund vinha sobre Lúcifer, e cedera à insistência deles três para que se mantivesse no centro do grupo. Agora que sua identidade era conhecida até mesmo entre os inimigos, tornara-se, além de uma adversária, um cobiçado troféu de guerra. Corria entre as fileiras que haviam sido oferecidos quinhentos dinares pela sua captura. A ruiva simplesmente desdenhara a informação e seguira adiante, dizendo que, mais caras do que ela, só as mulheres da casa de Isabella.

O mestiço acompanhou-a com os olhos, enquanto ela posicionava a montaria junto do grupo. Mesmo com o rosto e o cabelo ocultos sob o elmo, era impossível não reconhecer seu porte orgulhoso sobre Lúcifer.

Ragnar cavalgava ao lado dela, sua formidável altura e seu tamanho parecendo aumentados sob a cota de malha. O machado ameaçador repousava sobre suas coxas, pronto para ceifar dúzias de sarracenos.

Saladino, com o exército esgotado pelo longo cerco, organizara um derradeiro e ousado ataque. Conseguira trazer até a entrada do porto uma esquadra de galeras egípcias lotadas de soldados. Por terra, a numerosa cavalaria avançava em direção a Tiro.

Juntos, na vanguarda da companhia de Ibelin, os quatro seriam responsáveis por coordenar, junto com outros *chevaliers* que formavam a elite das tropas, a primeira e mais pesada carga de ataque. Aquela que deveria fender e desnortear o inimigo, pondo-o à mercê das companhias que viriam pelos flancos.

E aquele seria mais um bom dia para matar, pensou Mark. Ou para morrer.

Ragnar adiantou-se até eles, seus olhos claros brilhando sob o elmo.

– Estamos juntos, camaradas?

– Sim, Svenson – respondeu Gilchrist, sacando a espada e posicionando sua montaria ao lado de Viking – Estamos juntos.

Raden ergueu a viseira do elmo e pôs-se ao lado de Ragnar, enquanto apertava a correia do escudo no braço. Virou Lúcifer de frente para a nuvem de poeira que crescia na direção deles. E olhou à direita, para o amigo recém-casado.

– Faça o favor de não deixar minha amiga viúva.

Ele sorriu e baixou a proteção de metal sobre o nariz.

Mark, ao lado da ruiva, desembainhou a cimitarra, que refletiu o sol pálido daquela manhã. O chão já vibrava sob os cascos de seus garanhões, diante do avanço da cavalaria inimiga.

Raden murmurou palavras suaves para Lúcifer e levou o punho da espada aos lábios, beijando a lâmina. Baixou a viseira do elmo e respirou fundo.

Gilchrist cerrou os dentes e esperou a ordem do líder.

A terra tremia sob eles quando a trompa de ataque soou, despejando a sede da luta no sangue dos quatro.

As montarias foram esporeadas.

Quatro guerreiros avançaram.

Seus corações dispararam no ritmo dos cascos de seus animais e depois disso, o caos se abateu sobre o campo.

Leila e Leandra se encolheram quando mais um estrondo, vindo das muralhas sendo bombardeadas pelas catapultas, sacudiu os vidros e cristais dentro da casa, derrubando alguns jarros e candelabros no chão. A poeira desceu do teto e das rachaduras nas paredes.

– Oh, meu Deus! – Gemeu a criada. – Até quando isso vai continuar?

– Não sei, Leandra. Eu só consigo pensar em Ragnar. – Leila escondeu o rosto nas mãos, apavorada. – Não quero nem imaginar que ele possa ser ferido. Ou morto.

Leandra abraçou a patroa e falou.

– Fique calma, senhora. Hrolf daqui a pouco voltará com alguma notícia. Deve estar difícil andar pela cidade com esse caos!

Como se fosse conjurado por aquelas palavras, o rastreador entrou na sala coberto de fuligem.

– *Helvete!* Esse maldito sultão está sendo um osso duro de roer, senhoras!

– Hrolf! – Ela se ergueu e correu na direção do homem, ignorando os cacos de louça pelo chão – Sabe dele?

– Acalme-se, senhora Leila. Seu marido está no campo.

– Não! – Ela apertou as mãos junto ao regaço. – Eu pensei que ele estivesse nas muralhas. Pelo Profeta! E os outros? Raden, Bakkar e Gilchrist?

– Todos na cavalaria. – Fez uma pausa. – Na vanguarda. O ataque já começou.

– Na vanguarda!? Oh, Senhor! – O marido, bem como seus amigos, estavam na linha de frente, onde o risco era muito maior. Lutou para conter as lágrimas. – Qual é a situação, Hrolf? Acha que Saladino conseguirá derrubar a muralha?

– Seu exército é poderoso, mas o sultão conta mesmo é com sua esquadra, pois as muralhas de Tiro são muito resistentes, e ele não pode se dar ao luxo de prolongar o cerco. O moral de suas tropas está baixo, bem como seus estoques de suprimentos. – Explicou o rastreador. – Se nossa cavalaria conseguir segurá-lo até que nossos navios afundem suas galeras, estaremos a salvo. Por hora, tudo o que podemos fazer é rezar.

– Sim, Hrolf. – Leila concordou, em pânico – é só o que nos resta.

A noite já havia caído sobre Tiro quando a situação se acalmou, e as máquinas de guerra pararam de arremessar pedras contra os muros. Era então o momento de recolher mortos e feridos, e também dos homens voltarem aos seus respectivos acampamentos.

O silêncio na cidade era assustador. Ninguém se atrevia a sair de casa com medo de que alguma divisão avançada de Saladino desembarcasse na praia, burlando a vigilância dos homens de Ibelin e Montferrat.

Ragnar e Radegund conseguiram permissão para deixar o campo. Apressados, correram até a casa de Leila. Tanto para que Ragnar pudesse ver a esposa, quanto para poderem avaliar os estragos. Como muitos dos criados haviam sido liberados para ficar com suas famílias, ninguém os veio receber à porta da mansão, fechada e silenciosa.

– Vá ver sua mulher, Sven, – Radegund o enxotou com um gesto, acompanhado de um sorriso cansado. Cobertos de sangue e sujeira, os dois não haviam tirado sequer os elmos – eu cuido de Viking para você.

– Obrigado, ruiva – o norueguês sorriu agradecido, já se adiantando pelas escadas.

Entrou pelo vestíbulo escuro e foi em direção ao gabinete de Leila, de onde entreviu um fecho de luz saindo pela porta entreaberta. Seu coração bateu mais forte ao antecipar o instante em que teria de novo a esposa nos braços. Ao menos esta noite dormiria ao seu lado.

Apesar de ansioso, parou antes de entrar, pois queria lhe fazer uma surpresa. Apurou os ouvidos para tentar descobrir se havia algum dos criados com ela, e não gostou nada do que escutou o velho Yosef dizer.

– Não posso crer que ainda não tenha dito nada ao seu marido, minha jovem!

– Não houve oportunidade, Yosef! – A voz de Leila se elevou. – Logo no dia seguinte ao nosso casamento eles foram todos chamados ao campo, e desde então eu não tive sequer a oportunidade de dormir na mesma cama que Ragnar!

– Você deveria ter dito antes de se casarem! – O administrador soou desanimado.

O que exatamente Leila deveria ter lhe contado, Ragnar pensou, cerrando os punhos, a mente voltando à traição sofrida no passado. A resposta veio logo em seguida.

– E como eu iria explicar a Ragnar que sabia da ordem de expulsão dos muçulmanos antes que ela fosse dada? – Ela gritou para Yosef.

– Você não foi honesta com ele. – O velho a repreendeu, balançando a

cabeça.

– Sim, Leila, você não foi nada honesta.

Ela se virou, lívida, gelada, ao ouvir a voz do marido à porta do gabinete.

Ragnar entrou na sala e cumprimentou o administrador com um aceno. Seu esforço para controlar a raiva era palpável.

– Boa noite, Yosef. Pode nos dar licença? – O pedido mais se assemelhava a uma intimação. – Acho que eu e Leila temos que conversar.

Yosef olhou de um para outro, preocupado. A fúria contida do norueguês era tangível. Temia a explosão de toda aquela raiva, mas não podia fazer nada, além de desejar que o bom senso prevalecesse. Não cabia a ele interferir nos assuntos do casal. Sem ter nenhuma desculpa para ficar ali, despediu-se em silêncio, saindo da sala.

Ragnar ficou calado, olhando para a esposa, medindo-a de cima a baixo; seus olhos frios sobressaindo na pele suja de fuligem e sangue. Em seu íntimo, emoções conflitantes e lembranças amargas se misturavam ao cansaço e ao sofrimento de todos aqueles dias passados em combate. Seu peito subia e descia rapidamente. Leila podia sentir a raiva dele crescendo, permeando o ambiente como um humor maligno.

No entanto, ela não conseguia falar. Sua garganta estava travada, e era como se sua mente tivesse parado de funcionar. O medo e o remorso sufocavam toda e qualquer explicação que pudesse dar. Sabia exatamente o que se passava pela mente de Ragnar naquele instante. Podia ler nos olhos dele a acusação. Seu marido se sentia, mais uma vez, usado e ludibriado por uma mulher.

Ele deu mais um passo em sua direção. Leila se obrigou a não recuar. Teve que erguer o rosto para encará-lo. Trêmula, esperou. Ragnar foi o primeiro a romper o silêncio.

– Quando ia me contar?

– Eu... – ela baixou os olhos, envergonhada. Pois, na verdade, não teria contado a ele.

A mão de Ragnar, ainda envolta na luva de malha, ergueu seu queixo, a áspera frieza do metal machucando sua pele delicada. Forçou-a encará-lo. Cerrou os dentes com raiva ao ler a verdade em seus olhos.

– Por todos os Deuses, mulher! Você não ia me contar. – A mão em seu queixo aumentou a pressão e ela engoliu as lágrimas. – Ia deixar que eu continuasse acreditando em você, em sua farsa.

Com um safanão ela se livrou da mão dele e recuou. Precisava desesperadamente fazê-lo entender que não fizera por mal, que não quisera enganá-lo!

– Não! Isto é... sim, eu ia contar, mas... – baixou a cabeça, certa de que nada

do que dissesse consertaria o mal já feito – não podia expor Yosef.

Ragnar retirou o elmo e baixou o capuz, olhando para ela num misto de revolta e tristeza.

– Por que, Leila?

Ela balançou a cabeça, desolada e arrependida.

– Porque você não acreditaria em mim, porque o fantasma de Karin ainda o assombra, – balbuciou, atropelando as palavras – e você talvez achasse...

Ele avançou em sua direção, e seu braço varreu de uma só vez todo o conteúdo da mesa de Leila para o chão, descontando ali sua fúria.

– E se sabia disso, pois eu abri meu coração para você naquela noite, por que diabos não foi honesta comigo também? – Ele gritava e ia em sua direção, enquanto Leila recuava, trêmula de medo.

Apavorada e acuada, ela não sabia o que fazer. Perdera a capacidade de reagir. Só conseguia pensar que, se seu marido a agredisse, com certeza acabaria por matá-la.

Ragnar a alcançou, cego em sua fúria, e a segurou pelos braços, sacudindo-a com força.

– Eu fui apenas um meio para que permanecesse em Tiro? – As mãos dele apertaram seus braços com mais força. – Casou-se comigo, e demonstrou todo aquele ardor na cama, apenas para garantir seu conforto, sua casa e seu luxo?

Leila negava balançando a cabeça de um lado para o outro. Jamais imaginara enfrentar Ragnar e toda a força de seu ódio. O homem que via diante de si, ainda coberto com as marcas da batalha, não possuía nenhum vestígio do Ragnar com quem se casara. Talvez por isso não tenha reagido quando, ainda sob o calor da luta e completamente fora de si, ele ergueu o braço contra ela, que apenas se encolheu, esperando o golpe que viria.

– Largue-a, Svenson. – A mão de Ragnar parou no ar. Leila começou a tremer mais ainda. No entanto, ele não soltou seu braço. Seus olhos claros estavam injetados, e as narinas freMIAM. A voz de Raden soou novamente da porta do gabinete. Tão gélida que Leila não soube se temia mais o marido ou a amiga. – Dessa distância minha adaga atravessará sua cota – ela explicou calmamente, como se estivesse dando lições a um escudeiro – e não há a menor chance de eu errar o alvo. Solte-a.

– Saia daqui, ruiva! – Ele rosou sem despregar os olhos duros de Leila. – Este assunto é entre eu e minha mulher!

– E meu juramento ao pai de sua mulher continua valendo. – Ela rebateu. – Eu a protegerei, ainda que seja de você. – Afirmou para, em seguida, ordenar. – Largue-a.

Os minutos se escoaram. O silêncio e a expectativa se converteram numa

tortura para Leila. Depois do que pareceu uma eternidade, Ragnar largou o braço da esposa, fazendo-a cair no chão. Virou-se para Radegund, ameaçando-a.

– Ainda acertaremos nossas contas, ruiva. – Ele ameaçou. – Não esquecerei de que lado ficou.

– Quando quiser, Svenson.

Ragnar passou por ela, esbarrando propositalmente em seu ombro, numa provocação. Radegund esperou até que ouvisse a porta da sala bater. Depois, largou as armas sobre uma cadeira e correu para amparar a amiga.

Ao amanhecer, os navios das forças cristãs conseguiram abordar e render as cansadas tripulações egípcias num ataque fulminante. Das poucas galeras que escaparam, algumas foram cercadas no caminho para Trípoli, outras desembarcaram suas tripulações nas praias próximas à cidade, onde foram rendidas pela infantaria.

Ragnar ouviu os sons da batalha do outro lado da muralha e a sede da luta despejou-se em seu sangue. Passara a noite vagando pelo campo, esperando a hora de entrar em combate. Se pudesse, teria ido sozinho até o acampamento do inimigo apenas para despejar sobre ele sua raiva.

Montou Viking e virou-o em direção ao portão. Ajustando as luvas e o capuz de malha, colocou o elmo e baixou a proteção sobre o nariz, adquirindo uma aparência ainda mais mortal. Solto da sela seu grande machado, feito especialmente para ele. A arma, que já era uma extensão de seu braço, era enorme e pesada. Um homem de estatura e força normais teria que manejá-lo com as duas mãos. Mas não ele. Enfiou a tira de couro no punho direito e agarrou o cabo revestido, girando e sopesando seu companheiro mais fiel.

Com a mão esquerda, empunhou uma longa adaga. Desprezando o escudo, enrolou as rédeas no punho.

Sorrindo de maneira quase insana, avançou para além das muralhas e seguiu pelo campo, abrindo caminho até a vanguarda da companhia.

Lá, soltou as rédeas e controlando Viking só com os joelhos, despejou todo seu ódio sobre os inimigos, traçando arcos mortíferos com seu machado, ceifando tudo o que encontrava pela frente. Só a raiva o movia. Raiva pela traição de Leila, raiva por si mesmo; por ter sido tão crédulo e por ter se apaixonado por aquela mulher. Raiva de sua mãe por ter se deitado com o rei. Raiva de Karin. Raiva de tudo e de todos.

Em meia hora, um rastro de moribundos e corpos mutilados jazia atrás dele. Os poucos inimigos que ainda se atreviam a desafiá-lo em combate, mal tinham tempo de se arrepender.

Seus companheiros, exceto Radegund, não entenderam porque o sempre

bonachão Ragnar Svenson gargalhava de forma selvagem enquanto, coberto de sangue, continuava despachando as almas de seus inimigos para o inferno.

Uma semana depois...

– Este é o último Yosef? – Leila perguntou, contendo um bocejo.

– Sim. Terminamos com os livros. – O velho ergueu os olhos e encarou a fisionomia abatida de Leila. – Tem notícias de seu marido?

– Não. – Ela respondeu secamente.

– Ele vai acabar aparecendo.

– Não sei se quero que ele apareça. Naquela noite... – Leila baixou a cabeça ao se lembrar de que Ragnar quase a agredira. E amaldiçoou mais uma vez o momento em que aquele homem entrara em sua vida.

– Leila, eu a avisei de que a mentira não era uma base sólida para uma vida em comum. – Yosef falou, pegando sua mão fria. – Dê tempo para que ele se acalme.

– Você não entende, Yosef! Se Rade Gund não tivesse chegado naquele instante, ele teria me batido. Ragnar estava cego de ódio! – Sua voz tremeu. – Ele me fez ficar com medo dele. E eu não posso viver ao lado de um homem do qual tenho medo!

Yosef colocou a mão em seu ombro e argumentou.

– Minha filha, eu não concordo com nenhum tipo de violência, mas seu marido veio direto do campo para seus braços, e foi recebido por uma revelação daquelas! – O velho administrador contemporizou. – Entenda que ele não estava em seu juízo perfeito. Você sempre viveu protegida em sua casa. Mas se perguntar àquela sua amiga, saberá o que acontece numa guerra. Os homens perdem a razão, e às vezes é difícil fazer a cabeça voltar à normalidade. Infelizmente seu marido soube da verdade numa hora péssima, e da pior maneira possível. Até agora eu me arrependo de ter tocado no assunto com você.

– Não se culpe, Yosef. – Ela o admoestou. – Se alguém aqui é culpada por esta confusão, esse alguém sou eu. E agora vamos esquecer este assunto. – Levantou-se da cadeira e tocou a sineta, chamando Leandra. Quando a criada chegou, ordenou. – Peça a Patrus para vir falar comigo. Tenho algumas ordens para dar a ele.

A jovem saiu e, pouco tempo depois, o criado entrou na sala. Cabisbaixo, estudava dissimuladamente cada detalhe do ambiente, cada objeto. Sim, estava perto o dia em que tudo aquilo seria seu! Com o marido dela fora do caminho, certamente seria muito mais fácil abater sua presa.

– Chamou-me, dama? – Ele manteve os olhos baixos, a fim de disfarçar a cobiça que neles brilhava.

– Sim, Patrus. Mande arrumar as despensas. Irei hoje ao mercado fazer os estoques para o mês. – Explicou. – Agora que o comércio está normalizado, temos que repor nossos víveres. Faça o inventário do que precisamos.

– Sim, dama. – Fez uma pausa proposital, antes de indagar. – A dama irá pessoalmente?

– Sim. Por quê?

– Deve levar uma escolta, dama. – Sugeriu, a voz falsamente humilde. – As ruas de Tiro não são seguras.

Leila sorriu diante do cuidado de seu criado

– Não se preocupe, meu bom Patrus. Saberei me cuidar.

– É claro, dama. Com licença. – Retirou-se ainda cabisbaixo, ocultando o meio sorriso que pairava em seus lábios.

A idiota! Sabia que se fizesse a sugestão da escolta, a tola arrogante faria exatamente o contrário. Na certa levaria consigo apenas Leandra e Jamal, aqueles dois parvos!

Esse era o problema com as mulheres voluntariosas, pensou. Diga para fazerem de um jeito e farão exatamente o contrário. Já sozinho, ergueu a cabeça e sentiu-se muito satisfeito consigo mesmo. Tudo o que tinha que fazer agora era colocar alguns itens específicos na lista de víveres, para que Leila precisasse ir direto à região do cais do porto. Lá, Vernon e Gerald estariam esperando por ela. O que eles fariam com a jovem sarracena não era, definitivamente, problema dele. Contanto que ela desaparecesse para sempre da face da Terra. Quanto ao seu marido, Blake logo daria um jeito nele.

Leila ajeitava o véu sobre os cabelos, quando cruzou com Raden no vestíbulo. A ruiva caminhava a passos largos, distraída, e quase colidiu com ela.

– Já em casa? – Indagou – O que houve? Foi ferida.

– Infelizmente, sim – resmungou a outra – vim cuidar de minhas costas. Uma contenda na estrada.

– Oh, céus... – Leila gemeu ao notar o sangue que manchava as roupas da amiga. Pôs de lado a cesta onde carregaria as compras – deixe-me ver isso.

– Não se amofine. – Radegund dispensou-a e perguntou. – Vai sair?

– Irei ao mercado, preciso recompor as despensas, – explicou – tem certeza de que não vai precisar de minha ajuda?

– Não se preocupe. Pedirei a Mark que cuide disso. Ele entende do assunto.

– Hum, Mark, hein? – Leila sorriu maliciosa. – Você e ele...?

Raden deu de ombros.

– É, às vezes. – Mudou depressa de assunto. – Bem, cuide-se. Vai com Jamal e Leandra?

– Sim, não se preocupe.

A ruiva acenou brevemente e sumiu pelos corredores. No entanto, quando Leila já estava na porta da rua, mais um visitante chegou. Céus! Assim não conseguiria sair de casa nunca!

– Olá, Hrolf. – Cumprimentou brevemente.

– Olá, *dame* – o rastreador saudou-a, um tanto sem jeito – eu vim porque... seu marido... – coçou a cabeça – ele me pediu para pegar algumas coisas para ele.

– Por acaso seu amigo está com medo de mim, Hrolf? – Ela perguntou irritada.

Hrolf corou, mas acabou rindo.

– Não sei. Ele a está evitando, não é?

Leila suspirou e baixou a cabeça.

– Sim. Nós tivemos uma briga muito séria. Mas diga a ele que passarei o dia fora hoje. Se o problema dele é me encontrar, pode ficar sossegado e vir buscar o que ele quiser. Afinal, esta é a casa dele.

Hrolf deu de ombros e desceu as escadas.

– É isso mesmo que vou fazer. Svenson já é bem crescido. Se quiser suas ceroulas, que ele mesmo venha buscar. Até logo, senhora.

– Até, Hrolf. – E virando-se para Leandra, disse – vamos, temos muito que fazer hoje.

– Oh, meu Deus! – Raden gemeu – Mark...

– Calma, garota. Estamos quase lá.

– Céus! Assim está me matando!

– Só mais um pouquinho...

– Oh, Deus!

– Hum, estamos quase...

– Oh, Mark...

– Sim!

– Ai!

– Como conseguiu ter três aros de sua cota enterrados nas costas, criatura?

– Ele perguntou, mostrando-lhe as pequeninas peças de metal que retirara de sua pele.

– Diabos! Foi o golpe que levei na confusão no meio da estrada – ela virou o braço para trás e passou os dedos sobre o machucado – Mas... você abriu um buraco em minhas costas, homem!

– Lamento, – ele se inclinou para inspecionar o ferimento – creio que vou

precisar suturar o corte.

– Inferno! – Deitou de novo a cabeça na cama, sobre os braços dobrados, desanimada ante a dolorosa perspectiva. – Hoje deve ser mesmo meu dia de sorte...

Mark a fez voltar o rosto em sua direção e deu-lhe um beijo na ponta do nariz, numa tentativa bem-humorada de consolá-la.

– Calma, criança, vai passar... – zombou.

Ela revirou os olhos.

No momento seguinte, Ragnar entrou no aposento, flagrando-os na posição comprometedora.

Radegund, nua da cintura para cima, de braços sobre a cama, e Mark inclinado sobre ela, suas bocas muito perto uma da outra.

– Ora, vejamos. Então é assim que a ruiva passa o tempo quando não está protegendo a amiga traidora? – Ironizou.

Raden ignorou o comentário. Continuou deitada sobre a cama, sem se dignar sequer a olhar para o norueguês.

– Boa tarde para você também, Svenson. – Mark se levantou e foi ao encontro do amigo. Já ficara sabendo, através de Radegund, o que havia acontecido na noite em que Ragnar e Leila haviam brigado. Naturalmente, apoiava a atitude da ruiva. Até porque sabia que, se Ragnar tivesse realmente agredido Leila, hoje ele estaria mais do que arrependido, e muito mais amargurado, do que já se encontrava. – Veio falar comigo?

– Sim. Vim para avisá-lo de que vou sair por uma semana em missão. – Explicou – irei aos vilarejos além do Litâni sondar a situação. Ibelin acredita que há grupos simpáticos ao sultão naquela área e quer evitar problemas. Vim buscar algumas coisas e partirei imediatamente.

– Boa viagem então, Sven. – Mark estendeu a mão e Ragnar a apertou, pedindo em voz baixa, para que só o amigo ouvisse.

– Cuide de Leila.

A mensagem de Patrus encontrara seu destino. Vernon e Gerald, trajados como os nativos da região, permaneciam encostados a um muro, próximos a algumas barracas de peixes, na zona portuária da cidade. O movimento era intenso como se, após o confinamento do cerco, todos precisassem sair de casa ao mesmo tempo. Melhor assim.

Seria moleza raptar a bela moreninha, pensou Vernon, já sentindo o sangue ferver de antecipação. Já não aguentava mais esperar para possuir aquela mulher, que se tornara uma verdadeira obsessão para ele.

Esticando o pescoço acima da multidão barulhenta, conseguiu vê-la ainda

no mesmo lugar, conversando com a criada.

Fez um sinal silencioso a Gerald, e o comparsa se deslocou na direção do trio que fazia compras. Havia chegado o momento de colocar seus planos em andamento.

Capítulo XVIII

"É LÍCITO ASPIRAR AO QUE NÃO SE PODE ALCANÇAR".
"Péricles". Ato II - Cena I. W. Shakespeare

Gilchrist caminhava pelo mercado pensando em talvez mais tarde ir até a casa de Leila e convidar Radegund para ir caminhar com ele até a praia. Estava seriamente enamorado da ruiva. Sabia que havia um envolvimento entre ela e Bakkar, mas, pelo que podia observar do comportamento dos dois, não era algo sério. Se tivesse um pouco de sorte, talvez ela correspondesse ao seu interesse.

Entrando no meio da confusão de tendas, compradores, cães e vendedores ambulantes, Gilchrist foi abrindo caminho pacientemente. Do outro lado do mercado, divisou uma pequena figura conhecida, vestida com um bonito traje cor de mostarda.

O *chevalier* desviou de seu caminho para cumprimentar Leila e oferecer-se para acompanhá-la até em casa. Assim, teria uma desculpa para ver Radegund, já que ela não estivera no quartel no dia anterior. Porém, antes que pudesse alcançá-la, uma grande confusão se instalou no mercado.

Gerald, instruído por Vernon, adiantou-se no meio do povo e empurrou Jamal, que caiu sobre uma banca de frutas. O vendedor, irado, começou a discutir com Jamal. Gerald, aproveitando-se da distração do criado e de sua esposa, entrou entre eles e Leila, fazendo com que a moça tivesse que recuar para o meio da multidão, que dava palpites no bate-boca dos dois homens.

Leila ficou apreensiva com o tumulto. Vendo-se separada de seus acompanhantes, recuou até um canto mais afastado, procurando um dos guardas do senescal que pudesse ajudar a dar fim àquele problema. Virou-se para o lado, na intenção de encontrar ajuda, mas sua passagem foi barrada por um homem em trajes sarracenos, de feições conhecidas.

– Que bom que veio ao nosso encontro, minha pequena. – Grunhiu Vernon, agarrando seu braço com um sorriso de escárnio.

Ela tentou se soltar com um puxão.

– Largue-me!

Antes que ela pudesse gritar, no entanto, ele lhe cobriu a boca com a mão suja. Puxando-a contra si, começou a arrastá-la na direção do porto.

– Quietinha. Vamos dar um passeio, só eu e você. Temos muito que... conversar. – Ele deu um riso escarninho – E hoje, nem aquela ruiva abusada, nem seu maldito norueguês estarão aqui para salvá-la.

Leila tremeu. Sim, não havia ninguém para ajudá-la. Sua amiga estava em casa, cuidando dos ferimentos, e seu marido lhe dera as costas. *Por sua culpa*, a consciência a acusou.

Vernon apertou-a contra o corpo de forma lasciva, e continuou empurrando-a para uma viela. Parou bruscamente. Na esquina havia um grupo de velhos jogando dados. Para não levantar suspeitas, tirou a mão que cobria a boca de Leila, mas encostou a ponta de uma faca em suas costas.

– Comporte-se. Não faça nenhuma bobagem. – Ele a cutucou com a lâmina.
– Ande!

Leila tentou fazer a mente embotada pelo pânico pensar numa solução. Sabia que, se virassem naquela esquina e entrassem na área menos movimentada do bairro, seu destino estaria selado. Num último e desesperado recurso, reuniu toda a coragem que lhe restava e agiu.

Propositalmente, pisou na barra do vestido e foi ao chão. Vernon praguejou e se abaixou para erguê-la, segurando-a com brutalidade por um dos braços. Disfarçadamente, ela fechou a mão sobre uma pedra do calçamento. E, enquanto se levantava, virou o corpo e acertou a pedra com toda a força no rosto de Vernon. Ato contínuo, desatou a correr.

– Vadia! – Ele berrou, se recuperando e correndo em seu encalço.

Leila corria e tentava se esquivar das pessoas pelo meio da rua. Relanceava o olhar por sobre o ombro e via que Vernon parecia cada vez mais perto. Seu rosto estava contorcido de ódio, e o bandido espumava de raiva. Ela sabia que se a pegasse de novo, não sobraria nada dela para contar aquela história. Correndo desesperadamente, já estava quase caindo de cansaço, quando dois braços fortes agarraram.

– Dama?

Ela ergueu os olhos, aliviada ao reconhecer a voz.

– Gilchrist! – Ela quase desfaleceu de alívio. – Os céus o mandaram!

Gil olhou para sua fisionomia transtornada.

– Algum problema, senhora?

– Aquele homem... – ela olhou para trás, aflita – ele tentou me sequestrar!

– Onde? – O irlandês olhou por sobre sua cabeça, ao mesmo tempo em que Leila se voltava, procurando por Vernon no meio da multidão.

– Ele... ele sumiu. – Respondeu trêmula.

– Venha, dama. – Ele tomou seu braço com a habitual gentileza. – É melhor eu acompanhá-la até sua casa.

Oculto nas sombras de uma viela deserta, Vernon praguejava interiormente. A vadia desgraçada parecia ter protetores em todo lugar. Eles brotavam de todos os cantos como ratos de esgoto! Agora era aquele *chevalier* de um olho só!

Inferno! Ele a tivera nas mãos e a perdera!

Sentiu o sangue latejar nas veias ao se lembrar do corpo macio encostado

ao seu. Sua excitação era tão grande, que chegava a ser dolorosa. Quanto mais esperava, mais excitado ficava, a ponto de nem as prostitutas o satisfazerem.

Vernon enfiou as mãos por dentro das próprias calças, tentando se aliviar de alguma forma, enquanto pensava nas maneiras como usaria o corpo dela quando a pegasse.

Ela não perdia por esperar. O tal criado Patrus queria o sumiço dela tanto quanto ele queria estar entre as pernas da sarracena.

Era tudo uma questão de tempo, ele pensou enquanto conseguia um alívio momentâneo para o desejo insatisfeito.

– Vernon! – Mark esbravejou, fazendo Leila dar um salto para trás – Aquele filho da...

– Bakkar! – Gilchrist o repreendeu, apontando para Leila e Raden. – As senhoras.

O mestiço revirou os olhos, como se o irlandês tivesse perdido o senso.

– Ora, Gil! Leila é casada com um guerreiro e já está cansada de ouvir isso. E quanto a essa daí, – apontou Raden, que lhe fez uma careta – seu vocabulário é tão *variado* que ela deveria lavar a boca com sabão! O que eu quero saber é como Vernon conseguiu encontrar Leila!

– Ele parecia estar me esperando... – gemeu Leila, ainda chocada com o que acontecera.

– Por que diz isso? – Raden colocou uma das mãos em seu ombro e quis saber.

– Ele me disse: que bom que não faltou ao nosso encontro. – Encolheu-se junto à amiga. – Falou isso como se soubesse que eu estaria exatamente ali, hoje.

A ruiva ergueu uma das sobrancelhas e Gilchrist olhou intrigado para Leila.

– Disse que ele a abordou pela primeira vez em Jerusalém?

– Sim. Por duas vezes. A primeira foi quando conheci Raden. A outra, quando eu estava... – seus olhos ficaram tristes – quando eu estava no mercado com Ragnar.

– Ele também estava no grupo de refugiados que veio para Tiro. – Informou Mark.

Leila franziu o cenho e olhou para os três amigos.

– Eu não sabia disso.

– Não lhe contamos para não a preocupar, Leila. – Explicou a ruiva. – Mas eu avisei a Mark, e também a Sven, para ficarem de olho. No entanto, – concluiu, fitando os companheiros de armas – acho que já podemos imaginar quem nos seguiu pela trilha antes da tempestade.

– Sim, tem razão, Raden. E parece que o sujeito não desiste fácil. – Ele se

voltou para a sarracena. – De hoje em diante, você só sai daqui acompanhada por mim ou por Radegund, ouviu Leila?

– Podem contar comigo também, – falou Gilchrist – tenho pouco serviço atualmente. Posso passar algumas horas do dia por aqui.

Mark olhou do irlandês para Raden, que ruborizou, embaraçada.

– Certamente, Gil. Sei que não será nenhum sacrifício para você.

Ouvindo tudo por detrás da porta da sala, Patrus retorcia as mãos, furioso. O maldito Vernon e seu comparsa não serviam sequer para sumir com uma mulher! Bando de imprestáveis!

Agora, além da ruiva e do mestiço, teria que lidar também com o irlandês. Isso era ruim. Pressentia um poder desconhecido naquele homem. Algo com o que não gostaria de ter que lidar. Agora, porém, tinha que se concentrar em sua outra frente de ataque. O norueguês.

Só esperava que Blake tivesse mais sorte na emboscada contra Ragnar Svenson.

Dois dias depois...

O vale do Litâni se estendia a sua frente, exuberante após as primeiras chuvas. Montado em Viking, Ragnar observou atentamente o terreno logo abaixo. E também mais adiante. Teria que passar pela pequena garganta rochosa para alcançar a vila lá embaixo.

Viking resfolegou e trotou para o lado. Ragnar refreou a montaria e afagou o pescoço. O animal estava agitado. Ele também. Isso não era bom. Nada bom.

– Calma, rapaz. – Murmurou. – Eu também não gostei desse lugar.

Com a mão sobre a adaga, olhou para o alto dos rochedos. Seus cabelos da nuca se arrepiaram. O que estava errado ali?

Estreitou os olhos claros e apurou os sentidos. Os pássaros. Não faziam nenhum som, estavam absolutamente silenciosos.

– Viking, meu velho, – ele sussurrou – creio que teremos companhia.

Ragnar olhou para os lados pelo canto dos olhos. Sem movimentos bruscos, sem mostrar a quem quer que fosse que estivesse ali que ele já pressentira sua presença. Algo lhe disse que Blake o havia encontrado.

Praga do inferno...

Uma sombra furtiva, usando roupas da cor da terra, moveu-se à direita, no topo da garganta. Relaxou a mão nas rédeas de Viking. Começou a falar com o animal em sua língua natal, numa cantilena quase hipnótica, fazendo com que o garanhão, mesmo com as narinas dilatadas e em alerta pelo cheiro de outra

pessoa, continuasse a passo.

O bastardo vai esperar que eu entre no desfiladeiro para cravar uma flecha em minhas costas.

Soltando o pé direito do estribo, sem retirá-lo por completo, Ragnar enrolou a rédea na mão esquerda e deslocou parte do peso do corpo para este mesmo lado. E depois, falou baixinho para Viking.

– Conto com você para sairmos dessa enrascada, rapaz.

Quando notou a sombra se posicionando para acertá-lo, Ragnar, ao mesmo tempo em que incitava Viking a um galope, pendurou-se do lado esquerdo da sela. Quem os visse pelo outro lado, diria que um cavalo galopava sem seu cavaleiro. A flecha de Blake cravou-se na madeira da sela, pouco acima de onde a mão de Ragnar se segurava. E ele pode ouvir o assassino gritando, sua voz ecoando nas pedras do desfiladeiro.

– Ainda não acabou, Svenson.

Estarei esperando por você, bastardo.

Ragnar aguardou até estar fora do alcance de Blake para poder se endireitar na sela e galopar para o vale. Só lá no vilarejo pode relaxar um pouco. Sabia que teria que dormir com um olho aberto se quisesse voltar vivo para Tiro.

Tiro. Leila...

Sacudindo a cabeça, procurou espantar as lembranças. Tentou se concentrar na missão e esquecer a mulher que o traía e usara. Ainda não conseguia entender o porquê de ela ter agido daquela forma. Ele pedira honestidade a Leila, abrira sua alma para ela. E ela se casara com ele apenas para não ser expulsa da cidade com os outros sarracenos! Será que em algum momento Leila havia imaginado que ele permitiria que ela fosse levada embora? Impossível! Leila sabia que ele trabalhava para Ibelin. Era óbvio que ela ficaria na cidade, nem que para isso ele tivesse que enfrentar o próprio comandante.

E como ela conseguira saber da ordem antes de todos? Lembrou vagamente de tê-la ouvido falar algo a respeito de Yosef. Naquela noite, porém, ele estava tão transtornado, tão tomado pela fúria da guerra, da matança de um dia inteiro, que nem se lembrava direito. A única coisa de que se lembrava era de que quase agredira Leila, quebrando sua promessa de que jamais usaria sua força contra ela. Se não fosse por Radegund...

Ragnar sentiu a raiva queimar em seu sangue. Maldita fosse Leila! Maldito fosse aquele amor que o consumia! Céus! Aquela mulher tinha tanto poder sobre ele, que o tirava de sua razão. Ainda agora, só de pensar nela, seu sangue fervia e o desejo fazia seu corpo latejar dolorosamente.

– Inferno! – Praguejou. – Melhor cuidar de minha missão!

Blake juntou suas coisas e pegou seu animal pelas rédeas. Svenson não usaria aquele caminho para voltar. E estaria mais atento a qualquer movimento seu. Olhou em volta e amaldiçoou aquela terra, onde a vegetação rala e rasteira não oferecia muitos esconderijos. Se Ragnar Svenson não voltasse por ali, só existia um outro caminho para fazer. Blake sorriu e conduziu a montaria naquela direção. Teria um dia para estudar o terreno e preparar a emboscada.

Calma, planejamento e paciência. Eram o segredo de sua profissão. E de sua eficiência.

Tiro

Era noite.

Patrus se moveu silenciosamente nas sombras enquanto todos dormiam. Poderia entrar no quarto de Leila e simplesmente matá-la. Mas ainda não sabia se Blake havia cumprido sua missão. Se Ragnar estivesse vivo e Leila morta, ele automaticamente herdaria tudo dela. E se morresse depois, sua família na Noruega ficaria com tudo.

Não. A ordem das coisas devia ser obedecida. Primeiro o norueguês. Depois, ela.

E então, seus anos de silencioso serviço naquela casa, desde que o marido de Sophia o trouxera do Egito há muitos anos atrás, seriam recompensados.

Eliminara o velho, que aparentemente morrera de um ataque cardíaco. E esperara pacientemente até poder fazer o mesmo com Sophia sem levantar suspeitas. Velhos morriam do coração todos os dias. Ele só não contava com a chegada da jovem Leila. Maldita hora em que ela não morrera no cerco a Jerusalém!

Patrus entrou nos aposentos de Leila. Divisou a figura pequena enroscada na cama. Sorriu, diabólico. Seria tão fácil colocar uma serpente no meio das cobertas...

A jovem se agitou no sono. Patrus recuou e saiu do quarto. Caminhou para os aposentos da mulher ruiva. A leoa. Destrancou a porta, que se abriu sem ruído, e avançou.

Ela dormia de bruços, um dos braços pendurado para fora do colchão. Representava uma ameaça aos seus planos, sempre protegendo a amiga. Uma sombra. Hoje seria eliminada.

Pegou a bolsa de couro onde estava a pequena e mortal víbora de Thar. Uma picada seria suficiente para uma longa e dolorosa agonia. Pela manhã só iriam encontrar seu corpo retorcido.

Avançou em direção a cama. E estacou subitamente.

Percorreu o aposento com os olhos, pressentindo uma força diferente no ar. Seu olhar parou sobre uma pequena caixa de sândalo na mesinha ao lado da cama.

Patrus manteve a bolsa com a serpente fechada. Caminhou naquela direção, sempre atento a qualquer movimento que a mulher pudesse fazer.

Abriu a caixa e quase caiu para trás. Seu corpo magro tremeu, como se atingido por um vendaval gelado. Jamais poderia esperar por aquilo! Fitou novamente o conteúdo da caixa.

Sekhmet!

O nome sagrado vibrou no ar ao seu redor. A visão do rubi, que parecia pulsar como um coração diante de seus olhos, trouxe versos da antiga canção ritual à sua mente.

Sekhmet, derrama teu ódio

Banha-me em sangue, mãe de fúria...

Patrus recuou.

Sekhmet, a deusa-leoa da guerra. A forma indomada de Bast. A maior inimiga de Set. A serpente seria esmagada pelas patas da leoa.

O rubi era uma pedra consagrada à Deusa. Maldição!

Já ouvira falar da lendária gema, que entre os sarracenos era conhecida como Coração do Dragão. Entre os que ainda seguiam as velhas tradições, e que não haviam se curvado ao povo do Livro, dizia-se que a pedra protegia aquele que a possuía. E que só poderia passar para as mãos de outra pessoa se fosse dada de boa vontade. Caso fosse roubada, ou usurpada, sua vingança seria sentida rápida e dolorosamente. No Egito, sua terra natal, aquela joia representava bem mais do que isso. Era o próprio coração de Sekhmet. Seu sinal. Sua mão e sua benção. Como aquilo fora parar nas mãos da mulher?

Espumando de ódio, recuou lentamente para as sombras. Não podia desafiar os deuses frontalmente. Suas mãos não poderiam ser diretamente responsáveis pela morte de uma filha de Sekhmet. Não se quisesse sobreviver para ver um novo dia. Entretanto, ela seria removida de seu caminho, de uma forma ou de outra.

Mark acordou repentinamente. A imagem de Radegund explodindo inexplicavelmente em sua cabeça com um raio. Sem nenhum motivo racional, ergueu-se ainda nu da cama. Prendeu o lençol à cintura, pegando a adaga que repousava embaixo de seu travesseiro. Caminhando como sem fazer ruído, saiu pela porta e atravessou o corredor. Sua mão apertou o cabo da arma ao ver a porta do aposento entreaberta.

Raden não era descuidada. Nem mesmo ali. Não dormia com a porta aberta.

Não baixava a guarda.

Entrou devagar esgueirando-se contra a parede. Na penumbra, divisou o amontoado de cobertas reviradas na cama.

Deu um passo cuidadoso, os pés deslizando nos ladrilhos lisos.

Um objeto cortante foi pressionado contra seu pescoço.

– Incursões noturnas, *sire*?

Vale do Litâni

Ragnar decidira voltar na manhã seguinte para Tiro. Sua missão havia sido concluída mais cedo do que esperava, e não havia sentido em permanecer ali com Blake em seu encalço. O assassino provavelmente iria encontrá-lo do outro lado do vale, já que a emboscada na garganta não dera certo. Sim, Blake era metódico e sistemático demais, e certamente julgaria que ele iria escolher a outra saída. Não lhe custava frustrar os planos do vilão.

Satisfeito, Ragnar recostou-se no catre. A acomodação era simples, mas fora oferecida de bom grado por um dos pastores para que ele pernoitasse. Sorriu consigo mesmo na escuridão. Blake ficaria furioso. E ele ganharia mais um dia de vida.

Só não sabia para quê.

Tiro

Leila se revirou no sono e despertou angustiada, seus pensamentos se fixando em Ragnar. Olhou para o lugar vazio em sua cama e lembrou-se dos momentos que passaram ali. De suas mãos em seu corpo, de seus beijos... O desejo a percorreu como um rio de fogo. E mais uma vez ela se amaldiçoou por sua mentira.

Mesmo tendo ficado magoada com a reação violenta dele, entendera, após a conversa com Yosef, que seu marido estivera fora de si naquela noite. Solitária, abraçou-se ao travesseiro. Os pensamentos a assaltá-la sem trégua.

Ragnar era um homem intenso em suas emoções e reações. Radegund a avisara. Ele a avisara. Devia ter previsto que, quando ele soubesse, sua reação seria imprevisível. E agora ela passava por calculista e leviana.

Se ao menos ele a tivesse escutado...

Confusa, Leila mudou novamente de posição na cama e ficou pensando se não seria melhor esquecer de vez Ragnar Svenson e ir embora de Tiro.

– Está ficando descuidada, garota.

Raden fechou a porta com um dos pés, sem tirar adaga do pescoço de Mark.

– Você é quem me parece... descuidado. – Ironizou, referindo-se a posição desvantajosa em que o mestiço se encontrava – o que fazia, se esgueirando para dentro de meu quarto, à uma hora dessas?

– Dormiu com a porta aberta?

– Não. – Ela franziu o cenho – acordei de repente e a vi aberta. Vim olhar o que era. Ou quem. E vi você entrando.

Ele assentiu, mas sentiu a lâmina pressionar sua pele.

– Poderia tirar isso do meu pescoço?

Ela sorriu e relaxou a pressão da adaga.

– Sabe, se não fosse esse lençol branco, eu não teria visto você no escuro. – Ela passou a mão pelo abdome rígido, insinuante. O contraste de sua pele clara com a dele, do tom do bronze, causou-lhe um intrigante fascínio. Sua distração, no entanto, teve um preço.

Mark sorriu e, num golpe rápido, segurou-lhe o braço. Virou-se de frente e prendeu-a contra a parede, os punhos dela acima da cabeça.

– Parece que agora *eu* tenho a vantagem.

– Ainda posso usar os joelhos, lembra-se? – Ela ergueu uma das sobancelhas.

– Não quer fazer mesmo isso, não é verdade? – ele sussurrou junto ao seu ouvido, colando o corpo ao dela, sua virilidade roçando em seu ventre.

– Não sei. Depende do que veio fazer aqui.

– Acordei preocupado com você. – Ele falou, a boca ainda colada ao seu ouvido.

– Não estou acostumada com ninguém se preocupando comigo.

– Azar o seu – ele deu de ombros.

– Alguém esteve aqui. – Ela comentou.

– Sim – mordiscou-lhe a orelha – vou ficar aqui para protegê-la.

Raden riu e suspirou quando a língua dele deslizou por seu lóbulo.

– E quem me protege de você, seu malandro?

– Ninguém – ele beijou seu pescoço e foi descendo a boca pelo seu colo.

– A caixa.

– Hum?

– A caixa, Mark – ela o fez erguer o rosto e ele a soltou a contragosto. Estava adorando a brincadeira sensual. – Está aberta. – Ela cruzou o aposento e Mark aproveitou para admirar suas formas esguias, mal cobertas por uma camisa masculina. A voz da ruiva penetrou em sua mente, retirando-o do devaneio. – Alguém entrou aqui e mexeu na caixa que Bharakat me deu.

– Por todos os santos, mulher! – Ele falou, abraçando-a por trás, espichando o pescoço por cima de seu ombro. – Você tem o resgate de um rei aí dentro!

– Foi o pai de Leila quem me deu. – Ela explicou e remexeu nas joias. – Veja, não tiraram nada. Que coisa mais estranha...

– Você deve ter acordado na hora e o gatuno fugiu. – Mark concluiu.

– Sim. Mas quem entrou aqui, sabia exatamente o que procurava, muito embora eu jamais tenha contado a alguém sobre essas joias. Nem mesmo você sabia delas. – Raciocinou. – E essa pessoa tinha a chave da porta. Eu a tranquei. – Ela se virou nos braços dele – A pergunta é: quem é essa pessoa?

– Leila está dormindo, e tampouco tem tendências criminosas. Leandra e Jamal estão na casa deles, e são de absoluta confiança, – ele continuou relacionando os possíveis suspeitos – os outros criados dormem fora da casa, só nos resta...

– Patrus, o esquisito.

Ele concordou.

– Vamos ficar de olho nele.

– Sim.

– E para começar bem nossa missão – ele a empurrou devagar, deitando-a na cama – ficarei aqui, tomando conta de você.

– Certo. – Radegund revirou os olhos. – Tomando conta de mim...

Ele deslizou as mãos pelas pernas dela, e subiu a barra de sua camisa para um pouco além das coxas. Puxou-a pelos joelhos, deixando-a na beira do colchão.

– Hum, hum...

Com um sorriso malicioso baixou a boca sobre o vértice entre suas coxas. Tomada pela surpresa, a ruiva teve que conter um grito quando a língua quente a tocou de uma forma tão íntima, que ela pareceu se esfacelar.

– Parece que gostou de meus cuidados. – Ele fez de novo.

– Mark! Oh, Céus! – Ela afundou as unhas nos lençóis quando sentiu mais uma lambida. Ondas de prazer se avolumaram em seu corpo. Contorceu-se enquanto ele a incendiava.

Mark foi subindo sobre a cama, espalhando uma trilha de beijos deliciosos por todo seu corpo. Tirou-lhe a camisa e esfregou-se preguiçosamente sobre ela, ainda envolto no lençol.

– Vou ensiná-la a se divertir, garota – prometeu, sedutor.

– Esse seu conceito de diversão é muito... estimulante.

As mãos dele passearam carinhosamente pelo corpo dela. Encantava-se ao ver que Raden deixava os modos sombrios de lado. Relaxava mais a cada vez em que partilhavam alguma intimidade, expondo a feminilidade que sempre havia ocultado. Deitando-se ao lado dela, livrou-se do lençol. Manteve-a de costas para si e beijou-lhe os ombros, o pescoço e os cabelos.

– É tão bonita, garota. – Murmurou. – E muito feminina também.
– Hum... O que você quer com esses elogios todos, espertinho?
– Ainda pergunta? – Ele deslizou a mão pelos seus seios, brincando com os mamilos intumescidos. – Pensei que fosse óbvio.

Disposta a dar o troco, Raden desceu a mão por trás de si e tocou-lhe o membro ereto.

– Sim, já notei quais são as suas intenções – ela deslizou a mão devagar ao longo dele. Mark deu um gemido rouco. Ela o provocou. – Está se sentindo bem, *sire*?

A resposta foi um grunhido, e a mão dele se enfiando entre suas pernas.

– Nossa! – Ela arquejou.

– Está se sentindo bem, *madame*? – Ele devolveu

– Nem imagina o quanto...

Ele sentiu a umidade morna nos dedos e afastou-lhe um pouco as pernas, encaixando-se no recanto quente e úmido, puxando-a de encontro ao peito.

– Céus! – ela agarrou a mão que prendia seus quadris, enquanto ele lentamente a penetrava – Isso é...

– Bom? – Ele sussurrou junto ao seu ouvido, avançando mais um pouco.

– Melhor... – ela gemeu arqueando o corpo para trás, o outro braço dele prendendo-a sob a cintura de encontro ao peito largo.

O fato de não se olharem nos olhos e de não se beijarem deixava tudo ainda mais sensual, criava um apelo erótico irresistível. Ele investiu mais fundo e deslizou a língua pela sua nuca. A mão saiu da cintura e foi para um seio.

– É muito bom?

– Mais que isso... Oh! – Ela quase gritou

– Shh, vai acordar a casa inteira assim! – Ele deu uma risada rouca e Raden se arrepiou ao sentir a vibração do riso no pescoço. E pela primeira vez na vida achou bom ser uma mulher.

Naqueles momentos de intimidade, aprendia com Mark que não havia só dominação e humilhação. Podia haver entre um homem e uma mulher respeito, amizade, carinho... e prazer.

Aumentando o ritmo dos movimentos, ele a prendeu firmemente contra si, a pele macia dela o inebriando. O corpo de músculos definidos e firmes, os contornos deliciosos de seus seios, de seus quadris e de sua cintura o estimulando a mergulhar numa crescente onda de prazer.

Era muito bom estar com uma mulher que se equiparava a ele, uma mulher que respeitava e admirava. Uma mulher que não ia para a cama com ele apenas por curiosidade. Ou pela vaidade de contar às amigas no dia seguinte. Radegund era toda instinto, força e poder. Era a essência da mulher, não uma daquelas

figuras apagadas e assustadiças.

Partilhavam o leito porque gostavam, porque era bom para os dois. Não havia entre eles jogos, intrigas, medos. Era bom estarem juntos, tanto quanto era bom tê-la às suas costas numa luta.

Deliciando-se com seus gemidos, ele soltou as rédeas da própria excitação e junto com Raden, chegou ao clímax.

Abraçando-se a ela, Mark deixou que aos poucos sua respiração voltasse ao normal. Acariciou-lhe os cabelos por um bom tempo, em silêncio, até que ambos deslizassem mansamente para um sono tranquilo. No entanto, instantes antes que isso acontecesse, ele se deu conta de que Radegund se tornara a pessoa mais importante em sua vida sempre tão vazia.

Capítulo XIX

“LOGO QUE OS ÓDIOS REBENTAM, TODAS AS RECONCILIAÇÕES ACABARAM”
Diderot

Ragnar cruzou os imponentes portões de Tiro já no fim da tarde. Os archotes começavam a ser acesos pelas ruas, enquanto ele conduzia Viking na direção de casa. Chegara à conclusão de que de nada lhe adiantaria ficar evitando Leila. Seria inevitável encontrá-la. E, afinal de contas, ainda era seu marido. E aquela também passara a ser a sua casa.

Desmontou dentro do pátio e passou as rédeas para um dos cavaleiros. Galgou os degraus de dois em dois e, quando percebeu o que fazia, amaldiçoou a própria ansiedade. Estava com pressa para quê? Recompôs-se e bateu à porta.

Patrus precisou de todo seu autocontrole ao atender o recém-chegado. Diante de seus olhos estava Ragnar Svenson. Empoeirado, cheirando à cavalos e vivo.

– *Messire...* – ainda balbuciou, e ocultou o espanto com uma mesura – seja bem-vindo.

– Boa tarde, Patrus. – Foi direto ao ponto. Não estava com humor para rapapés. – Sua senhora está em casa?

– Estou, meu marido.

A voz de Leila penetrou em sua mente como um punhal afiado. A mágoa voltou a espezinhá-lo. Fez um enorme esforço para reprimir uma imprecação no momento em que ela entrou em seu campo de visão.

Leila estava linda, mesmo naquele traje caseiro de tecido verde-jade. O desejo ameaçou corroer suas entranhas. Fez um esforço sobre humano para ignorá-lo.

– Como vai, Leila?

Os dois ficaram parados durante algum tempo no vestíbulo, o silêncio tenso e o desconforto fazendo o ambiente pesar.

Patrus retirou-se discretamente, baixando os olhos para que a raiva ao ver o norueguês não fosse percebida. Blake falhara de novo. O incompetente! O melhor assassino da Inglaterra, pois sim.

Ragnar tirou as luvas e encarou Leila por trás do elmo.

– Vim me banhar e buscar roupas limpas. Depois irei ao quartel do senescal fazer meu relatório.

– Sim – ela permaneceu de olhos baixos, sem encará-lo. Mas a vontade de se atirar em seus braços era enorme, mesmo ainda estando magoada com a atitude dele na noite em que haviam brigado – Vou mandar Jamal lhe preparar

um banho e seu jantar.

– Dispensou o jantar, – ele passou por ela como se fosse invisível – combinei com Gilchrist e os outros de comermos numa taverna para conversarmos. Não precisa se incomodar comigo.

Leila ergueu o queixo e virou-se para responder a ele, mas Ragnar já havia desaparecido pelo corredor. Deixou-se cair numa cadeira, com um gemido desanimado. Sua vida seria assim agora? Ele entraria em casa, daria ordens e a ignoraria por completo?

Respirando fundo, desistiu de tentar analisar sua situação. Levantou-se e foi direto para o gabinete, isolando-se atrás da porta trancada. Já que Ragnar não iria facilitar as coisas entre eles, ela também não correria atrás dele como uma tola. Sabia que errara. Mas Ragnar também fora muito intransigente; condenara-a sem sequer ouvir suas explicações. Suspirou, resignada. Era melhor evitá-lo, pois só pelo tom de sua voz percebera que estava com o humor péssimo. Céus! Estivera tão apavorada que sequer tivera coragem de erguer o rosto e encará-lo!

Triste, afundou-se no trabalho até a madrugada. No fim das contas, exausta, foi para seu quarto e jogou-se sobre a cama, caindo num sono agitado.

Ragnar reunira-se a Mark, Gilchrist e Radegund numa das tavernas frequentadas pelos habitantes cristãos de Tiro. Taciturno, pouco falara e, quando o fizera, respondera por meio de resmungos apenas ao que lhe era perguntado. Enquanto esperavam pelo jantar, os quatro conversavam sobre os avanços do sultão e as movimentações dos exércitos cristãos. Só Hrolf não fora com eles, preferindo se divertir na casa de Isabella.

Apesar das tentativas de Mark para descontrair o ambiente, o clima entre a ruiva e o norueguês era tenso. Ragnar ainda se ressentia por Radegund haver tomado partido de Leila, apesar de intimamente agradecê-la por tê-lo impedido de agredir a esposa. Logicamente, nem morto aquele turrão admitiria isso!

Mark bufou e tomou outro gole de vinho. Gilchrist tentou puxar assunto, comentando sobre as mais recentes indiscrições cometidas por DeCourtney e Eraclius, mas de nada adiantou. Ragnar e a ruiva apenas se encaravam, e participavam da conversa com monossílabos vagos. Até que Ragnar começou a beber além da conta e a provocá-la deliberadamente com especulações maldosas, disparadas como dardos afiados, a altos brados, para quem as quisessem ouvir.

Isso não vai dar certo, Mark pensou, sorvendo um gole da cerveja.

Radegund mal conseguia esconder a irritação com o comportamento hostil de Ragnar. Tomou mais um gole da bebida e engoliu um palavrão, na tentativa

de ignorar mais uma de suas insinuações. Maldição! Ele já bebera o suficiente para derrubar um regimento inteiro, e se tornava cada vez mais inconveniente em suas observações. Certo. Ele brigara seriamente com Leila, não sem alguma razão. Mas daí a vir lhe encher a paciência, e fazer comentários torpes a seu respeito, era um pouco demais!

Gilchrist e Mark notaram sua contrariedade. O irlandês, tentando apaziguar o clima, segurou seu braço por sobre a mesa.

– Deixe-o, Radegund. Svenson está bêbado.

Ela o encarou, os olhos verdes carregados de raiva.

– Pode estar bêbado, mas sabe muito bem o que diz, Gil. – Olhou para Ragnar que, sentado à sua frente virava mais uma caneca de cerveja.

Sua aparência era péssima. Estava com a barba por fazer há dias, com enormes olheiras, e adotara uma espécie de cavanhaque que o deixava com um aspecto um tanto sinistro. Os cabelos, ao invés de atados como ele sempre usava, estavam soltos e desalinhados, caídos desleixadamente por sobre os ombros e o rosto. *Uma lástima.*

Ele, por sua vez, vendo-se alvo de seu escrutínio, provocou-a de novo.

– Tem visto sua amiga traidora? – Riu de maneira escarninha – Ou anda sem tempo, já que tem que dar conta de seus amantes?

– Svenson, é melhor calar a boca. – Avisou-o.

Ele fechou a cara e bateu a caneca com força sobre a mesa.

– Por que, ruiva? – Provocou – eu vi você nos braços de Bakkar hoje cedo. E ao que tudo indica, esta noite você vai esquentar a cama de Gilchrist!

Mark estreitou os olhos. O irlandês, sempre calmo, levou a mão ao punho da adaga e ergueu-se da cadeira. Radegund segurou o amigo pelo braço. Falou num tom aparentemente calmo, mas a frieza por trás de suas palavras seria suficiente para congelar todo o inferno, observou o mestiço.

– Deixe-o, Gil. O problema é comigo. Não é mesmo? – Olhou para o marido de Leila. – Svenson está com raiva porque não dei as costas a Leila como ele o fez. E está com raiva de si mesmo por ter sido um imbecil.

Ragnar rugiu e inclinou-se sobre a mesa.

– Não devia se meter aonde não foi chamada!

– E eu deveria fazer o quê? Permitir que agredisse sua mulher na minha frente, sem fazer nada? – Apontou o dedo no nariz dele. – Você é um tolo, um idiota arrogante, como qualquer homem! Sequer ouviu o que Leila tinha a dizer. Simplesmente tirou suas conclusões e resolveu aplicar você mesmo sua sentença! Pois fique você sabendo que, no que depender de mim, você não chegará mais perto dela!

Ragnar fervia de ódio. Há muito já passara do ponto em que mediria as

palavras.

– Logo se vê que você e ela são farinha do mesmo saco! – Esbravejou, a voz alterada. – Pois bem, já que não posso chegar perto de Leila, e que é tão amiga dela, você poderia tomar seu lugar em minha cama. Vou precisar de alguém para aquecê-la. – Deu um sorriso escarninho, enquanto olhava significativamente de Mark para Gilchrist. – Acho que você deve ser bem quente, ou não teria esses dois balançando o rabo para você como dois cachorrinhos. – Ergueu a caneca num brinde debochado. – Será que esse fogo de seus cabelos arde também em outros lugares?

A insinuação de Ragnar cravou-se como uma lâmina afiada em Radegund. Marcou-a como ferro em brasa e reabriu velhas feridas. Mas, acima e mais poderosa do que a mágoa, veio a raiva. Como um fogo súbito, suas labaredas a consumiram por dentro. Vozes do passado urraram em seus ouvidos. A sede de vingança dominou seu sangue. Logo, a frieza mortal que precedia as batalhas percorreu suas veias. Como uma onda lambendo a areia da praia, apagou a raiva e todo pensamento racional de sua mente. Tudo o que restou foi o desejo pelo sangue de Ragnar em suas mãos.

– Você não é homem suficiente para mim, Svenson. – Atirou-lhe propositalmente, a voz contida, a pressão subindo a níveis incontrolláveis entre ambos.

O norueguês ficou lívido de cólera. Radegund sorriu, sentindo que o atingira. Seu coração batia furiosamente em antecipação. O ódio fazia o sangue latejar em seus ouvidos. Havia também um prazer mórbido na provocação, uma satisfação que a levava a perder toda cautela. Acima de tudo, havia o fato de que não seria tratada como uma prostituta por homem nenhum; ainda que esse homem fosse um amigo bêbado e em crise conjugal.

Ragnar se ergueu da cadeira bruscamente. Sua estatura dominou o ambiente. A ruiva não se intimidou, levantando-se também, derrubando o banco no chão. Bakkar e Gilchrist postaram-se atrás dela, mas, com uma expressão sinistra, e sem deixar de encarar Ragnar, Radegund ergueu uma das mãos e grunhiu.

– Não se metam vocês dois. Sobrevivi muito bem entre a escória da Terra Santa antes de conhecê-los. – E desafiando abertamente Ragnar, falou. – Tamanho não é competência.

Ragnar, cego de ódio, e com a razão embotada pela bebida, avançou na direção dela que, rápida, chutou a mesa, virando-a sobre ele. Velas, canecas, garrafas, e tudo o mais que ali estava, voaram para o chão.

Gritos, incentivos, apostas e pragas irromperam dentro da taverna. O proprietário começou a xingá-los, e também a se lamentar em altos brados, pelos

prejuízos que teria.

Ragnar atirou a mesa longe. Parou na frente de Radegund, bufando como um touro. Os dois se mediam como cães furiosos, ignorando todo o resto.

– Eu acabo com você, ruiva! – Rugiu, dando um passo na direção dela.

Raden se esquivou do primeiro murro. Ragnar atacou de novo, acertando-a no rosto, jogando-a para trás. Rapidamente conseguiu se reequilibrar, sem ir ao chão. Num gesto lento passou a mão pelo nariz, notando o sangue que escorria dele, quente e pegajoso. A fúria tomou conta do último resquício de razão e tudo o mais sumiu de sua mente. Devagar, voltou o rosto para o norueguês, que estava plantado à sua frente. Seus olhos verdes já totalmente tomados pela cólera.

– Vou matar você, filho da puta! – Rosnou.

Dito isso, deu dois passos à frente. E antes que ele pudesse reagir, imprimiu toda sua força no braço. Numa velocidade espantosa, seu punho fechado atingiu Ragnar sob o queixo. Ele deu um passo para trás, o equilíbrio e os reflexos prejudicados pelo álcool. A ruiva, sem dar trégua, saltou sobre um banco e levou um dos pés à base de seu pescoço, a bota acertando-o com toda a força logo acima do esterno.

Ragnar engasgou com o impacto e caiu de joelhos, sem poder respirar.

Mark e Gilchrist se adiantaram para impedir que os dois se matassem. Radegund foi mais rápida e socou o rosto do norueguês novamente, jogando-o de costas no chão, batendo sua cabeça contra o piso. Antes que Gilchrist conseguisse segurá-la, agarrou uma garrafa e quebrou-a contra uma cadeira. Pulou sobre o corpo de Ragnar e levando o gargalo pontudo e afiado ao pescoço do norueguês.

O silêncio que se fez na taverna foi assustador. A respiração pesada dos dois podia ser ouvida a metros de distância. Todos ficaram paralisados, à espera do desfecho da luta. Era evidente que não se tratava de uma briga comum de taverna e sim, de um acerto de contas. O proprietário recuou, engolindo em seco, esfregando o próprio pescoço. Gilchrist e Mark se viam sem ação, temendo interferir e causar um resultado pior. E no meio de tudo, os dois lutadores apenas se encaravam. Os olhos cinzentos, frios como o aço, desafiaram os verdes, incendiados pela fúria cega.

Ela vai me matar, constatou Ragnar, enquanto tentava respirar direito, sem conseguir revidar ao ataque. E em meio à certeza de que morreria, concluiu que, mesmo inconscientemente, ele provocara Radegund com essa intenção. Pois sabia que, deles quatro, a ruiva era a única que poderia chegar a esse extremo. Com mórbida resignação, percebeu quando as pupilas dela se dilataram mais ainda, e soube que aquele gargalo seria enterrado em sua carne. E ela o fez. Mas não como ele esperava.

O vidro afiado cortou velozmente seu rosto e depois voou longe, caindo com estrépito atrás de sua cabeça.

Num salto, Radegund estava de pé. Tinha a boca contraída, as mãos crispadas e sangue escorria de seu nariz. Trazia também uma das faces roxa e esfolada. Fitou o sangue que escorria do rosto de Ragnar num misto de raiva e incredulidade. Respirou fundo e o encarou, cheia de desprezo.

– Você não vale o trabalho, Sven. – Constatou. – Já está afogado em sua auto piedade; já está morto.

Ato contínuo, cambaleou e deu um passo para trás, como se todo o peso do mundo fosse jogado sobre suas costas de uma só vez. Rápido, Gilchrist a amparou. Com um olhar para Bakkar, o irlandês entendeu que o melhor seria tirá-la logo dali, – antes que os dois se atacassem de novo – e deixar que ele se entendesse com Ragnar. Pegou-a pelo braço e a envolveu com o manto.

– Venha, Radegund. – Chamou. – Vamos embora. Precisa estancar esse sangue.

Ela assentiu calada, pressionando o nariz machucado com uma das mãos. Aceitou com certa relutância o apoio de Gilchrist e deu as costas ao homem ainda caído no chão.

Mark esperou que os dois saíssem e depois olhou para Ragnar. Mas não lhe estendeu a mão.

– Levante-se daí e comporte-se como um homem e não como um rato, Sven. – Sua voz saía baixa e cortante. A custo continha a raiva.

Ragnar ergueu-se devagar. Sua cabeça doía, o corte em sua face estava sangrando e o pescoço ainda latejava no ponto onde o golpe de Raden o atingira. De pé, olhou ao redor. Os fregueses da taverna fitavam-no de soslaio. Alguns pagavam as apostas perdidas por haverem confiado em seu tamanho. Outros sorriam por terem levado a melhor e colocado seus besantes a favor da ruiva.

A cerveja já voltara a correr de mão em mão. As mulheres da noite, como ratos oportunistas, saíram das sombras onde haviam se ocultado e tornaram a circular por entre as mesas caídas e cacos de louças espalhados pelo chão. Tudo, enfim, voltava ao normal, ignorando o drama que até poucos instantes se desenrolara ali. Ignorando o que ele fizera, e o respeito que perdera.

Sentiu-se o mais abjeto dos homens. E também o mais idiota entre todos eles, por ter acreditado em Leila e estragado a amizade com Radegund. E talvez até com Gilchrist e Mark.

– Eu sinto muito. – Balbuciou, falando mais para si mesmo, quando Mark passou ao seu lado.

O mestiço o encarou sem nenhuma simpatia e foi andando em direção a

porta da taverna. Ragnar simplesmente o seguiu.

– Cale a boca, Sven. – Mark esbravejou, parando e sacudindo o dedo em riste diante do amigo – ou eu mesmo termino o que ela começou! O que você fez hoje foi baixo, sujo e mesquinho. Você não ofendeu só a Radegund. Você também me colocou e a Gilchrist no meio de suas especulações sórdidas!

O norueguês também estacou no meio da rua.

– Eu não especulei sobre você e ela Bakkar! Eu os vi, juntos, em sua cama!

– E o que você tem a ver com isso? – Indagou Mark, indignado. – E por que disse aquilo a ela, como se Raden fosse pior do que uma prostituta? Diabos, homem! Vocês são amigos! Ou pelo menos eram.

Ragnar sacudiu a cabeça, lamentando o que fizera.

– Não sei aonde eu estava com a cabeça para dizer aquilo...

– Pois eu lhe digo em *quem* você estava com a cabeça. Em sua mulher! – O outro esbravejou. – Você está com ódio de si mesmo porque não consegue esquecê-la! E sai por aí, ofendendo a todos, despejando sua raiva em quem não tem nada a ver com sua história! – Mark parou a frente dele. Colocou uma das mãos em seu ombro e abrandou a voz. – Sven, meu amigo, seja compreensivo com Leila. Ela é jovem, insegura e passou por maus bocados. Ela não fez por mal. Ela só teve medo de que você...

– Esqueça, Bakkar! – Imediatamente se colocou na defensiva. Não queria saber de Leila, não agora que destruíra preciosos laços por causa dela. – Não tente bancar o advogado de Leila! Ela me enganou e me usou! Eu fui sincero e pedi que ela também o fosse comigo. E o que recebi em troca? Só traição!

Baixou a cabeça e cerrou os punhos ao lado do corpo, sentindo-se derrotado e furioso consigo mesmo, pois a simples lembrança dela fazia seu sangue ferver. Que inferno! Como podia amar tanto e odiar ao mesmo tempo aquela mulher que só o fizera sofrer? Sem mais uma palavra, deu as costas ao mestiço e começou a andar pela rua escura.

– Aonde vai Sven? – Perguntou Mark, apontando o céu turbulento – vai cair uma chuva daquelas!

Ele se voltou, sombrio.

– Vou para o inferno Bakkar, para o inferno.

Gilchrist arrastara uma taciturna Radegund até a casa em que morava, perto do quartel do senescal. Abriu a porta e deixou que ela passasse na frente.

Ela viera calada da taverna até ali, imersa numa espécie de mundo particular onde ele não saberia como entrar. Achara melhor primeiro tratar de seus ferimentos, para depois levá-la a casa de Leila. A jovem esposa de Ragnar já ficaria chocada demais pelo fato da amiga quase ter matado seu marido numa

briga de taverna. Não era necessário que visse o estado lastimável em que se encontrava.

– Sente-se, Radegund. – Ele apontou um banco – vou apanhar algo para beber e um pano úmido para limparmos esse sangue.

Ela assentiu sem uma palavra. Gilchrist suspirou resignado, e passou ao outro aposento.

Olhou por sobre o ombro, tentando captar algum som vindo da sala, enquanto mergulhava um pedaço de tecido numa bacia com água. Era estranho ter a mulher por quem andava suspirando bem debaixo de seu teto e não poder fazer nada a respeito de seus sentimentos. Sentira-se atraído por Radegund desde que a conhecera. Achava mesmo que estivesse apaixonado por ela. Mas não sabia como abordar o assunto. Ela era sempre tão reservada; não sabia nada de sua vida, de suas aspirações. Mesmo Bakkar que, ele tivera certeza nesta mesma noite, andara dormindo com ela, pouco sabia a respeito das origens de Raden.

E a reação dela na taverna, mais cedo, chegara a assustá-lo. Vira nos olhos dela o brilho sombrio da morte. Perguntava-se se seria capaz de penetrar em seu coração e livrá-la do desespero. Sorriu tristemente no cômodo vazio. Sabia que não. Mas, havia uma parte dele que teimava em dizer que não custaria tentar.

Voltou à sala e a encontrou sentada na mesma posição em que a deixara. Os olhos vazios, sem esperança, perdidos em algum ponto além de seu alcance. Entregou-lhe um copo com vinho, que ela segurou, mas não bebeu. Abaixou-se diante dela e começou a limpar cuidadosamente o ferimento. Radegund não esboçou nenhuma reação. Ele respeitou seu silêncio. E ele durou tanto que quase caiu para trás quando ela finalmente falou.

– Tem medo de mim, Gil?

Ela o pegara de surpresa. Como explicar que ele a temia, sim, mas não daquela forma que ela pensava? Como dizer que ele temia sua força, e ao mesmo tempo, se sentia atraído por ela de maneira irresistível?

– Claro que não, – balançou a cabeça e pegou em suas mãos – por que teria?

Ela lhe deu um sorriso triste, suas mãos geladas afagando as dele, quentes. Um elo com o mundo e com a vida.

– Pois deveria ter, meu amigo. Viu hoje do que eu sou capaz.

Gilchrist retrucou com veemência.

– Você não ia matá-lo, Radegund.

– Ia sim. – Espantado com a afirmação tão crua, ele a encarou com atenção. Havia mais alguma coisa ali, suspeitou. O silêncio durou alguns minutos, quebrados apenas pelos sons de trovões a distância, prenúncio da tempestade que logo viria. Quando ela retomou a palavra, sua voz ecoou o sofrimento de muitos

anos. – Fui violentada quando tinha quinze anos – ele reteve o fôlego por alguns segundos, surpreso. Não esperava ouvir algo do gênero, nem que fosse confessado de maneira tão crua e direta. Ela prosseguiu. – Eu era uma menina. O animal... que fez isso comigo... me falou daquele jeito... O fogo... – num gesto significativo, ela passou a mão pelos cabelos, explicando em seguida – por isso eu ainda os cubro, mesmo agora, com todos sabendo que sou uma mulher. Ao mesmo tempo em que não tenho coragem de cortá-los, eu... – deu de ombros – ele falou daquela mesma forma enquanto... – sua voz falhou – quando Ragnar falou aquilo, eu o ouvi novamente; sua voz... ele veio de novo do passado, para me atormentar.

– Por Deus, Radegund! – Ele tirou o copo intocado de suas mãos e afagou-as. Pela primeira vez ela pareceu vê-lo de verdade. – Eu sinto muito.

Num gesto lento, ela balançou cabeça, como se negasse a si mesma aquele conforto.

– Não tenha pena de mim, Gil. Não faça isso comigo, não me reduza a alguém digna de piedade, porque eu não sou.

– Não estou lhe oferecendo piedade, minha cara. – Num impulso, abraçou-a com suavidade. – Estou oferecendo a você meu apoio e minha amizade.

E ainda que não tivesse forças para retribuir o abraço, Radegund se deixou ficar ali. Não soube dizer se era o calor de outro ser humano, ou seu próprio cansaço, que a levava a continuar abrindo sua alma para o irlandês.

– O bastardo... – retomou o assunto com voz sumida, como se falar aliviasse de alguma forma seu fardo – eu o matei. Da forma mais dolorosa possível. E depois, fugi e me tornei o que sou; – afastou-se bruscamente e o encarou, muito séria – jure que jamais contará a ninguém.

– Mas...

– Jure! – Gritou, mas depois suavizou a voz – por favor...

Gilchrist capitulou e assentiu. Depois de alguns instantes de silêncio, acabou por tomar coragem para confessar o que sentia.

– Está certo, eu jurarei. Não porque me pediu, mas porque sei que isso tudo que me contou a faz sofrer. E também porque a respeito e gosto de você. – Tocou sua face e a fez erguer o rosto. – Entende o que eu quero dizer, Radegund? Eu a quero. Como uma mulher, não só como uma amiga. Eu acho que... me apaixonei por você.

Com suavidade, ele colou os lábios nos dela e a beijou longamente, aquecendo sua boca com a dele, tentando vencer sua resistência com gentileza. Ela correspondeu hesitante, querendo se sentir viva de alguma forma. Mas não podia usar Gilchrist e seus sentimentos daquele jeito. Não seria honesto. Não seria justo.

Por alguns instantes, Gilchrist ousou ter esperanças. E então, Radegund se afastou dele bruscamente.

– Não faça isso, – ela pediu num fio de voz, querendo sair correndo dali – não se apaixone por mim. Eu não tenho um coração para lhe dar. – Sacudiu a cabeça, como se não possuísse o direito de estar ali. – Como você pode gostar de mim, se nem mesmo eu gosto do que sou?

– Não diga isso, Radegund! – Ele se levantou, irritado. – Você é uma das melhores pessoas que conheço! É uma mulher incrível, encantadora. Você é forte e tem um coração corajoso. Por favor, não se subestime deste modo.

Radegund fitou-o com pesar e também se ergueu.

– Você merece coisa melhor, Gilchrist, – aproximou-se e tocou-lhe o rosto, afastando o tapa-olho que ocultava a íris de outra cor – você merece uma mulher doce e serena que cure suas feridas. Que o ajude a cuidar de suas terras e lhe dê muitos filhos. Você merece alguém que não tenha um passado tão sombrio que não consegue sequer encará-lo de frente. Eu só lhe traria infelicidade, Gil. Eu só tenho amargura e tristeza dentro de mim.

Ele franziu o cenho e lançou uma última cartada.

– E Bakkar? Você e ele...?

– Não me peça para explicar algo que nem eu entendo, – esboçou um sorriso triste, cansado – acho que somos tão parecidos, eu e ele, que acabamos nos atraindo. Mas eu não estou apaixonada por ele. Nem ele por mim.

– Vocês são amantes. – Ele afirmou, sem rancor.

– Eventualmente.

Gil achou aquela afirmação no mínimo curiosa, mas conformou-se. Ao menos havia tentado. Ainda assim gostava muito dela. E num impulso que nem mesmo ele saberia explicar, retirou a correntinha que trazia no pescoço. Fez correr dela para a palma de sua mão um anel de prata, que mostrou a Raden.

– Pois bem, já que me dispensou de forma tão gentil, ainda que definitiva, – ela sorriu timidamente – permita-me lhe oferecer minha eterna amizade?

Emocionada com a compreensão dele, assentiu concordando. Gilchrist tomou sua mão e colocou o anel em seu dedo.

– Isto é um presente, – ele mostrou o símbolo gravado na prata – e este desenho é um *triskle*. Foi de minha mãe e quero que fique com ele.

– Gil! Não posso aceitar! – Ela retrucou, tirando a joia do dedo. Ele a impediu.

– Ouça-me primeiro. Na crença antiga de minha terra, *triskle* representava a Deusa; as três faces dela. Também representava as três forças da mulher; a intuição, a ternura e a beleza. – Tocou o relevo do anel e prosseguiu explicando. – Ele dá proteção a quem o usa, e não consigo pensar em ninguém que precise

mais desta proteção do que você.

– Isso deveria ser dado à mulher com quem você vier a se casar, não a mim.
– Ela ainda argumentou.

– Radegund, minha mãe foi uma grande sacerdotisa, uma das últimas de seu povo, antes que a Cruz sufocasse totalmente a velha religião. – Seus olhos brilharam de saudade. – Ela me deu esse anel para me proteger, e eu o estou dando a você como sinal de minha amizade. Se um dia precisar de mim, se estiver em dificuldades, não importa aonde esteja, faça com que o *triskle* chegue às minhas mãos e eu ajudarei você.

– Por que, Gilchrist?

– Porque minha intuição me diz que você precisará dele muito mais do que eu.

Por muito tempo ela olhou o anel e seu símbolo entrelaçado. Depois, ergueu os olhos e depositou um beijo suave nos lábios dele.

– Obrigada. Jamais esquecerei seu gesto.

Sem mais nenhuma palavra, pegou o manto e saiu para a chuva que começava a cair lá fora, deixando Gilchrist parado no meio da sala.

A tempestade que desabava sobre Tiro, com seus trovões e relâmpagos, fazia eco ao tumulto interior de Leila. Insone, revirando na cama, olhou para a porta fechada da varanda. Teve um súbito desejo de abri-la e deixar que a chuva e o vento entrassem em seu quarto, apagando os pensamentos de sua mente, varrendo Ragnar de suas lembranças. Antes que desse conta dos próprios atos, foi isso que fez. E no momento em que afastou as folhas de madeira, um relâmpago iluminou a enorme sombra postada do lado de fora.

Céus! Como ele havia chegado até ali?!

Assustada, deu um passo para trás e a sombra avançou em silêncio. Quando outro raio brilhou no céu, dois olhos cinzentos faiscaram em sua direção. Foi como se o próprio demônio viesse reclamar sua alma. Sentiu o coração congelar dentro do peito e começou a tremer, completamente apavorada com a expressão nos olhos de seu marido.

– Você é uma maldição, Leila... – ele grunhiu – você se entranhou em minha pele e em meu sangue, como um veneno!

Sua aparência era deplorável. Ela não o observara direito quando ele chegara em casa, à tarde. Mal o olhara naquele momento, e ele ainda estava vestindo o elmo. Mas agora que podia vê-lo de perto...

Os cabelos louros, escurecidos pela umidade, desciam soltos junto ao rosto e sobre os ombros. Um corte feio e muito recente marcava sua face esquerda e, ao bigode, ele juntara um cavanhaque, que o deixara com um ar ainda mais

sinistro e mortal.

O rosto de Ragnar, sob a luz fugaz dos relâmpagos, era uma máscara de cólera. Seus olhos, de um brilho metálico, faziam-na tremer de medo e apreensão. Ele era outra pessoa, totalmente diferente do homem que conhecera em Jerusalém. Do homem com quem havia se casado. Lembrou-se mais uma vez do aviso de Raden, sobre ele ser um predador, sobre ela ser incapaz de suportar a força de suas paixões. E de sua fúria.

Leila engoliu em seco, deu outro passo para trás e esbarrou num móvel. Ele continuou falando, como se para si mesmo.

– Estou andando há horas, debaixo dessa chuva infernal, tentando aplacar o calor que me consome, – ele balançou a cabeça – e nada é capaz de debelar esse fogo, essa chama. Esses dias todos, e você permanece na minha cabeça, no meu pensamento. Seu corpo, seu cheiro... Você é meu tormento, Leila. Minha perdição. – Ele chutou uma banquetta longe e avançou na direção dela, que andou para trás apavorada. – Por mais que eu me afogue em cântaros e mais cântaros de cerveja, por mais que eu lute e me meta em dezenas de brigas em tavernas, – ele a encurralou num canto – você ainda está lá, tomando conta da minha mente e do meu espírito.

Leila ergueu a cabeça e olhou nos olhos dele, implorando.

– Vá embora, Ragnar. Não temos mais nada a dizer um ao outro. Você já despejou toda sua amargura sobre mim. Não quero mais sofrer por sua causa! – Ele não fez caso de sua reclamação. Puxou-a sem gentileza alguma. O odor de cerveja atingiu-a em cheio. – Você está bêbado! – Reclamou, tentando se libertar.

Ragnar gargalhou de forma diabólica, assustando-a ainda mais.

– Meu Deus! Como eu queria que isso fosse verdade! – Ele chegou mais perto, os olhos gelados percorrendo seu corpo com volúpia. – Com os diabos, mulher! Você não quer mais sofrer? E eu?! Eu destruí minha amizade com Radegund hoje. Sem falar em Mark e Gil. E tudo por *sua causa*! E ainda agora, queria mesmo estar completamente bêbado, só para não sentir nada. Só para não me apanhar pensando em você o tempo todo, todos os dias; desejando-a a cada minuto, mulher dos infernos! – Ele acabou sacudindo-a pelos punhos e, com violência, desceu a boca sobre a dela.

Leila não estava preparada para aquele beijo. Um beijo onde Ragnar colocava toda sua raiva e toda a sua paixão, atropelando seus sentimentos, tomando sem pedir licença. Tentou se afastar dele, sem sucesso. Seus braços a prendiam, praticamente a erguendo do chão. Sem equilíbrio, agarrou-se à frente da túnica molhada, sentindo suas próprias roupas se encharcarem em contato com as dele, ensopadas pela chuva.

Os lábios frios forçaram os dela a se abrirem por completo, exigindo mais.

A língua penetrou em sua boca, digladiando-se com a sua, incendiando-a completamente. A barba arranhou sua pele e uma das mãos correu sob sua nuca, segurando-lhe os cabelos, obrigando-a a inclinar a cabeça para trás, submetendo-a totalmente ao desejo exigente. O contraste da pele dele, resfriada pela chuva e pelo vento, com a sua, totalmente aquecida, a fez se arrepiar dos pés à cabeça.

Sentiu-se miserável ao perceber que a própria necessidade ameaçava sobrepujar a raiva, o ressentimento, as acusações. Não estava certo, pensou. Ragnar estava ali movido pelo rancor, acreditando que ela era a mais calculista das mulheres. Sem que pudesse contê-las, as lágrimas afloraram aos seus olhos. Pressionando-a contra a parede, ele se afastou apenas o suficiente para grunhir.

– Tenho que estar dentro de você hoje, agora. – Ele viu seu rosto molhado de lágrimas e desdenhou. – E pouco me importo com seu choro! Talvez, tendo-a mais uma vez, eu possa tirá-la definitivamente da minha cabeça.

Ela se debateu, tentando se livrar das mãos que a prendiam como garras. Não ia deixá-lo fazer aquilo com ela. Não permitiria que Ragnar a usasse. Nunca!

– Não se atreva! Solte-me, Ragnar! Eu não o quero!

– Essa é mais uma de suas mentiras! – Ele a olhou e deslizou a língua sobre pele sensível, atrás de sua orelha. Seus mamilos se intumesceram contra sua vontade. – Seu corpo reage ao meu toque, Leila... – a mão calejada deslizou por seus seios, sobre a roupa úmida que se grudava na pele, provocando-a, encurralando-a dentro de suas próprias emoções conflitantes.

– Deixe-me! – ela o empurrou, conseguindo que ele se afastasse um pouco. E quando pensou que ele fosse recuar e desistir daquela loucura, Ragnar encarou-a impiedoso e ordenou, apontando a camisola molhada.

– Tire a roupa.

– Não, nunca! – Rebateu desesperada. – Saia daqui, agora!

Ele franziu o cenho, ameaçador.

– Tire! – Ordenou. – Você é minha mulher! Tire agora!

– Vá embora daqui! Eu o odeio! – Ela gritou e, fora de si, o estapeou.

Com um rugido furioso, Ragnar agarrou o fino tecido e rasgou-o de cima a baixo, expondo o corpo de Leila aos seus olhos sedentos, e rancorosos. Em seguida, agarrou-a pelos quadris, erguendo-a e prensando-a contra a parede e colou-se a ela, beijando-a com mais fúria ainda.

O contato íntimo entre seus corpos fez Leila titubear. Ele a beijava e pressionava o membro rígido, preso pelas roupas, contra seu sexo exposto. As coxas abertas em torno da cintura dele, e as mãos grandes crispadas em suas nádegas, a fizeram sentir-se excitada e suja ao mesmo tempo. Não era possível querê-lo tanto assim! Como era capaz, se ele a ameaçava e humilhava daquela

forma?

Ragnar acabou de arrancar os farrapos da camisola e, sem mais nenhum vestígio de razão, soltou as próprias calças. Leila enfiou as unhas em seu peito, tentou afastar-se dele. Lutou e quis fechar as pernas, mas ele, muito maior e mais forte do que ela, as segurou, mantendo-as abertas. Ato contínuo, mergulhou de uma só vez dentro dela, impulsionando-se para o interior da mulher que o torturava dia e noite, em seus pensamentos e sonhos.

Sem conseguir dominar a reação física àquela invasão, Leila sentiu-se arquejar de encontro à boca de Ragnar, que investia furiosamente dentro de seu corpo, fazendo suas costas se chocarem contra a parede. Ele a pressionou ainda mais contra si, aprofundando-se nela, roçando sua pelve na dela, fazendo-a arder e pulsar em torno de sua virilidade, mesmo contra todo e qualquer pensamento racional, contra toda a lógica. Contra toda raiva que minava aquele casamento.

Enquanto a tempestade arrasava tudo lá fora, o clímax veio tão intenso, tão arrebatador para ambos, que Ragnar simplesmente a trouxe junto a si e jogou-se com ela sobre a cama. E quando Leila virou-se e tentou fugir dele, seus braços a envolveram como duas tenazes. Ele se moldou contra suas costas e falou.

– Você fica aqui. Ainda não terminamos.

Exaustos, acabaram adormecendo, envoltos em estranhos sonhos e sensações.

Mark acabou de beber o vinho e ficou olhando o copo vazio em sua mão, enquanto o barulho da chuva enchia o aposento de um tamborilar ritmado e incessante. Fitou a porta fechada com o cenho franzido. Estava preocupado com Raden.

Se tivesse certeza de que ela passaria a noite na cama de Gilchrist, poderia dormir tranquilo. Porém, alguma coisa lhe dizia que ela estava precisando de ajuda. Onde ela estava? Outro relâmpago cortou a escuridão do quarto.

Já olhara duas vezes em seus aposentos, mas ela ainda não havia chegado. E a apreensão que ele sentia só aumentava. Onde diabos estaria Radegund enquanto os céus desabavam sobre Tiro? A porta se abrindo e batendo em seguida, dando passagem à figura soturna que ele conhecera meses atrás, respondeu à sua questão.

Com exceção dos cabelos vermelhos descobertos, ela havia voltado a ser aquela criatura das sombras, como Ragnar a classificara. A fisionomia fechada, os olhos perdidos. Parecia alguém à beira de um precipício.

A luz dos relâmpagos a iluminou, como naquela noite, na praia. Raden caminhou em sua direção, as roupas encharcadas, os lábios pálidos e trêmulos de frio, os cabelos gotejantes caindo sobre o rosto machucado, afogada em

desespero.

Ele largou o copo sobre uma mesa e foi ao seu encontro, cruzando o quarto em duas largas passadas.

– O que houve?

Ela o agarrou pela frente da túnica; as mãos geladas, as unhas azuladas pela chuva e pela friagem da noite.

– Pelo amor de Deus, me faça esquecer! – Seus olhos estavam anuviados por uma dor profunda, que parecia consumir toda a vida dela.

Ele afagou seus cabelos, como faria a uma criança, olhando-a nos olhos.

– O quê, garota?

Como explicar a ele, se nem mesmo ela sabia? Como contar a Mark do fogo que a consumia por dentro? Como falar da sede de sangue, da selvageria que habitava dentro dela; da fome de vingança, e da covardia por jamais tê-la saciado? Como contar a Mark que estivera andando sobre as muralhas, desafiando a força do vento e da tempestade, amaldiçoando a própria existência, sem coragem suficiente para se atirar nas pedras lá embaixo, onde as ondas do mar se quebravam?

– Não me deixe lembrar... – suplicou, sacudindo a cabeça, retorcendo à frente da túnica dele com as mãos geladas – não permita que os fantasmas fiquem aqui esta noite! – Ergueu novamente o olhar, seus dedos parando sobre o tecido, a voz saindo num sussurro estrangulado. – Não deixe que eles levem minha alma!

Angustiado, ele a abraçou.

– Radegund...

– Livre-me deles, Mark. – Implorou. – Por favor.

Não foi preciso mais nenhuma palavra entre eles. Suas bocas simplesmente se encontraram. Seus lábios esmagaram os dela, igualando sua angústia àquele desespero. Puxou-a pelos ombros e apertou-a de encontro a si. Lutando contra todos os demônios pela alma de Radegund.

Sua boca exigiu que a dela se abrisse, e sua mente implorou que permitisse a ele lançar uma réstia de luz nas sombras de seu coração. Seus braços a envolveram, passeando por suas costas, agarrando o tecido molhado de seu manto. Medo, fúria, instinto. Tudo desaguou ali.

Ela puxou sua túnica pela cabeça, rompendo as costuras do tecido. Ele arrancou seu manto encharcado, que voou longe.

Raden deu um passo para trás, e puxou desajeitadamente a própria túnica. Mark rasgou sua camisa de baixo.

Recuando, ela tropeçou numa mesa, derrubando-a no chão. Os trovões abafaram o ruído, e eles pouco se importaram.

Mark soltou-lhe os laços da calça. Ela lhe arrancou a camisa, colando-se a pele quente, deslizando as mãos para o cóis da calça dele.

Ele chutou o tapete que se enroscava em seus pés. E ela o puxou de volta para si. Tudo com pressa. Tudo rápido. Como se o mundo fosse acabar ali.

Os dois se atracaram novamente e acabaram caindo no chão, numa confusão de braços e pernas embolados. Ele puxando suas botas ensopadas, ela tentando se livrar das próprias calças.

Depois do que pareceu uma eternidade, conseguiram se desfazer de todas aquelas peças, que jaziam atiradas por todo o aposento.

E como numa luta, rolaram pelo chão, ele dentro dela, ela sobre ele. Os beijos e os gemidos cada vez mais intensos, mais enlouquecidos. Mais violentos que a própria tempestade lá fora. Como duas forças da natureza se chocando.

Uma bandeja tombou no chão quando o braço de um deles a acertou. Mark rolou novamente sobre ela, atingindo uma das cadeiras, que virou com as pernas para cima. Totalmente ignorada.

O mar revolto explodia contra as muralhas de Tiro. Os trovões faziam vidros e candelabros vibrarem dentro do quarto. No entanto, a tempestade emocional que se abatera sobre os dois era mais intensa, como um dilúvio, arrastando tudo o que havia pela frente.

Ele afundou mais ainda em seu corpo. Ela gritou, exigindo mais, implorando por esquecer. Tinha que esquecer!

– Garota, vai nos matar assim! – Ele arquejou.

– Eu quero morrer, Mark! Não entende? – Ela o agarrou pelos cabelos, olhando nos seus olhos. – Eu quero morrer!

Ele a pressionou contra o chão.

– Não! Você não quer! – Beijou-a furioso, investindo dentro dela. Ninguém tinha o direito de desejar a própria morte. – Você quer viver, Radegund! – Ele impulsionou novamente o corpo para frente e afirmou. – Você vai viver, lembra? É o que fazemos de melhor. Sobreviver.

Radegund passou um dos braços em torno dos ombros dele, e o envolveu com as pernas. A outra mão, num espasmo, agarrou-se ao tecido das cortinas, que acabaram vindo abaixo, com o suporte e tudo. Ele apenas os fez rolar para longe deles. Ofegantes, suados, os dois prosseguiram naquela espécie de guerra entre a vida e a morte.

Mark apoiou as duas mãos no chão e foi o mais fundo que podia nela, pedindo só mais uma chance para livrá-la das sombras que ameaçavam engoli-la de vez.

O fim veio para os dois como um terremoto, exaurindo suas forças. Deixando-os vazios, acabados. Feridos e ociosos.

Além do esquecimento.

Mesclado à chuva e aos trovões, havia o som das respirações entrecortadas se misturando. Ao redor deles, o quarto semidestruído espelhava o caos de suas almas.

Mark saiu de cima dela e a trouxe junto num abraço. Ofegante, ela se aninhou de encontro ao seu corpo. Tateando no escuro, ele pegou a manta de cima da cama e jogou sobre os dois.

Então, a guerreira escondeu o rosto em seu peito e chorou.

Capítulo XX

“O MAL QUE FAZEMOS NÃO NOS SUSCITA TANTAS PERSEGUIÇÕES E ÓDIO COMO AS
NOSSAS BOAS QUALIDADES”

La Rochefoucault

Radegund ergueu o corpo e, com cuidado, escorregou para longe dos braços de Mark al-Bakkar. Sem se importar com a própria nudez, caminhou até a janela. Olhou para além da vidraça e notou que a chuva havia passado. Em silêncio, para não acordá-lo, pôs-se a recolher o que sobrara de suas roupas, espalhadas pelo quarto revirado. Lançou mais um olhar para o homem adormecido no chão.

Hora de partir.

A escuridão novamente a envolvia; tomava conta dela e de tudo ao seu redor. Sufocava-a. Pensou se não estava no momento de voltar para sua terra e cobrar uma velha dívida. Não. Ainda não estava pronta. Crispou as mãos ao longo do corpo, sentindo-se pequena e amarga. *Covarde!*

Olhou de novo para o amigo e amante. Tão parecido com ela, e tão diferente. Ele tentara salvá-la. E até mesmo ele fora incapaz de afugentar os fantasmas.

Ela estivera a um passo de matar Ragnar na noite passada, movida pelo ódio que fermentava dentro de sua alma. Melhor que fosse embora antes que tirasse a vida de alguém que amava.

Amar? Rejeitou o pensamento. Não, no máximo gostar. Ela não era capaz de amar ninguém. Nem a si mesma. *Adeus, meu amigo.*

Raden caminhou em direção a porta do aposento. Saiu sem olhar para trás e foi até seu quarto. Vestiu-se para viajar, apanhou as armas, cobriu os cabelos, arrumou os alforjes e vestiu o velho albornoz. Da caixa que Bharakat lhe dera, tirou duas gemas apenas. O suficiente para conseguir teto e comida por um bom tempo. O belo rubi, no entanto, permaneceu lá dentro, repousando sobre o leito de veludo.

Saindo do aposento, voltou ao quarto de Mark e colocou a caixa ao lado dele. Um pequeno presente, diante de toda a amizade que ele lhe dera. Em seguida, foi ao gabinete de Leila e redigiu uma breve mensagem de adeus a todos. Silenciosa, saiu pela porta dos fundos e desapareceu nas sombras.

Não viu os olhos maldosos que a observavam, e nem as mãos frias que pegavam o bilhete deixado sobre a mesa.

Patrus desdobrou a mensagem e decifrou as palavras escritas de forma rápida e descuidada. Naquela hora, abençoou o velho marido de Sophia que o ensinara a língua dos francos.

A mensagem era clara e objetiva, como a mulher que a escrevera.

*“Leila,
Estou partindo. Obrigada por tudo. Passarei no quartel do senescal para avisar Ibelin.
Desculpe-me por quase ter matado seu marido. Acredite, ele ainda a ama.
Diga a Bakkar que ele tentou. E a Gilchrist que eu o agradeço mais uma vez.
Adeus.
Radegund. ”*

A vontade de Patrus naquele momento era gritar de alegria. Porém, enquanto estivesse viva, a mulher ainda seria uma ameaça aos seus planos de destruir Leila. Com os olhos brilhando de maldade, resolveu fazer uso de um expediente mais velho do que o tempo. A intriga.

Vestindo um manto escuro, certificou-se de que todos dormiam e saiu da casa. Pegando um dos cavalos do estábulo, galopou para a comendadoria templária.

Sabia que o Arcebispo, bem como o comandante da Ordem, daria um braço para derrubar a protegida de Ibelin. E de quebra, atingir também o poder de Conrad de Montferrat, o nome mais cotado para ocupar o lugar de Guy de Lousignan, que fora capturado por Saladino em Hattin.

Enquanto o dia clareava, Patrus retornava satisfeito, pronto para iniciar suas atividades corriqueiras.

Ragnar acordou sentindo uma gigantesca dor de cabeça. Além disso, seu pescoço doía, a face cortada ardia e parecia que havia alguém sentado em seu peito, dificultando sua respiração. Tentou inspirar fundo e não conseguiu. Remexeu-se, e sentiu a lâmina afiada encostar-se em sua garganta.

– Abra os olhos, sei que acordou.

Muito bom, Svenson. Agora ao invés de apenas uma, duas mulheres querem matar você.

Abriu os olhos devagar. Deparou-se com Leila sentada sobre seu peito, vestida com um delicado robe. Sem nenhum traço de hesitação no rosto contraído, ela o ameaçava com sua própria adaga.

– Tire isso do meu pescoço, Leila.

– Cale a boca! – Ela falou entre os dentes apertados, a voz soando muito diferente daquela que ele estava habituado a ouvir. – Porque eu estou com uma enorme dificuldade em controlar a vontade de cortar seu pescoço.

Ragnar engoliu em seco, dando-se conta de sua delicada situação. O que julgara ser apenas uma bravata era, na verdade, algo muito mais perigoso, que

ele mesmo despertara na noite passada. Pareceu a ele estar vendo Leila pela primeira vez. A jovem delicada era agora uma mulher. E a fragilidade cedera lugar à determinação. E à fúria.

Lembrou-se vagamente da noite anterior. Bebera demais, brigara com Raden, ameaçara e violentara a própria esposa.

Animal, ele se acusou, sentindo um gosto amargo na boca.

– Você vai ficar de boca fechada – ela começou a falar, estreitando os belos olhos cor-de-mel – e vai escutar cada palavra que eu lhe disser. E se você se mexer, eu mato você. Depois do que me fez ontem à noite, já não tenho muito bons sentimentos em relação a você, senhor meu marido. Nesse exato momento tudo o que eu sinto é raiva e revolta.

Ele não respondeu, só tentou mover o braço em direção à lâmina, mas Leila a pressionou com mais força, fazendo escorrer um filete de sangue de seu pescoço. Ragnar sentiu que ela falava sério. A raiva também lhe subiu à cabeça, tornando-o imprudente. Desafiou-a.

– Se não vai me matar, não me ameace, mulher.

Leila apertou o cabo da arma.

– Você me condenou sem me ouvir, ameaçou me bater naquela noite, e ontem você me forçou! Acha que não tenho motivos suficientes para enterrar essa lâmina em seu coração? – Ela gritou.

– Pois faça-o de uma vez! – Ele a enfrentou. – Termine o que sua amiga começou! – Ela não entendeu suas últimas palavras, e nem fez questão de fazê-lo. Estava com tanto ódio dele, tão magoada, que ergueu a lâmina e olhou nos olhos claros. Sua mão tremia. Apertou a adaga com tanta força, que o cabo chegou a ferir sua pele. – Vamos, Leila! – Provocou, a voz baixa, os olhos gelados fixos nos dela. – Mate-me. Vingue-se.

A adaga desceu como um raio, passou ao lado de sua face, e cravou-se no colchão macio bem ao lado de sua orelha.

Ele soltou o ar que havia retido. E Leila ficou ali, parada sobre ele, agarrada à arma.

Depois de alguns instantes de perplexidade, Ragnar, com toda gentileza, soltou sua mão do punho da adaga e a fez erguer o rosto em sua direção.

– Eu o odeio Ragnar Svenson! – Ela gritou entre as lágrimas que corriam abundantes.

Ele rolou sobre o corpo dela, prendendo-a de encontro ao colchão.

– E eu amo você, Leila.

Devagar, baixou o rosto em direção ao dela, que o virou para o lado, escapando de seu beijo, debatendo-se e lutando contra ele.

Com carinho, ele a trouxe de volta. Beijou-a devagar, testando-a, vencendo

sua resistência pouco a pouco.

Beijou-a longamente. Um beijo de arrependimento, de perdão. Talvez de reencontro. Pressionou-lhe os lábios mais um pouco e ela os entreabriu, permitindo que ele tornasse o beijo mais profundo. Acariciou-lhe o interior da boca com cuidado e delicadeza. Sua língua envolvendo a dela, tateando, experimentando. Beijou-a como se assim pudesse apagar as lembranças da violência com que a tomara na noite anterior.

Leila soluçou de encontro aos seus lábios. Ragnar ergueu o rosto, secando suas lágrimas com as pontas dos dedos. E repetiu

– Eu amo você, Leila.

– Não! – Ela gemeu.

– Sim. – Sua voz soou cansada. – Apesar de tudo, apesar das brigas, apesar do que fizemos um ao outro. – Houve uma longa pausa. – Me perdoe.

Ele acariciou sua face e os soluços se tornaram mais sentidos ainda. Agora já não era mais possível para Leila esconder as emoções. Não era mais possível fingir que não o amava, apesar de tudo o que acontecera.

– Desculpe-me por não ter contado. – Murmurou, já não se importando mais em pedir, em se expor. – Sei que errei. Mas tive medo... de que não quisesse se casar comigo.

– E por que quis se casar? – Ele teve que perguntar. Todas as dúvidas teriam que ser expostas ali, por piores que fossem. Ou suas vidas seriam um mar de brigas sem fim. – Por causa da ordem? De sua casa e de sua herança? Ou por mim?

Leila o encarou, o olhar triste, a voz amarga.

– Como pode duvidar? – Ela balançou a cabeça e baixou os olhos. – Se tivesse me ouvido naquele dia, se tivesse me dado a chance de explicar, saberia que tudo o que eu tenho nada importa diante de você! Se tivesse me deixado explicar, teria visto o documento que fiz antes de nosso casamento.

Ragnar sentiu o próprio corpo se contrair.

– Que documento, Leila?

– Levante-se e venha comigo ao gabinete. Vou mostrá-lo a você.

Ele fez o que ela pediu e ajudou-a a se erguer da cama. Ajeitou as roupas amarrotadas e apanhou um robe, cobrindo os ombros da mulher. Leila manteve os olhos baixos, apesar do modo gentil como ele a tocava. Sem trocar nenhuma palavra, saíram pelo corredor, ainda deserto àquela hora da manhã.

Leila entrou no gabinete e ele a seguiu, fechando a porta atrás de si. Ainda em silêncio, ela remexeu numa gaveta e de lá retirou uma pasta de couro. Abriu-a e separou duas folhas de pergaminho, uma escrita em árabe e outra em latim. Passou a segunda para o marido.

- Está na sua língua. Sabe ler?
- Sim, – ele pegou a folha – o que é isso?
- Leia.

Ele se sentou e começou a ler, enquanto ela se voltava para a janela, rezando para que aquilo esclarecesse de vez o fato de que não quisera ficar em Tiro por causa de sua fortuna e do conforto que possuía, como ele a acusara. Com aquele documento, redigido e selado antes que ela aceitasse se casar com ele, Ragnar saberia que ela ficara ali única e exclusivamente por causa dele.

Os minutos foram passando. A apreensão tomou conta de Leila. Ragnar permanecia silencioso atrás dela. Quando já estava decidida a se voltar e perguntar alguma coisa, sentiu a mão grande tocar suavemente seu ombro.

Ela se voltou. E viu os olhos do marido cheios de tristeza. E amor.

– Tanto... por nada. – Uma lágrima solitária escorreu dos olhos límpidos. Prosseguiu com a voz embargada. – Quase nos destruímos. E apenas algumas palavras teriam sido suficientes. Minhas, suas... nós dois deixamos de dizer o que precisava ser dito, pequenina. – Tocou o rosto da esposa com as pontas dos dedos. – Por que fez isso, Leila? Por que doou tudo o que tinha para mim? Sabe que eu apenas seria o administrador de seus bens se nos casássemos; por que passou para meu nome tudo o que era seu? Se não nos casássemos, você não ficaria com nada! Por quê?

Ela ergueu os olhos e também tocou a face dele com as pontas dos dedos trêmulos.

– Porque essa fortuna de nada me adiantaria se eu não tivesse você. – Explicou. – Se eu não tivesse me casado com você, teria ido embora para Damasco, procurar Kadhija.

– E deixaria tudo o que lhe pertence para trás? – Perguntou espantado.

– De que me serviria esta casa enorme, – ela deu de ombros – se você não estivesse aqui para partilhar comigo os meus dias? De que me serviria o luxo, as sedas e as joias? De nada Ragnar, de nada... – ela fez uma pausa e depois falou baixinho. – Eu menti... – ele franziu o cenho – eu menti quando disse ainda há pouco que o odiava. Eu estava magoada, revoltada... – suspirou e sacudiu a cabeça, como se tentasse entender os próprios sentimentos contraditórios – ainda me sinto assim. Mas tenho que confessar a verdade. – Fitou-o corajosamente nos olhos. – Eu o amo, Ragnar.

Ragnar sustentou o olhar da esposa e foi se aproximando devagar, como se quisesse chegar perto de um pássaro assustado. Estendeu os braços para ela e a trouxe com suavidade para junto de si.

– Leila, Leila... o que eu faço com você? O que eu faço conosco? – Ele a afastou um pouco para poder olhar em seus olhos. – Perdoe-me pelo que fiz a

você ontem. Eu errei; desonrei a mim mesmo e a você, – implorou mais uma vez – perdoe-me. Eu estava louco por ter deixado você; totalmente embriagado... até brigar com Radegund, eu briguei. E naquela noite, eu...

– Shh... – ela tocou seus lábios com as pontas dos dedos, silenciando-o. Decidira perdoá-lo, e com o tempo, a decisão se firmaria em seu coração. Não era preciso justificativas. – Vamos deixar este passado enterrado, meu marido. Eu também errei em omitir a verdade, em não ser sincera com você. – Confessou. – Podemos recomeçar, aqui e agora. Podemos dar mais uma chance a nós dois.

Ragnar sorriu de puro alívio. Afagou seus cabelos, abraçando-a com força.

– Sim, minha esposa. É o que faremos.

Mark acordou e esticou o braço para o lado, procurando por Radegund. Nada. Abriu os olhos e sentiu o peito se oprimir ao ver a caixa de sândalo ao seu lado. *Não, garota... você não pode ter feito isso consigo mesma. Não pode ter fugido.*

Entretanto, ele sabia que ela fugira. E algo em seu íntimo lhe dizia que corria perigo.

Decidido, levantou-se e se vestiu rapidamente. Tinha que sair no encalço de Raden antes que ela cometesse algum desatino. Ou antes que a terra a engolisse e ela desaparecesse para sempre.

Radegund chegou ao do quartel do senescal ao amanhecer. Deixou Lúcifer no estábulo e acenou para Andrew, que também acabara de chegar. Antes que pudesse entrar, porém, dois sargentos, vestidos com túnicas negras a abordaram.

– Temos ordens para levá-la a comendadoria da Ordem dos Cavaleiros do Templo.

Intrigada, ergueu uma das sobrancelhas. O que diabos os homens do Templo poderiam querer com ela? Eles detestavam Ibelin e Montferrat, e evitavam abertamente se misturar aos homens, e aos assuntos, dos dois nobres.

Notou que Andrew permanecia atento, à porta do estábulo, mas não conseguiu se sentir segura. Algo ali cheirava mal. E não eram só os dois sargentos, avessos ao costume de se banhar, como todos os pudicos homens do Templo.

– E a que devo a honra do convite? – Indagou, irônica e em voz alta, para que Andrew a ouvisse.

Um deles, o mais jovem e afoito dos dois, sacou a espada e a ameaçou.

– Venha e não faça perguntas. – Ordenou. – Está presa em nome do Comendador da Ordem.

– Eu me reporto apenas a Ibelin. – Avisou.

– Ibelin está fora da cidade. – O outro homem afirmou, cinicamente, deixando bem claro que estavam dispostos a invadir o território alheio na ausência do nobre.

Era só o que me faltava!

– Estou sendo levada sob qual alegação?

– Heresia. – Explicou. – Ande, não tenho o dia todo.

Apesar de sua intuição avisá-la para fugir dali, resolveu acompanhar os dois com cautela. Sem reagir.

Por enquanto.

Ainda olhou para trás, por sobre os ombros, e acenou para Andrew, que entendeu prontamente seu gesto e correu em busca de seu cavalo.

– Como *foi embora*?! – Ragnar esbravejou.

– Veja, – Leila, desolada, lhe passou o bilhete que Patrus, muito convenientemente, só encontrara no meio da manhã – ela simplesmente partiu.

– Não estou gostando disso, Sven. – Mark se sentou numa cadeira e apoiou os cotovelos nos joelhos. – Ela estava péssima ontem à noite.

Ele e Ragnar se entreolharam significativamente. Aliás, pensou, como Ragnar fora parar ali?

– Vocês brigaram, Mark? Foi por isso que ela partiu? – Leila concluiu. – Leandra me disse que seus aposentos estavam destruídos...

Sem graça, ele apenas deu de ombros e olhou de Ragnar para Leila.

– Pode se dizer que foi quase isso...

Leandra os interrompeu, entrando apressada no gabinete. Algo ansiosa, avisou.

– O *chevalier* Andrew está no vestíbulo, senhora. E diz que é urgente.

Logo, o homem grisalho foi levado ao gabinete, a fisionomia preocupada acentuando a gravidade de suas palavras.

– O Comendador do Templo mandou prender Radegund.

– Como? – Mark quase gritou.

– Por quê? – Leila perguntou aflita, apoiando-se no encosto de uma poltrona.

– Teoricamente, – o *chevalier* explicou – a acusação é heresia.

Ragnar e Mark fitaram-se em silêncio. Sabiam o que aquilo significaria para Raden. Apenas uma desculpa esfarrapada para justificar a prisão arbitrária. Eles tentariam arrancar informações dela. O Arcebispo não engolira a humilhação que Balian de Ibelin lhe impusera, e se unira aos Templários, adversários do nobre e partidários dos Lousignan, para uma retaliação.

Radegund seria torturada até admitir tudo o que eles quisessem ouvir, fosse verdade ou não.

De onde surgira a acusação? Quem a fizera? Quem entregara a ruiva nas mãos do Templo? Quem saberia que ela estaria sozinha, a caminho do quartel, logo de manhã cedo? *Alguém aqui de dentro...* concluiu Mark. Mas, quem?

Não houve tempo para mais conjecturas. Gilchrist chegou naquele momento. Notando as fisionomias preocupadas, deduziu.

– Então já sabem.

– Sim. – Rebateu Mark. – E estamos pensando numa maneira tirá-la de lá.

– Não vai ser fácil – Gil falou. – Sequer me deixaram entrar na comendadoria para vê-la.

– Bastardos! – Grunhiu Ragnar. – Precisamos comunicar a Ibelin imediatamente.

– Impossível, Svenson – interveio Andrew, pesaroso – Ibelin foi com Montferrat aos vilarejos ao sul, conferir os estragos que Saladino fez.

– Diabos! – O mestiço explodiu. Sentia que o tempo de Radegund se escoava rapidamente. – Não podemos ficar parados! Temos que fazer alguma coisa.

– Infelizmente, Bakkar – falou o *chevalier* mais velho – só quem tem poderes suficientes para enfrentar o Arcebispo e o Comendador, sem gerar uma guerra entre os homens do Templo e os demais *chevaliers*, é Ibelin. Teremos que esperar até que ele volte, amanhã de manhã.

– E até lá, Andrew, Radegund já terá sido torturada, estuprada por Deus sabe quantos homens e morta! Eu vou atrás de Ibelin! – Retrucou, já a caminho da saída.

– Eu vou até a comendadoria da Ordem, tentar vê-la. – Ajuntou Ragnar.

– *Chevaliers*, – a voz suave de Leila ergueu-se entre eles – creio que sei de alguém que poderá nos ajudar.

– Quem? – Interessou-se Andrew.

– *Messire* Gilchrist, – ela dispensou as explicações – enquanto meu marido vai à comendadoria, o senhor me acompanharia à casa de uma amiga?

– Entregue suas armas.

A ordem do Comendador juntou-se à opressão das paredes do gabinete. Confinada naquela prisão de pedras, Radegund sabia que estava por conta própria, no coração do território inimigo. Na verdade, era como estivera na maior parte de sua vida.

Disposta a resistir e ganhar tempo, soltou lentamente a bainha com a espada, e também a adaga. Com gestos comedidos, quase suaves, colocou-as

diante do Comendador da Ordem. Os olhos do homem mantiveram-se fixos nos dela.

Osso duro.

– As outras.

Impassível, sacou uma faca da bota. O Comendador bufou sua impaciência.

– *Todas* elas.

Radegund tirou outra faca, da outra bota.

– Terei que mandar revistá-la?

Ainda em silêncio, puxou o punhal que trazia escondido sob o cóis da calça.

– É só?

A ruiva fitou o pequeno arsenal que depositara sobre a mesa e ergueu uma das sobrelancelhas.

– É o que parece.

O homem recostou na cadeira e olhou-a de cima a baixo.

– Sua insolência não vai ajudá-la. – Avisou-a. – Pelo contrário, só irá piorar sua situação.

Raden o encarou com altivez.

– Pior do que já está, *messire*? – Soltou um riso escarninho. – Mal tomei o desjejum, e já fui presa. E, francamente, não sei por qual razão.

– Heresia, – respondeu o Comendador – foi a acusação que chegou até nós. Entretanto, – sua voz adquiriu um tom suave – se você cooperar conosco, podemos lhe propor um acordo.

– Um acordo?

Ele inclinou o corpo para frente, os olhos se estreitando como os de uma serpente prestes a dar o bote.

– Se me der todas as informações a que tem acesso junto a Balian de Ibelin, posso vir a esquecer as acusações e libertá-la.

– Não. – Ela foi lacônica.

– Pense bem, minha cara. – O Comendador se levantou e rodeou-a, olhando para seu corpo de forma lasciva. Naturalmente, ele não levava *tão* a sério seus votos como templário... – Pode nos dar essas informações por bem... – ele passou a mão por sua cintura, subindo para seu seio – ou por mal.

Os guardas à porta do gabinete se assustaram quando seu superior voou pela soleira afora. A mulher ruiva veio logo atrás, pulando em seu pescoço, socando seu rosto, furiosa.

Foram necessários três homens para segurar a feroz guerreira, que chutava, esperneava e gritava impropérios. Acabaram por acorrentar suas mãos, mas ela conseguiu usar os grilhões para tentar estrangular um dos guardas. O

Comendador, ainda apavorado com sua fúria, encolheu-se num canto. Radegund só foi contida quando levou uma violenta pancada na cabeça, caindo desacordada.

– Ponham esta selvagem na cela, acorrentada. – Sibilou. – Logo darei um jeito nela.

– Dama? Uma jovem deseja vê-la, – avisou a criada – disse que se chama Leila, e que é urgente.

– Mande-a entrar.

Maria Comnena sentou-se à mesa de seu gabinete particular e recebeu Leila, esposa de Ragnar Svenson, acompanhada do *chevalier* irlandês chamado Gilchrist. E pela expressão da moça, o problema deveria ser muito sério.

– *Madame*, perdoe-me vir incomodá-la – desculpou-se Leila – como o *seigneur* Ibelin está fora da cidade, pensei em recorrermos à senhora.

– O que houve criança?

– O Comendador do Templo prendeu Radegund, por ordem do Arcebispo, – adiantou-se Gilchrist – ela está na comendadoria da Ordem.

Maria ergueu-se de supetão da cadeira, rubra de raiva. Em seguida, gritou pelos criados.

– Mandem selar minha égua imediatamente! – E voltando-se para o casal que a olhava espantado, ajuntou – aquele eunuco de saias não perde por esperar!

O garanhão suado resfolegava e batia as patas no chão. Diante dele, havia dois nobres, espantados com a repentina aparição de Mark al-Bakkar naquele fim de mundo. Logo, além de espantado, Ibelin estava também furioso.

– O filho da puta desgraçado! – Esbravejou, montando em seu cavalo. – Não podemos dar as costas um dia sequer, que ele já pensa que a cidade é dele!

– Vai querer ajuda? – Indagou Conrad.

– Não. Pode deixar. Terei o prazer de chutar o rabo dos infelizes pessoalmente. Vamos Bakkar!

Os dois sumiram na poeira da estrada, mal dando tempo aos escudeiros de acompanharem seu senhor.

Maria Comnena andava irritada de um lado para o outro na sala do Arcebispo. Estava ali há horas e o bastardo a fazia esperar com inúmeras desculpas. Olhou para fora e viu que o sol já ia baixo. *Ganhando tempo, o cretino.*

Numa cadeira junto à parede, Leila retorcia as mãos e rezava para que Maria conseguisse a liberdade de Raden. Rezava também para que Bakkar

lograsse alcançar Ibelin a tempo. Incluiu em suas preces um pedido fervoroso para que a amiga ainda estivesse viva.

A porta se abriu e as duas se voltaram para a figura ricamente trajada. O Arcebispo estendeu seu anel para que fosse beijado por Maria, mas ela deliberadamente o ignorou e o encarou.

– Solte a mulher.

Contornando a mesa, ele se escarrapachou na cadeira luxuosamente entalhada.

– Que mulher?

– Não tente me fazer de idiota! – Esbravejou. – Solte Radegund imediatamente!

O Arcebispo ergueu o queixo, seus lábios apertados numa linha fina de desagrado. Maria e Balian sempre o desafiavam. E, por mais que tentasse, ele nunca conseguira conter o poder dos dois. Eles tinham tradição. Além de ligações demais, dinheiro demais, amigos demais.

E linhagem real. Uma pedra no sapato da dele, da Ordem e de Lousignan.

Porém, a esta altura, a mulher já devia ter falado tudo o que sabia. Sim, sorriu de forma malévola para a irada dama Ibelin, a tal mulher já deveria ter recebido o tratamento que merecia. Mandara seu melhor inquisidor ter uma conversinha com ela.

Só precisava enredar mais um pouco Maria Comnena. E aí, a mulher já teria deixado de pertencer ao mundo dos vivos.

O ar abafado da masmorra tinha cheiro de várias coisas, todas ruins. Para distrair a mente, Radegund tentou identificar cada uma delas.

Bolor. Umidade vinda dos filetes de água que desciam pelas paredes. Fumaça dos archotes. Havia também o cheiro da palha velha, urina, comida azeda e sangue. Seu sangue.

Tentando não demonstrar o quanto o controle de sua vítima o irritava, o inquisidor tentou mais uma vez obter as informações que queria.

– Quais os nomes dos *chevaliers* que fazem parte da rede de Ibelin?

Silêncio. A mão pesada acertou seu rosto ferido. De novo.

Paciência.

O homem, que fizera questão de se apresentar como “Jones, o melhor na sua profissão”, não era tão bom assim.

– Quantos homens trabalham diretamente para Ibelin? – Nenhuma resposta. Outra bofetada. Se ele fosse tão bom quanto dizia, não estaria se deixando afetar por seu desdém. – Dê-me os nomes!

Nenhuma palavra. *Concentre-se.*

A faca deslizou mais uma vez. Fez outro corte na pele logo acima de seu seio. Cerrou os dentes, contendo um gemido. Cada corte se assemelhava a sensação de fogo abrindo caminho em sua carne.

Jones resolvera pegar pesado. E se ele *fosse mesmo* bom no que fazia? E se até agora só a estivesse testando? Fechou os olhos e negou aquela hipótese. Afastou o pensamento e a fraqueza da mente. Permaneceu em silêncio. Apesar da dor.

Em algum momento você vai se descuidar, cão.

Desde o momento em que havia despertado com os punhos atados por correntes à parede da cela fétida, sabia o que estava por vir. E a cada minuto que passava, sua resistência se esvaía. A cada minuto, perdia as esperanças de ser libertada.

Com Ibelin fora da cidade, haveria pouca, ou nenhuma limitação às ações da Ordem. Resistiria o tempo que fosse preciso, disto não tinha dúvidas. Jones poderia matá-la. Mas jamais entregaria os nomes. Seus camaradas ficariam a salvo.

O inquisidor acertou seu rosto de novo. Sentiu o gosto de sangue nos lábios. Se ele a soltasse por apenas alguns segundos, usaria a pequena faca que estava amarrada à sua perna. Mas não estava solta. Inferno!

O tal Jones parecia executar suas funções com um prazer obsceno e doentio. Vendo que não cooperava, aumentou a violência. Foi preciso reunir todo seu autocontrole para não sucumbir.

– Devia cantar, passarinho... – ele falou numa voz carregada de cinismo, dando-lhe as costas como se desistisse dela. Esperando que ela baixasse a guarda. Então, voltou-se rápido.

Radegund só teve tempo de contrair o abdome. O punho foi certo. Duas vezes em seu estômago. Dor. Náusea. A bile na garganta e na boca. *Resista.*

Mais outras três nas costelas. O ar deixou seus pulmões dolorosamente. Cerrou os punhos. Os dedos dos pés se dobraram, arrastando no chão áspero.

– Você é um osso duro! – Ele escarneceu e passou parte achatada da lâmina da faca em seu rosto. Em seguida, irritado, deu-lhe um soco. – Fale maldita!

Estrelas espocaram diante de seus olhos. Escondeu-os, e a fúria que neles brilhava. *Isso, descuide-se. Irrite-se.*

– Acho que vou ter que ser mais persuasivo com você. – Aproximou-se dela e passou a mão grosseira por seu corpo. Apertou-lhe um seio com tanta força que ela teve que cerrar os dentes para conter o grito de dor. – Talvez ensiná-la o lugar de uma mulher...

Não, não vai mesmo.

Jones rasgou o que restara de sua camisa, expondo os seios e um pouco

mais de sua pele cheia de cortes. Deslizou a faca por ali até sua barriga, enfiando-a no cós ensanguentado.

– Sim. Você deve ser bem fogosa... – ele gargalhou e se afastou um pouco, estudando os efeitos de suas palavras sobre ela. A mulher não tinha medo. Ou pelo menos não demonstrava ter.

Jones se sentiu pessoalmente desafiado. Enfiou a lâmina da faca num braseiro. Sorriu, deu um passo para trás e começou a soltar as calças.

– Vamos nos divertir, mulher. Eu e você. Depois, se ainda tiver disposta, eu marcerei você com ferro em brasa...

Sim Jones, ela enrolou as correntes nos punhos lentamente e as segurou com firmeza, retesando os braços, preparando o bote. *Vamos nos divertir. Você está agora exatamente onde eu queria que estivesse.*

O inquisidor não teve tempo para expressar sua surpresa. Nem voz.

Um par de pernas longas, fortalecidas por anos de exercício, tomou impulso contra a parede e enroscou-se em seu pescoço. Os joelhos dela se cruzaram, firmes como tenazes. A faca estava muito longe e as mãos dele não eram fortes o suficiente para soltá-lo daquele aperto. O ar lhe faltava. Seu rosto se avermelhou e inchou. As veias dilataram e os olhos se esbugalharam.

Ela o apertou com mais força. Os grillhões se enterraram nos seus punhos, lacerando-os. Apesar da dor, Radegund sabia que não podia soltá-lo, não enquanto ele não estivesse morto. Os músculos das pernas e dos braços estavam em seu limite. Queimavam. Porém, era ela ou ele. Matar ou morrer.

O rosto homem ficou roxo. A língua inchada pendurou-se para fora da boca. Seu corpo teve um último espasmo e então amoleceu.

Morto. Silenciosamente.

O corpo caiu e Radegund voltou à posição inicial. Sentiu as pernas fraquejarem, para depois se apoiarem meio entorpecidas no chão. Os braços doíam como se os tivessem arrancados dos ombros. Ela ofegava. Quanto tempo havia conseguido de vida? Não sabia.

– E então, senhor Arcebispo? – Indagou Maria – Vai demorar muito para atender minha solicitação? Ou está ganhando tempo para que seus cães desapareçam com o corpo?

– Dama! – O Arcebispo se fez de ofendido.

– Dama uma ova! – Botou o dedo no nariz do homem. – Quero a mulher solta já! Ou Balian terá muito prazer em pendurar alguns de seus homens na ponta de uma corda! – Leila não sabia se ria da cara do Arcebispo, que suava diante da determinação da senhora de Ibelin. Ou se chorava de apreensão pela situação de Raden. Retorceu as mãos, nervosa, e olhou de novo para a porta da

sala. Pelo Profeta, onde estariam Mark e Ragnar? – E então, meu senhor, estou esperando?

– Sim, Vossa Excelência, – a voz de Balian de Ibelin soou com uma suavidade perigosa, atraindo todos os olhares para a entrada da sala – minha mulher está esperando. E creio que é muito indelicado deixar uma senhora esperar.

Maria virou-se para o marido, que acabara de entrar no gabinete, empoeirado e em total desalinho. Na certa galopara como um louco até ali. Apenas o brilho nos olhos da senhora traiu o seu alívio. Meneou a cabeça para ele com discreta elegância.

– *Messire*.

– *Madame*, – ele tomou sua mão, fixando os olhos nos seus – está encantadora como sempre. Importa-se se eu assumir daqui para frente?

– Em absoluto – ela se aproximou como se fosse beijá-lo no rosto e falou baixinho. – Apresse-se Balian, não temos muito tempo.

Ibelin apenas assentiu. Maria deu as costas de forma ostensiva para o Arcebispo, chamando Leila.

– Venha criança, vamos encontrar Svenson e O’Mulryan.

A porta se fechou atrás das duas mulheres e Balian foi direto ao ponto, sem nem sequer retirar as luvas de montaria.

– Eu os mandei tirar seus lacaio do encalço de Radegund – gritou Ibelin, furioso, ao Arcebispo – e, ao invés disso, vocês a encarceraram! O que querem com esse tipo de atitude? Desafiar-me? – Estreitou os olhos, ameaçador.

– Não, *messire*, claro que não...

– Pois então, liberte-a agora! Ou certas ligações de sua preciosa Ordem do Templo com os *Hashashin*, e o envolvimento de seus homens no desaparecimento do *chevalier* Anwyn, irão se espalhar como areia ao vento. E eu lhe garanto que terei prazer em fazer a história toda chegar direto aos ouvidos de Mark al-Bakkar. – Baixou a voz, usando de um tom sarcástico. – Posso apostar que você sabe muito bem *quem* ele é e o *que* significa provocar a ira do mestiço. Fui claro?

O Arcebispo, lívido, assentiu em silêncio. Tocou a sineta, chamando os guardas.

Ragnar, após chegar a comendadoria e ter com Ibelin, aguardara mais de um quarto de hora pelo homem que o conduziria ao local onde a ruiva era mantida encarcerada. Caminhando a passos largos, preocupado, franzia o cenho ao seguir o soldado até as celas subterrâneas. A libertação de Raden havia demorado demais. Só Deus sabia o que poderia ter acontecido a ela.

Além da preocupação, havia o remorso pela forma como ele a havia tratado. Este fora mais um motivo, entre tantos outros, pelo qual se oferecera para ir pessoalmente buscá-la na prisão. Já conhecia o bastante de Radegund para entender um pouco como funcionava sua cabeça. Provavelmente, a briga entre eles, – e o consequente fato de quase o ter matado – desencadeara nela o desejo ir embora. Se não fosse por aquele episódio, Raden talvez não estivesse sozinha e vulnerável, servindo de alvo para a Ordem.

Diabos! Ibelin confiara a proteção dela a ele e a Bakkar! E ele, ao invés de cumprir o prometido, arrumara aquela confusão toda.

– Veio buscar a mulher? – O homem perguntou em tom de deboche, tirando-o de suas reminiscências.

– Sim. – Respondeu laconicamente.

– Espero que Jones tenha deixado alguma coisa para você. – O soldado soltou um riso escarninho e bateu com o punho na porta da cela. – Hei, Jones!

Ragnar o encarou, os maxilares apertados e os olhos claros soltando chispas.

– Acho bom que ela esteja inteira, – pausa – ouvi dizer que Ibelin está com muita dor de cabeça hoje.

O soldado entendeu a insinuação e ficou sem jeito. A Terra Santa inteira conhecia o humor de Ibelin com enxaqueca. Bateu de novo na porta da cela.

– Droga, Jones! – Chamou irritado. – Largue logo a mulher e abra isso aqui!

Uma voz rouca e fraca respondeu lá de dentro.

– Jones foi dar um passeio.

– Abra logo esta merda! – Rosnou Ragnar. – Ou eu a derrubarei!

O soldado, apavorado com a ira do cavaleiro, tratou de apanhar a chave extra e meteu-a na fechadura de metal, girando-a em seguida. Entrou na cela. Chocados, ambos pararam, cada qual por seus próprios motivos.

O soldado, por ver a mulher acorrentada à parede e o corpo do inquisidor no chão diante dela, o rosto horivelmente contorcido.

Ragnar, por ver o estado em que Radegund se encontrava.

Já vira homens torturados antes. Sabia do que os carrascos eram capazes. Algozes perversos, gozando de poderes ilimitados dentro do espaço sórdido de suas masmorras, levavam as pessoas ao extremo do sofrimento e da degradação. E muitas vezes, não lhes arrancavam nada, a não ser a dignidade. Ou a vida.

Aproximou-se devagar, temendo até mesmo estender a mão e tocá-la. Por alguns instantes, reteve até o fôlego. Como se até mesmo o fato de respirar perto dela pudesse lhe causar mais dor, tamanha era a extensão dos ferimentos de Radegund.

Suas roupas estavam em frangalhos. Pouco restara da camisa íntima e da calça que ela usava. Seu corpo estava coberto por cortes, hematomas e escoriações. A face estava muito machucada; os lábios cortados e uma das pálpebras inchada a ponto de mal se abrir. Os punhos estavam feridos e o sangue escorria por seus braços, pingando no chão. A cabeça pendia, meio abaixada. Os cabelos revoltos, empapados de suor e sangue, colavam-se a sua pele. Só o olho que ela mantinha aberto brilhava, furioso, fitando-o e ao guarda ao seu lado. O ódio suplantava a dor em sua expressão. Provavelmente fora só aquilo que a mantivera de pé. Além das correntes presas a parede.

– Meu Deus! – Ele se expressou num gemido. – O que fizeram a você? – Virou-se para o soldado. – Tire-a daí, agora!

– Mas e-ela... – o soldado gaguejou, apontando o homem caído – ela o matou!

– E eu vou matá-lo se não me obedecer!

O homem correu para livrar a prisioneira das correntes e, mal acabara soltá-la, Ragnar a amparou.

– Sven, não me olhe com essa cara. – Ela apontou com a cabeça o cadáver aos seus pés, um doloroso meio sorriso surgindo na face machucada – ele ficou bem pior.

Cuidadoso, ele sustentou seu peso, segurando-a por sob os braços. Engoliu em seco antes de indagar.

– Ele... a....? – *Senhor, faça com que não tenha sido violentada.*

Ela logo compreendeu a preocupação do amigo.

– Tentou. E percebeu, muito tarde, que não daria certo. – Contorceu o rosto ao tentar respirar mais fundo e sentir a pontada aguda nas costelas. – Tire-me desta pocilga, Svenson.

– Certo. Venha.

Ela deu um passo, mas cambaleou, fraca, exausta. Orgulhosa demais para pedir ajuda. Ragnar ergueu-a nos braços, sem esforço, protegendo seu corpo exposto e em frangalhos com o próprio manto.

– Fique tranquila, ruiva. – Pediu enquanto caminhava rumo à saída. – Vou levá-la para casa. Leila vai cuidar de você. Ela está desesperada, Bakkar está tendo uma síncope, – comentou, usando a tagarelice como forma de expor seu alívio – e Gilchrist quase foi preso. – Olhou sério para seu rosto machucado e abatido. Por Cristo, seus braços já estavam empapados com o sangue dela! E a culpa daquilo, mesmo que de forma indireta, era dele. – Perdoe-me por tê-la, de algum modo, metido nisso.

Radegund sorriu. E num piscar de olhos estava desacordada.

Dias depois...

Mark fechou as cortinas no mesmo instante em que Gilchrist metia a cabeça pela porta entreaberta.

– Entre – convidou em voz baixa.

O irlandês passou para dentro do aposento com passos cuidadosos e postou-se aos pés da cama onde Radegund dormia.

– Faz tanto tempo que ela está assim... – comentou, sem tirar os olhos da ruiva. – Tem certeza de que...

– Tenho, meu amigo – interrompeu-o Mark. – Radegund ficou muito ferida. O sono é necessário para que ela se recupere, e evita que sinta dor. – Sentou-se numa cadeira, ao lado do leito e fitou Gilchrist. – Nos últimos dias, eu e Leila temos nos revezado ao lado dela. Boa parte desta sonolência é causada pelos remédios que lhe damos. Mas posso lhe assegurar que ela vai ficar boa. Depois de tudo – ele fitou a amiga e afagou a mão que repousava sobre o lençol de linho – só ficarão mais algumas cicatrizes.

Gilchrist sentou-se na beirada da cama e tocou o rosto adormecido. Sorriu com tristeza e comentou baixinho.

– Sim. Mais algumas.

– Maldição!

Patrus, sozinho na casa que lhe servia de templo, dava livre vazão a sua ira. Sem ninguém para testemunhar seu desabafo, gritava e chorava de raiva, ódio e frustração. Não era possível que a criatura tivesse escapado. Não era possível que o norueguês tivesse voltado para casa!

– Inferno! Por que me abandonou, pai? – Urrava diante da serpente. – Por que não consigo atingir meus objetivos? Dê-me uma inspiração, pai Set!

Havia uma semana que ele se contorcia de raiva dentro daquela casa ao ver a alegria de Leila e Ragnar Svenson, andando juntos para todo o lado e arrulhando como dois pombinhos. Tinha vontade de vomitar!

Precisava encontrar Blake, o incompetente, e armar uma emboscada para o norueguês. Algo definitivo.

E onde estariam o imbecil chamado Vernon e seu comparsa, que haviam desaparecido desde a tentativa de sequestro no mercado? Incompetentes! Estava cercado por um bando de incompetentes.

– Me dê uma arma, pai, só uma arma para acabar com eles de uma vez por todas!

Ragnar olhou a mulher que dormia profundamente em seus braços. Havia uma semana desde que haviam se entendido e decidido recomeçar o casamento.

Uma semana idílica, em que não conseguira tirar as mãos, ou outras partes do corpo, de cima dela.

Ainda era cedo e o céu começava a ficar rosado no horizonte. Como não teria que comparecer ao turno da manhã, achou que deveria aproveitar melhor o tempo passado na companhia de Leila.

Devagar, foi puxando o lençol que lhe escondia o corpo, tomando cuidado. Descobriu os seios arredondados, o abdome curvilíneo e feminino, os quadris cheios, as coxas bem torneadas e o monte de pelos macios e escuros entre elas. O corpo de Leila arrepiou-se com a brisa da madrugada. Diante da visão da nudez da mulher, Ragnar sentiu a ereção se manifestar com força quase dolorosa.

Disposto a brincar um pouco com sua pequena fada, apanhou a faixa de seda do robe, esquecida no chão, e deslizou o tecido frio suavemente pelo vale entre os seios até chegar ao seu sexo.

Os mamilos se intumesceram e ela gemeu, meio desperta.

– Hum... Ragnar...?

– Não, – ele sussurrou em seu ouvido, colando seu corpo ao dela, o sexo rígido roçando em sua coxa – o gênio da lâmpada.

– Duvido que o gênio fosse tão grande. – Deu uma risadinha – ou que me acordasse assim.

– Não adianta me elogiar – ele a puxou sobre o próprio corpo. – Não vai me escapar.

Leila, sonolenta, esfregou o rosto em seu peito.

– Você não me dá sossego, Ragnar! – Ela fez de conta que ralhava. – Vou acabar morrendo desse jeito. Sequer me deixa dormir!

– É porque não resisto a você, pequenina – ele a beijou e deslizou as mãos até seus quadris, sentando-a sobre sua virilidade. Leila suspirou. Sentiu os músculos internos se distendendo e se abrindo àquela doce invasão. Sentiu-se totalmente preenchida. E gemeu.

– Acordou animado, meu marido. – Ela mexeu os quadris sobre ele e Ragnar resmungou algo em sua língua. – Está muito...

– Tenso?

– Sim...

– Pronto? – Ele ergueu os quadris tocando-a mais fundo.

– Também ... oh!

– Duro? – Ele fez novamente, com mais força, prendendo-a contra si.

– Céus!

Ele não resistiu e rolou sobre ela sem desfazer aquele contato, sem sair de seu corpo macio. Queria ficar sobre ela, entrar naquele recanto úmido e tentador. Ver seu rosto se contorcer de prazer e seus olhos brilharem de excitação e desejo.

Mergulhou profundamente, o quanto pode, dentro de Leila e apertou-a contra si, apreciando o contraste entre o corpo pequeno e flexível da mulher com o dele, rígido, grande e musculoso.

Ragnar começou a investir devagar, deslizando suavemente para dentro dela sabendo que assim levava Leila a loucura. Sentia a carne túrgida e úmida apertando-o a cada vez que entrava e saía de dentro de seu sexo.

Ela chegou ao orgasmo e ele projetou-se mais dentro dela, e cada vez mais rápido. Segurou-a pelos quadris e a fez afastar mais ainda as pernas, deixando o contato tão íntimo e profundo quanto as leis da física permitiam. Leila cravou as unhas em suas costas e o envolveu com as pernas, gritando o nome dele.

– Ragnar! Ah... você me incendeia!

– Isso, esposa! Queime por mim!

Ele a beijou; possessivo, profundo. Selvagem e intenso como sua própria terra. Mas nada frio, muito pelo contrário.

Sim, os dois botavam fogo nos lençóis, ele pensou satisfeito num último impulso, antes do êxtase os arrebataram para um mundo de sensualidade e prazer. E isso era bom, ele pensou saindo de cima dela, puxando-a consigo. Isso era muito bom.

Meia hora mais tarde, Leila prendia os cabelos numa trança. Através do espelho, via Ragnar se movimentando pelo aposento, procurando as roupas que atirara por todos os lados antes de ir se deitar.

– Onde irão trabalhar hoje, meu amor?

– Eu e Gil estaremos no porto. – Explicou enquanto se vestia – Bakkar sairá da cidade por dois dias. – Ele atou os cabelos e pediu com o olhar subitamente sombrio. – Fique de olho na ruiva. Não a deixe ficar zanzando por aí. Ainda não está recuperada do que sofreu.

– Não se preocupe, eu tomarei conta dela. E quero que você tome cuidado com o tal Blake. – Ela pediu, se voltando na banqueta e olhando diretamente para o marido. – Hrolf ainda não encontrou o rastro dele.

– Sim, *liten* – Ragnar se voltou para ela, prendendo os laços da calça. – E isso me preocupa. A coisa que Hrolf faz de melhor na vida é achar e seguir pistas. Mas o sujeito parece que evaporou desde que tentou me matar no vale do Litâni.

Leila se levantou e o abraçou, preocupada.

– Tenha cuidado, meu amor. – Ergueu o rosto para o marido. – Não suportaria perdê-lo, principalmente agora que estamos tão felizes.

– Não se preocupe. – Ele procurou tranquilizá-la. – Além de Hrolf, tenho Gilchrist às minhas costas. O irlandês é um bom e leal amigo. E tem uma pontaria mortal com aquela besta, mesmo tendo um olho só. – Explicou. – Posso

contar com ele se precisar. Você é quem tem que ser cuidadosa, pois Ibelin anda não conseguiu pegar o tal Vernon, nem seu cúmplice.

– Fique descansado. Se eu sair, levarei Jamal. E naturalmente, Raden também irá comigo. – Ajuntou. – Ela já está melhor e, por mais que eu insista, sei que não ficará em casa.

– Sim, – ele deu uma risada – está tão bem que Bakkar desistiu de tentar mantê-la na cama e foi lutar contra os sarracenos. Era mais fácil. Sua amiga é um osso duro de roer!

Leila ficou em silêncio, acariciando a face do marido e depois perguntou.

– Soube que você e ela brigaram... – fez uma pausa e retomou, em voz baixa – naquela noite.

Ragnar sentou-se na beirada da cama e pôs a mulher em seu colo. Ficou um instante em silêncio e depois confessou.

– Sim, nós brigamos. E não foi nada bonito o que aconteceu. Falei o que não devia, provoquei-a ao extremo e, por sorte, a ruiva não me cortou a garganta. Mas já me entendi com ela. – Ele a fitou com seriedade. – Raden é muito importante para você, não é?

– Ela é minha única amiga, meu amor, – ela deitou a cabeça em seu ombro – eu queria tanto que ela encontrasse alguém que a amasse e que apagasse aquelas sombras de seu olhar...

– Um dia ela encontrará. Achei que ela e Bakkar fossem... – ele não completou a frase e deu de ombros – aqueles dois são muito estranhos. – Comentou. – Mas esteja certa de que eu daria minha vida por eles.

– E eles por você, querido.

– Sim. Bem... – desceu-a gentilmente de seus joelhos, dando-lhe um beijo carinhoso. – Deixe que eu termine de me preparar, porque o dever me chama.

– Está certo. – Beijou-o suavemente na face e parou a porta do quarto, dizendo antes de se retirar – eu o esperarei para o jantar.

Gilchrist acompanhara Ragnar às docas, inspecionando junto com ele as armas que haviam chegado nos navios vindos de Messina. Cansados, depois de horas de trabalho sob o sol, resolveram tomar uma caneca de cerveja. Depois, subiram às muralhas, para que a brisa aliviasse um pouco o cansaço e afastasse a modorra do meio-dia.

– Que falta sinto da Irlanda, meu velho. – Falou Gilchrist colocando a besta que sempre usava em serviço sobre a ameia. – Aqui é quente mesmo no inverno!

– Sim, eu também sinto falta do clima da Noruega... – concordou Ragnar. – Penso em um dia levar Leila para conhecer minha terra. Acho que ela vai se encantar com a diferença.

Pegou uma pedrinha e ficou brincando de jogá-la para o alto, enquanto Gilchrist regulava as cordas de sua besta.

O irlandês nunca soube exatamente o que o fez olhar para o alto de um dos arcos da muralha. Se foi sua intuição, ou a comichão em suas estranhas tatuagens.

– Svenson! – Ele o empurrou para o chão.

A flecha varou o braço de Ragnar. Gilchrist preparou sua besta. Os dois se abaixaram, mas eram um alvo fácil demais naquele local aberto.

– Inferno! – Rosnou Ragnar, o braço queimando. – Blake me encontrou! – Segurou o braço com a outra mão e sentiu que o sangue empapava suas roupas rapidamente.

– Temos que sair daqui, – avisou o irlandês – ele não vai errar a próxima.

– Saia daqui Gil, – olhou para a direção de onde viera a flecha – ele quer a mim, não a você.

– Cale a boca, Svenson. Vê aqueles caixotes? – Gilchrist apontou o local. – Corra para lá, faça-o se expor. – Ragnar olhou para o irlandês como se ele estivesse louco. – Vá, eu garanto suas costas. Preciso de um tiro só para derrubá-lo. – Ele mostrou a besta armada, tão confiante que Ragnar não sabia se acreditava nele ou se o atirava lá embaixo. – Vá!

No fim das contas, respirou fundo e entregou sua sorte e sua vida na mão de Gilchrist. Fosse com fosse, já estava cheio de ter Blake em seu encalço, naquele jogo de gato e rato. Vencendo a dor, correu pela muralha em direção a outra extremidade. Podia sentir o olhar de Blake as suas costas, seus cabelos se eriçando na nuca.

Merda, Gilchrist!

Não podia sequer olhar para trás e diminuir a velocidade da corrida. Subitamente, um grito horrível cortou o ar. Estacou.

Voltou-se a tempo de ver o corpo de Blake despencando lá embaixo, no azul do Mediterrâneo.

Gilchrist olhou para as costas de Ragnar, que se distanciava dele. Assestou a besta no ombro e olhou pelo quadrado de metal, colocando Blake em seu centro. Um disparo. Uma chance.

No último segundo, antes de lançar outra flecha contra Ragnar Svenson, Blake o viu e olhou em seu olho.

Seu dedo pressionou suavemente o gatilho, aliviando a tensão na corda, disparando a seta.

Depois, viu Blake tombar com o impacto e mergulhar no vazio, sumindo nas águas do Mediterrâneo, muitos pés abaixo.

Capítulo XXI

“POR AQUI NÃO SE PASSA SEM QUE SE SOFRA O CALOR DO FOGO.”
“A Divina Comédia”. Purgatório, Canto XXVII, 10. Dante Allighieri.

Leila precisou mandar as cozinheiras atrasarem o jantar em quase uma hora. Tensa, andava de um lado para o outro da sala, preocupada com o marido. Tão nervosa estava que não conteve um grito ao ver o Ragnar entrar pelo vestibulo, ferido e amparado por Gilchrist.

– Ragnar! – Correu até os dois homens, olhando as roupas ensanguentadas.
– Pelo Profeta, o que houve?

– Blake – ele grunhiu.

– Ele o achou não foi? – A voz de Raden soou no corredor.

Ragnar espiou-a por sobre os ombros da esposa. Ainda andava um pouco curvada e o rosto cicatrizava devagar. Mas estava inteira e muito bem, a julgar pelo brilho de troça em seus olhos verdes.

– Deveria estar na cama, ruiva. – Implicou.

– Não amole, Sven. – Foi a réplica de Radegund, que mais se assemelhou a um rosnado. – Precisa de ajuda, Leila?

Ela olhou para a amiga.

– Aqui não, Raden – Leila examinou o braço do marido – a flecha atravessou direto e será mais fácil de cuidar. Foi um ferimento superficial e não atingiu nenhum osso, – ela tentava fazer a voz soar calma, mas por dentro gritava de medo e ansiedade – mas você pode chamar Leandra para mim. Ela estava um pouco enjoada hoje pela manhã, e eu a dispensei. Agora vou precisar dela para ferver panos e ajudar com os unguentos.

– Vou avisá-la.

– Vá tranquila, Radegund – ajuntou Gilchrist – vou ajudar Ragnar a se deitar e fico aqui com Leila até que você retorne.

– Diabos, Gil! Eu não preciso de ama-seca! – Reclamou o paciente.

Leila colocou o dedo em seus lábios delicadamente.

– Quietinho, meu marido. Vamos colocar você na cama e limpar bem o ferimento. Vai doer um bocado para tirar esse pedaço daí. – Pediu ao irlandês. – Pode me ajudar, *sire*?

O *chevalier* assentiu e amparou o amigo. Num passo cuidadoso, foram para os aposentos do casal. Ragnar resmungou, reclamou, mas acabou aceitando a ajuda dos dois para se despir e se deitar. Na verdade, já estava se sentindo tonto, devido à dor e ao sangue que perdera.

No final do dia, depois de muito esforço para tratar o ferimento, Leila conseguiu colocar o marido para dormir com uma potente poção de ervas e ficou ao lado de sua cabeceira.

– Não vai jantar, dama?

Leila fitou a jovem criada e balançou a cabeça uma negativa.

– Não, Leandra, não estou com fome. Vou ficar mais um pouco ao lado dele e mais tarde comerei alguma coisa. – Sorriu para a moça. – E você, ainda está enjoada?

– Não, só acontece pela manhã. – Leandra sorriu e acariciou o ventre ainda plano. – Jamal está radiante com nosso bebê.

– Eu imagino... – Leila baixou a voz, segredando à moça – sabe, acho que estou grávida também.

– Dama! – Aplaudiu Leandra. – Que alegria!

– Shh! Ainda não disse a Ragnar porque quero ter certeza. É só um atraso, mas, temos nos empenhado muito ultimamente... – ela corou.

Leandra a abraçou.

– Fico muito feliz, senhora. É muito bom ter uma nova vida crescendo dentro de nós.

– Sim, deve ser maravilhoso. – Concordou. – Agora, vá descansar. Já me ajudou muito por hoje.

– Está certo, – concordou a moça – mas estarei atenta, caso necessite de mim. Boa noite, senhora.

– Boa noite, Leandra.

Os dias se passaram. Depressa para alguns, devagar demais para Ragnar. Ainda no leito, recuperava-se lentamente do ferimento, que não fora muito extenso. No entanto, a febre o atacara, obrigando-o a ficar acamado por um período maior do que o esperado. Com o retorno de Mark, dois dias após o incidente, Leila conseguiu ajuda, tanto para cuidar do marido, quanto para mantê-lo na cama.

Numa daquelas manhãs abafadas, o dono da estalagem onde Blake se hospedara apareceu no quartel do senescal. Reclamava das despesas que vinha tendo com o cavalo do falecido assassino.

– Deixe que resolvo isso, *messire* – Mark prontificou-se, tendo o imediato assentimento de Ibelin.

Ao chegar ao estábulo de aluguel, deparou-se com o mais belo garanhão que já vira em toda sua vida. A pelagem toda branca, a crina e a cauda longas, os olhos inteligentes e espertos, lhe diziam que ali estava um animal que faria o orgulho de qualquer plantel.

Imediatamente, Mark acertou as contas que Blake deixara pendentes na estalagem, e deixou o estábulo conduzindo o cavalo pelas rédeas. A profissão de assassino devia ser rendosa, pensou, para que o inglês possuísse uma montaria

como aquela.

Como o garanhão não tivesse mais dono, e ele tivesse pago as despesas do morto, reclamou o animal para si. Ao chegar à casa de Leila, exibiu-o orgulhosamente diante Raden, Gilchrist e Ragnar.

– Não é um belo rapaz? – Ele afagou a longa crina, procurando fazer amizade com o bicho.

– É maravilhoso, Mark! – Exclamou Raden, aproximando-se para examinar melhor o animal. – E todo branco. Ele já tem um nome?

O mestiço deu de ombros.

– Honestamente, não sei garota.

– Baco.

– O que disse, Gil? – Perguntou Ragnar.

– Baco, o deus grego do vinho e dos prazeres. – Ele piscou o olho para o mestiço. – Tem nome mais apropriado para o cavalo de Bakkar?

A noite estava quente e abafada, prenunciando talvez, uma tempestade que cairia de madrugada. Ao longe, ouviram o soar das matinas, o que indicava já ter passado de meia-noite.

Reclinado sobre a cama de Radegund, com a ruiva apoiada contra o peito, Mark se distraía com os fios vermelhos, fazendo tranças miúdas que se misturavam à cabeleira farta. Raden se ocupava com seus dados, virando-os seguidamente, duelando com um adversário imaginário.

Na verdade, nenhum dos dois conseguira dormir com o calor úmido. Impaciente, o mestiço acabara indo parar nos aposentos de Radegund. E como não havia disposição para uma noitada numa taverna, já que ela ainda se recuperava dos ferimentos infligidos por Jones, acabaram por tentar passar o tempo ali mesmo. Depois de jogarem xadrez, conversarem sobre as inúmeras viagens de Mark e de ele prometer ensiná-la a escrita dos sarracenos, nada mais lhes restara fazer.

Inquieta, Radegund acabou por se levantar da cama. Impaciente devido ao confinamento prolongado, resolveu testar a cimitarra que Mark deixara encostada num canto. O mestiço torceu o nariz.

– Vai acabar abrindo os cortes...

– Não amole, Bakkar. – Ela estudou a lâmina – quero aprender a usar essa coisa.

– E não pode esperar ficar curada para isso?

Ela parou o movimento que fazia e o encarou.

– Não.

Dando-se por vencido, já que Radegund era mais teimosa do que uma mula,

ele se levantou também.

– Pois bem. Se quer fazer, que seja bem feito – aproximou-se dela e a instruiu – tem que encaixar bem a mão no guarda-punho – falou, ajustando a arma na mão da ruiva – assim.

– É leve... – ela girou a arma devagar, testando-a e sopescando-a – muito mais leve do que uma espada.

Mark colocou-se atrás dela e posicionou seu braço mais para cima. Aproveitou para deslizar a mão suavemente por sua cintura. Seus olhos se encontraram através do reflexo no espelho, o sorriso matreiro da ruiva combinando com a expressão de falsa inocência do mestiço. Desviando o olhar, ele prosseguiu nas instruções.

– Sim, a *shamshir* é mais leve, feita para ser usada com uma só mão.

Raden testou um avanço, mas ele a trouxe de volta.

– Não. – Corrigiu-a. – Use menos força. Está acostumada com o peso de sua espada. Esta arma é bem mais leve e flexível do que as dos *franj*. – Ele pegou a cimitarra de sua mão e foi para frente dela. – Veja.

A guerreira cruzou os braços e observou atentamente, enquanto ele girava e manobrava a lâmina com graça e perfeição na mão esquerda. Deixou que o olhar vagasse rapidamente pelos músculos peitorais, que ondulavam a luz das lâmpadas de azeite enquanto ele executava os movimentos com um sorriso nos lábios. Assemelhava-se a um dos grandes felinos que vira no deserto, ágil e elegante.

– Belo traseiro. – Ela não se conteve em pilheriar, fitando-lhe as costas refletidas no espelho.

Mark revirou os olhos.

– Comporte-se. E preste atenção.

– Estou prestando.

– Cínica. – Ele balançou a cabeça e continuou a demonstração. – Viu? Não precisa imprimir tanta força quanto a que usa numa espada. Tome – ele lhe jogou a arma, e ela a apanhou no ar.

– Certo. – Manobrou a arma com mais facilidade agora.

Durante alguns minutos, Mark apenas a observou. Então, foi novamente para trás dela.

– E agora? – Raden indagou. – Qual será a próxima lição?

Mark puxou-a para si, segurando-a pela cintura. Sussurrou suas intenções em seu ouvido, provocando-lhe um suave arrepio.

– Agora, posso lhe ensinar algumas técnicas de combate corpo-a-corpo...

Disposta a surpreendê-lo, Radegund passou um pé por trás de sua perna e jogou o peso do corpo para frente. Muito esperto, porém, Mark previu suas

intenções e a levou junto, num rolamento onde ele acabou por imobilizá-la.

– Assim não é justo! – Reclamou a ruiva. – Você já antecipa meus movimentos!

– Acho que sim, – ele a encarou, subitamente sério – já notou que há algo que nos une? Uma afinidade estranha... – houve uma breve pausa, antes que prosseguisse – quando o Arcebispo mandou prendê-la, eu sabia que você estava encrencada antes mesmo de Andrew chegar com a notícia.

– Sim, eu já percebi. – Ela confirmou. – Mas não parei para pensar nisso. Assim como evito pensar em muitas outras coisas.

Os olhos castanhos fitaram intensamente os verdes. Depois de uma pausa prolongada, ele falou.

– O que quer fazer de sua vida?

– Não sei. – Fez um gesto vago. – Nunca penso no que será além de amanhã.

– Todos têm planos para o futuro. – Ele insistiu.

– Você tem? – Ela o confrontou.

O silêncio foi mais eloquente do que qualquer resposta. E ao invés de palavras, ele se abaixou e a beijou longamente, escondendo a desesperança sob seu eficiente disfarce, silenciando toda e qualquer pergunta que pudesse ser feita.

Dispersos pela atmosfera de sensualidade que os envolvera, não notaram a sombra maligna que fechava suavemente a porta e se deslocava em direção ao gabinete de Leila.

Leandra se levantou, preocupada com a chuva que se anunciava com raios e trovões.

– Aonde vai? – Perguntou Jamal, sonolento.

– Acho que a janela do gabinete ficou aberta, – ela explicou, enquanto enfiava os braços pelas mangas do robe de algodão – se chover, vai molhar tudo lá dentro.

– Quer que eu vá?

– Não precisa, já me levantei. – Atirou-lhe um beijo. – Volto já.

Leandra já conhecia a casa como a palma de sua mão. Por isso nem levou a lamparina consigo. Cruzou os corredores rapidamente e chegou até a parte em que ficavam os aposentos dos patrões. Empurrou a porta do gabinete e parou, espantada, surpreendida com a presença de Patrus ali dentro, iluminado pela chama fraca de uma vela. E mexendo nas gavetas de Leila.

– O que faz aqui? – Perguntou, a voz baixa parecendo retumbar na sala vazia e escura. O criado olhou-a num misto de espanto e raiva. Leandra repetiu a pergunta. – O que faz mexendo nas coisas de Leila no meio da madrugada,

Patrus?

Patrus colocou a vela sobre a mesa. Atravessou o aposento, aproximando-se de Leandra, que recuou. Sentia o peso estranho do olhar dele.

– É mesmo uma pena que tenha me visto. – Passou por ela, fechou a porta do gabinete e se voltou. – Agora terei que manter sua boca fechada.

– Deixe-me passar, Patrus. – Leandra pediu, trêmula, a mão pousando automaticamente sobre o ventre.

Ele apenas balançou a cabeça negando seu pedido.

Leandra ficou encurralada entre o criado e a parede do gabinete, apavorada. Ele apenas sorriu, e foi como se uma serpente venenosa a estivesse encarando.

– Não, minha cara Leandra. Você não passará. Não irá encher os ouvidos da infeliz dizendo que me viu aqui hoje. Ficará em silêncio... – sentenciou – para sempre.

A mão fria e pegajosa tocou seu pescoço. Leandra abriu a boca para negar, para gritar. Mas a voz não saiu. O desespero tomou seus olhos e Patrus ampliou ainda mais o sorriso diabólico. Sua mão magra, ossuda, deslizou pela face lívida de Leandra e percorreu a frente de seu corpo até chegar ao seu ventre.

– Ah! Um pequeno inocente... – os olhos dele brilharam. E ela o viu nele.

A escuridão mais negra de todas. O ímpio.

O mal e o profano. O próprio demônio.

“Set”, um hálito gelado sussurrou vindo só Deus sabia de onde.

Uma força negra a sugou naquele ponto em que Patrus a tocava. E foi como se uma faca tivesse transpassado seu abdome.

Quis gritar, ou correr, mas estava presa àquele encantamento maligno. O símbolo preso ao pescoço de Patrus parecia brilhar, atraindo-a para a escuridão.

– Sinta a força dele se esvaindo. Seu espírito se agarra à existência, a você. – A voz mansa e baixa contrastava com a maldade das palavras sibiladas diante de seu rosto. – Mas eu sou mais forte do que essa frágil vida indefesa. Sim, cara Leandra, ele está indo, seu filho. Eu o estou tirando de você, sente?

As lágrimas escorriam silenciosas dos olhos da criada. Nada podia fazer contra aquele monstro. Notou que algo quente começava a escorrer por entre suas pernas. Sentiu que se dobravam. Caiu no chão, as pernas encolhidas contra o ventre, uma dor lancinante se abatendo sobre ela e seu amado bebê. Seus pensamentos voltados para o sorriso de alegria de Jamal ao saber que seria pai.

Patrus agachou-se a sua frente e ficou olhando em seus olhos enquanto seu corpo se esvaía em sangue, enquanto seus membros se entorpeciam e o frio tomava conta de seu ser. Viu o exato momento em que a consciência deixou o corpo da mulher e virou a cabeça de lado, como se quisesse observar melhor. Em seguida ergueu-se e olhou a poça de sangue em torno da criada com expressão

de enfado.

– Que sujeira, Leandra. Sua patroa não vai gostar nada disso.

Apagou a vela, virou as costas e saiu do gabinete. Porém, tropeçou nos pés de uma bancada, derrubando uma estatueta no chão. Sem parar um segundo sequer, Patrus correu para seus aposentos, amaldiçoando seu descuido. Não percebeu que, com suas últimas forças, e usando o próprio sangue, Leandra deixara uma pista no chão.

Mark e Raden interromperam mais um beijo ao ouvir o barulho no corredor. Ele se ergueu de um salto, trazendo-a consigo. Parou por um segundo para observar a ruiva que, vestindo apenas uma camisa e com a adaga na mão, fazia uma figura interessante.

– O que eu diabos terá sido isso? – Sussurrou.

– Não sei, mas abra a porta devagar. – Raden também falava baixo – pode ser o gatuno da outra noite.

Os dois se colocaram cada um ao lado da porta. Mark puxou a tranca, a cimitarra na outra mão.

– Ninguém... – ela comentou, já no corredor vazio, onde logo apareceram Ragnar e Leila.

– O que foi isso? – Perguntou Leila, sonolenta.

– É o que também viemos ver. – A ruiva respondeu, enquanto observava as sombras além de seu campo de visão. Podia jurar ter visto algo mais adiante.

– Veja, – chamou Leila, em voz baixa, desviando sua atenção – o gabinete está aberto. É estranho, pois eu sempre o tranco antes de dormir.

Ragnar e Mark se entreolharam. Radegund adiantou-se na escuridão. Parou na porta da sala. O cheiro acre, velho conhecido seu, penetrou em suas narinas.

– Sven... – sua voz continha uma nota de aflição

– Não se exponha! – Ragnar puxou-a para longe da porta e sentiu o odor inconfundível. – Cheira a sangue. Vejam! – Exclamou, os olhos já habituados ao escuro. – Traga luz, Bakkar! Há alguém caído aqui.

O halo de luz da lâmpada trazida por Mark derramou-se sobre o corpo. Leila deixou escapar um grito angustiado.

– Não! Leandra! Não!

Foi preciso que Ragnar a segurasse para que não se atirasse sobre o corpo da jovem criada, que trazia nos olhos parados uma expressão de total pavor.

– Meu Deus! – Exclamou a ruiva, horrorizada. – Nem num campo de batalha vi alguém se esvair assim...

– Vejam, – Mark mostrou o vestido lavado de sangue – ela sofreu uma grande hemorragia, mas o que...

Leila logo concluiu a causa.

– Oh, meu Deus! – Gemeu. – O bebê!

Radegund voltou-se para o norueguês.

– Melhor você avisar o marido dela, Sven. E leve Leila, isso não é nada bonito de se ver. Eu fico aqui com Mark.

Leila saiu do aposento em choque, amparada pelos braços do marido. Ragnar deixou-a na sala, sentada numa poltrona. Em seguida, saiu em busca de Jamal que, atraído pelos sons de suas vozes, já estava acordado. Ragnar o interceptou no corredor. Em tom grave, avisou o criado.

– Jamal, Leandra sofreu um acidente...

– *Sire...*? – Jamal tentou perscrutar os olhos límpidos do norueguês, sentindo, pelo seu tom de voz, que algo de muito ruim acontecera à Leandra. – O que houve com minha mulher?

Não havia como suavizar o golpe.

– Ela sofreu uma grande hemorragia. – Ragnar balançou a cabeça, num gesto de pesar. – Eu sinto muito.

Jamal sentiu o corpo todo tremer. Apoiou-se na parede, pois se não o fizesse, desabaria no chão.

– Não, ela saiu só para fechar a janela. – Balbuciou. – Deve ser um engano! Ela estava dentro de casa! – Voltou os olhos súplices para Ragnar. – Meu filho, meu bebê...?

O coração do norueguês se entristeceu ao conduzir o atordoado Jamal até o gabinete, onde Raden e Mark ajeitavam respeitosamente o corpo de Leandra, fechando seus olhos.

O marido se atirou sobre a mulher e chorou convulsivamente, abandonado ao desespero. Lamentou a perda da companheira, amiga e amante, e de seu tão esperado filhinho.

Em meio à comoção, o olhar de Mark foi atraído para um desenho tosco, feito com sangue, perto de onde ficara largado o braço da moça.

– Radegund – chamou baixinho – venha ver isso aqui.

A ruiva se aproximou. Abaixou-se e estudou o rabisco.

– Estranho... parece que já vi isso em algum lugar...

Mark se agachou ao seu lado, segredando-lhe.

– Acho que a morte de Leandra não foi accidental.

– Por quê?

Os olhos penetrantes miraram os dela.

– Se assim fosse, – conjecturou – por que Leandra, em meio a sua agonia, nos deixaria uma pista, um aviso com seu próprio sangue? Além disso, se ela estivesse sofrendo um aborto natural, teria gritado, chamado por socorro. Não

acha isso estranho? Que ela tenha morrido em total silêncio?

Radegund observou com atenção os desenhos que riscavam o assoalho. Imitou o desenho no ar, com a ponta do dedo, gravando seu traçado. Quando tornou a falar, sua voz era pouco mais do que um murmúrio, como se conversasse consigo mesma sobre as próprias conclusões.

– Isso talvez queira dizer que o perigo não era só para ela, – sugeriu – mas para mais alguém dentro da casa.

– Sim. – Concluiu Mark, fitando-a e depois olhando por sobre o ombro, para onde estavam Ragnar e Jamal. – Mas, quem fez isso com Leandra? E o mais importante, garota; – voltou a encará-la – quem é o próximo alvo?

Capítulo XXII

“UM FUGIU, UM MORREU, UM DORMIU NUMA CAMA DE BREU”

“O Demônio de Ferro”, Robert E Howard.

O sepultamento de Leandra foi mais um episódio triste e sombrio na vida de Leila. Quase tanto quanto havia sido a perda do pai que tanto amara. Leandra, apesar de ser apenas uma criada, havia se tornado uma boa amiga. Da mesma idade que sua jovem patroa, dividia com ela sonhos e angústias comuns às moças naquela fase da vida. Para Leila, era difícil aceitar o fato de uma mulher jovem, saudável e cheia de vitalidade como Leandra morrer de forma tão terrível e, ao mesmo tempo, tão solitária. Mais difícil ainda era aceitar que a moça perdesse quase todo o sangue do corpo sem dar um grito de alarme sequer.

Mark havia contado a Ragnar sobre o estranho símbolo que fora desenhado no chão do gabinete. No entanto, de comum acordo, os dois evitaram entrar em detalhes com Leila. Somente eles e Radegund sabiam daquele fato.

E para aumentar a tristeza de Leila, Hrolf, com sua missão completada, resolveu que era hora de voltar à Noruega e levar notícias de Ragnar aos seus pais e irmãos.

– Pensei que achasse Tiro uma cidade animada! – Brincou Ragnar, disfarçando a emoção em ver o companheiro partir.

– Animada é mesmo! Mas agora, com Blake fora do caminho, preciso voltar para casa. – Respondeu o rastreador. – Sven e Marit aguardam notícias suas. E seus irmãos também. – Abriu um sorriso saudoso e pilheriou. – E a jovem Ulla vai comer meu fígado quando me vir chegar sem você, meu velho!

Ragnar lembrou-se da irmã mais nova, por quem sempre tivera um carinho especial. Ulla era uma menina de longas tranças loiras e brilhantes olhos azuis quando ele saía de casa. Hoje devia ser uma jovem adorável.

– Diga aos meus pais que, se possível, no próximo ano estaremos lá. – Passou um braço sobre o ombro de Leila e completou. – E que eles poderão conhecer minha esposa.

– Sim, Hrolf... – Leila falou com suavidade, com um brilho radiante no olhar. – Diga aos meus sogros que eles poderão me conhecer... e ao neto, ou neta deles, no próximo ano.

Ragnar voltou-se depressa para a esposa. Ficou olhando para ela, boquiaberto, o coração batendo de maneira furiosa dentro do peito.

– Leila...

– Sim, meu marido? – A jovem indagou, com fingida inocência.

– Fala sério?

Ela não pode responder, pois foi interrompida pela comemoração do rastreador.

- Parabéns a vocês dois! – Exclamou Hrolf envolvendo-os num só abraço.
- Terei então boas notícias para levar a Noruega.
Sem despregar os olhos dos da mulher, Ragnar respondeu.
- Sem dúvida Hrolf, muito boas notícias!

Não havia se passado dois dias desde a partida de Hrolf, quando Ragnar e Mark foram chamados à presença de Ibelin. A contragosto, o norueguês ouviu seu superior avisá-los de que lhes delegaria mais uma missão.

– Sinto muito pelo que aconteceu em sua casa, Svenson – falou o nobre apertando sua mão. – Como vai sua esposa?

– Ainda triste, *messire*. Leila era muito apegada a Leandra. Mas, a vida segue em frente. – Esboçou um sorriso sereno, depois de se acomodar numa das cadeiras. – E agora que seremos pais, faremos o possível para deixarmos este episódio para trás.

– Parabéns então, homem! – Ibelin deu uns tapinhas em seu ombro. – Por favor, sentem-se. Preciso discutir com vocês os termos desta missão. É importante que tenham muita cautela. Nossas futuras movimentações dependem das informações que vocês me trarão.

– Qual o tempo estimado, *messire*? – Indagou Mark, reclinando-se na cadeira, já sentindo a impaciência de Ragnar por ter que se afastar de casa num momento tão delicado.

– Acredito que ficarão fora da cidade por três a quatro dias. – Empurrou um mapa para que o estudassem. – Creio que seja tempo suficiente para descobrirem o que preciso saber.

Os dois homens se inclinaram sobre o mapa, analisando atentamente as marcações que Ibelin fizera. Mais de uma hora se passou, entre cálculos, projeções e deliberações sem fim, até que o nobre se deu por satisfeito, encerrando a reunião. À saída da sala, Ragnar confidenciou a Mark.

– Não me agrada a ideia de deixar Leila logo depois do que aconteceu. – Resmungou. – Ainda mais agora, que ela está grávida.

– Raden estará com ela o tempo todo, Sven. – Mark pousou a mão no ombro do amigo. – E Gilchrist não sairá da cidade. Pode dar apoio à ruiva, ajudando-a a manter Leila em segurança.

– Eu sei, Bakkar. Mas... não sei explicar. – Tocou o próprio peito, na altura do coração. – É um sentimento estranho, um peso que sinto... – sacudiu a cabeça espantando os maus pensamentos – diabos, acho que é essa história de paternidade que me deixou cismado.

Com um sorriso compreensivo, Mark o seguiu até aos estábulos.

Patrus se sentia radiante. Ocultara-se atrás de uma cortina quando Ragnar e Bakkar haviam chegado em casa. Exultante, ouvira a notícia da partida de ambos. Agradeceu ao seu deus por aquela benção. Essa era a chance que havia esperado para colocar seus planos em ação. Sua única preocupação seria em desviar a atenção do irlandês. Mas isso não seria uma tarefa difícil.

Chegara a hora de procurar Vernon e Gerald, os dois desertores. E foi isso que fez logo que os dois *chevaliers* partiram, ao raiar do dia. Numa viela escura, próxima ao porto, encontrou o homem que serviria de instrumento para tirar Leila de seu caminho para sempre.

– E então? – Indagou Vernon, impaciente para conseguir logo seu intento. Não lhe agradavam as maneiras traiçoeiras do egípcio. – Quando vai me entregar a mulher?

– Em breve, meu caro. – Patrus rebateu, fazendo pouco caso de sua ansiedade. – Primeiro terá que arranjar uma distração para o irlandês. Ele estará mais atento por esses dias. Porém, creio que você é bastante criativo, e pensará em algo eficiente.

Vernon riu, expondo os dentes amarelados.

– E o Demônio?

Os lábios finos de Patrus retorceram-se num sorriso maldoso.

– Darei um jeito nela também.

– Muito bem, velho. – Vernon lhe apontou o dedo. – Porém, fique sabendo que, além da mulher, quero levar também uma parte do que ela possui. De que me adianta ter aquela belezinha se não tiver dinheiro para gastar?

Patrus se irritou com o atrevimento do outro, mas soube disfarçar, baixando os olhos e adotando uma atitude falsamente servil.

– Sim. Podemos negociar. Mande seu cúmplice ter comigo hoje à noite. Na porta dos fundos do jardim. Diga a ele para ser discreto.

Antes que Vernon pudesse responder, Patrus sumiu nas sombras.

– Radegund?

– Gilchrist? – Ela ergueu a sobrancelha e olhou para ele. Era um homem bonito. As feições másculas, que pareciam esculpidas em granito, eram acentuadas pelo tapa-olho. Qualquer mulher gostaria de ser o alvo da afeição daquele homem, cujo olho negro brilhava de modo intenso e prometia um envolvimento profundo e duradouro. Talvez, se ela fosse outra mulher, em outro lugar, pudesse corresponder ao sentimento que ele lhe oferecera naquela noite sombria. Mas ela não era outra mulher. Ela era Radegund. Sem nome, sem família, sem um coração para dar. E, para o bem de todos, era melhor que permanecesse assim. Sorriu para ele. – O que o trouxe aqui à uma hora dessas?

Ele cruzou apressadamente o corredor de entrada, o sol da manhã recortando a silhueta alta contra o portal. Parou à frente da ruiva e olhou por sobre os ombros dela.

– Recebi uma mensagem ainda há pouco.

– Por que está falando tão baixo? – Radegund estranhou.

Ele a conduziu com delicadeza pelo cotovelo, indo para a parte de fora da casa. Foi explicando enquanto caminhava.

– A mensagem era de Svenson. Ele e Bakkar precisam de mim com urgência. – Deu de ombros – não disseram para quê. Estou lhe dizendo em segredo porque não quero que Leila se preocupe em seu estado.

– Estranho, Gil... – Radegund franziu o cenho – eles partiram ontem. – Fez uma breve pausa antes de juntar. – Ragnar não o tiraria do lado de Leila. Mesmo comigo aqui. Ele está muito preocupado, principalmente depois do que aconteceu a Leandra. Já lhe contei sobre o desenho que encontramos no chão. – Balançou a cabeça. – Sven não se arriscaria...

– Sim, Radegund. Eu entendo. – Ele passou a mão pelos cabelos negros, preocupado. – Também fiquei intrigado com aquela história. Mas não posso deixar de atender ao chamado que recebi.

A guerreira apoiou as mãos na balaustrada, olhou para além do jardim bem cuidado e comentou, como se falasse consigo mesma.

– Eu tenho certeza de que já vi aquele desenho em algum lugar. Só não me recordo de onde. Droga! – Voltou-se para Gilchrist. – Tem certeza de que a mensagem é mesmo de Ragnar?

– Claro, – ele puxou uma folha das dobras da túnica – veja o selo dele.

Raden examinou o emblema. Era o mesmo de Ragnar, com o qual todos os documentos eram lacrados.

– Sim, é dele. Eu mesma já o vi selar as cartas com este emblema. – Enrolou a mensagem e devolveu-a ao *chevalier*, antes de indagar – quando parte?

– Imediatamente.

Radegund ergueu os olhos e tocou o braço do irlandês, apertando-o suavemente, num gesto de amizade.

– Cuide-se Gil.

Galante, ele depositou um beijo em sua fronte.

– Você também, Radegund.

Do outro lado da cerca viva, Patrus sorria satisfeito com o desenrolar da trama que urdira. A ampulheta fora virada. O tempo correria a favor de seus planos.

Set não o abandonara.

– Não gosto disso, Vernon. – Resmungou Gerald, emburrado – Se o irlandês me descobrir, estou morto!

Vernon teve ímpetos de esganar aquele covarde. Mas se conteve. Estava tão excitado com a perspectiva de, ainda naquela noite, colocar as mãos na sarracena, que deixaria passar.

– Não seja estúpido! – Retrucou. – Tudo o que tem a fazer é acertar o maldito para ganharmos tempo!

– Fácil falar!

Vernon agarrou o outro pelo colarinho.

– Escute aqui seu imbecil, o caolho vai ter que passar por aqui a caminho do vilarejo. – Explicou. – Ele acha que o norueguês o espera lá. O criado roubou o selo e forjou uma mensagem para ele. Só tem que cravar uma flecha nas costas do infeliz! Será possível que não consegue fazer nem isso?

Gerald cambaleou para trás, tentando se equilibrar quando o comparsa o largou tão bruscamente quanto o agarrara. Esfregou o pescoço, arrependido de ter concordado com o plano de Vernon. Diabos! Sequestrar uma infiel era uma coisa. Mas, matar um *chevalier* do Reino, era bem diferente. Afinal, matar um infiel não era pecado, era um favor a Nosso Senhor, o caminho para o paraíso. Já matar um *chevalier*, era o caminho certo para a força! E, francamente, Gerald se preocupava muito com seu pescoço. Muito mais do que com sua alma imortal. Mesmo assim, decidiu uma vez mais fazer o que Vernon lhe ordenava. Caso contrário, ele próprio o enforcaria.

– Está certo, – capitulou – diga-me o que quer exatamente que eu faça.

Patrus congratulou-se, saboreando antecipadamente a vitória. Seu plano era genial. Enviara uma mensagem ao irlandês usando o selo que retirara do gabinete na noite em que Leandra havia morrido. Com ele fora do caminho, Leila e a ruiva seriam um alvo fácil.

Ele usaria do mesmo expediente com Leila e com sua amiga. Trataria de tirá-las de casa, de separá-las. Jogaria a usurpadora nas garras de Vernon. Aquele idiota! Ele pensava que o enganava. Mas Set já o alertara. Ele sabia que o soldado só o atrapalharia com aquela obsessão pela mulher. E enquanto ela estivesse nas mãos de Vernon, a fortuna de Leila também não estaria segura em suas mãos.

Não, não cometeria nenhum erro. O desertor também deveria ser eliminado. Sua mente trabalhou velozmente, os pensamentos engendrando por um labirinto cruel e doentio. Chegou à solução perfeita. Entregaria Leila nas mãos de Vernon. E Vernon nas mãos da ruiva.

Faria com que a mulher chegasse bem na hora em que Leila estivesse sendo

atacada. A sede de sangue da filha de Sekhmet daria cabo de Vernon e de sua ambição. E depois, ele as teria bem no centro de sua teia. Ah, regozijou-se, seu plano era perfeito!

Com Vernon fora do caminho, trataria de despachar as duas mulheres para bem longe. Não iria lhes dar o conforto da morte. Era muito pouco para elas. Morrer seria uma paga pequena para os dissabores que ambas haviam lhe causado. E ele também não queria incorrer na ira de Sekhmet, tirando a vida da sua protegida.

Patrus enfiou as unhas nas palmas das mãos descarnadas ao se lembrar da pedra da Deusa. Maldita! Entretanto, se a leoa não podia morrer por suas mãos, ele daria um jeito para que fosse domada. E o destino que reservara para ela e para a usurpadora seria muito pior do que a morte. Seria a eterna escravidão.

– Leila. – Radegund apareceu na sala pouco depois de soarem as nonas. Pronta para sair e armada. – Tenho que ir ao quartel, mas volto assim que estiver livre. – Avisou – recebi uma mensagem de Ibelin.

Leila assentiu e sentou-se numa das cadeiras, apanhando uma das roupinhas de bebê que começara a costurar.

– Tudo bem. Vá tranquila. Vou esperá-la para o jantar. – Raden não respondeu. Estava incomodada. Uma estranha apreensão a oprimia. Observou o aposento ao redor, vasculhando as sombras, procurando por olhos invisíveis que pareciam observá-las. – O que foi? – Leila indagou, notando sua fisionomia fechada.

– Nada... não foi nada. – Balançou a cabeça e encarou a amiga. – Não saia de casa sem mim, está bem?

– Fique tranquila, minha amiga. Esperarei por você aqui. Eu e meu bebê. – Sorriu e passou a mão sobre a barriga. – Até mais.

– Até, Leila.

Apenas uma hora se havia se passado, mas ela sabia que era o suficiente para que alguma desgraça acontecesse. Galopando como um demônio pelas ruas de Tiro, Radegund trincava os dentes, de ódio e de preocupação. O lenço que cobria seus cabelos já voara longe há muito, e as mechas ruivas eram açoitadas pelo vento. Nada, no entanto, conteria sua corrida. Mentalmente, ela se repreendia. Como fora idiota em sair de casa! Não havia chamado nenhum no quartel para ela! Tudo não passara de um embuste. Mas para quê? Por quê?

A verdade a atingiu, fulminante como um raio.

Leila!

Seu coração disparou.

“E o mais importante Raden; quem será o próximo alvo? ”, a voz de Mark reverberou em sua mente.

Por todos os diabos do inferno! Leila era o alvo.

– Vernon! – Resmungou – só pode ter sido aquele maldito quem armou isso! – Ela apertou os joelhos em nos flancos do garanhão – Voe, Lúcifer!

– Quem trouxe isso, Jamal?

– Um menino desses que vivem nas ruas, senhora. – O criado explicou – entregou a mensagem e saiu correndo.

Leila passou a mão trêmula pela testa. O que havia acontecido com Radegund? O que estaria ela fazendo naquela parte da cidade? Como fora atingida? Só podia ter algo a ver com o chamado de Ibelin.

A mensagem pedia que fosse com urgência àquela casa na região do porto, onde a amiga se encontrava seriamente ferida. Na certa fora socorrida por gente do povo, supôs.

– Jamal, sele um cavalo. – Ordenou, apesar do pouco jeito para montar. – Tenho que ir rápido. E assim que Gilchrist aparecer, entregue a mensagem a ele. – Passou o bilhete ao rapaz – peça que vá me encontrar neste lugar. E avise a ele que Radegund foi ferida.

Gilchrist galopava pela estrada que levava aos vilarejos. As patas do garanhão vibravam no solo abaixo dele, quebrando o silêncio do lugar. Sua mente estava completamente alerta. O sol ia baixo e as sombras dos rochedos se alongavam sobre a trilha. Próximo a uma pequena garganta, ele sentiu uma conhecida comichão nos punhos e diminuiu a marcha da montaria.

– Calma, rapaz – murmurou para o animal – tem algo aí. Posso sentir em meu sangue.

Gilchrist soltou discretamente os pés dos estribos e aliviou a pressão nas rédeas, deixando o cavalo seguir a passo. Procurou respirar devagar e deixar a mente livre de todo e qualquer pensamento inoportuno. *Concentre-se.*

Se não fossem as pedrinhas que rolaram de cima de uma rocha, ele jamais teria notado o movimento do homem no alto delas. Pois ele estava do mesmo lado em que ele usava o tapa-olho. *Quer dizer que hoje sou a caça?*

Gilchrist não moveu a cabeça para olhar, apenas se preparou para saltar. Confiou na intuição. E na antiga força que corria em seu sangue. Fechou os olhos. Concentrou-se e a imagem veio a sua mente. Um homem. Em sua visão, o enxergou deitado sobre a rocha. Viu que esticava a corda do arco. Quando os olhos da mente notaram o movimento, Gilchrist não teve dúvidas. Jogou-se no chão. A flecha se cravou na sela. O cavalo empinou e saiu a galope.

O irlandês se ergueu do chão. Abrigou-se atrás de um tronco caído. Contou o tempo. Se o homem fosse um bom arqueiro, já teria outro disparo pronto. Instintivamente, levou a mão às costas, apenas para constatar que aquilo que precisava não estava lá. Inferno! Sua besta ficara na sela! Gilchrist sacou a adaga. E esperou.

Leila chegou ao local mencionado na mensagem. Ficava numa rua humilde, entre a região do porto e os curtumes. A casa em questão era baixa, pequena e com paredes da cor do barro, sem caiação. Possuía apenas uma porta e uma janela, ambas fechadas. Leila achou estranho que ninguém estivesse à sua espera. E mais estranho ainda Radegund ter sido levada para aquele local, ao invés de ter sido socorrida no quartel. Estaria sua amiga tão ferida a ponto de não poder ser removida dali?

Àquela hora, já ao entardecer, as sombras caíam sobre a viela quase deserta, pintando tudo com cores sombrias. Leila estremeceu e apertou o cabo da adaga que trouxera consigo. Ragnar a deixara com ela e mostrara como usá-la desde que Gilchrist lhe contara do ataque sofrido no mercado.

Nervosa, deixou a égua com um dos meninos que ficavam rondando pelas ruas, e prometeu-lhe umas moedas. Na porta da casa ela ainda parou e olhou em volta. Estranho, onde estava Lúcifer? Ela jamais se separava daquela besta apavorante. Dando de ombros, bateu na porta.

Minutos depois, um garoto de cabeça raspada, pele macilenta e olhos negros, abriu uma fresta e a encarou. Seu olhar a fez se arrepiar. Olhos opacos, vazios. Engolindo em seco, perguntou em voz baixa.

– Onde está Radegund? Recebi uma mensagem... – Sem uma palavra, mas ainda a encarando, o garoto, que não devia ter mais do que doze anos, abriu a porta completamente e se afastou, indicando que entrasse. Hesitante, ela perguntou. – Onde ela está? – Mas o menino fez um gesto para a garganta, indicando talvez que fosse mudo, e apontou o interior sombrio da casa. – Ela está lá dentro?

O garoto assentiu. Sem remédio, Leila resolveu entrar. Antes que pudesse perguntar mais alguma coisa, a porta bateu atrás dela, fechando-a na penumbra opressiva. E do fundo daquela escuridão, uma voz que assombrava seus pesadelos desde Jerusalém, fez seu coração disparar dentro do peito.

– Enfim sós.

A chama bruxuleante e fraca de uma lamparina de azeite desenhava as feições cruéis de Vernon no meio das sombras.

O coração de Leila gelou.

Gilchrist sacolejava na parte traseira de uma carroça de agricultores, que ia em direção a Tiro. Sua mente, porém repassava o incidente que o fizera perder seu cavalo e, provavelmente, deslocar um ombro na queda. Ficara escondido um bom tempo, aguardando um novo ataque, que jamais chegara a acontecer. O malfeitor simplesmente desistira. Ou já conseguira o que queria.

Reviu todos os seus passos naquele dia e procurou entender o que realmente havia acontecido. E chegou à conclusão de que havia algum detalhe que lhe escapara.

Desde que recebera a mensagem de Ragnar pela manhã, todos os seus sentidos estavam em alerta. Era como se houvesse algo velado, escondido. Algo que não conseguia enxergar além da superfície e da realidade que via com seus olhos mortais. O irlandês suspirou e tentou se acomodar melhor na carroça. O céu já escurecia. Não via a hora de chegar à casa de Leila. Estava preocupado com a moça, com Radegund, e também com Ragnar e Bakkar.

A carroça atravessou os arcos da cidade e cruzou as ruas desertas. Em um quarto de hora, Gilchrist descia numa das ruas próximas ao quartel do senescal. Apressado, cumprimentou os guardas e subiu direto ao gabinete de Andrew. Depois de um rápido boa noite, foi direto ao assunto. A mensagem que recebera de Ragnar. Andrew se espantou.

– É impossível, O'Mulryan! – Exclamou o *chevalier* mais velho. – Como pode ter recebido uma mensagem de Svenson mandando-o encontrar-se com ele ao sul?

– Como assim? – Gil preocupou-se.

– Ora, a missão deles não era nos vilarejos, homem. – informou o homem de confiança do senescal – Bakkar e Svenson estão numa missão de reconhecimento ao norte, no Litâni!

Gilchrist agarrou o punho da espada e encarou Andrew, lívido.

– Foi tudo uma emboscada! – Num minuto as peças se encaixaram em sua cabeça. Ele fora deliberadamente afastado da casa de Leila. – Inferno! – Rugiu, descarregando a raiva com um soco sobre a mesa. Recuperando-se, pediu. – Encontre os dois imediatamente e mande-os de volta para a cidade!

– Mas, O'Mulryan! São ordens de Ibelin...

– Ibelin entenderá, Andrew! – Impacientou-se Gilchrist. – Diga a eles, e também a Ibelin, que Leila, e talvez até Radegund, correm perigo. Eu vou até a casa de Ragnar me certificar da segurança delas. Reze para que não seja tarde demais. Ah, e eu vou tomar emprestado um de seus cavalos!

Sem esperar a concordância do outro, o irlandês disparou escada abaixo, deixando um atônito Andrew para trás.

Leila observou a fisionomia de Vernon, iluminada pela chama fraca. O que leu em seu rosto a fez recuar. O ambiente pareceu diminuir e se fechar ao seu redor, tamanho era o ódio que emanava daquele homem. O pânico ameaçou paralisá-la.

– Não há saída, minha cara – ele sorriu, suas feições se retorcendo num esgar cruel – E não há nenhum daqueles seus amigos por perto. Nada vai me atrapalhar desta vez.

– Deixe-me sair daqui, – Leila pediu, tentando controlar o tremor da voz – sabe que se encostar um dedo sequer em mim, meu marido o esfolará vivo.

Vernon, com gestos estudadamente calmos, acendeu outra lamparina com a chama daquela que trazia nas mãos. Depois de um silêncio enervante, que pareceu durar horas, encarou sua presa com olhos lascivos.

– Não pretendo encostar só um dedo em você, minha pequena – começou a falar, enquanto andava em torno dela. Leila, sem querer lhe dar as costas, e pensando num meio de fugir dali, girou o corpo e acompanhou seus movimentos. Vernon continuou. – Na verdade, quando eu terminar com você, – passeou o olhar pelo seu corpo de maneira eloquente – acho que seu marido não vai querê-la de volta.

Leila engoliu em seco. Apertou o cabo da adaga escondida sob o albornoz. Por um fugaz instante, pensou em usá-la em si mesma, mas imediatamente descartou aquela hipótese. Se fosse só ela... Mas havia em seu ventre uma criança. Seu filho. O filho de Ragnar.

Pensar no bebê encheu-a de um novo ânimo. A força da maternidade inundou suas veias com um instinto de preservação mais velho do que o próprio tempo. E Leila, repentinamente, viu a si mesma saindo da posição de um bichinho assustado para a de uma tigresa defendendo a cria.

As dobras do albornoz se abriram a um gesto seu. Afastou as pernas, deixando os joelhos meio dobrados, como já vira Raden fazer. Seus olhos se fixaram no agressor, buscando uma chance, um ponto fraco.

Vernon percebeu o exato momento em que a raiva fez brilhar os olhos cor-de-mel. Também notou a adaga que ela empunhava, a lâmina polida refletindo as chamas bruxuleantes.

– Ah, a gatinha quer brigar? Tanto melhor, – colocou a lamparina sobre um suporte na parede e deu um passo na direção dela – só vai tornar nosso jogo mais emocionante.

– Fique longe de mim, bastardo!

O primeiro avanço de Vernon foi contido com um movimento rápido da

lâmina, que cortou a frente de sua camisa.

– Vadia – grunhiu – vai ser bem pior para você se continuar assim!

Apesar do medo, Leila não esmoreceu.

– Não se aproxime – ameaçou – ou eu o mato!

Vernon a rodeou, irritado. Tremia de raiva e excitação. Passara todo aquele tempo alimentando fantasias com a sarracena, desde o dia em que a encontrara naquela viela. Já não dormia sequer uma noite sem que sonhasse com aquela mulher. Tinha que possuí-la de qualquer jeito, e acalmar aquela loucura. Avançou novamente, tentando surpreendê-la.

Leila deu um passo para trás. Vernon conteve um sorriso ao notar que, em seu recuo, ela mesma se encurralara entre ele e uma mesa velha, encostada à parede.

– Abaixе essa arma. – Ordenou para, em seguida, ameaçá-la. – Ou eu a tirarei de você.

– Não chegue perto de mim – Leila ergueu a adaga, apontando-a para seu agressor.

Tarde demais, percebeu seu erro. Como saberia? Não era uma guerreira experiente com Radegund. Não sabia que deveria manter a lâmina pronta para o ataque e, ao mesmo tempo, protegida sob o próprio antebraço. Era apenas uma mulher desesperada, defendendo a própria honra e a vida de seu filho.

Vernon aproveitou seu descuido. Arrancou a adaga de sua mão, estapeando-a brutalmente. Leila perdeu o equilíbrio. Caiu para trás, sobre a mesa. O gosto do próprio sangue invadiu sua boca. O pânico acelerou mais ainda seus batimentos, causando um zumbido em seu ouvido. Debateu-se quando Vernon avançou sobre seu corpo, finalmente imobilizando seus braços.

– Não – gritou, apavorada – largue-me!

Antecipando a vitória, Vernon prendeu seus punhos com uma das mãos. Com a outra, tentava erguer suas saias. Tomado pela luxúria, não queria esperar nem mais um instante para subjugá-la. Reunindo o que restara de suas forças, Leila esperneou e tentou acertá-lo na virilha. Outra bofetada, mais forte, abriu ainda mais o corte em seu lábio e fez queimar todo um lado de seu rosto. As lágrimas, transbordantes de dor, raiva e humilhação, descaram de seus olhos.

– Vagabunda! – Ele rugiu – fique quieta. Não me importo em arrebentar sua carinha!

Entre soluços, Leila implorou.

– Não! Por favor, me deixe... meu filho!

Ela se debatia freneticamente, mas não conseguia se soltar. Comprazendo-se com seu desespero, saboreando a superioridade, Vernon caçoou.

– Está grávida do estrangeiro? – Puxou seus cabelos, fazendo-a encará-lo

enquanto dizia. – Pois vou possuí-la tantas vezes que seu corpo vai expulsar o bastardinho. Não quero uma mulher carregando o filho de outro homem em minha cama!

A ameaça ao seu filho infundiu a coragem necessária para que reagisse. Reuniu o que podia de forças e conseguiu soltar uma das mãos. Cravou as unhas no rosto de Vernon, arrancando-lhe a pele e deixando uma trilha sangrenta sob a barba malfeita. O desertor urrou de dor, reagindo de pronto. Esbofeteou-a com tanta violência, que a cabeça de Leila bateu contra a mesa. Tonta, sentiu os membros se entorpecerem, deixando-a num limbo de semi-inconsciência, sem condições de lutar.

Como se estivesse fora do próprio corpo, percebeu que sua roupa de baixo era rasgada, e que Vernon abria suas pernas com brutalidade, arfando e grunhindo de forma bestial. As mãos grosseiras apertaram os seios sensíveis pela gravidez, causando tanta dor que lhe provocou náuseas.

– Não! – ainda pediu baixinho, sem forças.

No entanto, antes que Vernon consumasse o ato de degradação e humilhação, uma voz rouca atravessou a névoa de inconsciência que se abatera sobre Leila.

– Dessa vez eu mato você, porco filho da puta!

Estava sonhando. E no seu sonho, viu seu agressor ser agarrado pelo pescoço e atirado para longe dela. Soergueu o corpo e olhou mais adiante, a visão embaçada pela dor. Se seu rosto não doesse tanto, teria sorrido.

Vernon, que até alguns instantes atrás era o predador, estava acuado num canto. De lá, encarava o próprio demônio, que subira à terra na forma de mechas ruivas e chamejantes olhos da cor do musgo.

Ela chegara à casa de Leila, após cavalgar como uma louca pela cidade, apenas para ser informada por Jamal de que sua senhora saíra. De pronto, se alarmara. E quando o criado lhe entregara a mensagem que Leila havia deixado, dizendo para onde ela supostamente havia sido levada, tivera certeza de que um plano diabólico fora colocado em ação. E estava mais certa ainda da participação de Vernon naquilo.

– Com mil diabos – praguejara ao ler as indicações do local – essa é a pior região de Tiro!

– Sim, dama, – concordara Jamal – mas como minha senhora acreditava que corria perigo...

Impulsivamente, Leila saíra em seu encalço, deduziu. Que o diabo levasse aquela mulherzinha teimosa!

Sem pensar duas vezes, saltara sobre Lúcifer e voara novamente através das

ruas da cidade. Se Vernon encostasse um dedo sequer em Leila, teria o maior prazer do mundo em esfolá-lo vivo. E depois, espalharia suas vísceras aos cães e aos tubarões.

– Vamos, Lúcifer – incitara, deitada sobre o pescoço negro do garanhão – minha amiga está em perigo. Voe, querido!

O animal parecera entender sua aflição, imprimindo mais velocidade em suas longas e elegantes patas negras.

No bairro indicado por Leila, não fora difícil achar a tal casa. E assim que saltara da sela de Lúcifer, o grito de sua amiga ecoara na rua deserta, abafado pela única janela que recortava a fachada.

– Não!

Ela havia chutado a porta com tanta violência, que a tranca se arreventara completamente. Ao enxergar Vernon inclinado sobre Leila, prestes a violentá-la, fora arremessada para outra noite, anos atrás, onde *ela* havia sido a vítima indefesa.

A fúria percorrera seu corpo numa onda tão violenta, que estremecera. Uma cortina escarlate velou seus olhos naquele momento, trazendo a sede de sangue à tona. Agarrou Vernon pelo pescoço e arrancou-o de cima de Leila, rosnando.

– Dessa vez eu mato você, porco filho da puta!

Atirado contra a parede, o soldado levou alguns segundos para se dar conta de quem se atrevera a frustrar seus planos. Soltou um urro de ódio ao reconhecer a ruiva. Não era possível que tivesse chegado tão longe para nada!

– Desgraçada – sacou a adaga, pondo-se novamente de pé – eu acabo com você, vadia intrometida!

Radegund manteve-se atenta ao inimigo. Colocou-se entre ele e a amiga e, sem se voltar para trás, indagou.

– Você está bem?

– Sim... – a voz saiu entre os soluços de alívio.

Mesmo a resposta fraca foi o suficiente para que voltasse sua atenção novamente para o ex-soldado.

– Agora o assunto é entre nós, bastardo! – Avançou com a adaga, pois naquele espaço exíguo não havia como usar bem sua espada. – Largue a arma, e talvez eu o deixe apenas aleijado.

– Nunca! Vai ter que tirá-la de mim, cadela! – Vernon avançou, tentando usar a surpresa para desarmá-la.

Raden recuou. Leila se afastou, encolhendo-se num canto para dar espaço à amiga. Com os olhos, buscou sua própria adaga, que Vernon atirara longe.

O soldado e a ruiva se atracaram, medindo forças. Vernon agarrou o punho de Raden e ela, o dele, ambos lutando para tomar a vantagem, para arrancar a

arma das mãos do outro.

Radegund cerrou os dentes e usou a força de Vernon contra ele mesmo. Ao invés de tentar empurrá-lo para longe de si, puxou-o em sua direção. Passou o pé por trás das pernas do bandido, derrubando-o. Não conseguiu, no entanto, impedi-lo de levá-la junto na queda. Veterana, habituada às refregas tanto no campo, quanto nas tavernas, Radegund usou o impulso para rolar sobre ele e agarrar-lhe a mão que trazia a adaga.

– Solte, desgraçado! - grunhiu.

– Esqueça! – ele rebateu, enquanto segurava a mão dela.

Raden concentrou-se no punho do soldado, forçando-o a se abrir. Vernon começava a ceder, ela podia sentir. Mais um pouco de pressão e ele largaria a arma. Estava a ponto de desarmá-lo quando Vernon, em desvantagem e com as duas mãos ocupadas, – uma que ela segurava e a outra, que ele usava para conter seu punho – usou a cabeça. Literalmente.

Sua testa acertou Radegund, atingindo-a logo acima do nariz. O golpe pareceu chacoalhar seu cérebro dentro do crânio. Radegund sentiu a visão escurecer momentaneamente. Foi apenas uma fração de segundo, mas o suficiente para Vernon arrancar sua adaga e rolar sobre ela, tentando estrangulá-la.

Radegund agarrou os punhos dele, tentando impedir que ele a sufocasse. Porém, suas forças começavam a abandoná-la. Tentou derrubá-lo de cima de seu corpo, mas sua posição era de extrema desvantagem.

Vernon tripudiou enquanto a fazia sufocar.

– Vou apagar você ruiva, – debochou – e depois vou acabar o serviço com sua amiguinha. E se você ainda estiver viva, talvez eu a use um pouco também!

Radegund lutou desesperadamente por ar. Sua visão começou a escurecer, ameaçando-a com a inconsciência. Cravou as unhas nos punhos de Vernon, mas ele não afrouxou o aperto. Estava a um passo de sucumbir. Estava certa de que daquela vez o diabo dançaria sobre seu túmulo. Lamentou, num último pensamento, ter falhado em sua promessa de proteger Leila. Antes, porém, que a escuridão a engolissem por completo, as mãos de Vernon afrouxaram o aperto em seu pescoço. O ar passou dolorosamente por sua garganta, queimando-a, expandindo-a.

Raden engasgou várias vezes, tentando respirar normalmente. Quando sua visão se desanuviou, enxergou Vernon caído ao seu lado. Um filete de sangue escorria da boca aberta, eternamente paralisada num ricto de ódio. Os olhos estavam esbugalhados, fitando o vazio, surpresos. E Leila estava de pé, diante dela, com as mãos ensanguentadas.

– Leila...? – a voz saiu rouca, engrolada, custando a passar pela garganta

ferida.

A jovem sarracena abaixou-se e a abraçou, as lágrimas escorrendo dos olhos.

– Raden! Oh, minha amiga! – Soluçou – ele ia matar você! Eu não tive escolha!

A ruiva compreendeu. Matar nunca era fácil. Consolou-a.

– Tudo bem, Leila. – Raden abraçou-a também e deixou que Leila chorasse. E ela, embora seus olhos queimassem, não se permitiu chorar, apesar do imenso alívio que sentia. Sentindo a moça mais tranquila, afastou-se um pouco e indagou. – O que diabos tinha na cabeça para vir até aqui, Leila? Não disse para não sair sozinha? – Apesar da admoestação, seu tom de voz era suave – sabia que ele – olhou para Vernon – estava rondando você há tempos!

– Perdoe-me, minha amiga. – O coração de Leila ainda estava disparado no peito. – Eu recebi uma mensagem dizendo que você estava ferida e que tinha sido trazida para cá. Não havia ninguém a quem recorrer. Eu fiquei muito preocupada. Não imaginava que fosse uma armadilha! – Balançou a cabeça, lamentando – sinto muito.

A ruiva afastou os cabelos do rosto e ajustou a túnica. Esfregou o pescoço dolorido e comentou.

– E foi uma armadilha muito bem preparada. – Alcançou a adaga que estava no chão e prosseguiu – não havia nenhum chamado para mim no quartel do senescal.

Leila não respondeu. Apenas olhou ao redor do casebre, evitando deliberadamente fitar o corpo de Vernon.

– É melhor irmos embora. – Sugeriu em voz baixa – esse lugar me dá calafrios.

– Sim – concordou Raden, levantando-se do chão.

Porém, antes que as duas pudessem transformar as palavras em ações, a porta da casa foi fechada por fora.

– Mas o que...? – Leila balbuciou, enquanto Radegund corria para a porta nos fundos do aposento. Algo lhe dizia que o pior ainda estava por vir. Atirou-se sobre a tranca arrebentada, forçando-a sem sucesso.

– Não abre! Prenderam por fora! – Berrou por sobre o ombro. – Tente a janela, Leila.

A jovem fez o que ela ordenou. Forçou as folhas de madeira.

– Nada!

Radegund desistiu da porta. Correu para ajudar Leila a abrir a janela, mas esta parecia pregada com chumbo.

– Diabos, diabos, diabos! – Colocou o pé na parede e tentou puxar as folhas

de madeira novamente – que inferno! Odeio esta cidade! – Esmurrou a janela. – Ei, alguém, aí fora!

As duas começaram a gritar, na tentativa de chamar a atenção de algum transeunte.

– Hei! Alguém! – Leila gritou e bateu repetidamente na madeira.

Mas ninguém as atendeu. E as portas e a janela não se abriram. Ao invés disso... foi Leila quem viu aquilo primeiro, entrando pelas frestas.

– Oh, pelo Profeta! Raden!

– Eu vi, Leila! Eu já vi! Inferno! – Agarrou inutilmente o punho da espada. – Querem nos matar!

Uma fumaça malcheirosa começou a entrar pelas frestas, tomando conta de todo o ambiente, começando a sufocá-las. As luzes tremularam e as chamas se enfraqueceram, com pouco oxigênio para manter o fogo vivo.

– Para o chão, Leila! – Falou a ruiva, puxando-a para perto de dela – Respire junto ao chão! – Ela começou a tossir, a garganta ainda sensível ardendo a cada inspiração. – Fique aqui. Vou de novo tentar abrir a porta.

Leila colocou a ponta do albornoz sobre o rosto e viu a sombra da amiga se movendo na penumbra, em direção a porta dos fundos. A fumaça fazia seus olhos arderem e entorpecia seus sentidos. Escutou-a sacudir, chutar e esmurrar a madeira e depois ouviu-a falar, a voz soando fraca.

– É inútil, Leila, deve estar bloqueada... – Radegund teve um acesso de tosse – onde você está?

– Aqui – ela gemeu e tossiu, sentindo-se tonta e mole. A sensação de solidão maior que a de medo – Raden, estou aqui...

A guerreira, também entorpecida e fraca, caiu de joelhos e arrastou-se até ela. Tateou na escuridão enfumaçada e segurou sua mão.

– Leila... você foi... – ela tossiu de novo e a voz custou a sair – ...uma boa amiga.

Antes que as trevas as engolfassem, Leila sentiu a guerreira apertar sua mão. Com suas últimas forças, Raden retirou com os dentes o anel que Gilchrist lhe dera, cuspindo-o no chão. O aro gravado com o *triskle* rolou mansamente e prendeu-se numa fresta do piso. Do lado de fora do casebre, uma sombra encapuzada sorriu.

Obrigado, Pai.

Já passava um pouco da meia-noite quando Ragnar e Mark apearam de suas montarias, sem sequer esperar que elas parassem totalmente. Diante dos portões da casa de Leila, um pálido Gilchrist, com o braço preso numa tipoia, veio encontrá-los.

– Fico feliz que tenham chegado – ele cumprimentou – eu estava de saída.

– Onde está minha mulher, Gil? – perguntou Ragnar aflito.

O irlandês foi logo colocando a ele e a Mark a par da situação.

– Ela e Radegund saíram há horas e não voltaram até agora. – Começou e fitou Ragnar. – Hoje cedo recebi uma mensagem, supostamente sua, para encontrá-lo fora da cidade, ao sul. Mal cheguei aos rochedos, fui emboscado. Perdi minha montaria, mas consegui que uma carroça de agricultores me trouxesse até o quartel. Somente quando cheguei lá soube que vocês estavam no Litâni, exatamente no lado oposto ao qual fui mandado. Deduzi que havia sido afastado de casa intencionalmente, e mandei chamá-los. – Explicou. – Corri para sua casa e descobri que as duas haviam saído. Radegund recebeu um falso chamado do quartel. E Leila uma mensagem dizendo que a ruiva fora levada, ferida, para um local do outro lado da cidade.

Mark fitou Gilchrist, os olhos castanhos sombrios e preocupados.

– Radegund está encrencada – afirmou – posso sentir em meu– deu de ombros – só acho que devemos nos apressar.

Gilchrist retomou a palavra, pegando as rédeas do cavalo que o criado lhe trouxera.

– Jamal guardou o bilhete que Leila deixou, para que eu soubesse aonde ela foi. Estava indo para lá quando vocês chegaram

– Então vamos nós três. – falou Ragnar, montando novamente.

O grupo disparou noite adentro em silêncio, cada um imerso em seus próprios pensamentos e preocupações. Gilchrist condenava-se por estar longe da casa no momento em que Leila saía. Mark remoía sua angústia, e a íntima certeza de que seria muito difícil encontrar as duas ilesas. E Ragnar era só desespero, preocupado com a esposa e com a criança que ela carregava.

Em pouco mais de um quarto de hora chegaram à viela escura, mal iluminada por uns poucos archotes. A primeira coisa que Mark viu foi Lúcifer, parado como uma sentinela negra diante de uma das casas. Saltou da sela antes dos dois amigos pararem suas montarias, e foi caminhando devagar na direção do garanhão.

– Calma, garoto... – murmurou, aproximando-se do animal, que o encarava e resfolegava – sei que está assustado. Você é como ela, não é? Sob essa capa de coragem, tem um coração sensível. – Falava baixinho, caminhando bem devagar – Onde está sua dona, rapaz?

Estendeu as mãos para as rédeas, mas Lúcifer empinou nas patas traseiras. Mark obrigou-se a ficar parado. Os cascos passaram a milímetros dele, batendo no chão a sua frente, numa atitude de desafio. Lúcifer arreganhou os dentes e sacudiu a cabeça, impaciente. Mark franziu o cenho. O animal balançou a cabeça

de novo, dando um passo à frente, empurrando-o com o focinho. Só então ele notou o que não havia visto antes na penumbra. Pegando as rédeas do garanhão que enfim lhe permitia se aproximar, chamou os dois amigos.

– Venham aqui! Vejam isso!

A porta da casa, aberta e pendurada por um dos gonzos, fora evidentemente arrombada. O interior da casa, escuro como breu, tinha um odor estranho, como se algo houvesse sido queimado lá dentro. No ar, Mark identificou também o cheiro de sangue.

Gilchrist pegou um dos archotes da rua e caminhou até o casebre, iluminando seu interior. Ragnar o seguiu. O corpo inerte de Vernon os recebeu, o olhar vítreo a fitar o vazio.

– O bastardo – rosnou Ragnar e chutou o corpo fazendo-o rolar de bruços. A visão de sua própria adaga nas costas do homem fez seu sangue gelar e a voz sair tensa – Bakkar...

O mestiço agachou-se e examinou o corpo.

– Ainda está quente. Não faz muito tempo que foi morto.

– Sim – Ragnar também se abaixou – e quem o matou o fez com a adaga que dei a Leila. Mas onde elas estão? Gil...?

Gilchrist não o ouviu. Desde o momento em que pisara na casa, suas tatuagens ardiam em seus punhos. Ele estava parado no centro do aposento, seus olhos fechados e a face pálida, a respiração profunda como se estivesse dormindo.

– Gilchrist – chamou Ragnar de novo. E já ia tocá-lo quando Mark o impediu.

– Espere.

O tempo passou lentamente enquanto Gilchrist permanecia naquela espécie de transe. Ragnar e Mark apenas esperavam, enquanto viam o amigo empalidecer e suar frio diante deles. Até que os joelhos do irlandês se dobraram e, se não fossem os dois se adiantarem pra segurá-lo, ele teria ido ao chão.

– Foram... levadas – Gilchrist balbuciou – as duas... vivas. O anel... – desvencilhou-se dos dois e se abaixou, pegando algo do chão. Estava lá, onde sua visão lhe mostrara. E apesar de se sentir consumido e esgotado, elevou uma prece silenciosa aos deuses de sua mãe – Radegund o deixou.

– O que é isso? – Perguntou Ragnar – como você sabe que elas estão vivas? Não há sinal delas, exceto pela adaga.

– Esta é uma longa história, Sven – ele mostrou o anel na palma de sua mão – eu dei esse anel a Raden, é um amuleto de proteção. Ela o deixou para que soubéssemos que esteve aqui. E que ela e Leila correm perigo.

Mark, já familiarizado com aqueles eventos estranhos, pois ele mesmo tinha

um elo um tanto sobrenatural com a ruiva, apenas perguntou.

– E você conseguiu saber para onde elas foram levadas, Gil?

– Infelizmente, não Bakkar. Apenas consegui perceber o que havia nesse ambiente. Não vejo nada além disso. – Encarou os dois companheiros. – Teremos que vasculhar a cidade em busca de pistas.

– Então vamos de uma vez – rugiu Ragnar – minha mulher e meu filho estão em perigo! Não podemos ficar aqui parados!

– Acalme-se, Sven. – Mark procurou raciocinar com clareza. – Sozinhos não temos como cobrir toda a cidade. Precisaremos de ajuda.

– Quando estive no quartel, mandei avisar Ibelin. – Comentou Gilchrist – podemos iniciar as buscas a partir de lá. Creio que ele não se importará se usarmos a rede para sabermos de todos os movimentos suspeitos nos guetos de Tiro, nos últimos dias.

– Está certo, – convenceu-se Ragnar, montando em Viking – mas vamos logo. Não aguento mais esperar. Gil, tem certeza que não há mais nenhuma pista?

– Não, Sven. Olhei a casa; possuí apenas um cômodo. Não achei mais nada que pudesse ligar o local à presença delas, além do anel. Sinto muito, – montou e aproximou seu garanhão do de Ragnar – mas tenho certeza de que as encontraremos, Sven.

Mark subiu em Baco e pegou as rédeas de Lúcifer.

– Vamos, garoto.

Sem mais delongas, partiram rumo ao quartel do senescal.

Capítulo XXIII

“TU QUE ENTRAS NO ASILO DA DOR,
VÊ BEM EM QUEM CONFIAS E COMO ENTRAS AQUI. “
“A Divina Comedia”. Inferno, Canto V. Dante Allighieri

A primeira coisa que Leila ouviu ao sair do estado de torpor em que se encontrava foi o ruído das gaivotas e o ranger de madeira. Em seguida, percebeu que estava com os pés e as mãos atados. E amordaçada. Por último, abriu lentamente os olhos e viu Radegund desacordada ao seu lado, jogada, assim como ela, sobre um monte de palha. Fechou os olhos novamente, tentando aplacar a dor de cabeça que parecia martelar suas têmporas. E constatou que o chão em que estavam deitadas não era totalmente estável. Havia um suave oscilar, como se estivesse num balanço. Ou num navio. Abriu os olhos de pronto. Pelo Profeta! Estavam sendo sequestradas!

Mas por quê? Para quê? Quem era seu inimigo? Vernon já estava morto! Quem as odiava tanto assim? Quem armara aquela cilada cruel? Quem as drogara e as sequestrara, amarrando-as daquela forma num porão de navio? Sim, porque aquilo ali só podia ser um navio e, a contar pela quantidade de caixas e cargas embaladas em oleados, era um navio mercante.

Leila se mexeu, tentando se desvencilhar da mordaça. Com as mãos presas para trás do corpo, ficava difícil. Arrastando-se para o lado de Raden, pôs-se a cutucá-la com os pés atados, tentando acordar a amiga. Em poucos minutos, os olhos verdes a encaravam, aturdidos. Acabando de despertar, a guerreira retomou sua personalidade prática e, com gestos, mostrou que queria que Leila escorregasse um pouco mais para baixo, pondo o rosto, e a mordaça, ao alcance de suas mãos, também atadas atrás das costas.

Num esforço de contorcionismo, a ruiva conseguiu se virar e arrancar a mordaça da amiga.

– Agora vire-se para que eu faça o mesmo, Raden – a sarracena sussurrou.

Quinze minutos mais tarde, as duas suavam, mas Radegund finalmente pode cuspir fora o trapo sujo que haviam lhe enfiado na boca.

– Inferno! – Foi seu primeiro resmungo. – Leila, você está bem?

– Sim, e você? – Indagou em voz baixa.

– Com dor de cabeça. – Ergueu os olhos para as vigas sobre sua cabeça. *Ah não! Era só o que me faltava. Senhor, diga que eu não estou...*

Leila completou seu pensamento com uma afirmação.

– Estamos num navio.

– Sim. – Suspirou desanimada, recostando-se na palha – É uma péssima notícia.

– Naturalmente – Leila se ergueu um pouco, escorando-se no casco de

madeira – significa que estamos sendo sequestradas.

– Não, Leila – Raden a encarou e pela primeira vez Leila a enxergou como uma mulher normal, talvez pela expressão de profundo desalento em seu rosto – isso significa que, assim que essa banheira começar a se mexer, eu serei mais inútil do que esse trapo que cuspi fora.

A moça franziu o cenho.

– Não entendi.

– Eu sofro de enjoos, Leila. – Confessou, mortificada. – Sou uma péssima marinheira.

Leila deixou-se cair de encontro à palha, desolada.

– Agora estamos mesmo enrascadas.

Balian de Ibelin, ao saber do desaparecimento de sua agente e da esposa de um de seus mais importantes homens, havia acionado imediatamente sua rede de espiões. Não se tratava apenas de uma questão pessoal. Era também, já que o nobre se afeiçoara à destemida ruiva. E sua esposa, Maria, nutria um carinho especial pela mulher de Ragnar. Porém, e acima de tudo, a segurança de seu exército estava em jogo. Radegund conhecia muitos segredos. E apesar de tudo levar a crer que se tratava de um ataque de cunho pessoal, Ibelin não descartou a possibilidade de aquilo ser mais uma interferência do Templo em seus negócios.

E assim, desde o mais esfarrapado mendigo jogado numa sarjeta, até um assistente do patriarca, passando por um rabino, pela própria Isabella, – a dona do bordel – e diversos *chevaliers*, escudeiros e mercenários infiltrados nas Ordens e nas casas da nobreza, todos os espiões estavam de olhos e ouvidos bem atentos para qualquer informação sussurrada pelas ruas de Tiro que levasse ao paradeiro da jovem sarracena e da corajosa guerreira.

Sua tática não demorou a surtir efeito. Antes do meio-dia, uma mulher de formas voluptuosas, e com o rosto meio encoberto por um capuz, entrou em seu gabinete. Lá dentro já estavam Mark e Ragnar, debruçados sobre alguns mapas, discutindo estratégias e probabilidades desde muito cedo. Ibelin sorriu à entrada daquela que era uma de suas mais ricas fontes de informações.

– Isabella, *cara mia!* – O nobre a cumprimentou com um beijo na mão. – Continua fascinante como sempre. Se Veneza soubesse a joia que perdeu...

– E o senhor, *messire*, continua um tratante. – Ela piscou um olho delineado com *khol*. – Como vai Maria?

– Muito bem e manda lembranças. – Indicou uma cadeira e fechou a porta, indagando. – A que devo a honra?

Ragnar já estava de prontidão diante da mulher morena e ainda bonita, apesar de seus muitos verões.

– Tem alguma informação, Isabella? – Indagou o norueguês aflito – sabe de minha esposa?

– Calma, meu gigante louro. – Isabella respondeu com suavidade – Um passarinho cantou hoje de manhã na janela de Nur. – Voltou-se para Bakkar, com ares de troça – ela não se esquece de seu *amigo* Raden...

Mark revirou os olhos, lembrando-se do episódio do bordel, mas logo voltou a se concentrar.

– E quem foi esse passarinho, *carissima*?

Isabella, por fim, sentou-se numa das cadeiras entalhadas.

– Trata-se de um desertor, um franco que veio com os refugiados de Jerusalém. – Os homens olhavam-na atentos. – Ele bebeu além da conta e contou mais vantagens do que os piolhos que tem na cabeça. É um idiota! – Desdenhou. – Falou algo a respeito de um tal Vernon, e também que não devia ter se metido com o irlandês. Como eu já havia sido informada do ataque que O’Mulryan sofreu, e também da morte daquele bastardo, liguei os fatos.

– E onde está esse sujeito, Isabella? – Ragnar indagou, levantando-se da cadeira.

– Sossegue, homem. Mandeí Nur mantê-lo ocupado enquanto vinha até aqui, – piscou para Ibelin – cortesia da casa...

O nobre se ergueu da cadeira e apoiou as mãos na mesa ricamente lavrada, encarando Mark e Ragnar.

– Hora de caçar passarinhos, *chevaliers*.

Gerald, amaldiçoava sua má sorte e o dia em que Vernon cruzara seu caminho. Maldito fosse o cão lazarento! Ele, que dormira nos braços macios da linda Nur, fora despertado com um balde d’água sobre a cabeça, e depois, atônito, arrastado para as masmorras do quartel do senescal. E agora estava ali, trancado naquele lugar horrível e malcheiroso, ouvindo as vozes alteradas do lado de fora da cela, certo de que, se saísse vivo daquele lugar, tomaria o primeiro navio para Messina e nunca mais pisaria na Terra Santa novamente.

– Eu já disse para sair da minha frente, Bakkar! – Ameaçou Ragnar, com os punhos cerrados – Saia ou eu tiro você daí!

As pedras dos corredores ecoaram os gritos furiosos do norueguês. Um dos guardas se remexeu desconfortável sem, no entanto, descuidar de seu posto. Era evidente que o *chevalier* Svenson não estava num bom dia. E para alguém com pelo menos metade do cérebro no lugar, aquilo era um bom motivo para se manter a algumas léguas de distância do nortista.

Do lado de fora da cela de Gerald, Mark al-Bakkar tentava, sem muito

sucesso, conter a fúria do amigo.

– Esfrie a cabeça, Sven! – Rosnou, bloqueando a porta. – Se eu deixar que interrogue o sujeito, vai matá-lo antes que fale tudo o que queremos saber!

Ragnar apontou-lhe um dedo.

– Pensa que não sei como interrogar um prisioneiro? Estou cansado de fazer isso!

– Droga, Sven! Não é isso! – Mark passou a mão pelos cabelos, nervoso. – Mas você está furioso. Sua mulher está grávida, desaparecida... você está emocionalmente envolvido. Não podemos nos arriscar, homem! Se você o matar antes que ele fale, podemos jamais saber o que aconteceu a Leila e a Raden. Não podemos deixar que nossos sentimentos interfiram no nosso trabalho!

O norueguês avançou com os olhos lançando chispas.

– Isso não é um trabalho! São a minha mulher e meu filho em jogo! E você também está emocionalmente envolvido, – acusou – Afinal, Tiro inteira sabe *quem* aquece a cama da ruiva!

Mark respirou fundo e tentou se controlar.

– Sven, procure entender. Eu gosto de Radegund; somos mais do que amigos. Durmo com ela às vezes, não vou negar. Mas ela não é minha mulher, ela não está esperando um filho meu, – enumerou – e eu não estou apaixonado por ela. Enfie isso na sua cabeça, homem! – Suavizou o tom de voz, antes de prosseguir – a garota sabia dos riscos ao assumir a proteção de Leila. Ela se fez no meio da luta e sabe se arranjar. Sua mulher não. E isso vai acabar com seus nervos antes que possa fazer seu trabalho, – colocou a mão no ombro de Ragnar e pediu – deixe que eu cuide do prisioneiro. Pelo bem das duas. – Resignado, o norueguês assentiu. Mark complementou. – Enquanto isso, sugiro que vá até sua casa e converse com Gilchrist. Ele ficou de interrogar os criados e falar com Yosef. Vamos precisar nos organizar para as buscas. Não sei até onde teremos que ir, mas suspeito que será longe, pois duvido que elas ainda estejam em Tiro. – Supôs o mestiço – precisaremos providenciar recursos e provisões. Pode fazer isso?

Ragnar concordou e encarou o amigo

– Está certo, Bakkar. – Apertou o ombro de Mark. – Mais uma vez você provou sua amizade. Desculpe. Eu não tenho conseguido raciocinar direito. Vou aguardar por notícias em casa.

Mark esperou que o norueguês se afastasse, e só então olhou para o guarda à porta da cela de Gerald.

– Abra. – Ordenou. Passou pela porta, falando por sobre o ombro. – Ninguém entra até eu mandar, compreendido?

– Sim, senhor. – Assentiu o rapaz, cerrando a porta atrás dele.

Mark caminhou até o centro da cela, silencioso, os olhos fixos no prisioneiro. Um raio de sol, vindo da abertura de ventilação no alto da parede, iluminou suas feições, agora transformadas num esgar cínico.

– Bom dia, Gerald, – falou em voz mansa – vim oferecer a você nossa hospitalidade.

Diante dos olhos frios do mestiço, o desertor rezou.

Patrus caminhou apressado pelo porto. Havia acabado de receber o pagamento do capitão da galera egípcia pela mercadoria que estava enviando a Aswad. Agora, retornava para casa, onde continuaria agindo naturalmente. Esperaria o alvoroço causado pelo desaparecimento das duas mulheres se acalmar. Então, eliminaria o norueguês de seu caminho. Em seguida, apresentaria o bilhete que fizera o marido de Sophia escrever em seu leito de morte, há alguns anos atrás, dizendo que gostaria que ele, Patrus, fosse o beneficiário de seu legado.

Distraído, o egípcio se chocou com um mendigo vestido com trapos sujos. Um dos olhos, e parte rosto imundo do homem estavam encobertos por ataduras encardidas. Os trajes rotos cobriam todo seu corpo, mas o mau cheiro dava a entender que se tratava de um leproso. Ele vinha cambaleando em sentido contrário e foi impossível evitar o encontro. A bolsa de ouro caiu de suas mãos e o único olho verde do maltrapilho brilhou de interesse. Patrus afastou-o com um safanão.

– Saia daqui cão sarnento!

O homem caiu sentado. O criado recolheu a bolsa, saindo apressado sem olhar para trás.

Se tivesse feito isso, teria percebido quando o mendigo aprumou o corpo e caminhou a passos largos, milagrosamente recuperado, em direção ao quartel do senescal.

– Misericórdia! – Gemeu Andrew, com a mão sobre nariz, ao encontrar o companheiro no alojamento – não tinha um disfarce menos fedorento?

Gilchrist, com o tapa-olho já devidamente colocado em seu lugar, desenrolou as ataduras da cabeça e sorriu para o *chevalier*.

– Onde já se viu um mendigo leproso cheirar bem? – Livrou-se dos farrapos sujos que esfregara com carne apodrecida, e foi até uma bacia lavar o rosto e as mãos, encardidos de terra – Aonde estão Svenson e Bakkar?

– Bakkar está, como direi... – fez uma pausa significativa antes de prosseguir – ensinando um passarinho cantar. Svenson foi para casa. Creio que está a sua espera.

– Ótimo. – Gilchrist começou a se livrar do resto dos trapos, expondo o peito largo coberto de cicatrizes e o ombro enfaixado. Antes de acabar de se limpar, disse – tenho uma informação muito interessante para ele. – Apontou um gancho na parede, pedindo – Pode me passar esta túnica, por favor?

Mark parou à frente de Gerald, que tentava manter o mínimo de compostura. Suas mãos estavam atadas aos braços de uma cadeira e o mestiço com cara de poucos amigos fazia uma pergunta atrás da outra, mal lhe dando tempo de respirar. Aliás, àquela altura, depois de ter sido surrado como um asno, até mesmo isso doía.

– Quem armou a cilada? – Mark perguntou, os dentes cerrados, diante do rosto machucado de Gerald – quem entregou Leila nas mãos de Vernon?

– Não sei... – gemeu o soldado. Se abrisse a boca, Vernon certamente o mataria bem devagar.

O mestiço agarrou os cabelos do prisioneiro. Sacudiu-o violentamente e gritou.

– Não banque o valente! Seu amigo já está morto, não há porque defendê-lo!

Gerald arregalou os olhos. Até então não sabia que Vernon havia morrido.

– Mo... morto...? – Gaguejou.

O *chevalier* sorriu de forma sinistra. Agarrou o punho do prisioneiro que estava preso no braço da cadeira. Forçou-o a abrir a mão e olhou dentro de seus olhos.

– Sim, ele está morto. Morreu rápido, com uma adaga cravada nas costas – seu sorriso se alargou enquanto falava mansamente, a voz contrastando com suas ações – só que você, Gerald, ainda vai demorar muito para morrer. – Tornou a esbravejar. – Quem entregou Leila?

Gerald engoliu em seco. Não sabia se tinha mais medo do mestiço, ou do sinistro Patrus. Tentou aguentar mais um pouco. Talvez conseguisse negociar com o homem, embora ele parecesse ter nervos de aço e nenhuma misericórdia.

– Só contarei se me libertarem – arriscou, erguendo a cabeça num arremedo de coragem.

– Resposta errada, cão.

O punho fechado desceu sobre um dos dedos de Gerald, esmagando-o de encontro à madeira. O urro de dor encheu as paredes da cela.

O som chegou aos ouvidos do guarda, do lado de fora. O jovem olhou por sobre o ombro, estremeceu e fitando a porta trancada atrás de si. Intimamente, agradeceu a Deus por não ser ele interrogado por Bakkar. Muitos conheciam o *chevalier* mestiço, que se mostrava sempre simpático e des preocupado,

parecendo encarar a vida com descontração constante. Poucos, no entanto, imaginavam que, em situações como aquela, Mark al-Bakkar revelava outro lado. Um lado frio, calculista e impiedoso, colocado a serviço de Ibelin.

A fama de al-Bakkar, contudo, já era de seu conhecimento. O mestiço não pararia até arrancar cada ínfima informação do prisioneiro. Ele não o deixaria ficar desacordado, e também não o deixaria morrer. O homem poderia até tentar resistir ao interrogatório, mas antes que a manhã chegasse ao fim, Bakkar saberia até mesmo qual era a cor de sua ceroula preferida. E isso era tão certo quanto a noite encontrar o dia.

Outro urro de dor cortou os corredores das masmorras. O guarda coçou a cabeça. E pensou que aquele prisioneiro seria muito, muito estúpido se não resolvesse contar logo a Bakkar tudo aquilo que ele queria saber.

Com a maré vazante do meio dia, uma insuspeita galera mercante egípcia partiu do porto de Tiro, carregando em seus porões dois preciosos e relutantes fardos. Mal a embarcação começou a se movimentar, Leila notou que a amiga empalidecia e começava a suar frio, fechando os olhos e recostando-se na palha do chão.

– Raden... – chamou baixinho.

– Ahn... – a ruiva respondeu com um gemido.

– Não vai me dizer que...

Radegund fez um esforço sobre-humano e abriu um dos olhos. *Oh bom Deus, bem que o mundo poderia parar de girar!*

– Sim, Leila... – confirmou os temores da amiga – estou enjoando – respirou fundo e tentou controlar a náusea, antes de contar – quase morri... quando vim de Messina... anos atrás. Acho que só não sucumbi... – nova inspiração – para não descobrirem que eu era uma garota.

– Oh, céus! Respire fundo, minha amiga. – Preocupou-se Leila ao vê-la empalidecer mais ainda – será que não vai aparecer ninguém aqui para nos soltar?!

– Ah, Deus... – a guerreira inclinou a cabeça para trás e inspirou fundo novamente. Se cedesse à náusea, iria acabar sufocando. – Dessa vez, vai ter que se arranjar sem mim, Leila. Enquanto estiver neste navio... serei uma inútil.

Aquela era uma péssima notícia para Leila. Estava certa de que, quando Radegund acordasse, poderia dar um jeito nas coisas e reverter a situação de ambas. Nunca imaginara que a amiga sofresse de um mal-estar tão intenso no mar. O que faria? Não tinha o menor expediente para lidar com uma situação como a que estavam. Fora criada para saber cuidar da casa, dos filhos e agora, com o aprendizado que tivera com Yosef, aprendera a administrar os negócios

que possuía. Mas nem de longe se sentia capaz de resolver um problema como aquele.

Durante um bom tempo ficou observando a amiga, que procurava se manter o mais imóvel possível, apesar do balanço do barco. De súbito, teve uma ideia e logo se preparou para colocá-la em prática. Antes avisou.

– Pensei em algo, Raden. Pode não ser uma solução, mas... – deu de ombros se ajeitou de encontro à parede – ...tampe os ouvidos.

A ruiva abriu um olho e abafou uma risada. Como se ela pudesse, com as mãos atadas!

Mal Radegund fechara de novo o olho, Leila começou a berrar de uma forma tão estridente, que ela achou que fosse morrer. Para completar, a sarracena batia com os pés amarrados de encontro ao casco do navio. A ruiva se espantou. Como a delicada Leila era capaz de fazer todo aquele ruído de acordar os mortos? *Pelo amor de Deus, alguém desça nesta merda de porão ou ela vai me matar com esse barulho!*

As preces de Radegund foram atendidas minutos depois, quando o alçapão do porão foi aberto e um homem gordo, de pele escura, desceu pela escadinha.

– O que está acontecendo aqui? – Indagou de maneira estridente.

Um eunuco! Leila, à beira da histeria, teve ímpetos de gargalhar ao ouvir a voz de falsete, quase feminina, do homem corpulento. Mas se conteve e olhou muito séria para ele.

– Minha amiga está enjoada. – Informou.

– Problema dela. – O homem rebateu, desdenhoso.

Leila respirou fundo, controlando a irritação, e mudou o tom de voz.

– Por favor, solte ao menos minhas mãos para que eu possa cuidar dela. – Pediu – e arrume-nos um balde. Por caridade – implorou.

O homem encarou-a de volta, cruzando os braços.

– Avisaram ao capitão que essa daí – apontou Radegund – era perigosa. Não posso soltá-las.

Ao invés de argumentar, Leila perguntou, ansiosa por conseguir informações.

– Quem o avisou? Por que nos prenderam?

– Vou trazer um balde, e também água – disse o homem, evitando responder suas perguntas e já se afastando – mas desde já, vou avisá-las. Aswad pode ter pagado um bom preço por vocês duas, mas se arrumarem confusão, o capitão vai atirá-las aos tubarões.

O eunuco sumiu pelo alçapão. Leila ficou tentando organizar as informações em sua mente, enquanto ouvia os gritos das gaivotas e os ruídos característicos do porto se afastando cada vez mais. O homem falara num tal

Aswad. Mas quem era Aswad? Seria o dono da embarcação? E por que teria pagado um bom preço por elas? Quem alertara o capitão sobre Radegund? E o mais importante; para onde estavam sendo levadas?

Ragnar andava de um lado para o outro, impaciente, diante de um sereno Yosef. Não que o velho homem não estivesse preocupado. Ele apenas sabia que não adiantava ficar gastando suas energias daquela forma. Entretanto, compreendia o norueguês. Sua mulher e seu filho, além de sua grande amiga, estavam nas mãos de alguém muito cruel, que as arrastara para uma armadilha vil. Yosef pediu a Ragnar, mais uma vez que se acalmasse.

– Sente-se um pouco, Svenson – pediu – ou vai abrir um buraco no chão.

– Ora, Yosef! – Impacientou-se. – Gilchrist já deveria estar aqui! Bakkar disse que ele viria conversar com os criados e com você.

– E eu já lhe disse que ele mandou uma mensagem avisando que se atrasaria.

Ragnar jogou seu enorme corpo sobre uma cadeira e esfregou os olhos com as mãos.

– Estou me sentindo de pés e mãos atados, Yosef.

A porta do gabinete se abriu antes que o velho administrador pudesse responder.

– Desculpe a demora, Sven. – Falou Gilchrist entrando apressado. – E melhor que venha comigo até o quartel, e você também Yosef.

– Mas, porque Gil? O que houve? – O coração de Ragnar falhou uma batida. – Leila? Ela...

– Não, – apressou-se em interrompê-lo, notando o rumo de seus pensamentos – não há notícia concreta sobre elas, mas descobri algo muito importante. Vamos depressa. – Olhou por sobre o ombro antes de continuar. – Aqui não é seguro falarmos.

Intrigados, Ragnar e Yosef seguiram Gilchrist. Apesar da idade avançada, o administrador preferiu ir a cavalo, dispensando o coche que lhe fora oferecido, para que pudessem ir mais rápido. Logo chegaram ao quartel. E imediatamente foram conduzidos ao gabinete de Ibelin.

Mark estava lá, junto com seu suserano, a fisionomia sombria e cansada.

– Sentem-se, – falou Ibelin, enquanto apertava com familiaridade a mão que o velho lhe estendia – seja bem-vindo, mestre Yosef. Svenson, – ele se voltou para Ragnar – Bakkar e Gilchrist fizeram um bom serviço agora de manhã. O'Mulryan, na verdade, teve mais uma daquelas suas intuições e seguiu um rumo diverso do que planejamos anteriormente. E parece que deu resultado. – E voltando-se para Yosef, Ibelin perguntou sem rodeios – o que me diz sobre o

criado de Leila?

– Jamal? – Yosef perguntou.

– Não. O outro, o egípcio, – retrucou Ibelin – o tal Patrus.

Mar Mediterrâneo

Leila olhou desolada de Raden para o balde à frente da ruiva. Agradeceu intimamente aos céus por ela mesma não estar sofrendo dos típicos enjoos da gravidez. Já bastava a guerreira a colocar tudo o que tinha no estômago, – e também o que não tinha – para fora. Ajudou a amiga a erguer a cabeça e encarou as faces pálidas e os olhos lacrimejantes. Limpou-lhe o rosto e os lábios com um pano úmido que o eunuco deixara com elas. Ao notar o estado da ruiva, ele havia concordado em desamarrá-las.

– Ela não vai a lugar nenhum mesmo... – caçoara o homem.

Entretanto, tratara de atar as duas a uma das vigas de sustentação do porão. Usara para isso uma longa corrente, que prendera a grilhões nos tornozelos de ambas as mulheres.

– Quer beber água? – Leila perguntou, deitando a cabeça ruiva em seu colo.

– Não, Leila. Agora não, – pediu Radegund – deixe que meu estômago se acalme só mais um pouco.

– Tudo bem. – Concordou a moça – Durma então, eu tomarei conta de você.

Raden sorriu de olhos fechados.

– Não é irônico, Leila?

– O que?

– Há alguns meses apenas eu disse a mesma coisa para você.

Naturalmente, ela se recordava. Fora naquela madrugada, na estrada para Tiro. Radegund ficara acordada, apesar da exaustão, e a mandara dormir, velando seu sono. Quando poderia imaginar que seria ela a zelar pela segurança da brava guerreira algum dia? Justo ela, sempre tão dependente de todos.

– Fique tranquila, Raden. – Passou a mãos sobre a face pálida e ferida da amiga. – Eu estarei aqui.

Fraca e cansada, a outra adormeceu.

Tiro

– Quer dizer então que foi Patrus quem deu a informação sobre Leila à Vernon?

– Sim, Sven. Foi ele quem avisou àquele verme que sua mulher estaria no mercado naquele dia. – Explicou Mark. – Gerald foi o responsável por armar a confusão que distraiu Leandra e Jamal.

– Foi pura sorte eu estar lá na hora em que tudo aconteceu, – comentou Gilchrist ao se lembrar da ocasião – mas isso não explica o porquê de Patrus querer desaparecer com Leila.

– Acho que faz sentido sim, *sire* – Yosef entrou na conversa, sua mente dedutiva refazendo os passos do ambicioso criado – Patrus foi trazido há anos do Egito como escravo. Tiberius, o marido de Sophia, o comprou e o libertou, contratando-o como uma espécie de mordomo. O velho se afeiçoou a ele. Patrus gozava de uma posição privilegiada na casa. Anos depois, quando Tiberius morreu, Sophia manteve Patrus a seu serviço. Seus poderes dentro da residência eram quase absolutos. Creio que ele imaginava que herdaria a fortuna do casal, já que os únicos parentes de Sophia eram Leila e Bharakat. E mesmo assim, o pai de Leila era apenas o cunhado de Sophia. A moça seria, por natureza e por lei, a herdeira universal da tia. Porém, como há muitos anos eles não se viam, Patrus pensou que ela sucumbira em Jerusalém. E quando Leila apareceu em Tiro, ele, naturalmente, se desesperou.

– Seu raciocínio tem fundamento, mestre, – comentou Ibelin – Mas pela lei, a senhora Sophia teria necessariamente que deixar seus bens para a sobrinha, não para um empregado, por mais fiel que ele fosse! Patrus não podia se fiar apenas na presunção da morte de Leila. Com certeza este homem tem mais algum trunfo escondido para ter apostado tão alto.

– Também acho, *messire*, – interveio Ragnar – mas a única coisa que Patrus provavelmente ainda não sabe é que, antes de se casar, todos os bens de Leila foram passados para mim. Ou seja, se Leila desaparecer, ainda assim o legado ficará fora de seu alcance. – Completou caminhando em direção a janela. – Eu também suspeito de que ele possa ter feito algo contra Leandra... Só não imagino o quê, nem como. Creio que a moça o tenha encontrado no gabinete naquela noite. Jamal comentou que ela foi fechar as janelas. Provavelmente foi naquela mesma ocasião que Patrus se apoderou de meu sinete para forjar as mensagens. O bastardo!

– E também pode ter sido ele quem entregou a ruiva ao templo, Sven – Sugeriu Mark – lembra-se? Foi ele quem, teoricamente, achou o bilhete de Radegund. Mas por quê? – Coçou a barba por fazer, intrigado, e resmungou. – Gerald falou que ele tem um estranho poder. Nas palavras daquele idiota, ele domina a vontade das pessoas, lê suas mentes. Mas, convenhamos que, com aquele cérebro de minhoca que Gerald tem, até um camelo seria capaz de adivinhar o que ele pensa!

– Muitos estudiosos egípcios conhecem o poder da hipnose, Bakkar. – Comentou Yosef. Gilchrist o interrompeu.

– Desculpe, mestre, mas creio que Patrus vai além disso. Sempre achei que

havia algo de sinistro nele... – opinou – creio que ele lida com rituais profanos, com feitiçaria da mais negra e perigosa.

– Acredita mesmo nisso, Gil? – Indagou Mark

– Sim, já vi bastante desse tipo de coisa para saber com o que estou lidando – afirmou o irlandês, sem entrar em maiores detalhes – não sei explicar. É uma sensação, não há como traduzi-la em palavras. Mas posso lhe dizer que Patrus é perigoso e dissimulado. Hoje, no porto, eu o observei por um bom tempo. Há uma força ruim em torno dele.

– Tudo bem, – falou Ragnar impaciente – agora que sabemos que foi Patrus quem armou a cilada, que tal arrastarmos o cretino até aqui e descobrirmos onde diabos ele escondeu minha mulher e a ruiva?

– Patrus não falará, Svenson. Se o pressionarmos, é capaz de se matar antes que tenhamos a chance de arrancar qualquer informação dele. – Retrucou Gilchrist – alguém que faz o que ele fez só pode ter um cérebro doentio e ardiloso. Alguém que planeja uma teia de intrigas como a que ele planejou, e que dissimula durante tanto tempo suas intenções, não se entregará facilmente. E se ele não obtiver o que deseja, terá o prazer de nos tirar as duas para sempre.

– E vamos deixá-lo livre? – Esbravejou Ragnar, socando a mesa.

– Svenson – Ibelin chamou em tom de comando. O norueguês se voltou para o nobre – acalme-se e ouça nossos planos. – Sem remédio, ele concordou. – Deixaremos Patrus pensar que não sabemos de nada, – Balian explicou – Gilchrist o seguiu hoje no porto, e eu já enviei um grupo que revirá cada navio ancorado em Tiro em busca das duas. Enquanto isso, manteremos a casa de Leila vigiada. Mestre Yosef fará o inventário de toda a documentação de Sophia e Tiberius para tentar achar alguma pista que ligue Patrus à herança. Nesse meio tempo, mantenha a cabeça fria e as mãos longe do pescoço do egípcio. Entendeu?

Ragnar assentiu. Mas no íntimo tudo o que mais queria era apanhar seu machado e cortar o criado em dois.

Várias horas já haviam se passado quando, junto com Mark al-Bakkar, Ibelin passou a ouvir com bastante interesse o relato do *chevalier* Michael, que voltara com a patrulha.

– Infelizmente – lamentou – a única galera que não conseguimos vasculhar foi a Khepri, que partiu na vazante do meio-dia, senhor.

– E de onde ela era? – Perguntou Mark, já imaginando a resposta que ouviria.

– Trata-se de uma galera egípcia, uma nau de comércio. – Respondeu Michael.

– Descubra com o encarregado do porto para onde ela estava indo – falou Ibelin.

O jovem *chevalier* sorriu.

– Já fiz isso, *messire*. – Michael informou, orgulhoso – a galera partiu com destino a Al-Arish. O capitão era Aziz, muito conhecido por não ter escrúpulos com respeito ao que transporta. E o mais interessante foi que ele embarcou, hoje de madrugada, depois de ter fechado o lastro, mais dois grandes fardos. Um marinheiro que estava no cais me disse que pareciam dois tapetes grandes. Acho que poderiam facilmente ser duas mulheres camufladas.

– Você tem razão, Michael, – retrucou Mark – conseguiu saber mais alguma coisa?

– Sim. O encarregado passou uma lista de três chefes do deserto que negociam frequentemente com Aziz.

– E quem são? – Indagou Ibelin.

– Famarz, Mouhad e Aswad, – enumerou o rapaz – todos líderes beduínos.

Mark franziu o cenho ao ouvir o último nome e olhou significativamente para Balian

– Aswad... – Ibelin estreitou os olhos para Mark – esse nome lhe diz algo, Bakkar?

– O cliente mais provável, *messire*. – Mark sorriu, embora seus olhos permanecessem frios. – Ele tem bom gosto.

Michael olhou de um para outro e perguntou meio sem jeito.

– Cliente? Do que os senhores estão falando.

Mark passou a mão pelos cabelos e encarou o rapaz.

– De tráfico de escravas.

– Mas que inferno! – Ibelin bateu com o punho fechado na mesa descarregando sua frustração. Em seguida, recostou-se pesadamente na cadeira. – Diabos! E ainda por cima, Al-Arish é território de Saladino. Mande chamar Ragnar e os outros, Michael. Temos que elaborar uma estratégia.

Patrus caminhou pela casa vazia e admirou os detalhes daquele lugar que, em breve, seria seu. Passou os olhos pelas tapeçarias, correu os dedos magros pela superfície dos móveis trabalhados, suspirou de regozijo diante da prataria polida. Sim, ele conseguiria cada uma daquelas coisas. Como o servo mais fiel de Set seria recompensado com toda aquela riqueza e conforto. Desde que fora feito escravo no Egito, por causa de uma dívida, e de que fora vendido a Tiberius, ele acalentara aquele plano. Cultuando seu deus em segredo, aumentando seus poderes, ele vencera, passo a passo, a estrada que o levaria até

onde estava agora. A apenas alguns passos de uma imensa fortuna.

Teria que ser cuidadoso nesses dias. Esconder os olhos, onde brilhava sua excitação. Não poderia se trair. Teria que se manter no papel de servo humilde e zeloso. Até que chegasse a hora e o norueguês saísse no encalço da mulher. Até que pudesse revelar o “desejo” de Tiberius.

Patrus fechou a porta do quarto de Leila e caminhou pelo corredor, em direção aos aposentos da mulher ruiva. Entrou sorrateiramente e acercou-se da caixa onde ela guardava aquela pequena fortuna em joias e pedras. Abriu a caixa, espalhando o odor do sândalo pelo ambiente e fitou o rubi com desdém.

– Sekhmet... – regozijou-se – não poderá proteger sua filha agora. Set a derrotou.

Fechou a tampa da caixa e a colocou sob o braço. A mulher não precisaria mais dela.

Capítulo XXIV

“DESTAS REGIÕES DE DOR, MEDONHAS TREVAS
ONDE O REPOUSO E A PAZ MORAR NÃO PODEM,
ONDE A ESPERANÇA, QUE PRESIDE A TUDO,
NEM SEQUER SE DISCERNE”

“Paraíso Perdido”. Canto I, John Milton

A soma dos esforços de Ibelin e seus pares, e de Mark e Ragnar, apareceu imediatamente. No dia seguinte, o norueguês e o mestiço embarcaram num pequeno e veloz navio mercante. Viking, Baco e Lúcifer, mais uma pequena égua castanha, foram embarcados também, junto com provisões e uma experiente tripulação. Ragnar também providenciara uma arca com moedas de ouro, joias e mercadorias diversas que, segundo a orientação de Bakkar, poderiam fazer a diferença na hora de negociar a liberdade das duas mulheres.

– Além disso, – Mark explicou ao amigo, enquanto acomodavam a carga nos porões da embarcação – temos que nos lembrar de que estaremos em território de Saladino. Apesar de não haver como disfarçar suas origens, – disse isso medindo Ragnar de cima a baixo – podemos nos fazer passar por mercadores.

Ragnar franziu o cenho.

– Com essa minha cara? – Desdenhou. – Acho difícil, meu amigo.

– Nem tanto, – Mark abriu um baú e atirou algumas roupas sobre o norueguês – vista isso e deixe a barba crescer. Poderá se passar por um escravo liberto a meu serviço.

– Mas que Diabo! – Retrucou o outro, agarrando desajeitadamente as roupas. – Por que *eu* tenho que ser o escravo?

Mark bufou, impaciente.

– Porque um legítimo homem do deserto não é louro, branco e de olhos claros. E também não tem tantos palmos de altura. Convencido?

– Como se você fosse baixo... – o mestiço olhou feio para o amigo – está certo, vou me fantasiar e ser seu servo! Mas não se acostume. – Resmungou, começando se trocar ali mesmo, no convés.

Mark não pode deixar de sorrir das bravatas do amigo, mas logo voltou a ficar sério. Fitou longamente as águas mansas do porto, a especular um mundo de questões.

A viagem deveria durar no máximo dez dias. Dez longos dias de angústia e incerteza, sem saberem que fim havia levado as duas mulheres. Tudo o que poderiam fazer, eles tinham feito. Agora, só lhes restava esperar e olhar o azul do Mediterrâneo, rezando para que suas pistas estivessem corretas. E para que nenhuma tempestade ou mudança nos ventos atrapalhasse suas vidas.

Gilchrist havia ficado na casa de Leila e Ragnar, oficialmente com a desculpa de esperar notícias junto com Yosef. Entretanto, sua missão ali era vigiar Patrus que, sem sequer imaginar que sua trama fora revelada, continuava a agir como um fiel empregado. Chegara inclusive, para a total irritação do irlandês, a se mostrar preocupado com o desaparecimento de Leila.

– Bastardo, – rosnou Gilchrist, assim que fechou a porta atrás do egípcio – o maldito é tão dissimulado que me dá nojo!

– Acalme-se, *sire* – pediu Yosef – em breve colocaremos as mãos nele. Tenha paciência e continue fingindo que não sabe de nada. Ele dará um passo em falso a qualquer hora.

O irlandês suspirou e se jogou numa cadeira.

– Será difícil, mestre Yosef. Mas vou me esforçar.

– Faça isso, – reiterou o judeu – e reze para que o mestiço e Svenson encontrem as duas. Só assim estaremos livres para confrontar Patrus.

Al Arish, Egito, dez dias depois

Leila olhou para a amiga, que estava deitada sobre a palha do porão. Pálida, mais magra e enfraquecida, Radegund era apenas uma sombra da mulher destemida que conhecera em Jerusalém. Graças aos céus eles haviam atracado.

O eunuco, que vinha duas vezes ao dia lhes trazer as refeições e água fresca, as informara que, assim que o capitão acertasse o desembarque das outras mercadorias, cuidaria delas. Por isso, ela tentava desesperadamente tirar a amiga do estupor causado por aqueles dias todos no mar. Se havia uma chance das duas escaparem, esta seria a hora ideal.

– Vamos Raden, levante-se, – pediu com suavidade – precisa ficar de pé.

– Esqueça, Leila, – a outra gemeu – não tenho condições nem de erguer a cabeça da palha, que dirá ficar de pé.

– Por favor, querida... – implorou.

– Deixe-me – Radegund retrucou, sem sequer se mover.

Leila recuou, fitando desanimadamente a mulher jogada sobre a palha. Pelo Profeta! Radegund não podia simplesmente desistir de tudo. O que seria delas duas se ela simplesmente resolvesse se curvar ao destino que fora impiedosamente traçado para elas? O que seria dela, de seu filho? E, com todos os demônios, onde estava a guerreira que ela conhecia? Entre desesperada e irritada, Leila resolveu tentar fazer a ruiva reagir. Respirou fundo e endureceu a voz.

– Levante-se já daí Radegund!

Raden abriu um olho só e olhou para a pequena sarracena que estava de pé a sua frente, com as mãos na cintura.

– Esqueça. – Resmungou e fechou o olho. Agora que o enjoo parecia ter passado, nem morta ela se mexeria. Era melhor morrer ali, deitada, do que botando o próprio estômago para fora!

Leila perdeu a paciência. Sem nenhuma delicadeza, abaixou-se e puxou Radegund pelos ombros, colocando-a sentada. A ruiva empalideceu na mesma hora, cambaleando e rosnando um palavrão, que ela fingiu não entender. Ao invés disso, incitou-a.

– Você vai se levantar já daí! – Esbravejou. – E vai ficar de pé! Ou eu vou largá-la neste navio. E pouco me importo se você morrer de tanto enjoar! Para mim chega! Você parece uma fracote! – Concluiu, provocando-a. – A ruiva arregalou os olhos, despertando do estupor. Ora! Aquela baixinha era muito atrevida! Leila percebeu o brilho de irritação que começava a aparecer nos olhos da companheira, e prosseguiu em sua cantilena. – Eu sempre pensei que você era uma mulher de fibra, uma mulher corajosa! – Agarrou-a pelo cós da calça e puxou-a para cima, forçando Radegund a ficar de pé de encontro ao casco. – Pois você está parecendo uma mulherzinha empoada da corte! Uma donzelinha indefesa! Mexa-se! – Sacudiu-a e gritou, encarando-a. – Duvido que consiga ficar de pé sozinha! Um enjozinho qualquer e você já está aí, toda mole! Você é muito frouxa!

Dito isso, largou a amiga. Raden cambaleou e segurou numa das vigas. Em seguida, fulminou Leila com os olhos, revidando.

– Frouxa é a...

A ruiva não conseguiu terminar a frase, pois Leila se atirou sobre ela, abraçando-a efusivamente.

– Ah, eu sabia que um pouco de provocação daria certo! – Afastou-se um pouco e tomou as mãos de Raden nas suas. – Bem-vinda de volta, Radegund!

A guerreira suspirou, entre tonta, desanimada e agradecida.

– Leila, acho que vai acabar me enlouquecendo... – sorriu fracamente, ainda sentindo os efeitos do balanço da embarcação – mas obrigada por me ajudar. – Fez uma pausa antes de prosseguir. – Parece que paramos. – Apoiou-se na viga de sustentação e pediu – poderia me arranjar um pouco de água?

– Claro. Sente-se um pouco, – a sarracena a ajudou a se ajeitar sobre a palha – precisa recuperar suas forças. Pelo que entendi, mais tarde vão nos tirar daqui.

– Conseguiu descobrir qual será nosso destino? – Raden indagou, enquanto bebia a água e mastigava um biscoito duro que Leila havia lhe passado. Agora que o navio havia parado, conseguiria manter algo no estômago.

Leila sentou ao lado dela e contou o que sabia.

– O eunuco que está encarregado de cuidar de nós disse apenas que um tal

Aswad pagou por nós duas, e que seremos mandadas para ele. – Explicou – perguntei a ele onde estávamos, e com muito custo ele me falou que aportamos em Al-Arish.

– Diabos! Estamos no Egito! – Raden franziu o cenho. – Aswad... já ouvi esse nome, mas não me lembro aonde. O que mais descobriu?

– Praticamente só isso. – Suspirou desanimada, para depois perguntar. – E agora?

Radegund ficou calada por muito tempo, tentando fazer a mente sair do torpor daqueles dias em que fora apenas um fardo imprestável nas costas de Leila. Bela *chevalière* ela se saíra! Por fim, tornou a falar.

– Agora, vamos esperar até sairmos dessa banheira e aí, com meus pés em terra firme, poderei avaliar melhor as nossas chances. – Explicou – de qualquer forma, tentar algo agora seria estupidez. Além de fracas, não temos a exata ideia de nossa situação. Além do que, o Egito é território de Saladino. Acho melhor usarmos esse tempo para recuperar nossas forças e ficar de olhos e ouvidos bem atentos.

Leila ia retrucar, mas não houve mais tempo. O alçapão foi aberto e o eunuco apareceu trazendo dois pares de grilhões nas mãos.

– Vim buscar as duas, – olhou feio para a ruiva – e já vou avisando que é melhor que não tentem nada. Ou o capitão terá prazer em entregar só os pedaços de vocês à Aswad.

– Quem é Aswad? – Indagou Raden, sufocando a raiva enquanto seus punhos eram presos aos grilhões.

– Aswad é um chefe do deserto. Ele comprou vocês duas, – o eunuco terminou de acorrentar Leila e cutucou-as em direção à escadinha – para a diversão dele. Vamos, andem. Os homens de Aswad as esperam. Daqui até o acampamento da tribo será um dia de viagem. Eles querem partir imediatamente.

Sem remédio, elas simplesmente obedeceram.

Um dia inteiro se passou, lento e moroso. Radegund começava a preferir o balanço do navio, ao sacolejo interminável sobre os camelos. Cruzaram a imensidão de areias avermelhadas sem avistar viva alma até que finalmente enxergaram o que parecia ser seu destino.

Leila olhou desanimada ao redor de si, enquanto o condutor da pequena caravana batia com um bastão nas patas do camelo, fazendo-o se ajoelhar no chão. Colocou as mãos sobre o ventre ao sentir uma pontada discreta. *Também, chacoalhando daquele jeito...* resmungou mentalmente, afagando a barriga, *daqui a pouco descansaremos, meu bebê. Espero.*

O mesmo desânimo invadiu Radegund. O lugar não passava de um

agrupamento de tendas escuras, umas oito ou dez, em torno de uma maior e mais luxuosa, nas imediações de um pequeno oásis. Mulheres e crianças corriam para ver os recém-chegados, enquanto os beduínos descarregavam suas mercadorias.

A ruiva saltou de seu animal, afundando as botas na areia, e foi para o lado de Leila, enquanto os homens gritavam ordens num dialeto estranho.

– Pode entender o que eles dizem? – Perguntou à amiga.

– Muito pouco... – cochichou Leila, apurando os ouvidos – é uma mistura do que falamos com Deus sabe mais o quê.

Radegund deu mais uma olhada ao redor, enquanto a azáfama ao redor de ambas prosseguia.

– Onde diabos nós estamos?

Leila encarou a amiga e, quando respondeu, havia um toque de amarga ironia em sua voz.

– Sabe onde fica o nada? – Raden ergueu uma sobrancelha e ela continuou apontando as tendas com as mãos – creio que estamos bem no meio dele.

– Grande! – Resmungou a guerreira sacudindo as correntes no punho – tenho minhas mãos atadas e nenhuma arma; faz quase duas semanas que não sei o que é um banho ou roupas limpas, – enumerou suas desventuras – cheiro pior do que o camelo que me trouxe até aqui. Estou perdida no meio do nada e de gente que não fala nenhuma língua que eu conheça! Com os diabos, o que mais me falta acontecer?

– Aquilo.

Radegund olhou para a direção que Leila apontava, e não gostou do que viu. O homem alto e forte caminhava confiante na direção delas duas. Pele escura, tisonada pelo sol do deserto, cabeça coberta por um turbante branco. Seu rosto possuía malaras altos e nariz largo e reto. As faces estavam parcialmente cobertas pela barba escura e cerrada. Trazia nas mãos um chicote de montaria e seus passos eram determinados. As pessoas ao seu redor inclinavam a cabeça à sua passagem. Os olhos dele estavam cravados nas recém-chegadas de forma explicitamente avaliativa, percorrendo seus corpos de cima a baixo, da mesma forma que contemplariam um cavalo num leilão.

– Diabos! Posso apostar minha espada como esse sujeito é o tal Aswad, – Raden murmurou, avaliando-o – ele poderia ser mais baixo, mais magro... ou um sujeito gordo e doente. Maldita seja nossa má sorte!

– Tenho que concordar com você – retrucou Leila, compartilhando o desânimo de Radegund – e eu que pensei que fôssemos encarar um velhote – achegou-se a amiga, sem deixar de observar as reações do homem – não sei se ele gostou de nós, – olhou a ruiva nos olhos – e eu me pergunto; isso será bom, ou ruim?

Aswad estreitou os olhos esverdeados e encarou as duas mulheres sujas e desgrenhadas diante de si. Enxergou, com sua habitual sagacidade, o que existia sob a capa de poeira, sob as roupas estragadas e sob a falta de um banho decente. Uma leoa e uma gatinha. Duas joias.

Gritou num dialeto estranho a ambas, e logo uma velha encarquilhada se apresentou reverente diante dele. Deu-lhe uma série de ordens. A mulher então olhou para as duas com o nariz torcido e exclamou na língua dos sarracenos, com um gesto para que a seguisse.

– *Yalla! Yalla!*

Leila deu a mão a Radegund e as duas, sem forças para discutir, foram atrás da mulher. Ambas sentiram o olhar daquele que era chamado Aswad queimar em suas costas.

Havia se passado apenas um par de horas. Mas fora o suficiente para que Aswad soubesse que comprara gato por lebre. Sentado sobre uma almofada em sua confortável tenda, o chefe do deserto esbravejava em sua língua.

– Grávida? – Indagou – tem absoluta certeza, Bennu?

A velha riu expondo os poucos dentes escurecidos.

– Sim, amo. Sabe que tenho experiência. E nenhuma das duas é virgem. – A velha torceu a boca e falou com nítido desagrado. – Precisei drogá-las para poder examiná-las. Derrubaram os guardas, atacaram as outras mulheres... a de cabelos vermelhos quebrou o braço de Khalima e a pequena distribuiu dentadas, pontapés e unhas em quem se atreveu a tocá-la. Coloquei uma poção na água que elas beberam para fazê-las dormir.

Aswad coçou o queixo, pensativo

– A duas... – resmungou – informaram-me de que a mulher de cabelos vermelhos era mesmo perigosa, uma fera indomada. Mas a pequena se revelar uma tigresa, foi de admirar! Pensei que fosse dócil, uma gatinha de harém. Pelo menos foi o que me disseram. E você vem me contar que ela lutou contra você! E ainda por cima, que está grávida! – Ele bateu com o chicote de montaria contra o couro da bota. – Fui ludibriado, Bennu.

– E o que fará, senhor?

Ele deu de ombros.

– Ficarei com as duas, – resolveu – já paguei por elas. A pequena me agrada mais, tem curvas macias, corpo delicado. Mas traz o filho de outro homem. Não me deitarei com ela ainda, Bennu. Por ora, vou me divertir com a leoa. Ela não faz muito o meu tipo; muito alta, tem músculos no lugar de carne, – sorriu – mas creio que será um prazer domar essa criatura selvagem.

Bennu riu com gosto do prazer antecipado que viu no rosto de Aswad. E riu

mais ainda ao pensar que a tal mulher em questão talvez desse muito mais trabalho do que seu amo pensava que teria.

Al-Arish

Para a total irritação de Ragnar, que já se encontrava impaciente como uma fera enjaulada, os ventos desfavoráveis atrasaram a viagem, obrigando a embarcação a navegar um pouco mais afastada da costa para que não acabasse encalhada, ou esfaqueada contra as rochas. Foi com alívio que ele e Bakkar desembarcaram em Al-Arish, um dia depois do esperado.

– Lembre-se de que aqui é território de Saladino, – avisou-o Mark, recolhendo os alforjes do chão e descendo pela prancha – mantenha-se atento e deixe que eu converse com quem precisarmos conversar.

Ragnar saltou para terra firme e indagou.

– Acha que os cavalos são suficientes para nos levar e à carga?

– Não, – Mark sinalizou a um carregador onde deveria deixar um dos fardos que trouxera, e depois continuou a falar – compraremos uns dois camelos para levar as provisões e a bagagem extra. – Começou a caminhar e foi seguido por Svenson – gostaria de levar menos peso, para irmos mais rápido. Mas Aswad... – Ragnar estacou e Mark o imitou – o que foi Sven?

– Como tem tanta certeza de que foi esse tal Aswad quem levou as duas?

Mark deu de ombros, desconversando.

– Tudo aponta para ele.

Ragnar franziu o cenho. Conhecia o mestiço há muito tempo para saber quando ele estava fugindo de um assunto. Insistiu.

– Fala como se já o conhecesse...

Os dois permaneceram se encarando, enquanto os minutos escoavam e a vida passava ao redor de ambos, sem que se dessem conta. Mark ficou em silêncio durante tanto tempo que Ragnar achou que ele apenas lhe daria as costas e iria embora, sem responder. Então, repentinamente, ele falou. Sua voz soando mais grave do que o habitual.

– Eu o conheço. – Confessou – fomos amigos... talvez... servimos juntos na tropa de elite de Saladino, há anos atrás.

Ragnar não conseguiu conter a estupefação.

– Você... você é um *mamluk*?

– Fui – Mark corrigiu o amigo – e Aswad também era.

– Mas como ...?

Ragnar ia perguntar como ele hoje servia aos cristãos, se era bem sabido que os *mamluks* de Saladino eram como escravos, vivendo numa estranha relação servil para com o sultão. Ao mesmo tempo, gozavam de regalias, riqueza

e influência, apesar de não terem liberdade para se desligarem do serviço. Mark, no entanto, apressou-se em esclarecê-lo.

– Depois de salvarmos o sultão de uma tentativa de assassinato, eu e Aswad ganhamos nossa liberdade como recompensa e seguimos nossas vidas. – Lançou um sorriso irônico ao norueguês. – Satisfeito?

– Impressionado.

– Então esqueça que um dia eu lhe contei isso e concentre-se. Temos que resgatar sua mulher e aquela ruiva encenqueira.

Eficientes, em menos de uma hora os dois já cruzavam o deserto em direção ao acampamento dos beduínos. Intimamente, Ragnar rezava para que Leila e seu filho estivessem bem. Se a perdesse... nem queria pensar nisso! Só a possibilidade fazia seu coração sangrar de tanto desespero. Suspirou de saudade. Tudo o que mais queria naquele momento era abraçar sua mulher e beijá-la até se cansar. *Logo meu amor, logo estarei com você em meus braços. Nem que para isso eu tenha que matar este tal Aswad com minhas próprias mãos*

Norte do Egito

Leila e Radegund acordaram no dia seguinte, em meio a uma profusão de sedas e almofadas macias, na penumbra acinzentada de uma tenda. O lugar, para a surpresa de ambas – que esperavam se ver numa cela – cheirava a incenso e madeiras perfumadas. Ainda zonzas e perplexas, constataram que haviam sido dopadas e que, durante o período de inconsciência, haviam sido banhadas e suas roupas substituídas.

– Mas o que diabo é isso? – Raden puxou o fino tecido das calças largas que usava.

Leila, apesar da situação em que se encontravam, não conteve o riso diante da expressão da amiga.

– Uma *shalwar*.

– Mas que diabo, eu sei *o que é!* Mas porque *isso* está em *mim*? – Ela a apontou. – E em você também!

Leila suspirou e olhou para as roupas que usavam. As finas sapatilhas, o tecido delicado, sem falar na riqueza da tenda. O tal Aswad devia ser um homem abastado para vesti-las tão bem assim.

– Acho nos vestiram assim, – murmurou – porque em breve nos encontraremos com nosso... dono.

A ruiva encarou a amiga, carrancuda.

– Ninguém é meu dono, Leila.

Leila lhe deu um olhar cansado. Parecia tão desanimada!

– Temos que nos conformar, minha amiga.

– Conformer?! – A guerreira se ergueu e se aproximou dela. – O que houve com você? Onde está a mulher corajosa que me sustentou a viagem inteira naquele maldito navio? Pare com isso já! Mais cedo, ou mais tarde, nós vamos sair daqui, – afirmou – acredite em mim.

A morena balançou a cabeça.

– Não tenho tanta certeza, Raden. Ninguém sabe que estamos aqui, não há como nos encontrarem. – Suspirou pesarosa. – Estou com medo, e estou cansada. Sinto-me no limite de minhas forças. – Voltou os olhos para Radegund. – Pense bem. Quase fui violentada, matei um homem. Depois fomos drogadas, sequestradas, arrastadas de Tiro até esse fim de mundo e provavelmente drogadas de novo. – Suspirou outra vez. – Estou com saudade de meu marido, e também com medo pelo meu bebê.

A guerreira se preocupou.

– O que há com o bebê, Leila?

– Desde que viemos nos camelos, venho sentindo cólicas. E agora, quando acordei, minha barriga estava doendo muito. – Leila apertou as mãos de Raden nas suas. – Não quero perder meu filho!

Radegund a abraçou.

– Acalme-se, menina, não vai perdê-lo. Pode ser efeito da droga que usaram para nos dopar. – Afastou-se um pouco e encarou-a, procurando lhe passar uma segurança que estava longe de sentir. – Descanse que eu fico de olho.

Obediente, Leila recostou-se sobre os joelhos da ruiva. Mas a dor em seu ventre ainda a incomodava. Num gesto de proteção, pôs a mão sobre a barriga, pedindo ao seu filho que aguentasse mais um pouco. Talvez ainda existisse uma mínima chance de alguém as encontrar. Mas bem no fundo, sabia que já havia perdido totalmente as esperanças.

O sol já espalhava o clarão vermelho do entardecer sobre as areias, quando Aswad entrou na tenda em que as duas cativas estavam. Sua presença dominou o ambiente sem que precisasse dizer uma palavra sequer. O tecido a entrada da tenda foi baixado às suas costas. Calado, sorriu lentamente e as ficou observando por algum tempo. Depois, aproximou-se das duas e ordenou num francês carregado.

– Levantem-se.

Leila obedeceu, não querendo irritar o homem. Ergueu-se devagar, apoiando a mão no ventre dolorido.

– Você também, – Aswad apontou para ruiva – devem se levantar quando estiverem na minha presença. Agora pertencem a mim.

– Esqueça, cão, – rosnou – não tenho dono. Pertença a mim mesma.

Aswad franziu o cenho e puxou-a pelo braço de supetão, fazendo-a se erguer.

– Pertence a mim! E quanto antes se convencer disto, melhor será para você, mulher. Eu paguei por vocês. – Ele olhou de uma para a outra. – Já arrumaram confusão demais por aqui e não fizeram jus ao que gastei. Ainda por cima fui enganado, comprando uma mulher grávida de outro homem, – soltou Raden e olhou para Leila, que se encolheu junto à amiga – justo a que eu preferia...

Radegund abraçou Leila, numa atitude protetora.

– Deixe-a em paz, bastardo! Não vê que ela não está bem?

– Você é muito atrevida – Aswad avançou sobre as duas.

Rápida, a ruiva colocou Leila às suas costas.

– Não pense que me intimida falando grosso, – desafiou-o – já dei conta de homens bem maiores do que você.

Para a grande surpresa de Radegund, o homem gargalhou.

– Ah, mulher! Você vai me divertir muito mais do que eu esperava! – Parou de rir e a encarou com seriedade. – Eu a quero em minha tenda esta noite. Irá jantar comigo.

– Quando o inferno congelar...

Aswad endureceu mais ainda a fisionomia exótica e deu um passo à frente. Segurou-a com força pelos ombros, irritado.

– Entenda de uma vez por todas, mulher. Eu mando aqui. A vida e a morte de todos sob estas tendas, inclusive as de vocês, me pertencem. – Estreitou os olhos e prosseguiu. – Caso não me obedeça, sua amiga ficará sem comer, assim como você. Fui claro? – Ele a soltou bruscamente, fazendo-a cambalear. Deu-lhe as costas. Da entrada da tenda, falou por sobre o ombro. – Quero você em minha tenda antes que a lua apareça no céu. Um dos guardas virá buscá-la. – Caminhou para a saída e parou com a mão sobre o tecido que fechava a tenda – lembre-se. O bem-estar de sua amiga depende de sua... – passou os olhos demoradamente sobre o corpo da ruiva antes de completar – ...cooperação.

Raden suspirou desolada. Mais essa agora! Que inferno. Voltou-se para Leila, que estava sentada em um canto, os joelhos dobrados com os braços em torno deles, a face pálida e contorcida.

– O que foi Leila? – Aproximou-se dela – Está passando bem?

A jovem ergueu os olhos marejados.

– Ah, Raden! Por favor, não vá até a tenda dele! Não deixe que esse homem me use como desculpa para abusar de você...

Ela abraçou a amiga.

– Não se preocupe comigo, Leila. Tem que cuidar de seu bebê. Deixe que

eu darei um jeito neste cretino. Está sentindo dores? – Ela fez que sim com a cabeça – fique quietinha aqui então. Vou ver se convenço o homem a lhe arrumar alguma coisa para fazer passar essa dor.

Radegund a ajudou a se deitar e se cobrir com uma manta. Em seguida, encaminhou-se para a saída da tenda.

– Aonde vai? – Leila indagou, apoiando-se num dos cotovelos.

– Falar com o maldito bastardo. Ele me quer, ele vai ter, – Leila quase pôde ver os olhos da guerreira brilhando na penumbra da tenda – mas não do jeito que pensa.

Raden deixou sua tenda para trás e seguiu a passos largos na direção da tenda maior, no centro do acampamento. Ignorou os dois guardas que se apressaram em segui-la, e procurou se concentrar no que teria que fazer.

Era óbvio que não iria parar na cama do bastardo de livre e espontânea vontade. Só de pensar naquele homem tocando seu corpo sentia calafrios. No entanto, suspeitava que Leila não suportaria aquela situação por muito tempo. Pensara num plano louco, quase suicida, mas era melhor do que nada.

Pelo bem de Leila e do filho de Ragnar, iria jantar com aquele infeliz. Sua amiga seria bem tratada em troca disso. E depois, ela daria um jeito de enfiar uma adaga no coração do chefe do deserto, antes que ele a transformasse na sobremesa.

Antes que percebesse, já havia chegado à tenda daquele a quem chamavam de Aswad. Um criado afastou o tecido da abertura para que ela entrasse, e cerrou-o logo após sua passagem. O cheiro de incenso e tabaco, misturado ao de couro, madeira e especiarias, revolveu seu ainda frágil estômago. Radegund respirou devagar, acalmando a náusea. Seu olhar cruzou-se então com o de Aswad.

O homem moreno a estudou com apreciação. Raden engoliu em seco. Aswad não era um homem fraco e indolente. Sua constituição física era a de alguém habituado ao manejo da espada, às cavalgadas e ao trabalho duro. Mesmo sendo experiente em combate, sabia que ainda estava muito debilitada pelos enjoos que sofrera. E faminta. Não seria fácil enfrentá-lo.

– Parece que resolveu aceitar minha proposta... – ele quebrou o silêncio usando seu francês cheio de sotaque – e deve estar ansiosa, já que veio mais cedo.

Ela ergueu o queixo e não respondeu. Não consumiria suas forças respondendo às provocações.

Aswad se aproximou lentamente, sem parar de encará-la. Chegou bem perto e ergueu uma das mãos. Radegund se manteve firme, à espera de algum tipo de agressão, mas ele apenas tocou seu pescoço, onde uma artéria pulsava

rapidamente. Olhou-a dentro dos olhos.

- Se pudesse abria minha garganta, não é, ruiva?
- Certamente. – Foi a resposta lacônica.
- Vou me lembrar de não deixar nenhuma faca ao seu alcance.
- É um homem inteligente, Aswad.
- Amo. – Corrigiu-a.
- Aswad.

Finalmente ele deixou transparecer alguma irritação.

- Ainda não entendeu sua posição aqui, mulher? – Rosnou.

Radegund rebateu a mesma altura.

– Entendo que eu e Leila fomos drogadas, sequestradas e vendidas. Ah! – Ironizou – e em nenhum momento fomos consultadas a respeito.

Ele a encarou, o rosto severo.

– Não minta para mim, isso não a ajudará. – Avisou-a. – O homem que as enviou me disse que eram prisioneiras; traidoras feitas escravas em Jerusalém.

Raden ergueu uma sobrancelha diante da nova informação. Quem teria sido o bastardo?

- Ele mentiu.

– Não importa, – Aswad deu mais um passo em sua direção – estará em minha cama esta noite e terei o prazer pelo qual paguei.

– Vai ter que lutar comigo. – Ela afirmou, impassível, como se dissesse que iria chover naquela noite.

Ele balançou a cabeça numa negativa cínica.

- Você agora me pertence, fará o que eu quero.

– Nunca.

Aswad chegou ainda mais perto e rodeou-a, olhando-a apreciativamente. Num bote preciso como o de uma serpente, agarrou-a pelos cabelos, fechando as mãos calejadas nos fios sedosos, voltando-a para si. Chegou tão perto que ela pode sentir o odor do fumo que ele usava no *nargillè* em sua respiração.

– Você é orgulhosa, mulher, – falou bem perto de seu rosto – será um gosto domá-la, como eu faço com meus cavalos.

- Eu não sou um cavalo. – Radegund sibilou.

– Tem razão, – ele percorreu a linha suave de seu pescoço com um dedo, mas não largou seus cabelos. Trouxe-a para mais perto, colando-a a seu corpo. Falou junto ao seu ouvido, de maneira ameaçadora – você é selvagem, mais parecida com uma leoa. Mas até elas, apesar de serem mortais, se submetem aos chefes do bando. – Fitou-a de maneira interrogativa. – Diga-me, como uma mulher como você não tem um homem a quem pertença? Não compreendo...

Como em resposta a essa pergunta, uma comoção à frente da tenda trouxe

para dentro do ambiente Mark al-Bakkar, vestido como um homem do deserto. Junto com ele, vieram suas estranhas palavras.

– Engano seu, meu caro Aswad. Esta mulher me pertence.

Capítulo XXV

”A COBIÇA É A SEDE DE TODA MALDADE”

Estobeu

Radegund, tão perplexa quanto Aswad, fitava a entrada da tenda, de onde um sisudo Bakkar encarava ora um, ora outro. *Mark, seu convencido, você não resiste mesmo a uma entrada triunfal. Que Deus me ajude, mas o que diabos você pretende com essa história?!*

Aswad recuperou-se parcialmente da surpresa.

– Você?! – Ele soltou os cabelos de sua cativa e olhou para Mark. – Mark al-Bakkar... ou devia chamá-lo Mahkim?

– O destino quis que nos encontrássemos de novo, Aswad. – Mark deu um passo à frente e cumprimentou o chefe do deserto diante do olhar atônito da amiga. – *Salam aleikum.*

– *Aleikum as salam.* – Aswad o encarou com um sorriso e apertou sua mão. – O que o trouxe ao meu acampamento?

– Minha mulher, – ele apontou Radegund, ao lado de Aswad, com indiferença, sem deixar de reparar em como as roupas de seda haviam lhe caído bem – essa daí.

Aswad estreitou os olhos.

– Eu a comprei. Ela e a outra, a que está grávida. Vai dizer que é sua também?

O mestiço sorriu com estudado desdém.

– De um amigo. Foram roubadas de nós.

Aswad cruzou os braços diante do tórax largo.

– Então deveriam ter tomado conta delas.

– Eu sei. – Mark fez um gesto de enfado. – Nós erramos. Devíamos tê-las trancado em casa, mas sabe como são essas criaturas... – ergueu as mãos para cima, como se pedisse paciência aos céus. – Posso compensá-lo pelo transtorno que sofreu?

– Dez cavalos.

– Muito, – Mark deu de ombros – fique com ela.

Mas que filho da... Raden estreitou os olhos, comprimindo os lábios. Mark olhou para ela, sério, antes que a guerreira verbalizasse o que lhe passava na cabeça.

– Hum. Que tal oito cavalos, Mahkim? – Sugeriu o beduíno – elas me deram muito trabalho mesmo, e a morena está grávida. Já não vale tanto.

– Cinco cavalos, Aswad.

– É muito pouco, homem! – Ele esbravejou. – Já disse que elas me deram trabalho, não são dóceis! Só criaram confusão desde que chegaram aqui. Até

quebraram o braço de uma das minhas servas. – Argumentou – quero seis cavalos para compensar os estragos.

O mestiço olhou para a ruiva; não esperava mesmo que fosse diferente. Estava admirado por ainda encontrar Aswad com a cabeça em cima do pescoço! Raden encarou-o debochada e exibiu seu sorriso mais doce. Mark achou melhor se apressar; fez seu lance final.

– Como você mesmo disse, Aswad, elas dão muito trabalho. E como sou seu camarada, farei um favor em livrá-lo delas. Pago cinco bons cavalos pelas duas.

– *Ach-hal?* Bah! Está bem, homem! Você é um osso duro de roer! – Exclamou Aswad, sabendo que na verdade havia feito um excelente negócio, recebendo quase o dobro do que pagara pelas duas mulheres. – Vai levá-las agora?

– Se puder nos dar sua hospitalidade até amanhã de manhã, – pediu Mark – eu posso lhe contar as novidades de Tiro.

O beduíno se alegrou. Era difícil conseguir notícias recentes por aquelas bandas.

– Muito bem! Mas creio que vai querer sua mulher para essa noite, – empurrou Radegund em cima de Mark, que a advertiu com um olhar para que permanecesse em silêncio – ia me dar muito trabalho mesmo para domá-la. – Desdenhou, apesar de decepcionado com o desfecho da história. – Prefiro uma mulher mais delicada e mais cheia de curvas.

Dito isso, chamou um de seus homens e mandou que providenciasse uma tenda para os recém-chegados.

Mark sorriu e despediu-se de Aswad, prometendo voltar para a ceia. Foi empurrando uma estranhamente calada Radegund para fora da tenda. O que não era um bom sinal. Certamente, assim que estivesse a sós com a ruiva, ela, no mínimo, iria arrancar seus olhos. Não precisou esperar muito para comprovar sua teoria. Enquanto atravessavam o acampamento, puxando-a pelo braço, ela já grunhia.

– Eu vou acabar com você, Mark al-Bakkar! – Radegund sacudia o braço, tentando em vão se soltar. – Juro que apagarei esse sorriso sem-vergonha de sua cara!

Mark ignorou seus protestos. Empurrou-a para dentro do ambiente obscurecido da tenda, e para longe de olhos curiosos. Cerrou o pano, passou por ela e parou do lado oposto, sorrindo diante de sua indignação. Disse simplesmente.

– Também senti sua falta.

Os ombros da guerreira caíram. Mark abriu os braços, para onde ela correu

e se aninhou em silêncio durante alguns minutos, enquanto ele afagava seus cabelos. Eram raros os momentos em que Radegund demonstrava qualquer fragilidade. Sabia que ela preferia morrer a fazê-lo diante de quem quer que fosse. Por isso, ficou em silêncio.

Radegund se deixou abraçar. Apenas por um instante, disse a si mesma, enquanto reunia suas forças para matar Aswad. Apenas por um minuto, enquanto se sentia tão... indefesa.

Apesar de ter ficado aborrecida pela maneira como Mark falara delas a Aswad, e da forma como ele a arrastara até ali, era um alívio que ele tivesse conseguido sua liberdade e a de Leila. Deus, como estava cansada! Cansada e agradecida por terem sido encontradas. Aliás, como ele conseguira chegar até elas? Mais tranquila, ergueu o rosto e afastou-se um pouco dos braços dele.

– Leila não está bem, – avisou, sem rodeios – onde está Ragnar?

– Na orla do acampamento. Teoricamente, ele é meu servo. – Explicou. – O que tem Leila?

– Acho que é o bebê. – Cogitou – a viagem foi muito dura. Pode ir buscá-la?

– Fique aqui, vou conversar com Aswad e tentar trazer Leila para junto de você e de Sven. – Fez uma pausa enquanto estudava o rosto pálido da ruiva – desculpe pelo expediente que usei com ele. Aswad é um homem do deserto e essa era a única forma...

Raden silenciou-o com um gesto.

– Esqueça, – esboçou um sorriso – eu me aborreci na hora em que falou todas aquelas bobagens, mas compreendo o que teve que fazer. Eu só precisava...

– ...descarregar sua fúria. – Ele completou. – Raden sorriu e Mark acariciou sua face cansada. – Realmente senti sua falta, garota.

Ela tocou sua mão, afagando-a.

– Eu também, meu amigo.

Depois de mais rápido abraço, Mark desapareceu por trás do pano que fechava a tenda. A Radegund só restou sentar-se para esperar.

Leila ergueu os olhos ao notar a movimentação do lado de fora de sua tenda. Ouvira o som de cavalos e vozes indistintas vindas do exterior, mas não fora olhar. Estava tão desanimada, tão deprimida! Completamente exausta. Só queria ficar encolhida ali naquele canto, de olhos fechados, pensando em Ragnar. Em sua mente via seu rosto gentil, seus olhos claros e amorosos. Recordava-se de seus beijos e de suas carícias. Ficava se lembrando do cheiro e do calor dele quando, de manhã cedo, despertava em seus braços.

– Oh, Senhor! Será que nunca mais vou ver meu marido? – Ela murmurou para as paredes de pano da tenda – será que meu filho nascerá na servidão, sem um pai para amá-lo?

Lágrimas quentes escorreram de seus olhos e Leila não fez nada para secá-las. Nem para conter os soluços que sacudiam seu corpo. Se não fosse pelo filho que trazia consigo, uma parte de Ragnar que vivia dentro dela, ela certamente desejaria a morte. Ela afastou o pensamento sombrio. *Não! Tenho que viver, tenho que ser forte por nós dois!*

Uma brisa suave denunciou a abertura do tecido à porta da tenda, mas Leila não ergueu os olhos. Se fosse Radegund retornando, sequer teria coragem de encará-la depois da humilhação a que certamente fora obrigada a se submeter, deitando-se com aquele beduíno para salvá-las. Permaneceu com a visão fixa no tapete macio que forrava o chão, onde seus dedos dos pés afundavam. Foi apenas quando viu um par de pés muito grandes, calçados em sandálias de couro, pararem a sua frente, que ela se atreveu a levantar o rosto. Seu coração disparou no peito.

Ela o fez devagar, como se qualquer movimento brusco fosse causar o desvanecimento daquela imagem que, ela acreditava, só podia ser uma miragem, fruto de sua imaginação e de sua saudade. Subiu o olhar pelas pernas envoltas em calças claras e pela barra do *kaftan* que começava logo abaixo dos joelhos. Passou pela cintura marcada por uma faixa de couro, de onde pendia a bainha de uma adaga, e pelo tórax amplo, até chegar aos ombros largos e no pescoço rígido.

Quando seu olhar alcançou o rosto coberto por uma barba clara e os maravilhosos olhos acinzentados, duas mãos imensas e carinhosas a ergueram do chão e seu próprio nome ecoou em seus ouvidos, como o som de um trovão que atravessava a distância, desde muito longe, para agitar seu coração.

– Leila... – As lágrimas rolaram abundantes e salgadas em seu rosto e se misturaram às de seu marido, que a beijava com sofreguidão. – Ah, minha pequenina, *mitt liv!* – Ragnar a apertou nos braços e a beijou cheio de ternura e saudade – não sabe o desespero em que estou desde que desapareceu!

– Ragnar! – Ela envolveu o rosto dele com as mãos delicadas, tentando acreditar que ele era real. – Como...?

Ele a segurou com força, como se estivesse com medo dela ser arrancada de seus braços por uma força maior.

– É uma longa história, *liten*. Conseguimos a pista de vocês com o cúmplice de Vernon.

Leila estremeceu. Agarrou-se a ele com força ao se recordar da tentativa de estupro de que fora vítima. E também do que fora obrigada a fazer para salvar

sua amiga. Raden! A lembrança a assaltou.

– Onde está Radegund? – Perguntou aflita. – O que aquele homem fez com ela?

– Acalme-se. Bakkar está com a ruiva.

– Ele também está aqui? Mas como...?

Ragnar sentou-se com ela no colo e acariciou-lhe a face.

– Se prometer me deixar abraçá-la e não desgrudar de mim nos próximos mil anos, eu lhe conto tudo.

Leila agarrou-se a ele e aconchegou-se em seus braços.

– Prometo que não vou a lugar nenhum, meu amor.

Aswad ergueu o copo e saudou seu visitante, antes de sorver o chá de hortelãs. Mark sorriu e acompanhou seu anfitrião, tomando um gole da bebida, antes de continuar a recordar velhas histórias de tempos muito distantes, quando ambos eram ainda jovens *mamluks*. O chefe beduíno, porém, ainda estava muito curioso acerca da história do rapto das duas mulheres. Depois de devidamente esclarecido sobre a situação, Aswad se exasperou.

– Quer dizer então que elas não eram escravas em Tiro? Mas que diabo! – Bateu com a mão grande sobre a coxa – Aquele cretino me ofereceu as duas... disse-me até para ter cuidado com a ruiva, porque ela era meio selvagem!

– Meio? – Caçoou Mark.

Aswad prosseguiu.

– Bem que eu desconfiei que havia algo estranho. O velho Tiberius e a mulher dele não costumavam negociar escravos.

Mark inclinou-se para frente, interessado.

– Tiberius, o marido de Sophia? – O beduíno confirmou com um gesto de cabeça. – Quem negociou as duas com você?

– Ora, o mordomo de Sophia, Patrus. Eu costumava fazer negócios através dele por ser meu compatriota. Mas jamais imaginei que pudesse me enganar... – o beduíno ergueu os olhos – sinto pela sua mulher e pela de seu amigo. Eu realmente não sabia. Jamais concordaria em raptar mulheres, ainda mais sabendo que uma delas estava grávida. Quanto a sua, eu não cheguei a tocá-la – ele afirmou, referindo-se a Raden.

Mark riu com gosto.

– Você não conseguiria, Aswad. – Ele acabou de beber seu chá e encarou seu interlocutor. – Por acaso ouviu falar al-Ahmar? Ou no Demônio Vermelho?

Aswad arregalou os olhos, espantado, deduzindo o que não fora dito.

– Não... – ele apontou o dedo para a porta da tenda – está me dizendo que esta mulher... a que você diz ser sua, a que estaria na minha cama neste

momento? Ora! Está brincando comigo! Não está?

– Ela teria cortado sua garganta Aswad, nem que para isso tivesse que usar os dentes.

– Devia ter me dado dez cavalos então, mestiço. – Grunhiu o beduíno.

– Já fechamos nosso negócio.

– Sim, e eu perdi. – Aswad sorriu malicioso – Não quer me vender a ruiva de volta?

– Você não desiste nunca, Aswad! – Riu-se Mark. – Continua o mesmo velhaco de sempre! Ela não está à venda.

– Está bem então, – o outro suspirou, pesaroso – você sempre fica mesmo com as melhores mulheres... quando partem?

– Amanhã cedo.

Houve um instante de silêncio, antes que Aswad tornasse a falar, assumindo um tom mais grave.

– A pequena tigresa, a mulher de seu servo, não está bem.

– Sim, Radegund me contou. Mas temos que voltar imediatamente. O tal Patrus teceu uma trama diabólica para acabar com as duas, na tentativa tentar usurpar os bens de Leila. Tenho um homem de confiança em Tiro só esperando voltarmos com elas para colocarmos as mãos nele.

– Procure Famarz, em Al-Arish. É um velho conhecido meu, – indicou o beduíno – ele poderá enviar um de seus pombos-correios para Tiro. Assim, as notícias chegarão antes de vocês. Poderá então armar uma cilada para o malfeitor.

– Tem razão, Aswad. E, se não for abusar de sua hospitalidade, gostaria que providenciasse algumas ervas para levarmos na viagem. Temo pelo bebê de Leila.

Aswad ergueu a mão, dispensando qualquer agradecimento.

– Não é incômodo algum. Faça uma lista e pedirei a Bennu que separe o que precisarem. Quanto aos meus cavalos...

– Enviarei os cinco no próximo navio, – Mark estendeu a mão – de acordo?

– De acordo. Escolha-os como se fossem seus.

– Sem dúvida, – ele se levantou – foi bom rever você, Aswad.

– Creio que ainda nos cruzaremos por aí, Mahkim.

O pano da tenda permaneceu balançando por algum tempo após a passagem do mestiço. Aswad ficou olhando para aquele ponto onde o outro sumira. Tinha certeza de que ainda o veria novamente, depois que partissem. Estava escrito.

Maktub.

Bennu separou as ervas para a mulher grávida e olhou para o pacotinho de

couro em suas mãos encarquilhadas. Balançou a cabeça com tristeza e suspirou. Tinha pena da pequena e corajosa tigresa. Sentia, porém, que aquela criança estava em risco, uma sombra escura pairava sobre a jovem graciosa. A velha curandeira orou em silêncio aos deuses antigos e tentou barganhar com eles. *Ah, Set! Como és cruel e ganancioso.* Bennu suspirou e abriu os olhos. Não poderia fazer nada. Mas ao menos podia tentar avisá-los. Pegando a bolsa, caminhou em direção a tenda dos estrangeiros.

Mark tentou compreender o que a velha Bennu lhe dizia, mas há muito tempo não ouvia o dialeto daquela tribo. Com gestos ela o fez entender que devia sair da tenda e segui-la pelas areias até a parte externa do acampamento, além das tendas.

– A criança... – Bennu falou no árabe corriqueiro e apontou a tenda

– Leila? – Ele perguntou e ela assentiu – O que tem? – Ele fez um gesto sobre a barriga – O bebê?

A curandeira se agachou na areia e desenhou um símbolo com o dedo. Mark se abaixou e olhou atentamente o desenho. Balançou a cabeça.

– Não entendo...

A velha apontou de novo e gesticulou com as mãos, num movimento sinuoso, imitando uma serpente.

– Set – ela apontou novamente o desenho – Set!

Um rio gelado desceu pela espinha de Mark e sua boca secou. O desenho que Leandra fizera com sangue no chão! Sua mente lhe apresentou de forma nítida a imagem do sangue fresco riscando o assoalho de mármore polido do gabinete de Leila. Pode sentir de novo o cheiro acre inundando suas narinas e ouvir os lamentos sentidos de Jamal. O desenho! O mesmo que ele via ali, na areia do deserto. O mesmo que havia no pescoço de Patrus, na forma de um pingente dourado! O símbolo do deus egípcio. O deus da destruição, do mal...

– Set. – ele repetiu e Bennu sorriu seu sorriso desdentado, apontando a tenda onde ele estava hospedado.

– Sekhmet – ela cerrou o punho e desmanchou o desenho no chão – Sekhmet... – ela fez um gesto, passando o dedo pelo pescoço – ...Set. – Mark deu de ombros e ela o puxou, levantando-se e entregando a bolsa com as ervas. Em seguida, caminhou a sua frente até a tenda e entrou. Apontou a figura adormecida de Radegund. – Sekhmet.

Tiro

Patrus acordou suando frio. Em seu pesadelo, uma enorme leoa saltava sobre a cobra-capelo e a estraçalhava com suas garras afiadas. Em seguida, mais

três felinos se juntavam a ela, suas mandíbulas rasgando as serpentes que fugiam desesperadas de suas tocas. Set!

Viu a si mesmo virando e correndo para fugir, mas sendo barrado por um animal medonho, enorme, cheio de escamas azuladas. A besta esticou o longo pescoço e abriu as asas negras, agitando a cauda denteada. E um segundo antes de seu hálito consumi-lo em chamas, ele viu os olhos diferentes do dragão.

Um negro e outro verde.

Egito

– Espero que façam boa viagem. – Desejou Aswad, apertando a mão de Mark e voltando-se para Ragnar. – Ainda bem que não me meti com sua mulher. Não gostaria de ter que encará-lo, meu amigo.

Ragnar apertou a mão estendida e sorriu meio que a contragosto, pois não esquecia que aquele homem, por mais cordial e amigo de Bakkar que fosse, desejara sua esposa.

– Está certo. Obrigada pela hospedagem, chefe Aswad.

O beduíno assentiu e olhou para as duas mulheres. *Que pena. Teria sido divertido. Mas, o que está escrito, está escrito.* Ficou na orla do acampamento, observando os quatro desaparecerem, montados em seus cavalos, sob o amanhecer avermelhado do deserto.

Já fazia algumas horas que eles cruzavam as areias escaldantes, conduzindo os cavalos a passo, para não os cansar com o calor e com o peso da areia. A manhã ia pelo meio, mas o calor já era insuportável.

Leila enxugou o suor da testa e sorriu para o marido, montado em Viking, ao seu lado. Seu sorriso, no entanto, logo se desvaneceu. Ela agradeceu aos céus por ter colocado o véu, que escondia seu rosto e o protegia da areia trazida pelo vento. O tecido também ocultou sua careta de dor. Uma forte pontada atravessou seu ventre fazendo-a agarrar-se com força a sela da égua castanha. Olhou de novo para Ragnar, mas ele nada percebera. *Só mais um pouco filhinho. Não podemos parar agora no meio do deserto.*

O grupo seguiu viagem e perto do meio-dia, quando o sol já estava cozinhando a todos, alcançaram um dos pequenos oásis indicados no mapa que Aswad fizera da região, que nada mais era do que um poço cercado de algumas tamareiras, rochas e uma vegetação rala. Ragnar saltou de Viking e estendeu as mãos para Leila. E chocou-se ao retirá-la da sela.

– Bakkar! – Chamou, aflito.

Havia sangue nas dobras da túnica de sua esposa, e também na calça que ela vestira para viajar. Leila foi atingida por uma nova onda de dor. Sentiu os

joelhos se dobrarem. Imediatamente foi erguida nos braços do marido.

– Aqui, Sven! – Gritou Raden, estendendo um manto no chão sob uma tamareira. – Traga-a para a sombra!

Ele depositou seu precioso fardo sobre o manto, ao mesmo tempo em que Mark ajoelhava-se ao lado dela.

– O que sente, Leila?

Pálida ela apertou a mão de Ragnar.

– Dor... – a voz saiu estrangulada – oh, Deus! Como dói!

– Radegund acenda o fogo e ferva água. – Ordenou Mark à ruiva. Depois, voltou-se para o amigo, um tanto constrangido. – Sven, preciso examinar Leila... eu...

– Inferno, homem! Faça o que for necessário, mas salve a minha mulher!

Leila agarrou a mão de Mark, que soltava suas vestes.

– Salve meu filho, Mark...

Os olhos castanhos encararam os dela, repletos de tristeza e dor. Seu coração se oprimiu mais ainda dentro do peito. Ele sabia, pela quantidade de sangue nas roupas de Leila que seu filho já estava morto e agora seu organismo apenas o expelia. Mas não disse nada a ela. Não seria cruel aumentando seu sofrimento, que seria grande nas próximas horas. Apenas assentiu e continuou a despir as roupas para examiná-la. Procurou não se constranger, lembrou-se de quantas vezes ajudara as prostitutas que seguiam as tropas a terem seus filhos. Ou a suportarem seus abortos. Ali, porém, era alguém querido. Era Leila, a jovem alegre que cuidara dele em Jerusalém. A filha de Bharakat, velho amigo de seu avô, que vira ainda menina. Era a mulher de seu melhor amigo. E ele não a entregaria nas garras da morte.

A luta inglória de Mark levou quase todo o dia. Ele usou todos os seus conhecimentos para que Leila não sangrasse até se esvair, como acontecera com Leandra. Deus! Era isso que a velha Bennu queria lhe dizer na outra noite? Que o filho de Leila não vingaria?

Ao entardecer, Mark olhou desolado para Ragnar, que consolava uma desesperada Leila. Fitou as próprias roupas, e as mãos sujas de sangue. Depois, voltou-se para o amigo, que o encarou com os olhos claros marejados.

– Eu sinto muito, Sven.

Ragnar deu um longo suspiro entrecortado e murmurou, cheio de pesar, aninhando Leila, que chorava em silêncio.

– Fez o que foi possível, meu amigo. Obrigado.

Mark assentiu e se levantou, arrastando os pés pela areia como se fossem feitos de chumbo. Levava numa das mãos um pedaço de pano enrolado, onde envolvera os restos expulsos pelo corpo de Leila. Tão frágil, tão ínfimo.

Tudo. E nada.

Não ouviu quando Radegund o chamou. Apenas andou pela areia, enraivecido e revoltado pelo fracasso. Sabia matar tão bem. Mas jamais seria capaz de devolver uma vida. Sozinho, afastou-se do grupo e caminhou pelo deserto.

Depois que tudo acabou, e de Mark ter cuidado de enterrar os restos da esperança de Leila e Ragnar, o casal foi se deitar, abraçados um ao outro, mergulhados em desolação e angústia.

Raden, depois de organizar o pequeno acampamento, deixou-os a sós na tenda que improvisara. Caminhou até a beira do poço e lavou-se da sujeira e do suor. Em seguida, saiu da orla da vegetação e percorreu com o olhar as rochas ao redor. Logo enxergou Mark, sentado do alto das pedras, solitário em sua angústia. Antes que desse conta do que fazia, seus pés a levaram até ele.

Ao chegar mais perto, notou que seus olhos estavam inchados e congestionados. E que Mark evitava deliberadamente encará-la.

– Mark, – pousou a mão sem seu ombro e pediu com ternura – olhe para mim. – Ele ergueu a cabeça e em seus olhos castanhos, sob o brilho da lua, Radegund viu tanta desolação, que a única coisa que pode fazer foi se abaixar e abraçá-lo com força – você fez o que pode. Por favor, não se culpe, – passou a mão em seus cabelos, consolando-o – Leila já vinha se sentindo mal desde que aportamos em Al-Arish. Creio que o bebê não vingaria.

– Eu sei, garota. Ainda assim, dói demais. – A voz dele era pouco mais do que um sussurro. – Por ela, pela criança, e pela desolação de Ragnar. Lembra-se do quanto ele ficou feliz ao saber que ela estava grávida?

Radegund suspirou. Sentou-se junto dele, encostando a cabeça em seu ombro. Sua mão buscou a dele, que entrelaçou os dedos nos seus. Por muito tempo ficaram em silêncio. Então, Radegund falou.

– Eu sinto muito... – fez uma pausa, antes de completar – por tudo, hoje, e em toda sua vida.

Mark inspirou profundamente, incapaz de falar. Raden sentiu a dor imensa que ele carregava rasgar seu próprio peito. Mas respeitou seu silêncio. E ao invés de falar, aconchegou-se a ele, oferecendo o calor de seu corpo e o consolo de um beijo.

Mark se agarrou àquela oferta como quem sobe à tona e consegue respirar. Sua boca cobriu a dela e suas mãos puxaram o capuz do albornoz. Mergulhou os dedos nos seus cabelos. Inclinando-se sobre ela, deitou-a sobre as areias ainda mornas e olhou em seus olhos.

– Somos dois desesperados.

– Eu sei. Mas ao menos temos um ao outro. Isso basta.

– Sim, isso basta. Tem que bastar. – Ele completou e beijou-a com sofreguidão. Ergueu o olhar e sorriu, num esforço para espantar a tristeza e a frustração que o consumiam. – Você ficou bem nessas roupas que Aswad lhe arrumou...

Radegund baixou os olhos, tímida.

– Vai me deixar encabulada.

– Não, garota, – ele traçou o contorno de seu rosto com a ponta dos dedos – não se envergonhe de ser mulher, nem de sua beleza. Sei que você se escondeu aquele tempo todo, e ainda se esconde, – deu de ombros – deve ter seus motivos, e eu não vou perguntar quais são. Mas você é bonita. Essas roupas apenas revelaram o que você sempre trouxe escondido sob aquela cota de malha.

Ela sorriu e encostou a testa na dele.

– Você é mesmo um galanteador incorrigível, Mark.

– Não é um galanteio, Radegund – ele a observou, sério – não somos um casal de namorados apaixonados; somos um homem e uma mulher que se veem numa condição rara de igualdade. Eu a respeito, garota. E sei que me respeita também. Jamais tentaria ganhar uma noite de sexo ao seu lado com galanteios vazios, ou apelando para sua compaixão. Isso eu guardo para as mulheres fáceis das tavernas e para as cortesãs. – Ele a beijou com suavidade e completou. – Com você, sou absolutamente sincero. E quando lhe digo que é bonita, não estou mentindo.

– Obrigada pelo elogio. É bom poder me sentir feminina de vez em quando. Se soubesse o quanto foi difícil... – ela engoliu em seco, os olhos anuviados de tristeza.

Mark acariciou-lhe os cabelos.

– Esconda-as.

– O quê?

– As lembranças, – seus lábios colaram-se aos dela e ele murmurou junto a eles – esqueça-as comigo, e eu esquecerei as minhas com você.

Era tudo o que ele podia pedir naquela noite. A vida. E um esquecimento abençoado, ainda que momentâneo. Radegund aquiesceu silenciosamente, abrindo os lábios, deixando que sua língua penetrasse sua boca e a explorasse lentamente. Permitiu que ele a tocasse com um vagar triste, doloroso. Beijou as lágrimas salgadas que escorriam pelo rosto moreno e enroscou os dedos nos fios negros de sua cabeleira. Puxou-lhe a barra do *kaftan* e espalmou as mãos sobre a pele quente de seu tórax, sentindo ali dentro um coração que batia em sofrimento junto com o seu.

Mark a beijou novamente e afagou seu rosto com uma das mãos, enquanto a outra abria suas roupas, tocando a pele quente. Procurando sentir que alguém ali

ainda vivia. Talvez ela pudesse trazê-lo de volta. Talvez ela pudesse guiá-lo para a salvação.

Descobriu seus seios e os tocou com delicadeza, arrancando um gemido profundo, fazendo com que se agarrasse a ele. Raden colou a boca em sua pele, beijou-lhe o pescoço e o tórax. Ele a puxou novamente para si e afundou sua língua de encontro à dela, sorvendo seu calor. Devia bastar. *Tinha* que bastar.

Quando seus corpos se uniram, numa lentidão que beirava a tortura, ele começou finalmente a sentir a vida em torno de si. Havia a areia morna roçando em suas peles. Havia a brisa fria do deserto.

Tomou consciência do próprio ato de existir e permitiu que o farfalhar das tamareiras ao vento se interpusesse aos gemidos dos dois, aos sons dos beijos e do choque suave e ritmado de seus corpos úmidos de suor. Entregou-se à vida e rogou seu perdão por tantas mortes. Deixou que seu êxtase complementasse o dela e no final, beijou-a com gratidão.

– Radegund, pela segunda vez você me salvou a vida.

Tiro, 15 dias depois

Yosef se recostou em sua cadeira e leu novamente a mensagem que recebera fazia uma semana. Se tudo corresse bem, em um ou dois dias eles estariam de volta. Chegara a hora de plantar as sementes do plano que elaborara com Gilchrist.

Tocou a sineta e Patrus apareceu com sua atitude servil de sempre. Com naturalidade, Yosef entregou ao criado a lista de compras bem extensa que havia preparado.

– Quero que providencie tudo para hoje, meu bom Patrus. E antes de sair peça a Jamal que venha falar comigo.

– Sim, mestre Yosef.

Com um breve inclinar da cabeça, o criado saiu.

Assim que Patrus lhe deu as costas, Yosef recostou-se na cadeira e aguardou a chegada de Jamal. Se tudo desse certo, o criado ficaria um bom tempo fora de casa. Assim, ele poderia revistar os aposentos do egípcio minuciosamente, em busca de provas que o ligassem ao rapto das duas mulheres.

Yosef era prático e metódico. Convencera Gilchrist a fazer tudo pelas vias legais. Não podiam simplesmente enfiar uma espada no peito do criado, apesar de ser esse o seu desejo, inclusive. O velho contador fez o irlandês ver que, para Patrus, o castigo maior seria ir a julgamento e ser condenado, vendo sua trama cair por terra e sua máscara quebrar-se irremediavelmente.

Jamal entrou no aposento, interrompendo as considerações do judeu. Fechou a porta e aguardou suas ordens.

– Sente-se, Jamal. – o rapaz obedeceu e Yosef indagou em seguida – Patrus já foi?

– Sim, mestre. Acabou de sair.

– Ótimo. Podemos conversar em paz. – Juntou as pontas dos dedos e pediu calmamente. – Quero que me acompanhe aos aposentos dele.

– Como? – O criado franziu o cenho. – Por que, mestre Yosef?

– Jamal, o que vou lhe dizer tem que permanecer confidencial. Precisarás jurar que, independente do que escutar a partir de agora, irá se manter em silêncio até que eu o libere de seu juramento. Não deverá tomar nenhuma atitude precipitada nem poderá confrontar Patrus antes da hora certa. Fui claro?

– O que está havendo, mestre? – Indagou o outro, apreensivo.

– Você jura, Jamal?

– Está certo. Eu juro.

Yosef então lhe contou tudo o que sabia, baseado nas mensagens cifradas trazidas pelos pombos-correios, nas evidências levantadas por Gilchrist e por ele mesmo, e também na confissão de Gerald. Por último, falou sobre a suspeita de envolvimento do criado egípcio na morte da esposa de Jamal, Leandra.

– Bastardo! – Rugiu o criado, levantando-se irritado – vou matá-lo!

– Jamal! Lembre-se; você jurou!

– Mas, mestre Yosef...

– Dois dias, Jamal. Eu lhe peço dois dias. Ele não faz ideia de que elas foram encontradas. Com o plano que elaborei com o *chevalier* Gilchrist e o apoio do barão Ibelin, ele será facilmente ludibriado e cometerá o deslize final. Sei que é difícil, Jamal, – ele se levantou e pousou as mãos enrugadas nos ombros largos do rapaz – mas pela memória de Leandra e de seu filho, eu lhe imploro. Espere. A justiça será feita.

Jamal fixou em Yosef seus olhos negros e suspirou.

– Está bem mestre. Mas quero fazer parte desse esquema. – Exigiu – quero ajudar a condenar este maldito.

– Muito bem, então comecemos pelos aposentos de Patrus, antes que ele retorne.

Gilchrist apressou o passo. Vira quando Patrus havia passado em direção ao mercado, despachado numa tarefa corriqueira, conforme combinara com Yosef. Agora, corria para a casa de Leila e Ragnar, para ajudar a revistar as coisas do empregado e tentar descobrir as provas de seu ardil. Mal podia esperar para ver a cara do facínora quando Leila e Radegund chegassem em casa. Subiu as escadas de mármore polido e entrou sem bater. Yosef já o esperava no vestíbulo.

– Aprese-se, sire, – o velho puxou-o pelo braço – temos Jamal como nosso

aliado, ele já está revistando os aposentos do bandido.

– Excelente, Yosef! Tenho novidades também – avisou – o navio deles atracará amanhã pela manhã.

Yosef espantou-se.

– Já?

– Sim, um pombo correio chegou ao quartel hoje cedo – explicou – os ventos foram muito favoráveis e, pela manhã, nossos amigos estarão de volta. Ficarão no quartel do senescal até colocarmos em prática nossos planos.

Os dois chegaram à porta dos aposentos do criado e Jamal os recebeu.

– Entrem. Achei uma coisa bem interessante.

– O que foi? – Indagou Yosef, ao que o rapaz lhe entregou uma caixa de sândalo.

O velho administrador se espantou ao ver o objeto, mas logo recobrou a compostura. Passou os dedos sobre os símbolos entalhados na madeira enquanto ouvia Jamal comentar.

– Tenho certeza, mestre, de que esta caixa pertence à dama Radegund. Ele deve tê-la surrupiado quando as duas foram sequestradas.

– Na certa achou que Raden não fosse precisar mais dela, – resmungou Gilchrist – isso é mais uma prova contra Patrus. Ele tinha certeza de que ela não voltaria para buscar a caixa. O que tem aí dentro, Jamal?

Yosef continuava a examinar atentamente a caixa. Concluído o exame externo, levantou a tampa.

– Céus! – Exclamou o velho. – Sua amiga tem uma fortuna! Veja só, Gilchrist, o tamanho dessa pedra, a vermelha. Deve valer o resgate de um rei.

Mesmo que Yosef não houvesse chamado sua atenção para o imenso rubi, sua intuição já o havia feito. Sentiu uma comichão enorme nos punhos tatuados e sua mão foi atraída automaticamente para a pedra. Tocou-a com reverência e cuidado, e sua palma fechou-se em torno da dureza fria de lados cuidadosamente lapidados.

Então, ele viu.

Ragnar caído no chão, pálido. Mortalmente pálido. Leila gritando sobre ele, desesperada. Mark e Raden lutando contra um ninho de serpentes venenosas. E ele...

Ele estava parado, estático, diante do amigo caído com aquela pedra na mão. Parado, apenas parado.

Deus!

Gilchrist cambaleou e a voz de Yosef o despertou do transe.

– *Sire?*

Deus! O que significa isso?

O irlandês se apoiou na parede e enxugou o suor frio da testa. Em seguida tentou focalizar o rosto de seu interlocutor.

– O que... Yosef! – Ele sacudiu a cabeça tentando despertar. – Foi... uma coisa... uma coisa que vi. – Ele olhou a pedra em sua mão. – Permita que eu fique com isso, Yosef. Acho que é muito mais que uma joia. Preciso descobrir seu significado.

– Mas... o que houve, Gilchrist? Ficou branco como um lençol!

– Não foi nada, mestre. Não foi nada. – Olhando para Jamal ele perguntou.

– Achou mais alguma coisa?

– Nada significativo, *sire*. Apenas papéis, roupas e uma chave solta, que não segue o padrão das outras desta casa. É estranho, pois Patrus não tem outra casa, sempre morou aqui.

Gilchrist pegou a chave que lhe era estendida.

– Um esconderijo? – Olhou significativamente para Yosef. – Tem uma barra de sabão, mestre?

O velho sorriu.

– Talentos para gatuno, *sire*?

O *chevalier* deu de ombros.

– Aprende-se um pouco de cada coisa nessa vida, meu caro Yosef. Levarei o molde ao artífice e com a cópia pronta, descobriremos de onde é. Tenho o pressentimento de que seja qual for o lugar que essa chave abrirá, ele nos revelará grandes surpresas.

O sol do amanhecer tingiu as muralhas de Tiro de um belo tom alaranjado. Vistas do tombadilho, àquela distância, pareciam uma grande e sólida rocha vermelha, um paredão que se erguia imponente sobre o azul marinho do Mediterrâneo.

Leila apoiou as mãos na amurada e fechou os olhos, deixando o vento forte arrancar o véu de seus cabelos e embaraçar os fios sedosos. Inspirou profundamente o ar salgado e quando abriu as pálpebras, seus olhos cor de mel se assemelhavam aos de uma tigresa. O brilho deles não deixava dúvidas quanto às suas intenções.

Num curto espaço de tempo, fora arrancada de sua casa e dos braços de seu marido. Insultada, humilhada, exposta a toda série de perigos e dificuldades, até que seu corpo não aguentasse e seu filho não resistisse. Apesar de tudo, ela crescera e se fortalecera.

Suas unhas crispavam-se na madeira úmida. Leila ergueu o queixo

determinada, deixando que os raios de sol a aquecessem. Não era mais uma menina. Era uma mulher. E teria sido mãe. Agora, a única coisa que teria seria sua vingança.

Capítulo XXVI

“DEIXAI TODA ESPERANÇA, VÓS QUE ENTRAIS!”

“A Divina Comedia”. Inferno, canto III. Dante Allighieri

Patrus encaminhou-se a passos lépidos para o gabinete de trabalho de Leila, onde o velho Yosef organizava alguns livros. Sem desconfiar que sua trama diabólica havia sido desvendada, o criado levava consigo, confiante, o documento com o *desejo* de Tiberius, sobre o qual ele forçara o velho a colocar sua assinatura e seu sinete, já no leito de morte. E com o qual tencionava conseguir toda a fortuna de Leila.

Ansioso, resolvera apresentar aquele documento ao administrador antes mesmo de dar cabo do norueguês. Isto seria secundário. Talvez até, ele nunca mais voltasse, e ficasse vagando atrás da mulher para sempre. Talvez seu navio afundasse. Bateu na porta e se apresentou com o habitual servilismo, que vestia como uma máscara, dissimulando a cupidez e a maldade.

– Ah! – Yosef colocou seu melhor sorriso no rosto. – Entre meu bom Patrus! O que o traz aqui tão cedo?

– Mestre Yosef, – foi falando o egípcio, enquanto se acomodava na cadeira diante da mesa – sei que o momento é de muita tristeza com o desaparecimento de nossa jovem senhora. Eu realmente me sinto um pouco constrangido em vir lhe falar sobre este assunto, mas...

– Diga, Patrus, – Yosef inclinou-se para frente e apoiou os cotovelos na mesa, juntando as pontas dos dedos – não se constranja de forma alguma. Já trabalhamos juntos há tanto tempo, não é mesmo?

– Sim, mestre, é verdade – fez uma pequena pausa, antes de explicar – é que, há algum tempo atrás, antes do velho Tiberius falecer ele... ele expressou seu desejo de me deixar... amparado.

Yosef estreitou as pálpebras. Seus olhos adquiriram um brilho mais sagaz ainda.

– Prossiga, Patrus – a voz do velho judeu era macia.

O criado puxou um papel das dobras da roupa e o estendeu sobre a mesa.

– Esta é uma carta que o senhor Tiberius redigiu antes de morrer. Nela, ele expressou seu desejo de, no caso de não haver herdeiros legítimos para sua herança, seus bens passarem para a minha pessoa.

– Ah! – Yosef lutou contra o sorriso de triunfo que ameaçou se formar em seus lábios. Então era isso! A peça que faltava, o trunfo que Patrus escondera para apresentar no momento oportuno. – Posso ver, meu bom Patrus?

O pergaminho amarelado pelo tempo foi desdobrado e lido com muito vagar por Yosef, para desespero de Patrus, que começava a se inquietar com o silêncio prolongado do administrador. Quando o criado já estava quase

arrancando os cabelos de tanta ansiedade, Yosef ergueu o rosto impassível e comentou.

– Este documento é algo muito sério, Patrus. Por ele, a herança de Leila será automaticamente sua, pois, no caso de sua morte, não há mais herdeiros diretos de Tiberius e Sophia.

– Sim, mestre Yosef, – ele sorriu ao ver que o administrador sequer questionara a legalidade do documento ou se lembrara do marido de Leila – eu lamento pelo desaparecimento da dama. Creio até que devamos esperar mais um pouco, para o caso dela voltar...

Yosef teve ganas de esganá-lo. Dissimulado!

– Claro, Patrus. Folgo em ver sua preocupação. Você está a par do patrimônio que herdará, no caso da morte de Leila?

– Creio que tudo o que era da senhora Sophia, não? – Indagou o criado com os olhos brilhando de cobiça.

– Não.

Patrus engasgou.

– Não?!

Yosef permitiu-se sorrir com toda satisfação ao ver que o egípcio empalidecia.

– O patrimônio atual de Leila se resume a uma modesta vila nas imediações de Damasco e às economias que Bharakat investiu numa comendadoria templária.

Pela primeira vez, Patrus deixou cair sua máscara, e sua fisionomia se transformou num esgar de ódio e cupidez.

– Mas como?! – Ele se ergueu da cadeira. – Ela é riquíssima! Está querendo me roubar, judeu?

Yosef manteve a fisionomia calma e a voz serena.

– Claro que não, Patrus. – O administrador retirou um documento de uma pasta e mostrou ao criado o texto redigido numa caligrafia elaborada. – Sei que lê a língua dos francos. Sendo assim, poderá ver por si mesmo que, antes de se casar, todos os bens de Leila foram passados para Ragnar Svenson, seu atual marido. Portanto, mesmo com a morte ou desaparecimento de Leila, o norueguês é o dono do legado. E no caso da morte dele, a família Svenson, na Noruega, será a beneficiária – pausa – lamento, mas a herança de Sofia está totalmente fora de seu alcance.

Yosef deliciou-se, à cada palavra que dizia, com as expressões que passavam pela fisionomia do egípcio. Dor, raiva, revolta, frustração, irritação, incredulidade. Ódio.

– Impossível! – Patrus gritou numa voz esganiçada.

Yosef se recostou calmamente na cadeira e fitou o criado.

– Sinto pelo inconveniente e pela decepção, meu bom Patrus.

O outro o fitou com ódio e sibilou.

– Isso não vai ficar assim.

O administrador apenas assentiu, enquanto o egípcio lhe dava as costas e saía batendo a porta. Aguardou cinco minutos e tocou a sineta. A porta se abriu e Jamal entrou.

– Avise o *chevalier* Gilchrist de que fiz minha parte, – o criado assentiu em silêncio – e fique de olho em nossa presa.

Quartel do senescal, Tiro

– Você não irá Leila! – Esbravejou Ragnar diante da pequena criatura furiosa à sua frente. Sua voz ecoou para além das pesadas portas de madeira do alojamento.

– Nem pense em me impedir! – Ela o enfrentou – querendo você ou não, eu tenho o direito de encarar aquele bastardo!

– Não! Definitivamente não! – Ele cruzou os poderosos braços diante do peito – não irá à parte alguma, mulher! Ficaré com a esposa de Ibelin em sua casa até termos capturado o bandido.

Leila endireitou os ombros e pareceu crescer diante do marido.

– Não se atreva a tentar me impedir, Ragnar Svenson! – Apontou-lhe um dedo enquanto prosseguia – aquele louco me tirou meu bem mais precioso; ele me fez perder meu filho! Além disso, matou Leandra, entregou minha amiga para ser torturada nas mãos dos carrascos do Templo, e agora ainda tenta usurpar minha herança e meu lar! Ouça bem. Eu passarei por esta porta e por todas as outras que encontrar pelo meu caminho, – ameaçou-o – eu atravessarei o inferno, se preciso for, para acabar com aquele canalha!

Ragnar estava atônito. Nunca vira Leila daquela forma; nunca imaginara que aquela mulher pequenina e delicada pudesse se tornar uma fera ensandecida, obcecada pela vingança. Fez mais uma tentativa.

– Seja razoável, Leila! Ele pode tentar algo contra você, ele pode...

– Não me fale em ser razoável! Eu perdi meu filho! – Ela gritou descontrolada, ao que ele retrucou em voz mansa, carregada de tristeza.

– Nosso filho, *liten*...

Os ombros de Leila vergaram. Numa fração de segundos, estava nos braços do marido, soluçando convulsivamente.

– Me perdoe, Ragnar... Oh, Deus! Me perdoe...

– Tudo bem, meu amor. – Carinhoso, ele acariciou seus cabelos – sei que

está sendo muito duro para você. Mas tente me compreender. Eu só não quero que mais nada lhe aconteça.

Ela ergueu os olhos úmidos e o encarou.

– Então não me impeça de ir com vocês. Pois, se o fizer, assim que virarem as costas, eu irei atrás.

Ragnar balançou a cabeça e os cantos de sua boca se ergueram sutilmente.

– Creio que andou tempo demais com aquela ruiva...

– Sempre fui forte, meu marido, apenas não havia me dado conta disso. – Ela esboçou um breve sorriso, antes de indagar. – E então, quando partimos?

– Assim que Gilchrist chegar.

– Ótimo, terei tempo para me trocar.

Mark andava de um lado para o outro de uma das salas do quartel. Por mais que tentasse, não conseguia conter a inquietação. Radegund, por outro lado, parecia indiferente ao risco que pairava sobre suas cabeças, ocupada que estava em afiar sua espada. Alheia a tudo ao redor, a ruiva seguia naquela atividade como se estivesse em transe, completamente concentrada no vai e vem da pedra sobre o aço.

Será que ela não tem mais nada para fazer?, pensou Mark, exasperado. Como Raden podia ficar ali, amolando a espada enquanto a preocupação o consumia? O som irritante e ritmado da pedra sendo arrastada sobre a lâmina acabou por mexer com os nervos do mestiço.

– Mas que inferno, mulher! – Esbravejou. – Quer parar com esse barulho?

Ela o encarou, impassível, e ergueu uma das sobrancelhas. Deslizou mais uma vez a pedra sobre a lâmina, antes de indagar.

– Por que está desse jeito? Parece que tem um ouriço nas calças!

Mark jogou corpo maciço sobre a cadeira diante dela e a encarou.

– Não sei. Um pressentimento ruim, uma intuição... sei lá!

– Não há nada que possa dar errado, *sire*. – Tranquilizou-o. – Gilchrist já encontrou a toca daquela víbora. Assim que a noite cair, nós o surpreenderemos. Gil disse que Patrus ficou transtornado ao saber que Ragnar era o dono de tudo. Idiota! Mirou no alvo errado.

– Mesmo assim, garota. – Ele retrucou. – Achei Gilchrist muito estranho hoje, como se escondesse alguma coisa.

– Ora, Mark! O que Gil poderia esconder? – Ela desdenhou. *Tanta coisa, a começar por si mesmo*.

O amigo se ajoelhou à sua frente. Antes que recomeçasse sua tarefa, retirou a pedra de amolar e a espada de suas mãos, colocando-as no chão ao seu lado. Em seguida, enlaçou os dedos nos dela.

– Raden, sei que não teme nada, mas por hoje, só desta vez, ouça-me, – pediu – Patrus não é um vilão medíocre como Vernon. Ele é dissimulado, ambicioso e possui conhecimentos ocultos...

– Não tenho medo de fantasmas. – Interrompeu-o.

– Cale-se e ouça-me! – Ele a sacudiu pelos ombros. Como era teimosa! – Não se trata de temer fantasmas! Ele a transformou num alvo também, tanto quanto Leila. Não entendo o porquê. Ele a entregou ao Templo, garota! A mulher das ervas, a tal Bennu, tentou me avisar de algo em relação a você. Só que eu não compreendi o que. – Sua voz se abrandou. – Por favor, tome cuidado!

– Mark... – ela começou a argumentar, mas foi calada por um beijo demorado. Em seguida ele se afastou um pouco, encostou a testa na dela e resmungou.

– Por que tem sempre que dar a última palavra?

– Talvez para ganhar um beijo de um certo malandro – ela o fez erguer o rosto e olhou em seus olhos – prometo me cuidar, está bem.

– E isso é tudo que vou conseguir arrancar de você, não é mesmo?

Ela espetou um dedo em seu nariz e piscou um olho.

– Sim, meu camarada, e nada mais além disso.

Leila desceu as escadas do quartel do senescal ao lado de seu marido, a mão pequena enlaçada na dele, grande e forte. Vestira uma das calças de Raden, e trazia na cintura a adaga que Ragnar lhe dera. Em sua mente havia um objetivo claro. A maldade de Patrus não passaria daquela noite. Encontraram Raden, Mark e Gilchrist na frente do quartel, já com os cavalos prontos. A guerreira lhe entregou as rédeas de sua montaria.

– Fique atenta, Leila. Estarei ao seu lado, mas evite se expor. – Virou-se para Gilchrist, indagando. – O artífice fez a chave?

– Sim. – O irlandês balançou o objeto, expondo-o como a um troféu. – Mas vamos tomar muito cuidado. O lugar fica numa zona perigosa, perto da muralha sul. Yosef enviará Jamal para nos avisar caso Patrus deixe sua casa, Leila.

– Ele terá uma bela surpresa. – Comentou Mark, montando em Baco.

Ragnar ajudou Leila a montar e comentou.

– Mal posso esperar para torcer o pescoço daquele bastardo!

Radegund permaneceu calada. Taciturna, lançou um breve olhar para Gilchrist. Em seguida, saltou sobre Lúcifer e ajeitou a espada na bainha. Como de costume, vestia suas roupas pretas. Preso a um engaste de metal, pendurado numa corrente no pescoço, usava o rubi que Gilchrist insistira para que ela carregasse consigo.

– Vamos embora – chamou o irlandês, lacônico.

Em silêncio, os cinco atravessaram a cidade. Pararam numa rua próxima a uma casa antiga. Era uma construção simples e estreita, de três pavimentos, espremida entre outras duas casas. Suas paredes eram da cor de terra, e havia apenas uma janela e uma porta no andar térreo. Em cima, mais duas janelas e, no último andar uma espécie de terraço com um balcão, protegido por um toldo. Aparentemente estava vazia, pois tudo se encontrava trancado e às escuras.

Ragnar retirou Leila da sela e tomou-a nos braços, beijando-a com delicadeza.

– Lembre-se, *mitt liv*, – pediu à esposa – estaremos bem atrás de vocês. Não se exponha. Deixe que a ruiva tome a frente no caso de ele, quando aparecer, tomar alguma atitude impensada. Não gostaria que estivesse aqui, mas, já que está, procure ter juízo.

– Não se preocupe, meu amor, – ela tentou tranquilizá-lo – quero apenas olhar na cara do bastardo no momento em que o pegarmos.

Ele assentiu e virou-se para Raden, que se aproximava de ambos.

– Cuide dela, ruiva.

– Sempre cumprio meus juramentos, Sven.

Ele assentiu e logo observava as duas caminharem em direção à casa. Em seguida, ajudou os companheiros a esconder os cavalos e, junto com eles, contornou a construção. Planejavam entrar pelos fundos, enquanto Radegund usaria a chave da frente, que Gilchrist copiara. E ficariam lá dentro, esperando por Patrus.

A princípio ele não concordara com o plano elaborado pelas duas, mas, como ambas estavam determinadas a confrontar o egípcio, ele, Mark e Gilchrist não puderam fazer mais nada além de lhes dar apoio. Além da preocupação com a segurança de sua esposa, Ragnar estava intrigado com a atitude silenciosa e sombria de Gilchrist. Evidentemente que o irlandês não era o rei da expansividade, mas naquela noite ele estava calado demais, extremamente quieto, como se um peso muito grande estivesse sobre seus ombros.

Espantando aqueles pensamentos para longe, Ragnar procurou se concentrar. Estavam diante da porta dos fundos e Mark forçava a tranca com um punhal, enquanto Gilchrist espreitava a vizinhança. Ninguém devia vê-los, para que Patrus pudesse ser apanhado de surpresa.

Mark destrancou a porta e lançou um sorriso vitorioso para os dois. Com as mãos sobre os punhos das armas, entraram na casa. As duas também já deviam estar no interior da residência, Ragnar especulou. Agora, era só esperar. Deu um passo para dentro do ambiente escuro, seguindo Mark.

E foi então que o horror começou.

Patrus conseguira sair da casa de Leila sem ser visto. Notara que Jamal o olhava de modo estranho, e que o seguia como uma sombra, ainda que a distância. Alguma coisa lhe dizia que seus planos haviam sido descobertos. E agora que ele revelara o documento forjado para Yosef, poderiam realmente ligá-lo ao desaparecimento de Leila e da amiga. A suspeita se intensificara quando, passando pela porta do gabinete ouvira o fragmento de uma conversa entre o administrador e o empregado.

– Quero saber... – a voz de Yosef soava baixa, confidencial – ...avise se ele sair...

Soube naquele instante que desconfiavam dele. Teria que ser cuidadoso e arrumar tudo para o caso de precisar fugir. Assim, dera um jeito de dopar Jamal, e correria em direção a sua casa na periferia. Lá chegando, consultaria Set e saberia que rumo tomar. Não era possível que houvesse chegado tão longe para sair de mãos abanando!

Ele chegara a casa e entrara rapidamente. Não acendera nenhum archote, nem abrira nenhuma janela. Apenas caminhara pela sala comprida e subira as escadas para o segundo andar, onde a sala em que praticava seus rituais ficava permanentemente pronta. Apressado, acendera os incensos, fizera suas abluções e purificara-se. Pusera sua veste ritual e se ajoelhara diante da serpente, acendendo os dois braseiros ao lado do altar.

– Pai... – murmurou, após a longa concentração – como obterei o que desejo?

A serpente oscilou e ergueu parte do corpo, abrindo o capelo amarelado, encarando o homem com seus olhos vítreos, sibilando.

Patrus sentiu o poder o inundando e abriu a frente da túnica, expondo o medalhão de Set. Tomou a pequena faca curva de cima do altar de pedra, a mesma com que já degolara várias vítimas em honra ao seu deus. Fez um corte ao longo do peito ossudo, na altura do coração e recolheu as gotas de seu próprio sangue com um pequeno cálice. Em seguida, levou-o às presas do réptil e deixou que ali gotejasse seu veneno. O cálice foi depositado sobre a pedra. Patrus se inclinou para frente, até sua cabeça tocar o chão. E ouviu a porta do andar de baixo se abrir.

Radegund jamais iria se esquecer daquele cheiro. Doce. Agressivo. Podre. Sua mão se fechou sobre o punho da espada. Os cabelos de sua nuca se arrepiaram.

– Leila – sussurrou na escuridão.

– Aqui, – a jovem sarracena tentou ajustar os olhos a falta de luz – parece que há alguma claridade lá em cima.

Raden tentou segurá-la, quando ela deu um passo à frente.

– Não...

Um ponto de luz surgiu no alto da escada, cegando-a momentaneamente. Quando pode enxergar de novo, Leila já estava frente a frente com Patrus.

– Deus... – foi o gemido que escapou de sua garganta.

Ragnar sentiu o coração parar de bater no momento em que entrou naquele lugar. Imediatamente após Mark adiantar-se pela sala, uma forte luz ofuscou sua visão e, quando ele pôde enxergar de novo, Leila, sua Leila, estava a menos de um passo daquele maldito canalha.

– Leila! – Sua voz soou repleta de urgência.

Mark e Gilchrist postaram-se ao seu lado e no extremo oposto da sala, Raden sacou a espada. Patrus puxou Leila pelo pescoço e a encarou fixamente.

– Largue-a, desgraçado! – A ruiva gritou.

Ragnar apertou o punho da adaga, sentindo-se impotente.

– Vocês não vão ficar com tudo! – Grunhiu o egípcio, o olhar ensandecido pairando sobre eles. – Eu vou tirar de vocês o que mais prezam. A começar por ela! Vejam... – ele fez Leila se voltar de frente para os amigos e Ragnar estarrecer-se diante do que via.

Os olhos de Leila! Deus, aqueles olhos, que ele tanto adorava, estavam opacos, sem vida! O que o maldito fizera com sua esposa naquele ínfimo instante? Que força maligna havia por trás daquele homem?

Patrus puxou Leila consigo, e começou a subir as escadas, caminhando de costas. Ela o obedecia, sem oferecer resistência alguma, como se fosse uma boneca de pano, um ser desprovido de vontade.

Aflito, Ragnar subiu as escadas atrás do criado. Ao chegar ao pavimento superior, teve um choque maior ainda. Havia entrado numa espécie de templo particular. Uma sala comprida, iluminada por archotes, de paredes e piso nus. No lado oposto às escadas por onde subira, numa bancada de pedra em que um fogo azulado e fumarento ardia em dois braseiros, uma enorme serpente dançava, enrolando-se sobre si mesma, balançando o corpo escamoso num ritmo sinistro.

Entretanto, o que mais o horrorizou, foi o cheiro de podre, de sangue e de morte que permeava todo o lugar. Tudo ali cheirava, fedia e recendia ao mal. Ao mais puro mal. Seu choque, ou outra força demoníaca qualquer, o fez ficar com os pés pregados ao chão, enquanto Leila caminhava dócil como um cordeiro junto a Patrus.

O diabólico egípcio sorriu para ele com desdém, e puxou Leila mais para perto daquela espécie de altar onde ficava a serpente. Foi só quando Patrus ergueu uma lâmina afiada e encostou na garganta de sua esposa, que Ragnar

conseguiu se libertar daquele poder sinistro e avançar na direção dele.

– Não dê nem mais um passo, estrangeiro. – Patrus ordenou, a voz irritantemente calma – ou terei que rasgar o pescoço de sua mulher...

– Deixe-a, – rosnou Ragnar – já sabe que não há benefício algum para você com sua morte. Acabou, Patrus! Solte Leila!

O outro sorriu, a face encovada se retorcendo num esgar cruel.

– Ah, pode ser que eu tenha perdido a fortuna – fez um corte superficial na pele de Leila, que sequer piscou. E para o total asco de Ragnar, provou o sangue que escorrera sobre seu dedo magro. – Hum. Tão doce... – voltou a sorrir, diabólico – porém, ver o medo em seus olhos, e nos de seus amigos, é recompensa suficiente para mim. – Ragnar tentou avançar mais um pouco, mas Patrus encostou a lâmina sobre o peito de Leila e acrescentou, vibrando de maldade. – Quer ver o coração de sua mulher parar de bater? Quer que eu o arranque de dentro dela, diante de você?

– Não! – Gemeu Ragnar impotente. – Pelo amor de Deus, deixe-a. Por que faz isso? Deixe Leila em paz!

Leila continuava sem reação, embora desejasse desesperadamente se livrar das mãos asquerosas do egípcio, que a prendiam como garras. Ouvia tudo o que se passava a sua volta, via o desespero nos olhos de Ragnar, mas permanecia presa num limbo dentro de si mesma, onde o olhar hipnótico, ou talvez um estranho encantamento daquele maldito, a encerrara. Não conseguia mover os pés, nem levar a mão à adaga presa em seu cinto. Podia sentir a lâmina encostada em seu peito, e também o ardor causado pelo corte no pescoço. Mas não conseguia fazer nada para se livrar daquele espetáculo de horror. Impotente, observou o momento em que Mark, Gilchrist e Radegund apareceram no alto da escada, atrás de Ragnar, tão surpresos quanto o seu marido por se encontrarem naquela câmara de perversões.

– Svenson, – Gilchrist chamou em voz baixa, logo atrás de Ragnar – ele a dominou, tem que haver uma forma...

– Não, Gilchrist. Se dermos um passo sequer, esse louco irá matar Leila. – Retrucou o norueguês.

– Ah, – a voz odiosamente doce de Patrus interrompeu o breve diálogo – os seus amigos querem uma ocupação? Eu providenciarei – seguiu-se a essas palavras uma evocação numa língua obscura, que soou obscena e repugnante aos ouvidos deles.

Imediatamente, como se surgidas do nada, – pelas brechas da parede, detrás do altar de pedra, de todos os lugares possíveis e imagináveis – saíram serpentes. Dúzias delas. Como se fossem atraídas por aquele canto, por aquelas palavras. E

deslizavam sinistramente na direção deles.

– Inferno, – gritou Mark, sacando a cimitarra e a adaga – eu odeio cobras!

– Então mate-as, Bakkar! – Grunhiu Raden, decepando a cabeça do primeiro réptil a alcançá-la.

Gilchrist por sua vez permanecia parado, estático. Pouco depois que falara com Ragnar, percebera que havia outra força ali dentro, algo que, junto a eles, tentava combater o mal que habitava naquele lugar. Procurou isolar-se dos outros e ligar-se àquela força. Percebeu o exato instante em que ela atravessou seu corpo como um raio, fazendo-o estremecer da cabeça aos pés. Estranhamente, as serpentes desviaram-se dele.

Patrus, apesar de estar do outro lado da sala, também percebeu a estranha presença. E, pela primeira vez naquela noite, o medo da derrota o assaltou.

Eis o meu Dragão, infiel!

O pesadelo que tivera há algumas noites atrás voltou a sua mente. Mas ele já fora longe demais para agora se render.

Não, Sekhmet, não me vencerá!

– Pegue a adaga, criança – ordenou à Leila. – Se não posso ter o que quero, tirarei tudo o que você tem. E deixarei que viva infeliz pelo resto de seus dias. – Murmurou para que apenas ela ouvisse, torturando sua mente aprisionada. – Saiba que, se seu coração não estivesse tão tomado pela raiva, eu não teria conseguido dominá-la. Se não fosse seu ódio, eu não teria me ligado à sua mente. Obrigado por me odiar. Você me favoreceu.

Leila, com lágrimas escorrendo dos olhos, retirou a adaga da bainha e, para desespero de Ragnar, que lutava contra o mar de serpentes que os separava, não fez nenhum movimento para atacar Patrus, apenas lhe apresentou docilmente a lâmina brilhante.

O egípcio tomou um pequeno cálice que estava sobre a pedra e banhou a lâmina com seu conteúdo. Então, sussurrou no ouvido de Leila.

– Vá, mate-o.

Não! O espírito de Leila gritou de desespero, prisioneiro de seu corpo sem vontade. Seus pés caminharam por conta própria, pisando nas serpentes, parando diante de Ragnar. Ele se voltou no instante em que Leila parou diante dele, a adaga envenenada em punho, e os olhos cor de mel dominados pelo mal.

– Leila – a mão do cavaleiro apertou o punho da espada.

Com um movimento apenas, sem esforço algum, ele poderia ter feito sua espada atravessar seu corpo delicado. Com um gesto, Ragnar poderia tê-la impedido. Com um passo, poderia tê-la matado.

A adaga entrou em seu abdome. A dor se espalhou por todo seu corpo. O encanto que entorpeceria Leila caiu neste momento, e Ragnar ainda pode ver o

horror que encheu seus olhos diante da constatação de que ela o matara. O veneno começou a circular. Rápido, mortal. De seus lábios ainda escapou um murmúrio, antes que ele tombasse no chão.

– *Jeg elsker deg, livet mitt.*

– Não!

O grito angustiado atravessou o ambiente. Só então Mark e Radegund se deram conta do que havia acabado de acontecer.

Gilchrist, por sua vez, pode finalmente arrastar os pés pelo chão. Dentro de sua mente ouviu uma voz doce e melodiosa. *Deve terminar o que não acabou.*

Devagar, foi avançando por entre o tapete de serpentes e corpos de répteis decepados, indo na direção de Leila, que chorava sobre o corpo inerte de Ragnar.

Patrus, embriagado pelo prazer supremo de sua maldade, não fez caso do avanço de Gilchrist. Apenas contemplava seu feito, sua vingança. Set ficaria satisfeito por carregar consigo a alma daquele guerreiro, sem jamais deixá-lo atravessar o Styx. O norueguês ficaria preso no limbo para sempre, por toda a eternidade.

Patrus gargalhou, cego pela vitória, cruel e doentio.

Sua vingança era doce.

Ragnar caminhou pela neve e olhou para trás. Foi atingido por uma bola gelada bem no meio do peito. Olhou para o rapazola louro que gargalhava diante dele.

– *Björn, seu cretino! – Suas mãos, que já eram grandes para sua idade, fizeram um grande amontoado branco e gelado, mas, antes que pudesse completar seu intento, uma figurinha vaporosa, risonha e de tranças, pulou sobre ele, atirando-o de vez no chão – Ulla! Pestinha!*

Ela se levantou e correu para o bosque, gritando por sobre o ombro.

– *Venha me pegar!*

Ragnar se ergueu e notou que havia crescido, agora era um adulto. Olhou para trás e não viu mais o irmão.

– *Venha me pegar! – A voz de Ulla soou de dentro do bosque, mais distante.*

Seus pés se deslocaram na neve com a agilidade de sempre, o costume de uma vida. Correu atrás da irmã, sem se dar conta do frio, ou das botas que afundavam no solo irregular, fazendo de cada passo um desafio.

– *Ulla!*

– *Ragnar... – um murmúrio doce balançou as árvores*

– *Leila! – Ele se curvou para frente, as mãos sobre a barriga, a dor cortando seu corpo ao meio. Ergueu os olhos para o fundo do bosque, mas não*

viu as árvores, só uma luz cegante, como os primeiros raios de sol que entravam pelas frestas das cortinas de seu quarto no verão.

Ah, era tão quente a luz... tanto quanto o sol de uma terra distante que ele devia conhecer. Ele havia conhecido? A luz o aquecia como um sorriso que ele devia ter visto, como olhos amendoados e dourados como o mel que ele tinha certeza que havia amado. Teria ele vivido, ou aquilo era um sonho? Teria ele visto a guerra; a dor e a miséria humanas... teria ele sentido o caloroso aperto de mão de um amigo, ou carregado uma corajosa mulher ferida nos braços?

Ragnar deu mais um passo na direção da luz e do calor. A neve e o inverno, que sempre haviam sido convidativos, que sempre fizeram parte de sua vida, agora pareciam frios, lúgubres demais. Tudo o que ele queria era ir ao encontro daquele calor; seu corpo estava tão frio... não sentia mais as mãos, ou os pés. Até a ponta do nariz, tal qual acontecia depois de uma bebedeira, estava adormecida. Estaria embriagado? A voz da irmã soou atrás dele, com um toque de riso.

– Venha me pegar!

O que diabos Ulla fazia naquele frio? Virou-se para repreendê-la.

– Volte para dentro, Ulla! Nossa mãe já disse...

A frase morreu em sua garganta diante da beleza da mulher, vestida com uma armadura dourada, cujo elmo trazia a viseira aberta. Por baixo do elmo, desciam fios claríssimos, lisos e platinados. Os olhos intensamente azuis, como safiras, eram os de Ulla. Seria ela? Ou uma Valquíria? Estaria ele sendo arrebatado ao Valhalla?

A Valquíria falou.

– Venha me pegar, jovem Svenson!

– Ulla!

Ao lado da Valquíria apareceu então um guerreiro usando uma roupa estranha de um azul cintilante, meio furta-cor, como as escamas de um exótico lagarto. Os olhos dele eram bizarros, um de cada cor. De onde ele conhecia aquele rosto? Ragnar fez um esforço para se lembrar, mas não conseguiu.

– Volte para casa Ulla!

– Não, Ragnar. Volte você.

– Está frio, irmãzinha... – ele se voltou para a luz, dando as costas ao casal – ali parece quente.

Um brilho vermelho surgiu atrás dele, desenhando sua silhueta sobre a neve, à sua frente. Agora a neve, que fora branca, parecia rubra, tingida de sangue.

Ulla falou.

– Ainda não é hora, irmão.

Ragnar balançou a cabeça numa negativa. Estava cansado. Haveria sempre a guerra. A ameaça de ser um bastardo real. O medo de perder quem amava.

*– Volte, Ragnar Svenson – soou a voz do guerreiro de azul.
Ragnar abriu os braços para a luz.*

Ele a vira. Gilchrist esfregou o olho. Ela permanecia lá. Ao lado de Ragnar. Estava ali e não estava. Era translúcida, dourada e branca. Olhos de safira. O coração, Dragão...

– O que quer de mim? – Ele se ouviu indagar.

A mulher respondeu, imperiosa.

A pedra, o Coração do Dragão. Têm poder. Você e ele. Use-o.

Gilchrist forçou a mente embaralhada.

– O rubi?

Use-o. Ou ele desistirá. Não tenho como mantê-lo aqui para sempre, Dragão. – A mulher se afligiu – se ele atravessar, não haverá mais volta.

A verdade assaltou Gilchrist, ao mesmo tempo em que seus punhos arderam de tal forma que ele arrancou os braceletes que cobriam as velhas tatuagens. Podia jurar que os dragões azuis balançaram as caudas para ele, como um cão balançaria o rabo de alegria diante do dono. Olhou para Radegund que, junto com Mark, ceifava as serpentes que pareciam surgir do nada, cada vez em maior número.

– Radegund, me dê a pedra! – Ela relanceou os olhos para ele. Gilchrist estava louco? Ela tentando não ser picada por vinte espécies diferentes de cobras e ele preocupado com uma joia? – Dê-me a pedra! Agora!

Automaticamente, ela arrancou a corrente do pescoço, arrebatando o fecho e lançou na direção do irlandês. Gilchrist a agarrou no ar e, no instante em que seu punho se fechou sobre a pedra, ele sentiu o corpo todo se aquecer numa estranha febre. Era como ser consumido em chamas. Ficou ali, parado, estático, olhando para a aparição que lhe sorria. Olhando para Leila, que chorava desesperada sobre o corpo lívido, exangue, de Ragnar.

Leila gritou angustiada e sacudiu o corpo inerte do marido.

– Ragnar! Ragnar!

A adaga permanecia cravada no corpo de seu esposo. Cravada ali por suas mãos. Como aquele homem podia ser tão cruel, tão desumano ao ponto de gargalhar enquanto ela matava o seu amor? A fúria cresceu dentro de Leila. Cega, surda. Intensa e arrebatadora.

Com um rugido de ódio, arrancou a adaga do corpo do marido e virou-se

para Patrus, as lágrimas de dor, raiva e revolta escorrendo dos olhos injetados.

– Ele não irá sozinho, maldito!

A primeira estocada atingiu o egípcio no ombro. Ela puxou a adaga e ergueu-a de novo. Patrus gritou. Um grito esganiçado e histérico, de dor e surpresa. E correu para as escadas que davam no pavimento superior. Leila correu atrás dele.

– Leila! – Ela ainda ouviu o chamado de Mark, mas o ignorou – volte aqui, Leila!

– Vá atrás dela, Mark! – Pediu Raden, lutando ainda com algumas serpentes.

Ela não precisou pedir duas vezes. Mark saltou com agilidade pelos corpos sinuosos que se agitavam no chão, aproveitando para esmagar uma ou duas serpentes sob as botas. E correu escada acima no encalço de uma ensandecida Leila, que urrava de ódio atrás de Patrus. Surpreso com aquela reação, o egípcio recuava em direção à sacada do terraço, que dava para os fundos da casa.

– Desgraçado! – Ela arfava e gritava. – Vou matá-lo, maldito!

Tomada pela fúria, ela desceu a adaga novamente, mas Patrus conseguiu se desviar. Leila continuou avançando, obrigando-o a recuar, até esbarrar na amurada. A adaga desceu novamente, numa velocidade vertiginosa, cravando-se no peito de Patrus.

O egípcio perdeu o equilíbrio e cambaleou, tombando por sobre a amurada. Com um grunhido de ódio, sua mão se fechou como uma garra na frente da túnica de Leila, puxando-a consigo para a queda iminente.

– Virá comigo, infeliz!

O corpo de Leila oscilou para frente. Atônita, estendeu os braços, tentando se amparar, mas o peso de Patrus era maior e a puxava para o vazio, metros abaixo. Suas botas escorregaram na pedra lisa do assoalho, e seu tronco se inclinou perigosamente sobre a amurada. Tentou em vão, com uma das mãos, soltar os dedos de Patrus, cravados como garras no tecido de sua roupa.

No instante em que a inércia falou mais alto, e ela começou a deslizar para o vazio, um brilho fugaz passou diante de seus olhos e a mão de Patrus foi decepada por uma lâmina afiada. Simultaneamente, viu os olhos do criado, queimando de ódio e surpresa, se distanciando na escuridão, e sentiu mãos fortes que a agarravam pela cintura. Virou-se como um autômato e caiu desacordada nos braços de Mark al-Bakkar.

Radegund olhou atônita para as serpentes que fugiam, de repente, como se atraídas por um estranho chamado, da mesma forma que haviam aparecido. Correu na direção de Gilchrist que, abaixado ao lado do corpo de Ragnar,

colocava a pedra sobre o ferimento feito por Leila.

– O que está fazendo, Gil?

– Não sei. Só sei que preciso tentar... – ele ergueu o rosto e a encarou, o olho negro carregado de uma força estranha que a fez arrepiar-se – preciso de você. Dê-me sua mão.

Radegund obedeceu, espantada demais para questionar. Ragnar estava morto, ou perto disso. Não via seu peito subir e descer com a respiração. Não via a artéria pulsar na base de seu pescoço. Mas obedecia Gilchrist e à estranha força de seu olhar.

Gilchrist olhou para frente, na direção dos pés de Ragnar. A mulher branca e dourada sorriu.

Agora é com você. Chame-o de volta. Confie. Eu o encontrarei.

Quando a mão da guerreira ruiva tocou a dele, um calor enorme pareceu passar entre elas. Raden sentiu algo fluir da palma de sua própria mão, como um rio incandescente e vivo. Antes de mergulhar num clarão branco, viu a pedra que Bharakat lhe dera, e que estava pousada sob o ferimento de Ragnar, se iluminar de forma estranha. Depois, não viu mais nada.

Tiro, um mês depois.

O navio se afastava velozmente do porto, impulsionado pelos ventos favoráveis, singrando o Mediterrâneo a caminho da distante Noruega. Raden sorriu e endereçou uma prece silenciosa à Bharakat. Sua filha seguia em segurança. Ela havia cumprido seu juramento.

Agora Leila era uma mulher. Uma brava e corajosa mulher que cuidaria de si mesma. Rezou para que um dia pudesse rever a amiga.

Olhou por sobre os ombros. Mark continuava onde ela o deixara, recostado nas pedras. Sorriu ao olhar ao redor e notar onde estavam. Na saída do túnel, exatamente no lugar onde se deitara com Mark pela primeira vez.

Curiosamente, e contra todas as expectativas de seus amigos, não havia se apaixonado por ele. Não que Mark não fosse um homem cativante, longe disso. Simplesmente não acontecera. A amizade que nascera entre eles era um laço muito superior a qualquer paixão.

Seus cabelos, desta vez soltos, brincaram em torno de seu rosto quando o vento os agitou. Não fez qualquer movimento para prendê-los. Apenas caminhou devagar pela areia, as botas afundando a cada passo. Parou diante do mestiço.

– Missão cumprida.

– Sim. – Ele fez longa uma pausa, antes de informar. – Gilchrist também partirá.

Ela sentiu uma pontada aguda de tristeza, e voltou o olhar para o mar.

– Eu sei, ele me disse... – engoliu em seco – ele ficou muito abalado com o que aconteceu.

Mark sondou seu rosto.

– Você sabe de algo que eu não sei.

– Sim – foi a resposta simples, mas que encerrava toda a lealdade dela para com o irlandês.

O mestiço suspirou e permaneceu em silêncio durante muito tempo. Depois convidou.

– Quer caminhar?

Andaram por muito tempo em silêncio, imersos em suas próprias reflexões. Comunicavam-se quase que por pensamento, revivendo tudo o que haviam passado desde o dia em que Radegund estendera sua mão para ele no campo de batalha, em Hattin. *Parece que faz uma vida*, pensou Mark, sentindo-se subitamente velho e cansado para seus trinta anos.

Estranhamente, ao entardecer, estavam de volta ao ponto de partida. Algumas estrelas começavam a brilhar contra o azul do céu de Tiro, e a cidade começava a se iluminar. A voz de Raden, quebrando aquele silêncio, ecoou seus pensamentos.

– Estou cansada, Mark.

Ele parou a sua frente e tirou uma mecha vermelha que o vento jogara sobre seus olhos. Já não estranhava que ela replicasse seus próprios pensamentos. Já não o assustava o elo sobrenatural que os unia.

– Todos nós estamos – ele se recostou nas pedras da muralha e observou as ondas, com os braços cruzados diante do peito. – Vou pedir a Ibelin que me dispense.

Radegund voltou-se, surpresa, o coração estranhamente apertado no peito.

– Vai embora?

Ele a fitou e os olhos castanhos, calorosos e perspicazes, devassaram sua alma, compreendendo a solidão que se equiparava a sua.

– Pensei em irmos... nós dois – fez uma pausa prolongada enquanto perscrutava seu rosto sério e calado – Raden, sei que nossa amizade é no mínimo estranha aos olhos dos outros... – Ela sorriu, divertida e ele a puxou para si, fazendo-a apoiar as costas contra seu peito. Passou os braços em torno dela, envolvendo a ambos com o manto e apoiou o queixo no alto de sua cabeça. – Gostaria que viesse comigo. Conheço alguns chefes do deserto. Poderíamos trabalhar nas caravanas, escoltando-as. Podemos viajar e conhecer outros lugares, outras pessoas. – Ele depositou um beijo suave em seus cabelos e prosseguiu – somos bons soldados, bons camaradas... – ele a fez virar para si dentro de seu abraço e completou com um sorriso maroto – ...e nos damos bem

na cama.

Raden exibiu um de seus raros e francos sorrisos. Apertou-lhe o nariz, fazendo graça.

– Você é incorrigível, Mark al-Bakkar! E também muito esperto! Me quer ao seu lado para proteger seu belo traseiro, ou para esquentar a sua cama?

Ele ergueu os olhos e fez de conta que pensava.

– Hum... os dois. Pode ser?

Radegund deu uma gostosa gargalhada e virou-se novamente de costas para ele, mantendo-se em seu abraço. Após um silêncio prolongado, respondeu grave.

– Sabe que não passará disso.

– O quê? – Ele perguntou já sabendo a que ela se referia.

– Amizade, conforto... não há espaço em meu coração para o amor, Mark.

– Tudo bem garota. Não tenho espaço para mais nada além disso também.

Nossa amizade é suficiente.

– Então está feito.

Ele a fez se voltar novamente e fitou-a com seriedade.

– Sim garota, está feito.

Um longo e caloroso beijo selou o acordo.

Epílogo

Svenhalla, Noruega. Novembro, 1188

Leila olhou para a imensidão branca lá fora e apertou o manto forrado de peles contra o corpo. Ainda estava fascinada por aquela terra gelada, cheia de contrastes, tão diferente do mundo do qual viera. Um farfalhar de tecidos atrás dela anunciou que alguém entrara na sala aquecida pela grande lareira de pedra.

– Minha filha, o navio está ancorado. Eles chegaram.

A voz doce de Marit Ingesdatter trouxe uma enorme alegria ao coração de Leila. Voltou-se com um sorriso para a mulher clara, de tranças grisalhas. A mãe adotiva de Ragnar, a dona de um coração grande e generoso que recebera a estrangeira como uma filha bem-amada. O sorriso de Leila iluminou seus olhos amendoados e Marit ergueu a mão, num gesto de compreensão.

– Vá querida! Mas cuidado para não escorregar no gelo!

– Obrigada, Marit! – Ela beijou o rosto suave e saiu correndo, abençoada pela indulgência da mulher mais velha.

Seus pés, calçados com botas de pele, voaram pela neve e em alguns minutos ela já estava no ancoradouro da propriedade da família Svenson. Esticou o pescoço para enxergar por sobre os homens que descarregavam o navio, tentando ver quem procurava. Seus olhos se fixaram numa silhueta alta e forte, a maior de todas, que ainda estava no tombadilho. Mas mesmo à distância, seus olhares se atraíram. Sem que ela percebesse, seus pés recomeçaram a corrida e quando alcançou a ponte de embarque do navio, foi erguida nos braços fortes de seu marido.

– *Mitt liv!*

– Ragnar!

Ele a beijou faminto, saudoso e apaixonado. Devorou sua boca numa ânsia desesperada, explorando-a com a língua, apertando o corpo delicado contra o seu, erguendo-a do chão. Céus! Passara quinze dias longe dela, cuidando dos negócios da família, mas parecia uma eternidade!

Leila se afastou um pouco para tomar fôlego e mergulhou os dedos nos adorados cabelos claros.

– Meu amor! Senti tanta saudade!

– Eu também, minha pequenina. Não vejo a hora de carregar você para nossa cama e fazermos amor até nos cansarmos. – Ele a beijou novamente e a ergueu nos braços. – E é exatamente isso que farei agora!

– Mas... O navio, a carga!

– Para o diabo com a carga! Björn que se vire no meio dos arenques. Tudo o que eu quero é recuperar esses quinze dias perdidos longe de você.

– Seu desejo é uma ordem, meu senhor. – Ela o beijou e passou os dedos pelo seu pescoço, sedutora. – Pobre do meu cunhado, ficará cheirando a peixe defumado por uma semana...

– Quando ele se casar, serei generoso. Por hora, estarei muito ocupado. Acha que devo avisar que ficaremos uma semana sem aparecer no salão? – Ele indagou enquanto caminhava para casa com ela nos braços.

– Quinze dias... – ela o corrigiu – você ficou quinze dias fora. Temos que igualar as contas.

Ragnar a encarou malicioso e enfiou a língua em sua orelha, provocando-lhe arrepios. Ainda bem que estava vestido com roupas pesadas senão, todas as pessoas por quem passavam teriam visto a evidência de seu desejo naquele momento.

– Leila, Leila... você se saiu melhor que a encomenda.

Ela não respondeu, apenas deslizou a palma da mão pelo pescoço dele e o beijou, enquanto entravam em casa. Pensou que não poderia haver lugar melhor para estar do que nos braços de seu marido.

Ali, estava no céu.

Fogo Vermelho

Normandia, 1178

O inverno, naquele ano, estava mais rigoroso. Ou talvez ela estivesse sentindo mais frio do que o de costume pelo fato de estar sozinha no mundo, expulsa de seu lar, vagando como um bichinho selvagem pelas florestas, evitando o contato com as pessoas.

O peito se apertou de novo, mais do que o estômago vazio. A lembrança da mãe sentada diante da lareira com um bordado no colo, do pai e de seu cão de caça deitado à frente do fogo, e do cheiro da carne que assava num espeto, assaltou-a com uma força tão grande que chegou a recuar um passo. Mais do que o medo de estar só, e de morrer de frio e de fome, havia a solidão. Era um preço alto demais, era um custo demasiado grande, um fardo por demais pesado para seus ombros de menina.

Sobrevivência. Era preciso sobreviver.

Apertou com força o volume metido nas dobras do vestido roto e fino demais para suportar o frio; a Bíblia de sua família. Enxergou, – sem sequer precisar vê-lo, ou tocá-lo de verdade – o pedaço de tecido azul, e a raposa que parecia sempre rir dela.

Sobrevivência e vingança. Uma alimentava a outra. As duas a mantinham viva.

– Um dia... – Murmurou.

Irritada consigo mesma, passou a mão pelo rosto sujo de terra, secando as lágrimas. Retomou a vigilância, espreitando de novo os fundos da taverna. A mulher entrara fazia pouco, mas não fechara de todo a porta, como deveria fazer num frio daqueles. Radegund sorriu.

Havia uma semana que ela e a taverneira estavam naquela espécie de jogo. Tudo começara quando ela fora vista roubando um filão de pão. A mulher gritara por ela, e a perseguiu pelo quintal. Apavorada, temendo ser apanhada e mandada para os lugares onde deixavam os órfãos – e que sabia serem antros de perversidade – ela simplesmente fugira de novo para a floresta. Ninguém a caçara. E ela acabara voltando aos fundos da taverna, em busca de comida e de roubar um agasalho. Suas poucas roupas já estavam em farrapos. Porém, não se atrevia sequer a procurar abrigo numa igreja. O mundo era muito arriscado para uma menina sozinha.

Por muito tempo ela ficou vigiando. Estática, as roupas encardidas mesclando-se ao marrom das árvores tingidas pelo inverno. O céu se tornou escuro, e o frio mais intenso. Pôs as mãos enroladas em luvas furadas diante da boca e soprou nelas o ar quente, numa patética tentativa de se aquecer. Imaginou

se haveria um fogo aceso na cozinha, e se haveria como ficar diante dele apenas pelo tempo suficiente para fazê-la parar de tiritar de frio.

Quando a lua crescente, uma fina fatia de luz apenas, despontou no céu, ela soube que era tempo de se mexer. Ignorou as dores nos membros, depois de tanta imobilidade, e atravessou o quintal. Pé ante pé, caminhou até a porta dos fundos da taverna. Àquela hora não havia mais movimento algum. Os fregueses, mesmo os mais tardios, já teriam se retirado e o casal de proprietários estaria dormindo.

Sua mão tocou a madeira áspera e empurrou a porta devagar. Meteu a cabeça, e logo em seguida o corpo, pela fresta estreita. Ajustou a visão ao ambiente escuro e aspirou o cheiro de carne cozida e cerveja. Sua boca se encheu d'água, e as lembranças de sua mãe e sua casa lhe trouxeram novamente lágrimas aos olhos. Respirou fundo e tentou não chorar mais uma vez. De nada lhe adiantaria. Lágrimas não encheriam sua barriga, nem lhe aqueceriam o corpo.

Estendeu a mão para o filão de pão deixado sobre a mesa, no mesmo instante em que uma lâmpada de óleo foi acesa.

– Boa noite, meu caro visitante!

A voz carregada do sotaque provinciano da mulher ribombou como um trovão dentro da cozinha. Assustada, Radegund deixou cair a trouxa que segurava. Seus olhos se arregalaram e encarou a mulher. Em sua cabeça só havia um objetivo. Fugir.

A taverneira logo notou sua intenção, bloqueando a porta com o próprio corpo. E para seu espanto, sorriu e apontou-lhe a cadeira.

– Vamos, criança. Sente-se e coma. Não lhe farei mal algum. –Radegund ergueu uma das sobrancelhas, desconfiada. A mulher espiou-a com mais atenção, estreitando os olhos escuros. – Ora essa. Mas... você é uma menina!

– Deixe-me sair, dona – pediu, lutando para manter a voz firme. Demonstrar medo era um erro, já havia aprendido – só quero um pedaço de seu pão. Juro que não vim roubar suas moedas.

– Nada disso – a mulher se adiantou, fazendo-a se sentir ainda mais acuada.

Era grisalha e opulenta. Mas não era uma figura ameaçadora, muito pelo contrário. Tinha um olhar simpático e parecia até mesmo que em seu rosto havia um meio sorriso. Ela, porém, vivendo segregada de contato humano na maior parte do tempo, habituara-se a desconfiança, fazendo dela sua natureza e seu meio de sobrevivência. Recuou, pronta para fugir, ao passo que a taverneira a surpreendia, dizendo com um sorriso gentil.

– Sente-se, por favor, menina. Lá fora está frio demais. Aqui tenho uma sopa quente e uma enxerga perto da lareira. Além disso – deliberadamente deu-lhe as costas, desafiando-a a fugir – há outros perigos que espreitam uma

mocinha pelo mundo afora. – Ela olhou de novo para o rostinho sujo de pó e os cabelos emaranhados presos numa trança malfeita. – Qual é o seu nome? O meu é Lina. Eu e meu marido Pierre somos os donos da taverna.

Radegund estreitou os olhos, observando a mulher. Havia qualquer coisa nela que inspirava confiança, mesmo que isso fosse contra todas as precauções dentro das quais se habituara a viver nos últimos tempos. E foi com surpresa até para si mesma que se apanhou revelando-lhe seu nome de batismo.

– Sou Radegund.

– E o que faz perdida pelo mundo, jovem Radegund? – A mulher chamada Lina lhe estendeu um prato de sopa e um pedaço de pão, que foram vorazmente atacados.

De boca cheia, Radegund respondeu.

– Minha família morreu.

A piedade transbordou dos olhos da mulher. Ela se sentou num banco, do outro lado da mesa e ficou observando-a comer, até que perguntou.

– Não tem onde ficar, nenhum lugar melhor do que a floresta para ir?

Radegund fez que não com a cabeça, enquanto engolia o máximo de comida que podia. A taverneira pensou por um tempo. Coçou a cabeça e depois a encarou.

– Sabe, estamos precisando de uma ajudante. – Explicou, dando a impressão de que o que oferecia era algo sem importância, uma barganha; como se fosse ela, Radegund, que estivesse lhe fazendo um favor, e não o contrário – Meus ossos doem no inverno e não dou conta de todo serviço. Ofereço casa, comida e um quarto aquecido no sótão.

– Por que? – Ela franziu o cenho, temerosa. Já vira muita coisa desde que perdera sua casa, tanta perversidade, tanta maldade! Sabia que ninguém fazia uma oferta daquelas sem querer nada em troca. E se a mulher a quisesse para vendê-la a homens que gostavam de usar meninas?

– Uma mão lava a outra, mocinha. – A mulher se apressou em dizer, imaginando para onde os pensamentos da garota enveredavam – você precisa de um lugar para dormir. Eu preciso de alguém para me ajudar. E então, o que me diz? Temos um acordo?

Radegund pensou por um bom tempo, enquanto devorava mais um prato de sopa. Não era oportunidade que se jogasse fora. E se, no fim das contas, as coisas não corressem conforme o prometido, ela fugiria. Decidida, ergueu os olhos do prato e respondeu.

– Feito.

Toda minha gratidão a você. Sem você, Radegund não existiria.

Drica Bitarello

Table of Contents

[Nota da Autora](#)

[Capítulo I](#)

[Fogo Vermelho](#)